UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
MESTRADO EM MULTIMEIOS - INSTITUTO DE ARTES

FUTEBOL EM CAMPINAS: A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO DÉRBI CAMPINEIRO NA SOCIEDADE E IMPRENSA DE CAMPINAS.

"O Espetáculo de Gala do Futebol Campineiro"
(Correio Popular, sábado, 6 de março de 1976).

Vitorio Luis Oliveira Zago.

Campinas - SP

2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE 3C
Nº CHAMADA T/UNICAMP
Z13f
V ____ EX ____
TOMBO BC/49347
PROC 16-837/02
C ____ D Y
PREÇO R$ 11,00
DATA 04/06/02
Nº CPD ____

CM0016B2B2-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

BIB ID 242733

Zago, Vitorio Luis Oliveira
Z13f Futebol em Campinas: a história e evolução do dérbi Campineiro, na sociedade e imprensa de Campinas / Vitorio Luis Oliveira Zago. -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Dissertação (mestrado) – Instituto de Artes.

1. Associação Atlética Ponte Preta - História. 2. Guarani Futebol Clube - História. 3. Futebol - Campinas (SP). 4 Imprensa - Campinas (SP) . 4. Imaginário. 5. Jornalismo esportivo - Campinas (SP). 6. Campinas SP - História. I.Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
MESTRADO EM MULTIMEIOS - INSTITUTO DE ARTES

FUTEBOL EM CAMPINAS: A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO DÉRBI CAMPINEIRO, NA SOCIEDADE E IMPRENSA DE CAMPINAS.

"O Espetáculo de Gala do Futebol Campineiro"
(Correio Popular, sábado, 6 de março de 1976).

Este exemplar é a redação final da dissertação defendida pelo Sr. **Vitório Luis Oliveira Zago** e aprovada pela Comissão Julgadora em **27/02/2002**

Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
-orientadora-

Dissertação apresentada ao Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre, sob orientação da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Vitorio Luis Oliveira Zago.

Campinas - SP

2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

000246621

AGRADECIMENTOS

Ao futebol. A todos que em algum momento nesses anos de estudo me ajudaram e me orientaram quanto ao trabalho de pesquisa e também quanto ao tema; aos arquivos do *Diário do Povo* e do *Correio Popular*; ao arquivo de *A Gazeta Esportiva*; ao amigo Fábio Máximo; a Paulo Amaral Lapa; a João Bosco Panattoni; ao meu professor (e pontepretano) José Roberto do Amaral Lapa; e aos que, mesmo ausentes, me inspiraram.

Em especial à minha orientadora Olga von Simson, por sua paciência e por sua sabedoria e dedicação em me orientar, não só em relação à pesquisa em si, mas também, e fundamentalmente, quanto à minha postura e disciplina como pesquisador, o que me fez crescer muito no processo.

E em especial também, à minha namorada Helga, pelo carinho e por estar sempre presente, e principalmente aos meus pais, José Vitório e Gilda, por serem responsáveis por todos os sucessos que obtive na vida e por serem a minha vida...

DEDICATÓRIA

Ao futebol. Aos meus pais, Zezo e Gil; a Helga; às minhas avós Anna e Elvira; ao meu avô José por ter jogado futebol comigo e dito para eu fugir da bola quando ela se aproximasse, para que eu não me machucasse; e ao meu avô Aldo, palmeirense roxo, pela paciência ao me fornecer, várias vezes, todas as escalações dos times de futebol para os meus times de botões e pela paixão por seu "verdão" ter me inspirado tanto...

SUMÁRIO:

I - Introdução: resumo e memorial 8

1. O futebol em minha vida 9
2. A pesquisa e a metodologia 11

II - Os vários olhares sobre o futebol 14

III - O espaço e o contexto: Campinas e a Modernidade 37

1. Uma cidade grande no interior de São Paulo 37
2. Origens 37
3. A fundação de Campinas 40
4. Campinas e a cana-de-açúcar 43
5. Campinas e o café: a "Princesa D'Oeste" de São Paulo 45
6. Campinas e o final do século XIX: chega a Modernidade 48
7. Terror e medo: febre amarela breca desenvolvimento campineiro 53
8. Campinas moderna: primeira metade do século XX 55
9. Campinas: segunda metade do século XX e a cidade hoje 64
10. A Associação Atlética Ponte Preta no espaço de Campinas 73
11. O Guarani Futebol Clube no espaço de Campinas 75

IV - O Futebol no Mundo, no Brasil e em Campinas: Uma Breve História 79

1. Futebol: origens 79
2. Homens da caverna jogando "futebol"? 80
3. "Futebol" na Antigüidade Oriental 80
4. "Futebol" na China antiga e no Japão antigo 81
5. "Futebol" na América antes dos europeus 82
6. "Futebol" entre gregos antigos e romanos 83
7. "Futebol" na Gália, o Soule ou Choule 84
8. "Futebol" na Itália medieval, o Calcio 85
9. "Futebol" de Derby 86
10. Derby ou Dérbi: sinônimo de embate e de clássico 87
11. Preparando o berço do futebol na Era Vitoriana 90
12. Enfim, nasce o futebol moderno, o nosso futebol (e também o rugby) 91
13. História do Futebol Moderno: o início até 1930 - Os primeiros passos para a organização do futebol mundial 95
14. Futebol na América 97
15. Futebol na África e na Ásia 98

16. 1930 - 1950: a primeira Copa é disputada e a tragédia do Maracanã 98
17. 1950 - 1970: o Brasil é o melhor do mundo! 100
18. 1970 - 2000: o futebol vira espetáculo e objeto valioso para os meios de comunicação 102
19. Futebol no Brasil: origens 104
20. Futebol em Campinas: origens 109
21. Campinas: a "Capital do Futebol" 126
22. Campinas e a Seleção Brasileira 129
23. Celeiro constante de craques 130
24. Futebol, esporte democrático e universal: o jogo, uma caricatura da vida 131
25. Futebol e a violência: metáfora da guerra 132

V - Os protagonistas do clássico e o Dérbi Campineiro 139

1. Associação Atlética Ponte Preta, a "Veterana Macaca de Campinas": origens e história 139
2. Ponte Preta centenária? 148
3. A resposta da Ponte Preta: "A Ponte é centenária!" 150
4. Guarani Futebol Clube, o "Bugre Campineiro": origens e história 151
5. Mascotes e o perfil das torcidas envolvidas 159

VI - O Dérbi Campineiro: tradição e rivalidade de quase um século 164

VII - A imprensa e o futebol: imprensa escrita e o Dérbi 175

1. A imprensa no Brasil: origens 175
2. Imprensa em Campinas: origens 178
3. A imprensa de Campinas no início do século XX 181
4. Imprensa em Campinas: anos 30 até hoje 183
5. O *Diário do Povo* e o *Correio Popular* - Campinas 185
6. A *A Folha de S. Paulo* - São Paulo 186
7. O *O Estado de S. Paulo* - São Paulo 187
8. O *Diário Popular / Diário de S. Paulo* - São Paulo 188
9. A *A Gazeta Esportiva* - São Paulo 188
10. O *Lance!* - São Paulo (e Rio de Janeiro) 189
11. Imprensa e dérbi: uma introdução 190
12. Imprensa e futebol em Campinas: primeiros contatos, 1900 a 1920 192
13. O futebol se populariza e amplia seu espaço na imprensa: 1920 a 1930 207
14. O profissionalismo: transformam-se o futebol e a imprensa: 1930 a 1947 212

15. O Dérbi entra definitivamente na "era profissional" e o futebol vive seu momento de romantismo: 1947 a 1969 248
16. Futebol vira espetáculo mercadológico, o Dérbi se transforma em clássico nacional e Campinas, em "Capital do Futebol": 1970 a 1990 248
17. O consagrado Dérbi: anos 90 e século XXI 255

VIII - Descrição do CD e da Página na internet sobre o Dérbi Campineiro 257

IX - Conclusões 260

1. O Dérbi e a imprensa 260
2. O estudo 270

X - Bibliografia e Outras Fontes 272

1. Bibliografia 272
2. Jornais, revistas e periódicos 288
3. Filmografia 289
4. Sites ou endereços na internet 290
5. Entidades 291
6. Coleções particulares 291

XI - Anexos: os Jogos e os Números 292

1. Dérbis... um por um... 292
2. Dérbis: fichas técnicas 297
3. Localização das arenas do Dérbi 356
4. Resumo dos Dérbis: estatísticas 357
5. Hinos oficiais de Ponte Preta e Guarani 358
6. Os presidentes de Ponte Preta e Guarani 359
7. Campeonato Campineiro 362
8. Campeonato Paulista e Campeonato Brasileiro 367
9. Os principais títulos de Ponte Preta e Guarani 372
10. Ponte Preta e Guarani: figurinhas 375
11. Os maiores esquadrões da história de Ponte Preta e Guarani 378

I - INTRODUÇÃO: RESUMO E MEMORIAL

Resumo

O objetivo da tese foi realizar um estudo do maior clássico de futebol da cidade de Campinas, o encontro entre os times da Associação Atlética Ponte Preta e do Guarani Futebol Clube, chamado de "Dérbi Campineiro", realizado desde 1912, e relacioná-lo com a imprensa escrita e a história da cidade. No estudo, num primeiro momento, localizou-se o Dérbi em seu contexto e espaço específicos ao longo do tempo, e depois, procurou-se entender como se deu a interação da imprensa local com o futebol ao longo da história. Assim pôde-se perceber e identificar cinco períodos que mostram diferentes formas dessa interação entre a imprensa e o Dérbi e que ilustram a história e evolução desse tradicional e consagrado embate futebolístico. O estudo permite perceber a importante, inerente e fundamental relação de simbiose entre veículos de comunicação do jornalismo esportivo, no caso a imprensa escrita de Campinas (especificamente o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, principais objetos de pesquisa) e o futebol e seu universo peculiar, que exercem grande influência na sociedade campineira e no imaginário social local.

Abstract

Our goal in this thesis was to study the greatest series of football matches of the city of Campinas - SP - Brazil, between local teams Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube, called "Dérbi Campineiro", beginning in 1912, and relate it to press and town's history. A first we put the Dérbi in it's specific context and space along the years and afterwards we sought to understand the interaction between local press and football along history. In this manner we could identify five periods which show different forms of interaction between press and Dérbi and show the history and evolution of this traditional and famous series of football matches. This work makes possible to see the important, inherent and fondamental relationship between sport journalism (in this case Campinas newspapers *Diário do Povo* and *Correio Popular*) and football and it's peculiar universe which have great influence in Campinas society and in the local social imaginary.

I - 1. O futebol em minha vida

Porque abordar o Dérbi, o encontro máximo do futebol campineiro, o embate entre Ponte Preta e Guarani?[1] Para responder a essa pergunta eu preciso me remeter à minha vida, à minha experiência e caminhos percorridos ao longo dos anos. Inicialmente minha ligação com o futebol e com Campinas, o que explica a escolha do tema para o estudo. Depois, minha formação como historiador e jornalista, o que explica a forma como abordei o tema.

O futebol está em minha vida desde quando consigo me lembrar de alguma coisa da minha infância. Curiosamente, conheci o futebol tarde, se comparado com os meus amigos de infância, somente por volta dos meus seis anos de idade. Morava nos Estados Unidos, onde meu pai fora fazer o seu doutoramento. Lá, eu conhecia o futebol americano e o beisebol. Tinha até um capacete e uma bola de futebol americano, além de um taco de beisebol, objetos que meu pai resolveu deixar lá, numa daquelas decisões que os nossos pais tomam sem que seus filhos possam se manifestar...

Desde que retornei, moro em Campinas, onde nasci e também morava antes. Portanto sou campineiro de longa data, nascido e criado nessa cidade. E assim que cheguei, ao começar ir para a escola e a constituir minha "turminha de rua", algo que tem desaparecido de Campinas nas últimas duas décadas, me transformei num "peladeiro" ou "boleiro"[2], porque simplesmente gostava de praticar esportes. Além do futebol, jogava também handebol e basquete, e em raras oportunidades, vôlei.

Como também gostava de jogar jogos criados a partir do futebol. Jogos como o "controle" - que recebia outros nomes dependendo do bairro - que praticamente sumiu das ruas dos bairros campineiros. O jogo consistia em um goleiro ter de defender chutes ou cabeçadas de dois, três ou até quatro jogadores de "linha", que só podiam concluir ao gol após a bola ser tocada, uma ou várias vezes, sem cair ao chão. Era um jogo de habilidade e destreza, uma disputa entre o goleiro e os jogadores de "linha", sendo que o último jogador de "linha" que chutasse ou cabeceasse para fora iria, como punição, para o gol, vindo o goleiro, vitorioso, para a "linha". Mas quando a "linha" era muito boa - ou cúmplice - o goleiro podia passar a tarde toda no gol. Na minha "turminha de rua", tínhamos sempre os eternos goleiros do "controle".

Outro esporte surgido a partir do futebol era o "futebol de botão ou de botões", hoje chamado de "futebol de mesa", esporte que meu pai jogou na infância com bolinhas feitas com o miolo do pão e jogadores feitos com os vários tipos de botões (tipos de "jogadores", as peças) das roupas de sua casa, isso em meio às muitas reclamações de minha avó... Na minha infância, anos 70 e 80, o futebol de mesa já era diferente, com

---

[1] Sempre que me referir ao jogo ou aos dois times, colocarei em primeiro lugar a Ponte Preta e depois o Guarani. Assim como o capítulo sobre a Ponte Preta vem antes do capítulo sobre o Guarani. Não há nenhuma parcialidade nessa minha atitude. O motivo é tão somente a idade. A Ponte Preta é mais antiga, vem antes. O Guarani é mais novo, vem depois. Só isso. Pode parecer estranho o meu cuidado aqui, mas em se tratando do Dérbi e dessa rivalidade, acho pertinente fazer (já) essa colocação e esclarecer o motivo... Esses pormenores, que podem causar estranheza para alguém distante desse universo tão cultuado, são coisas sérias para o futebol. Afinal, estou falando do Dérbi Campineiro, o maior clássico do interior do Brasil. É preciso, de alguma forma, "sentir" essa rivalidade e essa tradição, "sentir" o próprio futebol, para tentar entendê-los... e, afinal, um dos times, inevitavelmente, teria que vir antes...

[2] Jogador de "peladas", apelido que se dá ao futebol praticado nas ruas e na várzea

jogos de botões vendidos como brinquedos ou artigos especializados para esse determinado esporte, assim como campos próprios, e até campeonatos e federações.[3] Como ocorre hoje. Mas atualmente, embora as crianças não joguem mais tanto futebol de botão como antes, o jogo ainda é um artigo muito comum em lojas de brinquedos ou em lojas de artigos esportivos, onde os "jogadores 'profissionais' do futebol de mesa" vão procurar seus "instrumentos" ou "equipamentos" para o jogo.[4]

Em pouquíssimo tempo, eu era mais um, entre milhões de brasileiros apaixonados por futebol. E inevitavelmente, movido pela paixão, me inseri nesse extraordinário "universo do futebol", não só jogando, mas torcendo e me informando sobre esse jogo tão atraente. Sou um daqueles "jogadores que não deram certo", que um dia sonhou em ser profissional... Na verdade, até tive algumas aventuras como jogador de futebol de salão, participando dos Jogos Regionais por dois anos...

Essa época, meados dos anos 70, quando comecei a ter um contato mais forte com o jogo, momento em que o futebol entraria em minha vida para nunca mais sair, coincidiu com o melhor momento vivido pelos dois times de Campinas, a Ponte Preta e o Guarani. Assim, eu tinha inúmeros amigos que eram ou pontepretanos ou bugrinos, e cuja rivalidade, eu podia sentir de perto. O dérbi entrou na minha vida logo que me inseri no futebol, mesmo não sendo esse um clássico disputado pelo meu time de coração.[5]

---

[3] DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1996, pp. 97-98. Ou. do mesmo autor: *História dos Esportes*. Makron Books, São Paulo, SP, 2000, pp. 109-110.

[4] O futebol de mesa não é profissional, embora esteja inclusive pleiteando um espaço nas Olimpíadas, a exemplo do Futebol de Salão, do Futebol de Areia, do Futebol Sete ou Cinco e até do Futvôlei. Muitos esportes disputados nos Jogos Olímpicos não são profissionais, mas nem por isso deixam de ser disputados nesse importante evento. O Vôlei de Praia, por exemplo, apesar de já ser disputado há décadas no Brasil e no mundo, só recentemente, a partir da Olimpíada de Atlanta em 1996, foi incluído na agenda olímpica. Nas últimas duas décadas esses esportes, apesar do pouquíssimo espaço na imprensa destinado a eles, isso quando é destinado algum espaço, são tratados com muita seriedade pelas pessoas ligadas ao esporte de maneira geral. Chamar de "futebol de botão" o Futebol de Mesa (apesar do jogador ser comumente chamado de "botonista") não é bem aceito pelos seus praticantes, o mesmo vale dizer do Tênis de Mesa quando chamado de pingue-pongue, ou ainda como acontece em outras áreas da cultura, como por exemplo chamar o fã de quadrinhos ou HQs, ou o próprio quadrinhista, de "fã" ou "leitor de 'gibi'". Gibi, embora seja sinônimo de quadrinhos hoje, era o nome de uma antiga revista dos anos 50, que entre outros textos e entretenimentos, publicava quadrinhos, e hoje, a palavra 'gibi' é carregada de sentido pejorativo e depreciativo.

[5] No futebol, o "time de coração" é coisa séria. O meu time de coração é o paulistano S.C. Corinthians P.. Paixão que herdei do meu pai, uma "ovelha negra" em meio a uma família de palmeirenses. E paixão também herdada pelo meu avô paterno, que apesar de "palmeirense doente", como diziam minha avó e familiares, era quem mais conversava e interagia comigo em relação ao futebol. Foi com esse avô que tive contato com a enorme paixão que um torcedor pode ter pelo seu time. O "palmeirismo" do meu avô fez de mim um torcedor apaixonado pelo meu Corinthians. "Meu", pois todo torcedor se "apropria" do time do coração. Meus avós paternos, palmeirenses (!), chegaram a torcer pelo meu time por mim. Deve ser uma das muitas "funções" dos avós. Meu avô passava horas comigo me fornecendo escalações de todos os times para os meus jogos de botões e me contando histórias sobre o futebol. Por mim também, meus avós maternos transformaram-se em fervorosos torcedores corinthianos, principalmente minha avó, única ainda viva. A família de minha mãe não ligava para futebol, com exceção do irmão mais velho de minha mãe, também um corinthiano - embora não tenha sido ele e sim eu quem levou meus avós a se tornarem corinthianos. Assim, nós quatro, eu, meu pai, meu avô paterno e meu tio tivemos ao logo de todos esses anos uma intensa relação com o futebol...

Assim, o futebol se tornou parte inerente do meu dia a dia, me influenciando no passado tanto quanto me influencia hoje. A diferença é que hoje tenho muitos outros interesses que em nada tem a ver com o futebol. Mas a paixão pelo futebol e todo o seu rico e instigante universo permanecem vivos e sempre será assim. Como se costuma dizer, sou um daqueles que "respiram" e amam o futebol.

Por que optei em minha pesquisa por uma abordagem histórica, em que realizo um estudo que envolve a história e sociologia do futebol, e a sua relação com a comunicação? Porque essas são as minhas áreas como profissional hoje. Sou formado em História, onde atuo como professor, e em Comunicação Social, especificamente em Jornalismo. Trabalhei com jornalismo esportivo na imprensa escrita e na imprensa virtual, ou seja, via internet. Por isso escolhi uma pesquisa que me permitisse interagir com todas essas áreas, que são também parte do meu dia a dia. Era uma chance de realizar uma reflexão mais profunda sobre elas.

E para poder realizar essa interação, e também por lidar freqüentemente com a fotografia, computação e a internet, optei pelo Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. Assim poderia criar como produto final da pesquisa uma página na internet sobre o Dérbi. Acredito que a internet como veículo de comunicação seja um meio bastante interessante e vasto para se explorar a divulgação de notícias e do conhecimento científico (além de outras formas de conhecimento, é claro), permitindo também uma interação diferenciada e bastante abrangente entre o "leitor", o internauta ou usuário, e o meio ou veículo, a internet.[6]

I - 2. A pesquisa e a metodologia

Para esse estudo, me utilizei basicamente de fontes escritas, como veículos de comunicação e, livros e textos sobre as variadas abordagens ou enfoques existentes sobre os temas que estudei. Procurei me cercar dos instrumentos necessários que me permitissem um caminho seguro para procurar compreender com profundidade o Dérbi, e também poder manejá-lo com segurança, realizando um recorte desse tema que me propus estudar.

Dessas leituras extraí o que poderia me ajudar numa reflexão sobre o tema, através de fichamentos. Procurei também outras fontes, como filmes e documentários, a internet e testemunhos orais, realizando entrevistas nesse caso. Por estarem entre os principais objetos de estudo da pesquisa, os jornais e as revistas, principalmente os jornais diários *Correio Popular* e *Diário do Povo*, foram fontes de grande e fundamental importância para o meu estudo. Esses foram os principais documentos nele utilizados.

Em relação às entrevistas, procurei testemunhos orais de pessoas ligadas ao dérbi e ao jornalismo esportivo. Desses testemunhos, procurei extrair experiências de vida e de trabalho que muito interagiram com o Dérbi. Algumas entrevistas foram feitas pessoalmente, outras através de contatos via correio eletrônico, principalmente com jornalistas e cronistas esportivos, cujo contato é sempre bastante restrito. A internet permitiu a mim, nesse caso, uma mobilidade de que eu não dispunha. Com outros, pude

[6] É claro que essas colocações que fiz aqui a respeito da internet são bastante superficiais. A utilização da internet como meio de propagação de notícias e conhecimento, bem como seus benefícios e malefícios ou facilidades e dificuldades, é um tema bastante vasto para uma discussão, que não cabe nesse trabalho.

estabelecer contatos diretos. Nesses contatos, a coleta de informações foi feita através de anotações.

Imagens, como fotografias, também foram utilizadas nesse estudo. Não era meu objetivo realizar um estudo profundo dessas imagens. Assim, me preocupei em utilizá-las apenas como material ilustrativo e complementar. Mas certamente, uma coleta mais insistente e ampla de material fotográfico, permitiria realizar um estudo específico voltado à imagem no Dérbi. Entre as imagens que utilizei está a coleção de fotografias de João Bosco Panattoni, filho de Ferdinando Panattoni, jornalista da sucursal de Campinas de *A Gazeta* por muitos anos. Ferdinando Panattoni teve uma intensa interação com o futebol de Campinas. Também me utilizei de imagens de livros e revistas, além de algumas imagens da coleção do fotógrafo Aristides Pedro da Silva, mais popularmente conhecido como "V8", cujo acervo foi recentemente adquirido pelo Centro de Memória da Unicamp.

Não tive a intenção de esgotar o assunto, até porque isso seria impossível. Meu objetivo era realizar uma incursão pelo universo do futebol, percorrendo seus mitos, suas paixões e principalmente sua interação e apropriação pela mídia, dentro de um contexto específico, no caso, o dérbi na cidade de Campinas.

Por outro lado também, me propus a realizar um estudo de caráter científico, o que não é uma tarefa muito fácil, por ser o futebol um terreno de tamanha magia, mito e paixão. Precisaria tentar ficar distante dele, para que minha parcialidade e paixão não moldassem meu caminho e interpretação. Mas ao mesmo tempo, precisaria também me aproximar muito mais dele, tentando entendê-lo na sua totalidade e também em suas particularidades.

Ao longo de toda minha vida sempre me deparei com o preconceito com que o futebol foi abordado pelos acadêmicos, que não o viam como um tema que merecesse a atenção e o cuidado do olhar científico. E isso sempre me incomodou muito e ocorre até hoje. Nem todos os acadêmicos, e pude sentir isso com mais intensidade quando era estudante universitário, conseguem perceber o futebol como um importante fenômeno cultural, uma importante manifestação cultural do homem. O tratam como um jogo qualquer, de grande difusão, mas sem nada especial ou que mereça a atenção da academia. Para esses, qualquer um pode falar ou debater futebol, pois se trata de algo "simples" e sem importância ou profundidade, como se "falar de futebol" fosse uma capacidade inerente a qualquer um, que não necessitasse, no mínimo, uma vivência ou experiência prévia.

E essa foi uma das preocupações que me nortearam nesse trabalho, a de achar que o tema futebol não é tão simples, e todas as particularidades de seu universo não são tão facilmente visíveis. É preciso entendê-lo ou no mínimo vivê-lo com intensidade. Não estou dizendo que é necessário ser um cientista social para conseguir tal feito. Ou ser um jornalista de grande projeção. Muito pelo contrário. Um pedreiro pode construir uma casa perfeita sem ser um engenheiro. Há assim, pessoas comuns ou não acadêmicas que realmente entendem o futebol, por terem uma grande vivência e experiência com esse esporte. Podem nesse caso não ter uma visão mais sociológica e histórica, mas compreendem o futebol. Portanto o futebol não é um assunto inerente às pessoas e é passível de inúmeras abordagens e estudos.

Como qualquer outra área, como o cinema ou o teatro, o futebol exige muitas vezes uma linguagem especializada. Em minha experiência como jornalista me deparei

com muitos pseudo-especialistas em futebol, mas que no fundo ostentavam apenas o status, já que sobre futebol, pouco sabiam. Como também me deparei com inúmeros "boleiros" que pareciam deter todo o conhecimento e a sabedoria possível sobre o futebol, mas que possuíam interpretações deturpadas ou estereotipadas sobre ele. E por fim, encontrei inúmeros acadêmicos que não sabiam absolutamente nada de futebol, mas que se julgavam capazes de dar uma palavra final sobre algo relacionado ao futebol. Sempre achei também que conhecer o futebol e tratá-lo com seriedade poderia melhorá-lo enquanto esporte de massa administrado por poucos no Brasil. Entendê-lo como importante fenômeno cultural de massa é talvez encontrar caminhos para melhorá-lo como esporte e como entretenimento ou lazer.

Talvez esteja querendo ser um torcedor diferenciado, aquele que procura refletir com mais cuidado sobre o futebol. E não ser, como ocorre com a maioria, um torcedor comum, que reproduz apenas os mitos do futebol ou reproduz os enfoques dados pela imprensa, devido a algum interesse específico desta. Não é arrogante procurar entender o objeto de paixão para tentar dar a ele um tratamento ou uma organização melhor. Como também não é incapacidade ou ignorância demonstrar dúvidas ao falar sobre o futebol.

Esses foram os principais cuidados que procurei ter. Procurei lidar com todas as fontes que utilizei com essa preocupação. E por fim, para escrever sobre o tema que escolhi, também optei por adotar a postura de um jornalista. Explico. Resolvi partir do princípio, imaginando que o leitor desse trabalho partiria do zero, ou seja, nada saberia sobre o tema em questão, o dérbi ou o futebol e sua relação com a imprensa. Foi com essa postura que escrevi a dissertação. Por isso imaginei um percurso que permitisse, passo a passo, ao leitor entender e localizar o dérbi e sua relação com a imprensa e a cidade de Campinas.

Com essa intenção construí o caminho descrito no sumário, partindo do problema, localizando-o, apresentando os agentes e concluindo-o. O objeto principal corresponde então às transformações da imprensa escrita em geral e especificamente da imprensa escrita esportiva de Campinas, e o dérbi foi um instrumento valioso para observar essas transformações. Antes de abordar o dérbi e a imprensa, é necessário observarmos como o futebol foi abordado ao longo de sua história, quais os diferentes olhares sobre o futebol.

II - OS VÁRIOS OLHARES SOBRE O FUTEBOL

Quando se procura levantar uma bibliografia sobre futebol, encontramos hoje, além de obras acadêmicas sobre o tema, inúmeras obras descritivas, narrativas e cronológicas. São trabalhos que procuram juntar uma série de dados, montando-se geralmente uma obra para consultas sobre memórias e estatísticas do futebol. Essas obras não têm o objetivo de realizar nenhum estudo ou análise desses dados, apenas estão reunindo os dados, juntando-os de maneira organizada e funcional, através de algum pretexto ou tema estabelecido. Não são obras mais fáceis ou mais simples ou, menos ou mais importantes. Apenas é assim que elas se caracterizam. E na verdade, representam excelentes obras para consultas rápidas, para esclarecer dúvidas ou procurar dados que de alguma forma fugiram de nossa mente, ou que simplesmente, por desconhecermos, nos deliciamos ao buscarmos nelas informações diretas, que nos permitam recompor nossas memórias.

Existe um certo preconceito com relação a essas obras, principalmente por parte da "academia" ou de "acadêmicos", que lidam com elas com desprezo, não observando sua real importância para o estudo do futebol, não percebendo, muitas vezes, o quanto são fundamentais. E um bom exemplo desse tipo de obra é o "Almanaque do Futebol Paulista", de José Jorge Farah Neto e Rodolfo Kussarev Jr., ou ainda, "O Almanaque do Futebol Brasileiro", de Marcos Aurélio Klein e Sérgio Alfredo Audinino. A exemplo do muito famoso "Almanacco Illustrato Del Calcio", o almanaque do futebol italiano, que já é publicado na Itália há muitos anos, o "Almanaque do Futebol Paulista" reúne um número enorme de dados a respeito de todos os times e campeonatos do estado de São Paulo. É uma obra para ser consultada a todo instante, uma "bíblia do futebol paulista". Mais um pioneirismo do futebol paulista.[7]

Os almanaques constituem um modelo interessante de abordagem. O futebol é um tema ideal para ser explorado por eles. Pois alguns detalhes que apimentam ou permitem entusiásticas discussões e debates podem ser colhidos nesses almanaques, além deles serem obrigatórios em qualquer redação de jornal ou outros veículos de comunicação esportiva. É uma obra que assume ao mesmo tempo a condição de ser útil, prazeroso, didático, tradicional e que esclarece. Com origem européia, os almanaques são publicados há séculos, desde o período feudal. Existem muitos tipos de almanaques, desde os mais simples, que nos oferecem os santos do dia, efemérides astrológicas ou fases da lua[8], passando por almanaques de enumeração de informações úteis, como os almanaques farmacêuticos, chegando até exemplares que oferecem poesias e se comportam como enciclopédias.[9] O futebol, quando num almanaque, é similar aos que se comportam como enciclopédias.

Entre os primeiros almanaques publicados no Brasil está o "Almanach Histórico do Rio de Janeiro", de Duarte Neves, publicado no século XVIII. Almanaques sobre cidades

---

[7] Além de ser o paulista o primeiro campeonato estadual do Brasil - começou a ser disputado em 1902 -, os times do estado de São Paulo também foram os primeiros a se profissionalizarem e a organizarem seu campeonato de maneira profissional. E hoje, é sem dúvida, o mais organizado e forte certame nacional.

[8] Esses em especial têm origem astrológica ou mística. São almanaques muito comuns ainda hoje e consultados por uma grande parte da população, em qualquer camada social.

[9] PARK, Margareth Brandini. *Histórias e Leituras de Almanaques no Brasil*. Coleção Histórias de Leitura, Fapesp, São Paulo, SP, 1999, pp. 9-13.

eram comuns na época. Traziam informações como tarifas de correio, horário de trens, tabelas de preços e uma série grande de dados e informações sobre as cidades. No Brasil, também eram comuns os almanaques religiosos e os almanaques literários, como por exemplo o "Almanaque das Fluminenses" , destinado às senhoras da sociedade carioca.[10]

Os almanaques farmacêuticos também eram muito comuns e tradicionais. Eram adquiridos pela família e colocados em pontos estratégicos da casa para o fácil manuseio de todos. Eram almanaques que interagiam com as pessoas, já que possuíam espaços para anotações pessoais, seguindo as orientações prescritas no mesmo. O Almanaque Aquarone e o Almanaque Biotônico Fontoura (com o personagem de Monteiro Lobato Jeca Tatu divulgando o produto e fazendo propaganda da boa saúde), são exemplos desses almanaques. Eles se tornaram famosos na primeira metade do século XX, quando o país passava por um processo grande de saneamento básico e a difusão de idéias em prol de uma boa saúde era comum, assim como se tornou parte do imaginário da população na época, a relação da palavra "biotônico", ou mesmo, mais especificamente, "biotônico Fontoura", com saúde. Eram instrumentos de um processo civilizatório.[11]

Os almanaques, que não são tão comuns no Brasil, como são na Europa, são essenciais para o universo de textos e trabalhos sobre o futebol. É como na Astronomia. Faço aqui essa comparação, que pode parecer estranha num primeiro momento, mas talvez ilustre em que sentido me refiro serem essas obras de fundamental importância para a bibliografia do futebol. Explico.

Na ciência astronômica existem muitas áreas de atuação. Uma delas é a Astronomia de Posição. Muitos físicos e astrônomos às vezes torcem o nariz em relação a essa área e a consideram já ultrapassada e desnecessária. O mesmo acontece com as obras de futebol que citei acima, para muitos sociólogos e historiadores que estudam o futebol. Mas na verdade, a maioria das áreas de atuação da Astronomia, não existiria e não poderia acontecer sem a Astronomia de Posição. Ela é de grande importância histórica, já que foi a primeira "área" dessa ciência - e uma das primeiras áreas de toda a ciência - e que surgiu como importante ferramenta para o advento da agricultura na Antigüidade e também, posteriormente, para orientar os marinheiros em navegações no passado. Eles se orientavam pelo céu, tanto para saber em que estação estavam, se quente ou fria, ou seca ou chuvosa, quanto para saber onde estavam, como no caso da navegação, em que se conhecermos a dinâmica e o "mapa" do céu, descobrimos onde estamos com cálculos simples e precisos. Assim se navegava com tanta precisão no passado, se utilizando de duas únicas ferramentas, os olhos, e às vezes, um astrolábio[12]. Portanto, é importante sim reconhecer o céu e estar familiarizado com a sua dinâmica ao longo do tempo.

Pois essas obras descritivas e cronológicas sobre o futebol atuam da mesma forma. Se não temos, com precisão, os dados e informações sobre a história do futebol, pouco conseguimos fazer em relação a um estudo desse esporte. Poucas conexões e relações podemos estabelecer. Nossa atuação e amplitude seriam drasticamente limitadas, como no caso da Astronomia sem a Astronomia de Posição. Portanto, para estudar futebol e se inserir em seu universo, é de grande importância conhecer os passos cronológicos desse

[10] PARK, Margareth Brandini. Op. Cit., pp. 68.

[11] PARK, Margareth Brandini. Op. Cit., pp. 104-108.

[12] Instrumento usado pelos navegadores para medir em graus a altura do Sol e das estrelas para determinar a posição, a latitude, em que estavam no globo terrestre.

esporte ao longo do tempo, bem como saber localizar e descrever dados e informações sobre o mesmo. Quando não se percebem e não se localizam momentos do futebol, pouco se consegue interpretar ou relacionar dados sobre ele. Daí a importância dessas obras, cujos maiores exemplos são os almanaques ou livros estatísticos. Não há realmente como ou porque considerar tais obras menores ou irrelevantes no campo de estudo sobre o futebol. Pouco se "navega" no futebol sem elas.

Mas é claro que para entender com mais profundidade e precisão o futebol, essas obras não bastam. Assim, existem trabalhos que lidam com a sociologia do futebol. Essa obra tem uma abordagem que é mais bem aceita pela "academia", pois são resultados de pesquisas acadêmicas, científicas. Elas se propõem ser mais profundas sobre algum aspecto ou tema específico do futebol, conscientes de estarem realizando um recorte, não se propondo, portanto, ter uma visão geral do futebol. Essa é construída pela somatória das várias pesquisas localizadas, oferecendo a compreensão do todo com mais precisão e objetividade. O pesquisador tanto pode focalizar sua pesquisa num estudo do micro, quanto focalizar sua pesquisa no estudo do macro. As duas abordagens juntas permitem ter um conhecimento completo sobre o tema.

No futebol, assim como em outras áreas, o conhecimento pode ser construído basicamente por dois caminhos. Num deles, a vivência e experiência fornecem à pessoa capacidade de possuir discernimento e uma visão e interpretação precisas sobre o tema. É o que ocorre com alguns técnicos e jogadores, à medida que vão se tornando mais velhos, vão adquirindo sabedoria em relação ao universo do futebol. O mesmo ocorre com alguns jornalistas, que com os anos de atuação, vão adquirindo também sapiência. E, o que é mais raro, por não se dedicarem diretamente ao futebol, atuando apenas como um fã, também ocorre com torcedores. São portanto fontes de grande conhecimento sobre o futebol, por terem dedicado parte significativa de suas vidas num mesmo campo. São capazes, através desse saber popular, de analisar o futebol, realizando comparações e interpretações, projetando expectativas.

E por outro lado, há o saber científico. A construção deste é fruto da atuação de cientistas ou pesquisadores que se utilizam de uma metodologia para testar ou criar uma teoria, partindo de uma ou mais hipóteses. Há portanto, por parte desses construtores do conhecimento, os cientistas ou acadêmicos, uma técnica, da qual eles se utilizam e fundamentam seus estudos, e posteriormente suas conclusões. E enquanto esses produzem obras ou documentos que podem ser estudados, e que permanecerão sempre a disposição, os primeiros, do saber popular, muitas vezes não deixam nenhum material passível de ser manuseado e estudado posteriormente. A fonte de informações é a própria pessoa. Nesse caso, para se chegar até ela, o cientista se utiliza, por exemplo, da história oral.

E quando são produzidas obras não acadêmicas, seus autores se valem da vivência e sabedoria adquiridas em função do exercício de uma função ou da sua atuação em várias atividades ao longo de sua vida num mesmo campo. Assim, muitas obras são produzidas através da vivência que seu autor possui. Como exemplo cito duas obras: "Olimpíada 100 Anos", de Sílvio Lancellotti, e "Todas as Copas do Mundo", de Orlando Duarte.[13] Ambos são jornalistas e produziram trabalhos em que realizam uma soberba coleta de dados, mas também, em muitos momentos, principalmente na obra de Lancellotti, conseguem

[13] "Olimpíada 100 Anos" foi lançada em 1996 pela Editora Nova Cultural, e "Todas as Copas do Mundo" é publicado nos anos de Copas do Mundo, desde 1986, pela Editora Makron Books.

relacionar o esporte, a modalidade, com o momento histórico e social em que se insere. Há assim, uma análise um pouco mais profunda, mais precisa, sem ser exatamente um trabalho nos moldes acadêmicos.

De qualquer forma, os primeiros trabalhos sobre futebol não foram produzidos por acadêmicos. E se escreve sobre futebol desde que o esporte chegou ao Brasil. Mas a abordagem, o "olhar", foi diferente ao longo do tempo, ao longo de períodos que podem ser identificados e separados.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o futebol, como era um esporte recém trazido da Europa, ainda era abordado com muita curiosidade e até distância. Mas foi também nessa época que o futebol já começava a se enraizar no imaginário da cultura nacional, pelo menos nos grandes centros desde o nordeste até o sul do país. Os jornais começavam a dedicar um espaço pequeno ao novo jogo, sempre em notas de divulgação bastante curtas e com uma linguagem formal. Não foi dos jornais que o futebol recebeu uma maior atenção. Nesse momento, letrados se voltaram para o futebol, lançando seus olhares peculiares sobre o jogo. Autores como Lima Barreto, Monteiro Lobato e Alcântara Machado, são exemplos de homens de letras que abordaram o futebol na época.

Monteiro Lobato, até devido à sua origem, abordou o futebol com o olhar da elite da época, visualizando no jogo um "espírito nacional" em sua prática. O futebol não havia ainda se popularizado, embora já fosse, em alguns momentos, disputado por representantes das camadas mais populares. Para Monteiro Lobato, o futebol apresentava características importantes para a eugenia, ou seja, possibilitava ao praticante ter uma saúde adequada que o levava a ser apto e um bom reprodutor, "melhorando a espécie", servindo também como forma de "adestrar" socialmente o indivíduo na sociedade.[14] Lima Barreto escreveu sobre o futebol disputado em fábricas, com um enfoque nacionalista, sendo contrário ao jogo importando da Europa. E outro modernista, Alcântara Machado, escreveu sobre o futebol urbano, as "peladas" dos meninos nas ruas, jogado em algumas regiões ou bairros de São Paulo.[15]

O futebol é incorporado ao imaginário da época, e começava a se fazer presente na literatura. Em "O Salto", um soneto de Anna Amélia escrito em 1926, o futebol está presente no poema, cujo ritmo parece fazer uma alusão ao jogo com a bola. Anna Amélia talvez tenha sido a primeira mulher a tratar do futebol na literatura.[16] Abaixo, o soneto "O Salto":

"Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,
Sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada,
Todo o meu vibrou num ímpeto frenético,
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

---

[14] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional.* Tese de doutorado para o Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo / USP, 1999, pp. 15-16.

[15] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional.* Op. Cit., pp. 15-16.

[16] Anna Amélia, apud. ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920.* Dissertação de Mestrado do IEL, Unicamp, Campinas, 1996, pp. 56-57.

Estremeci fitando esse teu porte atlético,
Como diante de Apolo estremece a dríada.
- Era um conjunto de arte esplendoroso e poético
- Enredo e inspiração para uma heliconíada.

No cenário sem par de um pálido crepúsculo
- Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo
Por entre as aclamações da massa entusiástica.

- Como um deus a baixar no Olimpo, airoso e lépido
Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,
Belo na perfeição da grega e antiga plástica." [17]

O futebol parece ter nesse primeiro momento um sentido ambíguo, um caráter ambivalente, que interage e interfere de maneira relevante no imaginário do homem comum da época, no seu cotidiano.[18] Por um lado, o futebol é visto com desdém por muitos escritores das duas primeiras décadas do século passado, que viam o futebol como um intruso em nossa cultura, uma importação européia de algo que não tinha absolutamente nada a ver com a "cultura nacional".[19] E nesse sentido, também veiculavam a imagem do futebol como sendo um esporte selvagem, bruto, viril demais para os bons costumes. Um exemplo é Graciliano Ramos, que assim como Lima Barreto, era nacionalista e contra esse esporte importado da Inglaterra, e cheio de atos selvagens, viris, recheados de palavrões e brigas. Ele escreveu:

"Temos esportes em quantidades. Para que metemos o bedelho em coisas estrangeiras? O Football não pega, tenham certeza".[20]

Ao contrário desses autores, outros, durante os primeiros anos da República viam o futebol como parte do "movimento modernizador" da sociedade brasileira. Olavo Bilac foi um exemplo desse pensamento, atribuindo ao futebol, com muita reverência, a função de ser uma prática a ser sempre cultuada por ser saudável para o corpo. Nessa época, em que à vida urbana se acrescentou uma série de melhorias na cidade, era comum propagar o quanto era bom e necessário a população ter higiene e fazer exercícios físicos.

Outra visão sobre o futebol nas duas primeiras décadas do século XX se envereda para uma abordagem política. Comunistas e principalmente anarquistas falam do futebol como um instrumento de dominação das massas a serviço da burguesia, utilizado

---

[17] ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920.* Op. Cit, pp. 56-57.

[18] ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920.* Op. Cit., pp. 15.

[19] Essa "cultura nacional" é obviamente uma cultura pensada pela elite da época. Propunha a valorização de uma cultura totalmente "brasileira", mas ainda assim uma cultura parcial, vista e organizada (ou controlada) pela elite.

[20] Graciliano Ramos, apud, ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional.* Op. Cit., pp. 16.

principalmente no interior das fábricas, onde se começou a praticar o jogo. Segundo eles, a prática do futebol era incentivada pelos "patrões", os burgueses, com o intuito de desviar a atenção dos operários dos problemas sociais. O futebol, assim, era visto como um instrumento de alienação do povo, utilizado como "pão e circo" pela elite, e chamado na época de "ópio do povo", numa clara alusão a uma droga que tira a consciência do seu usuário.[21] "Ópio do povo" seria posteriormente, nos anos 60 e 70, resgatado pelos opositores ao regime militar, como maneira de se referir ao futebol novamente.[22]

O tema futebol seria objeto de estudo dos analistas sociológicos, obras de caráter acadêmico, somente nos anos 70. Vale ressaltar portanto, que o futebol foi apropriado inicialmente pela literatura, antes de chegar às mãos das ciências humanas, e ser inclusive reconhecido como objeto válido para análises de caráter sociológico e histórico.

Mas desde o final do século XIX, escritores e literatos brasileiros passaram a notar a importância e a repercussão social do então novo esporte. Viram nele não só uma atividade física, mas também uma atividade capaz de aglutinar pessoas e mobilizá-las, sendo uma atividade, portanto, capaz de mobilizar as massas populares.[23] O futebol, apropriado pela literatura brasileira já nas décadas de 10 e 20 [24], apresentava desde esse início um conteúdo ou atmosfera lúdicos nos textos literários, característica que o envolve até hoje. Também já havia uma grande identificação do futebol com a cultura brasileira, como algo apropriado de forma definitiva e especial pelo povo brasileiro, apesar de alguns intelectuais resistirem a essa constatação. Assim podemos notar, que o futebol está presente em muitas manifestações da cultura brasileira.

O modernista Antônio de Alcântara Machado, por exemplo, escreveu textos repletos de imagens, movimentos e sons, que pareciam nos convidar a lê-los em ritmos próximos aos movimentos rápidos e ágeis do futebol, conferindo à leitura um discurso que louvava o futebol, um discurso apaixonado, similar a uma narração contemporânea de futebol pelo rádio, como mostra o trecho abaixo:

"Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caiam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, não parava um minuto, um segundo. Não parava. (...) Biagio alcançou a bola. Aí, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Aí! Reparou. Hesitou. Biagio! Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! É agora! Aí! Olha o Rocco! Caiu." [25]

---

[21] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Anarquistas e Comunistas no Futebol de São Paulo*. In Revista Leitura 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo, 1992.

[22] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 18-19.

[23] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 14.

[24] ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920*. Op. Cit..

[25] Apud. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 17.

Outro autor que faz do futebol um pretexto para a poesia é o também modernista Oswald de Andrade. Neste poema, que segue abaixo, o autor procura retratar um momento de projeção do futebol brasileiro, um momento que o nosso futebol começa a chamar a atenção dos europeus, como podemos notar a seguir:

"a europa curvou-se ante o brasil

7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
2 a 0
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portugueses" [26]

E podemos encontrar outros exemplos de manifestações na poesia, literatura, crônica, etc, que tenham no futebol sua inspiração. Mas ao final dos anos 20 e início dos anos 30, o futebol passa a ser enfocado com mais destaque por um outro tipo de linguagem, a jornalística. Os jornais, ao perceberem a inserção que possui o futebol na sociedade da época, começam a realizar coberturas maiores sobre o futebol. Assim, muitos textos sobre futebol são produzidos pela imprensa escrita. Assim como jornalistas também passam a se especializar em futebol e a produzir obras que o enfoquem.

Uma das primeiras obras que tratam do futebol, preocupada com a recuperação de informações e uma reconstrução histórica do mesmo, é "História do Futebol no Brasil (1894 - 1945)", de Thomaz Mazzoni, publicado em 1950. Nessa obra, o autor, que era um dos mais importantes jornalistas em sua época, realiza um apanhado precioso de dados e informações sobre o início da história do futebol nacional. Oferece um excelente panorama do surgimento e evolução do futebol no Brasil, mas ainda não é uma abordagem sociológica. Foi aliás com Thomaz Mazzoni e outros jornalistas da época, que a imprensa passa a ter uma atuação mais significativa com relação ao trato e a abordagem do futebol. A cobertura nas páginas de esporte, a partir da década de 30, começou a "evoluir", ou seja, a imprensa passou a dedicar espaço de destaque para o futebol em suas páginas. O jogo, já bastante popularizado, despertava muito interesse. Foi Thomaz Mazzoni, que no final dos anos 20 e início dos anos 30, começou a se referir ao jogo entre S.C. Corinthians P. e Palestra Itália (atual S.E. Palmeiras) como sendo o "derby", pois já nessa época, esses times realizavam o maior clássico da capital paulista, principalmente com o fim em 1929 do C.A. Paulistano, até então o maior time da cidade devido ao advento do profissionalismo no futebol paulista.

No início dos anos 30, a imprensa campineira, que também passou a dedicar grande espaço para o futebol, por possuir muitos times, e muitos deles entre os melhores do estado, começou a se referir ao seu maior jogo, o clássico da cidade entre A.A. Ponte Preta e Guarani F.C., como sendo também "derby" da cidade. Thomaz Mazzoni trabalhou

[26] Apud. ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920*. Op. Cit., pp. 79.

na *A Gazeta Esportiva*, jornal que possuía uma sucursal em Campinas. Essa proximidade provavelmente possibilitou chamar o clássico campineiro de dérbi, logo depois de assim se referirem ao clássico paulistano.

A imprensa em Campinas também teve o seu "Mazzoni". Foi o jornalista Ferdinando Panattoni, que escreveu para *A Gazeta*, *A Gazeta Esportiva* e *A Gazeta Ilustrada*. Foi Panattoni que, além de incentivar o esporte na cidade com a criação de inúmeras competições e obtendo apoio para muitos esportes, principalmente o futebol, criou um termo que até recentemente foi usado e que se espalhou por todo o estado: "dente de leite", pois, trabalhando na sucursal de *A Gazeta* em Campinas criou um campeonato para crianças, que denominou "dente de leite", que hoje corresponde basicamente à categoria infantil.

Quando o futebol se profissionaliza oficialmente, no ano de 1933, ocorre um processo de transformação quantitativa e qualitativa quanto à cobertura do futebol pela imprensa, processo esse que é, uma década depois, impulsionado e ajudado pelo rádio, que passa a realizar a cobertura do futebol, narrando suas partidas.

Na década de 40 é escrita o que talvez possamos chamar de a primeira obra de abordagem sociológica sobre o futebol brasileiro: "O Negro no Foot-Ball Brasileiro", de Mário Filho, publicado em 1947. Nessa obra, o autor, não pertencente à academia, percorre, entretanto, os primórdios do futebol brasileiro e analisa a inserção e aceitação lenta do negro nesse esporte. Mário Filho, que atuou muito tempo como jornalista e cronista esportivo, também demonstra, já em 1947, como o futebol pode ser uma forma ou caminho para a ascensão social do negro, marginalizado no mercado de trabalho naquela época e ainda hoje. Essa preocupação do autor, que não era sociólogo, e é bom lembrar que as ciências humanas ganhariam impulso na esfera acadêmica somente décadas depois, faz de sua obra um trabalho de caráter científico e sociológico.

Como vemos, essas duas obras nos dão uma pista de que o futebol brasileiro já era um alvo cobiçado para o estudo e reflexão de pensadores dos anos 40. O futebol acabara de entrar no profissionalismo e sua prática passava a ser parte do então mercado de trabalho. Mário Filho procurou abordar exatamente esse momento de transição e enfocou o negro nesse contexto. Nessa época, o futebol já era um esporte de massa, praticado e amado por milhares de pessoas no mundo todo, principalmente no Brasil. É um período que se convencionou chamar de "Era Romântica do Futebol", isso porque o futebol brasileiro, apresentando um jogo de grande habilidade e técnica, já havia conquistado a admiração de brasileiros e estrangeiros nessa época. Para muitos jornalistas de então já "éramos os melhores do mundo"[27] no final dos anos 30, pois segundo os mesmos, não vencemos a Copa de 1938 na França, por inexperiência e por "pressões" européias.[28] É

[27] Essa característica arrogante que caracteriza nossos cronistas, dirigentes e também técnicos e jogadores hoje, tem, portanto, uma origem já nos anos 30 e 40.

[28] Quando a Seleção perdeu a semifinal da Copa para a Itália por 2 a 1, nossos cronistas da época muito se manifestaram quanto a uma possível armação para levar a Itália à final da Copa, eliminando o Brasil, que segundo eles era muito melhor. Era o Brasil da "arte" e de Leônidas da Silva. Nota-se essa postura inclusive nos cronistas do *Diário do Povo* e do *Correio Popular*, ambos de Campinas. Mesmo se levando em consideração o estado fascista de Mussolini, onde pressão e repressão eram expedientes comuns e que tinha grande interesse na vitória italiana como propaganda do estado, nunca se provou nada, e a história virou mais uma entre as muitas lendas do futebol. O Brasil simplesmente foi apenas derrotado pela Itália, que o superou naquela peleja, nada aconteceu além disso... Em outros momentos da história, estados

dessa projeção do futebol brasileiro para o mundo entre as décadas de 40, 50 e 60, que aparece a expressão "Era Romântica do Futebol". A expressão também se refere a um período em que o futebol, como produto mercadológico, não havia ainda alcançado a posição que ocupa hoje, em que movimenta uma enorme quantidade de dinheiro. Diziam que o jogador jogava por "amor a camisa", e não se vendia facilmente, ao contrário do que ocorre hoje, segundo muitos cronistas contemporâneos, em que o jogador é movido pelo interesse de enriquecer. São momentos diferentes, e uma comparação simplista pode gerar uma idéia estereotipada, caracterizando os jogadores de hoje como mercenários.

E é nesse momento, anos 40, que aparecem as crônicas. Divulgadas na imprensa, elas representavam uma espécie de avaliação subjetiva a respeito de um tema ou acontecimento específico da época. Eram expressões de costumes e da mentalidade da sociedade brasileira de então, eram porta vozes de desejos da comunidade. Mas principalmente eram espaços para os "formadores de opinião". É com os cronistas, agora transformados em formadores de opinião, que a imprensa, que já realizava tal função, a tem agora intensificada através de seus textos.

A crônica surge como gênero literário nos jornais do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Nela, a notícia é passada além do modelo padrão. Ela é formada por opiniões e argumentos, é uma dissertação curta e não metódica, sem acabamento, que aborda uma notícia qualquer.[29] E ela é de um "autor" e não do "veículo", o que a personifica e identifica. Mesmo que seja "descartável", já que depois de lida, geralmente vira lixo ou é utilizada para embalar ou forrar objetos e ambientes, suas idéias e inserção ficam presas à mentalidade da época. Muitos escritores ou literatos foram cronistas, como Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto e Artur Azevedo.

As crônicas chegam também ao futebol no final dos anos 40, quando este se transforma numa febre no país. O período áureo das crônicas esportivas se deu entre os anos 50 e 60, e elas funcionavam exatamente como as crônicas em outras áreas ou seções do jornal, eram avaliações subjetivas, reflexos de costumes e mentalidade da época e formadoras de opinião junto aos leitores. E elas permaneceram, principalmente devido ao grande interesse do público em relação ao futebol, impregnadas da mentalidade da época.

Mas quando a crônica chega ao futebol, ela já está transformada em relação às primeiras crônicas do século XIX. A linguagem livre e coloquial é introduzida nesse gênero com João do Rio, no inicio do século XX. Essa transformação, inclusive, trouxe a esse gênero alguns modernistas, como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Antônio Alcântara Machado e José Lins do Rego.[30]

Dos anos 50 até o final dos anos 60, o gênero crônica vira moda. E elas se transformam em importantes testemunhas de sua época, transformando-se em objetos de grande interesse para estudos sobre a cultura e a identidade nacionais.[31]

---

autoritários viram no esporte uma excelente maneira de fazer propaganda, como na Olimpíada de Berlim, em 1936, na Alemanha nazista de Adolf Hitler, e na Copa do Mundo da Argentina, em 1978, durante o regime militar.

[29] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 27.

[30] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 28.

[31] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit. pp. 29.

Nesse momento, destacam-se três cronistas, talvez os maiores do período, como observou a pesquisadora Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes[32]: José Lins do Rego (1901 - 1957), que foi escritor e dirigente do C.R. Flamengo; Mário Filho (1908 - 1966), jornalista de linguagem especializada e também torcedor do C.R. Flamengo; e Nelson Rodrigues (1912 - 1980), irmão de Mário Filho, teatrólogo e dramaturgo, torcedor do Fluminense F.C., capaz de extrapolar a linguagem objetiva do irmão, incorporando em suas crônicas paixão, poesia e exageros de um torcedor comum.

Esses três cronistas tiveram passagens significativas na história do futebol, interagindo intensamente com esse universo. José Lins do Rego, por exemplo, exaltou sempre que pôde o nome e os feitos do seu C.R. Flamengo, chamando-o inclusive de "o clube mais querido do Brasil".[33] E o fez numa época quando o time rubro-negro talvez não fosse ainda o fenômeno de torcida que é hoje. Some-se a essa atuação de José Lins do Rego o fato de que o Rio de Janeiro era a capital do Brasil e também cartão postal do país, e obtemos hoje um time que possui a maior torcida do Brasil, só comparável, e mesmo assim com larga vantagem, à torcida do S.C. Corinthians P., fenômeno de torcida em São Paulo e também em outras regiões do Brasil. José Lins do Rego também foi bastante regionalista e acirrou em suas crônicas a rivalidade entre paulistas e cariocas no futebol, já muito grande na época.

Mas talvez os dois maiores cronistas de toda a história da crônica esportiva tenham sido os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues. Mário Filho, que deu nome ao maior estádio do mundo, o Maracanã, foi um jornalista de linguagem bastante especializada e de grande cultura e conhecimento. Era chamado de "o intelectual do futebol", sendo sempre reverenciado pelo irmão mais novo, que o chamava de "o criador de multidões". O Fla-Flu, encontro entre o C.R. Flamengo e o Fluminense F.C., que para muitos cronistas de hoje, como Juca Kfouri, é o maior clássico do país, é basicamente uma criação de Mário Filho. Não que ele tenha criado a "rivalidade" entre as equipes, que já existia há décadas, mas certamente, foi Mário Filho que transformou ou contribuiu significativamente para o Fla-Flu ser o extraordinário clássico que é hoje.

Para divulgar e promover o embate entre C.R. Flamengo e Fluminense F.C., que ocorreu em 1933, pelo primeiro campeonato carioca organizado pela recém criada Liga Carioca[34], o jornalista Mário Filho, que dirigia na época as páginas de esportes do jornal *O Globo*, a convite de Roberto Marinho, amigo de sinuca de Mário Filho e que herdara o jornal, usou com destaque o termo "Fla-Flu". O termo em si não foi uma criação sua. Em 1925, quando se formou às pressas uma seleção carioca só com jogadores de Fluminense F.C. e C.R. Flamengo, os outros torcedores das outras equipes, como C.R. Vasco da Gama, Botafogo F.R., América F.C. e Bangu A.C., não aceitaram chamar aquele time de "seleção carioca", e chamaram-no de "escrete Fla-Flu".

Mário Filho, que era a favor da profissionalização do futebol, acreditando que os jogadores deveriam ser pagos para jogar, aproveitou o termo criado naquela época e o

---

[32] Em *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit.

[33] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp. 75-81.

[34] O jornal de Mário Filho também precisava de promoção na época.

transportou para a década seguinte com outro sentido.[35] Pegou. Estava criado o "Fla-Flu" por Mário Filho, que demonstrara já naquela época, quando o futebol acabara de se profissionalizar, a percepção de que se tratava de um extraordinário produto mercadológico, pois mexia com os mais profundos sentimentos do brasileiro fã de futebol, na época, uma multidão. Assim como outros clássicos, o Fla-Flu despertou uma enormidade de sentimentos ao longo das décadas nos aficionados torcedores cariocas e de outros estados.[36]

Essa postura de Mário Filho denota nele uma clara e pioneira preocupação com o jornalismo esportivo e seu desenvolvimento. Ele sabia que a profissionalização do futebol beneficiaria o jornalismo esportivo, pois aumentaria o público interessado e assim os jornais passariam a ser mais procurados, aumentando a vendagem.[37]

Outra atitude interessante e inovadora de Mário Filho foi tratar os times de futebol pelo nome com o qual eram identificados pela torcida nas ruas. Ao invés de utilizar "Club de Regatas Flamengo" ou "Fluminense Football Club" ou "Bangu Athletic Club", Mário Filho passou a chamá-los como os torcedores os chamavam, simplesmente "Flamengo", "Fluminense", "Bangu". Retirou os resquícios da influência inglesa na nomenclatura dos times do Rio de Janeiro e no linguajar do futebol. Simplificou tudo.[38] Com o tempo, tanto a imprensa como a pessoa comum, aportuguesaram os termos utilizados ao se referir ao futebol. "Football" passou a ser "futebol", "athletic" passou a ser "atlético", "club" passou a ser "clube" e assim por diante. O "aprazível 'field' da Rua Álvaro Chaves" passou a ser apenas o "Campo do Fluminense". A tão peculiar linguagem do futebol, característica marcante do futebol contemporâneo, começava a se construir e a se firmar.

Mário Filho, a exemplo de José Lins do Rego também se utilizou da rivalidade entre paulistas e cariocas para promover os embates entre os times dos dois estados. Foi dele a iniciativa de se recriar o Torneio Rio-São Paulo, em 1950[39]. Esse certame reuniu os principais times dos dois estados, acirrando ainda mais a disputa. Como São Paulo e Rio de Janeiro possuíam na época os melhores times do país, o certame foi, até meados dos anos 60, quando surgiram outras potências em outros estados, basicamente o primeiro campeonato brasileiro, cujo campeão podia ostentar o título simbólico de "campeão brasileiro".

---

[35] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp 106-107.

[36] Toda essa paixão que representa o clássico Fla-Flu fica bastante clara na obra: FILHO, Mário; e RODRIGUES, Nelson; organizada por FILHO, Oscar Maron e FERREIRA, Renato. *Fla-Flu... E as multidões despertaram*. Editora Europa, Rio de Janeiro, RJ, 1985.

[37] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Op. Cit., pp 106-107.

[38] CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1992, pp. 114.

[39] Recriou pois, em 1933, já havia ocorrido uma edição dessa competição, que em função de divergências políticas entre as entidades dirigentes do futebol paulista e carioca não prosseguiu, ressurgindo em 1950. Outro motivo que culminou com a não continuação do certame foi o descontentamento dos grandes times paulistas e cariocas por enfrentarem equipes tão fracas, como o Bonsucesso F.C. (RJ), A.A. São Bento (SP) e C.A. Ypiranga (SP), que não despertavam interesse nenhum nos torcedores. Em 1933, o Palestra Itália (atual S.E. Palmeiras) foi o campeão do certame que reuniu 12 times, sete de São Paulo e cinco do Rio de Janeiro.

O mesmo processo parece ter ocorrido com outros clássicos, como S.C. Corinthians P. X S.E. Palmeiras ou A.A. Ponte Preta X Guarani F.C.. Eles parecem se firmar e se perpetuar através de uma inevitável e fundamental interação com a imprensa, e que ocorre após os anos em que o futebol se profissionaliza, o que abordaremos mais adiante e que fora percebida por Mário Filho já naquela época, quando o futebol deixa de ser amador, para ser profissional.

Nelson Rodrigues dizia não possuir a cultura e a capacidade de análise do irmão mais velho, mas também se destacou ao escrever crônicas. Tinha pelo irmão uma profunda admiração.

"Era compreensível que Nelson Rodrigues olhasse para Mário Filho com reverência que, no passado, se devia aos maiores e melhores. Tudo que Mário Filho fazia se traduzia em gigantismo: eram as grandes promoções do seu jornal, os livros que todo mundo admirava, as multidões de jovens nos "Jogos da primavera" e, agora, a pirâmide de concreto no Maracanã... Mário Filho era o grande homem que Nelson queria ser." [40]

Nelson Rodrigues era bastante nacionalista, e via no futebol um símbolo para a nação. Sua paixão o "cegava" muitas vezes, como ele mesmo reconhecia, o que o fazia produzir crônicas que iam muito além da linguagem factual e objetiva. A liberdade que a poesia e a literatura lhe concediam o levou, em muitos momentos, a escrever exageros. E até nisso, como em suas peças para o teatro, Nelson Rodrigues era ambíguo. Ele fez dessa ambigüidade um instrumento de atuação e interação com o futebol. Era uma opção dele, o que conferia a Nelson Rodrigues uma maneira bastante peculiar e própria de se referir ou comentar futebol.

Para ele, o jornalista ou cronista precisava ver tudo, analisar tudo, para que pudesse transmitir ao torcedor, com a maior fidelidade possível, o que fora uma partida de futebol. Para ele então, tudo que se relacionasse a um jogo de futebol, incluindo os sentimentos e as emoções, eram relevantes e deveriam ser considerados sempre. Era um "cronista torcedor", o que lhe permitia, muitas vezes, se aproximar mais do torcedor, mais do que uma crônica com excelente análise técnica e tática de uma partida de futebol, mas carente do sentimento que inevitavelmente envolve um embate. Sua grande paixão e alvo de crônicas era o Fla-Flu.

"Daqui a duzentos anos, a cidade dirá, mordida de nostalgia – 'Aquele Fla-Flu'. Ah, quem não esteve ontem no Estádio Mário Filho, não viveu". [41]

A obra "Fla-Flu... e as multidões despertaram!", organizada por Oscar Maron Filho e Renato Ferreira, publicada em 1985, traz as crônicas do flamenguista Mário Filho e do tricolor Nelson Rodrigues, além de alguns outros poucos autores, e narram a história do clássico. Os textos vão construindo a história do embate e demonstrando nas entrelinhas do jogo, a imensa paixão que cerca a peleja. É um retrato preciso do imaginário do futebol na cultura carioca e nacional.

---

[40] CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico, A vida de Nelson Rodrigues.* Op. Cit., pp. 227.

[41] Nelson Rodrigues, Apud. FILHO, Mário e RODRIGUES, Nelson; organizado por FILHO, Oscar Maron e FERREIRA, Renato. *Fla-Flu... E as multidões despertaram.* Rio de Janeiro, 1985, pp. 189.

Hoje existem cronistas (ou colunistas, já que há uma certa confusão em relação ao espaço no jornal e ao tipo de texto na imprensa) de grande projeção nacional. Os jornalistas Flávio Prado, Armando Nogueira e José Trajano, o jornalista e sociólogo Juca Kfouri e os ex-jogadores Tostão, Sócrates, Falcão e Casagrande[42], são exemplos dos melhores cronistas de hoje. Mas as crônicas podem, de certa forma hoje, se confundir com os "comentários especializados", realizados ao vivo nas rádios e nas televisões. Os "comentaristas" seriam os cronistas dessa era televisiva, embora é claro, as crônicas, na imprensa escrita, continuem existindo no modelo dos anos 50 e 60. Na televisão, os "comentários" também não conseguem ter espaço para uma abordagem ou dissertação mais profundas, precisas e ricas de informações sobre um tema específico, devido ao tempo televisivo mais restrito.

Esse período áureo das crônicas esportivas se deu paralelamente ao período chamado de "Era Romântica" do futebol. Nos anos 60, o futebol brasileiro encanta o mundo e conquista o status de melhor futebol do planeta. Esse momento gerou um material bastante vasto para cronistas da época escreverem sobre futebol. Mário Filhó e Armando Nogueira são exemplos e escreveram obras narrando grandes feitos e momentos especiais da história dos clubes e principalmente da seleção, que nessa época se transformou numa espécie de "xodó" do povo brasileiro, que assim a vê até hoje.

Como exemplos dessas obras, pode-se citar "Copa do Mundo, 62" de Mário Filho, em que o jornalista narra sua aventura de cobrir a Copa do Chile em 1962, ao mesmo tempo em que narra a vitoriosa campanha brasileira nessa competição. Armando Nogueira em obras como "Na Grande Área" de 1966 e "Bola na Rede" de 1973, mistura experiências pessoais vividas dentro da cobertura do futebol com histórias que realizam tanto uma exaltação como também uma crítica de aspectos relevantes do nosso futebol.

É também na década de 60 que o futebol e a sua cobertura jornalística sofrem importantes transformações. É no final dessa década que o futebol alcança definitivamente um papel relevante como poderoso produto mercadológico a ser explorado. E isso se deve fundamentalmente ao surgimento da televisão e à transmissão dos primeiros jogos ao vivo. A primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo e a cores foi a do México em 1970. Foi a partir daí que os clubes passaram a fazer as primeiras incursões como empresas. Começava a dar os primeiros passos o "futebol empresa", que apesar de ainda não totalmente "instalado" já aponta para a tendência que muitos clubes hoje apresentam, a de se tornarem empresas, sendo essa uma forma de superar crises financeiras e de se manter no futebol contemporâneo. Esse processo de modernização assume no Brasil algumas características particulares [43], e parece gerar definitivamente a separação do futebol profissional do futebol amador. Muitos dirigentes encontram no futebol maneiras de se enriquecerem à custa dos clubes ou de se projetar visando um cargo político posteriormente. Eurico Miranda, dirigente do C.R. Vasco Da Gama, é um exemplo. [44]

---

[42] Tostão e Sócrates também são médicos. E Sócrates chegou à secretaria de esportes de Ribeirão Preto.

[43] PRONI, Marcelo Weishaupt. *A Metamorfose do Futebol*. Publicação do Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, SP, 2001, pp. 46-53.

[44] "Parece" pois o nosso futebol tem ainda muitos aspectos amadores, como por exemplo a apropriação de clubes e patrimônios por parte de dirigentes, que mantém uma relação paternalista com o clube e com o time, que geralmente é bastante prejudicial. Alguns dirigentes se acham no direito de decidir sozinhos os rumos do futebol estadual e nacional. Ou campeonatos e regras são alterados por caprichos ou interesses

Essa metamorfose do futebol nacional não se mostrou benéfica até agora. Desde os anos 70, muitos críticos começaram a apontar problemas no futebol brasileiro. Muitos desses problemas ainda persistem. Não cabe aqui essa discussão, mas pode-se enumerar um problema muito sério no futebol brasileiro como exemplo maior. Diz respeito à formulação de um calendário organizado, com a realização de campeonatos profissionais e com datas estabelecidas com bastante antecedência, o que permitiria inclusive uma melhor organização e exploração mercadológica do futebol. Daí a imprensa realizar uma campanha por essa organização, cuja palavra de ordem é "moralização do futebol". Também a elaboração de regras simples e permanentes, como certames de pontos corridos, em que todos os times joguem contra todos em jogos de ida e volta e o primeiro na soma de pontos sagra-se campeão. Ou no máximo certames que tenham uma fase com jogos de ida e volta e uma final, já que o brasileiro se acostumou com as "decisões" ou "finais".

Com um calendário organizado, que vale lembrar deveria também e fundamentalmente ser "sincronizado" com os calendários sul-americanos e europeus, os clubes jogariam menos partidas e poderiam organizar suas finanças e cronogramas, os torcedores iriam mais aos estádios, pois além de menos jogos, o que é compatível com os baixos salários da maioria dos trabalhadores brasileiros, os mesmos entenderiam melhor a competição, poderiam comprar com antecedência os ingressos, e principalmente nossa seleção nacional não seria tão prejudicada como ocorre hoje. A seleção joga em meio a rodadas de certames nacionais, o que não ocorre na Europa, onde existem épocas específicas para todas as seleções jogarem, não coincidindo o cronograma dos clubes com o das seleções. A Seleção Brasileira está sempre desfalcada em amistosos e mesmo em competições, o que nunca ou raramente ocorre com os europeus. Assim, a modernização do futebol, com os clubes tornando-se empresas, pode ser benéfica, mas a estrutura arcaica dessa "paixão nacional" precisa ser repensada e alterada. E a imprensa, seja escrita, televisiva ou radiofônica apóia integralmente tais mudanças, pois elas tornariam o futebol um evento ainda mais promissor no que diz respeito ao lucro, como ocorre na Europa.

Voltando a bibliografia, nos anos 70 é que começam a aparecer as primeiras obras de caráter científico sobre o futebol, produzido nas universidades. Desenvolve-se a sociologia do futebol. Como se vivia um período de muita discussão ideológica, em

---

pessoais, ou ainda as intermináveis "viradas de mesa" em campeonatos impedindo clubes de serem rebaixados ou pior, usurpando títulos de clubes que não tem força política junto às ligas, federações ou CBF, Confederação Brasileira de Futebol. Um exemplo vergonhoso dessas manobras ocorreu no ano de 2000 na decisão do certame nacional, chamado naquele ano de Copa João Havelange. C.R. Vasco da Gama (RJ) e A.D. São Caetano (SP) decidiam o título. A partida, no dia 27 de dezembro, estava empatada (0 a 0) quando ocorreu uma tragédia no mal cuidado Estádio de São Januário no Rio de Janeiro e precisou ser interrompida - uma grade de proteção caiu, gerou pânico e muitas pessoas, na correria, foram pisoteadas e se feriram (168 pessoas). O dirigente vascaíno Eurico Miranda quis continuar com a partida, inclusive tentando expulsar do campo os torcedores feridos que ali se refugiavam. A partida só foi interrompida (aos 23 minutos da etapa inicial) graças à intervenção do governador do estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Se o regulamento fosse respeitado, o A.D. São Caetano deveria ter sido declarado o campeão, pois a responsabilidade da precariedade do estádio era do C.R. Vasco da Gama, que perderia assim os pontos, como previa o regulamento. Não foi. Realizou-se em janeiro de 2001 outra partida em que um C.R. Vasco da Gama completo enfrentou um A.D. São Caetano desfalcado, pois os contratos de alguns jogadores terminaram. O C.R. Vasco da Gama venceu por 3 a 1 e sagrou-se campeão...

função do regime militar, resgatou-se, em relação ao futebol, a idéia de "ópio do povo" do início do século. Os sociólogos encararam o futebol como um instrumento de alienação utilizado pelo governo militar, pois, sem dúvida, o regime militar, principalmente no final dos anos 60 e início dos anos 70, se cercou de uma poderosa máquina de repressão e propaganda. Paixões ou aspectos significativos da cultura brasileira eram explorados no sentido de se criar uma imagem favorável de um governo repressor e antidemocrático.

A imagem do futebol foi usada para criar nas pessoas uma percepção de que o Brasil vivia um momento de grande crescimento, de grande desenvolvimento econômico. O Brasil vencia, o país se desenvolvia, como se existisse alguma relação inerente. "Noventa milhões em ação / Pra frente Brasil / Salve a Seleção", ecoava a canção da Copa para toda a nação. O então presidente Médici chegou a dizer que o Brasil venceria a final contra a Itália em 1970 por 4 a 1. E de fato o Brasil derrotou os italianos por esse placar. Esse "acerto" ou "chute", por mais insignificante que pareça, foi utilizado como marketing pelo governo militar.

São vários os meios que propagam uma ideologia ou constroem alguns dos pilares do imaginário de nossa sociedade sobre o Brasil e o "ser brasileiro". E muitos desses meios, como a imprensa, a escola, a religião e o futebol, por exemplo, realizam com grande eficiência essa construção de nossa identidade. A Seleção Brasileira é uma relevante fonte para observarmos essa construção. O pesquisador Edison Luis Gastaldo, da Unicamp, realizou um estudo durante a última Copa do Mundo, disputada em 1998, na França.[45] Nesse estudo antropológico, o autor procurou identificar a construção no imaginário social do "ser brasileiro", a partir dos anúncios publicitários veiculados na mídia, em jornais, revistas e televisão.

Gastaldo levantou, entre outras informações, que esses anúncios difundiam uma idéia de que o brasileiro é um sujeito "bacana, esperto, especial e bom de bola", pois gosta de cerveja, mulher, divertimento e principalmente futebol. "Ser brasileiro" é também fazer parte de uma enorme família formada por inúmeras culturas e etnias, o que faz de nós pessoas especiais dentro do contexto mundial. São representações da nossa religiosidade, nossa nacionalidade, da nossa infância, da nossa tolerância como seres sociais e do poder econômico da nação, onde fica implícito que vivemos, de certa forma, num país de oportunidades e que funciona através de uma suposta democracia social e racial. São representações que sustentam o imaginário de nossa sociedade. No futebol, difunde-se a imagem do brasileiro como um personagem especial, vigoroso, forte, habilidoso e esperto, genial, que se destaca no mundo através do universo do futebol.[46]

"Aí está - No Velho mundo os sujeitos se parecem com soldadinhos de chumbo. A dessemelhança que possa existir de um tcheco para um suíço, é do feitio do terno ou do

---

[45] GASTALDO, Edison Luis. *A Nação e o Anúncio: A Representação do "Brasileiro" na Publicidade da Copa do Mundo*. Tese de doutorado, Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, SP, 2000.

[46] Não que o brasileiro não possa ser tudo isso. Ele de fato, muitas vezes é, principalmente no futebol, embora seja pertinente lembrar, que esse grupo "genial e bem sucedido" corresponde a uma minoria no contexto do nosso futebol. Mas essa construção é realizada de maneira a encobrir a real e precisa caracterização do que é "ser brasileiro", principalmente no que se refere às diferenças de classe, do racismo e outros preconceitos que permeiam as atitudes e costumes do brasileiro.

nariz, mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana!" [47]

Esse mito de um povo brasileiro formado a partir de três raças, incorporando no brasileiro de hoje as supostas qualidades que cada uma oferece, foi intensamente usada durante a nova república, como propaganda de um novo Brasil, e sobrevive com significativa relevância ainda hoje. É o que detecta Gastaldo, ao observar que as propagandas durante a Copa do Mundo da França em 1998 eram formadas por elementos retóricos que funcionavam como catalisadores para uma afirmação da nacionalidade baseada numa democracia racial. Porém a interação entre "as três raças" bem como a constituição de uma nação democrática e sem preconceitos está longe da realidade. Vivemos num país de maioria mestiça, mas o Brasil é um país de gritantes contrastes sociais, de grande e evidente exclusão de grupos sociais, seja pela etnia, pelo poder aquisitivo, pela religião ou outro diferenciador. A sociedade brasileira se construiu sobre pilares patriarcais e de claras separações entre os grupos que compõem a nossa sociedade.[48]

E essas "separações" são reforçadas pelo imaginário social, pela cultura, que produz e difunde padrões de comportamento. Esses padrões são assimilados e passados de uma geração para outra, estabelecendo-se como coisas "normais" e "cotidianas".[49] Eles contribuem de maneira fundamental para a manutenção dessas separações sociais que caracterizam a sociedade brasileira.

No estudo de Gastaldo fica clara a fundamental participação da mídia na construção da "cultura do futebol" e de uma identidade nacional através dela, construindo imagens e estereótipos propagados pelos variados veículos de comunicação. Essa difusão é intensificada com o advento da televisão e da possibilidade de tornar mais poderosa a influência do discurso publicitário, que é fundamentalmente um discurso onírico, que lida ou é recheada de elementos simbólicos e mágicos, que relaciona o futebol ao "brasileiro". Os discursos publicitários presentes na mídia são criadores de mitos contemporâneos do nosso futebol.[50] Mesmo a cobertura jornalística do futebol pela mídia é também uma mantenedora de mitos, realizando uma constante manutenção e reciclagem desses mitos.

Os sociólogos do período de ditadura militar também identificavam outras manifestações culturais que foram exploradas pelo regime militar para a manutenção de sua imagem. Como por exemplo o movimento musical "Jovem Guarda", liderada entre outros por Roberto Carlos, que para muitos na época chegou a ser chamado de

---

[47] Nelson Rodrigues. Apud. GASTALDO, Edison Luis. *A Nação e o Anúncio: A Representação do "Brasileiro" na Publicidade da Copa do Mundo*. Op. Cit., pp. 9.

[48] A construção de nossa sociedade a partir das relações entre os protagonistas do período colonial, que deram formas para a atual sociedade brasileira, é demonstrada por Gilberto Freyre, nas obras "Casa-Grande & Senzala" e "Sobrados e Mucambos", publicados em 1933 e 1936, respectivamente.

[49] Para esse debate podemos citar como exemplo a tão comum expressão "você sabe com quem está falando?", que denota essa separação e diferenciação de um brasileiro para outro em nossa sociedade. A expressão virou um clichê, um padrão de nossa linguagem. Esse tema é discutido na obra: DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 1997, pp. 187-248.

[50] GASTALDO, Edison Luis. *A Nação e o Anúncio: A Representação do "Brasileiro" na Publicidade da Copa do Mundo*. Op. Cit., pp. 113-116.

movimento conivente com o regime militar. Canções como "Eu te amo meu Brasil" dos Incríveis foram amplamente utilizadas para o marketing do governo. Ser explorado para um determinado fim não significa necessariamente ter sido "criado" com esse objetivo. A proposta da "Jovem Guarda" era aquela, canções suaves que falassem do amor entre os jovens. A proposta não era a de ser crítica. Assim foi o movimento. Da mesma forma, o futebol não era exatamente o melhor espaço para contestação social, mas era facilmente explorável para o marketing político do grupo hegemônico.

Muitas manifestações culturais, que servem de espaço para a expressão e contestação das camadas populares, e em muitos casos, com caráter de resistência em relação à ideologia dominante, podem ser "assimilados", com o objetivo de serem controlados pelas elites e suas instâncias governamentais. Como exemplo pode-se citar a capoeira e o candomblé, "assimilados" ao longo do século XX. Mas essa "assimilação" não é completa ou total. Pois dentro dessas manifestações culturais, são passados de geração para geração conhecimentos e ideologia referentes ao grupo "assimilado". Assim, as tradições, costumes, a consciência crítica e coletiva são preservadas. É uma resistência inteligente ante o controle da ideologia dominante. O modo de pensar desses grupos é preservado, juntamente com um espaço para atuação, em meio a um espaço controlado por uma ideologia dominante. [51]

Outras manifestações, de origem elitista, como é o caso do futebol, são apropriadas pelas camadas populares, e o espaço pode também ser usado para contestação e organização popular. Assim, para a manutenção do controle das classes dominantes, é preciso trazer de volta o futebol a um estado em que possa ser "assimilado". Essa assimilação, no caso do futebol, talvez tenha se dado através, por exemplo, do processo de "federalização", em que se organiza o controle do esporte. Com essa organização, o torcedor ficou mais "longe" do seu time do coração, e sua participação, antes mais próxima e direta, passou a ser mais limitada e distante.

Embora esse processo de "assimilação" possa ser mais claro em manifestações como a capoeira e o candomblé, também o observamos no futebol. Mas nesse caso, a assimilação se concretizou também em função da necessidade do próprio esporte de se organizar, e assim evoluir com competições disputadas entre os times existentes. A organização dos times e das ligas e federações possibilitou assimilar o futebol, excluindo daí a participação direta das pessoas com o jogo, que passaram então a assistir as partidas e a torcer pelo seu time preferido. E o que restou, num primeiro momento, foi o futebol de várzea, que com o tempo foi perdendo seu espaço. Então a organização do futebol foi mais uma conseqüência natural da evolução do próprio esporte, do que uma decisão e ação consciente tomada pelos governos, ou representantes da classe dominante. Mas a utilização do futebol como meio de manipular as massas caminhou paralelamente a essa evolução.

Assim, o futebol, como um exemplo de que o esporte pode sofrer manipulação para controlar as massas, passou a ser um tema freqüente, objeto de estudo recente no Brasil, mas não no exterior, onde existem muitos estudos nesse campo. Um exemplo é "La

---

[51] VON SIMSON, Olga R.M.; e GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de . *Criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente, A*, trabalho apresentado no GT "Sociologia da Cultura Brasileira", 1988.

Política Del Fútbol", ensaio de Duncan Shaw[52] que enfoca a utilização do futebol como instrumento político do governo fascista do General Franco na Espanha, dos anos 30 aos anos 60 do século passado.[53]

Países como Espanha, Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica e Holanda, já produziram obras com essa abordagem, além de obras que procuram analisar e entender a paixão pelo futebol expressa por multidões. Dessas últimas, um exemplo é "A Tribo do Futebol", onde o autor, Desmond Morris, zoólogo e artista plástico, realiza um estúdo enfocando o comportamento humano perante o futebol, não só de torcedores, mas também de jogadores e outras pessoas envolvidas diretamente com o jogo. É um trabalho de caráter antropológico que explora fundamentalmente o universo lúdico do futebol.[54] Não é toa que o futebol, assim como no Brasil, é uma grande paixão nesses países citados.

Ainda na passagem dos anos 60 para os anos 70, outras obras partiram para uma abordagem diferente, na qual o futebol passa a ser encarado como uma ferramenta de aglutinação da cultura e do povo brasileiros. É tido como um fenômeno brasileiro, que gera uma noção de solidariedade, cujas interpretações superficiais ou periféricas pareçem contribuir para atenuar as diferenças internas no contexto social brasileiro. O futebol, assim, não é apenas essa ferramenta e não se resume apenas a um instrumento das elites ou governos para manipulação e controle das massas[55], mas tem papéis e funções sócio-culturais muito mais amplos.

Em 1969, foi publicada a obra "A hora e a vez de João Saldanha", de Pedro Zamora, pela Livraria Editora Gol. O livro mostrava uma tendência para a década seguinte e mesmo para a década de 80: obras que abordassem a política e organização do futebol, assim como obras sobre personagens importantes nesse aspecto. É o caso de João Saldanha, cronista esportivo que ganhou fama após resolver ser técnico de futebol[56] e

---

[52] Publicado em 1986 na Revista de Occidente, número 56, Madri: Madrid Comercial Atheneum, pp. 104-114, ensaio citado in ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920.* Dissertação de Mestrado do IEL, Unicamp, Campinas, 1996, pp. 20-24.

[53] Em 1936, a Frente Popular vence as eleições na Espanha, porém ocorre um levante militar de direita contra a República e a Frente Popular. O líder do levante é o general fascista Francisco Franco, que venceria, em 1939, a Guerra Civil que se estabelecera e que matara cerca de 300 mil pessoas. O governo de Franco duraria até a década de 70. Os regimes fascistas sempre se utilizaram do futebol como instrumento de propaganda de seus respectivos governos. Além de Franco, o mesmo ocorreu por exemplo na Itália de Benito Mussolini, de 1922 a 1945, e no Brasil de Getúlio Vargas, principalmente durante o Estado Novo, de 1937 a 1945.

[54] Nesse universo é importante destacar uma característica fundamental do futebol, que aparece na obra de Desmond Morris e em muitas outras também, que é a imprevisibilidade do futebol. Dentre os esportes coletivos, o futebol é o único que não raramente oferece jogos e resultados imprevisíveis, surpreendentes, comumente chamadas de "zebras". Não que elas não ocorram nos outros esportes coletivos. Ocorrem, mas são muito mais raros. E esse é certamente um dos ingredientes que tornam o futebol tão apaixonante...

[55] ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920.* Op. Cit., pp. 26.

[56] Nesse aspecto se destacou, pois em dois anos comandando o Botafogo F.R. (RJ), levou o alvinegro a um título carioca. Posteriormente, apesar de estar em alta, resolveu sair e disse que só voltaria a ser técnico se fosse para comandar a Seleção Brasileira. Foi chamado em 1969 para assumir o escrete nacional. Largou tudo. Montou a base do time que se sagraria tricampeão no México - chamados de as "Feras de Saldanha". Mas antes da Copa do Mundo de 1970 no México saiu. Nunca se soube completamente os motivos que

principalmente por escrever severas críticas aos cartolas do futebol carioca e ao governo brasileiro, em pleno período de ditadura.

Em outra obra, "Futebol Empresa - A Nova Dimensão para o Futebol Brasileiro" de Roberto C.V. Mack, de 1980, aborda-se a grande transformação engendrada no futebol pelas novas tecnologias e a transformação do jogo em um espetáculo que gera muito dinheiro. Roberto C.V. Mack tem formação na área de engenharia de telecomunicações e na área de contabilidade, o que explica a abordagem realizada. O autor discute desde administração e organização de clubes e federações no futebol brasileiro até questões trabalhistas no futebol. Ele dedica um capítulo inteiro para a imprensa, mas realiza uma constatação: a introdução das telecomunicações no futebol. O autor aborda a imprensa escrita de maneira mais distante, focalizando seu texto na imprensa em geral e nas novas tecnologias.

Nos anos 80 e 90, cresceu o número de obras acadêmicas. O futebol passou a ser abordado agora sob vários aspectos, como por exemplo, a questão dos gêneros. Começou-se a falar mais abertamente sobre homossexualismo no futebol e também sobre as conseqüências da prática e interação das mulheres nesse esporte, o que para um país de tradição machista como o Brasil, era algo atrevido e novo. Uma obra que ilustra essas novas abordagens é "A 'Nação em Chuteiras': Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro", de Marcos Alves de Souza do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, publicado em 1996.

Com as comemorações do centenário do futebol brasileiro em 1994, obras de caráter histórico e sociológico, com o intuito de reconstruir recortes históricos do futebol brasileiro foram produzidas. Um exemplo é "Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 -1938", de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, publicado em 2000. A obra explora os primeiros momentos do futebol carioca, detectando nesse percurso particularidades e as relações sociais e culturais do Rio de Janeiro nos primeiros trinta anos do século XX.

Em "O Pontapé Inicial - Memória do Futebol Brasileiro (1894 -1933)", publicado em 1990, o autor, o sociólogo Waldenyr Caldas, nos traz a trajetória do futebol desde os seus primórdios até o início do profissionalismo no futebol brasileiro. Nesse período é possível percorrer as transformações sofridas pelo futebol no Brasil, desde a imagem do jogo e do jogador para a sociedade brasileira até a organização do futebol com a criação das primeiras ligas e a consagração de clubes e campeonatos.

Em outra obra recente, publicada em 2000, "A Metamorfose do Futebol", o autor, Marcelo Weishaupt Proni, enfoca com o olhar de um economista a transformação do futebol, antes uma modalidade esportiva arcaica e desorganizada, para uma modalidade com gestão empresarial, transformando-se num excelente produto mercadológico, através do qual se estabelecem acirradas disputas econômicas e embrenhadas relações políticas internas.

Apesar de haver essa grande quantidade de obras que realizam um estudo social e sociológico do futebol, existem poucas obras que focalizem um estudo sobre a relação ou interação entre o futebol e a mídia, especificamente. A relação existe pelo simples motivo de interagirem e ambos assumirem funções de fonte de notícias e divulgador de notícias. É

---

tiraram dele o comando da Seleção. Talvez tenha sido por sua "língua afiada e crítica". Zagalo assumiu e trouxe a Copa Jules Rimet em definitivo para o Brasil.

claro que nas outras obras, mesmo que os autores não tratem diretamente da imprensa, se remetem a ela em muitos momentos, seja como apoio em argumentações, seja com exemplos que ilustram momentos específicos do futebol.

Assim, apesar de existir alguns obras que abordem o assunto, o que se percebe é que embora não haja muitos estudos específicos sobre essa relação, imprensa e futebol, ela se dá e é abordada de maneira indireta em muitos trabalhos sobre o futebol e sua cultura. Principalmente em relação aos bastidores do futebol encontramos o jornalismo esportivo diluído nas várias abordagens possíveis sobre o futebol.

Nas obras "O Anjo Pornográfico - A Vida de Nelson Rodrigues" e "Garrincha, a Estrela Solitária", ambas de Ruy Castro, o autor ao se remeter aos mitos do universo do futebol, se apropria de aspectos da relação entre futebol e imprensa. O mesmo ocorre em "O Futebol em Nelson Rodrigues", de José Carlos Marques, e "Fla-Flu... e as Multidões despertaram!", uma coletânea com os textos de Mário Filho e Nelson Rodrigues, organizados por Oscar Maron Filho e Renato Ferreira.

Na obra sobre Garrincha, por exemplo, Ruy Castro vai buscar na atividade jornalística da época nuanças sobre mitos e folclore do futebol, para contextualizar o mito particular de Garrincha, o "anjo das pernas tortas".

*"Araty, aos trinta anos em 1952, era um jogador duro. Entre suas obras completas, contam-se entradas arrasadoras contra o grande Jair Rosa Pinto (e não **da** Rosa Pinto), quando ambos jogavam no Madureira nos anos 40. Reza o folclore que, num treino, o reserva Araty vinha entrando com tal violência em Jair que este, temendo por suas canelas de cristal, tomara a bola nas mãos e a entregara a ele: 'Toma. É tua. Leva para casa'. Anos depois, já pelo Botafogo, Araty firmou uma tal reputação de violento que, quando um jogador saía de maca depois de cruzar suas tíbias com as dele, o cronista Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto) dizia que o infeliz fora vítima de um 'araticídio'."* [57]

Em relação ao próprio apelido "Garrincha", Ruy Castro vai buscar na imprensa a formação e consolidação do apelido. Diz o autor que depois de muitos veículos, como o jornal *Diário da Noite*, a emissora de rádio *Continental*, a revista *O Cruzeiro*, etc, publicarem e chamarem seu apelido de diversas maneiras ("Gualicho", "Garribo", "Guarrico", "Carricho", "Garricho", "Garricha", "Garrinha", "Garrincho" e "Garrincha"), foi o jornal *O Globo*, que também publicou o apelido de diversas formas, que encerrou o assunto, através do jornalista Geraldo Romualdo da Silva, publicando uma manchete em seis colunas: "Meu nome é Manuel e meu apelido é Garrincha".[58] O apelido de um dos maiores jogadores da história do futebol mundial foi "resolvido" pela imprensa.

Ruy Castro utilizou inúmeras vezes a imprensa como amparo para justificar ou ilustrar o mito de Garrincha, as "coisas" de Mané Garrincha, o grande jogador que fora e também sua decadência. Sobre sua decadência, por exemplo, o autor buscou numa matéria de 1971 da revista *Manchete* ilustrar a então situação de Garrincha:

---

[57] CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha*. Companhia das Letras. São Paulo, 1995, pp. 51.

[58] CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha*. Op. Cit., pp. 59-64.

"Claudio Mello e Souza, correspondente de Manchete em Lisboa, também estava em Madrid (a exemplo de Garrincha e Elza Soares) *aqueles dias. Saiu à noite com Garrincha e Elza e foram a um tablado flamenco chamado Las Brujas. Em sua matéria para Manchete, Cláudio descreveu-o como saudável, com cinco quilos a mais, mas seguro e confiante, bebendo 'poucos líquidos'. A bela foto que tirou do casal e que ilustrou sua reportagem, ambos sorrindo muito, não o deixava mentir. Muitos anos depois, Claudio admitira a verdade. Eram sorrisos de quem estava dizendo giz."* [59]

Em "O Anjo Pornográfico - A Vida de Nelson Rodrigues", Ruy Castro se utiliza também muitas vezes da imprensa para ilustrar e argumentar. Inevitável, já que Nelson Rodrigues fora um cronista. E embora seja uma biografia de Nelson Rodrigues, é possível perceber na obra, como parte inerente de seu conteúdo, a intensa relação da imprensa com o futebol, mesmo não sendo esse o objetivo da obra de Castro. O mesmo ocorre em "O Futebol em Nelson Rodrigues", de José Carlos Marques. Nessa obra, também a imprensa e o futebol são colocados lado a lado e se faz presente sua interação. O autor procura também fazer uma análise da linguagem de Nelson Rodrigues quando este abordou o futebol em sua vida.

Não seria exagero dizer que essas obras sobre Nelson Rodrigues também servem como um recorte da história da imprensa no Rio de Janeiro e Brasil. Ou um recorte da história da dramaturgia nacional, no caso da obra de Ruy Castro, que muito enfoca este aspecto da vida de Nelson Rodrigues.

Mas a obra que mais se aprofunda nessa relação entre imprensa e futebol e no universo de mitos criados a partir dessa relação é "Fla-Flu... e as Multidões Despertaram", que reúne algumas crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues, retratando um dos maiores clássicos do nosso futebol, o embate entre C.R. Flamengo X Fluminense F.C.. Na introdução dessa obra fica claro o objetivo de retratar o clássico a partir da imprensa, a partir dos textos dos cronistas citados. A obra consegue não só contar a história do embate e também do futebol carioca, como também consegue abordar o mito e a cultura, o universo onírico, que preenche e compreende o futebol.

Todas elas se utilizam do que produziu a imprensa esportiva. O jornalismo é um objeto ou fonte para se buscar ilustrar e demonstrar alguma argumentação cujo objetivo não é exatamente a relação imprensa e futebol. Percebe-se que praticamente não existe nenhum estudo específico sobre essa relação, com uma abordagem mais profunda, histórica ou sociológica sobre futebol e mídia, ou que tenha nela o objetivo principal do estudo.

Muitos trabalhos se inseriram no universo da imprensa esportiva, mas enfocando principalmente a linguagem ou a crônica presente nessa atividade. É o exemplo de "Futebol, Fenômeno Linguístico (Análise linguística da imprensa esportiva)", de Maria do Carmo de Oliveira Fernandez.[60] Nessa obra, a autora realiza um estudo lingüístico dos textos da imprensa sobre futebol. Noutro, chamado "Sociologia da Linguagem ao Nível da Crônica Esportiva Contemporânea", dissertação de mestrado em Língua Portuguesa pela

[59] CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha*. Op. Cit., pp. 413.

[60] Documentário da PUC do Rio de Janeiro, RJ, em 1974. A obra foi citada pelo jornalista José Geraldo Couto do jornal diário *A Folha de S.Paulo*, em entrevista ao autor.

Universidade Federal Fluminense, a autora Lida Zandonadi realiza um estudo específico das crônicas, os tipos de textos e suas construções. Esse trabalho foi publicado em 1974.

E em obra recente, de 1996, o autor João Carlos Alfredo, realiza um estudo da presença do futebol na literatura nacional das décadas de 20 e 30 do último século. A obra, que também se distancia da imprensa e que foi sua dissertação de mestrado para o Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, se intitula "Futebol Futebóleres - Uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920".

São muitos os textos que enfocam a poesia e a estética da construção das crônicas sobre futebol. Autores como Nelson Rodrigues e Armando Nogueira tiveram seus textos analisados com essa abordagem em muitos livros.

Em "Com Brasileiro não há quem possa", tese de doutorado da socióloga Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, há um estudo sobre os cronistas esportivos da imprensa carioca nas décadas de 40, 50 e 60. A autora mostra através das crônicas de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues a relação existente entre o futebol e o imaginário de um povo. Como no futebol podemos encontrar uma difusão de uma ideologia que visa construir uma identidade brasileira positiva, de desenvolvimento e projeção mundiais, muitas vezes, havendo uma analogia direta entre as conquistas do futebol brasileiro e os supostos sucessos de um povo que está se modernizando. Para essa relação, a autora vai buscar nas crônicas desses autores as nuanças dessa ideologia em construção e profusão. A imprensa, portanto, é objeto fundamental para esse estudo.

Sobre a relação direta entre futebol e imprensa, existem obras que narram experiências pessoais de jornalistas com a prática do jornalismo esportivo. Um exemplo é "Futebol de Craques... e dos Cartolas Pernas de Pau", do jornalista esportivo José Dias, que completou 50 anos de atividade nessa área. Foi noticiarista, repórter de campo, coordenador de equipe, diretor e editor geral, trabalhando em muitas rádios entre os anos 40 e 70, como a *Mayrink Veiga*, *Continental*, *Tamoio/Tupi*, *Guanabara* e *Globo*, além de trabalhar também na imprensa escrita e na *TV Globo*. É um livro em que o autor faz um apanhado de experiências vividas ao longo dos anos de carreira. Através desses relatos, podemos nos inserir nesse universo do jornalismo esportivo, mas não há nenhuma intenção de se aprofundar na análise da atividade do jornalismo esportivo com o futebol. O livro pode ser entendido também como uma homenagem aos jornalistas esportivos de todo o país.

O historiador José Sebastião Witter, autor dos livros "O que é Futebol", da Editora Brasiliense (1990), e "Breve História do Futebol Brasileiro", da Editora FTD (1996), faz um estudo histórico e sobre a sociologia do futebol nessas obras. Ele enfatiza na obra de 1990 a importância que a imprensa tem na vida do jogador e do clube, sendo ela um poderoso instrumento transformador e mantenedor no universo do futebol. Em ambas as obras, Witter procura se utilizar de uma linguagem simples, voltada para leigos, já que é esse o objetivo delas.

Assim, foi nos anos 90 que se intensificou o número de obras e estudos de caráter acadêmico sobre futebol. Antes não existiam muitos, embora existissem muitas obras sobre futebol. Pode-se dizer então que há muito a ser explorado ainda nesse tema e em uma década muitos estudos foram feitos. E certamente, muitos estudos ainda vão tratar da relação imprensa e futebol. José Sebastião Witter escreveu em 1990:

"Embora se diga que há pouca literatura sobre futebol no Brasil, eu assim não o considero. Não há, certamente, muita obra acadêmica. As primeiras teses começam a aparecer. São muitos os autores que se ocuparam de nossa paixão e com ela trabalharam." [61]

A única obra que fala sobre o Dérbi Campineiro[62] e que também fala sobre imprensa é "Eternos Domingos Sem Derby", escrita em 1997 pelo jornalista e professor da Puccamp Luiz Roberto Saviani Rey. O livro é quase uma aula de Saviani, que trabalhou no *Correio Popular*, *Diário do Povo* e sucursal da *A Folha de S.Paulo*. Fui aluno dele e me lembro que em suas aulas, ele nos contava inúmeras experiências que tivera quando exercia a função de jornalista. E através dessas experiências, partíamos para um debate em sala de aula sobre a atividade jornalística. O livro é também uma reunião de experiências vividas pelo autor em relação ao futebol, dérbi e jornalismo. Muito dos relatos é ficcional, embora se baseie em fatos reais. Assim, também não há uma preocupação em realizar um estudo da relação entre imprensa e futebol, mas sim realizar um passeio pelo universo folclórico e onírico desse jogo, focalizando o dérbi e bastidores. É uma obra descompromissada.

Em relação ao trabalho de jornalista, Saviani nos contava sempre uma história, para ilustrar o quanto a vida de um jornalista pode ser repleta de peripécias, o que exemplifica o ambiente da obra citada acima. Ele nos contava que quando o jogador argentino Diego Armando Maradona estava em Campinas, descansando na casa do amigo pessoal Careca - ex-jogador do Guarani e do São Paulo F.C. (SP)-, com quem jogou no Napoli S.S.C. da Itália no final dos anos 80, toda a imprensa campineira e da capital queria falar com o astro. Mas Maradona estava irredutível, passando por mais um das várias crises emocionais, que muito marcaram sua carreira, ele não queria ver ou falar com ninguém. Numa avenida próxima ao centro de Campinas, Saviani num carro do jornal, para quem fora fazer uma matéria, estava voltando à redação quando viu Maradona em outro carro. Pediu para que ele parasse para uma entrevista rápida. Maradona se negou e tentou "fugir". Saviani entrou com o carro na frente do carro de Maradona, obrigando-o a parar. Irritadíssimo, Maradona chamou a polícia e Saviani teve muito o que explicar, mas conseguiu algumas palavras e sua notícia...[63]

Após observar os vários olhares sobre o futebol ao longo de quase um século de história, abordarei no capítulo seguinte o espaço em que nasceu e evoluiu o dérbi campineiro: a cidade Campinas.

---

[61] WITTER, José Sebastião. *O que é Futebol*. Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1990, pp. 67.

[62] Existe outra obra que fala sobre o "dérbi paulistano", chamada "Corinthians X Palmeiras: Uma História de Rivalidade" (Editora Mauad, 2001), mas o autor, Antonio Carlos Napoleão, conta a história do embate de maneira cronológica, apenas narrando a história e não realiza nenhuma análise, nem sequer cita a imprensa e nem usa o termo "dérbi".

[63] Confesso que sempre discordei desse "jornalismo"...

III - O ESPAÇO E O CONTEXTO: CAMPINAS E A MODERNIDADE

III - 1. Uma cidade grande no interior de São Paulo

Localizada aproximadamente a 22 graus, 54 minutos e 20 segundos de latitude Sul e 47 graus, 3 minutos e 39 segundos de longitude a Oeste da linha de Greenwich, Campinas faz parte do complexo geológico do Planalto Brasileiro. A cidade de Campinas é hoje um dos maiores centros industriais do país. Corresponde também a um importante pólo de ciência e tecnologia. Características que contrastam com todos os problemas de uma cidade grande, que hoje, com uma população de quase um milhão de habitantes, é a décima terceira maior cidade do país, superando muitas capitais estaduais, e a terceira cidade do estado de São Paulo, atrás de apenas de São Paulo e Guarulhos. Oitava região metropolitana do país, congrega 19 municípios, e corresponde ao terceiro maior pólo industrial do Brasil, atrás somente das grandes São Paulo e Rio de Janeiro. Essa metrópole, que é um ponto de efervescência cultural há dois séculos, também abriga algumas peculiaridades, como a de ser culturalmente uma típica cidade do interior, "caipira". E é também a cidade que abriga os dois maiores clubes de futebol do interior do Brasil: Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube...

III - 2. Origens

No final do século XVIII, a economia brasileira vivia a decadência da mineração, embora a busca por ouro ainda fosse uma importante atividade dos bandeirantes. O governo português e os colonos já começavam a se voltar para a agricultura. Para o governo português, havia três caminhos importantes na colônia na época, formando uma rede de comércio e defesa desde a Amazônia até o sul do Brasil. Eram eles o "caminho novo", ligando as regiões do Rio de Janeiro e de Minas Gerais; uma rota, recém inaugurada, ligando as regiões do Recôncavo Baiano e de Minas Gerais; e por fim, o chamado "Circuito Paulista", cujo "Caminho das Minas dos Goyases" ligava o litoral ao interior das regiões de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.[64] Era uma das ramificações desse percurso que passava pela região onde hoje está Campinas.

Antes de Campinas surgir como centro urbano, essa região já começara a ser povoada no século XVII. Por volta de 1610, Itu começou a receber população, passando a freguesia em 1663 e vila em 1664. Cinco anos depois, em 1615, foi a vez de Jundiaí ser povoada. Outras duas regiões que começaram a ser povoadas na época foram Mogi Guaçu e Mogi Mirim, que se tornaram freguesia em 1740 e 1759, respectivamente.[65] Campinas surgiu através da gradual ocupação da região, e também por um plano de

[64] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992.* Tese de doutoramento pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 1998, pp. 40-60.

[65] Ou: Mogi Mirim passa a ser freguesia em 1751, segundo CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de Ruptura: As transformações no centro de Campinas na década dos cinqüenta.* Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996, pp. 24.

ocupação da sesmaria engendrado pelo governo português. Esses dois fatores contribuíram para uma acelerada instalação do núcleo urbano campineiro.

Campinas surgiu como um local de pouso para desbravadores do interior brasileiro já no século XVII. Local de descanso numa rota terrestre aberta a mando do governo colonial para a região dos atuais estados do Mato Grosso, Minas Gerais e principalmente Goiás, a princípio visando o apresamento indígena e onde também se encontrariam minas de diamante e ouro. A travessia naquela época não era nada fácil e levavam-se dias. Mas a região onde hoje se encontra esta enorme cidade, apesar da fama de ser uma região repleta de índios e animais ferozes, oferecia aos viajantes de São Paulo, e também àqueles provindos via porto (de Parati), um excelente local, relativamente seguro, para repousar, antes de seguir a dura travessia.[66]

Os viajantes quando chegavam aqui encontravam três "campinhos" ou clareiras, boas para o repouso. Essa rota passou a ser chamada de "caminho dos goiases ou guaiases", ou simplesmente "caminho de Goiás", referindo a uma via de acesso à região de Goiás, então promissora em minérios, e onde, em 1682, o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera ("pai"), nome indígena que significa "Diabo Velho", encontrou pedras de ouro fazendo com que ela passasse a se chamar as "Minas de Guaiases".

Em 1722, ano que se acostumou datar a abertura dessa rota, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera ("filho"), abriu o caminho, por onde muitos mineradores passaram com destino à Vila Bela do Mato Grosso e Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, locais de extração de ouro. Foi nessa rota, que se estabeleceu o pouso das "Campinas Velhas", onde teria se localizado portanto a primeira ocupação da futura freguesia. A abertura da rota foi anunciada em 23 de dezembro de 1725.[67] Outros pousos se estabeleceram na rota, destacando-se três pousos ou três "campinhos", os citados acima.

Um desses pousos ou roças, talvez o maior deles, localizava-se na região entre o Bosque dos Jequitibás e onde hoje está o cruzamento das atuais avenidas Princesa D'Oeste e Moraes Sales, na ponte chamada "Laurão", perto do Estádio Brinco de Ouro da Princesa do Guarani F.C.. Esse seria o primeiro "campinho", as "Campinas Velhas", onde posteriormente se estabeleceu quando começou a ser ocupada a Chácara do Paraíso.[68]

---

[66] Esse pouso se tornou seguro para os viajantes portugueses no final do século XVIII. Antes, os viajantes das bandeiras paulistas no Caminho dos Goiases, com destino a Goiás, Mato Grosso ou Minas Gerais, tinham os índios da Capitania de São Paulo onde estava a região de Campinas, os Kayapós, como duros obstáculos. Os Kayapós eram conhecidos como índios guerreiros e valentes, difíceis de serem subjugados. O governo português elaborou inúmeros planos para conquistá-los. No final do século XVIII e início do século XIX, a região já estava controlada pelo governo português. Sobre esse processo de conquista, ver: KARASCH, Mary. "Catequese e Cativeiro - Política Indigenista em Goiás: 1780-1889" (tradução de Beatriz Perrone-Moisés), in *História dos Índios no Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1998, pp. 397-412.

[67] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992.* Op. Cit., pp. 44.

[68] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992.* Op. Cit., pp. 40-50.

Outro "campinho" se localizava na região entre a Rua Major Sólon, antiga Rua da Ponte, e o Largo Santa Cruz, atualmente a Praça 15 de Novembro, próximo à prefeitura de Campinas. E o terceiro pouso localizava-se na região que corresponde ao cruzamento da Avenida Benjamin Constant com as ruas Doutor Quirino e Barão de Jaguara, no coração da cidade, próximo à Praça Antônio Pompeu onde está sepultado o maestro Carlos Gomes, autor da ópera "O Guarani". Um monumento no local homenageia o compositor com os dizeres "Gênio Musical das Américas", cuja obra inspiraria o nome do Guarani F.C.. Esses viajantes, bandeirantes e tropeiros, foram aos poucos tornando esse espaço, com as três clareiras em meio ao Mato Grosso, nome que recebia então a região, cada vez mais conhecido. Estabelecer o ponto exato da formação de um pouso é muito difícil.

No século XVIII, a partir da década de 20, muitos começaram a se interessar por adquirir sesmarias na região dos três "campinhos", terras supostamente "sem dono" que o governo português oferecia a sesmeiros. Por cinqüenta anos, a essa região chegaram inúmeros pretendentes às terras para ali se fixarem. Começava assim a surgir um aglomerado humano, um povoado. De simples pouso de bandeiras e entradas, onde descansavam mascates, tropeiros, soldados, sempre em trânsito, num primeiro momento, começou a se formar um pequeno núcleo com sítios fixos. A região onde se localizou esse pequeno núcleo era chamada de "bairro de Mato Grosso" e posteriormente de "Campinas do Mato Grosso", que era explorada pelos jundiaienses e se estendia da Rocinha, atual cidade de Vinhedo, até o rio Atibaia, que hoje abastece a cidade. O "mato grosso" se deve a então presença na região de uma enorme e densa floresta nativa, o que aliás dificultou muito a penetração dos primeiros sesmeiros, atraídos pela terra fértil. "Campinas" se referiam aos "campinhos" existentes no bairro de Mato Grosso.

Desenvolveu-se na região uma comunidade pequena de caráter rural, com uma agricultura basicamente de subsistência e uma policultura rudimentar, onde se destacou inicialmente a plantação do milho.[69] O escambo se deu em função das trocas entre vizinhos que começou a ocorrer com o excedente da produção. Com o aumento da população e das trocas logo passa a haver circulação de moedas na região, estimulando assim um pequeno comércio local. O acúmulo de riquezas local começa a despontar.

O interessante desses primeiros momentos de formação do aglomerado humano é a constituição de um universo rural estratificado. Pois, ao mesmo tempo em que surgia o senhor-de-engenho, o grande fazendeiro, também aparecia o pequeno agricultor, que além de lidar com a lavoura em si, também era capaz de trabalhar com muitos outros afazeres necessários na fazenda do senhor, que às vezes nem era um "senhor", mas um outro agricultor com mais recursos e que conseguira juntar certa riqueza. Esse pequeno agricultor, com sua vida de subsistência, chegou a viver nas terras dos grandes fazendeiros, trabalhando-as ou exercendo funções como a de ferreiro ou artesão, lidando com madeira, construindo e consertando peças da fazenda. A esse pequeno agricultor dava-se o nome de agregado, e ele, muitas vezes, dependia completamente do seu "senhor", que também era o seu "protetor", embora esse pequeno agricultor fosse um

[69] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*. Coleção Campiniana, Unicamp, Campinas, SP, 1996, pp. 21.

homem livre e não um escravo.[70] Também havia outro grupo de moradores na região, que eram os pequenos sitiantes, que não possuíam terras ou empregados.

Em 1825, já existiam no núcleo urbano de Campinas algumas profissões, importantes para a manutenção dos muitos sítios e do pequeno aglomerado urbano. Nesse ano existiam aqui 9 costureiras, 6 alfaiates, 5 sapateiros, 5 ferreiros e 10 carpinteiros, por exemplo.[71] É bom lembrar, que embora fundamentalmente rural, já havia trabalhadores urbanos vivendo no núcleo dessa época, cuja população era de quase 8 mil habitantes.

III - 3. A fundação de Campinas

Os já numerosos habitantes da região dos "três campinhos", no início da década 70 do século XVIII, queriam se separar de Jundiaí e constituir um núcleo urbano independente. Os senhores das terras locais desejavam se ver livre da administração de Jundiaí. Queriam trazer a administração daquelas terras até eles. Mas além disso, também havia motivos religiosos, e principalmente a intenção do governo português de estabelecer ali uma freguesia.

Os latifundiários campineiros reclamavam que atividades religiosas como missas e enterros eram realizadas muito longe de Campinas, em Jundiaí. Assim, a mobilização política ganhou o fundamental apoio de um apelo religioso. Em 1772, no dia 15 de setembro, alguns latifundiários liderados por Francisco Barreto Leme, encaminharam um pedido para a construção de uma igreja no "bairro" de Campinas. O pedido foi encaminhado ao bispo-geral de São Paulo, cônego Antônio de Toledo Lara. Esse foi um dos primeiros e decisivos passos para a emancipação de Campinas.

Em 18 de janeiro de 1773, o bispo de Jundiaí, Frei Manuel da Ressurreição, atendeu ao pedido dos sesmeiros campineiros. No dia 27 de maio de 1774, através de uma portaria, o governador da Capitania de São Paulo entre 1765 e 1775, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, ordenou que Francisco Barreto Leme fundasse ali uma povoação.

Realizou-se então, no dia 14 de julho de 1774 - data oficial da fundação de Campinas - um ato religioso para oficializar a conquista. Em seguida ao ato religioso, houve outro ato, político, que deu a Francisco Barreto Leme o título de fundador oficial de Campinas, e primeiro administrador e diretor. Francisco Barreto Leme recebeu esse título diretamente do governador da Capitania de São Paulo, Morgado de Mateus. Campinas, um simples arraial, passou oficialmente a ser a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí.

Mas a "fundação" de Campinas também tem uma origem mais ampla. Devido aos conflitos territoriais com os espanhóis, os portugueses, para não permitir a ocupação da região central do Brasil por aqueles, organizaram uma estratégia de ocupação dessas terras. E Campinas, não só era parte dessas terras, como estava no caminho para o interior da Capitania. Foi um momento de transição para a colônia e para Portugal. O Rio de

---

[70] MARTINS, Valter. Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em Campinas 1800-1850. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996. pp. 54-64.

[71] MARTINS, Valter. Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em Campinas 1800-1850. Op. Cit.. pp. 98.

Janeiro passara a ser a capital da colônia em 1763 e Lisboa, capital portuguesa, estava sendo reconstruída após trágico terremoto ocorrido no ano de 1755.

O próprio Morgado de Mateus, membro da alta aristocracia lusitana, estava envolvido com o projeto de ocupação das terras por Portugal. O mentor do projeto para a Coroa Portuguesa era o Marquês de Pombal, secretário dos negócios do reino de D. José I (1750 - 1777) e amigo pessoal de Morgado de Mateus. Este recebeu de Pombal, em instruções enviadas em junho de 1765, a missão de transformar São Paulo numa capitania de fronteiras bem definidas e fortemente organizada e administrada, o que significa dizer "protegida". Morgado criou então um mapa geopolítico de seu governo, o que resultou na planejada instalação de Campinas, como parte de um conjunto estratégico de freguesias e vilas desenhadas pelo próprio Morgado.[72]

E a "criação" de Campinas era peça fundamental da estratégia econômica pombalina, de ocupação territorial para os lusitanos. O "plano" de defesa militar da fronteira ocidental da colônia foi coordenado por engenheiros e estrategistas militares portugueses, como Morgado. Portugal era uma antiga potência, agora decadente e sob o domínio dos interesses da Inglaterra, essa sim uma potência econômica e militar na época. Seu objetivo principal, para fazer crescer novamente a economia portuguesa era transformar sua principal colônia, o Brasil, no provedor de matéria prima para as companhias manufatureiras em Portugal.

O projeto de Pombal baseava-se em grandes reformas internas, econômicas e sociais, e também numa política mercantilista externa, visando juntar os interesses portugueses e ingleses, ao mesmo tempo em que garantia a Portugal um novo crescimento econômico. Para isso, o projeto tinha por objetivo estabelecer uma profunda exploração colonial, ao mesmo tempo em que preparava a colônia para uma produção comercial autônoma, sob o controle dos portugueses e dos ingleses. O poder do Marquês de Pombal se inicia com o tratado de Madrid, em 1750.[73] Mas até o momento da ascensão de Pombal, o território paulista passou por grandes transformações.

No século XVIII, se desenvolveu a agricultura paulista para o comércio, estabelecendo para isso uma rede de freguesias e vilas, esqueleto da estratégia de ocupação. Até esse momento não era exagero dizer que os paulistas estavam

---

[72] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992.* Op. Cit., pp. 31.

[73] Esse tratado é estabelecido a partir dos constantes confrontos entre Portugal e Espanha por questões territoriais na América. Esses embates ocorreram principalmente na região platina, onde a ocupação já há muito tempo havia desconsiderado acordos anteriores feitos para a divisão de terras e estabelecimento de fronteiras coloniais. O tratado estabelecia que Portugal passava a ter posse legal do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso e da Amazônia, regiões que estavam a oeste do Tratado de Tordesilhas, estabelecido em 1494, e que dividia as novas terras entre Portugal e Espanha através de uma linha imaginária localizada a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Já os espanhóis tiveram reconhecida a soberania sobre a colônia de Sacramento, povoação fundada em 1680 na margem norte do estuário platino. Portugal ficou com a área dos Sete Povos das Missões. Mas ambas as partes tiveram grande dificuldade de manter esse acordo, como aconteceu com o Tratado de Tordesilhas, o que o anularia mais tarde, pouco mais de uma década depois.

abandonados, eram fracos e ficavam a margem da política nacional, praticamente não participando das principais decisões que envolviam a colônia.[74]

O desenvolvimento da agricultura comercial em São Paulo é antecedido pelo pioneirismo dos paulistas na conquista do interior do Brasil. As investidas paulistas para o interior do território da colônia, atrás de ouro e escravos, eram interessantes para a política metropolitana da época. São Paulo passa então a ser alvo de mais atenção por parte do governo português.

Durante o reinado de João V (1706 - 1750), em 18 de junho de 1710, é criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, uma fusão das capitanias de São Vicente e Santo Amaro. Ainda era uma enorme porção de terra que corresponde a boa parte das atuais regiões sudeste e centro-oeste do Brasil. Com a descoberta de ouro na região, a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro é desmembrada, formando assim, em 20 de fevereiro de 1720, as capitanias das Minas Gerais e de São Paulo e Minas. Em 1748, São Paulo perde as capitanias de Mato Grosso e Goyás, se transformando numa comarca da Capitania do Rio de Janeiro, comandado pelo governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela.[75] Nessa primeira metade do século XVIII, a economia paulista é basicamente de monções, frotas fluviais que abastecem Cuiabá, importante centro de extração de ouro na época. Era por São Paulo que passava o ouro e o abastecimento de sua exploração.

Depois de dezessete anos como comarca da Capitania do Rio de Janeiro, em 1765, o militar, capitão-general, Morgado de Mateus assume o governo da Capitania de São Paulo, que voltava assim a ser independente, com governo próprio. Ao assumir, Morgado de Mateus coloca em prática a política pombalina, estabelecendo dentro das novas relações internacionais de Portugal, uma ocupação de caráter militar e uma exploração econômica fundamentada na colonização e povoamento da região onde estaria posteriormente Campinas, e que naquela época contava apenas com alguns pousos e ocupação mínima de alguns poucos sítios. O discurso de posse de Morgado de Mateus, em 14 de dezembro de 1764:

"Foi sua majestade servido de me mandar com o governo desta Capitania, encarregando-me de procurar por todos os meios estabelecê-la ao seu antigo esplendor, procurando os modos mais eficazes de acrescentar às suas povoações, estender aos confins dos seus domínios, fertilizar os campos com a agricultura, estabelecer nas terras diferentes fábricas, idear novos caminhos, penetrar incógnitos sertões, descobrir o ouro

---

[74] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*, Op. Cit., pp. 40-60.

[75] Os capitães-generais e governadores da antiga Capitania de São Paulo e Minas do Ouro foram: Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho (1710 - 1713); D. Braz Baltazar da Silveira (1713 - 1717); D. Pedro de Almeida Portugal (1717 - 1721); Rodrigo César de Menezes (1721 - 1727); Antonio da Silva Caldeira Pimentel (1727 - 1732); Antonio Luiz de Távora (1732 - 1737); Gomes Freire de Andrada (1737 - 1739) e D. Luiz de Mascarenhas (1739 - 1748).

das suas minas e finalmente, fortificar as suas praças, armar o seu exército, fazer observar as leis e respeitar as justiças."[76]

A implantação do projeto de Pombal e a efetiva ocupação dessa região de São Paulo, além da nomeação de governadores ligados ao projeto português, fortaleceram o poder central, tirando de mãos particulares, o controle das capitanias. Essa centralização do poder ajudou a unificar o território brasileiro, o que beneficiou também a proclamação da independência em 1822.[77]

Diferentemente de muitos outros núcleos urbanos da capitania, Campinas foi uma cidade, de certa forma, "criada". Existiam normas para o arruamento e para a construção das casas. Essas "regras" de urbanização, partes de um "plano urbanístico", foram estabelecidas por Morgado de Mateus. Visavam estabelecer uma distribuição prática e inteligente para o povoado crescente e suas características.[78]

O "fundador" oficial da cidade estava apenas no local e hora certa para ter seu nome para sempre na história de Campinas. Francisco Barreto Leme era somente um sesmeiro que nasceu no Vale do Paraíba, na região de Taubaté. Aliás, essa região também forneceu inúmeros "desbravadores", que atingiram distantes regiões de Minas Gerais e São Paulo, alguns, como Barreto Leme, atingiram Campinas e posteriormente regiões mais interiores.

Barreto Leme, que é nome de rua no centro da cidade, descendia de belgas, os "Lems", naturais de Brugge e outras cidades das atuais Bélgica e Holanda. Os ancestrais mais próximos de Barreto Leme descendem de um rico comerciante chamado Martim Lems, que se estabeleceu em Lisboa e adaptou seu nome para "Leme". Alguns descendentes de Martim Lems se estabeleceram na Ilha da Madeira e posteriormente Brasil, mais especificamente nas regiões de São Vicente e São Paulo, construindo alguns dos primeiros engenhos de açúcar. O famoso bandeirante Fernão Dias Paes Leme foi parente de Barreto Leme.

III - 4. Campinas e a cana-de-açúcar

Paralelamente à agricultura de subsistência, entre 1770 e 1780, Campinas passou a abrigar a cultura de cana-de-açúcar, passando inclusive a exportar o produto. Com os engenhos de açúcar e o trabalho escravo, Campinas começou a ganhar importância comercial para a então colônia, passando de sesmaria situada numa região selvagem com pousos bandeirantistas para uma freguesia do açúcar. Esses senhores de engenho campineiros transformaram-se na primeira elite da cidade. Tratava-se de uma elite rústica ainda, distante do refinamento cultural da elite carioca, por exemplo.

---

[76] In SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*. Op. Cit., pp. 29.

[77] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*, Op. Cit., pp. 25.

[78] PUPO, Benedito Barbosa; GONÇALVES, Fúlvia. *Testemunhos do Passado Campineiro*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1986.

Durante o plantio de cana, o núcleo cresceu muito, apresentando surtos demográficos. De 1775 a 1797, a população passou de 247 habitantes para 2.107, por exemplo. E em 1822 chegou a 7369 habitantes.[79] Foi também nesse ano de 1797, no mês de novembro, momento em que a transição de uma agricultura de subsistência para a produção do açúcar para o mercado se tornou irreversível, que o núcleo, uma freguesia, foi elevado a vila, passando a se chamar Vila de São Carlos.

Com o passar dos anos, o número de habitantes na região foi crescendo. Para o governo português, havia uma seqüência pela qual, em função do grau de ocupação humana, o povoado ia subindo de "graduação", até chegar a cidade. Por muito tempo, Campinas, não tendo atingido o grau necessário de ocupação humana, foi um distrito de Jundiaí.

Campinas estava localizado no chamado "Quadrilátero do Açúcar", região que compreendia Sorocaba, Piracicaba, Mogi-Guaçu e Jundiaí, a quem as terras de Campinas estavam submetidas. A produção de cana impulsionava a vila, que crescia rapidamente. No século XIX, a cultura de cana-de-açúcar em Campinas, como em outras regiões do Brasil, apresenta um pequeno declínio, mas não desaparece. Em 1838, Campinas tinha cerca de 100 engenhos, e a então vila, já era afamada devido a essa cultura.[80]

De vila de São Carlos, Campinas passou em 1842 à condição de cidade, já com o nome atual, e como núcleo urbano grande e rico. Até passar à condição de cidade, a comunidade campineira manteve as mesmas características coloniais, baseando-se na produção de açúcar, ainda a maior produção econômica da época[81], e mantendo costumes e mentalidade coloniais. Mas, então já se percebia uma nova relação entre o campo e a cidade, entre o meio rural e meio urbano, devido à formação na cidade de um mercado de abrangência regional.

Foi com o avanço da produção de açúcar e a conseqüente ocupação do território brasileiro, que se desenvolveu um mercado interno ativo e relevante. Até então, não havia um mercado interno e o Brasil era composto por uma sociedade formada por uma minúscula elite e um grande número de escravos, muitos deslocados do Nordeste, onde a produção de açúcar apresentara significativo declínio. O açúcar de Campinas competiu na época com a produção açucareira do nordeste fluminense, obtendo vantagem, principalmente pelo fértil solo do oeste paulista.

Com a produção de açúcar e o desenvolvimento do mercado interno, o Brasil acabou sendo preparado indiretamente para receber a família real em 1808.[82] O antigo regime colonial passou a enfrentar uma nova ordem econômica e social, iniciada com a

---

[79] BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista*. Coleção Campiniana, no. 5, Editora da Unicamp, Campinas, SP. 1996. pp. 22.

[80] Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE.

[81] Em poucos anos, o café superaria o açúcar.

[82] A família real portuguesa se transferiu para o Brasil no final de 1807. A Corte portuguesa estava fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, que já haviam invadido o território português. Com a vinda da família real para o Brasil, transferia-se para cá a sede do governo de Portugal e suas colônias. Em pouco tempo, o Brasil deixava de ser colônia e passava a ser, em 1815, Reino Unido de Portugal e Algarves. Afinal, a Corte portuguesa não poderia se estabelecer, nem temporariamente, numa "simples" colônia. Foi um processo irreversível para o Brasil, que anos depois se separaria de Portugal, tornando-se independente em 7 de setembro de 1822.

Revolução Industrial.[83] E Campinas, com a riqueza acumulada durante a fase açucareira, pôde gerar o capital necessário para a implantação da cultura cafeeira. A fase açucareira foi de grande importância e fundamental para a transição para a produção do café na região de Campinas.

III - 5. Campinas e o café: a "Princesa D'Oeste" de São Paulo

Assim, com o capital acumulado na fase anterior, a da produção de açúcar, ocorreu, a partir da segunda metade do século XIX, um rápido e contínuo crescimento da produção do café na região. A produção do café para exportação, que provinha da região do Vale do Paraíba, começa a se tornar significativa a partir de 1835. Paralelamente continuava sendo produzido, e com destaque, o açúcar, tanto que Campinas mantinha nessa época os 100 engenhos de açúcar produzindo ao mesmo tempo em que crescia a produção da rubiácea.

O café chegou ao Brasil no século XVIII através do Rio de Janeiro, onde começou a ser plantado ao lado do açúcar e do algodão. Do Rio de Janeiro, a produção se expandiu para o norte da província fluminense, e depois para o sul de Minas Gerais e região do Vale do Paraíba em São Paulo. Além das terras, essas regiões foram aproveitadas porque havia nelas uma estrutura já pronta, com escravos, tropas de mulas e diversos equipamentos para a agricultura. A partir da década de 1840, o café se expande para o nordeste e oeste paulistas, atingindo nesse percurso as regiões de Jundiaí, Itu, Limeira, Campinas, Sorocaba e Ribeirão Preto.

Essas regiões, a partir da segunda metade do século XIX, passam a ser o centro produtor da economia brasileira, que então já tinha no café seu principal produto de exportação, acompanhando o crescimento da demanda do produto no mercado europeu e mundial. No final do século XIX, o café já representa mais de 50% da produção nacional. E paralelamente a esse avanço na produção de café, gerou-se toda uma estrutura social, que se beneficiou com a implantação de ferrovias entre as décadas de 60 e 90 do século XIX e de inúmeras melhorias urbanas. Houve um grande acúmulo de capital nesse período nesses centros produtores, onde estava inserida Campinas. O café permitiria posteriormente o crescimento urbano, a industrialização e também ocorreria a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, principalmente com a vinda dos imigrantes.

---

[83] A Revolução Industrial, inicialmente ocorrida na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e que rapidamente se espalhou para outros países europeus, entre os quais Portugal, representou um momento de grandes e profundas transformações econômicas e sociais. Consolidou definitivamente o modo de produção capitalista, definindo-se assim uma clara divisão da sociedade em classes sociais, que se tornou padrão até os dias de hoje, com basicamente uma elite, que detinha o capital e os meios de produção, e uma classe trabalhadora, que vendia sua mão de obra. Máquinas que produziam mais bens materiais e novas fontes de energia mudaram as sociedades da época. O meio urbano se desenvolveu rapidamente, assim como os costumes de seus habitantes. O Estado passou a ter um papel fundamental nessa nova ordem, centralizando o poder e organizando e administrando as relações sociais. A Revolução Industrial, a qual podemos dizer que ainda está em andamento, chegou aos Estados Unidos no século XIX, e efetivamente ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, embora em ambos os lugares, já se fizesse sentir sua influência muito antes, por intermédio das metrópoles inglesa e portuguesa, respectivamente.

Com a produção de café, o universo urbano paulista na primeira metade do século XIX passou a ser um território para as negociações entre os interesses das indústrias britânicas e os latifúndios, baseados no trabalho escravo nas terras dos grandes fazendeiros da época. Assim, o campo ainda era moradia dos latifundiários, mas seu campo de atuação no comércio passou a ser o espaço da cidade, como aconteceu com Campinas nesse período.

Essa nova economia, o café, transformou a cidade de maneira significativa. A nova elite, muitos ex-senhores-de-engenho e agora fazendeiros de café, passaram a enriquecer ainda mais e mais rapidamente, principalmente porque o café passou a representar a principal produção brasileira, respondendo a uma demanda cada vez maior do produto no mercado internacional. Já quando se tornou cidade, em 1842, Campinas já obtivera significativas colheitas de café, iniciando o acúmulo de riqueza que posteriormente se aceleraria. Em 1851 registrou-se na região uma produção maior de café em relação ao açúcar.

Esses fazendeiros de café passaram a ser os "Barões do Café", e a cidade passou a ser o mais importante centro agrícola da província, ao lado de São Paulo. Junto com essa nova riqueza, Campinas passou também a receber uma enorme influência dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, recebendo também as idéias e refinamento cultural europeus, que por aqui apareceram com os comerciantes de origem européia e também com os filhos dos fazendeiros, que após retornarem de viagens e estudos no "Velho Continente", trazem novos hábitos e costumes. Os próprios "barões" realizavam suas viagens anuais para a Europa, e muitos deles traziam "idéias novas" no âmbito do consumo e da cultura.

Mas nesse "novo" que chegava a Campinas na segunda metade de século XIX, destaca-se a enorme presença de imigrantes. Muitos deles apenas de passagem, a caminho da fazenda de café, onde se fixariam, mas uma parte desse contingente aqui se estabeleceu. Campinas foi, inclusive, uma das pioneiras na campanha para trazer imigrantes ao Brasil, principalmente à província de São Paulo, e também para abrigar imigrantes. A cidade, que se tornou passagem obrigatória para imigrantes de inúmeras nacionalidades, via ferrovias, foi rapidamente transformada. Não só a Campinas física, mas também os costumes e as referências culturais campineiras se transformaram, se adequaram aos novos tempos ao longo da segunda metade do século XIX.

Campinas abrigou nesse período, entre as décadas de 1870 e 1890, dois grupos distintos de imigrantes. Havia os imigrantes pobres, que chegavam e se estabeleciam basicamente para trabalhar na lavoura, ocupando portanto a zona rural de Campinas. E havia os imigrantes ricos, que se estabeleceram na cidade, montando toda uma rede de estabelecimentos comerciais, que abasteciam a população da cidade, principalmente os produtores de café e suas famílias. As ruas de Campinas passaram a ser ocupadas por uma gama diversificada de profissões típicas de uma cidade em desenvolvimento urbano. Esse desenvolvimento sofreria posteriormente um terrível golpe com o advento das epidemias de febre amarela, que será abordado mais para frente. Com a febre amarela, a maioria dos imigrantes rica sai da cidade, levando consigo toda essa rede de estabelecimentos

comerciais para outras cidades mais seguras para darem continuidade aos seus negócios iniciados em Campinas. Migram assim para cidades como Jundiaí e São Paulo.[84]

Essas transformações eram, evidentemente, a imposição da cultura da elite emergente da época. Mas a "cultura colonial" ainda se fazia presente. Campinas ainda possuía um grande número de escravos e pequenos comerciantes pobres. Antigos costumes se misturavam com as "novidades", característica que parece uma marca da cidade até hoje. Mas realmente a cultura da elite cafeeira transformou-se no modelo de vida para a época, inclusive para as camadas mais pobres da cidade.

Campinas ganhou contornos arquitetônicos modernos para a época. Uma política de saúde atingiu as principais e mais ricas regiões da cidade, que se tornou mais "limpa", mais higienizada, e adequada para o status que agora ostentava. Espaços para as artes, ciência e tecnologia foram trazidos para Campinas, impulsionando as atividades culturais, sociais e científicas. Indústrias, com manufaturas e fábricas ligadas à agricultura, ao vestuário, à iluminação doméstica e à construção civil, caracterizam a introdução da indústria em Campinas. A cidade começa a se destacar para o país, uma jóia da província paulista, o que lhe rendeu, nos ano 80 do século XIX, o título de a "Princesa D'Oeste" de São Paulo...[85]

Mas a cidade de Campinas que se formou com a cultura do café não foi somente resultado da então economia mercantil escravista. Campinas também foi uma espécie de laboratório, servindo de oficina republicana de política e engenharia, para uma nação em formação. Era parte de um projeto de Estado nacional.[86]

Com o avanço do café, outros núcleos urbanos surgiram perto de Campinas. Todos esses núcleos urbanos se emanciparam de Campinas no século XX, mas ainda hoje possuem grande dependência, usufruindo os benefícios de se estar perto de uma metrópole. A seguir, um quadro com os desmembramentos dos municípios da região de Campinas, que de 1655 a 1797 pertenceu a Jundiaí.[87]

Ano	Município	Ano	Município
1924	Americana	1959	Nova Odessa
1924	Cosmópolis	1964	Paulínia
1954	Sumaré	1991	Holambra[88]
1954	Valinhos	1991	Hortolândia[89] / [90]

[84] BASTOS, Marcus Aurélio Albino. "Presença Judaica em Campinas no século XIX (1870 - 1890): uma primeira abordagem", in Boletim Centro de Memória da Unicamp, Vol. 6, nº 12, jul./dez. de 1994, Campinas, SP, pp. 35-50.

[85] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e Os Antros - Campinas 1850 - 1900*. Edusp, São Paulo, SP, 1996, pp. 17-38.

[86] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*. Op. Cit., pp. 10.

[87] Jundiaí se tornou vila em 1655, quando administrava a região de Campinas.

[88] Holambra se desmembrou de Jaquariúna e de Artur Nogueira.

[89] Hortolândia se desmembrou de Sumaré.

[90] BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista*. Op. Cit., pp. 19.

Com o capital agrícola e comercial, Campinas ganhou fundamental infra-estrutura para abrigar os numerosos imigrantes que aqui chegavam, principalmente italianos e alemães. Uma enorme rede de atendimento a áreas como a saúde, educação, entretenimento e arte se estabeleceu na cidade. Costumes e modelos europeus foram assimilados rapidamente pela sociedade campineira, em todas as camadas sociais. Essa situação não destruiu por completo os costumes e cultura do período colonial ou dos grupos mais carentes de Campinas, como a enorme comunidade negra da cidade, que é até hoje parte fundamental do espaço físico e cultural de Campinas. A fusão desses dois universos, do antigo com o novo, principalmente, formaram a sociedade moderna de Campinas.

Para termos uma idéia dessa população de escravos em Campinas, o que demonstra a dimensão e a importância da própria produção de café, a cidade possuía em 1873 o maior número de escravos da região, com cerca de 13.500 escravos, mais que o dobro de escravos que havia em Jundiaí, e quatro vezes o número de escravos da capital da província, São Paulo.[91] Dos cerca de 35 mil habitantes de Campinas no final da década de 70 do século XIX, mais de 20 mil eram negros e mulatos.

III - 6. Campinas e o final do século XIX: chega a modernidade

A modernidade chega a Campinas e região a partir da década de 1870. Várias foram as melhorias e transformações nesse período, que apresenta sinais de urbanização e crescimento industrial. Campinas foi uma das primeiras cidades a receber ferrovias, símbolo máximo da modernidade, principalmente para escoar o café. Os trilhos das primeiras estradas de ferro, com as linhas da São Paulo Railway, que mantinha Campinas em contato direto com São Paulo, Santos, através de Jundiaí. As estradas da São Paulo Railway são inauguradas em 1867 e foram fundamentais para escoar a produção de café, voltada para a exportação.[92] Em seguida, surgem as linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, inauguradas em 11 de agosto de 1872.[93] Esses primeiros trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro ligavam Campinas a Jundiaí, e posteriormente, em 1876, foram estendidos até Rio Claro também. Essas estradas de ferro foram construídas basicamente nas rotas que formavam o "Circuito Paulista", e elas, ao escoar a produção do oeste paulista, representaram um dos fatores principais para o desenvolvimento do porto de Santos. Campinas estava entre os caminhos que ligavam Santos ao interior paulista. Três anos depois, em 1875, a Estrada de Ferro da Companhia da Mogiana, que ligava Campinas a Mogi Mirim, já era uma realidade.[94]

Campinas tornou-se então um importante e conhecido centro de convergência de cinco estradas de ferro, a Paulista, a Mogiana, a Sorocabana, a Funilense e o Ramal Férreo

---

[91] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*. Op. Cit., pp. 25.

[92] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*. Op. Cit., pp. 23-30.

[93] Para homenagear essa data, os fundadores da Ponte Preta decidiram que a data oficial de fundação do clube seria essa, embora o time tivesse sido fundado pouco antes.

[94] MARCONDES, Marli Aparecida. *História e Informática: O uso da hipermídia no resgate da história da "Estrada de Ferro Funilense" (1899-1924)*, Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP, 2000, pp. 77-81.

Campineiro.[95] Essas ferrovias [96] foram construídas já com a riqueza dos fazendeiros de café, que tinham grande interesse nelas. Bondes começaram a circular pelas ruas de Campinas. Nesse mesmo ano, a cidade começou a ter iluminação a gás. O telefone chega em 1878 e o primeiro sistema de esgoto e abastecimento de água começa a ser efetivado em 1891, durante uma década muito difícil devido às epidemias que atingiram a cidade.

Mas o que vem a ser exatamente a noção de "moderno" ou "modernidade"? Não é apenas a chegada de tecnologia, que certamente muda o cotidiano das pessoas da época. A noção vai além da simples chegada de maravilhas tecnológicas, resultado de uma Revolução Industrial, já em vigor na Europa há pelo menos dois séculos e que, tardiamente, "desembarca" no Brasil. Com o "moderno" vem uma enorme bagagem cultural e ideológica. Uma forma de vida com lógica própria, baseada no capitalismo. Mais. Junto com o capitalismo, que implica na exploração do trabalhador para obtenção de lucro, vem uma noção estética nova. Novas roupas, novas maneiras de se portar e até novas posturas para se tomar. Era o modelo de vida e cultura da burguesia.

A população da época não se referia às obvias transformações que vivenciavam como sendo aspectos da "modernidade" que se anunciava. Não havia essa percepção. Os termos utilizados são civilização ou progresso.[97] Como não há hoje em relação às também obvias transformações de nossa sociedade contemporânea. Talvez um historiador no futuro se refira ao atual momento como o "despertar de uma nova modernidade", baseada talvez na informática...

"..., segunda metade do século XIX, quando justamente é concebida a expressão ('moderno' / 'modernidade'), *é aqui usada 'grosso modo em correspondência com aquela racionalidade burguesa que se estende pelo econômico, pelo social, pelo político e pelo cultural, atingindo as mentalidades, os costumes e a criação estética, não necessariamente nessa ordem, com atraso que se espera para um país do Terceiro Mundo e com as especificidades que uma sociedade escravista conserva. É essa modernidade que Campinas aspira, importa, usa, assimila e chega a produzir, num movimento marcado por contrastes e contradições. São produtos europeus, são formas de comportamento, linguagem, hábitos, visão do universo, símbolos e padrões, educação e disciplina dos sentidos, que os moradores da cidade, vale dizer, a aristocracia e a alta e a média burguesia, reproduzem e conferem à própria cidade."*[98]

---

[95] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, nº 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP, pp 50.

[96] Outras principais ferrovias construídas nesse período: a Companhia Ituana (Itu) em 1873; a Companhia Sorocabana (Sorocaba) em 1871; a Companhia Bragantina em 1884; a Estrada de Ferro do Bananal em 1880; o Ramal Férreo do Rio Pardo em 1888; a Companhia Ramal Férreo de Santa Rita em 1892; e a expansão da Companhia Paulista com a aquisição do trecho Rio Claro - Araraquara em 1892. In MARCONDES, Marli Aparecida. *História e Informática: O uso da hipermídia no resgate da história da "Estrada de Ferro Funilense" (1899-1924)*, Op. Cit., pp. 77-81.

[97] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900.* Op. Cit., pp. 20.

[98] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900.* Op. Cit., pp. 19.

No final do século XIX e início do século XX, Campinas assume novamente uma condição de "lugar de passagem", como tivera no passado, quando do surgimento do núcleo urbano. Até a segunda década do século XX, pouco se conhecia do interior do estado de São Paulo. Muitos então passaram a migrar para o oeste do estado, constituindo novos núcleos urbanos, e posteriormente cidades. E Campinas, no meio do caminho, aproveitou essa situação para impulsionar ainda mais a sua rica economia. As ferrovias já instaladas aqui propiciaram uma fundamental ajuda na expansão para o oeste, ramificando-se em muitas outras estradas de ferro. Braços campineiros fazem brotar os recantos mais distantes de São Paulo. Assim, além dos "barões do Café", Campinas passa a abrigar também uma poderosa e influente burguesia. E foi exatamente essa "nova" elite que criou espaços culturais importantes da época, como, por exemplo, o Teatro Municipal, impulsionando as inúmeras atividades culturais e artísticas que aqui brotaram, ou cafés e livrarias como o Livro Azul e a Genoud.

Em 1890, Campinas possui uma população de quase 45 mil pessoas e 29 colégios. O cinema chega cedo à cidade. Dois anos depois dos irmãos Lumière anunciarem o cinematógrafo na Europa, Campinas recebeu e exibiu o aparelho já em 1897. Dois anos depois, criou-se um espaço na rua General Osório para exibições regulares. Os primeiros "filmes" tratavam-se de documentários sobre cidades, pessoas e costumes europeus. O primeiro automóvel em Campinas "apareceu" em 1909 e era um Fiat 1901. Em 1915, já havia mais de 4 mil automóveis na cidade.

Com a produção de café, a cidade experimentou um enorme crescimento urbano, e com a chegada das estradas de ferro, diretamente vinculadas às culturas da cana e do café, a cidade passou a apresentar um número cada vez maior de habitantes. Campinas havia sido, e ainda era, uma cidade de grande produção agrícola, com uma imensa população escrava. A crueldade da prática escravista em Campinas ganhou contornos de lenda, sendo a cidade considerada uma das mais severas quanto ao trato com os escravos. Essa imagem, ruim para os interesses ideológicos burgueses, começa a ser reconstruída na passagem do século para poder comportar os novos tempos que surgiam, a chegada da modernidade. A cidade precisava esquecer esse passado para receber o "futuro promissor" que despontava. Ela se preparava para passar de uma ordem senhorial colonial para uma ordem social capitalista e burguesa.[99]

Esse "desenvolvimento" social não atingiu todas as camadas sociais e não eliminou completamente as características de uma cidade escravista. Junto com o desenvolvimento e enriquecimento dessa elite, também houve uma manutenção das camadas populares empobrecidas. Muitos pequenos comerciantes continuaram pobres, a maioria dos imigrantes não conseguiu a riqueza com que tanto sonharam quando se mudaram para o "Novo Mundo", e principalmente a esmagadora maioria dos descendentes de escravos ficou à margem da sociedade, não foram completamente integrados à sociedade campineira. A esses, somaram-se muitas décadas depois os migrantes das regiões nordeste e norte do Brasil, que posteriormente, formariam o grande número de pessoas que constituem hoje as camadas mais baixas da sociedade campineira. Campinas é uma das cidades mais ricas do país e que também concentra um dos maiores contrastes sociais do Brasil. Poucos ricos, muito enriquecidos, e muitos pobres, pauperizados.

---

[99] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900.* Op. Cit., pp. 17-38.

Com a abolição da escravidão em 1888, estava praticamente finalizada a troca da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra assalariada. O meio urbano se desenvolveu e as cidades pararam de ser meras extensões da vida rural. As cidades passaram a ter mais importância para a economia e para a vida cultural da sociedade brasileira.[100] A pobreza também ficou mais à mostra, mais "aglomerada". Muitos escravos, marginalizados pelo novo sistema de mão-de-obra, foram parar nas cidades, foram procurar alguma forma de sobreviver, competindo com os imigrantes, que a cada ano aumentavam a população urbana. E muitos imigrantes também ficaram sem empregos.

Uma vez libertos, alguns escravos conseguiram se inserir no novo contexto. Eles eram libertados sob condições que podiam variar muito. Curiosamente alguns eram contratados pelos seus próprios ex-senhores para realizarem trabalhos diversos. Outros, ainda, realizavam trabalhos temporários. E alguns simplesmente não conseguiram realmente a liberdade, e só foram libertados pelos seus senhores após completarem uma idade em que, já velhos, não poderiam mais trabalhar como antes. Mas a difícil inserção do ex-escravo na sociedade campineira se deu por várias vias, e alguns poucos, conseguiram driblar o mercado e o racismo, e até conseguiram juntar alguma riqueza, embora muitos desses não tenham conseguido deixar muito para os seus descendentes.[101]

Para controlar essa massa de excluídos no final do século XIX e início do século XX, a elite campineira precisou administrar a pobreza para controlar possíveis movimentos sociais que pudessem surgir no seio desta sociedade, desequilibrando-a e alterando-a. Entre as medidas tomadas pela elite campineira para controlar a população, estão por exemplo as campanhas filantrópicas organizadas pelo primeiro bispo da Igreja Católica de Campinas, D. João Batista Correia, para atender a todos os "pobres" da cidade, e também asilos, como o de Órfãos da Santa Casa de Misericórdia, o de Morféticos e o de Mendigos. Houve também uma clara campanha para "treinar" e reproduzir mão-de-obra barata, para suprir inclusive o mercado de trabalho que na época era basicamente rural, o que se deu através, por exemplo, da escola agrícola.[102]

O controle da população chegou até a exercer forte fiscalização sobre os mendigos. Criou-se o Serviço de Mendicância, que cadastrava os mendigos. Eles só podiam mendigar com uma placa exibindo local, dia e hora!

A vida urbana foi aos poucos construindo suas próprias regras para a manutenção da estratificação social. A arquitetura da cidade foi um exemplo que ilustrou esse contexto. Havia basicamente dois tipos de habitação: o sobrado e a casa térrea. O sobrado possuía assoalho, o que indicava riqueza, já a casa térrea, de "chão batido", ou seja, sem assoalho, indicava pobreza.[103]

A população cresceu de maneira considerável com a chegada de imigrantes europeus a partir da metade do século XIX, e também nos primeiros anos do século XX. Os imigrantes alemães foram os primeiros a chegar a Campinas em 1852, para trabalhar na

---

[100] PUPO, Benedito Barbosa; GONÇALVES, Fúlvia. *Testemunhos do Passado Campineiro*. Op. Cit.

[101] XAVIER, Regina Célia Lima. *A Conquista da Liberdade: Libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996, pp. 107-134.

[102] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Cantos e Antros - Campinas 1850 - 1900*. Op. Cit., pp. 17-38.

[103] PUPO, Benedito Barbosa; GONÇALVES, Fúlvia. *Testemunhos do Passado Campineiro*. Op. Cit..

Fazenda Sete Quedas. E foram eles que construíram a primeira fundição da cidade em 1858.

Entre os primeiros imigrantes que chegaram a Campinas, a comunidade alemã merece destaque. Em 1873, metade da população de Campinas era de origem alemã. Havia na cidade inúmeros estabelecimentos dirigidos por alemães, como fábricas de chapéu, armazéns e uma cervejaria. Por trazerem para Campinas técnicas que não eram conhecidas, nas quais eram mestres, os imigrantes alemães podem ser considerados auxiliadores no processo de industrialização da cidade, e precursores de muitas novas indústrias na cidade.[104]/[105]

Essa comunidade alemã também se destacou ao construir com os demais campineiros a cultura da cidade. Participou ativamente de muitas atividades culturais e artísticas de Campinas. Uma das maiores preocupações dessa importante comunidade campineira foi com a educação na cidade. Fundaram sociedades científicas e culturais voltadas para o ensino, além de locais para entretenimento e interação entre os membros da comunidade, como a Sociedade Alemã de Instrução e Leitura, que iniciou suas atividades na década de 1870. E também colégios, entre os quais o Rio Branco, antiga Escola Alemã, em atividade desde a década de 1860.[106] Foram basicamente os introdutores de práticas esportivas, principalmente da ginástica, praticada no clube Concórdia.

Entre 1886 e 1900, registrou-se em Campinas uma taxa de crescimento de 3,6%, quase a mesma taxa de crescimento do estado, 4,4%.[107] Em 1880, a população de Campinas era equivalente à população de São Paulo, capital da província.

O Brasil havia experimentado há pouco tempo a mudança de sistema político. A monarquia cedera seu lugar para a república e a burguesia nacional começava a construir seu meio e a difundir a sua ideologia. A economia brasileira se baseava na produção de cana de açúcar e principalmente café. A política alternava presidentes dos estados mais poderosos do país, São Paulo e Minas Gerais, representantes dos interesses dos grandes agricultores, um momento político batizado de "café com leite".

A modernidade, já "instalada", trouxe à sociedade novos parâmetros. Ser "moderno" na época significava assumir algumas posturas novas, como ser urbano e não rural, embora Campinas e o Brasil viessem a ter no campo boa parte de suas principais atividades econômicas durante muitas décadas do século XX, ser republicano e contra a

---

[104] KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. *Vir, Viver e talvez Morrer em Campinas*. Coleção Campiniana, Centro de Memória da Unicamp, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1999, pp. 61-108.

[105] Uma descrição minuciosa das indústrias desse período, incluindo as alemães, está na obra da socióloga Ema Camillo. Em sua obra podemos perceber a relação simbiótica entre a emergente indústria na cidade e a produção de café de Campinas. Uma dependia da outra. CAMILLO, Ema E.R.. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887)*. Mercado de Letras, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1998.

[106] KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. *Vir, Viver e talvez Morrer em Campinas*. Op. Cit., pp. 109-188.

[107] BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista*. Op. Cit., pp. 21-62.

monarquia, ser a favor do trabalho livre e incentivar a imigração e ser contra a escravidão, já um mau negócio para a época.[108]

A cidade de Campinas, localizada numa região privilegiada, por estar perto dos grandes centros políticos e econômicos da nação, e que recentemente passara à condição de cidade, vivia com intensidade todas essas transformações. Crescia de maneira considerável, sendo já na passagem do século, uma das principais cidades da província. Na época, disputava com São Paulo a condição de maior e mais importante cidade da província, candidata até a ser a capital. Os "Barões do Café" passaram a conviver com uma nova elite, formada pela burguesia, principalmente por comissários do café, banqueiros e atacadistas, além de alguns comerciantes e industriais.

É nesse momento que desponta uma cidade industrial. A industrialização teve com a produção cafeeira uma relação simbiótica. A indústria conseguiu se expandir graças ao capital vindo do café, e por outro lado, a indústria fornecia principalmente máquinas e implementos agrícolas destinados à plantação e colheita, e à comercialização e escoamento do café.[109]

A chegada da república em 1889 é encarada como mutação normal, sem muito alarde para a sociedade campineira. Representou sim a consolidação dos interesses dos fazendeiros de café, a elite política e econômica da cidade, que teve participação ativa na difusão em prol das idéias republicanas. Tratava-se sim de uma mudança já esperada, embora Campinas tivesse tido certa importância no Brasil imperial. A cidade enriqueceu e se desenvolveu percorrendo com naturalidade o sistema colonial de um período monárquico. Mas a chegada da república era apenas mais uma transformação natural dentro do contexto da modernidade.

III - 7. Terror e medo: febre amarela breca desenvolvimento campineiro

É importante destacar também que no período entre 1889 e 1897, Campinas sofreu com epidemias de febre amarela, que mataram muitas pessoas e chegaram a frear o avanço econômico da cidade, interrompendo a longa fase de prosperidade que fizera de Campinas um dos mais importantes centros econômicos da província. Campinas superou a capital em diversos aspectos quantitativos e qualitativos da vida urbana. Dessa abrupta interrupção da fase de prosperidade é que vem a lenda de que Campinas superaria São Paulo e se tornaria a capital da província.

A febre amarela se manifestou no Brasil no final do século XVII, em 1685, na região nordeste, inicialmente em Recife e posteriormente outras regiões próximas da colônia. A doença veio com negros trazidos da ilha africana de São Tomé. Depois, ela desapareceu para voltar no final do ano de 1849 na Bahia. Da mesma forma, se alastrou

---

[108] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Cantos e Antros - Campinas 1850 - 1900*. Op. Cit., pp. 17-38.

[109] Para abastecer a "cidade do café", surgiu uma inevitável rede de indústrias na segunda metade do século XIX. Essas indústrias, muitas de origem imigrante possibilitavam à sociedade campineira, uma vida social que em nada devia aos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Encontrava-se de tudo na cidade de Campinas. A descrição das indústrias que aqui surgiram nos permite um passeio pela Campinas oitocentista, e também nos permite olhar as necessidades e anseios materiais da época. Ver: CAMILLO, Ema E.R.. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887)*. Op. Cit..

pelas cidades brasileiras, atingindo até o sul do país, chegando inclusive à Argentina, ao atingir em 1858 a cidade de Buenos Aires.

Em Campinas, em 1889, a sociedade lidava com casos de varíola, que apesar de matar muitos habitantes na cidade, era de certa forma controlada. Antes, em 1876, algumas pessoas morreram de uma doença estranha. Espalhou-se rapidamente que poderia ser a mortal febre amarela, até então inexistente na cidade. Os médicos da época iniciaram então uma grande discussão a respeito da causa das mortes. A discussão chegou a todos na cidade através da imprensa. Fora publicado na *Gazeta de Campinas* e no *Diário de Campinas*. A sociedade campineira chegou a ficar bastante apreensiva na época.

Outras mortes no mesmo ano e nos anos seguintes alimentaram a discussão pelas ruas, principalmente promovida pelos jornais *Gazeta de Campinas* e *Diário de Campinas*, que cobravam em suas páginas alguma atitude das autoridades campineiras. Até 1889 não houve um consenso a respeito da causa das mortes naqueles anos.[110] Nesse ano de 1889, quando se deu o primeiro surto, que parece só não ter superado outro grande surto em 1896, morreram mais de mil pessoas.[111] De 1890 a 1892, mais algumas centenas de vítimas se somariam às primeiras. Em 1896, novamente cerca de mil pessoas sucumbiram de febre amarela. No ano seguinte, quando se deu o último grande surto, quase mil pessoas morreram.

Morreram ao todo cerca de 2.500 pessoas, o que equivale a 6% da população da época. Para uma comparação e noção da tragédia, seria o mesmo que morrer 60 mil campineiros em menos de 9 anos nos dias de hoje.[112]

Foram três grandes surtos consecutivos de febre amarela na cidade. Embora ocorressem de fato praticamente surtos anuais ao longo de toda a década de 1890, surtos que dizimaram a população, com muitas mortes e intenso processo de êxodo foram três. Muitos campineiros ficaram recolhidos em suas fazendas, outros foram embora, mudando-se para as regiões de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e principalmente para São Paulo, na época também em fase de industrialização. Levaram consigo seus recursos e riquezas.[113] Até o Colégio Florence foi transferido para outra cidade. A população de Campinas foi bruscamente reduzida para 5 mil habitantes! Acredita-se que só não saiu quem não pôde. Por mais que possamos imaginar exageros para o ocorrido, e certamente houve, não se pode negar que com a febre amarela se beirou quase a destruição de Campinas como cidade. Portanto, os exageros que brotaram no imaginário da população e que viraram lenda, tiveram uma origem marcante e real.

Para que tenhamos uma idéia de como os surtos assustaram a sociedade da época, a notícia do terror em Campinas chegou bastante longe. Chegou à cidade que se tornou a capital da república: o Rio de Janeiro, que através de uma intensa cobertura e campanhas pelos jornais da época, obteve uma grande mobilização com o intuito de socorrer

---

[110] FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, 1996, pp. 22-34.

[111] FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Op. Cit., pp. 141.

[112] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação / Diário do Povo / Correio Popular, Campinas, SP, 2000, pp. 10.

[113] BASTOS, Marcus Aurélio Albino. "Presença Judaica em Campinas no século XIX (1870 - 1890): uma primeira abordagem", Op. Cit., pp. 35-50.

Campinas.[114] A imprensa se referia a Campinas no ano da proclamação da República como uma bela cidade vivendo um momento de terror:

"A 'Revista Ilustrada' de 27/4/1889 noticiou que havia maior desafogo em Campinas, chamou a cidade de 'bela capital paulista' (!) e disse: 'começam a chegar melhores notícias da bela capital paulista. Dir-se-ia que o povo, sabendo que alguém pensa em sua desgraça e angaria meios de fazer face à trágica situação que o aflige, se reanima e começa a opor ao mal a resistência da esperança... a Imprensa uniu-se... e médicos, enfermeiros, medicamentos e víveres já lá não têm faltado'." [115]

O reconhecimento da cidade de Campinas com a atuação da imprensa do Rio de Janeiro, que numa ação inédita, lançou uma intensa campanha para a obtenção de auxílios diversos para a população de Campinas, constituindo inclusive a Comissão da Imprensa Fluminense, foi bastante grande. Para homenageá-la e para estabelecer um marco que lembre o momento trágico vivido pela cidade nesse período, uma praça no centro recebeu o nome de Praça Imprensa Fluminense. Embora hoje poucos a conheçam pelo nome, trata-se da praça que se localiza onde hoje está o Centro de Convivência, circundada pelas ruas General Osório, Conceição, Antônio Cesarino e São Pedro.

Dois médicos da Comissão da Imprensa Fluminense, Clemente Ferreira e João Batista da Mota de Azevedo Correia receberam a "Medalha de Gratidão" da Câmara Municipal de Campinas, pelos serviços prestados em prol da população campineira. A uma rua da cidade foi dado o nome de Clemente Ferreira.[116]

Os últimos casos de febre amarela foram registrados na cidade em 1903. Campinas viveu anos de medo e calamidade. Diante disso, desenvolveu-se na cidade um rápido processo de saneamento básico. Com o controle da epidemia, a cidade custou a retomar seu desenvolvimento econômico. O que só viria a acontecer com relevância a partir do final da década de 1920.[117] Para as pessoas da época, a epidemia representou um trauma que se arrastou por muitos anos, além da passagem para o século XX, um trauma para a alma da então "capital agrícola" de São Paulo. A cidade adotou o pássaro mitológico Fênix[118] como símbolo da sobrevivência e do retorno ao crescimento como centro urbano.

III - 8. Campinas Moderna: primeira metade do século XX

---

[114] FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Op. Cit., pp. 59-68.

[115] FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Op. Cit., pp. 65.

[116] Os autores da obra que se segue lamentam o mesmo não ter ocorrido com o médico João Batista da Mota de Azevedo. FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Op. Cit., pp. 66.

[117] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*, Op. Cit., pp. 30-36.

[118] Do grego "phôinix". Seu nome deriva de uma palavra grega que significa "vermelho" e também se refere ao "fogo". Corresponde a uma importante ave que aparece na forma de uma garça, cuja simbologia está relacionada com a imortalidade e a ressurreição. Sua lenda fala sobre uma ave que sempre morre e renasce a partir das chamas purificadoras, num processo cíclico. Daí a fênix ser uma "ave de fogo", que "sempre renascerá das cinzas"...

Campinas entrava assim para o contexto da modernidade, se utilizando de todos os instrumentos que essa condição lhe oferecia. E junto com a modernidade, nos últimos anos do século XIX, Campinas, quase que simultaneamente com São Paulo, assimila um novo esporte, o football, que na Europa, como no Brasil, apesar de ser ainda um esporte da elite, se populariza rapidamente.

O mesmo aconteceria no Brasil e nos centros que receberam esse esporte de origem inglesa. O futebol se enquadrou com destaque ao cotidiano da cidade de Campinas. E nas duas primeiras décadas do século XX, muitos times surgiram na cidade. A maioria se extinguiu com a chegada do profissionalismo entre as décadas de 30 e 40,.

São os primeiros anos do século XX. A origem do "Dérbi", encontro ou clássico do futebol que envolve as duas maiores equipes de Campinas, e as únicas profissionais hoje, A.A. Ponte Preta e Guarani F.C., um tema que será abordado mais adiante, faz parte de um período em que a cidade, e mesmo o estado e o país passavam por grandes transformações políticas, econômicas e principalmente sócio-culturais.

Esportes na época eram poucos. E a importância ou a relevância deles era muito diferente se comparada com os dias de hoje. No começo do século XX, o "esporte" mais comentado, inclusive em jornais, era a aviação. A aviação, tecnologia alcançada no início do século XX - o vôo do 14 Bis de Santos Dumont em Paris foi em 23 de outubro de 1906 -, era ainda algo novo e "praticado" por verdadeiros heróis, não raras vezes chamados de "esportistas". Os feitos de pilotos, que conseguiam suplantar travessias, eram narrados pela imprensa e comentados no dia a dia das pessoas da época.

Da Europa, de onde também se importou o futebol, outros esportes também chegaram a Campinas, como o remo e a natação.[119] Em 2 de maio de 1918 se fundou na cidade o Clube Campineiro de Regatas e Natação. Outro exemplo foram as "touradas", consideradas um "esporte"[120] tradicional até hoje na Espanha. E Campinas também possuiu suas arenas ou praças de touros. A partir de 1905, no dia 3 de setembro, entre as ruas Ferreira Penteado e Antônio Cesarino, começou a funcionar o Coliseu Taurino Campineiro, onde se apresentavam toureiros nacionais. No mesmo ano, no final da rua de Goés, atual César Bierrenbach, próximo à Praça Carlos Gomes, passou a funcionar uma segunda praça de touros. Em 1916, esse segundo coliseu passou a funcionar também como cinema, encerrando definitivamente suas atividades em 1944, quando a cidade passava por toda uma reformulação do seu espaço físico.[121] Em março desse ano, foi fundada a Liga Campineira de Atletismo.

---

[119] O historiador Benedito Barbosa Pupo cita que em Campinas nesse período jogava-se muito também um jogo chamado de "jogo da pelota".

[120] Estão entre aspas, porque particularmente questiono a idéia de que as touradas sejam esportes. É inaceitável que animais sejam usados com tanta crueldade para dar ao homem "alegria" e "lazer". No Brasil, se pratica algo similar nos dias de hoje. Trata-se das "festas de peão", para muitos também um "esporte". Mas que também não passam de manifestações sádicas e inaceitáveis. Por serem tradicionais não significam que devam ser preservadas. Toda "invenção" cultural humana, mesmo que atinja um grau alto de tradição, é passível de questionamento e de crítica pela sociedade, e também passível de ser ignorada e esquecida, o que não representa uma perda, mas sim uma evolução em nossos costumes e cultura. Uma civilização também se mede, em termos qualitativos, por suas atividades culturais. E essas práticas nada acrescentam a nós, ao contrário, são um claro sinal de retrocesso...

[121] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Op. Cit., pp. 36-37.

Essa cidade que vê nascer a rivalidade de times de futebol, entre os quais Ponte Preta e Guarani, é uma cidade multinacional e multirracial. Em 1920, Campinas possuía uma população com cerca de 115.600 habitantes. Dessa população, 20,34% era formada por estrangeiros, sendo a maior parte constituída de italianos, seguidos de portugueses, espanhóis e alemães. E cerca de 17% da população era negra. Muitos desses imigrantes trabalhavam nas ferrovias, outros eram proprietários de pequenas fábricas ou negócios, e outros realizavam atividades artesanais em variados ofícios. Para se adaptarem e mesmo para se enraizarem em Campinas, os vários grupos de imigrantes criaram associações ou clubes de auxílio-mútuo ou de atividades sócio-culturais, lazer e de preservação de seus costumes e culturas. Tais clubes também prestavam serviços aos imigrantes, como defender seus interesses profissionais e permitiam bom atendimento de saúde, além de funerais decentes. Alguns exemplos dessas organizações que estabeleceram esse associativismo em Campinas foram a Sociedade Portuguesa de Socorros Mútuos, Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução, Circolo Italiani Uniti e Sociedade Alemã de Instrução e Leitura.[122]

Os imigrantes conduziram a cidade a uma notória evolução em várias áreas da economia e da cultura, integrando e reconstruindo o perfil de Campinas. A cidade começava a se preparar para uma nova cultura, a modernidade, e para a chegada da industrialização, que se iniciaria efetivamente a partir da década de 30 do século XX. O iniciar do século passado trazia expectativas de um mundo moderno, com novas referências. Campinas possuía pouco mais de 70 mil habitantes em 1900, e o presidente da jovem república era o campineiro Manuel Ferraz de Campos Sales.

A ampliação da noção de "lutas de classe" no Brasil nos foi proporcionada por alguns grupos de imigrantes que aqui chegavam. Traziam da Europa idéias de igualdade e justiça, e a experiência de luta da classe trabalhadora, adquirida pelas sociedades do Velho Mundo muitas décadas antes. Mas essas experiências eram passadas pelos grupos imigrantes mais privilegiados, ou que vinham do meio urbano, já que a maioria dos imigrantes vinha de zonas rurais da Europa para trabalhar nas lavouras no Brasil, e não tinham assim experiências de organização política, como tinham os do meio urbano.

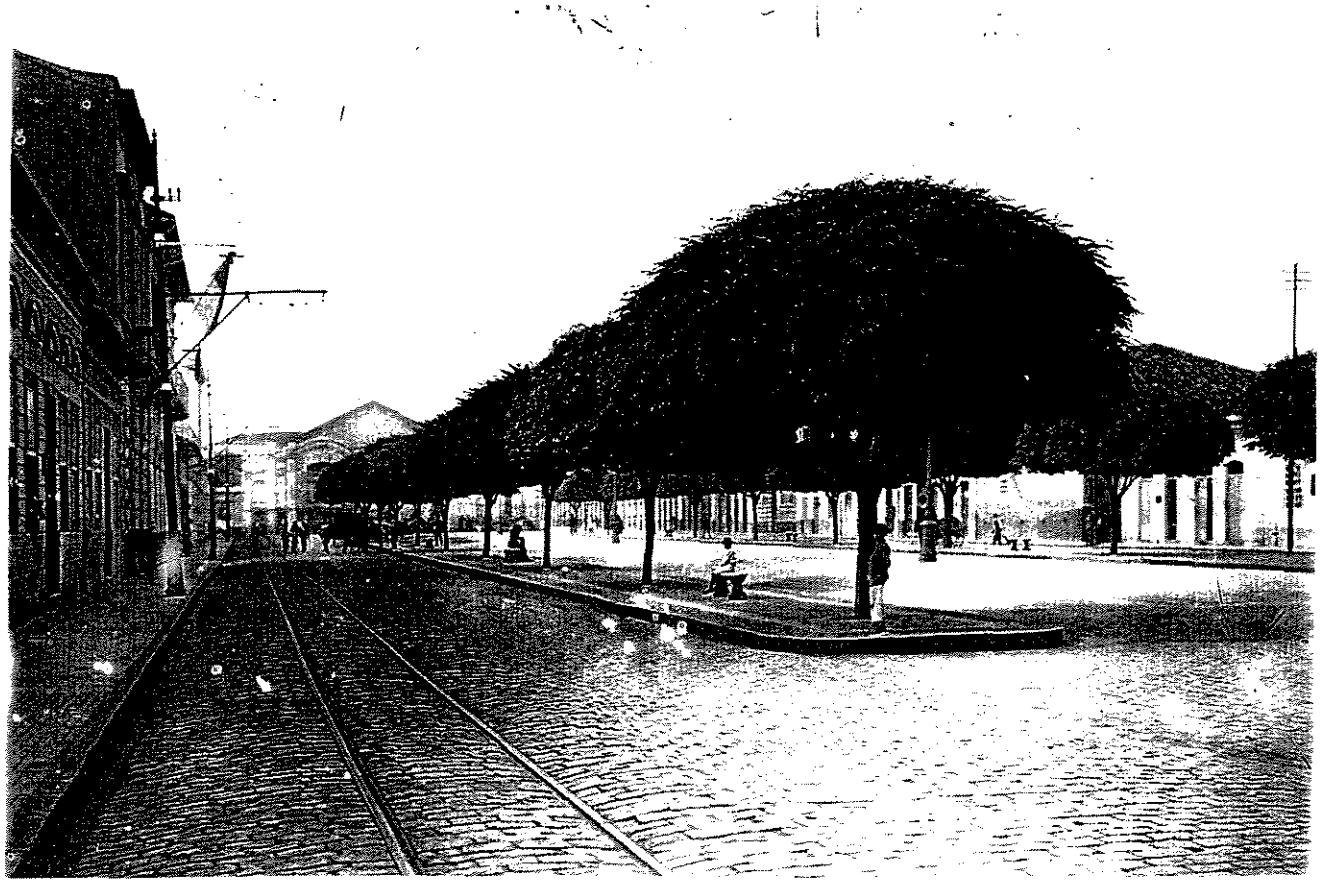
Também no futebol se percebeu uma aglomeração natural de imigrantes, que se organizavam e fundavam clubes, que num primeiro momento representavam uma forma de se manterem unidos, de preservarem sua cultura e costumes. Alguns exemplos desses clubes fundados por imigrantes são o S.C. Corinthians P. de São Paulo, fundado em 1º de setembro de 1910 basicamente por imigrantes italianos, mas que se popularizou muito rápido, perdendo essa característica, ou a A. Portuguesa de Desportos de São Paulo e a A.A. Portuguesa de Santos, fundadas em 14 de agosto de 1920 e 20 de novembro de 1917, respectivamente, por imigrantes portugueses, ou o Jabaquara A.C. de Santos, fundado em 15 de novembro de 1914 por imigrantes espanhóis, que inclusive escolheram como primeiro nome "Espanha" (antigamente, "Hespanha"), ou ainda o S.E. Palmeiras de São Paulo e o Cruzeiro E.C. de Belo Horizontes, fundados em 26 de agosto de 1914 e 2 de janeiro de 1921, respectivamente, por imigrantes italianos - inclusive ambas as equipes se chamavam no início Palestra Itália.

---

[122] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, Op. Cit., pp 51.


AFE
OURBON

(Foto da página anterior. 1914 ou 1915: Largo da Matriz Velha, depois da Santa Cruz e Igreja do Carmo. Aparecem poucos automóveis e carroças no aspecto urbano da cidade. Acervo João Bosco Panattoni.)[123]



(Foto de 1913: Rua do Sacramento, onde aparece ao fundo prédio que completava o Casino Carlos Gomes, cinema cuja entrada era na Rua Barão de Jaguara, onde posteriormente funcionou um café-bilhar. Acervo João Bosco Panattoni.)

Um caso interessante em particular é o do S.E. Palmeiras. Quando os imigrantes italianos de São Paulo fundaram essa associação em 1914, estavam criando uma entidade que serviu para unir membros da colônia italiana em São Paulo. Era um espaço para esses imigrantes se encontrarem e manterem laços e uma identidade cultural. Estavam longe da Itália, mas se viam como legítimos "italianos". Essa identificação com a Itália se forjou longe da Europa, talvez por uma necessidade de organização em território novo e repleto de nacionalidades, como já era São Paulo naquela época, pois na Itália mesmo, nessa época, muitos não se consideravam italianos, mas sim pertencentes a alguma região da

[123] As descrições das imagens foram feitas pelo próprio João Bosco Panattoni, através de algumas anotações no verso feitas pelo pai, Ferdinando Panattoni, a quem pertenceram as fotos do atual acervo.

Itália, a um antigo reino italiano.[124] A unificação da Itália se deu de maneira tardia, no final do século XIX, em 1871.

(Foto de 1912 ou 1913: Largo da Matriz Velha, Igreja do Carmo. Tempo do lampião a gás e das "casacas". Acervo João Bosco Panattoni.)





(Vista área de Campinas nos anos 30. Acervo João Bosco Panattoni.)

[124] ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: Caso Palestra Itália*. Pesquisa de Mestrado do IFCH, Unicamp, Campinas, 1996. Ou, *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália*. Série Imigração, Editora Sumaré, São Paulo, SP, 2000.

A cidade de Campinas possuía em 1920, 91 estabelecimentos fabris com 2865 operários. Existiam indústrias rurais de transformação e comercialização de algodão, café, cana-de-açúcar, arroz e milho. Ainda nesse ano, havia 3.903 pessoas empregadas no comércio campineiro, 2.737 pessoas no setor de transportes e 3.140 pessoas no serviço doméstico.[125] É a partir da década de 1920, que se detecta em Campinas um crescimento mais acelerado da cidade em alguns setores, como comércio e serviços públicos. O mesmo se verificou, na mesma época, na cidade de São Paulo.

Campinas ganha enorme projeção nacional ao entrar no século XX. O mesmo aconteceu com alguns de seus políticos, como Francisco Glicério e Campos Salles. Muitos colégios surgiram na cidade. A educação passa a ser parte da vida mesmo das classes sociais mais baixas. Isso se deve à importação dos ideais liberais e republicanos da Europa, onde se difundiu a necessidade e a importância da educação para todos. A sociedade passou a encarar o estudo como uma maneira de ascensão social. Começou a se formar assim uma comunidade grande de letrados.

Campinas era constituída, em grande parte, por uma economia baseada no setor agrário, mas com intensa atividade comercial e industrial. Assim nas três primeiras décadas do século XX, a cidade apresentou grande desenvolvimento urbano, com o início da primeira industrialização, voltada para o abastecimento da produção agrícola, do café.

Entre os anos 20 e 30, as escolas aqui instaladas eram, em sua maioria, particulares e urbanas, voltadas para os filhos da elite agrária e dos comerciantes ricos da cidade. Aos poucos, filhos de imigrantes e de camadas mais populares foram se inserindo no meio educacional. Havia também escolas gratuitas, algumas voltadas para a educação dos negros e outras para estrangeiros. Algumas dessas escolas populares eram mantidas por ordens religiosas, associações beneficentes e também pela maçonaria.[126] O Centro de Ciências, Letras e Artes foi fundado em 1901 por iniciativa de campineiros, e essa instituição representava já um espaço voltado à difusão e ao desenvolvimento da ciência em Campinas. O universo escolar passou a gozar de grande prestígio, no qual diretores e professores tinham grande status perante a sociedade. As escolas campineiras dos anos 20 apresentavam prédios com uma arquitetura refinada.[127]

A imprensa já nesse período era bastante ativa e representada por vários veículos impressos que impulsionavam a vida literária da cidade. Assim, além das escolas, também a imprensa escrita[128] campineira realizava uma importante função de divulgação e

---

[125] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, Op. Cit., pp 51.

[126] Sociedade fechada, com atividades muitas vezes realizadas de maneira secreta. Seus membros são geralmente pessoas ligadas à elite local, principalmente à alta burguesia. Atuam de maneira relevante na política e na economia, estando sempre incrustados na política dirigente. Professam ideais liberais, de igualdade e fraternidade, chegando a realizar atividades de filantropia. A maçonaria, que surgiu provavelmente na Inglaterra medieval, no século XV, também funciona através de relações, cerimônias, cultos e símbolos místicos e esotéricos, beirando, às vezes, atitudes religiosas. Ainda hoje, em Campinas, existem muitos maçons, como já existia no começo do século, quando a indústria foi aos poucos se estabelecendo, assim como uma poderosa burguesia local.

[127] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, Op. Cit., pp 51.

[128] Aqui cabe um comentário. Ao usar "imprensa escrita" pode parecer uma redundância desnecessária, principalmente pela época, quando só havia veículos impressos. O rádio e a televisão apareceriam décadas depois. É que a palavra "imprensa" nos remete à máquina em que se realizam impressões ou estampas,

irradiação cultural. Essa imprensa campineira participou ativamente desse processo de inserção da cultura e da educação na cidade. Ela floresceu em vários meios sociais, e tinha representantes nos mais variados grupos ou classes sociais da época. Assim, tanto representava as elites, transmitindo sua ideologia dominante, como também representava outros grupos, como intelectuais, negros, imigrantes, alunos, mulheres, artistas, etc, que podiam assim se fazer notar e estar presente numa relação conjunta de construção da cultura campineira do século XX. A imprensa foi portanto, juntamente com as primeiras escolas, um dos pilares da vida cultural campineira.

Antes da entrada da segunda metade do século XX, a cidade ganhou uma universidade, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a Puccamp, que surge no ano de 1941, como Faculdades Campineiras. Nesse momento, outros imigrantes começam a chegar a cidade. Eram gregos, canadenses, argentinos, franceses, ingleses, belgas, eslavos, sírio-libaneses e japoneses. Hospedarias foram construídas para abrigar esses imigrantes. Muitos não chegaram a fixar residência em Campinas, permanecendo aqui por algum tempo. Outros se instalaram e, como mão-de-obra, ajudaram a desenvolver a cidade, principalmente quando Campinas começou a se industrializar entre as décadas de 30 e 40.

Outro fator que destaca a dinâmica e impulsiona a cultura em Campinas nas primeiras décadas do século XX é a implantação de cinemas e teatros na cidade. O primeiro teatro construído em Campinas foi o Teatro São Carlos, inaugurado em 1850 e demolido em 1922. O Teatro São Carlos abrigou inúmeros espetáculos, nacionais e internacionais, que incluíam Campinas, importante centro cultural, em seus roteiros de apresentação. Em 1930, foi inaugurado o Teatro Municipal, que funcionou até 1965 quando foi demolido, e nesse período, estava voltado para inúmeras atividades artísticas e culturais, e não só ao teatro. Outros dois teatros construídos na cidade foram o Teatro Rink (Rinque) e o Cassino Carlos Gomes.

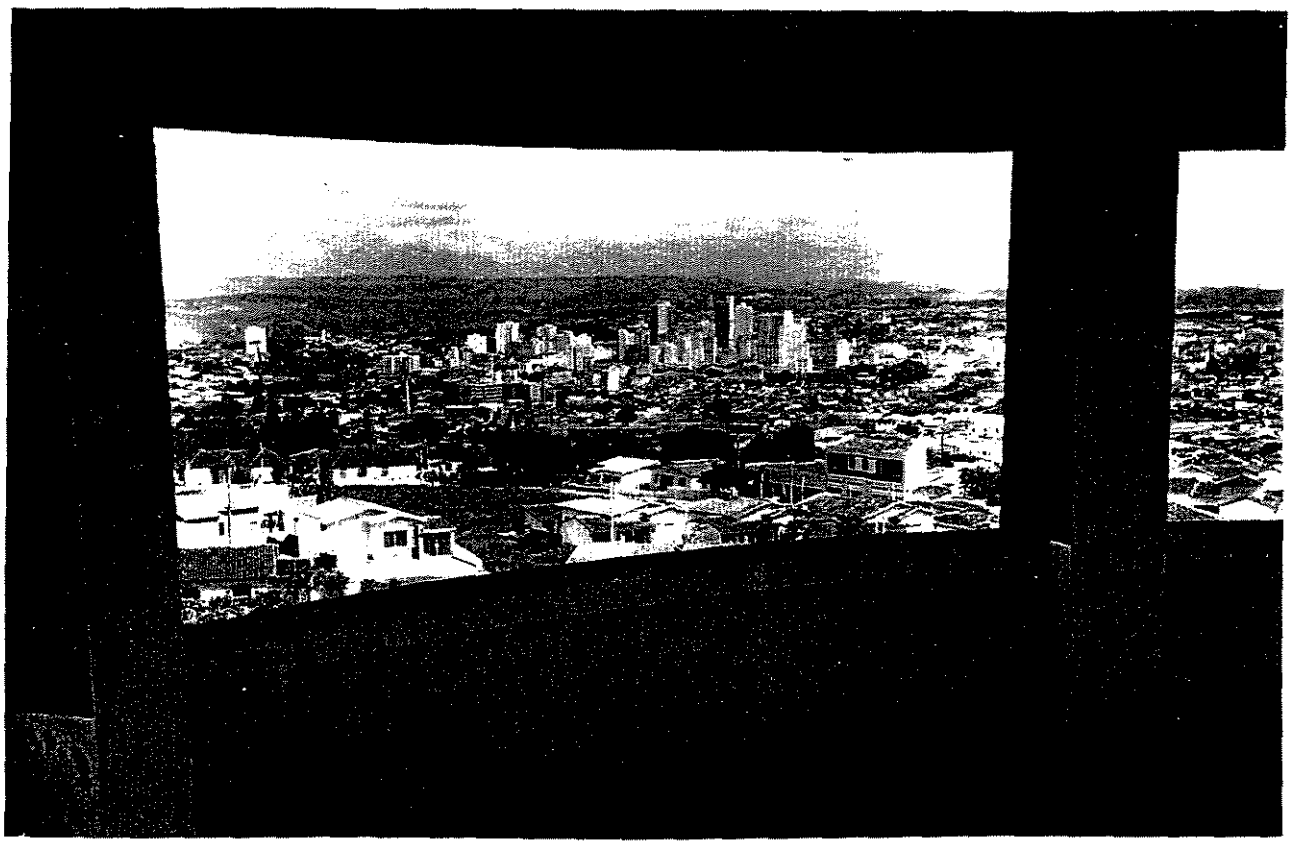
Campinas possuía nos anos 20 sete cinemas, o Coliseu, o Recreio, o Rinque, o Bijou, o Cine República, o Cine-Teatro São Carlos e o Éden Variedades, que posteriormente passou a ser o Cine Radium. Também havia salas de cinema montadas por iniciativas privadas. Esse período, que durou cerca de uma década, com muitas apresentações e produções de filmes em Campinas, é chamado o primeiro Ciclo Campineiro de Cinema.[129] A produção cinematográfica, assim como o funcionamento de cinemas, só voltou a se destacar e crescer nos anos 50.[130]

---

uma tipografia. Mas com o passar das décadas do século XX, a atividade jornalística se aperfeiçoou e se desenvolveu. Não só os jornais "melhoraram" graficamente, como outros veículos passaram a ser utilizados pela atividade jornalística, como o rádio, nos anos 30, e a televisão, nos anos 50. O jornalismo se tornou uma profissão, um tipo de atividade profissional. E a "imprensa", com a qual identificávamos o jornalismo escrito ou impresso, passou também a se referir ao jornalismo radiofônico e televisivo. Hoje, "imprensa" virou sinônimo de "atividade jornalística" ou ela personifica o jornalismo, e quando queremos especificar o veículo, complementamos com a especificação, como "imprensa escrita", "imprensa radiofônica", "imprensa televisiva", ou ainda, "imprensa oficial", "imprensa operária", "imprensa de esquerda", etc, classificando a imprensa quanto ao seu meio de difusão ou à sua origem social e política.

[129] Segundo o historiador campineiro José Moraes dos Santos Neto, em meados dos anos 30, o cinema abordou também o futebol. Parece ter ocorrido nessa época a gravação de um filme em 35 mm de um jogo de futebol. Se realmente ocorreu, pode até ter sido um dérbi, disse o historiador. Mas essa é uma

(Centro de Campinas vista a partir da Torre do castelo. Foto de 10 de janeiro de 1959. Acervo João Bosco Panattoni.)



Com a crise econômica mundial em 1929, a "quebra" da bolsa de Nova Iorque, e o desgaste da produção de café, Campinas conseguiu se manter devido ao enorme capital acumulado do período cafeeiro e também em função de uma nova economia que nos dez anos seguintes manteve o padrão de crescimento da cidade. Essa riqueza foi

---

informação obtida através de relatos orais. O filme, que supostamente ficou por muito tempo no Museu da Imagem e do Som, o MIS, em Campinas, simplesmente desapareceu...

[130] AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. *"Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, projeto coordenado por Olga R.M. von Simson, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, CERU, , Universidade de São Paulo, USP, 2001, pp. 11.

imediatamente transferida para os setores de comércio e serviços, e principalmente para um parque industrial cada vez mais sólido e crescente. Cresceu o número de pequenas e médias propriedades, assim como também o meio urbano campineiro cresceu consideravelmente.

Portanto, a crise do café na entrada da década de 30 não afetou drasticamente a cidade, que em pouco tempo se reestruturou e seguiu seu caminho de desenvolvimento. Já nos anos 30 e 40, as atividades urbanas cresceram tanto que elevaram Campinas a condição de segundo núcleo manufatureiro do estado, sendo superado apenas pela grande São Paulo, como ocorre ainda hoje. O processo de industrialização, com o crescimento urbano e econômico, só sofreu pequeno abalo durante a II Guerra Mundial, mas logo que a guerra acabou, Campinas foi entre as cidades do interior, a que mais atraiu novas indústrias. O que faria dela na segunda metade do século um dos maiores pólos industriais do país.

III - 9. Campinas: segunda metade do século XX e a cidade hoje

A população, na segunda metade do século XX, passou de cerca de 150 mil habitantes para cerca de 800 mil habitantes. A Campinas de hoje passou por inúmeras transformações, muito embora as características de sua vida cultural e social já tenham sido moldadas em dois momentos, um quando a modernidade aqui chegou e outro na segunda industrialização. O espaço físico da cidade também acompanhou essas mudanças para abrigar essa sociedade em formação.

É importante salientar ~~que ao longo da história da cidade, o espaço físico~~ e o desenvolvimento urbano de Campinas foram aos poucos sendo alterados. Essas transformações podem ser agrupadas em momentos específicos da história econômica do país, momentos que Campinas sempre acompanhou e de que participou ativamente. Podemos dividir esse percurso em quatro períodos distintos:

1) A mineração, que foi um dos motivos pelos quais a cidade surgiu, não por abrigar minas de pedras preciosas, mas por ser o caminho para elas e para regiões mais distantes do interior do Brasil;
2) A agroindústria do açúcar, que, embora tardiamente, iniciou o enriquecimento da região, sendo aliás, Campinas, um dos maiores produtores de açúcar nos séculos XVIII e XIX;
3) A cultura cafeeira, responsável pelo grande enriquecimento da região e pela chegada da modernidade cultural e urbana à cidade;
4) E a industrialização, que apesar de marcada por fases distintas, resultou numa Campinas "nova", com aspectos distantes da Campinas cafeeira.[131]

E sobre a industrialização, que se iniciou no século XIX e prosseguiu no final dos anos 50, destaca-se nessa segunda metade do século XX, a chegada das indústrias pesadas por volta de meados da década de 50. Foi nesse período que se implantaram na cidade

[131] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*. Op. Cit.

grandes indústrias de capital multinacional, como é o caso da Bosch, Clark, G.E., Dunlop, B.F., Goodrich, Wabco, Bendix, Merk & Sharp, Aschland, Rigesa, etc.[132]

A distância física entre o meio rural e o urbano diminuiu, bem como a interação populacional desses meios cresceu. Na primeira metade do século XX, algumas regiões ou bairros rurais localizados longe do meio urbano de Campinas, mantiveram características peculiares, mantendo costumes que datam de sua formação. Um exemplo é o antigo bairro rural de Friburgo (nome já aportuguesado de "Friedburg"), localizado na época cerca de 12 quilômetros do meio urbano, e hoje localizado nas imediações do Aeroporto Internacional de Viracopos, onde está a Vila Aeroporto. Esse bairro constituído por imigrantes alemães manteve, entre outros costumes, a língua alemã, mais precisamente os costumes e o dialeto alemão "platt deutsch", ensinado entre os seus até meados dos anos 50. O isolamento dessa comunidade permitiu-lhe "fugir" por duas décadas das leis da Secretaria da Educação, que estabelecera nos anos 1930 o ensino obrigatório da língua portuguesa nas escolas.[133]

A zona rural campineira vai aos poucos sendo preenchida por migrantes, e locais com comunidades isoladas, como a de Friburgo, vão desaparecendo ou se transformando, perdendo assim o isolamento territorial necessário para a manutenção e perpetuação dos seus costumes. Muitas dessas regiões, com terras improdutivas em virtude do cansaço imprimido a elas pela cultura do café, passaram a ser ocupadas, como por exemplo, as regiões que hoje correspondem a Indaiatuba e Monte Mor.[134]

Campinas passou, entre 1934 e 1962, por transformações engendradas pelo "Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas". Esse plano foi aplicado em duas fases, ao mesmo tempo em que a população de Campinas triplicou. Tratava-se de uma reformulação pioneira e radical, em alguns casos, da ordenação do espaço físico da cidade, preparando-a para e retomada da industrialização.[135]

O primeiro prédio de Campinas, o Sant'Ana, foi construído pela Lix da Cunha em 1935, na esquina das ruas Barão de Jaguara e César Bierrenbach. Campinas começou a se transformar numa cidade operária. Em 1934, de uma população urbana de 69.010 pessoas, 2.871 eram operários. Em 1940, eram 5.575 operários para 83.140 pessoas na cidade.[136]

---

[132] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, Op. Cit., pp. 59.

[133] AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. *"Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, Op. Cit., pp. 9.

[134] AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. *"Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, Op. Cit., pp. 10.

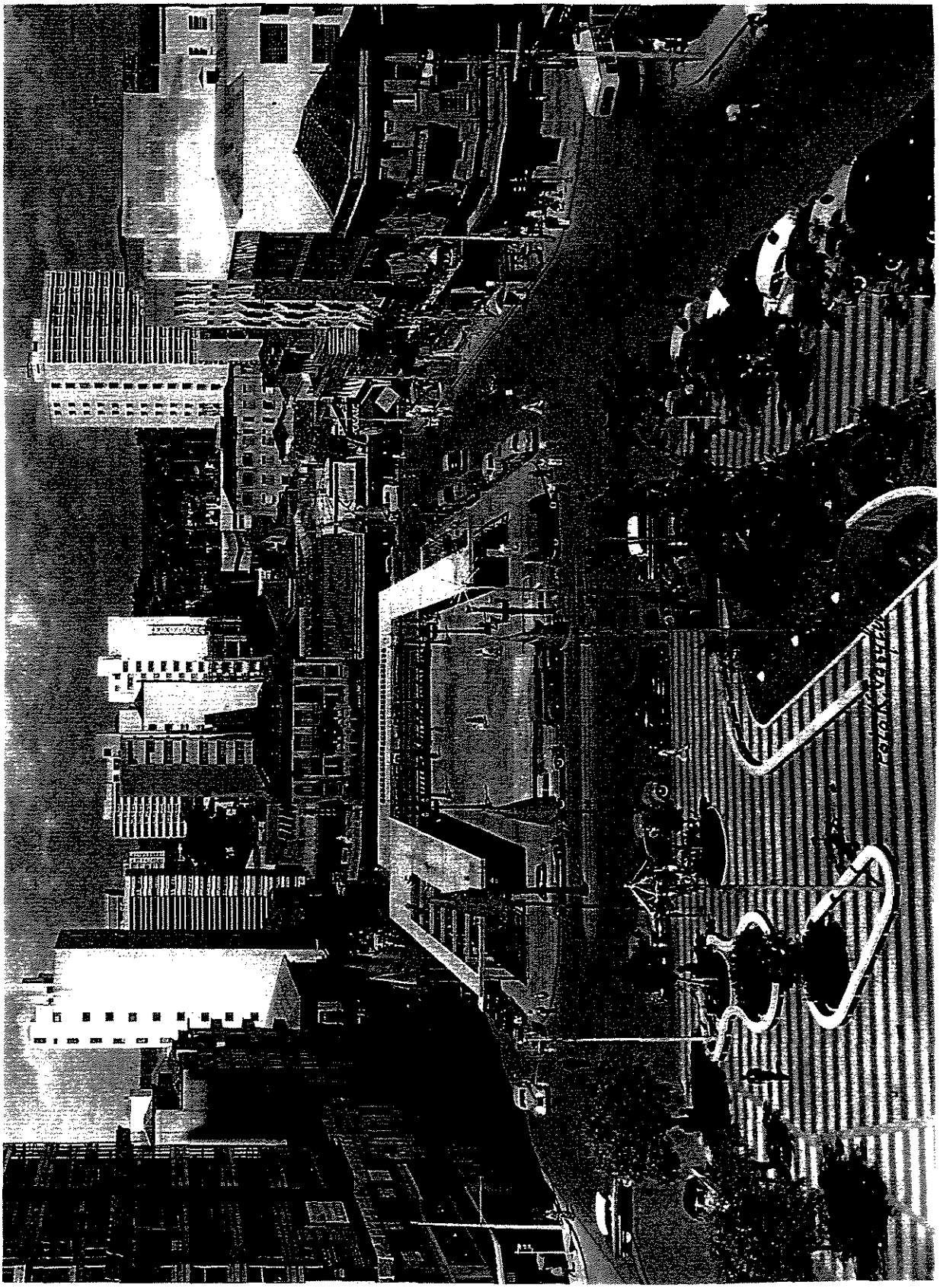
[135] BADARÓ, Ricardo. *O Despontar da Modernidade*, Op. Cit., pp. 36-59.

[136] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Op. Cit., pp. 62-63, 67, 78-79.

(Jardim ou Praça Carlos Gomes, fase de alargamento da Avenida Francisco Glicério. Foto de 1957. Acervo João Bosco Panattoni.)



(Centro de Campinas, Largo do Rosário. Foto de 8 de janeiro de 1959. Acervo João Bosco Panattoni.)



Assim, o que se observou a partir da segunda metade do século XX foi uma ruptura, que transforma profundamente a cidade. A Campinas do café é transformada na Campinas industrial, e os últimos traços do período cafeeiro, os últimos símbolos dos barões do café, desde algumas estruturas específicas como a Igreja do Rosário, demolida em 1956, até quarteirões inteiros da "cidade do café", foram sendo apagadas. Perdia-se assim o aspecto tradicional que se estabeleceu com o modernismo, e um "novo moderno", agora o industrial, se estabelecia.[137] Essa intervenção no aspecto urbano da cidade nos anos 30 é resultado de uma nova conjuntura política que se formava. Essas condições resultaram num desenvolvimento desigual e contraditório de Campinas até a década de 1960.[138]

Em algumas áreas da cultura campineira, como apresentações de teatro e cinema, as décadas de 40 e 50 não foram tão expressivas, se comparadas com as primeiras décadas do século. O motivo dessa diminuição da atividade cultural campineira talvez se deva às transformações populacionais que ocorreram em Campinas em virtude do crescimento do parque industrial da cidade. Muito migrantes, vindos do estado de São Paulo e também de outros estados do país, como sul de Minas Gerais e norte do Paraná, começaram a chegar a Campinas, alterando o perfil e o contingente de mão-de-obra para esse parque industrial em constante crescimento, e que oferecia empregos. Essa nova população, com características urbanas e rurais superou a infra-estrutura cultural que Campinas oferecia, como também mudou a expectativa em relação às atividades realizadas e desejadas nas horas fora do trabalho.[139] Curiosamente, a imprensa refletiu esse momento de marasmo, como mostra esse exemplo extraído do jornal *Correio Popular* de 12 de setembro de 1942:

"CAMPINAS é chamada de "cemitério"

De há muito tem-se notado a tragédia dos artistas que visitam a nossa terra. Empresas teatrais inúmeras daqui têm saído carregando amargas decepções. Lá fora, Campinas já é conhecida como verdadeiro cemitério para empresas teatrais. A primeira causa é o baixo nível econômico da nossa população. A segunda é a platéia ter poucos lugares, não permitindo barateamento das entradas. Sendo o público que pode freqüentar o teatro muito reduzido, não há possibilidade de reprises. A quarta causa é a política municipal no tratamento das questões de arte, pois há idéia arraigada de fazer

---

[137] CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de Ruptura: As transformações no centro de Campinas na década dos cinqüenta*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996, pp. 38-78.

[138] SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*. Op. Cit.. pp. 11.

[139] Essa hipótese foi levantada no trabalho: RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, nº 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP, pp. 59. E segundo as autoras, essa hipótese precisa ser mais estudada e aprofundada. Mas parece não haver nada mais preciso para explicar esse momento vivido pelas atividades culturais em Campinas nos anos 40 e 50.

do teatro uma fonte de renda do erário. Com excesso de zelo financeiro, a prefeitura chega a espiolhar motivos para tirar dinheiro dos artistas."[140]

Essa situação contrasta claramente com o futebol, que na época vivia inclusive, nos textos de seus cronistas, uma época romântica e de ampla evolução, se popularizando e se organizando. Entre as atividades artísticas, antes "adormecidas", o cinema voltou a ter novo impulso nos anos 50. A produção de filmes em Campinas durou até meados dessa década, sendo esse período chamado de segundo Ciclo de Cinema Campineiro, quando alguns filmes foram aqui produzidos.[141] Entre o final da década de 40 e toda a década de 50, muitos cinemas foram inaugurados na cidade, que voltava aos poucos a ter como lazer a freqüência às salas de cinema em seu cotidiano. Esses cinemas estavam distribuídos pelos vários bairros da cidade. Em 6 de maio de 1947, inaugurou-se o Cine Carlos Gomes na Rua Campos Salles, esquina com a Rua Álvares Machado. Este cinema tinha a impressionante capacidade para 2 mil pessoas.

No ano de 1953, inaugurou-se o Cine Real no bairro Bonfim, o Cine Rex na Vila Industrial e o Cine Casablanca, que posteriormente, em 1956, passou a ser o Teatro Castro Mendes, que existe até hoje. Em 1954, foi inaugurado o Cine São Jorge no bairro São Bernardo, e um ano depois, em 1955, foi inaugurado o Cine Ouro Verde. Em 5 de dezembro de 1958, mais de uma década depois, quando o período de "marasmo" parecia estar terminando, foi inaugurado o Cine São José na Rua Paula Bueno, no bairro Taquaral.

A população de Campinas, que era de pouco mais de 150 mil pessoas no começo da década de 50, chega a quase 1 milhão em apenas meio século.[142] Embora tenha se urbanizado de maneira rápida e intensa até a década de 60, Campinas ainda era uma cidade que guardava aspectos rurais até meados da década anterior. A partir da década 70, houve uma grande explosão populacional e também um grande crescimento industrial. A política de desenvolvimento agro-exportador, a fundação da Unicamp e o programa Pró-Álcool foram os principais fatores para essa explosão demográfica. A cidade passava a ser um centro de produção da ciência. A primeira reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, ocorreu em Campinas no dia 11 de outubro de 1949, um ano depois da criação da entidade científica. A reunião se deu no Instituto Agronômico e também em outros espaços da cidade. Campinas foi então chamada de "capital latino-americana da Ciência".[143]

Nova leva de migrantes, vindos de outras regiões do Brasil, passam a se mudar para Campinas, à procura de melhores condições de trabalho e vida. Entre 1970 e 1980, mais de três milhões de pessoas migraram para o estado de São Paulo, muitas delas para a região de Campinas, a maioria com idade entre 15 e 39 anos. E a cidade passou a ser

---

[140] Correio Popular, apud, RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, Op. Cit., pp. 59.

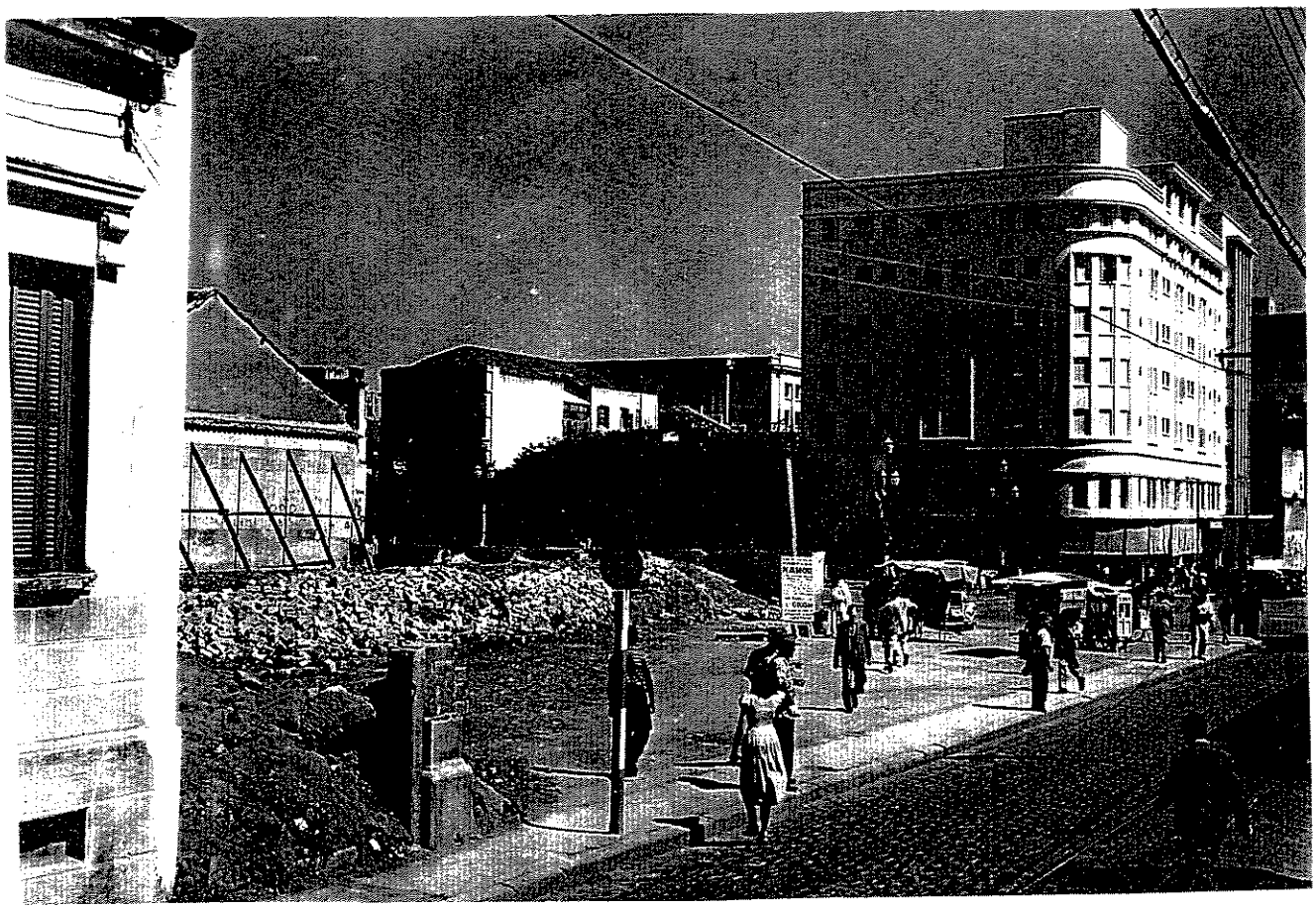
[141] AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. *"Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, Op. Cit., pp. 11.

[142] Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE.

[143] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Op. Cit.. pp. 108-109

chamada de "capital do interior".[144] Mais uma vez, Campinas tinha o perfil de sua população transformado.

(Foto que mostra a área onde ocorreu a demolição do prédio da Rua Dr. Costa Aguiar, esquina com a Rua Francisco Glicério. Localizou-se aí o prédio onde funcionou o segundo grupo escolar de Campinas, e depois o Cine República, demolido para o alargamento da rua. No mesmo local foi construído o edifício "Catedral". Acervo João Bosco Panattoni.)



No Brasil, entre os anos de 1950 e 1960, o índice de urbanização subiu de 36% para 45%. Em São Paulo, o número de habitantes na cidade subiu de 53% para 63%. E em Campinas, que já ostentava a condição de metrópole, o índice de urbanização nesse

[144] BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista*. Op. Cit., pp. 67-114.

período subiu de 70% a 84%. A cidade apresenta novo impulso cultural, principalmente protagonizado por sua elite e classe média alta. Pelo menos, essas atividades culturais apareciam mais, tendo como origem essas classes sociais. As classes populares, certamente também apresentaram inúmeras atividades culturais, marginalizadas pela cobertura jornalística, o que pode nos dar uma falsa impressão sobre a dinâmica cultural campineira nessa época, que mostrava, assim como ocorrera no início da industrialização, uma clara e bem definida divisão das classes sociais em Campinas.

Um momento importante para Campinas na década de 60 foi o da criação da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp[145], além ampliação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a Puccamp[146], que já existia, mantendo assim, a tradição campineira de ser um importante centro educacional, que atraiu para a cidade pessoas ligadas a classes sociais mais favorecidas. Essas duas universidades estão entre as maiores e melhores do país hoje.

Já entre os anos de 1970 e 1980, o índice de urbanização no Brasil subiu de 56% para 67%, em São Paulo, de 80% para 89%, e em Campinas, que já era de 90%, continuou com o mesmo índice.[147] A década de 80 e início da década de 90 trouxe a Campinas a construção de grandes obras públicas, fazendo circular o capital imobiliário campineiro. Essas grandes obras mantiveram o padrão de crescimento econômico que se iniciara nos anos 70.

Também ocorreu o êxodo rural nos anos 60 e 70. Muitos saíram da zona rural de Campinas e região para tentar a sorte na cidade. Muitos abandonaram outras áreas rurais, de cidades menores. Esses migrantes geraram um contingente grande de famílias e indivíduos pobres, que passaram a se estabelecer na periferia da cidade, vivendo em precárias condições de habitação. Começaram a surgir então as primeiras favelas em Campinas.

Nos anos 90, a imagem da cidade como um importante "centro educacional", principalmente no que se refere ao ensino fundamental e médio, é drasticamente abalado. As escolas públicas foram, ano após ano, sendo "destruídas" pelas políticas dos governos então vigentes. As escolas particulares, que congregam a minoria dos estudantes da cidade, atingem altos níveis de qualidade em seus processos educacionais. É nessa década de 90 que Campinas passa a apresentar os mesmos sérios problemas que afligem a cidade de São Paulo, capital do estado. Em alguns momentos, guardando as proporções quanto ao número de habitantes, Campinas chegou a ser mais violenta que São Paulo.[148]

---

[145] A Unicamp foi criada em 28 de dezembro de 1962. Posteriormente, em 1963, foi integrada à Unicamp a Faculdade de Ciências Médicas, criada pelo governador Jânio Quadros em 1958. Em 1966 é lançada a pedra fundamental do campus em Barão Geraldo.

[146] A Puccamp tem sua origem com as Faculdades Campineiras em 1941. Em 1955, as Faculdades Campineiras são agregadas à Universidade Católica de São Paulo. Passou em 15 de junho de 1955 à Universidade Católica de Campinas, que funcionou inicialmente no solar dos Barões de Itapura, até que fosse construído um outro campus em 1973, no local onde hoje se encontra o campus I, perto da Unicamp. A solenidade de instalação ocorreu no Teatro Municipal de Campinas em 1956.

[147] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Op. Cit., pp. 141.

[148] Em pesquisas recentes, realizadas em 2001, Campinas foi considerada a segunda cidade mais violenta do estado, perdendo apenas para Jundiaí. São Paulo vem depois. Essa pesquisa, alardeada pela imprensa, levou em consideração o número de assassinatos por habitantes da região metropolitana, mas os dados

Mas, num sentido contrário, a década de 90 trouxe para o nível universitário uma grande melhora, pelo menos na oferta de vagas e cursos. Um campus da Universidade Paulista, a Unip, é criada em 1995 na cidade.[149] Entre 1999 e 2000 começou a funcionar a Faculdades de Campinas, a Facamp, e em 2001, Campinas passou a ter um campus da Universidade São Francisco, que também possui campi em Itatiba e Bragança Paulista.

As universidades para Campinas atuam em diferentes frentes. A Unip apresenta a característica de formar mão-de-obra, a Puccamp, mantém uma postura comunitária, em que atua intensamente junto às comunidades mais pobres e periféricas da cidade, é a Unicamp, mantém sua atuação na área de produção científica e tecnológica, realizando uma integração entre as empresas e indústrias da região, como também as de outras regiões, com as atividades de investigação científica.[150]

Essas mudanças ocorridas na segunda metade do século XX mudaram a fisionomia da cidade novamente. Agora Campinas se apresenta como uma metrópole, abrigando todos os sérios problemas que assolam uma cidade deste porte. A cultura campineira, a forma de pensar do campineiro também se alterou. Em alguns bairros tradicionais, ainda se guardam características de uma Campinas de meados do século XX, antes portanto de se transformar numa metrópole, como é o caso da Vila Industrial ou do Taquaral, por exemplo.[151]

População de Campinas ao longo dos anos:[152]

Ano	População	Ano	Área total ocupada pela cidade
1767	185 habitantes	1796	26.350 m²
1797	2.107		
1836	6.689 - (3.917 - população escrava)	1819	49.700 m²
1854	14.201 - (8.190 - população escrava)		
1874	31.397 - (13.685 - população escrava)	1878	2.050.000 m²
1886	41.253 - (9.986 - população escrava)		
1900	67.694	1900	6.660.000 m²

obtidos não são comprovados cientificamente. Nos oferece apenas alguns indícios da atual situação em relação à violência urbana na cidade e região.

[149] Nesse ano, começou a funcionar o campus da Unip em Campinas. A Unip iniciou suas atividades através das Faculdades Objetivo, fundadas em 1972 em São Paulo, que se transformaram em Universidade em 1988. Hoje, a Unip possui oito campi, dois deles situados fora da cidade de São Paulo, em Campinas e em Ribeirão Preto.

[150] Essa classificação quanto à atuação social das universidades campineiras aparece em: AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. *"Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, Op. Cit., pp. 20-21.

[151] A determinação dessas "características" pode ser bastante subjetiva. Mas me refiro aqui a algumas características como espaços para as crianças brincarem na rua, intimidade entre moradores do bairro, realização de atividades culturais e tradicionais dentro do bairro, etc. É claro, que de maneira geral, mesmo esses bairros não escapam dos problemas e se igualam à fisionomia dos demais bairros campineiros.

[152] Esses dados foram coletados em duas obras já citadas: BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista* e *Campinas Século XX: 100 anos de História*.

1918	105.160		
1920	115.567	1929	13.373.000 m^2
1935	134.000	1945	16.246.000 m^2
1950	152.547 - (45.713, rural e 106.834, urbana)	1954	53.653.130 m^2
1960	219.303 - (35.619, rural e 183.684, urbana)		
1970	375.864 - (41.883, rural e 333.981, urbana)	1976	85.737.828 m^2
1980	664.559 - (76.241, rural e 588.318, urbana)	1984	114.437.712 m^2
1991	847.595		
1996	907.906 (25,75% entre 0 e 14 anos, 65,53% entre 15 e 59 anos e 8,71% com mais de 60 anos)		
2000	970.000 (estimativa)		

III - 10. A Associação Atlética Ponte Preta no espaço de Campinas

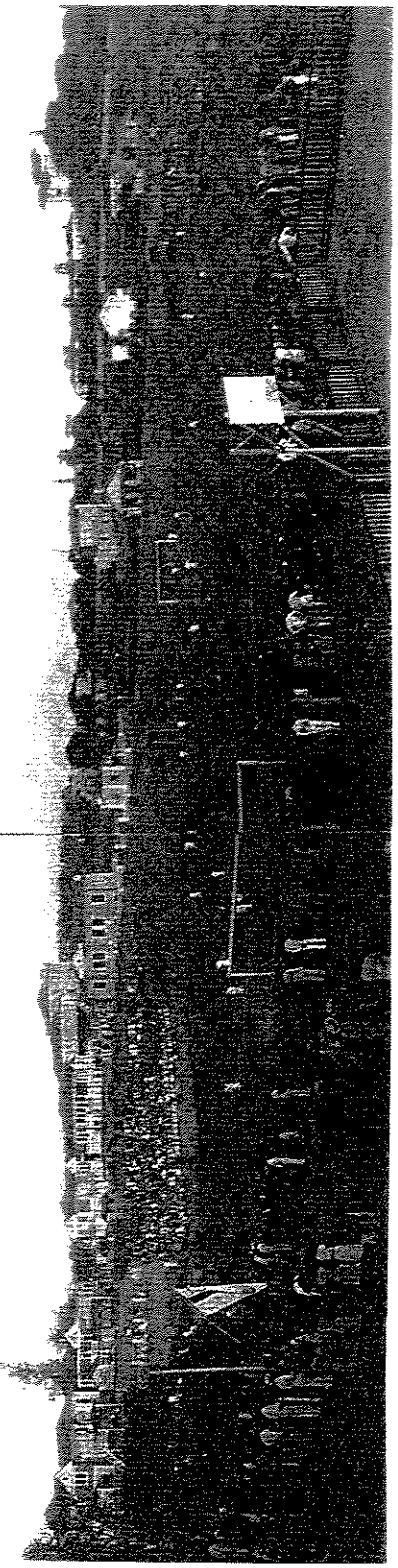
A Ponte Preta está intimamente ligada à ferrovia que ligava Campinas a Jundiaí e que fora inaugurada em 11 de agosto de 1872. Fundada em 1900, foi escolhido o dia e mês de inauguração da ferrovia como data oficial do nascimento da Ponte Preta. Isso se explica porque sua origem se deu ao lado dos trilhos da ferrovia, onde hoje está o bairro da Ponte Preta, e onde também se localiza a ponte que inspirou o nome do time, antes de madeira escurecida com camadas de impermeabilizante de cor preta (daí "ponte preta"). A ponte se localiza ao lado direito, no sentido bairro-centro, da passagem que liga a Rua Abolição (antiga Rua Ponte Preta, onde funcionaram as primeiras sedes do time, sempre na residência de um dos membros[153]) à Avenida Francisco Glicério e faz a ligação do bairro da Ponte Preta com a Rua Barão de Jaguara. Hoje, a ponte está tombada pelo Condepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, órgão municipal).[154]

O bairro da Ponte Preta, antigamente chamado de Bairro Alto ou "Morrinho", abrigou nos últimos anos do século XIX e primeiros anos do século XX, uma população de operários ligados à ferrovia, cujos trilhos eram praticamente um divisor, de um lado, a cidade, de outro lado, o subúrbio afastado e pobre, onde ficava o bairro da Ponte Preta. Outro bairro que tem profunda ligação com as primeiras décadas da Ponte Preta é a Vila Industrial, de onde vieram dois de seus primeiros presidentes, Dante Pera e Pedro de Alcântara, e além disso, muitos de seus moradores, alguns funcionários das companhias de linhas de ferro da Mogiana e da Paulista, passaram a ser sócios do clube. Por ser um bairro operário, havia uma identificação com o time. Até hoje, a Vila Industrial é um reduto de pontepretanos. Dante Pera, por exemplo, era muito próximo aos ferroviários e operários, e à organização deles. Ele também mantinha uma relação muito próxima com Ricardo de Oliveira, que fora presidente do S.C. Corinthians P. da capital, um time, que assim como a

[153] ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta.* "Os Primeiros 35 Anos - 1900 a 1935" (volume I), R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, SP, 1989, pp. 64-78.

[154] NETO, José Moraes dos Santos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta.* Editora Komedi, Campinas, SP, 2000, pp. 21-96.

Ponte Preta não era da elite estrangeira ou brasileira, mas constituído por integrantes das camadas populares, e com forte ligação com a classe operária.[155]



(Estádio da Ponte Preta na Chácara dos irmãos Bierrenbach, que não mais existe. Foto feita em 1927 (?). Acervo João Bosco Panattoni.)

[155] NETO, José Moraes dos Santos. *Sempre Ponte Preta: Mística, torcida e a cidade de Campinas.* Editora Komedi, Campinas, SP, 2001, pp. 67-76

O primeiro campo em que a Ponte Preta mandou seus jogos, nos primeiros anos do século XX, foi o "Ground do Cruzeiro", localizado no próprio bairro da Ponte Preta, perto do atual Cemitério da Saudade, que antes se chamava Cemitério do Fundão (por estar no subúrbio da cidade). Recebeu esse nome porque se localizava ao lado do Cruzeiro das Missões. Hoje resta no local uma cruz fincada. O segundo campo em que a Ponte Preta mandou seus jogos foi o antigo Hipódromo Campineiro, construído originalmente para as corridas de cavalos em Campinas. O Hipódromo, localizado no bairro do Bonfim, começou a abrigar partidas de futebol em 1906. O "Ground do Hipódromo" era uma espécie de campo neutro para se jogar as partidas mais acirradas ou mais importantes. A Ponte Preta mandou mais de 135 jogos nesse campo.

Entre os anos de 1928 e 1933, a Ponte Preta mandou seus jogos no campo da Chácara dos irmãos Bierrenbach. Essa praça de esportes foi chamada de Estádio da Júlio de Mesquita, e dele ainda resta um muro na Rua Guilherme da Silva, entre as avenidas Júlio de Mesquita e Anchieta. Depois de 1933, a Ponte Preta voltou a mandar seus jogos no Hipódromo. Até que em 1948, ficou pronto o atual estádio da Ponte Preta, o Moisés Lucarelli, sede definitiva, que recebeu esse nome, por ser ele, Moisés Lucarelli, um dos responsáveis pela aquisição do terreno e construção do estádio pontepretano.[156] Do estádio se pode observar a linha de trem e ao fundo o bairro da Ponte Preta, em outras palavras, o time voltou a se estabelecer perto de onde nasceu.

III - 11. O Guarani Futebol Clube no espaço de Campinas

O Guarani foi fundado por, na maioria, jovens estudantes, descendentes de italianos, e embora não pertencessem à elite de Campinas, eram ligados às camadas mais privilegiadas da sociedade campineira. Além de estudantes, que se formariam engenheiros e dentistas, por exemplo, também havia no grupo de fundadores marceneiros e barbeiros, por exemplo. A reunião de fundação ocorreu no Largo Carlos Gomes, hoje Praça Carlos Gomes, ou "Praça do Coreto", próximo à Prefeitura de Campinas. Foi do nome da praça, que um dos fundadores, José Trani, se inspirou para sugerir o nome do clube: Guarani, numa alusão a opera "O Guarani", do maestro campineiro Carlos Gomes.

O primeiro campo em que o Guarani treinou e mandou seus jogos foi o "Ground da Vila Industrial", também chamado de "campo do São Vicente", por estar localizado ao lado do asilo Vila São Vicente de Paulo, cujas obras haviam se iniciado no ano de 1908. Para se chegar ao campo, era preciso seguir pela Rua Francisco Theodoro, para em seguida ir pelo atalho que levava ao Cortume, para então se chegar à Rua Dr. Sales de Oliveira, local do campo.[157]

O segundo campo bugrino, o "Ground do A.A. Guanabara", se localizou mais próximo ao centro da cidade, no bairro do Guanabara. O A.A. Guanabara foi um dos principais times de Campinas no início do século. O campo se situava à esquerda da Rua José Paulino para quem se dirigisse à Estação Ferroviária da Companhia Mogiana - a Rua

[156] Quando se entra no estádio pontepretano, logo depois de passar as catracas da entrada principal, há uma estátua com o busto de Moisés Lucarelli.

[157] TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *A História do Guarani F.C.*. Impressão eletrônica 9.500 - Casa do Engenheiro, Campinas, 1987, "À Sombra das Palmeiras Imperiais" (1a parte), e 1989, "Os Primeiros Passos de um Campeão" (vol. 2).

Barão Geraldo de Rezende, na época da fundação do Guarani ainda era um caminho de terra batida. O local era conhecido como o "Ground do Guanabara" ou "Ground da José Paulino". Anos mais tarde, esse campo passaria a pertencer ao Guarani.[158]

Nesse mesmo local, anos depois, em 1923, o Guarani inauguraria o "Estádio do Guarani F.C.", o primeiro estádio construído com arquibancadas para a prática do futebol em Campinas. O time bugrino mandou por trinta anos seus jogos nesse estádio, também conhecido como o "Estádio da Rua Barão Geraldo de Rezende" ou "Pastinho" (pois animais pastavam nas imediações do estádio). Os bairros do Guanabara e Taquaral, regiões nobres de Campinas, são tidos hoje como redutos de bugrinos. E em 1953, o Guarani inaugura seu atual estádio, e sede definitiva, o Brinco de Ouro da Princesa, localizado no bairro do Proença, ao lado da Avenida Princesa D'Oeste, região rica do bairro Proença, ao contrário do estádio pontepretano, que se localiza na região mais pobre do bairro Proença.

A Ponte Preta é considerada um time popular, cujos torcedores fazem parte das camadas sociais menos favorecidas. Já o Guarani é considerado um time da elite, cujos torcedores são mais elitizados, fazendo parte das camadas sociais mais favorecidas. Essa caracterização está enraizada no imaginário do futebol campineiro (e estadual e nacional). Se levarmos em consideração as origens e os caminhos percorridos posteriormente por cada time, chegaremos a uma noção bastante próxima dessa caracterização: a Ponte Preta possui a maior torcida e é o time do povo, time dos pobres, e o Guarani possui a menor torcida é o time da classe média, o time dos ricos. Mas não há nenhuma comprovação científica disso.

Pesquisas recentes feitas por veículos como o jornal diário campineiro *Correio Popular*, a revista quinzenal paulistana *Placar* ou pelo grupo *Pró-Pesquisa*, de Campinas, mostram que a torcida do Guarani é tão grande quanto a da Ponte Preta. E ambas as torcidas têm representantes em todas as camadas sociais. Acredito que, através de uma pesquisa séria, iríamos encontrar uma divisão de torcidas próximo às tradicionais caracterizações, mas também perceberíamos que não há uma distância ou diferenças muito grandes ou significativas e relevantes entre as torcidas hoje, a não ser históricas. Pois hoje, ocorreu, a exemplo de outros centros importantes de futebol e seus respectivos times e torcidas, um processo de massificação das torcidas, o que fez com que elas perdessem um pouco sua identidade inicial.

Mas o embate simbólico se mantém quando Ponte Preta e Guarani se enfrentam. Assim como também se mantém em outros centros, como São Paulo (S.C. Corinthians P. dos pobres X São Paulo F.C. ou S. E. Palmeiras dos ricos), Rio de Janeiro (C.R. Flamengo ou C.R. Vasco da Gama dos pobres X Fluminense F.C. ou Botafogo F.R. ou América F.C. dos ricos), Belo Horizonte (C. Atlético Mineiro dos pobres X Cruzeiros E.C. dos ricos), Porto Alegre (S.C. Internacional dos pobres X Grêmio F.P. dos ricos), etc. As próprias torcidas assumem seus "papéis" no grandioso evento e contribuem para a

[158] TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *A História do Guarani F.C.*. Impressão eletrônica 9.500 - Casa do Engenheiro, Campinas, 1987, "À Sombra das Palmeiras Imperiais" (1a parte), e 1989, "Os Primeiros Passos de um Campeão" (vol. 2).

perpetuação dessas caracterizações. Ainda é um embate do pobre contra o rico em Campinas, mantendo-se o contexto simbólico.[159]

Mais informações sobre as histórias de Ponte Preta e Guarani virão mais adiante em seus respectivos capítulos. Antes desses, no capítulo seguinte, abordarei o futebol, com um breve histórico desse esporte no Brasil e no mundo.

(Foto da página seguinte: Rua Francisco Glicério antes de ser alargada. Nesta foto de 1912 ou 1913 aparece o casarão de esquina - à esquerda - onde, por volta de 1923, funcionou a sede social do Guarani. Acervo João Bosco Panattoni.)

[159] Essas caracterizações são representações e metáforas muito fortes e marcantes de nossa sociedade, que apresenta gritantes contrastes sociais e cujo embate social se dá no dia a dia em todos os cantos do país. O futebol funciona, nesse sentido, como um espelho, um reflexo dessa conjuntura social. Mesmo na esfera política, daqueles que administram e organizam o futebol nacional, percebe-se aí também um reflexo da política nacional, onde o poder é exercido pelos representantes das minorias, as classes mais favorecidas e ideologias dominantes, ficando a esmagadora maioria da população à mercê das decisões e interesses desses grupos dirigentes, onde se observa um contexto de enorme corrupção e crime organizado. Essa "guerra simbólica", reflexo da "guerra social" em nosso meio é um tema bastante vasto e infelizmente não cabe aqui.



IV - O FUTEBOL NO MUNDO, NO BRASIL E EM CAMPINAS: UMA BREVE HISTÓRIA

"Bola na Trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer um gol
Como jogador
Quem não sonhou
Em fazer um gol, e ser jogador de futebol?
A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda
É uma partida de futebol
Posso morrer pelo meu time
Se ele perder, que dor, imenso crime
Posso chorar se ele não ganhar
Mas se ele ganha
Não adianta
Não há garganta que não pare de berrar
A chuteira veste a meia que veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde é o gramado
Olhando para a bola eu vejo o sol
Está rolando agora
É uma partida de futebol
O meio campo é o lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante
É uma partida de futebol
O meu goleiro é um homem elástico
Só os dois zagueiros tem a chave do cadeado
Os laterais fecham a defesa
Mas que beleza, com certeza
É uma partida de futebol."

Skank [160]

IV - 1. Futebol: origens

Quando se fala das origens desse que é o mais conhecido e praticado esporte do mundo, aparecem muitas versões. Algumas se remetem a civilizações muito antigas ou a

[160] Letra, na íntegra, da canção "É uma partida de Futebol" do grupo mineiro Skank, escrita por Samuel Rosa, guitarrista e vocalista do Skank, e Nando Reis, baixista e vocalista dos Titãs e também em carreira solo. Está no terceiro trabalho da banda, intitulado "O Samba Poconé", de 1995. A letra é tão absurdamente simples que, somada à música em ritmo de um jogo de futebol de fato, faz da canção algo maravilhosamente mágico e verdadeiro. Nada mais brasileiro, nada mais universal, nada mais "futebol"...

jogos com bola disputados nos cantos mais exóticos do planeta. O futebol, esse esporte praticado hoje e amado por bilhões no mundo todo, surgiu na segunda metade do século XIX na Inglaterra. Que muitos jogos similares existiram, e até existem, é verdade. Mas sempre considerei a tentativa de achar uma origem para o futebol contemporâneo num passado tão distante uma tentativa em vão. Nunca me pareceu muito sustentável. Mas vou enumerar as várias versões que sugerem como se originou esse fascinante esporte.

IV - 2. Homens da caverna jogando "futebol"?

Antes de chegarmos à Inglaterra da década de 1860, podemos passar pelas várias origens que muitos autores ao longo do século XX nos transportaram. Alguns nos levam antes mesmo do surgimento do homo sapiens sapiens, ou seja, nós. Para alguns "historiadores da bola", a bola exerce uma atração muito grande no homem, instintiva e irresistível, gerando uma sensação de desafio e imenso prazer. O psicólogo holandês F.J.J. Buytendijk escreveu um ensaio em que diz que uma criança ao ver uma bola pela primeira vez tem a tendência de chutá-la e não agarrá-la. Segundo ele, essa seria a primeira razão porque ao "tentar" dominar uma bola, objeto teimoso e fugidio, a criança é desafiada, o que a instiga. Pensando dessa forma é fácil inferir que nossos ancestrais foram tentados a chutar uma "bola", que poderia ser uma pedra ou um crânio. Ancestrais como o homo erectus, há 2 milhões de anos, poderiam ser então os precursores do futebol...[161]

Num dos primeiros trabalhos sobre futebol, em 1903, o inglês G.T.W. Patrick diz que existe "um surpreendente paralelismo entre os jogos infantis e o estágio não-lúdico do homem primitivo". Entre outras palavras, há uma relação entre o "brincar" de uma criança e a rotina de um homem pré-histórico.[162] Mas a rotina de um homem pré-histórico, e não precisamos falar de um homo erectus, estava totalmente voltada para a natureza. Suas atividades baseavam-se fundamentalmente na sobrevivência. Caçar, colher, buscar abrigo e migrar.

Não estamos falando de seres com cultura ou civilização, mas de seres ainda presos a um funcionamento básico da natureza. Que eles se divertiam não há dúvida. Macacos, cachorros, gatos e outros animais, mamíferos principalmente, realizam movimentos ou se apropriam de objetos com o único objetivo, ao que tudo indica, de meramente brincar, passar o tempo ou até treinar ou se aprimorar para caças e fugas. Seria um gato brincalhão, com uma bola de novelo nas patas, ou um besouro, a empurrar uma esfera de esterco cinco vezes maior que ele, inventores de algum jogo ou esporte com bola? No caso do gato, ele parece realmente estar apenas brincando, passando o tempo. No caso do besouro, ele esta levando para casa alimento para suas larvas. Acho que devemos pensar na origem do futebol em algum momento da história da civilização humana, e não antes ou fora disso. O futebol é uma criação cultural. Aspectos de qualquer atividade cultural humana hoje poderiam ser encontradas em atividades humanas na pré-história. Mas são culturais?

IV - 3. "Futebol" na Antigüidade Oriental

[161] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.
[162] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

A relação íntima do homem com a bola, a esfera, é algo presente em muitas culturas da Antigüidade, onde surgiram as primeiras civilizações. Encontram-se gravuras rupestres de homens interagindo com uma esfera em civilizações como a egípcia, a indiana e a fenícia, entre outras.[163] Eram inúmeras as formas de divertimento com uma bola. Porém, não há nada que indique que esses "jogos" ou brincadeiras implicassem o uso tão somente dos pés com algum objetivo voltado para uma contagem de "pontos", ou mesmo de haver uma disputa de um contra outro. Nem mesmo podemos talvez chamá-los de "esportes".

Sabe-se que eram brincadeiras ou interações com objetos esféricos, que tinham para muitas culturas antigas um sentido mágico, místico ou religioso. Astros do céu, como o Sol e a Lua, são ante nossos olhos objetos esféricos, e esses astros foram e são sagrados para muitas culturas. Quando esses objetos estão representados em algum lugar, como uma pedra por exemplo, eles podem ter um caráter simplesmente sagrado e nada além disso.

Não poderiam ser esses jogos a origem de outros esportes como o vôlei ou basquete, se fossem também jogados com as mãos? A qualquer atividade humana no passado podemos realizar uma analogia com os nossos dias. Mas a generalização é tão grotesca que realmente gera muitas dúvidas, impossibilitando ver, muitas vezes, uma conexão. Nada nessas gravuras remete realmente ao futebol

IV - 4. "Futebol" na China antiga e no Japão antigo

Segundo o historiador chinês Liu Bingguo, o futebol surgiu na China em 5000 a.C.. Conta o historiador que os chineses já praticavam nessa época um jogo muito parecido com o atual futebol. E segundo ele ainda, existiam na época três jogos distintos. O primeiro era somente malabarismo, com um jogador realizando embaixadas[164], os outros dois eram disputados por dois times, havendo num dos jogos um único gol, e no outro, seis gols. [165]

Jogos com bolas e jogados com os pés aparecem em documentos escritos na China antiga, por volta de 2500 a.C.. Um guarda pessoal do jovem imperador chinês Shih Huang Ti, chamado Yang Tsé, inventou um jogo que parece ter sido muito bem recebido na corte e amplamente disputado por todos em datas comemorativas, e também utilizado para treinar as soldados, para o que, aliás, ele parece ter sido de fato criado. Esse jogo chamava-se "tsu chu" ou "Ts'u Chu", que traduzindo significa "chutar bola". É desse jogo, já extinto, que existem os mais antigos registros que parecem se remeter a um jogo similar ao futebol, em gravuras localizadas em tumbas, e que só foram filmadas em 1990, pela televisão inglesa. São gravuras que datam de dinastias como as de Ming e Han.[166]

---

[163] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

[164] Embaixada é o ato do jogador controlar a bola com os pés, cabeça, joelhos, ombros, menos com as mãos, sem deixar a bola cair ou tocar o chão. Demonstra habilidade e técnica na prática do jogo.

[165] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol* Volume 1 e vídeo 1, coleção de 6 revistas que acompanhou uma série de 6 vídeos sobre a história do futebol, Revista *Placar*, São Paulo, SP, 1998.

[166] As imagens aparecem em *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol*, vídeo 1, Op. Cit..

O "tsu chu" era praticado num campo quadrado, medindo 14 metros de lado. O campo era dividido por uma fita de seda presa a duas estacas verticais. Era disputado por duas equipes com oito jogadores cada. O objetivo era fazer a bola passar para o campo adversário, usando só os pés e sem deixá-la cair. A bola era de couro, preenchida com cabelo ou crina e tinha 22 centímetros de diâmetro. O inventor do jogo, Yang Tsé era um "craque" em seu jogo, pois deixou registrado um recorde, 206 embaixadas sem deixá-la tocar o chão. Os vencedores desse jogo eram tidos como heróis. Anos depois, o "tsu chu" teria chegado ao povo, que passou também a praticá-lo.

No Japão antigo, por volta de 4500 a.C.,[167] outro jogo, o "kemari", era muito parecido com o jogo dos chineses. Jogado pelos imperadores em seus jardins, o "kemari" tinha um caráter religioso, não havendo em si uma disputa, um confronto, como ocorria no jogo chinês.[168] Geralmente era jogado embaixo de uma cerejeira, árvore símbolo do Japão antigo. A bola era feita de fibras de bambu, o campo era delimitado por cercas e os escravos serviam de gandula.[169] O "kemari" ainda é encenado até hoje em cerimônias especiais no Japão.

Outro jogo que surgiu há séculos no sudeste da Ásia é o "Sepak Takraw", que até hoje é disputado, fazendo parte inclusive dos Jogos Asiáticos. Trata-se de uma espécie de Futvôlei jogado com uma bolinha, em que os jogadores, exímios malabaristas, mostram uma extraordinária habilidade para chutar a bola. Numa jogada clássica desse jogo, seus atletas desenvolveram um tipo de "bicicleta", para dar potência às "cortadas".[170] Esse jogo é disputado numa quadra semelhante à quadra de tênis, e é jogado na China, Tailândia, Coréias, Vietnã e em outros países asiáticos.

Eram jogos jogados com o pé, e exigiam muita técnica e domínio da bola com os pés. Mas ainda estão distantes dos objetivos e princípios do atual futebol. Não acredito que essas práticas tenham originado o futebol.

IV - 5. "Futebol" na América antes dos europeus

Segundo o historiador espanhol Herrera y Tordesillas, numa das investidas de Cristóvão Colombo ao continente americano, em 1496, em sua terceira viagem e quatro anos depois de descobri-lo, o navegador teve contato no Haiti com um estranho jogo

---

[167] O jornalista Orlando Duarte data esse jogo por volta de 2600 a.C. e o site Netgol data o jogo no século II d.C.. DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1996, pp. 87. Ou, *História dos Esportes*. Makron Books, São Paulo, SP, 2000, pp. 99. Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br. Mas é mais provável que a data correta desse jogo seja 4500 a.C., como mostrado em *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol* Volume 1, Op. Cit.

[168] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

[169] Gandula é o nome que recebe o encarregado de ficar além das linhas do campo para pegar a bola, quando essa sai, e repô-la ao campo de jogo. Embora sejam geralmente crianças e adolescentes, existem "gandulas profissionais", adultos, em alguns clubes.

[170] "Bicicleta" e "cortada" são jogadas do futebol e do vôlei, respectivamente. Na primeira jogada, o jogador, de frente a uma bola alta, com o alvo ou direção visada atrás de si, gira o corpo, impulsionando uma perna e acertando a bola com a outra. É um recurso para finalizar uma jogada difícil com precisão e força em que o jogador está de costas para o alvo. O "inventor" dessa jogada, pelo menos nos campos de futebol, foi o brasileiro Leônidas da Silva na década de 1930. Na segunda, o jogador de vôlei após receber um passe, a "bola levantada" pelo levantador, realiza a "cortada", que é um forte e direcionado tapa na bola visando acertar o chão do campo adversário.

nativo. Um jogo semelhante foi narrado posteriormente por viajantes que foram ao México. Os astecas jogavam com uma bola feita de borracha extraída das árvores locais. Nesse jogo praticado também com os pés, os nativos buscavam espantar maus espíritos. Eram jogos, portanto, de caráter religioso.

Os maias também praticavam um jogo semelhante, jogado com uma bola semelhante, o "ullamalizth". Nesse jogo maia, os jogadores tinham que acertar a bola com o quadril, mandando-a para o outro lado de um pequeno campo parecido com uma quadra de tênis. A disputa tinha um caráter totalmente ritualístico, pois, segundo algumas fontes, os perdedores eram decapitados e suas cabeças serviam posteriormente como bolas. Embora não se tenha certeza de que realmente as cabeças eram cortadas, sabe-se com certeza que se tratava de um ritual que fazia uma alusão à guerra. Em 1528, o espanhol Hernán Cortez levou para a Europa índios maias para disputarem uma partida de "ullamalizth" diante do rei Carlos V.[171]

Havia também outros jogos com bola disputados no continente americano. No norte do Canadá jogava-se o "aqsaqtuk", no Chile jogava-se o "pilimatun", na região da Patagônia, na Argentina, disputava-se o "tchoekah", e no norte de Honduras, também disputado pelo povo maia, havia o "copan".[172]

Assim como os jogos ~~dos chineses e japoneses, esses~~ jogos ~~americanos~~ também lidam com bolas e times, exigindo apurada técnica para praticá-los. Mas seus princípios e objetivos, assim como os outros, estão distantes do futebol. Podemos considerá-los cada um, como esportes extintos, parecidos de alguma forma com o futebol. Mas chamá-los de precursores do futebol atual, ainda me parece exagero.[173]

IV - 6. "Futebol" entre gregos antigos e romanos

Se há uma civilização que "inventou" o esporte como nós o conhecemos hoje, é a grega. Os gregos institucionalizaram diversos tipos de jogos, reunindo-os em grandes festejos que ocorriam com certa regularidade. Muitos desses jogos ou festejos eram realizados também com caráter religioso, para homenagear ou evocar algum deus do seu enorme panteão. Muitos desses deuses eram patronos de modalidades esportivas. Mas os jogos eram disputados também como pelejas para medir forças entre seus atletas.

Os gregos criaram os festivais pan-helênicos, que eram competições esportivas realizadas regularmente. Uma das celebrações esportivas desses festivais eram os Jogos Olímpicos. Os atuais Jogos Olímpicos realizados desde 1898, são, de certa forma, a continuação e atualização desses antigos "jogos olímpicos", que também eram realizados de quatro em quatro anos, como hoje. Para honrar os deuses do Olimpo, local sagrado e místico onde viviam os deuses do panteão grego, daí o nome dos jogos, de 884 a.C. ao ano de 394 d.C., esses jogos foram realizados e correspondiam a uma das maiores atividades culturais da Grécia Antiga.

Foram doze séculos de práticas esportivas em que atletas gregos se enfrentavam em muitas modalidades que até hoje são disputadas, nos jogos modernos. Entre essas modalidades, estavam as corridas, lutas, lançamentos de disco e dardo e saltos em altura e

---

[171] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol*, vídeo 1 Op. Cit..
[172] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol*, vídeo 1 Op. Cit.
[173] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

distância. Mas havia algumas pelejas disputadas com bolas, entre as quais, existia um jogo chamado "epyskiros", que surgiu por volta de 800 a.C.. Embora as regras desse jogo não sejam totalmente conhecidas, para jogá-lo eram necessários dois times de 15 jogadores cada num campo retangular, e o objetivo era conseguir levar a "spahiromachia", ou seja, a bola, feita de bexiga de boi cheia de areia e ar, ao campo adversário e transpor seus limites. Os jogadores desse jogo, praticado em casernas durante treinamento militar, costumavam se comunicar com comandos durante os embates. Entre os comandos estão expressões como "passe a bola", "volte", "para frente"...[174]

O que se conhece hoje dessas modalidades e desses jogos com bola da Grécia antiga, são informações que foram registradas em textos de Julius Pollux e Antífanes, que datam dos séculos II e III d.C..

O contato dos romanos com os gregos alguns séculos antes de Cristo, gerou uma civilização que uniu características das duas. Nessa civilização Greco-Romana, também se observou a prática de jogos similares. Os romanos também tinham os seus "jogos olímpicos". E esses jogos também homenageavam os deuses romanos. A cada deus grego do Olimpo correspondia um deus do panteão romano.

O jogo grego de malabarismos, o "epyskiros", também teve a sua versão romana, tratava-se do "harpastum", com menos malabarismos e mais jogo em si. Ele era disputado num campo retangular com uma bola chamada follis, que era uma bexiga bovina protegida por couro. O campo tinha uma linha divisória, e as equipes tinham o objetivo de invadir o lado adversário e tentar fazer a bola, fosse com as mãos ou com os pés, ultrapassar uma meta, localizada no final do lado adversário. O interessante do "harpastum" é que, assim como o futebol moderno, os jogadores das equipes ocupavam posições e exerciam funções em campo. Os nossos zagueiros eram os "lucus stantium", os nossos meias eram os "medicurrens", e os nossos atacantes, os "area pilae praetervolantis" e os "area pilae superiecttae". O interessante é que esse jogo era tido como grotesco pelos governadores romanos, que chegaram a proibi-lo entre as mulheres.[175]

O que se sabe desse jogo romano é o que ficou registrado em textos de carta de Sidonius Apollinaris, 800 anos depois de Antífanes. Esses jogos sim tinham os mesmos princípios que regem o nosso futebol. Mas há um porém, fundamental, eram jogados também com as mãos, provavelmente sendo as jogadas realizadas principalmente com elas e não com os pés. E isso não é apenas um mero detalhe. Aliás, essa prática se assemelha muito mais ao rugby e ao futebol americano do que ao futebol.

IV - 7. "Futebol" na Gália, o Soule ou Choule

O avanço territorial romano em direção ao norte da Europa, propiciou aos povos dessa região o contato com a cultura romana. Muitos povos foram assimilados pelos romanos, mas também assimilaram muito da cultura dos conquistadores. Na Gália, região que hoje corresponde à França, os gauleses desenvolveram jogos. E um desses jogos, que parece ter surgido a partir do "harpastum" romano, chamado de Soule ou Choule, era um jogo que se jogava com uma bola. Era disputado num campo retangular, e as duas equipes

[174] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol* Volume 1 e vídeo 1, Op. Cit.
[175] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

tinham como objetivo avançar para o lado adversário e tentar levar a bola além da linha final.

Esse jogo extinto foi disputado também durante a Idade Média, quando a Gália não estava mais dominada pelos romanos. E nessa, época recebeu forte censura da Igreja Católica, então já estabelecida como poderosa instituição. Os educadores religiosos eram contra esses jogos que envolviam tão grande movimentação e contato de corpos. Mas mesmo assim, o jogo sobreviveu nesse período. Com o tempo, deixou de ser uma prática popular, rústica e violenta, e passou também a ser jogado pela elite em palácios, nesse caso de uma forma menos violenta, em que os jogadores passavam a bola de mão em mão de uma maneira "mais civilizada".[176] Assim como o "harspatum", o soule ou choule, era um esporte mais parecido com o rugby.

IV - 8. "Futebol" na Itália medieval, o Calcio

Na Idade Média, além do soule ou choule, surgiu na cidade de Florença, hoje Itália, um jogo com bola chamado calcio. Para muitos "historiadores da bola", foi na Itália que o futebol surgiu. Os italianos acreditam tanto nisso que não têm uma palavra para futebol. Futebol é calcio, e calcio é futebol. Esse tradicional jogo herdado dos romanos, disputado até hoje, começou com uma rixa política. A disputa envolveu dois grupos políticos do Príncipe de Orange, cujas tropas na época cercavam a cidade. Os aristocráticos Seglio Antinori e Dante Cantiglione resolveram colocar suas diferenças "em campo", literalmente.

Na manhã do dia 17 de fevereiro de 1529, formaram-se duas equipes com 27 jogadores cada. Um "time" se vestiu de branco, os "cantigliones", o outro de verde, os "antinoris". O jogo foi disputado na Praça Santa Croce com uma bola feita com bexiga bovina revestida de couro, a exemplo das bolas do harspatum. O objetivo do jogo não era nada novo. Cada equipe tinha que levar a bola para o campo adversário e depositá-la num tipo de tenda (gol?). Se algum jogador conseguisse chegar a tenda, marcaria um caccia, ou seja, um ponto (gol?), que decidia a partida. Para conduzir a bola para a tenda valia de tudo, conduzindo assim o jogo a um espetáculo de muita violência.

Não se sabe quem venceu a peleja naquela manhã do século XVI, mas o jogo passou a ser amado pela população local. E até hoje, no dia de São João, padroeiro de Florença, 24 de junho, realiza-se o calcio, hoje giuoco calcio. É disputado com toda uma cerimônia e ritual medievais, com o desfile de bandeiras e toda a pompa festiva italiana. O jogo ganhou regras fixas já em 1580. No calcio, os jogadores também ocupam posições para exercerem determinadas funções. Há zagueiros, os datori addietro e os datori innanzi, meias, os sconciatoris, e atacantes, os corridores. O calcio foi praticado por conhecidos personagens da história, como o papa Clemente VII e Maquiavel.[177]

Embora os italianos chamem o futebol de calcio, o jogo calcio, disputado em Florença anualmente, certamente não é o futebol. Mais uma vez, é apenas um jogo com bola. Semelhante em algumas coisas, de fato, como o objetivo de se fazer um "gol". Mas

---

[176] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

[177] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol* Volume 1 e vídeo 1, Op. Cit, e o site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

ainda não é o jogo jogado somente com os pés. O calcio é sem dúvida muito parecido e o princípio é exatamente o mesmo.

IV - 9. "Futebol" de Derby

Outros relatos situados na Idade Média também nos transportam para a Inglaterra medieval. A cidade inglesa de Derby, às margens do rio Dervent no norte da Inglaterra, é considerada pelos ingleses como sendo a cidade onde teria nascido o "futebol moderno", o futebol de hoje. Nessa cidade, e também em outras como Chester e Kingston-on-Thames, disputava-se um jogo com uma bola de couro, que envolvia times com até cem jogadores! No confronto entre esses dois pequenos exércitos, valia tudo. Da extrema violência decorriam socos e pontapés, tudo para tentar conduzir a bola até o lado adversário. E o "lado", nesse caso, poderia ser até a entrada da cidade vizinha, distante alguns quilômetros. Pessoas saíam literalmente quebradas desse combate disputado ao longo de um dia inteiro. Era chamado de o "jogo das multidões".

A origem desse jogo tradicional da zona rural, que para os ingleses originou o futebol moderno, está relacionada à comemoração anual da expulsão de um inimigo do solo inglês, no caso os dinamarqueses no século XI, ou a uma vitória histórica dos ingleses sobre um poderoso inimigo, os romanos, em 217. No segundo caso, seria através de um jogo, uma vitória numa partida de "harspatum".

De qualquer forma, o jogo ou o violento festejo ocorria sempre na terça-feira "gorda", a que antecedia a quarta-feira de cinzas, último dos três dias do Shrovetide ou shroftide, como se falava no período medieval, e que corresponde ao nosso carnaval.

Esse "jogo de Derby", com o tempo, tornou-se imensamente tradicional e rapidamente se espalhou pela ilha. Geralmente ele era disputado por muitos e era muito violento. À medida que se espalhou pela Inglaterra, ganhou novas versões. O "hurling over country" apareceu na região da Cornuália. Em Ashbourne, o "mob football", como passou a ser chamado o jogo em muitas regiões, ganhou contornos mais religiosos, em que a prática visava exaltar ou invocar a terra, o Sol, a água e o ar, misturando-se a rituais com origem nas antigas religiões pagãs da Inglaterra. O "mob football" foi o jogo que se tornou mais comum e se popularizou.

De caráter bárbaro, por ser tão violento e por trazer tanta desordem, o "mob football" foi oficialmente proibido várias vezes. Muitas leis por vários governantes foram impostas para tentar controlar esse jogo, de que os jovens da época gostavam tanto. Reis ingleses como Ricardo II, Henrique IV, Henrique VIII e Elizabeth I, e também o rei escocês Jaime II, proibiram o jogo. Alegavam, além da extrema violência e desordem que o jogo trazia, também a capacidade de "alienar" os jovens, desviando-os de exercícios considerados fundamentais para os jovens em caso de guerra, como a equitação, a esgrima, e os lançamentos de lanças, dardos e bolas de ferro. E guerra era muito comum para esses povos na época.

Mas com o tempo, os governantes se viram obrigados a tolerar o jogo, pois uma parte bastante significativa da população aderira a ele. E os adeptos cresciam mais e mais. No final do século XVIII, o rei Jorge III e seu filho Jorge IV foram exemplo de governantes que demonstraram ser mais tolerantes com o jogo, agora chamado apenas "football". Ele podia ser praticado livremente nas ruas e espaços públicos, como jardins,

só que havia regras que proibiam a violência, como socos, pontapés. Também algumas conseqüências do jogo, como vidraças quebradas ou propriedades danificadas, eram punidas com rigor.

Curiosamente, na obra "Rei Lear" de William Shakespeare, uma das cenas traz a seguinte fala de um personagem para outro: "este desprezível jogador de futebol". Isso demonstra como muitos ingleses e escoceses se sentiam ante aquele "estúpido" jogo. Por outro lado, ele continuou sendo praticado, principalmente pelas camadas mais populares, o que demonstra claramente também, o enorme interesse e paixão que muitos ingleses e escoceses tinham pelo "mob football".[178]

É importante salientar que apesar do nome, o "mob football" era disputado, na maioria das vezes, com pés e mãos. Valia tudo para conduzir o precioso objeto de disputa, a bola, até o local estabelecido. Certamente o princípio do jogo é o mesmo. Mas ainda não é o futebol, embora pudesse exercer fascínio semelhante. E embora estejamos no caminho, o "mob football", ou apenas "football", como passou a ser chamado posteriormente, ainda não é o futebol "moderno". Está longe dele. Mas, se quisermos falar em "ancestral do futebol moderno", este é o "mob football" ou "futebol de Derby". Pois, como veremos a seguir, foi a evolução da sua prática, e a confecção de regras, que gerou o futebol. E é nesse momento também que ocorre uma cisão que gerou outro esporte muito conhecido hoje, o rugby.

IV - 10. Derby ou Dérbi: sinônimo de embate e de clássico

Antes de dar seqüência à evolução do "futebol de Derby", vale aqui já ressaltar como a palavra "dérbi", que é o aportuguesamento da palavra inglesa "Derby", é hoje sinônimo de embate e clássico, assim como ter uma noção do que é um clássico para o futebol.

"Derby" se referia antes à mais importante e tradicional corrida de cavalos da Inglaterra, de 2400 metros, disputada na cidade de Epsom por animais de três anos, para se determinar o melhor cavalo de uma nova geração. Era chamada de "Derby de Epsom". Essa carreira foi disputada pela primeira vez no século XVII. Esse esporte, o turfe[179], é disputado há muitos séculos pela nobreza européia. Tido como um "esporte de reis", até hoje o turfe é disputado pela elite, tanto na Europa, como em outros lugares, como o Brasil.

No Brasil, o primeiro clube de corridas destinado ao turfe foi construído em 1868 no Rio de Janeiro e se chamava Jockey Club. Em 1885, também no Rio de Janeiro, foi construído um segundo clube para corridas de cavalo, o Derby Club. Houve um tempo em que se acostumou referir-se a uma corrida de cavalos neste clube como sendo um "derby". "Hoje haverá mais um derby", diziam. Posteriormente, em 1926, houve uma fusão dos dois clubes, surgindo assim o Jockey Club Brasileiro. Em São Paulo, o turfe chegou com a inauguração do Club de Corridas Paulistano em 1885, que em 1941, passaria a se chamar Jockey Club de São Paulo, em atividade até hoje no bairro Cidade Jardim.[180]

---

[178] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

[179] A palavra "turfe" vem do inglês "turf" e significa local onde se realizam corridas de cavalos.

[180] DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo*. Op. Cit., pp. 207-208. Ou, *História dos Esportes*. Op. Cit., pp.238-239.

Com o passar dos anos, acostumou-se a chamar qualquer corrida de "derby". A palavra passou então a ser sinônimo de "corrida", "embate", "confronto", "disputa", "peleja", ou "combate". Ainda na primeira metade do século XX, a palavra foi levada para outros esportes, principalmente o futebol, onde passou a ser sinônimo de "clássico", um jogo com história e tradição. Um clássico ou dérbi passa a designar assim as partidas que envolvem rivais históricos e tradicionais, o que significa dizer, os encontros entre os tradicionais times de uma cidade, que tenham uma rivalidade já enraizada historicamente.

E como vimos, "dérbi" também é uma referência ao tradicional e antigo jogo "mob football", disputado na cidade de Derby, também chamado de "football de Derby" ou apenas "football". Esse jogo é caracterizado pela intensa disputa, para não dizer uma brutal e violenta peleja.

Os jogos do futebol brasileiro que são conhecidos como "dérbis" são A.A. Ponte Preta X Guarani F.C. ou S.C. Corinthians P. X S.E. Palmeiras. Aliás, nas últimas décadas, acostumou-se a chamar mais o jogo campineiro de dérbi do que o encontro paulistano. Isso se deve a presença de outros dois grandes clubes em São Paulo, com quem S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras também fazem clássicos de igual tradição. Trata-se dos times do São Paulo F.C. e do Santos F.C., que apesar de não ser paulistano, é tido como um time da capital, mandando muitos dos seus jogos em São Paulo e não em Santos, já que o Estádio Urbano Caldeira, a "Vila Belmiro", é muito acanhado para comportar jogos, principalmente os clássicos nos dias de hoje. Assim, não é exagero dizer que o maior dérbi, ou o que ostenta mais freqüentemente essa denominação hoje, é o campineiro.

Mas outros clássicos também podem ser eventualmente chamados de dérbis, como por exemplo Santos F.C. X A.A. Portuguesa, clássico de Santos, ou Botafogo F.C. X Comercial F.C., clássico de Ribeirão Preto - conhecido como o "Comefogo" -, ou A.A. Internacional X Independente F.C., clássico de Limeira, ou Rio Claro F.C. X A.E. Velo Clube, clássico de Rio Claro, ou E.C. São Bento X C.A. Sorocaba, clássico de Sorocaba, ou São João F.C. X G.E. Atibaiense, clássico da pequena cidade de Atibaia. E assim por diante. É preciso portanto que os clubes envolvidos tenham tradição, nem que seja uma tradição local, e uma história de rivalidade criada ao longo de anos e muitos confrontos, o que ocorre geralmente entre times antigos da mesma cidade. Essa tradição de chamar esses clássicos históricos de "dérbi" é um costume paulista.

Como se percebe, "dérbi" também acaba sendo sinônimo de "clássico". Mas o que é exatamente um "clássico"? Quando usamos essa palavra estamos nos referindo a algo que é "tradicional", "bom", "antigo", "modelo", "padrão", uma "referência obrigatória", etc. Enfim, essas são as noções que temos quando lidamos com a palavra "clássico".

A palavra vem do latim classicus e refere-se, inicialmente, à Antigüidade, à Grécia antiga. Ao período que corresponde ao auge da civilização grega, dá-se o nome de Clássico. Esse período tem início por volta de 500 a.C., indo até a assimilação dos gregos pelos macedônios, o que ocorre por volta de 150 a.C.. Com a mistura das culturas grega e macedônica, vem o período Helenístico. E, pouco antes de Cristo, essa cultura passa por outra assimilação, a romana, originando a cultura greco-romana, da qual se formou ao longo dos séculos a "cultura ocidental" que herdamos. Alguns se referem como clássico a esses três períodos: a Grécia Clássica, o Helenismo e a civilização Greco-Romana.

Portanto daí podemos tirar a noção de "antigo" e "modelo" ou "auge". Também as artes desse período são chamadas de artes clássicas. Mas para a arte, o conceito e noção

de "clássico" vai além de uma periodização, de uma época. É clássico para a arte obras que signifiquem algum padrão, ou um consenso de sua beleza ou qualidade. O artista ou o indivíduo envolvido com a arte, como um crítico de arte, diz que uma determinada obra é clássica porque ela é "boa", "tradicional" e serve de "modelo", "padrão" ou "referência" para outras obras, para um período ou para um comportamento do homem.[181]

Também o sentido de "clássico" pode ser o de algo fabricado ou imposto. Vivemos numa "cultura ocidental cristã". Nossos valores e ideologia são parte de nossa bagagem cultural, que herdamos dos nossos pais e do meio em que vivemos. E a manutenção desses valores e ideologia, podemos observar na Indústria Cultural, que através de muitos veículos, como a imprensa e a religião, produz ou reforça nossas noções e direções culturais. Produz-se assim a cultura de massa, da qual o futebol, fruto da cultura burguesa do final do século XIX, é um dos maiores ícones.[182]

E dentro do futebol, encontramos os mesmo símbolos culturais e ideológicos que encontramos no nosso dia-a-dia. Assim, "clássico" para o futebol se refere aos jogos que tem uma longa trajetória de história e de rivalidade. O que é conquistado geralmente por times da mesma cidade ou região. Mas, às vezes, um jogo que envolve times distantes, cujos confrontos em algum momento de suas histórias foram relevantes ou significativos, podem também constituir um "clássico". Ou, o que é muito comum, jogos de times distantes, mas grandes, também constituem clássicos. Por exemplo, todos os jogos envolvendo os "doze gigantes"[183] do futebol brasileiro constituem clássicos, que podem ter maior ou menor repercussão dependendo do momento que vivem.

---

[181] Particularmente tenho uma certa ojeriza em relação à classificação, principalmente qualitativa, que se faz das artes. A arte é uma manifestação humana, evidentemente condicionada ao seu tempo, é parte dela, é expressão de momento e época. Mas é fundamentalmente subjetivo, pessoal. Mesmo o consenso é algo duvidoso, pois estamos inseridos numa cultura, com ideologia e referências próprias. Portanto, somos "treinados" a pensar de acordo com alguns padrões, para não dizer imposições. São assim, imposições culturais. Um clássico, sem ser uma periodização, é assim muitas vezes estranho para mim. Como podemos justificar que uma obra é melhor que a outra, sem estarmos sendo completamente subjetivos, por mais sensata e coerente que possa parecer um argumento ou justificativa. Prefiro pensar que a qualificação de uma arte é relativa, o "bom" ou o "ruim" depende da cultura, do grau de alienação, do tempo, assim como o clássico. De qualquer forma, sem me prolongar, não é essa noção de "clássico", ligado à arte, que me interessa aqui. Mas sim a noção de tradição e grandiosidade perpetuadas no tempo.

[182] A Indústria Cultural, Cultura de Massa e assimilação de valores da cultura dominante, utilizando-se de instrumentos como a imprensa são discutidas amplamente na obra: COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, SP, 1973.

[183] O futebol brasileiro tem muitos times tradicionais, muitos times "grandes". Times como Ponte Preta, Guarani, A.D. São Caetano (SP), Botafogo F.C. (SP), C.A. Bragantino (SP), E.C. XV de Novembro de Piracicaba (SP), A.A. Internacional (SP), América F.C. (RJ), Bangu A.C., América F.C. (MG), Sport C. Recife (PE), Santa Cruz E.C. (PE), Coritiba F.C. (PR), C. Atlético Paranaense (PR), Paraná C. (PR), Joinville (SC), E.C. Bahia (BA), E.C. Vitória (BA), por exemplo, são times "grandes", pois classificá-los como médios ou pequenos não faria sentido, considerando-se suas tradições, história e retrospecto. Assim, quando digo os "doze gigantes" do futebol brasileiros estou me referindo aos tradicionais times "grandes", mas que não podem perfilar, em relação à tradição e ao retrospecto de cada um, ao lado das equipes citadas acima. Não se trata de desprezo, longe disso, já que todas essas equipes citadas acima e outras que não citei por falta de espaço são verdadeiros ícones do futebol nacional - além de alguns times já extintos. Os "doze gigantes" são sem dúvida: S.C. Corinthians P. (SP), S.E. Palmeiras (SP), São Paulo F.C. (SP), Santos F.C. (SP), C.R. Flamengo (RJ), Fluminense F.C. (RJ), C.R. Vasco da Gama (RJ), Botafogo F.R. (RJ), C. Atlético Mineiro (MG), Cruzeiro E.C. (MG), S.C. Internacional (RS) e Grêmio F.P. (RS).

O "Dérbi", então, é mais que um "clássico", é um "clássico" especial, único. Os clássicos são fundamentais para o futebol, para a manutenção de sua rivalidade. Para a imprensa representam o grande momento do futebol, o maior evento, passível de grande atenção e interesse. Muitos certames regionais sobrevivem em função de seus clássicos. Sem eles, muitas competições poderiam perder a graça ante os olhos dos torcedores. Como exemplo disso pode-se citar um momento vivido por dois "gigantes" do nosso futebol, o Cruzeiro E.C. e o C. Atlético Mineiro. Em meados da década de 80, o C. Atlético Mineiro vivia uma séria crise financeira. Falou-se - com exagero, é verdade - em falência. Isso mobilizou muitos cruzeirenses. Queriam reerguer o rival, pois sem ele o futebol mineiro poderia "sumir". É claro que muitos torcedores se mobilizaram para, ironizar a situação do rival. Mas a verdade é que um clube só pode se tornar grande, tradicional e conhecido, se suas disputas trouxerem uma rivalidade e tradição inerente e latente. Por isso, é fundamental a existência do grande rival, do "inimigo", do "igual" para medir força sempre. "Amamos odiar o rival"...

Sem Ponte Preta, o Guarani não seria tão grande e vice versa. Sem o dérbi, ambos não seriam tão grandes. E sem a tradição e a rivalidade do dérbi, o futebol campineiro não seria tão grande e tradicional, e o jornalismo esportivo em Campinas seria inexpressivo e irrelevante.

Mas antes de nascerem os clássicos do futebol, o esporte precisou ser efetivamente criado e institucionalizado. É o que abordarei a seguir.

IV - 11. Preparando o berço do futebol na Era Vitoriana

A Inglaterra já possuía a tradição de jogos com bola, como o "football de Derby". Seus jovens já traziam em sua bagagem cultural o conhecimento e o gosto por esses jogos, que se difundiram amplamente pela Inglaterra e Escócia. É importante localizar o momento vivido pela sociedade inglesa nesse período. A vida e os costumes ingleses foram transformados devido à industrialização e urbanização da Inglaterra, decorridos da Revolução Industrial, que se iniciou no século XVII.

Em 1837, Vitória, neta do rei Jorge III e filha de Guilherme IV foi coroada rainha da Inglaterra. A rainha Vitória reinou por longos 61 anos, e sob o seu reinado, a Inglaterra constituiu o maior império de toda a história da humanidade, difundindo inclusive sua cultura, e sua ideologia burguesa, estabelecida após a Revolução Industrial.

A rainha Vitória era austera e bastante conservadora. Defendia as tradições inglesas. E embora houvesse, entre os nobres e outros, uma forte resistência em relação aos violentos jogos praticados na Inglaterra, a rainha liberou e introduziu a prática de jogos recreativos e exercícios físicos nas escolas públicas e universidades inglesas. Essa decisão não foi uma ação progressista da rainha. Ela foi orientada pelo pedagogo Thomas Arnold para tomar tal decisão. Foi na verdade uma estratégia política e ideológica.

As chamadas "escolas públicas" na Inglaterra eram exatamente as escolas particulares, freqüentadas pelas crianças da nobreza e posteriormente pelas crianças da alta burguesia, classe que havia enriquecido nos últimos dois séculos. Da burguesia vinham os ideais de uma sociedade de igualdade social e a tendência por transformações sociais. E esses pensamentos eram ruins para a nobreza. A intenção de Thomas Arnold ao

aconselhar, e ser prontamente atendido pela rainha, era o de ocupar as crianças com atividades físicas e não intelectuais.[184]

Inclusive na virada do século, quando o futebol já era uma realidade, os anarquistas chegaram a acusar a nobreza e a burguesia de se apropriar do futebol com o intuito de utilizá-lo como instrumento de dominação ideológica, desviando a atenção de estudantes e operários, já que o futebol fora organizado e disputado amplamente também nas fábricas entre operários e camadas populares. A elite, segundo anarquistas, temia a organização das massas populares. A institucionalização do jogo talvez tenha permitido nesse momento o controle de possíveis mobilizações sociais.

De qualquer forma, essa decisão da rainha foi fundamental para que o futebol e outros esportes modernos pudessem surgir e se organizar na Inglaterra, estabelecendo-se posteriormente como práticas comuns entre os ingleses e também em todo o mundo, para onde os costumes ingleses foram amplamente difundidos.

Assim, os estudantes ingleses puderam praticar e organizar o futebol décadas mais tarde, na segunda metade do século XIX. Muitos colégios e universidades praticavam a sua versão do futebol, com suas regras próprias. Em 1846, alunos da universidade de Cambridge publicaram as suas regras, as primeiras para o futebol. Os alunos de Oxford e Eton aderiram às regras de Cambridge. Essas regras eram um aperfeiçoamento do "mob football". Toda a violência do ancestral jogo havia sido inibida ou proibida com as regras, que também estabeleciam que cada time durante uma partida teria onze jogadores. Nessa versão de Cambridge, o jogador podia interceptar a bola com a mão em qualquer lugar do campo, mas não podia correr com ela nem arremessá-la ou passá-la. Ele tinha que colocar a bola no chão e a partir daí usava os pés, e chutava para onde quisesse. Sabendo do início da organização do futebol com regras para controlar a violência, em 1847, William Mousley, prefeito de Derby, proibiu na cidade a prática do antigo "mob football". Treze anos depois, Frank Wright, prefeito de Ashbourne, também proibiu a prática do ancestral jogo.

Outros colégios aderiram às regras de Cambridge. Em 1857, o Sheffield tornava-se o primeiro clube a praticar o futebol de Cambridge. Em 1861, o Wonderers também aderiu a essas regras. O futebol, mesmo com suas várias versões começou a se popularizar. Porém, havia um inconveniente, as várias versões com suas regras próprias impediam a realização de jogos entre muitos times da época. Logo surgiu um movimento que visava a unificação das regras para acabar com esse problema. O futebol já havia sido concebido. Faltava nascer.

IV - 12. Enfim, nasce o futebol moderno, o nosso futebol (e também o rugby)

Em 26 de outubro de 1863, reuniram-se na taberna Feemason's, na Great Queen Street, no centro de Londres, representantes de 11 organizações de futebol para discutirem a unificação das regras do jogo, visando à criação de uma competição nacional.

---

[184] *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol* Volume 1 e vídeo 1, Op. Cit. Ou, site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

Foram ao todo cinco reuniões. Assim, foi fundada "The Football Association", a primeira federação de futebol do mundo, e que até os dias de hoje administra o futebol inglês.

Dessa reunião, alguns integrantes não aceitaram seguir as regras de Cambridge, onde se jogava o futebol com os pés, embora ainda não fossem as regras do atual futebol, já que por exemplo ainda se podia usar as mãos, de forma limitada é verdade. Os alunos da Rugby School queriam continuar com a sua versão de futebol, que a partir de uma proposta do jovem professor William Webb Ellis,[185] era disputado desde 1823 com as mãos. Em outras palavras, qualquer um dos onze jogadores podia pegar a bola com as mãos e correr com ela em direção ao campo adversário. Dessa cisão, nasciam o futebol e o rugby como esportes diferentes e independentes.

Somente em 1871, decidiu-se que apenas um jogador poderia usar as mãos, o "goal-keeper", ou seja, o goleiro. E mesmo assim, ele só poderia fazê-lo dentro dos limites de sua área, a "grande área". Os demais só podiam pegar a bola com as mãos para cobrar um lateral. Alguns times ingleses, como o Sheffield e o Nottingham chegaram a adotar nos primórdios, times com 14 ou até 18 jogadores. O futebol se espalhou pela ilha, chegando à Escócia, que apresentou, em 1867, a fundação do Queen's Park, que aos poucos foi adequando suas regras ao jogo londrino. No dia 30 de novembro de 1872, já acontecia o primeiro jogo entre seleções da história: Inglaterra 0 X 0 Escócia. O primeiro jogo de seleções fora da ilha seria realizado somente em 1902, um amistoso entre Áustria e Hungria.

Aos poucos, o futebol se transformava no nosso futebol atual, o "futebol moderno", que passaremos a chamar apenas de futebol. E os que saíram da reunião na taberna londrina Feemason's, em 1863, organizariam um outro esporte, que hoje conhecemos como rúgbi, por levar o nome do colégio que praticava um futebol, cujas regras permitiam a utilização das mãos. O futebol nasceu, assim, da iniciativa de estudantes ingleses.

O rúgbi chega ao Brasil na década de 20 do século XX, trazido por marinheiros ingleses, que assim como os ingleses que aqui moravam, disputavam algumas partidas ante os olhos curiosos dos brasileiros, que já conheciam bem o futebol na época. Em 1926, São Paulo e Rio de Janeiro montaram suas equipes para manterem um confronto regular. Não existiam campos, mas esses ingleses davam um jeito de encontrar espaço para os seus embates. Com a II Guerra Mundial, os ingleses voltaram para a Inglaterra, onde lutaram na guerra. Com isso, o rúgbi praticamente parou de ser praticado no país. O esporte só voltaria a ser praticado no Brasil, em 1947, através do São Paulo Athletic Club, o SPAC.[186] O rúgbi apresentou um crescimento lento ao longo das décadas, mas não foi

---

[185] Diz a lenda que o criador do rúgbi, o jovem William Webb Ellis, criou esse esporte ao agarrar a bola com as mãos, depois de ficar muito irritado com sua péssima atuação no futebol. Ele correu em direção ao campo adversário, com todos correndo atrás dele, e colocou a bola no gol com as mãos. Na época, todos o criticaram, mas aos poucos começaram a propor que o jogo passasse a ser jogado a exemplo da atitude irritada de Ellis. Hoje, no antigo colégio, tem uma lápide com os seguintes dizeres: "Comemoramos o feito de William Webb Ellis, que ao desrespeitar as regras do futebol praticado em seu tempo, foi o primeiro a colocar a bola em seus braços e a correr com ela, originando, assim, o jogo de rúgbi. a.D. 1823". In DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo*. Op. Cit., pp. 180-182. Ou, *História dos Esportes*. Op. Cit., pp. 201-203.

[186] DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo*. Op. Cit., pp. 181. Ou, *História dos Esportes*. Op. Cit., pp. 202.

adotado pelo povo brasileiro, que optou mesmo pelo futebol. Os poucos praticantes de rúgbi hoje estão no eixo Rio-São Paulo. Temos até uma seleção brasileira que disputa alguns certames internacionais. Na Argentina, ao contrário, o rúgbi foi bem aceito, e os argentinos são hoje uma das potências desse esporte no mundo.

Já o futebol, ao contrário do rúgbi, se popularizou rápido e rápido também se espalhou pelo mundo a partir da década de 1870, chegando nos anos seguintes da sua criação a várias regiões do planeta, graças principalmente aos viajantes e residentes ingleses:[187]

Ano	País a que chegou	Ano	País a que chegou
1865	Argentina[188]	1889	Holanda
1870	Portugal	1889	Áustria
1872	França	1889	Hungria
1875	Alemanha	1890	Finlândia
1876	Dinamarca	1890	Grécia
1879	Suíça	1893	Itália
1880	Bélgica	1894	BRASIL

O futebol foi basicamente nesse momento a bandeira do "esporte" que começava a se difundir entre a população. Isso ocorre fundamentalmente porque a burguesia adota e se apropria das atividades e jogos dos nobres ou da aristocracia, e também transforma os modos de vida dos nobres. A difusão de que a atividade física era algo bom e necessário populariza o esporte, que é então ainda um recente fenômeno urbano, e faz dele uma ponte entre a elite e a classe operária. O mesmo ocorre em relação ao automóvel, visto pelos ricos como um objeto de lazer e divertimento e visto pelos trabalhadores como meio de transporte. Com os novos esportes, encabeçados aí pelo futebol, também ocorre essa relação, essa ponte. Há uma aproximação entre os nobres e a classe média e os operários, pois todos passaram a praticar o futebol, que na Inglaterra em 1914, por exemplo, possuía cerca de um milhão de praticantes. E com a profissionalização do futebol, o ideal do amadorismo defendido principalmente pela nobreza dá lugar à expansão do futebol por toda a Inglaterra.[189]

A institucionalização do futebol como esporte organizado e controlado por ligas e federações foi, nesse momento em que o futebol já existia, um processo natural, partindo diretamente de seus praticantes. O governo ou o estado, como no caso da Inglaterra, por exemplo, impuseram algumas condições e regras para a sua prática. Mas, quando o futebol já era uma realidade com regras e certames, não partiu do estado nenhuma iniciativa de caráter social, que levasse a uma suposta necessidade de controlá-lo, por ser um grande movimento popular, que pudesse em algum momento ou de alguma forma mobilizar a população, ameaçando a estrutura de dominação social. E a popularização do futebol o arrancou dos domínios de colégios e nobres. O povo se apoderou do esporte, ou,

[187] Fonte: site sobre futebol na internet, www.netgol.com.br.

[188] O futebol chegou cedo a Argentina, antes mesmo de muitos países europeus, devido a enorme colônia de ingleses no país, e também devido a grande circulação de ingleses no porto de Buenos Aires.

[189] HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, pp. 255-258.

considerando a origem dos jogos de bola na Inglaterra, o povo voltou a se apoderar de um jogo que fora por ele gerado. Mas do jogo ou de sua prática, não se percebe efetivamente nenhuma tendência em utilizá-lo para a mobilização política e social.

O futebol foi sim um álibi ou uma forma de atração, de aglutinação de pessoas. Isso poderia permitir utilizar o espaço do futebol como espaço para mobilização social ou um espaço para difusão de ideologias e propagandas ideológicas e políticas. Mas num primeiro momento, a institucionalização do futebol foi um processo natural, necessário para a sua evolução como prática esportiva. Não parece ter havido a utilização desse espaço para "doutrinar" pessoas, num contexto de embate social e ideológico.[190]

Em outras manifestações ou fenômenos culturais, que hoje estão institucionalizados não ocorreu o mesmo processo. No carnaval, por exemplo, no Brasil, a institucionalização do antigo carnaval de rua, que se originava nos morros cariocas ou aglomerados pobres da cidade, significou uma forma do governo se "prevenir" em relação a ele. O carnaval significava a aglomeração popular, e todos, sem exceção participavam dele, o que poderia gerar manifestações ou mobilizações de caráter social, o que ameaçava a "ordem" social estratificada do regime republicano. Foi um momento também de substituição dos costumes, onde saíam de cena os velhos costumes de um Brasil colonial, recheado de ingredientes das culturas negra e indígena, e entravam em cena a cultura e os costumes vindos da Europa.[191]

Mas, para muitos envolvidos com as questões políticas e sociais, como por exemplo os anarquistas e comunistas na virada do século no Brasil, o futebol significava o contrário, um "instrumento" social eficiente das elites para "ocupar" a população, desviando-a de possíveis mobilizações de caráter político. Essa descrição do jogo pelos anarquistas surge porque o futebol passou a ser disputado fora dos clubes ricos, pela elite, e passa a ser prática comum em indústrias, por exemplo, com o surgimento de times formados por operários, e também de ligas operárias. Campinas possuiu no passado uma Liga Operária de Futebol.

O futebol passou inclusive a ter o apoio dos empresários, que viram no jogo uma possibilidade, no mínimo, de tentar "introduzir" seus operários ao mundo dele, empresário. Esses empregados, depois de horas de turnos, não estariam em quadras luxuosas de tênis ou trampolins de piscinas nem desfrutando de outros jogos nos clubes de lazer e entretenimento, destinados à elite. O "lazer" do pobre era então o futebol. No começo do século, anarquistas e comunistas discutiam sobre o futebol, compreendendo-o como um possível instrumento burguês para a manutenção da exploração do trabalhador.[192]

Mas é importante ressaltar que o sindicalismo muito se desenvolveu no Brasil desde o final do século XIX, sendo a classe operária brasileira, inclusive, desde então, uma

---

[190] Nos anos 70, com a transformação do futebol em produto mercadológico e de grande alcance social, muitos governos se utilização do seu espaço para difundir suas ideologias e propagandas.

[191] von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915)*, A, Dissertação de mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1984.

[192] ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Anarquistas e Comunistas no Futebol de São Paulo*. In Revista Leitura 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo, 1992. E, da mesma autora: *Diversão ou Trabalho ? O Futebol Dentro da Fábrica*. In Revista Leitura 12 (141) de fevereiro de 1994, São Paulo, 1994.

das mais organizadas e ativas da América Latina. Até a década de 20 do século seguinte, também surgiu no país uma grande quantidade de jornais operários, ligados à crescente urbanização, e que agiam como catalisadores de discussões políticas acerca do trabalho operário e de sua exploração pelos empresários.[193] Não havia então uma situação inconsciente e inoperante.

Juarez Soares Moreira, conhecido cronista esportivo apelidado de "China", e que atua desde 1961 na imprensa escrita, radiofônica e televisiva - além de ter sido Secretário de Esportes da cidade de São Paulo na gestão de Luiza Erundina -, disse há alguns anos que se "tirarmos o futebol do povo, haverá uma 'revolução' no país". Está aí implícita a idéia formulada por sociólogos brasileiros na virada da década de 60 para a década de 70, quando vivíamos no Brasil o pior momento da ditadura militar, a de que o "futebol é o ópio do povo". Também nos vem a mente a idéia de "pão e circo", herdada da cultura romana. Enfim, seria o futebol de fato um fenômeno cultural passível de ser controlado e utilizado pela elite burguesa para controlar os bilhões de trabalhadores, fãs de futebol, espalhados pelo mundo? Eu diria que o futebol pode cumprir essa função sim, como também pode a música, o cinema e principalmente a religião, no nosso caso, a religião cristã, que se mostrou inúmeras vezes nefasta para o povo brasileiro, quando por exemplo, impregnou a sua consciência com um conformismo conveniente para a ideologia dominante.

Essa é uma questão social, cuja análise deve ser muito mais ampla para que se compreenda essa relação e dinâmica de maneira mais eficaz e total. A utilização do futebol, em inúmeros momentos de nossa história, como instrumento de controle e alienação do povo ou da classe trabalhadora, deve ser entendida como uma parte do todo, uma peça de uma engrenagem muito maior. A religião e as escolas atuam de forma mais eficaz e mais relevante nesse sentido. Embora, dentro desses meios, perceba-se ao longo da história, o florescer de debates sociais importantes para o fortalecimento da classe trabalhadora (povo) e sua luta social.

IV - 13. História do Futebol Moderno: o início até 1930
Os primeiros passos para a organização do futebol mundial

Na Inglaterra o futebol profissional se estabelece já em 1885. O profissionalismo quebra o controle do futebol pelos amadores nobres. Os times operários passam a formar equipes fortes trazendo jogadores de fora. A equipe do Darwin foi o primeiro a contratar um profissional, um pedreiro. O futebol voltava ao seu lugar de direito, ao povo, resgatando suas origens populares.

O futebol feminino começa a ser praticado bem cedo, em 1895, enfrentando o preconceito da época. Ao longo do século o futebol feminino resistiu em alguns lugares do mundo. Mas o preconceito sempre representava uma barreira para o seu desenvolvimento.[194]

---

[193] FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1978.

[194] Existem registros de mulheres jogando jogos com bola deste o século XVI. E mesmo o futebol moderno, em seu início, também foi praticado pelas mulheres. Existem registros de jogos de futebol jogados por mulheres na virada do século no norte da Inglaterra. O governo britânico chegou a intervir e o time feminino, que arrastava multidões aos estádios, resistiu o máximo que pôde até desaparecer. Voltou a

A Inglaterra, enterrada em sua arrogância, considerando-se muito superior aos demais países na prática do futebol, procurou não se "misturar", observando o esporte bretão se espalhar pelo planeta. Assim, a organização do futebol mundial foi assumida por outros sem a participação dos ingleses. A "Federação Internacional de Futebol Associado", a F.I.F.A., foi criada no ano de 1904, em Paris, França, por franceses, belgas, dinamarqueses, holandeses, suecos, suíços e espanhóis. O futebol foi incluído no programa dos Jogos Olímpicos em 1908. Em 1912, o futebol já era uma grande atração nos Jogos Olímpicos.

Durante a I Guerra Mundial (1914 - 1918) houve uma pausa nas atividades do futebol, que já era um esporte bastante comum na época. Na manhã de natal de 1914, soldados alemães e ingleses abandonaram suas trincheiras para disputar uma amistosa partida de futebol. O horror da guerra de trincheiras fora deixado de lado por algum tempo. O vencedor da peleja? A paz e o bom senso venceram nessa manhã.

Nessa época o futebol já era também amplamente disputado na América. O primeiro Campeonato Sul-Americano de Seleções foi realizado em 1916, e o Uruguai foi o campeão. Participaram desse certame apenas Uruguai, Argentina, Brasil e Chile. No ano seguinte, o Uruguai voltou a conquistar o segundo campeonato. Despontava a primeira potência do futebol mundial.

O Uruguai iria também conquistar as medalhas de ouro nas olimpíadas de 1924 e 1928, e chamaria a atenção dos europeus ao seu refinado futebol, de muita habilidade. Tanto que na decisão de 1924, cerca de 10 mil pessoas ficaram fora do estádio. Não havia mais lugares para assistir à "magia uruguaia", como os europeus se referiam aos sul-americanos. Iniciava-se nesse momento também, diante dessa reverência aos uruguaios, a tradicional rivalidade entre o futebol europeu, baseado no vigor físico, e o futebol sul-americano, baseado na habilidade.

Com esse bicampeonato nas olimpíadas, o Uruguai passaria a ser chamado de "Celeste Olímpica". Celeste devido ao azul claro de sua camisa. Os uruguaios até hoje se consideram tetracampeões mundiais, pois têm os títulos olímpicos como títulos mundiais, já que a primeira Copa do Mundo só seria realizada em 1930, copa essa vencida também pelos uruguaios, que a essa altura também já haviam conquistado vários títulos sul-americanos.

Com a organização da classe trabalhadora em vários países do mundo, a população pôde desfrutar de mais tempo para o lazer. O que fez o futebol atingir a todos, passando a ser o esporte predileto da população já nos primeiros anos do século.

Mas o futebol durante esses anos iniciais, enquanto conquistava seu espaço em meio à sociedade, era um esporte de massa de caráter bastante primitivo. Sua prática, bem como seus praticantes, não haviam ainda sido absorvidos pela economia capitalista. O

---

ser jogado esporadicamente em outros momentos na Inglaterra. Na antiga Tchecoslováquia chegou a existir até mesmo um campeonato organizado para mulheres. Recentemente, a partir da década de 1980, o futebol feminino ganhou novo impulso. Hoje, muitos países possuem campeonatos de futebol feminino, incluindo o Brasil, onde se realizou a "Paulistana", o campeonato paulista feminino. Até campeonatos continentais e mundiais de seleções foram organizados pela F.I.F.A., que passou a organizar o futebol feminino. O Brasil já conquistou títulos continentais. O mundial ainda é uma conquista inédita para o Brasil. As melhores seleções de futebol feminino hoje são os Estados Unidos, Noruega, Suécia, China e Brasil.

"status burguês tradicional"[195] não havia ainda assimilado as grandes estrelas do futebol, basicamente amadores, cujos salários, principalmente na Inglaterra onde o profissionalismo chegou antes, não eram muito superiores aos de operários industriais comuns.[196] O futebol e principalmente seus praticantes foram assimilados ao "status burguês tradicional" no mundo todo a partir dos anos 50, e se tornaram grandes estrelas com salários enormes, a partir dos anos 70 e 80, com a transformação do futebol em um grande espetáculo, num evento mercadológico.

IV - 14. Futebol na América

O futebol chegou ao continente americano, através da Argentina, já na década de 1860. Trazido pelos ingleses que vinham da Europa trabalhar nas estradas de ferro e por marinheiros, os primeiros jogos não passavam de reuniões informais entre ingleses ali residentes. O primeiro jogo de futebol organizado na Argentina aconteceu em 20 de junho de 1867, data que é considerada o "nascer do futebol na América". Essa partida se realizou onde hoje se encontra uma enorme praça no bairro de Palermo em Buenos Aires. Há inclusive um monumento comemorativo ao nascimento do futebol na Argentina e na América.

O futebol começou a se desenvolver na Argentina a partir de 1880, graças aos esforços de um escocês chamado Alexander Hutton, considerado o patrono do futebol argentino. O primeiro jogo internacional das Américas ocorreu entre o argentino Aluminy e um combinado de sul-africanos, vencido pelos sul-americanos.

No Uruguai, o futebol chegou cedo também, na década de 1880, com a realização de um jogo em La Blanqueda, em Montevidéu. Em 1891 surge o Clube Cricket da Estrada de Ferro do Uruguai, que em 1914 passaria a ser o C.A. Peñarol. Foi no Uruguai na década de 50 que nasceu um esporte muito praticado hoje no Brasil, o Futebol de Salão. O Brasil é hoje o melhor do mundo nessa modalidade.[197]

No Brasil, o futebol chegou a São Paulo em 1894, e os primeiros times surgiram no final do século XIX. O futebol brasileiro será abordado mais adiante.

---

[195] Expressão usada pelo historiador egípcio, filho de pais europeus, Eric Hobsbawm. Refere-se ao que tradicionalmente confere status às pessoas na sociedade burguesa , condição alcançada em função de alguma prática ou função que conquistam grande projeção social na cultura capitalista e burguesa.

[196] HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos - O breve século XX 1914-1991.* Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995, pp. 197.

[197] Existe uma grande discussão sobre a origem do futebol de salão: Uruguai ou Brasil. Aos brasileiros, com certeza, resta a honra de ter inventado um "futebol", o "futebol de mesa", ou como é popularmente chamado, "futebol de botão". A data exata do seu surgimento é desconhecida. Mas meu pai, que nasceu em abril de 1945, jogou na sua infância "futebol de botão", e eu também joguei. Foi somente nas décadas de 1980 e 1990 que o jogo ganhou reconhecimento e organização, passando a ter inclusive campeonatos municipais e estaduais. Luta-se para se ter um campeonato nacional e até internacional, já que o jogo foi "exportado" para outros países. Os "botonistas", como são chamados seus praticantes lutam para que o esporte chegue a ser um esporte olímpico. Mas está muito longe disso. Nem o Futebol de Salão conseguiu ainda. Outras modalidades como "futebol sete", "futebol a cinco", "futebol society" e o "futvôlei" foram criadas no Brasil, o "país do futebol" mesmo. DUARTE, Orlando. *Todos os Esportes do Mundo.* Op. Cit., pp. 207-208. Ou, *História dos Esportes.* Op. Cit., pp.238-239.

IV - 15. Futebol na África e na Ásia

O futebol moderno chegou a esses continentes tardiamente. Na Ásia chegou nas primeiras décadas do século XX, e houve muita resistência para a sua prática. Alguns países se destacaram ao longo dos anos em Copas do Mundo, como a Coréia do Norte e a Coréia do Sul. A próxima Copa, em 2002, será na Ásia, no Japão e nas Coréias. E a China, que nunca havia obtido nada em futebol, a não ser com o futebol feminino, considerado o melhor do mundo, conseguiu se classificar pela primeira vez para uma Copa. E o Japão, onde muitos jogadores brasileiros vão jogar, possui hoje um dos campeonatos mais organizados do planeta, a J-League.

Na África, o futebol chegou na segunda década do século XX. Em 1911, em Acora, Gana, surge o Hards, o primeiro time de futebol do continente africano. O futebol chega ao continente graças aos ingleses espalhados em suas colônias, como era o caso de Gana. O futebol africano nunca se profissionalizou efetivamente. A única liga totalmente profissional criada na África, surgiu na Zâmbia. As questões sociais ainda são o maior problema para o desenvolvimento do futebol africano. Seus principais jogadores acabam indo jogar na Europa, onde se profissionalizam.

Em Copas do Mundo, a África já produziu excelentes times. Em 1982, a Argélia, que venceu a Alemanha Ocidental por 2 a 1 - primeira vitória africana em Copas -, e Camarões, que empatou todas as três partidas que realizou, foram destaques. Mas a grande surpresa do futebol africano aconteceu em 1990, com a seleção camaronesa, que conseguiu chegar até as quartas-de-final da competição, algo inédito para o futebol africano.

IV - 16. 1930 - 1950: a primeira Copa é disputada e a tragédia do Maracanã

Durante a década de 20, a F.I.F.A. discutiu a possibilidade de organizar um campeonato de futebol entre seleções aberto ao mundo todo e fora das olimpíadas. Uma reunião decisiva para efetivar o sonho ocorreu em 1928. E em 1930, se realizaria a primeira Copa do Mundo. O certame foi realizado no Uruguai. Os uruguaios ergueram em seis meses o Estádio Centenário, até hoje um dos maiores estádios do mundo. A taça, chamada de Jules Rimet, nome do presidente da F.I.F.A. na época e um dos idealizadores da Copa do Mundo, era feita de ouro maciço e seria transitória até que uma seleção a conquistasse três vezes, passando então a pertencer em definitivo a essa seleção "tricampeã". Estabeleceu-se que a Copa seria realizada a cada quatro anos.

Nessa época, muitos países europeus já tinham sua federação própria de futebol, e eram filiadas à F.I.F.A., e os principais campeonatos nacionais já ocorriam nos principais centros do futebol mundial: na Inglaterra desde 1889, na Argentina desde 1893, na Itália desde 1898, no Uruguai desde 1900, na Alemanha desde 1903, na Espanha desde 1929, na França desde 1933, em Portugal desde 1935, etc.[198]

[198] O futebol brasileiro será tratado mais adiante. O primeiro campeonato organizado no Brasil não foi um certame nacional, mas o Campeonato Paulista, que passou a ser disputado a partir de 1902. O primeiro

As duas Copas seguintes, em 1934 e 1938, foram vencidas pela Itália fascista de Mussolini, em meio a um fervor nacionalista. A Itália também conquistou a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. O técnico do time italiano, a nova potência do futebol mundial, foi Vittorio Pozzo. E em 1938, o futebol brasileiro começou a despontar para o mundo. A seleção foi terceiro lugar no mundial, e o destaque brasileiro foi Leônidas da Silva. O Brasil, inclusive, perdeu para a poderosa Itália nas semifinais por 2 a 1.

As Copas de 1942 e 1946 não ocorreram em função da II Guerra Mundial. Pena, pois o Brasil possuía na época um dos melhores times do mundo, e o futebol já era uma paixão nacional. Tanto que a próxima Copa do Mundo seria disputada no Brasil, em 1950. E para ela se ergueu o gigantesco Estádio Mário Filho, o Maracanã, no Rio de Janeiro, até hoje o maior estádio do mundo, com capacidade para 200 mil pessoas, mas que teve sua capacidade reduzida para cerca de 150 mil pessoas pelas autoridades cariocas na década de 1980, por precaução.

Mas antes da Copa no Brasil aconteceu uma tragédia que chocaria o mundo. No dia 6 de maio de 1949, devido ao mau tempo, um avião bateu num morro de Turim e caiu. Todos morreram. Nele estava o time inteiro do então poderoso Torino C. S.p.A., que estava próximo de se sagrar tetracampeão italiano. O Torino C. possuía dez jogadores da seleção italiana, campeã mundial em 1934 e 1938.

Para essa Copa, além dos "desfalcados" bicampeões italianos, que chegaram de navio, a Inglaterra, que chegara de avião e que há muito havia perdido sua "majestade" no futebol, resolveu deixar a arrogância de lado e participa do seu primeiro mundial. Apenas para protagonizar a primeira "zebra"[199] da história das Copas. Os "poderosos" ingleses perderam por 1 a 0 para os Estados Unidos, que na época engatinhavam no futebol.

O Brasil era disparado o favorito para o título. O otimismo foi tanto que no dia da final contra o Uruguai, torcedores usavam camisetas com dizeres "Brasil Campeão do Mundo". Quanto maior a altura, maior também é o tombo. E o que se viu na tarde do dia 16 de julho de 1950, num estádio lotado com mais de 200 mil pessoas - as catracas inclusive foram quebradas, o que permitiu a entrada de muito mais gente do que se esperava ou podia -, foi uma das maiores tragédias da história do futebol.

Para o Brasil bastava um empate para sagrar-se campeão mundial pela primeira vez. E o adversário, o Uruguai, era bastante inferior à Seleção Brasileira. Os uruguaios haviam chegado à decisão com muita dificuldade, ao contrário do Brasil, que venceu com facilidade seus adversários um por um. No jogo, o Brasil marcou primeiro. O Uruguai empatou e a partir daí o que se viu foi surpreendente. O Uruguai, jogando com muita garra, foi aos poucos equilibrando o jogo e faltando seis minutos para o final da partida, Ghiggia fez o segundo gol uruguaio. O Uruguai era campeão mundial pela segunda vez.

A descrição dessa jornada em muitos órgãos da imprensa e por muitas testemunhas nos levam a um contexto estranho e irreal. Um estádio com mais de 200 mil brasileiros no mais completo silêncio, interrompido apenas por choros mais exaltados que vinham de uma arquibancada imóvel. Só se ouvia com muita nitidez os gritos de alegria dos

---

modelo de certame nacional só ocorreria no ano de 1933, o Torneio Rio-São Paulo, que só se realizou nesse ano para voltar a ser disputado somente em 1950.

[199] "Zebra" é um termo muito usado no futebol para se referir a um acontecimento ou, principalmente, a um resultado de jogo, inesperado, surpreendente.

uruguaios, e era possível ouvi-los de qualquer local do gigante Maracanã. Os próprios uruguaios contaram posteriormente que nunca tinham visto aquilo, e que se assustaram e ficaram impressionados com a tragédia brasileira num estádio tão grande, que fora construído para o Brasil ser campeão do mundo.[200] De qualquer forma, apesar da derrota, o Brasil mostrava ao mundo ser uma nova potência do futebol, reconhecida por todos os cronistas da época.

IV - 17. 1950 a 1970: o Brasil é o melhor do mundo!

Além do Brasil, ainda na década de 50, começou a despontar uma outra potência, a Hungria, que tornaria na primeira metade dessa década o maior time do planeta. O extraordinário time húngaro era comandado pelo técnico Guzti Sebes, e era formado basicamente por jogadores do Budapeste Honved S.E., time do exército húngaro, onde jogava a estrela do time, o meia Puskas, então major do exército. Foi essa Hungria, que em 1952 aplicou duro golpe aos ingleses. A Inglaterra nunca havia perdido uma partida de futebol em seu "templo sagrado", o Estádio Wembley em Londres. Os húngaros a golearam por 6 a 3.

A Hungria era a grande favorita ao título da Copa de 1954, na Suíça. Mas o excesso de confiança lhe tirou a taça. Os húngaros passaram com muita facilidade pelos adversários, aplicando goleadas históricas, como 9 X 0 na Coréia do Sul, 8 X 3 na Alemanha Ocidental, 4 X 2 no Brasil e 4 X 2 no Uruguai. Na partida contra o Brasil houve muita briga dentro de campo e nos vestiários. O jogo passou para a história como a "batalha de Berna".

A decisão da Copa seria contra os alemães ocidentais, equipe que a Hungria goleara na fase anterior. E tudo caminhava para o óbvio, quando a Hungria, abriu ainda no primeiro tempo, 2 gols de vantagem. Mas, os alemães, surpreendentemente, empataram o jogo ainda no primeiro tempo. E a seis minutos do final do jogo, a Alemanhà Ocidental marcou o terceiro gol. Puskas, a dois minutos do final, marcaria um gol, anulado, pois o húngaro estava impedido.[201] E para a surpresa de todo o mundo, a Hungria não era campeã mundial, como todos esperavam.

Pior, em 1956, eclode a Revolução Húngara, o país passa por grandes mudanças e a Hungria nunca mais reeditaria um time como aquele. Puskas exilou-se e passou a viver na Espanha, onde jogaria no Real Madrid C.F., que se tornaria o maior time da época. O Real Madrid C.F., que mais tarde contratou o argentino Di Stéfano, considerado então o melhor jogador do mundo, conquistou cinco vezes a Copa dos Campeões da Europa, recém criada para a disputa entre os times campeões em seus respectivos países. Os europeus o proclamaram "campeão do mundo".

Os sul-americanos questionaram essa colocação. Assim, criaram o Campeonato Sul-Americano - mais tarde chamada de Taça Libertadores da América -, que reunia os campeões sul-americanos. O primeiro campeão sul-americano, o C.A. Peñarol do Uruguai desafiou o Real Madrid C.F. para uma disputa do que seria chamado de Campeonato

---

[200] A descrição dessa derrota e o sentimento que se estabeleceu no povo brasileiro é contada na obra: PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. L&PM Editores, Porto Alegre, RS, 2000.

[201] O impedimento é marcado quando o jogador, no momento do passe ou lançamento, antes de receber a bola, está à frente dos zagueiros, tendo à sua frente somente o goleiro e nenhum outro defensor.

Mundial Interclubes - já que os melhores times do mundo estavam (e ainda estão) nesses dois continentes. Na primeira partida, no Uruguai, houve empate em 0 a 0. Na segunda partida, em Madrid, os espanhóis golearam os uruguaios por 5 a 1.

O Real Madrid C.F. perderia seu "posto" com o surgimento de um time, que até hoje é considerado pelos cronistas do mundo, como um dos melhores times da história, o brasileiro Santos F.C.. E foi nesse Santos F.C. que surgiu para o mundo um jovem chamado Pelé, que se tornaria o maior jogador de futebol de todos os tempos, coroado como o "Rei do Futebol". O Santos F.C. de Pelé seria bicampeão sul-americano e bicampeão mundial em 1962 e 1963, após derrotar na final, respectivamente, Benfica de S.L. Portugal e Milan A.C. da Itália.

O futebol de Pelé apareceria pela primeira vez na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, quando o Brasil conquistaria pela primeira vez o título mundial. Com apenas 17 anos, Pelé marcaria seu primeiro gol em Copas na partida contra o País de Gales, em vitória brasileira por 1 a 0, classificando o Brasil para as semifinais do certame. Na final, o Brasil derrotaria a Suécia por 5 a 2. Nesse ano aconteceu outra tragédia no futebol. Um avião com o time inglês do Manchester United F.C. caiu em Munique. Morreram 8 jogadores do time, que era o melhor da Inglaterra e também a base da seleção inglesa.

Em 1960 foi disputado o primeiro Campeonato Europeu de Seleções, e a antiga União Soviética foi campeã. Em 1962, na Copa do Chile, o Brasil chegaria ao bicampeonato com um time já envelhecido, mas ainda o melhor do mundo. Na final, o Brasil derrotou a Tchecoslováquia por 3 a 1. Nessa Copa, Pelé se machucou no segundo jogo e não pôde mais jogar. Amarildo o substituiu e foi um dos responsáveis pela vitoriosa campanha brasileira.

Na Copa seguinte, em 1966 na Inglaterra, o Brasil era o favorito. Mas a desorganização do futebol brasileiro prejudicou a preparação do time. O Brasil caiu logo na primeira fase ao perder para Hungria e Portugal, ambos por 3 a 1. A Inglaterra, finalmente chegaria ao título mundial, após vencer na final a Alemanha por 4 a 2.

Finalmente em 1970, o Brasil ganharia o reconhecimento do mundo como o melhor time do planeta. Seria também a consagração de Pelé e sua geração. O Brasil sagrou-se campeão do mundo na Copa do México. Após vencer na final a Itália por 4 a 1, o Brasil conquistou o mundial pela terceira vez, o que lhe deu o direito de possuir em definitivo a Copa Jules Rimet.

Nesse período, alguns times começaram a despontar. Eram clubes espanhóis, italianos, ingleses, portugueses e escoceses, na Europa, e uruguaios, brasileiros e argentinos, na América do Sul. Não por coincidência, esses países possuíam as melhores seleções nacionais, com alguns deles já campeões do mundo. E os encontros dessas potências (Brasil, Argentina, Uruguai, Itália, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Portugal e Holanda) correspondem hoje aos maiores clássicos do futebol mundial, o mesmo vale dizer quando estão em campo seus clubes e não as seleções nacionais.

Foi também entre os anos de 1950 e 1970 que o futebol africano e o futebol asiático começaram a conquistar espaço no cenário mundial. Um exemplo foi a Coréia do Norte, que disputou nesse período as Copas de 1954 e 1966, sendo que na última chegou a vencer a Itália por 1 a 0, desclassificando os italianos na I fase do certame.

IV - 18. 1970 - 2000: o futebol vira espetáculo e objeto valioso para os meios de comunicação

As conquistas do futebol brasileiro no período anterior deram ao Brasil o status de ser o melhor futebol do planeta, status que ainda é sustentado pelo futebol brasileiro, hoje não mais sozinho. A partir da década de 70, o futebol passa a ser explorado com mais intensidade pelos meios de comunicação, principalmente a televisão. A primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão foi a Copa de 70, no México. E o futebol se transforma num grande negócio para a mídia. Em 1971 é realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de futebol, vencido pelo C. Atlético Mineiro (MG).

Também a política mundial passa a interferir diretamente no esporte. Em Olimpíadas e Copas, Estados Unidos e União Soviética realizam boicotes como manifestação política. Atentados como o ocorrido na Olimpíada de 1972 passam a ser temidos a cada grande evento esportivo no mundo.

Na Copa de 1974, na Alemanha Ocidental, o Brasil terminou em quarto lugar. A Alemanha Ocidental é campeã após vencer a Holanda por 2 a 1. A Holanda, chamada de "Laranja Mecânica", foi o destaque da competição, encantando o mundo com o seu futebol. E o novo troféu colocado em disputa foi a "Copa FIFA", também de ouro.

O sucesso da seleção holandesa não representou nenhuma surpresa, principalmente para os europeus que assistiram os times holandeses conquistarem os títulos europeus de clubes campeões de 1970 a 1973, através do S.C. Feyenoord, campeão em 1970, e do F.C. Ajax, que venceu nos anos seguintes, sagrando-se tricampeão europeu.

O primeiro título da Argentina viria na Copa de 1978, disputado em seu território. O país vivia uma dura realidade política, a ditadura militar. E para o governo argentino, a realização da Copa e principalmente vencê-la era fundamental até para desviar a atenção do mundo dos horrores do regime e também para que o sucesso da seleção nacional fosse utilizado como propaganda e marketing do governo militar argentino. A Argentina foi campeã, após derrotar na final a Holanda por 3 a 1. O Brasil terminou a competição em terceiro lugar. No confronto entre argentinos e brasileiros, que terminaram a competição invictos, houve um empate em 0 a 0.[202]

Na Espanha, em 1982, ~~o Brasil levaria à Copa um~~ time, ~~que apesar de~~ não conseguir o título, entraria para a história como um dos melhores da história. A Itália foi campeã, derrotando na final a Alemanha Ocidental por 3 a 1. E foi diante dessa Itália que o Brasil caiu, após perder por 3 a 2,[203] com três gols de Paolo Rossi, que foi considerado o melhor jogador da Copa e também o "carrasco do Brasil". A derrota brasileira é chamada até hoje de o "~~desastre de Sarriá~~", ~~nome do local da~~ partida.

---

[202] Essa é a primeira Copa de que me lembro. ~~Tinha sete anos e na~~ verdade, lembro apenas ~~de~~ ter assistido o jogo Argentina 0 X 0 Brasil. E nada mais.

[203] Essa derrota foi ao mesmo tempo muito triste e estranha. Lembro-me que estava na casa de meus avós maternos em Atibaia. Quando o jogo acabou, enquanto muitos choravam, eu simplesmente nada fiz. Peguei uma bolinha velha e, em total e absoluto silêncio, fui chutar lá fora. Foi estranho, não dava para acreditar que aquela seleção maravilhosa caíra e estava fora da Copa... O meu sentimento não foi exclusivo. Aquela seleção era muito boa, ninguém poderia imaginar que ela poderia perder a Copa, nem mesmo a imprensa estrangeira, que também ficou surpresa com a derrota brasileira para os italianos. Minha experiência foi a mesma vivida por milhares de brasileiros na época...

Depois dessa Copa, a televisão começou a investir cada vez mais no futebol, um espetáculo cada vez mais rentável. A TV Bandeirantes, por exemplo, começou a transmitir o Campeonato Italiano, numa época em que jogadores brasileiros começaram a ir jogar na Itália e em outros países europeus aos montes. O primeiro, nessa época, a sair foi o volante Falcão, astro da seleção de 82, que trocou o S.C. Internacional (RS) pelo A.S. Roma, onde viraria o "Rei de Roma", devido a sua grande atuação no time italiano e ao título italiano que a A.S. Roma conquistaria em 1983, depois de 41 anos.

Ainda como exemplo dessa apropriação do futebol como produto mercadológico está a criação da Copa Toyota, que transferia para Tóquio no Japão, a partir de 1980, a decisão do Campeonato Mundial Interclubes, em um jogo único. O objetivo era trazer para o Japão, onde o futebol começava a ser difundido - para hoje ser uma das paixões do povo japonês -, uma partida entre os campeões europeu e sul-americano, os "melhores do planeta". E principalmente, porque os japoneses perceberam na competição um extraordinário potencial mercadológico, movimentando muito dinheiro. Até hoje, a partida, que já virou tradição no Japão, desperta um enorme interesse em todo o mundo, inclusive Japão. O resultado desta investida no Japão é que o campeonato nacional japonês, a J-League, é hoje um sucesso, e a próxima Copa do Mundo (2002) será realizada em solos japonês e coreano. A primeira decisão da Copa Toyota em Tóquio foi vencida pelo C. Nacional F. do Uruguai, que derrotou o Nottingham Forest F.C. da Inglaterra por 1 a 0.[204]

Em 1984, o Brasil ~~conseguiria pela primeira vez~~ uma ~~medalha em~~ Jogos Olímpicos. Foi prata em Los Angeles, perdendo a decisão para a França por 2 a 0. A França começava a montar um forte time, que naquele mesmo ano seria campeão europeu. Na copa de 1982, a França já havia ficado entre os quatro finalistas, e o mesmo aconteceria em 1986, na Copa do México. Essa geração francesa, embora a melhor que a França já produzira, não conquistou uma Copa do Mundo, mas abriu caminho para a geração que ganharia a Copa de 1998, em cima do Brasil.

As Copas de 1986 e 1990 foram vencidas respectivamente por Argentina e Alemanha. Aliás essas duas seleções jogaram as duas finais. Na primeira, a Argentina derrotou a Alemanha por 3 a 2. E na segunda, os alemães deram o troco vencendo a Argentina por 1 a 0. Em 1994, nos Estados Unidos, o Brasil voltou a ser campeão mundial, após vencer a Itália nos pênaltis por 3 a 2 (no tempo normal e prorrogação, houve empate em 0 a 0), tendo sido essa a primeira Copa decidida nas cobranças de pênaltis.

---

[204] A F.I.F.A. realizou em 2000 o Campeonato Mundial de Clubes (da FIFA), em que reuniu todos os campeões continentais pela primeira vez. E o primeiro campeão mundial de clubes foi o S.C. Corinthians P. (SP), que entrou como representante do país sede, Brasil, por ter sido campeão brasileiro em 1998 (foi também campeão em 1999). O time paulista derrotou na decisão o C.R. Vasco da Gama (RJ), que entrou como o campeão sul-americano de 1998, na cobrança de pênaltis, 4 a 3, após empate no tempo normal e prorrogação em 0 a 0. Os outros participantes: Al Nassr da Arábia Saudita, Manchester United F.C. da Inglaterra, Raja Casablanca de Marrocos, Rayos del Necaxa do México, Real Madrid C.F. da Espanha e South Melbourne da Austrália. A segunda edição do certame, que tende a substituir a Copa Toyota (Mundial Interclubes) deveria ter ocorrido em 2001, mas a F.I.F.A. adiou para 2003, e o país sede será a Espanha.

E na última Copa do Mundo, disputada em 1998 na França, o Brasil chegaria de novo à final, mas perderia o jogo para a França por 3 a 0. Essa foi a maior derrota brasileira em Copas do Mundo, no saldo de gols.

IV - 19. Futebol no Brasil: origens

Oficialmente o futebol chega ao Brasil no ano de 1894, trazido por Charles Miller, nascido no dia 24 de 1874 na Rua Monsenhor de Andrade, no bairro do Brás em São Paulo. Mas uma década antes, em 1874, há registros de marinheiros ingleses jogando futebol na praia da Glória no Rio de Janeiro[205], e também existem informações de que marinheiros ingleses jogaram contra combinados de brasileiros nos litorais de São Paulo, Santos e Pernambuco.[206]

Charles Miller, que era filho de ingleses, foi estudar na Banister Court School, em Southampton na Inglaterra em 1884. Enquanto lá permaneceu, Charles Miller jogou no time inglês do Southampton, destacando-se ao marcar 41 gols em 25 partidas. Em 12 de outubro de 1894, desembarcou no Brasil com duas bolas de couro e trazendo consigo as regras de um jogo, que ninguém conhecia por aqui. Assim nascia o futebol no Brasil, país que décadas mais tarde seria chamado pelos cronistas do mundo inteiro "país do futebol".

O primeiro clube esportivo de São Paulo foi fundado em 13 de maio de 1888 por um grupo de ingleses para jogar o críquete, era o São Paulo Athletic Club, clube que anos mais tarde também teria um time de futebol, em 1896, por iniciativa de Charles Miller, que também jogaria pelo time. O SPAC, como era chamado, entraria para a história como o primeiro time de futebol brasileiro e o primeiro campeão de futebol do Brasil, ao vencer o Campeonato Paulista de 1902[207]. A primeira partida de futebol no Brasil foi jogada oficialmente um ano antes, em 14 de abril, quando Charles Miller reuniu funcionários de duas empresas inglesas, o London Bank e a São Paulo Railway (SPR), para disputar o novo jogo.

Charles Miller também jogaria por outros times, como o Corinthian F.C., em 1892, quando foi convidado a atuar contra um selecionado de Hampshire. Nessa época, Charles Miller, por ter baixa estatura, ganhou o apelido de "Nipper" ("Garoto"). O Corinthian F.C. venceu por 1 a 0. Em 1910, o Corinthian F.C., que se tornaria o mais famoso time amador da Inglaterra, realizou uma excursão ao Brasil. No Rio de Janeiro, foram 3 jogos e 3 vitórias, marcando 23 gols e sofrendo apenas 4. Em São Paulo, o time inglês joga mais três vezes e obtém 3 vitórias, marcando 15 gols e sofrendo apenas 2. Seu futebol encantou os brasileiros. Em 1° de setembro de 1910, é fundado em São Paulo o S.C. Corinthians Paulista, cujo nome foi inspirado no time inglês.

---

[205] KLEIN, Marco Aurelio. *Futebol Brasileiro 1894 à 2001*. Editora Escala, São Paulo, SP, 2001, pp. 36.
[206] WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Op. Cit., pp. 10-11.
[207] O primeiro campeonato realizado no Brasil foi o paulista em 1902. E a liga que organizou o certame foi a primeira liga criada no país, a Liga Paulista de Futebol. O São Paulo Athletic Club conquistou os três primeiros certames, em 1902, 1903 e 1904. Em 1902, inclusive, o artilheiro da competição foi o seu principal jogador, Charles Miller com 10 gols. Em 1904, ao lado do companheiro de time Boyes, Charles Miller repetiria a dose marcando 9 gols. O SPAC voltaria a ser campeão paulista em 1910, e no ano seguinte disputaria seu último certame, pois diante da intensa popularização do futebol, resolveu se retirar da competição e da modalidade.

O primeiro time fundado somente para a disputar futebol foi o time do colégio Mackenzie, fundado em 1898 na cidade de São Paulo. Quatro anos depois, em 1902, o A.A. Mackenzie College estrearia no Campeonato Paulista jogando contra o S.C. Germânia, atual clube Pinheiros. Ambos não mais possuem times de futebol.

O Campeonato Paulista é hoje o mais antigo e tradicional campeonato estadual disputado no Brasil. De 1902 a 1912, a Liga Paulista de Futebol (LPF), fundada em 14 de dezembro de 1901[208], organizou sozinha a competição. Em 1912 houve uma cisão no futebol paulista, por divergências entre seus dirigentes. Alguns queriam popularizar o futebol, outros preferiam mantê-lo elitizado. Também houve discussão quanto ao estádio que seria oficial. A LPF queria o Parque Antarctica e o C.A. Paulistano preferia o Velódromo. Assim, o C.A. Paulistano e a A.A. das Palmeiras, time que o apoiou, se retiraram da LPF e fundaram A Associação Paulista de Esportes Atléticos, a APEA. A nova liga vai ano a ano se fortalecendo. De 1913 a 1916, o futebol paulista ficou dividido com a realização de dois certames, um organizado pela LPF e outro organizado pela APEA, que passa a organizar a competição sozinha a partir de 1917, quando desaparece a LPF.

A APEA consegue reunir três times, considerados os melhores da época, o C.A. Paulistano, S.C. Corinthians P. e o Palestra Itália. O trio foi chamado de "trio de ferro" do futebol paulista.[209] De 1917 a 1925, a APEA é a única entidade do futebol paulista. Nessas primeiras décadas do século XX, o futebol se populariza rapidamente.

Mas, nos primeiros anos do século XX, o jogo ainda era visto com estranheza por muitos brasileiros. Nessa época, numa carta do jornalista Celso de Araújo de São Paulo para o seu amigo Alcino Guanabara do Rio de Janeiro, ele descreve toda a sua estranheza em relação ao então "football":

"Lá pelos lados da luz do Bom retiro, um grupo de ingleses maníacos, como eles só, punha de vez em quando a dar pontapés numa coisa parecida com bexiga de boi, dando-lhe grande satisfação e pesar, quando essa espécie de bexiga amarelada entrava por um retângulo formado por paus."[210]

Nas duas primeiras décadas do século, o maior ídolo do futebol brasileiro foi o Arthur Friedenreich,[211] que jogou no poderoso C.A. Paulistano de São Paulo. "Fried" foi chamado pelos sul-americanos, uruguaios e argentinos, encantados com o seu futebol e os únicos que tiveram o privilégio de testemunhar seu futebol, de "El Tigre".[212] Nessa época, o futebol ainda era um esporte de poucos, da elite. Negros pouco praticavam o futebol,

---

[208] Os times fundadores foram o SPAC, o S.C. Internacional, a A.A. Mackenzie College, o S.C. Germânia e o C.A. Paulistano.

[209] Nos anos 30, o C.A. Paulistano, que parara com o futebol em 1929, foi substituído pelo São Paulo F.C. na formação do segundo e definitivo "trio de ferro" do futebol paulista.

[210] Trecho da carta do jornalista Celso de Araújo ao seu amigo Alcino Guanabara. In *As Origens do Planeta Bola*, in *História do Futebol*, vídeo 1, Op. Cit..

[211] Tive uma amiga que estudou comigo três anos no Colégio Anglo. Chamava-se Andrea Puglia, e descendia de alemães. Arthur Friedenreich fora seu tio-avô. Lembro-me de que ela se espantou por eu ficar maravilhado e emocionado ao saber disso...

[212] Ver: COSTA, Alexandre da. *O Tigre do Futebol: Uma viagem pelos tempos de Arthur Friedenreich.* DBA, São Paulo, 1999.

principalmente porque eram proibidos de jogar nos clubes. Em 1920, o então presidente da república, Epitácio Pessoa, chegou a sugerir em 1921 que a Seleção Brasileira não levasse negros ao sul-americano[213], motivo pelo qual o escrete brasileiro, com poucos craques então, era um time ~~médio ou ruim~~.

Depois de São Paulo, o futebol se espalhou por outros estados do país. Em 1904, foi fundada na Bahia a Liga Bahiana de Esportes Terrestres, que no ano seguinte organiza o primeiro Campeonato Baiano e segundo certame do país. O primeiro campeão baiano foi o Internacional. O terceiro campeonato realizado no Brasil foi o carioca, organizado pela então recém criada Liga Metropolitana em 1906. O Fluminense F.C. sagrou-se campeão carioca. Outros estados seguiram os passos desses pioneiros e também organizaram seus respectivos certames. Os campeonatos estaduais surgem no Pará em 1913, em Amazonas em 1914, no Paraná e em Pernambuco em 1915, em Minas Gerais em 1916, na Paraíba em 1917, no Maranhão, Sergipe e Piauí em 1918, no Rio Grande do Sul em 1919, no Rio Grande do Norte e no Ceará em 1920, em Santa Catarina em 1924 e em Alagoas em 1927.[214]

Em 1907 foi disputado o primeiro ~~embate entre~~ as seleções de São Paulo e Rio de Janeiro. Na primeira partida no Rio de Janeiro, os paulistas venceram por 4 a 1, e na segunda peleja realizada em São Paulo, nova vitória paulista aconteceu, agora por 1 a 0. O troféu seria entregue pelo presidente da República, mas os paulistas nunca o receberam. Somente em 1922, a Confederação Brasileira de Desportos, CBD, que é fundada em 1916[215], organiza o Campeonato Brasileiro de Seleções, sendo essa a primeira competição de caráter nacional. Por ser um país muito grande e por ser muito difícil se locomover a distancias muito grandes na época, ~~não fora possível realizar ainda um campeonato~~ nacional entre clubes. O Campeonato Brasileiro de Seleções foi realizado até 1963. Em 1987 foi realizada uma última edição do certame.

Em São Paulo, no ano de 1926, começa a haver debates sobre a profissionalização no futebol. O futebol paulista, devido a divergências quanto a esse tema, sofre nova cisão entre 1926 e 1929, quando são realizados dois certames, o da APEA, e o da Liga dos Amadores de Futebol, a LAF, fundada pelo C.A. Paulistano, contrário à profissionalização e à popularização do futebol. Para promover os certames, times do interior, como a Ponte Preta, o Guarani, o Paulista F.C. de Jundiaí e o Comercial F.C. de Ribeirão Preto, entre outros, são convidados a participar. A Ponte Preta disputa dois anos o certame da LAF (1928 e 1929) e o Guarani joga o certame da APEA por quatro anos (1927 a 1930). Porém com as rápidas mudanças no futebol, que fizeram desaparecer o futebol amador e elitista das primeiras décadas, a LAF não resiste por muito tempo e deixa de existir em 7 de janeiro de 1930, mesmo ano em que o seu principal clube abandona o futebol, o C.A. Paulistano. A APEA volta então a comandar novamente sozinha o futebol paulista. É com essa entidade que o futebol paulista se torna ~~profissional~~ em 1933. A partir daí e durante a década de 40, o futebol brasileiro passa então a perder jogadores para o futebol europeu.

---

[213] KLEIN, Marco Aurelio. *Futebol Brasileiro 1894 à 2001*. Op. Cit., pp. 39.

[214] Outros campeonatos estaduais surgem bem mais tarde, é o caso dos estados do Espírito Santo em 1940, Goiás e Amapá em 1944, Acre em 1947, Distrito Federal em 1973, Mato Grosso 1974, Mato Grosso do Sul 1979, Rondônia em 1991, Tocantins em1994 e Roraima em 1995.

[215] A CBD é fundada pelos estados da Bahia, Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano ela se filia a Confederação Sul-Americana de Futebol, a Conmebol, e em 1923 à FIFA.

No ano de 1934, começa a haver no país uma acirrada disputa pelo controle do futebol brasileiro. De um lado estava a CBD. Do outro, a Federação Brasileira de Futebol, a FBF. Em 10 de dezembro de 1934 é fundada a Liga Bandeirante de Futebol, pela CBD e por alguns dos principais times do país, como S.C. Corinthians P. (SP) e Palestra Itália (SP), apoiados pelo C.R. Vasco da Gama (RJ) e Botafogo F.R. (RJ). A Liga Bandeirante de Futebol, favorável à profissionalização e popularização do futebol, muda de nome, passando a se chamar, em 11 de fevereiro de 1935 de Liga Paulista de Futebol, LPF[216], e depois, em 13 de agosto de 1937, com o desaparecimento da APEA, muda novamente seu nome para Liga de Futebol Paulista, LFP, e logo em seguida para Liga de Futebol do Estado de São Paulo, LFESP. As mudanças de nome tiveram como objetivo congregar mais times do estado.

O futebol de São Paulo ficou dividido nos anos de 1935 e 1936, mas a concorrência faz com que a APEA não resista, desaparecendo em 1936. A partir de 1937 o futebol paulista passa então a ser administrado por uma única entidade. Depois de todas as mudanças de nome narradas no parágrafo anterior, a entidade muda definitivamente seu nome para Federação Paulista de Futebol, a FPF, em 1941[217]. A entidade era agora algo muito maior que uma liga. Era uma federação que congregava muitos times de muitas cidades, que pertenciam às suas respectivas ligas municipais ou regionais. É o caso de Ponte Preta e Guarani, filiadas à FPF e também à Liga Campineira de Futebol, LCF, fundada em 1935.

Em 1947, a FPF começa a organizar o Campeonato Paulista da II Divisão, e que a partir do ano seguinte passa a usufruir a lei do acesso, em que o campeão da II Divisão sobe para a I Divisão, e o último da I Divisão cai para a II Divisão. O E.C. XV de Novembro de Piracicaba vence o certame em 1947 e 1948, subindo em 1949.

O Brasil, durante toda a década de 40, apresentou somente os campeonatos estaduais, além do Campeonato Brasileiro de Seleções. Porém, nesse período começou a se cogitar a criação de um certame de caráter nacional para clubes. Ainda era muito difícil realizar viagens longas. Assim, a rivalidade cresceu mais regionalmente. No eixo Rio-São Paulo, que sempre foi o mais forte e organizado do futebol nacional, a rivalidade nos anos 40 foi bastante instigada, principalmente pela imprensa. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro precisavam de um certame que fosse além de seus limites como estado. O Campeonato Brasileiro de Seleções já não era suficiente, e ano após ano perdia prestigio e interesse. Em 1933, já havia sido realizado o Torneio Rio-São Paulo, vencido pelo Palestra Itália. Os principais clubes dos dois estados e principalmente a imprensa se mobilizaram com o intuito de recriar a competição, que envolveria os mais fortes times do país.

Assim, em 1950 começa a ser disputado o Torneio Rio-São Paulo, basicamente o primeiro campeonato de caráter nacional, já que de fato reunia os melhores times do país,

---

[216] Que nada tem a ver com a primeira LPF, criada em 1901.

[217] A mudança de nome culminou com uma "fundação" de uma "nova" entidade, mas que a rigor apenas mudara de nome. Os onze clubes fundadores da FPF foram o S.C. Corinthians P., Palestra Itália (que no ano seguinte mudaria seu nome para S.E. Palmeiras), São Paulo F.C., A. Portuguesa D., C.A. Juventus, C.A. Ypiranga, Comercial F.C. e São Paulo Railway A.C. (que muda seu nome para Nacional A.C. em 1946), times da capital, e Santos F.C., A.A. Portuguesa e Espanha F.C. (ou Hespanha F.C., que em 1942 mudou seu nome para Jabaquara A.C.), times de Santos.

que estavam no eixo Rio-São Paulo. O campeão dessa competição podia assim ostentar o título simbólico de "campeão brasileiro". O primeiro campeão do certame foi o S.C. Corinthians P..

No final da década de 60, outros times em outros estados começam a despontar como potências, abalando a hegemonia paulista e carioca. O estado de Minas Gerais, com Cruzeiro E.C., C. Atlético Mineiro e América F.C., o estado do Rio Grande do Sul, com S.C. Internacional e Grêmio F.P., o estado do Paraná, com o Coritiba F.C. e o C. Atlético Paranaense, o estado da Bahia, com o E.C. Bahia e o E.C. Vitória, o estado de Pernambuco, com o Sport C. Recife, o C. Náutico C. e o Santa Cruz F.C., e o estado do Ceará, com Fortaleza E.C. e Ceará S.C., são exemplos de estados com times que começam a se destacar e a reivindicar uma posição de destaque entre os melhores do país.

Diante dessas mudanças, é criada, em 1959, a Taça Brasil, reunindo os campeões estaduais do Brasil. E uma amostra de que a hegemonia de São Paulo e Rio de Janeiro podia ser questionada, fica evidente logo na primeira edição da Taça Brasil, quando o E.C. Bahia (BA) é o campeão, após vencer duas vezes (2 a 0 e 3 a 1) em três jogos o poderoso Santos F.C. (SP) de Pelé Cia, perdendo somente uma peleja (3 a 2). Em 1966, novamente o título não ficou com um time do eixo Rio-São Paulo. O Cruzeiro E.C. (MG) foi campeão nesse ano ao vencer duas vezes o ainda poderoso Santos F.C. (SP), 6 a 2 e 3 a 2. Antes, outras equipes já tinham surpreendido chegando à decisão da Taça Brasil. Foi o que aconteceu em 1960, quando o Fortaleza E.C. (CE) enfrentou o S.E. Palmeiras (SP), em 1961 e 1963, quando o E.C. Bahia (BA) jogou mais duas finais contra o Santos F.C. (SP), em 1967, quando o C. Náutico C. (PE) decidiu com o S.E. Palmeiras (SP), e em 1968, na última edição da Taça Brasil, novamente o Fortaleza E.C. (CE) chegou à decisão, desta vez contra o Botafogo F.R. (RJ).

Em 1936 já havia sido disputada uma competição entre campeões estaduais, organizados pela FBF. Foram convidados os campeões de São Paulo (A. Portuguesa D.), Rio de Janeiro (Fluminense F.C.), Minas Gerais (C. Atlético Mineiro) e Espírito Santo (Rio Branco F.C.). O time mineiro sagrou-se campeão. Em 1922, América F.C. (RJ) e S.C. Corinthians P. (SP) realizaram também uma disputa entre campeões estaduais.

O Torneio Rio-São Paulo começou a perder o prestígio em meados dos anos 60. Chegando em 1966, na última edição da competição, a não ser finalizado, devido à falta de datas disponíveis para a disputa das finais, em função da Copa do Mundo da Inglaterra, que foi disputada naquele ano. Nesse ano, o Torneio Rio-São Paulo terminou com quatro campeões: Botafogo F.R. (RJ), Santos F.C. (SP), C.R. Vasco da Gama (RJ) e S.C. Corinthians P. (SP).[218]

Para substituir o Torneio Rio-São Paulo, os times paulistas, cariocas e de outros estados, através da CBD, aprovaram a criação, em 1967, da Taça de Prata ou Torneio Roberto Gomes Pedrosa, apelidado de "Robertão". Com a disputa desse certame, a Taça Brasil, que já apresentava sinais de desgaste, parou de ser disputada em 1968. O primeiro campeão da Taça de Prata, em 1967, foi o S.E. Palmeiras (SP), após vencer o

[218] Com o intuito de recuperar a tradição desse torneio e instigar a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro, além de haver grande apoio da imprensa, que vê no certame uma excelente oportunidade mercadológica, o Torneio Rio-São Paulo voltou a ser disputado em 1993, 1997, 1998, 1999 e 2000. Em 2002, com a criação da entidade Liga Rio-São Paulo, o certame será disputado com o número recorde de 16 times, e a perspectiva de substituir gradualmente os certames estaduais de São Paulo e Rio de Janeiro.

quadrangular final contra S.C. Corinthians P., S.C. Internacional e Grêmio F.P.. A Taça de Prata durou apenas quatro anos, encerrando com o certame de 1970, em que o Fluminense F.C. (RJ) sagrou-se campeão ao vencer o quadrangular final contra S.E. Palmeiras (SP), Cruzeiro E.C. (MG) e C. Atlético Mineiro (MG).

Essa competição serviu mais como um laboratório para testar a viabilidade de um campeonato de caráter nacional. Assim, em 1971, se realizou o primeiro Campeonato Brasileiro, que é disputado até hoje. O C. Atlético Mineiro sagrou-se o primeiro campeão brasileiro, após vencer a triangular final contra o São Paulo F.C. (SP) e Botafogo F.R. (RJ). Paralelamente também se realizou, a exemplo dos estaduais, um certame da II Divisão.

Outro certame de caráter nacional passou a ser disputado em 1989, a Copa do Brasil, uma reedição da antiga Taça Brasil, reunindo os campeões estaduais. Na primeira edição dessa competição, o Grêmio F.P. (RS) sagrou-se campeão ao derrotar na final o Sport C. Recife (PE).

Seguindo os passos do Torneio Rio São Paulo, que voltou a ser disputado em meados dos anos 90, as outras regiões também criaram suas competições. Surgiram os Torneios Sul-Minas, Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Entre os principais certames internacionais, os times brasileiros têm obtido excelentes resultados na Taça Libertadores da América, disputada desde 1960, no Mundial Interclubes, disputado desde 1960, na Copa Conmebol, disputada desde 1992, na Copa Mercosul, disputada desde 1998, e no Mundial de Clubes da FIFA, com a realização de um único certame em 2000. Também se disputou de 1988 a 1997 a Super Copa Sul-Americana.

IV - 20. Futebol em Campinas: origens

A história do futebol em Campinas se confunde com a própria história do futebol no Brasil. Oficialmente o futebol foi trazido ao Brasil em 1894 por Charles Miller. Oficialmente também, o primeiro jogo de futebol em terras brasileiras foi disputado em 1895. Era um esporte da elite, que importou muitas coisas da Inglaterra, como o futebol. Um dos mais tradicionais times de Campinas no começo do século XX foi o London F.C., formado por descendentes de ingleses.

O futebol desde período era um desfile de influências inglesas. A linguagem do futebol era basicamente em inglês, ou em "portinguês". O "goal-keeper" (goleiro) virava "gortipa", o back (zagueiro) virava "beque", o half (meio-campista) virava "alfo" e "hand" (infração cometida ao tocar a bola com a mão) virava "ende".[219]

---

[219] Lembranças do jornalista Benedito Barbosa Pupo a respeito do futebol praticado em seu bairro na infância, a Vila Industrial, em matéria publicada no Caderno "Campinas Século XX - 100 Anos de História", parte um (1900 - 1909), da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação, de 28 de janeiro de 2000. Pupo trabalhou nos jornais Gazeta de Campinas, onde iniciou sua carreira em 1927, Correio Popular e Diário do Povo. Ou *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação / Diário do Povo / Correio Popular, Campinas, SP, 2000. Pupo nasceu em Campinas no dia 3 de maio de 1906 e faleceu em junho de 2001. Orgulhoso de sua origem, se destacou por escrever para a imprensa crônicas sobre a história da cidade. Escreveu dois livros, que narram particularidades da história de Campinas - incluindo o futebol, os clubes e a prática do esporte na cidade no início do século -, *Oito*

Também a prática do futebol apresentava algumas particularidades interessantes. Mas já naquela época, passou a ser comum ver pessoas jogando esse esporte em descampados de terra pela cidade. Esse costume, que gerou e se confunde com o "futebol de várzea" perdurou em Campinas, como em outras cidades paulistas, como São Paulo, até meados da década de 80, quando a urbanização "engoliu" os campinhos de várzea, mesmo os da periferia, ou impossibilitou que a rua, antes tranqüila, pudesse abrigar pelejas admiravelmente disputadas por exércitos de crianças, adolescentes e adultos.

Essas famosas peladas de rua, o "vira 5 acaba 10", hoje são práticas raras em Campinas. Para muitos essas peladas eram repletas de magia. "As bolas eram feitas de serragem ou trapos, enrolados em uma meia, podia ser também uma bexiga de boi, ao natural ou revestida, e, às vezes, arranjava-se um capão velho, de couro, no qual se colocava a bexiga". "Certos ludopedistas (como eram chamados antigamente os futebolistas) de agora, heróis de nossos campos, não dariam para saída, num jogo do tempo em que se jogava 'futebol em inglês'".[220]

Nas duas primeiras décadas do século XX ocorreu um verdadeiro surto de times de futebol em Campinas e região. Nessa época, o esporte era puramente amador e disputado por jovens ligados a camadas mais ricas da sociedade campineira. O primeiro time da cidade foi o Gymnasio Athletic Club. Outros surgiram como Campinas Athletic Club, a Associação Athletica Campineira, o Ideal Foot-Ball Club, o Sport Club Commercial, e outros.

A primeira tentativa de se criar um certame na cidade de Campinas foi em 1907. Mas o intento fracassou. Somente em 1912 seria organizado e disputado um certame na cidade. Esse, que seria o primeiro Campeonato Campineiro, foi organizado pela Liga Operária de Futebol. A iniciativa da criação da liga e do certame partiu do Corinthians F.C.. O S.C. Operário logo aderiu e passou a ser uma liderança na mesma, daí o nome da entidade.

Da assembléia de fundação dessa liga em 21 de abril de 1912, na sede social do Corinthians F.C., na Rua Regente Feijó, participaram cinco clubes, os fundadores: Corinthians F.C., Internacional F.C.M. , Ponte Preta, Guarani e London F.C.. Esse primeiro certame recebeu certa atenção da imprensa, mas a mesma não destacou a competição, apresentando apenas curtas. A Ponte Preta sagrou-se a primeira campeã de Campinas. E o Guarani ficou em segundo lugar. Nessa época, Ponte Preta e Guarani já eram os times de maior destaque na cidade de Campinas.

De 1913 a 1915, não se organizou nenhum campeonato na cidade, embora a atividade dos times campineiros tenha sido intensa com a disputa de muitas partidas amistosas. Em 1915, no dia 23 de dezembro, foi criada a Associação Campineira de Futebol, ACF. A entidade organizou no ano seguinte o segundo certame campineiro. A iniciativa da criação da entidade foi do Club Italiano, um clube formado por italianos. O clube encomendou para a disputa desse certame a Taça Club Italiano.

---

bananas por um tostão e *Testemunho do Passado Campineiro*. Pupo colaborou muitos anos com o Centro de Memória da Unicamp e entre seus trabalhos, ao longo da vida dedicada a Campinas e à divulgação e preservação da sua história, destacam-se as teses sobre a fundação da cidade de Campinas e à decisiva participação do então governador Morgado de Mateus na criação da cidade. Sobre essa abordagem, o Correio Popular publicou um Suplemento Especial em 2 de agosto de 1978.

[220] Idem (nota 59).

Os clubes que participaram da fundação da entidade eram os melhores times da cidade na época: Ponte Preta, Guarani, London F.C., Campinas Black Team e S.C. White Team. Paralelamente foi disputado um outro certame organizado pela Liga Campineira de Foot-Ball, entidade formada pelos clubes mais fracos, uma espécie de segunda divisão: C. Concórdia, Vila Industrial, Independência, Paulista, Americano, Espéria e Operário.

O certame de 1916 da ACF foi vencido pelo Guarani, que entre os segundos quadros[221] terminou como vice-campeão. A Ponte Preta, que foi campeã entre os segundos quadros, terminou em quarto lugar. O Campinas Black Team terminou em segundo lugar. Um dos jogos que chamava a atenção na época, além de Ponte Preta e Guarani, era o embate entre o Campinas Black Team e o S.C. White Team, ou simplesmente "Black X White".



(Time do London F.C., um dos mais tradicionais times da cidade no início do século XX. Nesta foto de 1916, aparecem Vendite, Soligo e Batistéla, em pé; Marotta, Mauro e Tôco, agachados; e Juvenal, Tabajara, Waldomiro Antunes, Waldomiro Silva e Sebastião Holanda, sentados. O antigo campo localizava-se onde depois se fixou o Colégio Progresso Campineiro. Acervo João Bosco Panattoni.)

[221] "Segundo Quadro" ou "2° "Quadro" é o time reserva ou aspirante.

Em 1917, no segundo Campeonato Campineiro da ACF, o S.C. White Team sagrou-se campeão. Ponte Preta e Guarani ocuparam respectivamente o segundo e terceiro lugares. No certame dos segundos quadros, o Concórdia F.C. sagrou-se campeão, e Ponte Preta e Guarani apenas inverteram suas posições, ficando respectivamente em terceiro e segundo lugares.

Estava em disputa neste certame a Taça Câmara Municipal. A competição teve início em 7 de setembro de 1917 e terminou em outubro de 1918! Dez times iniciaram a competição e apenas cinco terminaram. Devido à duração desse tumultuado campeonato, não foi realizado um certame em 1918, até porque não sobrara mais tempo para isso. O terceiro Campeonato Campineiro da ACF só aconteceria em 1919, com os mesmos times que terminaram a competição do ano anterior.

O Guarani sagrou-se campeão de 1919. A Ponte Preta terminou em segundo lugar, conquistando a Taça Japonesa, por ter conquistado dois vice-campeonatos seguidos. Entre os segundos quadros, o Concórdia sagrou-se campeão. O último certame organizado pela ACF aconteceu em 1920, e o Guarani voltou a ser o campeão, que ficou com a posse da Taça Municipal.

De 1921 até 1934 não houve nenhum campeonato na cidade. Os times campineiros mantiveram suas atividades, disputando amistosos e torneios sem importância contra times da região. Já despontavam nesse período como potências do futebol campineiro a Ponte Preta e o Guarani.

No final da década de 20, ambas as equipes foram convidadas a participar dos certames da capital, o então Campeonato Paulista. A LAF convidou a Ponte Preta para disputar os campeonatos de 1928 e 1929. O Guarani foi convidado a disputar o certame da APEA de 1927 a 1930, a outra entidade que organizava o certame paulista, na época dividido entre essas duas entidades. Ponte Preta e Guarani foram convidados por estarem na época entre os principais times do interior de São Paulo. Os times campineiros realizaram boas campanhas nos certames que participaram.

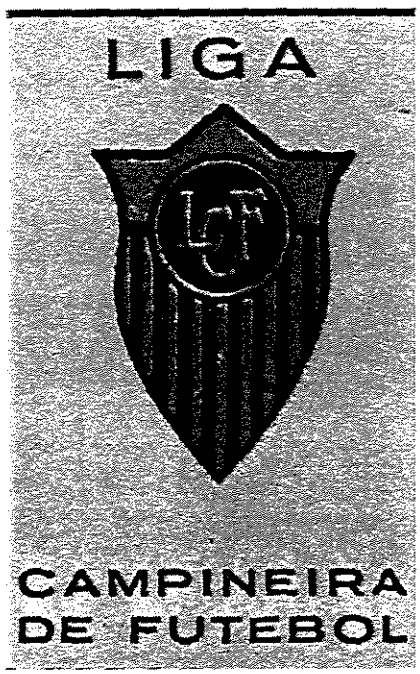
Foi um período em que a cidade ficou privada do seu maior clássico, Ponte Preta e Guarani, que de 1928 a 1931, não foi jogado.

Entre os anos de 1923 e 1932, Ponte Preta e Guarani e outros times campineiros, como o Dalva F.C. e o Ipiranga F.C., que jogaram o certame de 1926, disputaram o Campeonato do Interior. Essa competição, voltada para os times do interior, que eram divididos em zonas ("Paulista", onde jogaram os times de Campinas, e "Mogiana" são exemplos). Nesse momento, o futebol passava na capital por um processo de profissionalização, que se deu em 1933.

Em 28 de fevereiro de 1935, foi criada a Liga Campineira de Futebol, LCF. Os times que formavam a liga eram, além de Ponte Preta e Guarani: Bonfim F.C., Campinas F.C., E.C. Corinthians, Guanabara F.C., Jardim F.C., Voluntários da Pátria F.C. e o tradicional E.C. Mogiana, que tinha sido fundado em 7 de junho de 1933.

No ano de estréia da LCF, o título ficou com Ponte Preta, assim como entre os segundos quadros. O Campeonato Campineiro é realizado até hoje. A LCF é uma entidade amadora. Ponte Preta e Guarani participaram do certame com seus respectivos times principais até 1946. Muitos times se extinguiram, mas a competição ainda é disputada por muitos times amadores da cidade.

(Emblemas da Liga Campineira de Futebol, LCF, ao longo do tempo. As duas no alto são mais antigas, datam da fundação da entidade, e a de baixo corresponde ao emblema atual, embora no portão do prédio onde funciona a entidade (imagem do meio, em foto do autor), aparece o emblema antigo. Fonte: Liga Campineira de Futebol e acervo pessoal do autor.)







UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

(E.C. Mogiana em 1944. Da esquerda para a direita: Teco, Jaba, Gustavo, Ramos, Índio, Serafim, Negrito, Otávio, Jorginho, Artur e Biginho. Acervo João Bosco Panattoni.)



(E.C. Mogiana. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(Foto de cima: E.C. Mogiana em Jaguariúna, nos primórdios de sua fundação. Foto abaixo: E.C. Mogiana em 1948. Da esquerda para a direita: Índio, Ovilés, Artur, Jair, Chiquinho, Otávio, Piva, Ajam, Águia, Gustavo e Jal. Ambos acervo João Bosco Panattoni.)





(Bonfim F.C.. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(Guanabara F.C.. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(Foto de cima: time do Guanabara F.C.. Foto abaixo: time do Guanabara F.C. que venceu no dia 27 de junho de 1943 o E.C. Corinthians por 5 a 4 na última partida do I Turno do Campeonato Campineiro de 1943. O time nesse dia: Pizzoni; Godoi e Silvestre; Mafra, Palma e Valdir; Mauro, Salgado, Carlinhos, Maquininha e Amadeu. Acervo João Bosco Panattoni.)





(Campinas F.C.. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(Na página seguinte: Foto de cima: Campinas F.C., da esquerda para a direita, Pedroso, Antoninho, Semedo, Luizinho, Zezinho, Doce de Leite, Oscar, Miminho, Bizu, Pé de Moleque e Nélson. Foto abaixo: Campinas F.C. em 1931, em pé da esquerda para a direita, Padefrinho, Daniel, Ferrinho, Camilo, Zé Luiz, Elegância, Zico e Chico, e agachados, Praxedes, Camp e Cris. Ambos acervo João Bosco Panattoni.)





(E.C. Corinthians de Campinas. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(Foto de cima; E.C. Corinthians bicampeão campineiro de 1943/44, em pé da esquerda para a direita, Dalton, Pitico, Milton, Jarbas, Rafael e Rubens; agachados, Afonsinho, Pedro, Leme, Renatinho e Nelson. Foto de baixo, de setembro de 1945, E.C. Corinthians, da esquerda para a direita, Zulma, Hélio, Rodrigues, Afonso, Rodrigues 2º, Jaime, Careca, Coquemala, Guerrinha, Zaclis e Nardo. Ambos acervo João Bosco Panattoni.)





(E.C. Gazeta Esportiva. A popularidade do jornal A Gazeta Esportiva, que possuía uma sucursal na cidade, gerou até um time campineiro com seu nome. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



(O Pátria F.C., ainda em atividade, é um dos fundadores da Liga Campineira de Futebol em 1935, quando então se chamava Voluntários da Pátria F.C.. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)



A partir de 1947, Ponte Preta e Guarani passaram a disputar os campeonatos organizados pela FPF. Inicialmente na II Divisão, mas logo ambas as equipes estavam na I Divisão. O Guarani subiu em 1949 e no ano seguinte, a Ponte Preta também subiria. Com a disputa do Campeonato Paulista da I Divisão, as duas equipes tornaram-se efetivamente profissionais. Ponte Preta e Guarani conseguiriam enorme projeção entre os profissionais, chegando a disputar muitos títulos, tanto nos certames paulistas, como nos nacionais. No final da década de 70, Campinas, devido à extraordinária fase que viviam Ponte Preta e Guarani, chegou a ser chamada de a "Capital do Futebol".

IV - 21. Campinas: a "capital do futebol"

A melhor fase vivida pelo futebol campineiro foi sem dúvida as décadas de 70 e 80, mais precisamente o período de 1976 a 1986. Ponte Preta e Guarani, nos últimos anos da década de 70, estavam entre as melhores equipes do país. Para muitos jornalistas da época, eram os melhores times do país, e a cidade de Campinas reunia os melhores jogadores do Brasil.

O ano de 1978 foi especial para o futebol campineiro. Nesse ano, após a conquista do título brasileiro pelo Guarani - e a Ponte Preta já havia sido vice-campeã paulista um ano antes -, o futebol de Campinas conseguiu a sua maior projeção. Ganhou o reconhecimento de jornalistas, jogadores e todos envolvidos com o futebol. Cedeu inúmeros jogadores à Seleção Brasileira.

Outros dois momentos especiais naquele ano de 1978 registraram o auge do futebol de Campinas. Em outubro, a extinta revista *Manchete Esportiva* publicou uma foto com a "Seleção Brasileira de 78", eleita pelos jornalistas esportivos de todo o país. Nesse time apareciam quatro jogadores dos times de Campinas! Estavam lá o zagueiro Oscar da Ponte Preta, e o técnico Carlos Alberto Silva, o lateral-esquerdo Miranda, o meia-armador Zenon e o centroavante Careca, todos do Guarani. Os outros eram os flamenguistas Zico e Paulo César Carpeggianni, os corinthianos Palhinha, Amaral - que acabara de sair do Guarani - e Zé Maria, o colorado Falcão e o vascaíno Leão.

No outro momento inesquecível, a revista *Placar* publicou uma foto feita do último andar de um prédio em Campinas, reunindo uma "seleção brasileira" composta apenas por jogadores de Ponte Preta e Guarani. O título para a matéria e a foto foi: "Campinas Futebol Clube".

Nos anos 70, acompanhando o crescimento econômico e industrial da cidade, além de populacional, Campinas consolidou sua posição como um dos principais centros de futebol do Brasil. Posição que nunca mais perdeu. Uma prova disso são as campanhas que Ponte Preta e Guarani realizaram ao longo da década de 70 e também 80.

Já em 1970, a Ponte Preta sagrou-se vice-campeã paulista, logo após ter voltado à primeira divisão conquistando, em 1969, o Campeonato Paulista de Acesso (II Divisão). Esse inesquecível time, montado por Zé Duarte[222], ainda foi protagonista nesse ano de um momento histórico. No dia 16 de agosto, a Ponte Preta recebeu em seu estádio, o "Majestoso", o Santos de Pelé. E diante de um público recorde até hoje, 33.500 pessoas, o

[222] Zé Duarte é um dos técnicos que mais dirigiram as equipes da Ponte Preta e do Guarani. Costuma-se dizer na imprensa que ele tem a "cara de Campinas, Ponte ou Guarani".

time da baixada santista venceu com muita dificuldade através de um gol de Douglas aos 17 minutos da etapa final de jogo.

(Outubro de 1978: a "Seleção Brasileira de 1978", metade de Campinas, eleita por jornalistas em foto publicada na extinta Manchete Esportiva. Em pé, da esquerda para direita: Leão (C.R. Vasco da Gama RJ); Oscar (A.A. Ponte Preta SP); Amaral (S.C. Corinthians P. SP); Falcão (S.C. Internacional RS); Miranda (Guarani F.C. SP); Zé Maria (S.C. Corinthians P. SP) e o técnico Carlos Alberto Silva (Guarani F.C. SP). Agachados: Careca (Guarani F.C. SP); Zico (C.R. Flamengo RJ); Palhinha (S.C. Corinthians P. SP); Paulo Cesar Carpeggianni (C.R. Flamengo RJ) e Zenon (Guarani F.C. SP). Fonte : Campinas Século XX - 100 anos de história, Número 4, "1960 - 1979 Os anos de chumbo", caderno especial da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação, veiculada no Diário do Povo e Correio Popular.)



Ponte Preta e Santos ainda fariam um jogo inesquecível quatro anos depois. No dia 2 de setembro de 1974, agora no estádio Urbano Caldeira, a "Vila Belmiro", em Santos, o time da casa derrotou os campineiros por 2 a 0, gols de Cláudio Adão e Brecha. Um jogo normal, se ele não marcasse a despedida de Pelé do Santos. O "Rei do Futebol", que anos antes já havia se despedido da Seleção, estava dizendo adeus ao Santos e aos gramados brasileiros. Pelé encerraria sua inigualável carreira anos depois no Cosmos de Nova Iorque.

Novamente com Zé Duarte, a Ponte Preta conseguiria mais títulos na década de 70. Seria vice-campeã paulista em 1977 e em 1978, realizando ambas finais contra o Corinthians. Em 1977, apesar de realizar uma campanha melhor e também possuir um time melhor, a Ponte Preta não superou o Corinthians na final. O alvinegro da capital voltava a ser campeão paulista depois de 22 anos e 10 meses!

Em 1978, surpreendendo o país todo, o Guarani dirigido pelo técnico Carlos Alberto Silva sagrava-se campeão brasileiro. Era o melhor time do país! Foram 32 jogos, com 20 vitórias, 8 empates e apenas 4 derrotas. O time bugrino marcou 57 gols e sofreu 22. A maior conquista do futebol campineiro aconteceu no dia 13 de agosto de 1978, no Estádio Brinco de Ouro da Princesa. Nesse dia, o Guarani, com um gol aos 36 minutos do primeiro tempo do ainda jovem atacante Careca - que viria a ser um dos maiores atacantes da história do futebol nacional -, derrotou o poderoso Palmeiras. A imprensa do país se referiu a essa façanha como sendo a vitória do "verdinho sobre o verdão" ou do "verde caipira sobre o verde da capital". O Guarani é o único time do interior do Brasil que é campeão brasileiro.

A conquista bugrina emocionou a cidade e o país. O Guarani ganhou a simpatia de todos, principalmente dos jornalistas esportivos, que não paravam de enaltecer a façanha. Muitos passaram a ser bugrinos, principalmente em cidades do interior de São Paulo. Curiosamente, até Júnior, o filho mais velho de Zico, ídolo do Flamengo e da Seleção, virou torcedor do Guarani e afirmou que o seu maior sonho era jogar no Guarani. Chegou inclusive a jogar nas categorias de base do clube campineiro, mas não vingou.[223]

O time base do Guarani nesse certame nacional de 1978 foi Neneca; Mauro, Gomes, Édson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca e Bozó.[224] E para completar a façanha bugrina naquele ano, o Dérbi pelo Brasileiro foi vencido pelo Guarani por 2 a 1. Aliás, ao longo da segunda metade da década de 70 e primeira metade da década de 80, o Dérbi era acompanhado por todo o país com muita expectativa e interesse. Afinal, tratava-se do clássico que reunia as duas equipes da "capital do futebol" na época. Foi o momento de maior projeção do Dérbi Campineiro.

Ponte Preta e Guarani decidiram o II turno do Campeonato Paulista de 1978. A decisão ocorreu no dia 27 de junho de 1979, no Estádio Moisés Lucarelli. O resultado do dérbi foi 1 a 1. Como a Ponte Preta havia realizado campanha melhor, sagrou-se campeã

---

[223] "Categorias de base" correspondem às categorias de formação de jovens jogadores, como o infantil, juvenil e juniores, são as categorias que precedem os profissionais.

[224] Na escalação de um time de futebol, separam-se os setores do time com o ponto e vírgula. Assim, Neneca era o goleiro, do jogador Mauro ao jogador Miranda era o setor de defesa, de Zé Carlos a Zenon, o setor de meio campo, e por fim, de Capitão a Bozó, o setor de ataque. Nessa época, a composição tática era portanto um "4-4-3", ou seja, 4 zagueiros, 4 meio-campistas e 3 atacantes. A maioria dos times da época jogava nessa formação.

do II turno do Campeonato Paulista. Porém no III turno, a Ponte Preta terminou em terceiro lugar em seu grupo, não conseguindo vaga nas semifinais. O Guarani, ao contrário, foi o primeiro colocado do seu grupo, classificando-se e perdendo a vaga na final para o Santos F.C., que seria o campeão paulista de 1978.

A Ponte Preta também quase chegou a essa glória. Em 1981, ainda com muitos jogadores do forte time da segunda metade da década de 70, chegou ao terceiro lugar do Brasileiro daquele ano. Perdeu a chance de fazer a final contra o São Paulo, ao perder a vaga nas semifinais para o Grêmio de Porto Alegre. O time gaúcho seria campeão nacional naquele ano. E foi com esse mesmo São Paulo que, ainda em 1981, a Ponte Preta fez a final do Campeonato Paulista. Mas novamente, o time de Campinas sucumbiu diante de uma equipe da capital. Esse São Paulo, bicampeão paulista em 1980 e 1981, era chamado de "A Máquina", por ser um time muito forte, uma "máquina de jogar futebol".

Depois dessas excelentes campanhas da Ponte Preta em 1981, a alvinegra de Campinas iniciou uma fase muito ruim, que culminou com o rebaixamento da equipe para a segunda divisão paulista em meados da década de 80. O Guarani, ao contrário, continuou bem. Em 1982, o time chegou às semifinais do Campeonato Brasileiro, perdendo a vaga na final contra o Grêmio para o Flamengo de Zico. O time carioca seria campeão nacional nesse ano.

Em 1986, numa inesquecível final contra o São Paulo, o Guarani conquistou o vice-campeonato brasileiro. Por ironia, o gol salvador do time paulistano, já no final da prorrogação, quando os bugrinos já comemoravam o título, foi do atacante Careca, que foi revelado e brilhou no Guarani. Nos pênaltis, o São Paulo se saiu melhor e levou o título para casa, já que a partida foi no Brinco de Ouro da Princesa.

O Guarani voltaria a ser vice-campeão brasileiro em 1988, quando perdeu a decisão nos pênaltis novamente, desta vez para o Sport C. Recife, na capital pernambucana. O Sport C. Recife foi o campeão do "Módulo Amarelo" do Campeonato Brasileiro daquele ano, e é reconhecido oficialmente como o campeão nacional de 1988. Naquele ano houve uma cisão no futebol brasileiro. Os mais tradicionais times brasileiros disputaram um certame paralelo, o "Módulo Verde". A Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F.) queria que houvesse uma decisão entre Sport e Guarani do Módulo Amarelo, e, C.R. Flamengo (RJ) e S.C. Internacional de Porto Alegre (RS), campeão e vice, respectivamente, do Módulo Verde. Mas os times do Módulo Verde recusaram a disputa. Assim, para a C.B.F., o campeão e o vice-campeão brasileiros de 1988 são respectivamente Sport e Guarani.

IV - 22. Campinas e a Seleção Brasileira

Antes da década de 70, era muito difícil um time do interior ter um jogador convocado para a Seleção Brasileira. Basicamente, eram convocados os principais jogadores dos grandes clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, e a partir da década de 60, também jogadores dos grandes times de Porto Alegre e Belo Horizonte, quando esses começaram a se destacar no futebol nacional, principalmente com a criação da Taça Brasil e da Taça de Prata, precursores do Campeonato Brasileiro, que se iniciou em 1971.

Até meados dos anos 60, dominavam o futebol nacional os grandes de São Paulo e Rio de Janeiro. Não havia um certame nacional. O Torneio Rio São Paulo, que começou a

ser disputado a partir de 1950, foi por quase uma década o maior campeonato do Brasil, um primeiro "campeonato brasileiro", já que esses dois centros apresentavam o melhor do futebol nacional. Assim, para ter uma chance na seleção, o jogador "precisava" se transferir antes para algum grande clube de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

Antes de 1978, o Guarani já havia surpreendido com a convocação de alguns dos seus jogadores para defender a seleção. Em 1963, a dupla de canhotos Tião Macalé e Oswaldo tiveram uma chance. E em 1972, o atacante Washington foi titular da seleção olímpica, que disputou os Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha. Neste ano, o futebol brasileiro, cujo título que falta é exatamente o olímpico, foi desclassificado ainda na fase inicial da competição. Washington jogou neste time com o volante Falcão do Internacional, que anos depois se consagraria como um dos melhores jogadores da história. E o Brasil, em 1972, conquistou apenas duas medalhas de bronze, no judô e no atletismo.

Em 1978, os zagueiros Oscar e Polozzi da Ponte Preta, e o zagueiro Amaral, ex-Guarani, foram convocados para uma partida amistosa. Em 1979, os meias Zenon e Renato do Guarani, além do lateral-direito Édson Boaro da Ponte Preta também foram convocados. E em 1980, o zagueiro pontepretano Juninho também seria convocado.

Em Copas do Mundo, até a década de 60, eram convocados jogadores dos times cariocas e paulistas apenas. Às vezes, era convocado algum jogador que jogava no exterior ou um ou outro jogador de Porto Alegre ou Belo Horizonte, mas era muito raro.

Foi somente na Copa de 1978, décimo primeiro mundial, disputado na Argentina, que a Seleção levou em sua delegação jogadores que não eram dos grandes times de São Paulo (S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras, São Paulo F.C. e Santos F.C.), Rio de Janeiro (C.R. Flamengo, C.R. Vasco da Gama, Fluminense F.C. e Botafogo F.R.), Porto Alegre (Grêmio F.P. e S.C. Internacional) e Belo Horizonte (C. Atlético Mineiro e Cruzeiro E.C.). As doze equipes citadas acima correspondem aos "doze" gigantes do futebol nacionais, os mais tradicionais e com as maiores torcidas do país.

Para esse mundial da Argentina, o goleiro Carlos e os zagueiros Oscar e Polozzi, todos da Ponte Preta foram os primeiros jogadores de um time do interior a defender a Seleção numa Copa do Mundo. Na Copa seguinte, 1982 na Espanha, a Ponte Preta, novamente, cederia jogadores para a Seleção. Foram eles o goleiro Carlos, novamente, e o zagueiro Juninho. O primeiro jogador do Guarani a defender a Seleção numa Copa do Mundo, foi o zagueiro Júlio César em 1986, no México. Nenhum deles marcou nenhum gol, mas foram os únicos jogadores de times do interior que disputaram Copas do Mundo. Portanto, do interior, apenas Ponte Preta e Guarani cederam jogadores para a disputa de uma Copa do Mundo, a mais importante competição esportiva do planeta.[225]

IV - 23. Celeiro constante de craques

A partir da década de 70, Guarani e Ponte Preta investiram muito nas categorias de base do clube.[226] Formaram equipes que até hoje estão entre as melhores do país. E ao

[225] DUARTE, Orlando. *Enciclopédia - Todas as Copas do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1998.
[226] "Categorias de base", como já foi dito, correspondem às categorias de formação de jovens jogadores, como o infantil, juvenil e juniores, são as categorias que precedem os profissionais.

contrário dos profissionais, Guarani e Ponte Preta já conquistaram inúmeros títulos estaduais e nacionais.

Os times campineiros sempre revelaram jogadores para o futebol paulista e nacional, principalmente depois da década de 70. Campinas é a cidade do interior que mais revelou jogadores para os grandes clubes da capital e também para outros importantes centros e capitais do Brasil. O tamanho e a localização privilegiada da cidade, além da presença há décadas de muitas indústrias que investem no futebol, possibilitou a Ponte Preta e ao Guarani essa posição de destaque no interior de São Paulo.

IV - 24. Futebol, esporte democrático e universal: o jogo, uma caricatura da vida

Por que o futebol é o esporte mais amado e praticado em todo mundo? Porque é "esporte do povo"? Essas perguntas já foram feitas inúmeras vezes. As respostas são as mais diversas possíveis. Mas acredito que o principal motivo esteja na essência e nos princípios de sua prática, que são naturalmente transferidas para quem apenas está assistindo ou acompanhando uma partida de futebol.

De certa forma, pode-se jogar futebol até com uma pedra como substituta da bola. O campo, basta ser algo próximo a um descampado plano, podendo ser cheio de buracos, inclinado ou até com árvores no meio.[227] Assim, para jogar futebol bastam "jogadores" e a vontade e o espaço, que infelizmente a urbanização das últimas três décadas nos arrancou.

Para jogar futebol, não importa ser bom ou ruim, não importa a classe social, a etnia, a cor da pele, o sexo, a opção sexual, a cultura, a religião - embora algumas religiões não permitam a prática esportiva. Enfim, é o esporte mais democrático do mundo. E essa noção é perfeitamente sentida entre os peladeiros. Numa pelada, todos jogam, ninguém fica de fora, e aquele que tentar impedir outro de jogar cai em desgraça. A "turma" não chama mais. São regras de convivência dos peladeiros que parecem existir desde que se começou a jogar futebol. Lei de peladeiros.

Outros esportes não oferecem esse tipo de contexto. Para se jogar vôlei ou basquete, é preciso ter uma quadra, redes, um cesto e bolas adequadas, que no mínimo "pulem". É necessário então, na maioria das vezes, um local adequado e instrumentos adequados, se não, não há jogo. Há também um limite para jogadores. No futebol, não. Por isso, o futebol é muito mais acessível, é mais popular, e assim, mais praticado e amado. Na verdade, a fórmula é muito simples, e por isso é sucesso no mundo inteiro, foi adotado como um "esporte de todos", universal.

---

[227] Na minha infância e adolescência, como "peladeiro", desfilei meu futebol em muitos campos esdrúxulos. Eram pequenos, eram inclinados, tinham buracos ou crateras, plantas, muros e até árvores. Perto de casa existe um minúsculo balão - que só se tornou minúsculo depois que cresci. E no meio dele havia uma seringueira. E esse detalhe nunca nos impediu de jogar bola nele. Dois quarteirões acima havia outro campo numa praça bem maior, um pouco melhor, mas que também tem uma árvore no meio , e onde eu e meus amigos jogávamos sempre. Hoje, ambos estão abandonados. As crianças não desfilam mais seu futebol por esses campos. Éramos egocêntricos, como qualquer peladeiro, pois nos sentíamos os reis do futebol cada vez que "entrávamos num dos campos", sendo um deles carinhosamente apelidado por Marcelo Giungi, um amigo de infância e craque da bola, de "Buracanã"...

"O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostas de expatriados britânicos (como o São Paulo Atlético Club) do gelo polar ao Equador. Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que poderia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal." [228]

O futebol também pode representar a caricatura no nosso dia-a-dia. Nele, nós perdemos, nós vencemos, nós empatamos, choramos, rimos, nos machucamos, temos nossos momentos de glória, de fracasso, de vingança, de humildade, de confraternização. Temos momentos para externar nossos desejos, angústias e raivas, "colocando tudo para fora". O futebol é carregado de símbolos, jogadas em sua prática podem ser alusões a "jogadas" da vida real, do dia-a-dia.

Suas competições entram num campo simbólico, onde grupos ou representações medem forças num "campo de batalha". O futebol, nesse sentido, funciona como um meio pelo qual se cria uma identidade, estabelecendo a coletividade e a proximidade de pessoas e grupos. Uma seleção nacional é como que uma extensão de cada membro dessa identidade, dessa comunidade. E, uma Copa do Mundo, um desfile das várias identidades no campo de jogo. Uma guerra simbólica, como veremos a seguir.

E por fim, o que considero sua principal característica, o futebol é um jogo, que depois de estabelecer suas regras, padronizando sua prática, pouco se alterou. Ou seja, o futebol de hoje é basicamente o mesmo futebol praticado há mais de um século.[229] Outros esportes mudaram muito ao longo dos anos. Essas constantes mudanças não agradam aos torcedores. Em função dessa rigidez e coerência, o futebol conseguiu se popularizar, se conservar e se tornar tradicional. Os times e competições se tornaram tradicionais.

Assim, o torcedor se apega a uma tradição, com símbolos já profundamente enraizados em sua cultura, em seu dia-a-dia. Em outros esportes, a tradição não tem tempo de se criar, ou porque as regras mudam ou porque os times desaparecem ou porque as competições desaparecem. Mesmo assim, o basquete e o vôlei, mais recentemente, têm conseguido manter uma estabilidade, e o que se verificou foi o aumento do público interessado e assíduo, e também o aumento de praticantes, o que é fundamental.

IV - 25. Futebol e a violência: metáfora da guerra

[228] HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos - O breve século XX 1914-1991.* Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995, pp. 197.

[229] Algumas poucas regras foram alteradas ou adicionadas, mas elas apenas deram mais dinâmica ao jogo e melhoraram sua prática, não mudando sua essência. É o caso por exemplo da introdução do árbitro, dos auxiliares (os bandeirinhas), dos travessões (as traves horizontais acima das duas traves verticais e paralelas), dos escanteios (tiros de canto), do pênalti, das substituições, cartões amarelos e vermelhos e lei do impedimento. E muitas dessas alterações ocorreram nos primeiros anos de existência do futebol. Hoje o futebol tem 17 regras.

Anos atrás ouvi de uma colega de universidade que o futebol era violento por culpa da imprensa. Pois a imprensa, seja escrita, radiofônica ou televisiva, em sua cobertura do futebol, sempre proferia espécies de palavras de ordem , usando e abusando de palavras pesadas e violentas, numa metáfora irresponsável da violência ou da guerra ou no mínimo da antipatia. Não era a primeira vez que ouvia essa hipótese. Mas sempre a considerei ingênua e errada. A imprensa não é responsável por essa violência, nunca foi.

É verdade que a imprensa esportiva, principalmente depois que o futebol se popularizou e se tornou o esporte mais cultuado no mundo, o que aconteceu entre as décadas de 30 e 40, passou a se utilizar de palavras que parecem insuflar uma guerra. Expressões como "time A destrói time B", "time C arrasa time D", "uma verdadeira guerra espera time E hoje", "time F é humilhado por time G", etc. Mas essas expressões certamente não são a origem da violência do futebol atual, seja nos gramados ou principalmente fora deles, entre torcedores. São sim, parte da "cultura do futebol", da "linguagem ou língua do futebol", coisa de "boleiro".[230] E a imprensa, há décadas, percebeu que para tornar sua cobertura mais atraente e próxima do público que gosta de futebol, ela teria que procurar falar a língua do "boleiro".[231] Portanto são expressões naturais e não resultam em violência. Somente uma exceção, um desequilibrado, tomaria essa linguagem como o princípio de sua raiva e atitude irracional.

Também explicar a violência no futebol através das desigualdades sociais é um caminho falho. Pois a violência não brota em estádios de países pobres somente, mas também em países ricos. Esse discurso, carregado de preconceito, foi praticamente deixado de lado pelos "historiadores da bola" quando, em 1985, na decisão da Copa dos Campeões da Europa, no Estádio de Bruxelas, mais de 90 torcedores, a maioria de italianos, morreram pisoteados após cair parte da arquibancada do estádio, devido à pressão nela exercida por alguns torcedores ingleses, os "hooligans"[232]. Foi a violência que deu origem à tragédia. E ao longo da década de 80 e 90, muitos casos de verdadeiras batalhais campais foram registrados na Europa, principalmente por iniciativa dos "hooligans" ingleses, alemães e holandeses. Essa tragédia em Bruxelas e os muitos casos de extrema violência fizeram os europeus reverem sua postura. A violência não era

---

[230] Como já foi dito, o termo "boleiro" ou "bolero" refere-se a todos aqueles que estão envolvidos com o futebol de alguma maneira, seja pela simples paixão, seja pelo trabalho, seja pela prática. O "boleiro" não é, portanto, um "entendedor" de futebol, nem precisa ser um craque do jogo. Basta ser parte do mundo do futebol. Um perna-de-pau, ou seja, um jogador ruim, e que também não entende nada de futebol, não sabe nem sequer a escalação do seu time, se participa de alguma maneira, é "boleiro", nem que seja um mau "boleiro". Diriam os poetas, como Armando Nogueira, que o mundo é uma bola e que todos, bem ou mal, são "boleiros"...

[231] Sobre a "cultura do futebol", o filme *Boleiros - Era uma vez o Futebol* realiza uma excelente apresentação, enfocando aspectos curiosos da cultura no Brasil. *Boleiros - Era uma vez o Futebol*. Filme com sete contos sobre o futebol enfocando aspectos diversos da cultura e folclore do universo do futebol. Com Adriano Stuart, Flávio Migliaccio, Otávio Aluísio, Cássio Gabus Mendes, Rogério Cardoso, Paulo Coronato, César Negro, Aldo Bueno, João Aciabe, Oswaldo Campozana e Elias Andreatto. Com as participações especiais de Lima Duarte, Marisa Orth, Denise Fraga, André Abujamra e Antônio Grassi. Filme da SP Filmes de São Paulo, escrito e dirigido por Ugo Giorgetti, 100 minutos, São Paulo, SP, Brasil, 1999.

[232] Os torcedores violentos e baderneiros de algumas nações européias, como a Alemanha, Holanda e principalmente a Inglaterra, são assim chamados.

resultado direto dos contrastes sociais, embora esses também possam, sem dúvida, resultar num ressentimento que se transforme em violência. Mas por esse motivo é raro.

A resposta para a violência do futebol está em sua própria origem. Na verdade, está na origem de qualquer esporte, pois qualquer um, principalmente os coletivos, representam e são uma metáfora da guerra. Em outros esportes também ocorrem violências, seja dos atletas, seja dos torcedores. A diferença fundamental é que o futebol, além de um dos esportes mais antigos, o mais tradicional e mais difundido esporte do planeta, é o mais disputado e o mais "transmitido". Portanto, aparece mais. São bilhões de praticantes e simpatizantes. Assim, existem mais jogadores, times e competições de futebol do que em qualquer outro esporte.

E também, um evento de futebol reúne muitas mais pessoas que qualquer outro esporte, seja pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente, como torcedores, jornalistas e até torcedores à distância, que mesmo não estando presente no estádio, acompanham seus times pela televisão ou pelo rádio. O acompanhamento de outros esportes pelo rádio ou pela televisão é uma prática muito menor se comparada com o futebol.

É claro que o futebol é uma manifestação cultural, imposta junto com outros costumes e parâmetros culturais pelas culturas dominantes, que podemos juntar numa única cultura, a "ocidental", "burguesa e capitalista", que se originou na Europa e se espalhou por todo o mundo "colonizado". Mas o futebol, o esporte em geral, tende a transpor barreiras culturais mais facilmente que outros aspectos de uma imposição cultural, como a língua, religião, etc. O esporte é mais facilmente assimilado por culturas diversas que esses outros aspectos. Parece menos nocivo. É até, às vezes, um fator de unificação, aproximando culturas distantes por motivos físicos, ideológicos ou religiosos. Ou que simplesmente acontece independente da cultura envolvida, como que uma tendência natural da humanidade, como um todo, em aderir ao futebol.

Penso que o Afeganistão é um exemplo. A atual "guerra" entre Estados Unidos e Afeganistão, nos trouxe alguns aspectos curiosos e interessantes. A despeito das razões do conflito, o mundo se voltou para o Afeganistão, encontrando ali, mesmo com a manipulação e distorção de informações a respeito daquela nação, um país muito pobre, destruído por uma infinidade de guerras e conflitos, o que propiciou até o surgimento de um regime ditatorial dentro do mundo islâmico, o Taleban. Nesse regime, que declara abertamente seu ódio pela cultura ocidental, a prática do futebol é comum. Existem estádios, também utilizados, infelizmente, para execuções de presos políticos e comuns, onde são disputados jogos de futebol entre times afegãos. Os jogadores jogam com calças numa tentativa de esconder o máximo que puder do corpo. Recentemente também foram mostrados soldados da Aliança do Norte, que lutam contra o Taleban há anos pelo domínio do Afeganistão, jogando futebol em meio a tanques de guerra numa das pausas nos combates. Também jogavam "cheios" de roupas, desta vez, fardas camufladas e coturnos. Mas o futebol mais uma vez "acontece". E quando a Aliança do Norte com a ajuda americana tomou o poder no Afeganistão, um dos símbolos da vitória e da liberdade, foi a realização de partidas de futebol no estádio de Cabul, capital do Afeganistão, e que antes era palco para execuções políticas, religiosas e ideológicas, promovidas pelo regime Taleban.

Outro exemplo interessante é o advento do futebol em culturas tidas como exóticas para nós. Como por exemplo a nação aborígine em países como Nova Zelândia, Austrália e Papua Nova Guiné. Os nativos dessas terras têm uma relação com o mundo e a natureza muito diferente do mundo ocidental cristão. E mesmo que eles sejam obrigados e condenados a se adequar ao sistema capitalista ocidental, isso não pode ser visto como a razão pela sua simpatia e gosto pelo futebol. Os aborígines jogam futebol também.

Também no Brasil podemos observar essa assimilação do futebol pelos nossos indígenas. Tribos de várias nações indígenas no Brasil praticam futebol dentro de suas aldeias. Até o filho de um cacique virou jogador de futebol de um grande time do Brasil. É o caso do lateral-direito Índio, que começou no S.C. Corinthians P. (SP) e se transferiu para o S.C. Internacional (RS). Então os que não gostam e não praticam futebol não são normais? É claro que não. Mas como vimos antes, o futebol tem por característica ser universal.

Assim, talvez o futebol também possa ser visto como um fenômeno universal, como a música. Ou um fenômeno além da política ou das guerras. Dois exemplos curiosos ilustram essa condição. Numa das excursões realizadas pelo Santos F.C. na década de 60, o time visitou a África. O ano era 1969, e um dos países visitados, a Nigéria enfrentava então uma violenta guerra civil[233], que dividira seu país. Os dois lados envolvidos no conflito que matou mais de 1 milhão de pessoas resolveram assinar um armistício temporário. E naquela tarde do dia 26 de janeiro, a Nigéria, em paz, assistia a uma partida entre a Associação Nigeriana de Futebol, um combinado nigeriano, e o fantástico Santos F.C. da época. Assim como os conflitos cessaram naquela tarde, sem vencedores, também a partida terminou empatada, 2 a 2, com dois gols de Pelé.

Em outro momento interessante, envolvendo também Pelé, o "rei do futebol". Ao visitar a China nos anos 60, Pelé foi para uma região chinesa que ficava na fronteira com a então União Soviética. De repente, sai correndo pela estreita faixa neutra na fronteira um soldado soviético, acenando freneticamente para os chineses, como quem diz ou implora "não façam nada por favor". O espanto da cena terminou com o atrevido soldado soviético conseguindo se aproximar de Pelé, e dele apenas pedindo um autógrafo.

Mas voltando ao futebol como metáfora da guerra, ele e outros esportes se baseiam no medir forças ou no combater um adversário. Pois trata-se de enfrentar um adversário e tentar superá-lo. Numa guerra fazemos a mesma coisa. É claro que uma metáfora é apenas uma alusão, não significando que de fato a "guerra", literalmente, ocorra. Mas é impossível negar essa relação do futebol com a encenação de uma guerra, ou no mínimo, negar que se trate de uma guerra simbólica. Assim, cria-se no futebol os "inimigos mortais", os "clássicos", os "dérbis".

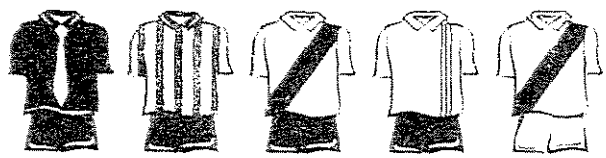
Como coloquei acima, a causa dessa relação violenta do futebol e a ocorrência de inúmeros casos de violência no "dia-a-dia" do futebol está nas próprias origens desse esporte. O futebol herdou de jogos tribais ancestrais essa violência. Como vimos, muitos jogos similares ao futebol, na Antigüidade e na Idade Média, existiram e baseavam-se em práticas ou dinâmicas muito viris, muito violentas.

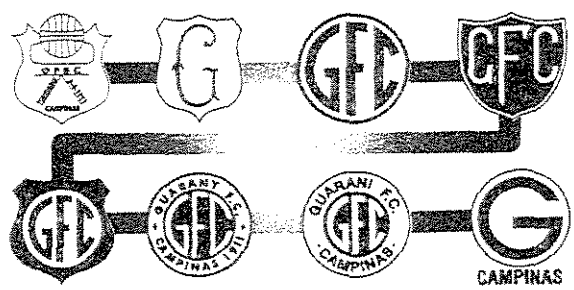
---

[233] Essa violenta guerra civil na Nigéria durou de 1967 a 1970, e começou com a tentativa de separação da região leste do país, rica em petróleo e chamada Biafra. A guerra entre as tropas do governo nigeriano e as tropas de Biafra matou mais de 1 milhão de nigerianos. Os separatistas foram derrotados definitivamente por tropas federais em 1970.

As regras que vieram depois, e que possibilitaram o surgimento do futebol moderno, representam uma maneira de civilizar o jogo, padronizá-lo, podendo-se assim, inclusive, medir força com outros.

(Nas imagens abaixo aparecem as evoluções dos uniformes da Ponte Preta e dos emblemas do Guarani, além dos seus respectivos e atuais emblemas. Fonte: Almanaque do Futebol Paulista 2000.)







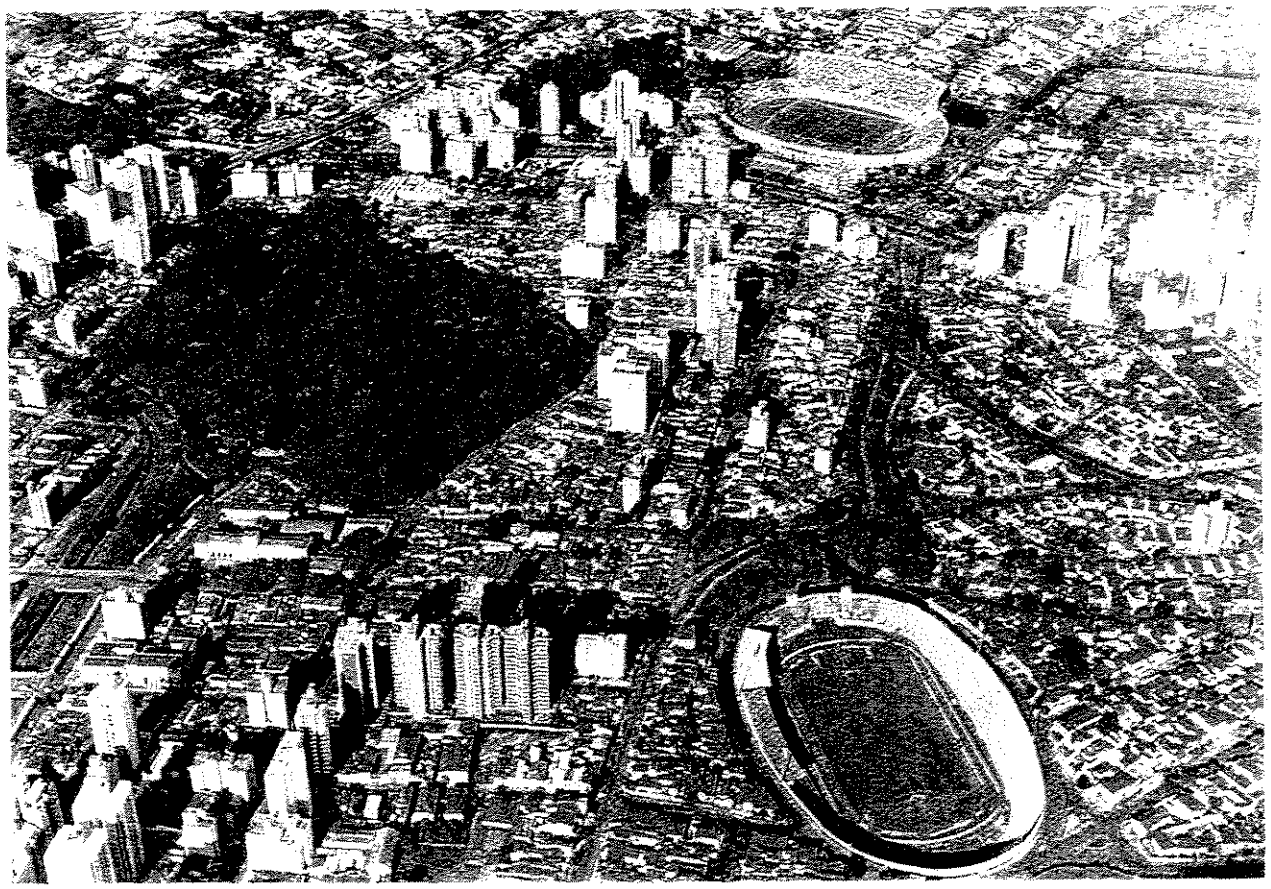


(Foto de cima: Estádio Moisés Lucarelli, o "Majestoso", da Ponte Preta. Foto de baixo: Estádio Brinco de Ouro da Princesa, do Guarani. Fonte: postais da Brasília Card (RPC), Piracicaba, SP, em fotos de Eduardo Siqueira Barbosa.)





(Vista aérea da região do bairro Proença em Campinas. Aparecem na imagem o Estádio Moisés Lucarelli, o "Majestoso", da Ponte Preta, embaixo, e o Estádio Brinco de Ouro da Princesa, do Guarani. Os estádios estão separados apenas por alguns quarteirões e são ligados pela Avenida Ayrton Senna da Silva. Aparecem também na foto as avenidas Moraes Sales e Princesa D'Oeste, além do Bosque dos Jequitibás e o Centro de Treinamentos do Guarani, no alta à direita. Fonte: postal da Postal Cultural, RPC, São Paulo, SP.)



V - OS PROTAGONISTAS DO CLÁSSICO E O DÉRBI CAMPINEIRO

V - 1. Associação Atlética Ponte Preta, a "Veterana Macaca" de Campinas: origem e história

Chamada carinhosamente de "Nega Véia" pelos campineiros em geral, o time ostenta o apelido de "Veterana", com o qual a Ponte Preta é conhecida no país inteiro, e não é à toa. Apesar de poder ainda haver algumas dúvidas quanto ao ano de fundação da Associação Atlética Ponte Preta (1900 ou 1906 - parece mais provável que tenha sido em 1900 mesmo)[234], ela é reconhecida como o time mais antigo do Brasil em atividade. E mais, atividade ininterrupta. Foi fundada no dia 11 de agosto de 1900.[235] Alguns contestam e lembram do Sport Club Rio Grande, time da cidade gaúcha de Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900, apenas 22 dias antes. Porém o S.C. Rio Grande, cuja mascote é um "vovô", interrompeu suas atividades por anos várias vezes ao longo de sua história. E no ano 2000, para homenagear o centenário do S.C. Rio Grande, o time foi incluído pela Federação Gaúcha de Futebol na primeira divisão do futebol do Rio Grande do Sul, onde já não se encontrava mais. Acredito que ambos mereçam a glória de serem considerados os times mais antigos da história do nosso futebol.[236]

O futebol chegou a Campinas em 1897 e foi introduzido por alunos do Colégio Culto à Ciência. No bairro da Ponte Preta, alguns jovens limparam um terreno e

---

[234] Ver texto sobre essa discussão mais adiante.

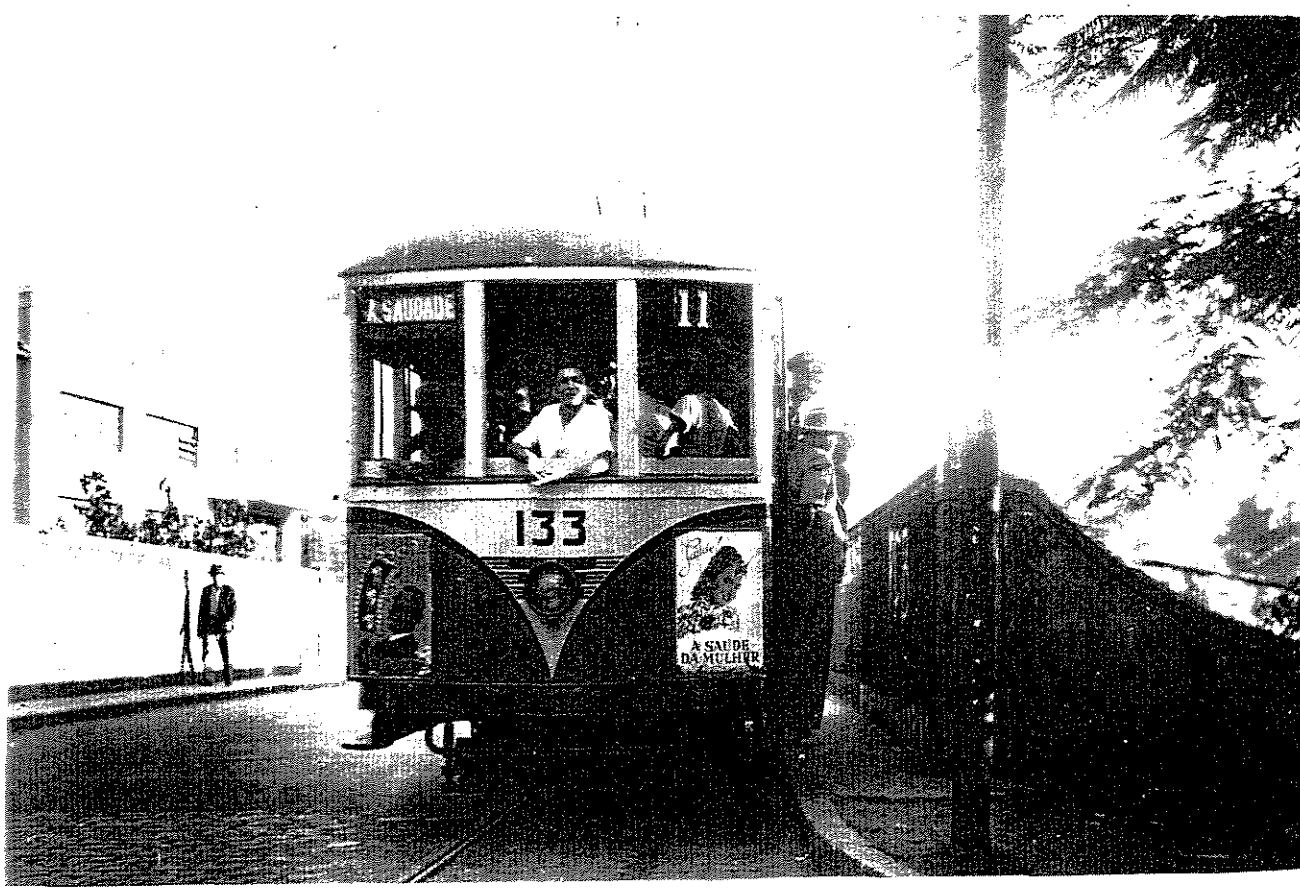
[235] Essa data também é o "Dia dos Clubes de Futebol Profissional do Estado de São Paulo", e faz parte do calendário oficial do estado. A homenagem a Ponte Preta foi oficializada ou promulgada pelo governador de São Paulo Geraldo Alckmin na última semana de janeiro de 2002, quando foi promulgada a lei 116/2000, de autoria do deputado estadual Carlos Sampaio do PSDB. O deputado campineiro apresentou o projeto de lei em 13 de março de 2000. Sampaio comentou que "o presente Projeto de Lei tem por finalidade prestar uma justa homenagem aos clubes de futebol profissional do Estado de São Paulo, bem como visa reconhecer o trabalho desenvolvido por estes mesmos clubes, enquanto órgãos incentivadores de atividades esportivas e sociais... e a data, 11 de agosto, se deve ao fato de que, neste dia, no ano de 1900, foi criada a Associação Atlética Ponte Preta". E o governador, em fax enviado ao presidente da Ponte Preta, Sérgio Carnielli, parabenizou o clube: "É com prazer que informo a vossa senhoria que promulguei a lei que institui o Dia dos Clubes de Futebol Profissional do Estado de São Paulo, a ser comemorado anualmente no dia 11 de agosto, receba meus cumprimentos, extensivos a todos os associados e profissionais da agremiação". In matéria do site http://www.cosmo.com.br/esportes, 25 de janeiro de 2002.

[236] Vale destacar que se pode considerar também que o time mais antigo do Brasil não é nem a Ponte Preta, nem o S.C. Rio Grande. Mas sim o Clube Atlético Votorantim, da cidade homônima, fundado em 1° de janeiro de 1900, e que chegou a disputar o Campeonato Paulista da II Divisão de 1948 a 1952. O time está em atividade como amador, mas interrompeu suas atividades em alguns momentos, tanto que em 4 de dezembro de 1939, o clube foi reorganizado. Para muitos, essa data é considerada a real e oficial data de fundação do C.A. Votorantim, que antes se chamava Savoia. Fundado por membros da colônia italiana, seu nome foi escolhido para homenagear a Cruz de Savóia, o brasão do reino italiano. O nome foi trocado durante a II Guerra Mundial, devido à aliança da Itália com a Alemanha e a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados. O mesmo aconteceu com duas outras grandes equipes do futebol brasileiro, o S.E. Palmeiras (SP) e o Cruzeiro E.C. (MG). Ambos chamavam-se Palestra Itália, mas devido à entrada brasileira na guerra em 1942, os times mudaram seus nomes nesse ano. Os paulistas em 14 de setembro e os mineiros em 7 de outubro, embora o time mineiro já tivesse mudado seu nome dias antes, em 29 de setembro, para Ypiranga, nome que durou apenas 9 dias e não vingou.

improvisaram um campo às margens dos trilhos da ferrovia para a prática desse jogo. Para o campo levaram traves de bambu para formar os gols. Em 1900, muitos desses jovens mantiveram contato e resolveram fundar um clube de futebol.

Entre os fundadores da Ponte Preta está Antônio de Oliveira, conhecido como Tonico Campeão. Ele liderou um grupo de adolescentes para formar um time de futebol. Miguel do Carmo, o Migué, Garibaldi Burghi, o Gigette, e Pedro Vieira da Silva também estavam entre os adolescentes. Esses jovens, alguns alunos do Colégio Culto à Ciência, resolveram improvisar um campo de futebol próximo a uma velha ponte pintada de preto sobre os trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. O nome "Ponte Preta" é uma referência a esse local embrionário. E a data de fundação e o nome não são meros acasos. A data, 11 de agosto, é uma homenagem ao dia da chegada da ferrovia ao bairro da Ponte Preta em 1872. O trecho da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que ligava Campinas a Jundiaí, começou a ser construída em 1870 no então Bairro Alto. Em função do terreno irregular construi-se uma ponte de madeira, que foi toda coberta com piche, passando assim a ser chamada de Ponte Preta, nome herdado pelo bairro a partir da inauguração da ferrovia em 1872.

(Abaixo, o Bonde 11 passando sobre a "Ponte Preta". Seu itinerário: começava na Rua Barão de Jaguara, subia até a "Ponte Preta", onde passava a se chamar Rua Abolição, virava à direita na Rua Álvaro Ribeiro, depois virava à esquerda na Avenida da Saudade, indo até o ponto final em frente ao Cemitério da Saudade. Acervo João Bosco Panattoni.)



A reunião de fundação da associação ocorreu à sombra de duas paineiras, na rua Abolição, em frente à antiga casa número 1. Fundada a Ponte Preta, elegeu-se a primeira diretoria, que teve como presidente Pedro Vieira da Silva. Nos primeiros dez anos de vida, a associação funcionou sempre com sedes e diretorias improvisadas. A associação ganharia maior organização a partir de 1910.

A Ponte Preta, até 1928, quando o time adquiriu o seu primeiro campo próprio para disputar o Campeonato Paulista da LAF (Liga dos Amadores de Futebol), mandou seus jogos em vários campos, como o Campo do Cruzeiro, que se localizava perto do atual Cemitério da Saudade e foi o primeiro campo da Ponte Preta. O Campo do Cruzeiro se localizava ao lado do antigo Cruzeiro das Missões, onde hoje está a Igreja de Santo Antônio. A partir de 1910, a Ponte Preta jogou algumas de suas partidas no campo do Hipódromo Campineiro, que se localizava no bairro do Bonfim. Quando chegaram os anos vinte, a Ponte Preta começou a mandar seus jogos no Campo da Júlio de Mesquita, na antiga chácara dos Bierrenbach. Nessa década de 20, o clube funde-se com a Associação Athlética de Campinas.

Entre as décadas de 10 e 20, o time atuou no futebol amador de Campinas e região. A Ponte Preta liderou em 1912, juntamente com o Corinthians F.C., um movimento pela criação de um certame campineiro. Em 1907, clubes campineiros já haviam tentado o mesmo, mas não obtiveram sucesso. Assim, foi criada a Liga Operária de Foot-Ball Campineira, ocorrendo nesse ano de 1912 o primeiro campeonato campineiro, vencido pela Ponte Preta. Participaram desse primeiro campeonato a Ponte Preta, o Guarani, o Corinthians F.C., S.C. Operário, London F.C. e Internacional F.C.M.. Foi o primeiro e último ano também da Liga Operária de Foot-Ball Campineira.

Em 1928, o time é convidado a participar do Campeonato Paulista organizado pela Liga dos Amadores de Futebol, A L.A.F.. Assim, participou do campeonato principal do estado[237], e logo na estréia terminou a competição, que contava com 12 participantes, em terceiro lugar ao lado do Espanha F.C, de Santos. A Ponte Preta também participou do certame seguinte, em 1929. Terminou novamente em terceiro lugar, numa competição disputada por 11 times.

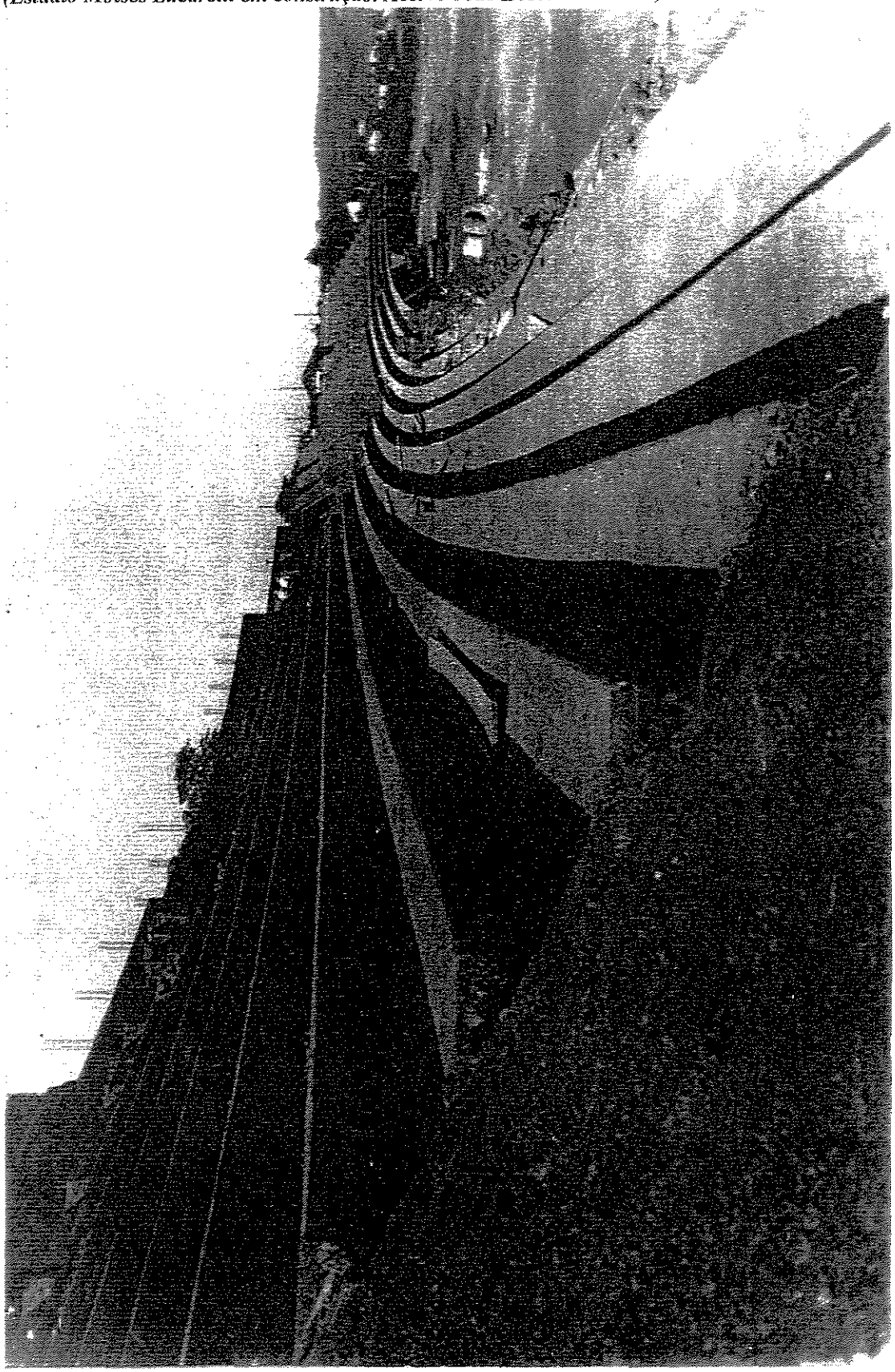
Em 1930, a L.A.F. é extinta. O Campeonato Paulista passa a ser organizado apenas pela APEA. O C.A. Paulistano da capital, que convidara a Ponte Preta para a L.A.F., também fecha nesse ano seu departamento de futebol. A Ponte Preta então volta a disputar jogos em Campinas e região. Em 1935, ao lado de outros times campineiros, entre os quais o Guarani, funda a Liga Campineira de Futebol, a L.C.F., participando dos campeonatos campineiros organizados a partir de então até 1946.

Em 1947, a Ponte Preta ingressou na disputa da II Divisão do Campeonato Paulista. No ano seguinte, era inaugurado o Estádio Moisés Lucarelli, apelidado carinhosamente pelo pontepretanos de "Majestoso". Moisés Lucarelli, que era amigo pessoal do jornalista Ferdinando Panattoni, era torcedor apaixonado por sua Ponte Preta. Lucarelli trabalhou cobrando as mensalidades dos sócios do clube. Ele, Olímpio Dias Porto e José Cantúsio compraram o terreno e o doaram ao clube. Na entrada do estádio existe um busto de Moisés Lucarelli. Os últimos resquícios do amadorismo ficaram para trás. Jogou a II Divisão de 1947 a 1950.

---

[237] O futebol paulista de 1926 a 1929 ficou dividido. Foram dois campeonatos organizados pela Associação Paulista de Esportes Atléticos, a APEA, e a Liga dos Amadores de Futebol, a L.A.F..

(Estádio Moisés Lucarelli em construção. Acervo João Bosco Panattoni.)



(Ponte Preta e Guarani. Times que disputaram o Campeonato Campineiro da Liga Campineira de Futebol, LCF. Acervo da Liga Campineira de Futebol.)





(Foto de cima: time da Ponte Preta em 18 de novembro de 1945. Foto do meio: time da Ponte Preta no início dos anos 40. E foto de baixo: Time pontepretano das categorias de base, em pé, Ernesto, Berguinha, Biro, Manoelito, Paradela, Ticão, Mili Borghi, Elísio Linhares e Pedrinho; e agachados, Chiquinho, Linfinos, Pim, Toto, Raulinho e Careca. Acervo João Bosco Panattoni.)

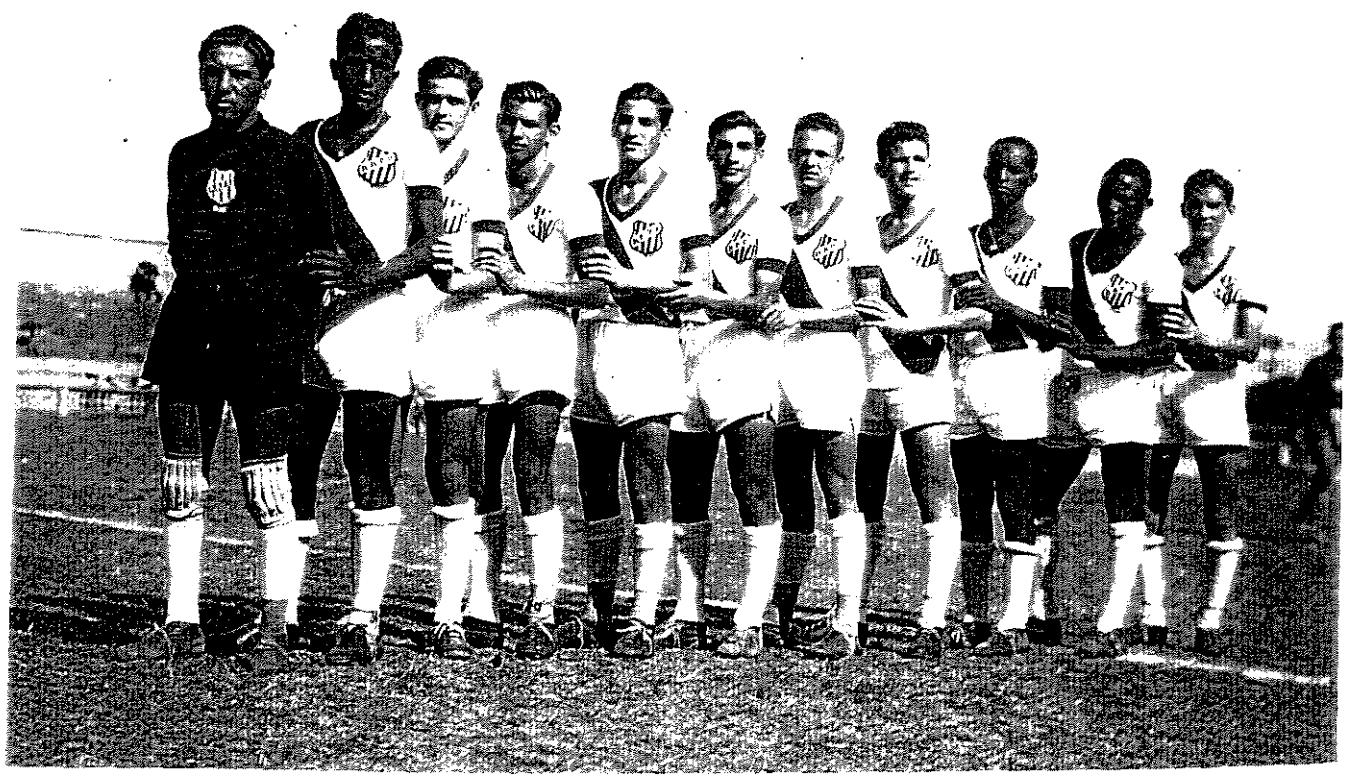






(Duas formações da Ponte Preta. Na foto de baixo aparecem, da esquerda para a direita no time juvenil: Piolim, Bagir, Maurício, Matofino, Osmary, Russo, Amaury, Fifi, Servílio, Sabará e Laurinho. Acervo João Bosco Panattoni.)





Em 1950 a Ponte Preta foi vice-campeã da II Divisão, ganhando o direito de subir e disputar a I Divisão do futebol paulista. Permanece dez anos na I Divisão, de 1951 a 1960, quando então, após péssima campanha e terminar o certame paulista em último lugar, seis pontos atrás do penúltimo colocado, o time cai e volta para a II Divisão.

Data dessa época uma das lendas mais tradicionais do clube. Para justificar os longos 9 anos na II Divisão (1961 a 1969), torcedores mais antigos contam que o time foi "amaldiçoado". Em 1960, o então técnico pontepretano, Gentil Cardoso, dispensou o meia armador Pitico. A mãe do jogador, bastante inconformada com a dispensa do filho, rogou uma praga contra o time. O time foi rebaixado. Nos anos de 1961 e 1964, a Ponte Preta chegou muito perto de voltar à I Divisão. Porém, surpreendentes derrotas respectivamente para a A. Prudentina E.A. de Presidente Prudente e para a A.A. Portuguesa de Santos, inclusive a última em casa na última rodada, tiraram a chance da Ponte Preta retornar.

Em 1969 a Ponte Preta é campeã paulista da II Divisão e retorna à I Divisão de São Paulo. Tem início a melhor fase da história da Ponte Preta. Logo no primeiro certame paulista que disputa no retorno, em 1970, a Ponte Preta termina como vice-campeã. Nesses anos o clube revelou aquele que viria ser o maior jogador da história da Ponte Preta, o meia esquerda Dicá, que marcou 154 gols pelo clube.

Em 1974, a Ponte Preta volta a fazer boa campanha e termina na segunda posição no I Turno do Campeonato Paulista, sendo superada apenas pelo S.C. Corinthians P.. Porém no II Turno, o time despenca para a penúltima posição. Os campeões de cada turno decidiram o certame desse ano. Em 1976, o time estréia no Campeonato Brasileiro.

Mas em 1977, 1979 e 1981, a Ponte Preta volta a ser vice-campeã paulista, além de ser campeã do II Turno do Campeonato Paulista de 1978, após decisão contra o rival Guarani, em partida que terminou empatada em 1 a 1 - por melhor campanha, a vantagem era pontepretana - no Estádio Moisés Lucarelli no dia 27 de junho de 1979 (a decisão foi no ano seguinte). Em 1980, foi terceiro lugar, e em 1982, foi quarto lugar no estadual. Também no Campeonato Brasileiro o time obtém bons resultados, chegando a ficar em terceiro lugar em 1981, sendo essa a melhor posição conquistada num certame nacional.

Entre 1977, quando foi vice-campeã paulista, e 1981, quando foi terceiro lugar no Brasileiro, a Ponte Preta revelou inúmeros jogadores para o futebol. Como exemplos podemos citar os goleiros Carlos e Rafael; os zagueiros Oscar, Pollozzi e Juninho; os meias Dicá e Marco Aurélio; e os atacantes Lúcio e Chicão. Muitos defenderam a Seleção Brasileira.

A Ponte Preta voltaria a ser rebaixada em 1987, depois de terminar a competição em penúltimo lugar, à frente apenas do Bandeirante E.C. de Birigüi. Permaneceu dois anos na II Divisão, retornando em 1989, quando foi vice-campeã da II Divisão paulista, após perder na final para o Ituano F.C. de Itu. Permaneceu na I Divisão até 1995, quando novamente foi rebaixada.

Em sua quarta participação na II Divisão, para onde tinha sido rebaixada em três oportunidades, a Ponte Preta disputou os certames de 1996 a 1999. Retorna à I Divisão no ano do seu centenário, 2000. Realiza nesses dois anos boas campanhas, chegando até as fases finais do Campeonato Paulista e também do Campeonato Brasileiro. Em 2000, a

Ponte Preta conquistou o Troféu Lance! Rei do Interior por ter realizado a melhor campanha da I Fase do certame.

(Foto de cima: time vice-campeão paulista de 1979 no Estádio do Morumbi em 10 de fevereiro de 1980, com, em pé, Juninho, Carlos, Nenê, Wanderley, Ordiley e Toninho Oliveira; e, agachados, João Paulo, Dicá, Osvaldo, Marco Aurélio, Lúcio e Tomazini (massagista). Na foto de baixo: time vice-campeão paulista de 1981, no Estádio do Morumbi em 29 de novembro de 1981, com, em pé, Zé Mário, Nenê, Carlos, Juninho, Ordiley e Toninho Oliveira; e, agachados, Edson, Marco Aurélio, Chicão, Dicá e Osvaldo. Fonte: ROSSI, Sérgio. A História da Associação Atlética Ponte Preta, Vol. V, Capa.)





V - 2. Ponte Preta Centenária?

Em 1996, o jornalista Ariovaldo Izac, então na Editoria de Esportes do jornal *Diário do Povo*, ao escrever uma série de textos a respeito dos primórdios do futebol em Campinas, levantou a hipótese de que a Ponte Preta não teria sido fundada em 1900, mas sim em 1906. O seu jornalismo investigativo, como o próprio Izac se refere ao seu trabalho, se apóia basicamente em dois argumentos, na idade dos fundadores em 1900 e principalmente em cuidadoso levantamento de dados em jornais da época, como os extintos *Commercio de Campinas* e o *Cidade de Campinas*.

Em visitas ao "Arquivo do Estado de São Paulo" em São Paulo e ao "Centro de Ciências, Letras e Artes" em Campinas, ele encontrou exemplares do jornal *Commercio de Campinas*. Ariovaldo Izac, que hoje trabalha com a organização de campeonatos de futebol para veteranos em Campinas e região, chegou a produzir um vídeo para, segundo ele, "demonstrar as provas irrefutáveis e também se resguardar". O vídeo, que pude assistir somente em sua companhia, foi filmado pela cunhada Lindalva Firmino Ferreira Sans Gomez.

Quando quis conversar com ele, encontrei um jornalista sisudo e desconfiado, inicialmente bastante arisco quando abordado sobre o assunto. Com o tempo, fui ganhando sua confiança, arrancando dele algum sorriso e clara demonstração mista de ressentimento e orgulho pelo trabalho realizado. "Fui ameaçado de morte algumas vezes...", comentou magoado porque seu trabalho havia provocado a ira de pontepretanos mais exaltados. Neste vídeo, Ariovaldo Izac narra como fez sua pesquisa e mostra os jornais onde encontrou os dados, que sustentam sua hipótese.

O vídeo, com cópias no *Diário do Povo* e com o próprio Izac, é composto basicamente de duas partes. No primeiro, no dia 12 de março de 1996, no Arquivo do Estado de São Paulo em São Paulo, ele mostra um exemplar do jornal *Commercio de Campinas* do dia 16 de agosto de 1908. Nesse dia, o jornal anuncia um jogo da Ponte Preta e a parabeniza por seu segundo aniversário.

Na segunda parte do vídeo, no Centro de Ciências e Letras e Artes em Campinas, no dia 14 de março de 1996, o jornalista mostra exemplares do jornal *Cidade de Campinas*. No exemplar do dia 15 de junho de 1902, há uma nota sobre futebol, que segundo Izac, é um dos primeiros registros sobre esse esporte na cidade. No dia 17 de junho do mesmo ano aparece uma outra nota sobre o futebol, falando sobre a preparação do primeiro campo de futebol da cidade, citando o time do Gymnasia, formado por alunos do antigo colégio Culto à Ciência, referindo-se a ele como sendo o "primeiro time de futebol da cidade". Também nessa nota fala-se sobre um jogo na capital São Paulo com a participação do Gymnasia. Na página 2 do jornal *Cidade de Campinas* do dia 5 de julho de 1902, há uma nota citando a fundação do primeiro time de futebol da cidade, o Gymnasia. No dois dias seguintes, outras notas trazem notícias referentes à "instalação definitiva do primeiro time de futebol de Campinas".

No dia 22 de julho de 1902, sai uma notícia anunciando o jogo com os dois primeiros times da cidade, referindo-se ao embate como sendo o "batismo do futebol em Campinas". E dois dias depois, o jornal traz uma nota citando um telegrama enviado pelo então poderoso C.A. Paulistano da capital São Paulo, parabenizando os times que

realizaram o "primeiro jogo de futebol em Campinas" entre Gymnasia e Sport C. Campineiro, citado como o segundo time fundado na cidade.

Izac continua e mostra um exemplar do dia 27 de julho de 1902. Nesse dia, o Sport C. Campineiro aceita o convite para um jogo contra o C.A. Paulistano. Izac cita o testemunho de um pesquisador de estradas de ferro no Brasil, Genevásio Batista, que presenciou o jogo. Em agosto do mesmo ano, no dia 4, o jornal *Cidade de Campinas* publica uma nota falando do jogo entre Sport C. Campineiro e C.A. Paulistano. Nessa nota, além de se referir ao jogo como "o batismo do futebol campineiro", também traz explicações de termos e regras do "novo" esporte. No dia seguinte, outra nota sobre futebol fala de uma visita do C.A . Paulistano aos "dois primeiros times da cidade", o Gymnasia e o Sport C. Campineiro.

Izac conta em sua narrativa no vídeo que procurou alguma menção ao aniversário da Ponte Preta nos jornais, mas nada encontrou. A TABA, Torcedores Amigos Bugrinos Associados, de forma irônica, também afirma num dos livros que lançou sobre os primórdios da história do Guarani F.C., que não há nenhuma menção sobre a Ponte Preta no primeiro anos da primeira década do século XX[238].

Em relação aos fundadores, Izac afirma que três deles, Luis Gustavo, Luis Garibaldi e Antonio Oliveira, o "Toninho", jogaram no Gymnasia. Izac também conversou com Benedito Zico Alves, filho de Lili, que jogou as primeiras partidas da Ponte Preta. Segundo Izac, Lili teria apenas 6 anos de idade em 1900. Benedito Zico Alves, ao contrário tornou-se torcedor do Guarani F.C., e contou a Izac que chegou a trocar de time depois que um amigo negro seu não foi aceito pelo Guarani F.C., segundo ele, por racismo. Mas anos depois, Benedito Zico Alves voltaria a ser bugrino.

Outro fundador, Pedro Vieira da Silva, teria cerca de 7 anos em 1900, segundo Izac Ariovaldo. Pedro Vieira da Silva, primeiro presidente da Ponte Preta, nasceu em 1893 e faleceu em 1963. Izac questiona: "como poderia uma criança com sete anos assinar a primeira ata, a de fundação?"

Naquela época era muito comum os pais não registrarem seus filhos. O registro era algo "novo". Também era comum registrar o filho com muito atraso, de anos até. Mas Izac continua firme em sua postura e diz que "a idade dos fundadores da Ponte Preta não são compatíveis para 1900 e é muita coincidência que todos tenham sido registrados depois".

Ariovaldo Izac contou que essa sua investigação lhe trouxe inúmeros problemas. Cerca de 3 meses depois de escrever sobre o tema, ele foi a uma partida da Ponte Preta em Campinas contra o Paulista de Jundiaí, pela Série A-2 do Campeonato Paulista. Foi a trabalho e chegando lá sentiu que havia uma mobilização grande em função de sua presença. Assustado, o jornalista ligou para o jornal (*Diário do Povo*) para alguém ir buscá-lo. Mas antes, ao perceber que um grupo de pessoas, formadas por funcionários, seguranças, assessores e torcedores ligados à torcida organizada chamada Torcida Jovem, entre eles um dos chefes e fundadores da torcida, Cláudio Albuquerque, o "Kiko", se aproximavam dele, Ariovaldo Izac, prevendo o pior, saiu correndo. Já fora do estádio, ainda correu por cerca 15 minutos, até entrar numa escola de inglês nas proximidades do

[1] *A História do Guarani F.C.: "À sombra das Palmeiras Imperiais"* (1ª. parte), TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados), 1987, página 9.

Estádio Moisés Lucarelli. As pessoas que estavam na escola de inglês se assustaram achando que fosse um assalto. Segundo Ariovaldo Izac, o próprio presidente da Ponte Preta na época, Nivaldo Balbo, cuja gestão se deu em 1996 e 1997, havia ameaçado agredi-lo.

Depois desse episódio, Izac conta que foi retomando as atividades com calma. Cobriu um jogo em Bragança Paulista, uma reunião da chapa de oposição nas eleições do clube e também a pré-temporada em janeiro de 1997. Ao Estádio Moisés Lucarelli, foi apenas quando não havia movimentação e jogos, estando o local vazio.

Ariovaldo Izac trabalhou no *Diário do Povo* de 1978 a dezembro de 1987, quando a equipe de jornalistas foi trocada. Retornaria anos mais tarde, quando permaneceu por mais quase dez anos, saindo em novembro de 1998. "Puxaram meu tapete", lembra com mágoa o experiente jornalista. Sobre o trabalho de jornalista esportivo ele diz que "o jornalista não pode torcer, pois isso é incorreto, ele não conseguirá ser isento e imparcial, e eu me considero um 'observador do futebol', foi uma opção, portanto eu não torço por time nenhum".[239]

V - 3. A resposta da Ponte Preta: "A Ponte é centenária!"

No ano 2000, os dirigentes da Ponte Preta respondem as dúvidas em relação à verdadeira idade do clube. A diretoria do clube apresentou em sessão solene no salão nobre do estádio Moisés Lucarelli, na noite do dia 21 de julho, antes portando do seu aniversário em agosto, documentos históricos que, segundo ela, provaria definitivamente que a Ponte Preta havia sido fundada em 1900. Tratava-se de cartas e convites da época da fundação.

Entre os documentos, estava um convite feito pela Ponte Preta ao então vereador Tomás Aquino para participar do primeiro aniversário de fundação do clube, em 1901. O

---

[239] Ele fez esses comentários depois que eu perguntei se ele era torcedor da Ponte Preta ou do Guarani. Muitos jornalistas ou cronistas esportivos - de futebol - sempre deixaram transparecer suas preferências clubísticas. Há uma grande discussão na área. Muitos condenam o jornalista que confessa sua paixão e diz para qual time torce. Outros acham normal. Particularmente não vejo absolutamente nenhum problema. Jornalistas famosos como Mário Filho (flamenguista), Juca Kfouri (corinthiano), Milton Neves (santista), José Trajano (americano - e sempre se refere ao seu clube, o América F.C. do Rio de Janeiro, como o "meu ameriquinha"), Orlando Duarte (luso e vascaíno), Juarez Soares (corinthiano), Luciano do Valle (pontepretano), Alberto Helena Jr. (palmeirense), Flávio Prado (sãopaulino, como confessou certa vez, embora diga que é pontepretano, talvez como forma de se abster do confronto com seus pares em discussões sobre preferências clubísticas ou por procurar uma "imparcialidade" em análises sobre os jogos), etc., já manifestaram suas preferências clubísticas. Também os jogadores, agora comentaristas, já confessaram suas paixões, como é o caso de Gérson (tricolor no Rio e em São Paulo, ou seja, torcedor do Fluminense F.C. e São Paulo F.C.), Sócrates (corinthiano), Zico (flamenguista), Falcão (colorado - S.C. Internacional, RS), Tostão (cruzeirense), Mário Sérgio (torcedor do E.C. Vitória, BA), Casagrande (corinthiano), Rivelino (corinthiano), etc. O que pude perceber ao longo de minha experiência é que a pressão sobre esses que "confessam" é muito grande, tão grande que às vezes parece existir uma tendência desses jornalistas serem mais severos e rigorosos em relação às críticas que fazem sobre seus respectivos times. Mas isso não é regra, e alguns são claramente parciais e defensores de seus clubes, como é o tradicional caso de Nelson Rodrigues, dramaturgo, escritor e cronista, que dizia abertamente que se preciso fosse mentir, ele mentiria sempre pelo seu Fluminense F.C. (RJ), distorcendo qualquer fato. Mas muitos jornalistas agem com naturalidade quando comentam sobre seus respectivos clubes do coração.

convite estava nos arquivos da Câmara Municipal de Campinas. Além do convite, também havia cartas da época, comentando sobre a recém fundada Ponte Preta. Ao final da sessão, o presidente da Ponte Preta, Sérgio Carnielli, disse muito emocionado que "de agora em diante, ninguém mais pode duvidar de nossa história, ela está definitivamente resgatada". Acredito que esse fascinante tema pode estar ainda aberto a novos estudos. Pois jornais e pessoas podem errar. Descrevi esses acontecimentos como forma de ilustrar a chamada "mística" pontepretana.

O estudo que mostrou que a Ponte Preta era de 1900 de fato foi feito pelo historiador José Moraes dos Santos Neto, indicado pelo professor Dr. José Roberto do Amaral Lapa do Centro de Memória da Unicamp em 1996, que havia sido procurado na época pela diretoria da Ponte Preta. O clube queria terminar de uma vez com a polêmica, principalmente porque estaria chegando seu aniversário de cem anos.[240]

V - 4. Guarani Futebol Clube, o "Bugre Campineiro": origens e história

Internacional ou Paulistano ou até Carlos Gomes! Apesar das sugestões, os jovens estudantes, alguns do Colégio Culto à Ciência, e os operários que se reuniram no dia 1° de abril de 1911[241] às sombras das palmeiras imperiais da Praça Carlos Gomes, esquina das ruas Conceição e Irmã Serafina, centro de Campinas, optaram mesmo por Guarani Foot-ball Club. A sugestão foi de um dos participantes da reunião, José Trani, para homenagear um dos mais ilustres personagens da história de Campinas, o maestro Carlos Gomes, autor da ópera O Guarani. Ópera essa inspirada no romance escrito por José de Alencar, em que o autor narra a história de um índio da nação indígena Guarany. José Trani, então com apenas 16 anos e com forte inclinação intelectual, se inspirou no local onde estava acontecendo a reunião. E as cores verde, da grama, e branco, da luz do dia, foram uma sugestão de outro adolescente de 16 anos, Romeu de Vito. Além deles, estavam presentes também Pompeu de Vito, Vicente Matallo, Ernani Matallo e Antônio de Lucca, entre outros. Todos jovens com idades entre 16 e 19 anos, descendentes de italianos que haviam chegado ao Brasil recentemente.

Eles se reuniam com freqüência na praça nos finais de tarde. Discutiam muitas coisas, paqueravam as garotas que circulavam pela praça. Mas, o que mais discutiam e o que mais lhes chamava a atenção era um esporte que chegara ao país há pouco mais de uma década, o futebol.

A primeira diretoria teve como presidente, Vicente Matallo, como vice-presidente, Ernani Matallo, e como tesoureiro, Pompeu de Vito. A nova agremiação começou a se manter através das contribuições de 500 réis dos membros. Os primeiros treinos dos entusiasmados jovens aconteciam num terreno na Vila Industrial, próximo à Vila Vicentina. Em pouco tempo, o Guarani passou a ser conhecido em toda a cidade, e o

---

[240] A descrição dessa pesquisa e os resultados obtidos estão na obra: NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta.* Editora Komedi, Campinas, SP, 2000. Em outra obra do mesmo autor, também são abordados aspectos da origem e dos primórdios da Ponte Preta: NETO, José Moraes dos. *Sempre Ponte Preta - Mística, torcida e a cidade de Campinas.* Editora Komedi, Campinas, SP, 2001.

[241] A data oficial de fundação do Guarani é comemorada no dia 2 de abril. Como o dia anterior era o dia internacional da mentira, optaram por comemorar a fundação no dia 2.

apelido "Bugre", que é a designação para índio guerreiro e valente, já era utilizado desde de 1919 pela torcida e também pela imprensa da época.

A primeira partida disputada pelo Guarani ocorreu no dia 18 de junho de 1911. O time perdeu por 3 a 0 para o Sport Club XV de Novembro de Campinas.[242] Cerca de um mês depois, no dia 16 de julho, o alviverde campineiro obteve sua primeira vitória, ao derrotar o Corinthians Foot-Ball Club de Campinas por 2 a 0.

O Guarani, que foi o primeiro time de Campinas a jogar contra um time estrangeiro, o uruguaio Peñarol de Montevidéu, disputou até o ano de 1926 apenas jogos na cidade e na região basicamente, participando da Liga Campineira de Futebol e de torneios que envolviam times de Campinas e do interior de São Paulo.

Nesse período, o time disputou inúmeras pelejas, principalmente contra a Ponte Preta, que desde cedo já se tornara a principal rival do Guarani. O primeiro dérbi disputado foi no dia 24 de março de 1912, no Campo da Vila Industrial. E o placar dessa partida amistosa inaugural é desconhecido, pois não havia ainda uma cobertura efetiva do futebol pela imprensa e também por não haver nenhum outro registro com o resultado da peleja. Sabe-se apenas que o jogo aconteceu.[243]

A primeira vitória bugrina num dérbi aconteceu no quarto encontro, em 23 de agosto de 1914, num amistoso disputado no Campo ou Arraial de Souzas, hoje um distrito de Campinas. O placar foi 2 a 0. Mas esse jogo ficou marcado pela grande expectativa criada na época e por uma enorme briga que ocorreu ao final da partida. Para muitos, o início de fato da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos.

O primeiro estádio próprio do Guarani foi construído na rua Barão Geraldo de Rezende, sendo inaugurado no dia 15 de junho de 1923. Foi o primeiro estádio construído na cidade com a finalidade específica de abrigar jogos de futebol. A última partida neste estádio aconteceu no dia 5 de abril de 1953. Nesse mesmo ano, em 31 de maio, seria inaugurado o atual estádio do Guarani, o Brinco de Ouro da Princesa.

Em 1927, a APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos, resolve convidar o então melhor time do interior de São Paulo para disputar o campeonato maior do estado[244], o Guarani. O time campineiro permaneceu cinco anos no certame da APEA, disputando de 1927 a 1931. Nesses anos, o time realizou destacadas campanhas, ficando sempre entre os sete primeiros colocados em 14 times participantes (com exceção dos anos de 1928 e 1929, com 7 e 8 participantes respectivamente, e em que o Guarani terminou na quarta e na quinta posição, respectivamente).

Contrário à profissionalização que estava ocorrendo no futebol paulista, o Guarani deixa a APEA em 1932 e volta a disputar os certames amadores de Campinas. Nessa época, a rivalidade do dérbi já existia e para muitos a volta do Guarani foi boa no sentido de que o dérbi, ausente desde 1927, quando o Guarani derrotou a Ponte Preta por 3 a 1 no

---

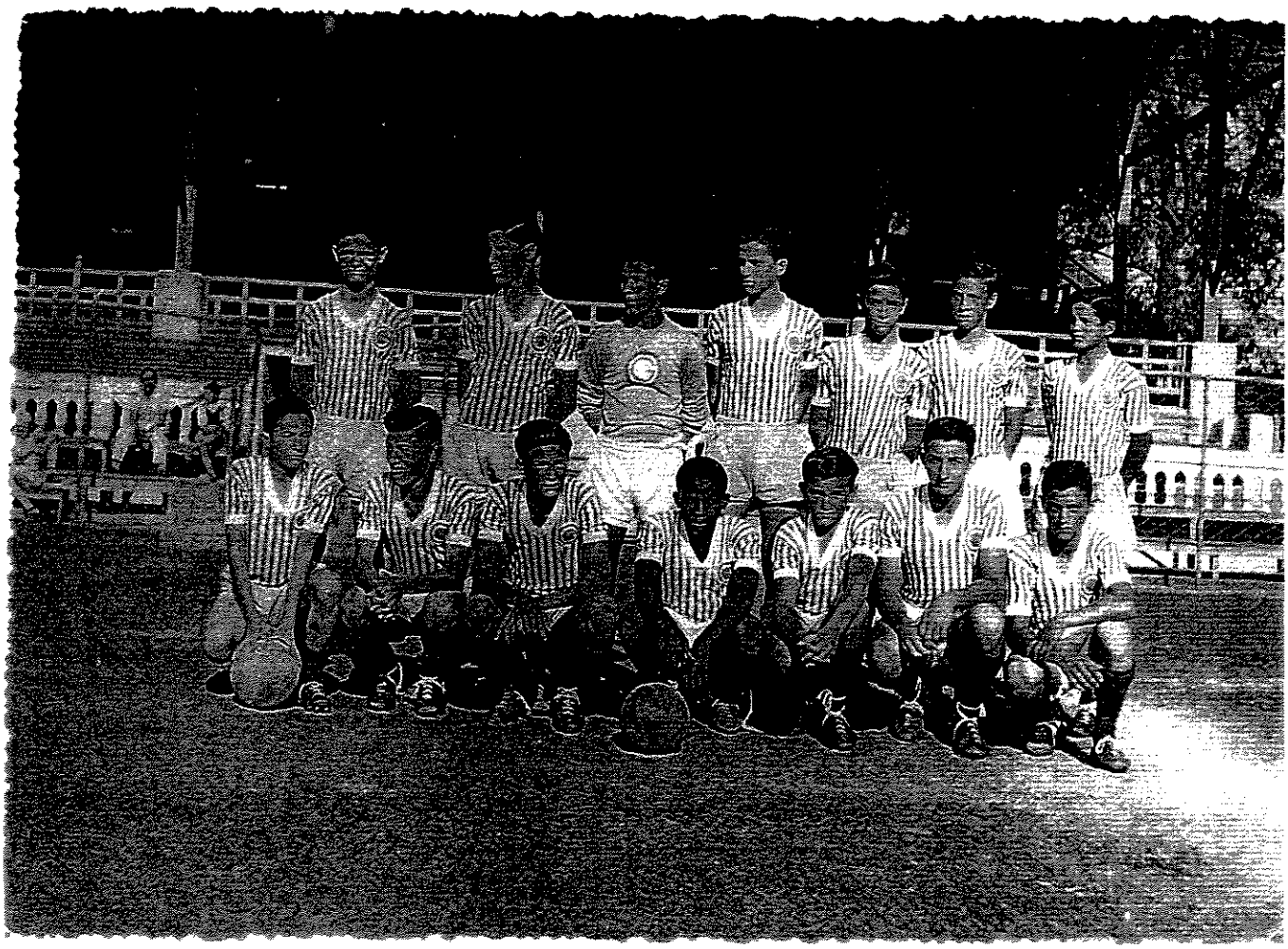
[242] Muitos times na época em São Paulo, tinham o nome "XV de Novembro", numa clara referência à Proclamação da República, ocorrida em 1889, evento portanto ainda recente para a sociedade da época.

[243] Os pontepretanos, como por exemplo Sérgio Rossi, em sua obra "A História da Associação Atlética Ponte Preta", volume I, dizem que o primeiro dérbi ocorreu em 1911 no Campo do São Vicente, e que a Ponte Preta venceu o encontro por 1 a 0, gol de Lopes. Mas não existem registros que confirmem a existência desse jogo.

[244] Na realidade, o futebol paulista nessa época estava dividido. Além do certame da APEA, também havia o certame da LAF, Liga dos Amadores de Futebol.

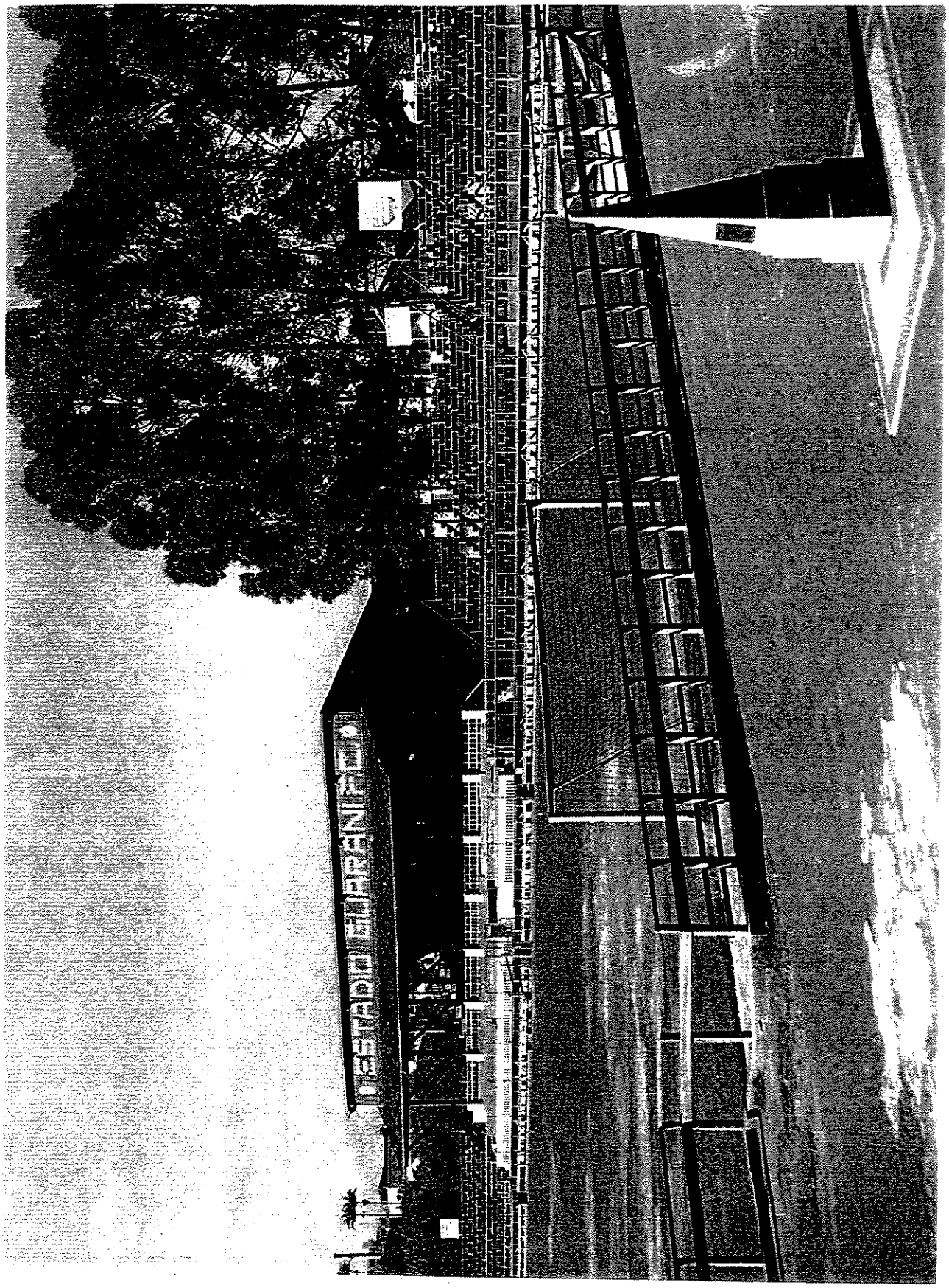
seu estádio pelo Campeonato do Interior, estava de volta. O maior clássico da cidade voltaria a ser disputado em 1932. Nesse ano, o Guarani derrotou a Ponte Preta por 2 a 1 em seu estádio, pelo Campeonato do Interior.

(Foto do infantil do Guarani em dia vitória sobre o Barcelona por 6 a 0 no Estádio do Guarani F.C., o antigo "Pastinho" na Barão Geraldo de Rezende. Da esquerda para a direita, em pé, Zé Gaiola, Riva, Cabrita, Cóia, Pascoal, Osmar e Tóti, e, agachados, Tostão, Roberto, Édson, Miranda, Nêgo, Pataroti e Alito. Os gols dessa partida foram marcados por Édson (3), Miranda, Osmar e Cóia. Acervo João Bosco Panattoni.)

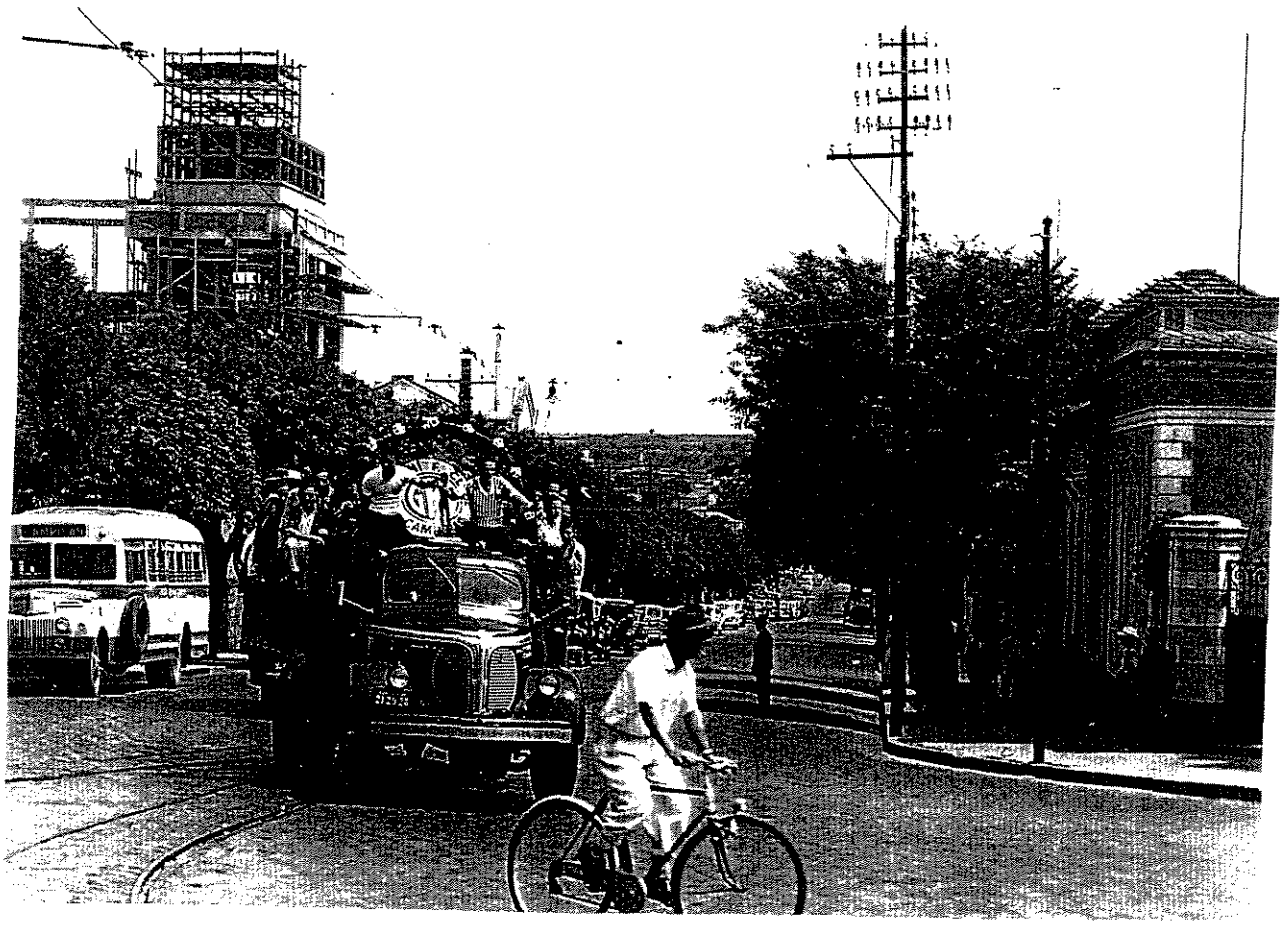


UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

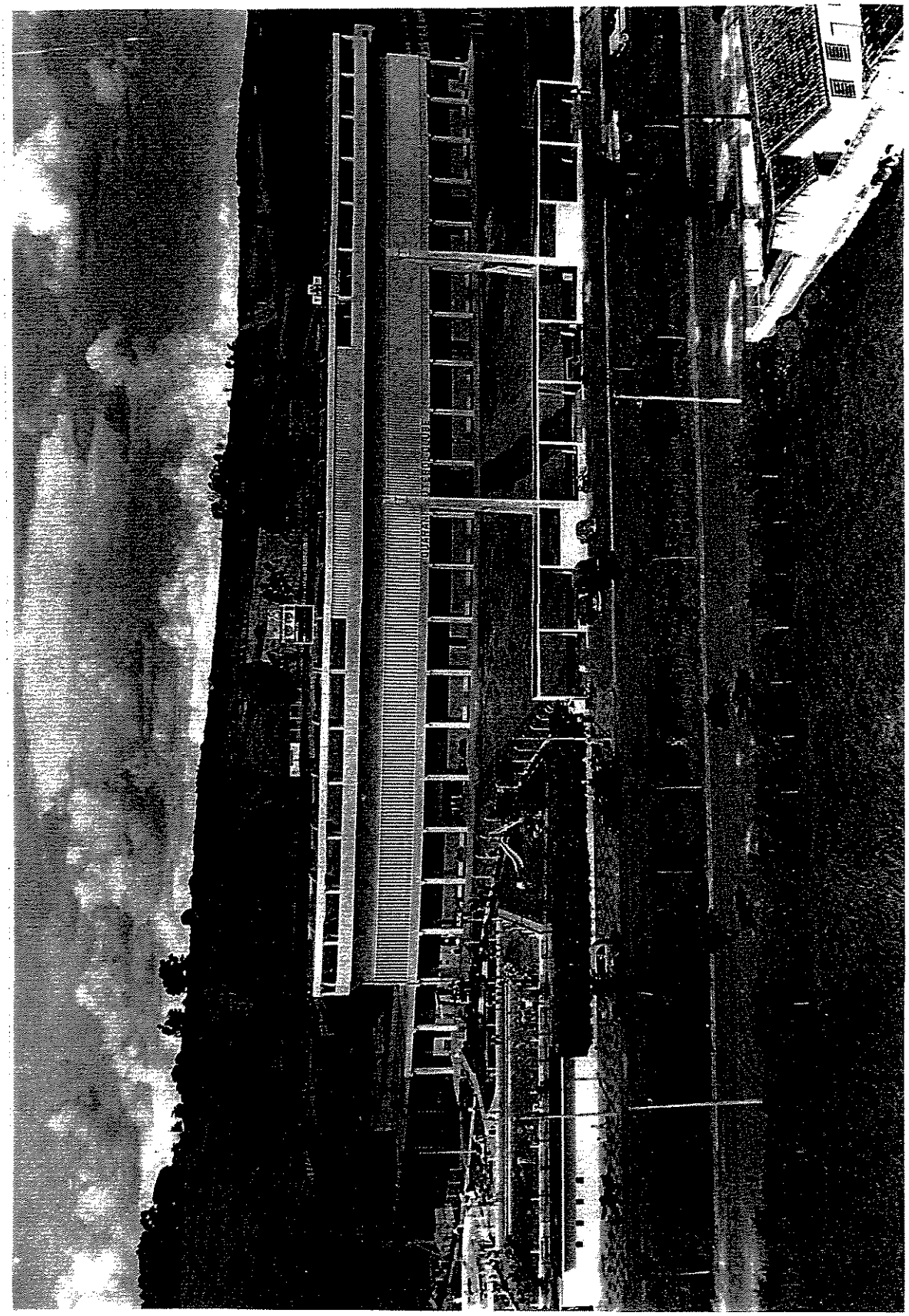
(Foto do Estádio do Guarani F.C., o "Pastinho", inaugurado em 1923, e que se localizava na Rua Barão Geraldo de Rezende, quase na Avenida Barão de Itapura. Esse foi o primeiro estádio de futebol construído na cidade. Aparece na imagem o obelisco em homenagem ao Comendador D'Angelo, industrial e proprietário da Fábrica de cigarros Sudaes e grande benemérito do Guarani. Acervo João Bosco Panattoni.)



(Primeira passeata do Guarani, realizada em setembro, quando foi lançada a pedra fundamental do novo estádio do Guarani, que viria a ser o Brinco de Ouro da Princesa. Acervo João Bosco Panattoni.)



(Foto do clube e do Estádio Brinco de Ouro da Princesa em construção em março de 1961, tirada de uma altura de 23 metros pelo fotógrafo Nedyr M. Rocha, ao subir na Escola de Mecânica do Bonfim. Acervo João Bosco Panattoni.)



Até o final da década de 40, o Campeonato Campineiro foi o principal certame disputado pelo Guarani, que ainda era um clube com características amadoras. Aliás, o Guarani foi o time que mais vezes conquistou o Campeonato Campineiro. Mas em 1947, com a criação da Federação Paulista de Futebol, a F.P.F., e a organização de um certame unificado e profissional do estado de São Paulo, o Guarani passa a disputar o Campeonato Paulista da II Divisão. Nesse primeiro ano, o E.C. XV de Novembro de Piracicaba foi o campeão, mas não havia ainda a Lei do Acesso, que seria implementada no ano seguinte, em certame também vencido pelo time piracicabano. Mas em 1949, o Guarani, ao vencer o Batatais F.C. de Batatais na decisão da II Divisão, tornou-se o segundo time a ascender à I Divisão do futebol de São Paulo, nessa nova fase do futebol paulista com a F.P.F.. E desde 1950, o Guarani joga a I Divisão de São Paulo.[245]

No ano de 1948 teve origem um das mais lendárias histórias que acirram a rivalidade entre Guarani e Ponte Preta. Ambos estavam disputando o Campeonato Paulista da II Divisão. No final do certame, a Ponte Preta já estava fora. O Guarani estava bem próximo de se classificar. Porém os bugrinos dependiam de uma vitória do maior rival contra o E.C. XV de Novembro de Piracicaba. Mas, no dia 12 de setembro de 1948, na inauguração do Estádio Moisés Lucarelli da Ponte Preta, os anfitriões perderam por 3 a 0, o que eliminou o Guarani. Nessa partida, os pontepretanos Gaspar e Gaiola perderam dois pênaltis. A torcida da Ponte Preta comemorou a derrota e a torcida do Guarani considera até hoje que os jogadores alvinegros entregaram a partida.

Em 1953, o Guarani troca de estádio. Deixa o antigo e já ultrapassado Estádio da Rua Barão Geraldo de Rezende, carinhosamente apelidado de "Pastinho", pois era muito comum haver animais pastando nos arredores e imediações do estádio. Nesse ano, o Guarani passa a mandar seus jogos no Estádio Brinco de Ouro da Princesa.

O nome desse estádio foi dado por um jornalista, João Caetano Monteiro Filho, do *Correio Popular*. Ao ver fotos da maquete do estádio em 1952, um ano antes da inauguração, João Caetano Monteiro Filho, achou o projeto muito semelhante a um "brinco". No dia seguinte, escreveu em sua coluna no *Correio Popular*, fazendo uma brincadeira com o antigo apelido de Campinas, "Princesa D'Oeste", que o Guarani estava construindo um verdadeiro "brinco de ouro para a princesa". Torcedores, dirigentes, jogadores e comissão técnica gostaram da idéia. E no dia 31 de maio de 1953, o estádio foi inaugurado com o nome oficial de Estádio "Brinco de Ouro da Princesa". Nesse ano de 1953, o Guarani terminou em quinto lugar no certame paulista com 14 participantes.

De 1950 a 1955, o Guarani ficou entre oito primeiros colocados, em certames que variaram de 12 a 16 participantes. Com exceção do ano de 1966, quando ficou com a 13° posição, o Guarani, ao longo de toda a década de 60 fez boas campanhas no Campeonato Paulista. Nos anos 70, seu desempenho foi ainda melhor. Foi terceiro lugar em 1976, depois de ter conquistado o I Turno do Campeonato Paulista, e em 1978, além de ter sido também quarto lugar em 1979.

---

[245] O time foi rebaixado pela primeira vez em 2001. Mas como para 2002 o certame paulista não mais ocorreria e em seu lugar se montou a Liga Rio/São Paulo, o Guarani continuou na I Divisão, disputando inclusive o certame da Liga. Não se pode saber, em função da enorme desorganização do futebol brasileiro, se a Liga vai sobreviver e se o Campeonato Paulista voltará a ser disputado e mesmo se o Guarani, nesse caso, continuará de fato rebaixado...

No ano de 1978, o Guarani chegou à sua maior conquista em toda a sua história. O time conquistou o Campeonato Brasileiro. Foi o primeiro e até agora o único time do interior a conseguir tal façanha. Foi também uma vitória da humildade e perseverança.

Até a decisão da competição, a imprensa da época, principalmente da capital, se dizia impressionada com a campanha realizada pelo time campineiro até então. Mas não acreditava que um time jovem e inexperiente pudesse vencer o poderoso e já bicampeão brasileiro (1972/73) S.E. Palmeiras, formado por jogadores da Seleção Brasileira, como o goleiro Leão e o meia Jorge Mendonça. Mas o Guarani, comandado pelo técnico Carlos Alberto Silva, surpreendeu a todos.

Foram duas partidas, a primeira em São Paulo e a segunda em Campinas, pois o Guarani tinha a melhor campanha. E o Guarani, que contava com a experiência do goleiro Neneca e do volante Zé Carlos, e com o talento dos atacantes Careca e Bozó, e também dos meias Zenon e Renato, venceu o time paulistano duas vezes por 1 a 0. No primeiro jogo, Careca provocou a expulsão do experiente goleiro Leão. O árbitro do jogo marcou pênalti. Sem poder substituir, o atacante palmeirense Escurinho foi para o gol, mas não evitou o gol marcado por Zenon, na cobrança do pênalti. Na segunda partida, em Campinas, um gol de Careca confirmou o título brasileiro para os campineiros. Feito nunca igualado por nenhum outro time do interior, já que somente os grandes times dos grandes centros de futebol do país, capitais estaduais, conquistaram o certame.

A década de 70 marcou o início de uma grande projeção para o Guarani. Não só as boas campanhas o levaram a isso. Também o fato de cuidar com eficiência das categorias de base, fizeram com que o Guarani revelasse muitos jogadores para o futebol nacional. Os atacantes Careca, Evair, João Paulo e Luizão, os meias Renato Pé Murcho, Neto, Mauro Silva e Amoroso, e os zagueiros Júlio César e Edu Dracena, são alguns exemplos. Todos esses serviram à Seleção Brasileira.

O interessante é que o Guarani dividiu a extraordinária fase com a rival Ponte Preta, que também viveu na década de 70 e início da década de 80, o melhor momento de sua história, a exemplo do Guarani. Na realidade, essa fase foi mais longa para o Guarani. Pois enquanto a Ponte Preta era rebaixada no futebol paulista em 1987, o Guarani ainda realizaria excelentes campanhas nos campeonatos Paulista e Brasileiro até meados dos anos 90, quando então começaria uma fase ruim, ao contrário da Ponte Preta, que nos últimos anos da década de 90 do século passado e no primeiro ano do século XXI, realizou boas campanhas nos mesmos campeonatos.

O Guarani detém um recorte no Campeonato Brasileiro. Seu ataque, no certame de 1982, marcou a melhor média de gols da história da competição, com 3,15 gols por partida. O ataque bugrino nesse ano foi formado por Lúcio, Jorge Mendonça, Ernani Banana e Careca. Um ano antes, o Guarani havia conquistado o título da Taça de Prata, que equivale ao Campeonato Brasileiro da II Divisão. No Campeonato paulista, o time, na década de 80, ainda foi terceiro colocado nos anos de 1981 e 1985.

De 1986 a 1988, o time bugrino realizou excelentes campanhas nos certames de que participou, revelando muitos bons jogadores, que foram para os principais clubes do país, para o exterior e também serviram à Seleção Brasileira. Em 1986, o Guarani perdeu o título brasileiro em casa para o São Paulo F.C., que contava então com o ex-ídolo de Campinas, Careca. O jogo foi decidido nos pênaltis, depois do Guarani ter aberto dois gols de vantagem na prorrogação e sofrer o gol de empate, marcado por Careca, no final da

prorrogação. Em 1987, o Guarani decidiu novamente o Campeonato Brasileiro[246] com o Sport C. Recife (PE). Sagrou-se nesse ano vice-campeão brasileiro. No ano seguinte, 1988, o time campineiro voltou a disputar uma final. Dessa vez, decidiu o Campeonato Paulista e de novo perdeu em casa na prorrogação. O adversário nessa oportunidade foi o S.C. Corinthians P..

Em 1991, o time disputou a decisão do Campeonato Brasileiro da Série B (ou II Divisão), mas perdeu a final para o Paysandu S.C. (PA). No ano de 1994, o Guarani voltaria a disputar uma semifinal de um Campeonato Brasileiro. Apesar de eliminada nessa fase, a equipe revelou dois grandes jogadores para o futebol nacional e mundial, que também defenderam a Seleção Brasileira. Em relação ao Campeonato Paulista, embora tenha chegado muito perto, o time ainda não conquistou um título estadual, feito que outras duas equipes do interior conseguiram: A.A. Internacional de Limeira e C.A. Bragantino de Bragança Paulista. Ambas equipes com desempenho, ao longo da história do certame, muito inferior ao desempenho de Guarani e Ponte Preta, que também, apesar de chegar perto, nunca conquistou o Campeonato Paulista.

V - 5. Mascotes e o perfil das torcidas envolvidas

Quanto ao mascote do Guarani, um "bugre" ou "índio", não há muito para se comentar, já que o mesmo é uma clara referência ao nome do time. Já para a Ponte Preta, não é bem assim. Pois a mascote da Ponte Preta é, além de uma "Velha Senhora", por ser ela um time muito antigo, também uma "macaca", mascote essa mais conhecida entre os torcedores.

Existem três versões (ou mais?) para o surgimento da "Macaca" como mascote e símbolo da Ponte Preta. Numa delas, a mascote teria sido incorporada ao clube nos anos 50. Como o Estádio Moisés Lucarelli fora inaugurado em 1948, dois anos antes da inauguração do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro para a Copa do Mundo de 1950, os torcedores bugrinos resolveram gozar os rivais, chamando o estádio pontepretano de "Macacanã". Noutra versão, surgida mais ou menos na mesma época, os torcedores de

---

[246] Nesse ano os grandes times - os "gigantes" do Brasil (S.E. Palmeiras, São Paulo F.C., S.C. Corinthians P., Santos F.C., C.R. Flamengo, Fluminense F.C., C.R. Vasco da Gama, Botafogo F.R., C. Atlético Mineiro, Cruzeiro E.C., Grêmio F.C. e S.C. Internacional) - decidiram fundar o "Clube dos 13" (os 12 "gigantes" mais o E.C. Bahia - BA), e realizaram a Copa União, chamada pela Confederação Brasileira de Futebol, C.B.F., de Módulo Verde do Campeonato Brasileiro. Os outros grandes do futebol brasileiro, onde se incluía o Guarani - a Ponte Preta estava na II Divisão e por isso não participou - formaram o Módulo Amarelo. O objetivo da C.B.F. era realizar um quadrangular final entre os dois melhores de cada módulo, para daí sair o campeão nacional de 1987. Porém, C.R. Flamengo e S.C. Internacional, campeão e vice do Módulo Verde respectivamente, se recusaram a participar do quadrangular, que virou uma decisão entre Guarani e Sport C. Recife (PE), reconhecidos pela C.B.F. respectivamente como o vice e o campeão brasileiros de 1987, já que o Sport C. Recife (PE) venceu a decisão por 1 a 0. Antes, na decisão do Módulo Amarelo, o Guarani venceu a primeira em casa por 2 a 0 e o Sport C. Recife (PE) venceu a segunda por 3 a 0 em Recife. Nessa segunda partida houve empate na decisão por pênaltis. Os times desistiram de continuar depois de 22 cobranças e nenhuma definição. Posteriormente, a CBF decidiu considerar o saldo de gols nas duas partidas, o que deu o título aos pernambucanos. Esse foi o único ano em que houve dois certames nacionais. Em 2000, a C.B.F. não organizou a competição devido a problemas jurídicos com o S.E. Gama de Gama (DF). Os próprios clubes assumiram a organização do certame que se chamou nesse ano "Copa João Havelange".

ambas as equipes passaram a se referir à Ponte Preta como "Macaca" porque se localizou perto do Estádio Moisés Lucarelli o Bosque dos Jequitibás, que transformado em parque e zoológico abrigou, entre outros animais, macacos. E numa terceira versão, que teria surgido nos anos 20, atribui a origem da mascote devido ao fato do time pontepretano ter sido um dos primeiros a admitir negros em seus quadros, sendo assim chamados pelos rivais de "macacos" e a Ponte Preta de "Macaca".

Nas três versões fica evidente a origem racista da mascote pontepretana. Até hoje a mascote confere aos pontepretanos, sob o olhar preconceituoso dos rivais, características estereotipadas e que passam a ser depreciativas, como "pretos" e "pobres". E de fato assim se acostumou classificar as torcidas ao longo das décadas. A Ponte Preta seria um time mais popular, onde a maioria dos torcedores se encontra nas camadas sociais mais baixas, e onde está também a maior parcela da população negra, que historicamente foi "confinada" a essas camadas mais pobres. Já o Guarani seria um time constituído por torcida de classe média e classe alta. Com exceção de alguns exemplos, não há nada que realmente confirme essa caracterização das torcidas. Como exemplos: o bairro Vila Rica, que possui uma grande população negra e considerado bairro popular, seria um bairro de maioria pontepretana, já os bairros Castelo e Proença, bairros de classe média, seriam de maioria bugrina. Mas esse é um conhecimento difundido pela população há gerações, um "saber popular". Mas não há nada que realmente possa comprovar essas caracterizações.

Muitas pesquisas, feitas por exemplo pela revista *Placar*, mostraram no passado que a torcida da Ponte Preta é maior que a torcida do Guarani, e assim, composta por mais representantes das camadas populares. Mas uma pesquisa realizada pelo jornal *Correio Popular* em meados dos anos 90 mostrou ser a torcida do Guarani maior que a torcida da Ponte Preta e justificou essa mudança em função dos muitos anos que a Ponte Preta permaneceu na II Divisão entre os anos 80 e 90 (1988/89 e 1996-1999). Mas essa pesquisa do *Correio Popular* chegou a ser contestada na época por bugrinos, surpresos com o resultado.

A Mascote, apesar da origem racista e preconceituosa, foi assim assimilada pelos pontepretanos que a transformaram num símbolo. Fenômeno igual ocorreu em relação a uma das mascotes e símbolos dos palmeirenses, o "porco", apelido dado pelo corinthianos e assimilado pelos rivais, que o transformaram em mascote do clube. Alguns palmeirenses devolveram a provocação e passaram a identificar o S.C. Corinthians P. com um "gambá", e muitos corinthianos parecem também ter assimilado, em menor intensidade, a candidata a mascote do clube, o gambá.

As torcidas de Ponte Preta e Guarani podem ser separadas apenas no aspecto simbólico. Embora muitos torcedores e profissionais da imprensa insistam em enfatizar que as torcidas são claramente e fundamentalmente diferentes, não há nada que indique essa condição fora da esfera simbólica. Pontepretanos e bugrinos estão presentes em qualquer camada social, têm representantes em qualquer "raça" ou "etnia", desempenhando qualquer atividade profissional e assimilando e externando uma cultura única, campineira ou brasileira. Assim, fora da esfera simbólica do futebol, não há como diferenciar as torcidas, ou o "pontepretano" do "bugrino".

A diferenciação ocorre no contexto do futebol. Na esfera simbólica, os torcedores de fato assumem uma identidade que os diferenciam um do outro. E essas identidades

foram forjadas historicamente, a partir principalmente de suas respectivas origens. No momento em que surgiram como times de futebol, havia de fato uma caracterização particular dos membros de cada torcida. A Ponte Preta tem origem operária, é ligada portando às camadas mais populares da sociedade campineira, onde também se encontra a maior parte da população negra da cidade. Ela surgiu no subúrbio, longe do centro da cidade. O Guarani, embora não tenha uma origem vinculada à elite exatamente, foi fundado por membros de setores mais abastados, formados por exemplo por estudantes, barbeiros e marceneiros. E surgiu num ambiente mais urbano, mais próximo ao centro da cidade.

Assim, no contexto ou universo do futebol, o pontepretano é o torcedor do "povo", das camadas mais populares, é o torcedor "negro". Já o bugrino é o torcedor mais elitizado, pertencente às camadas mais altas, onde há poucos negros. O pontepretano é a "ralé" e o bugrino é a "elite" nesse ambiente simbólico. E os torcedores, quando se remetem ao futebol sustentam essas identidades, parecem de fato fazer questão ou ter necessidade de sustentar suas identidades, como isso lhes garantisse um lugar na "tribo", sendo parte de um grupo. Todos os times do país, em seus ambientes particulares, têm identidades e realizam a manutenção delas sempre. Assim, pode-se classificar, por exemplo, S.C. Corinthians P. (SP), C.R. Flamengo (RJ), S.C. Internacional (RS) e C. Atlético Mineiro (MG), entre outros, como os times do "povão", já São Paulo F.C. (SP), Fluminense F.C. (RJ), Grêmio F.P. (RS) e Cruzeiro E.C. (MG), entre outros, como os times da elite.

Mas fora desse ambiente simbólico do futebol, não há diferenças entre os torcedores pontepretanos e bugrinos. Socialmente eles estão misturados e não é possível identificá-los na sociedade. Pelo contrário, por serem times grandes da mesma cidade, o perfil como torcedor é similar até, parecido com o perfil dos torcedores dos "gigantes" da capital, como S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras e São Paulo F.C., e muito diferente do perfil dos torcedores de outros times - pequenos ou médios - da região, como o Mogi Mirim E.C. de Mogi Mirim, Rio Branco E.C. de Americana, A.A. Internacional e Independente F.C. de Limeira, E.C. União São João de Araras, C.A. Bragantino de Bragança Paulista, Etti Jundiaí F.I. de Jundiaí, etc, cujo perfil das torcidas é a de uma torcida do interior, sem torcidas organizadas e mais "calmas" quanto às suas manifestações nos estádios - o que não significa que sejam menos apaixonadas por seus respectivos clubes. Torcedor de futebol é torcedor de futebol em qualquer parte do mundo...

O que se pode afirmar, baseando-se em estatísticas é que a torcida da Ponte Preta é maior e é mais assídua nos estádios se comparada à torcida do Guarani. Mas isso pode ser meramente um reflexo da identidade assumida pelas torcidas, que classifica o pontepretano com um torcedor "sofredor e fiel".

(Fotos das próximas duas páginas. A primeira traz o time do Guarani que aplicou a maior goleada da história dos dérbis: 6 a 0 em 1960. E a segunda foto, traz a Ponte Preta campeã da II Divisão do futebol paulista em 1969, onde aparecem o técnico Zé Duarte, Nelson - hoje o técnico Nelsinho Batista - e Dicá. Acervo pessoal do autor.)

VI - O DÉRBI CAMPINEIRO: TRADIÇÃO E RIVALIDADE DE QUASE UM SÉCULO

O maior clássico do interior do Brasil, Ponte Preta X Guarani, tem uma história de quase cem anos e uma rivalidade que começou bastante cedo, se comparado a outros clássicos pelo Brasil, principalmente do interior de São Paulo. O embate e rivalidade, por exemplo, entre A.A. Internacional e Independente F.C., ambos de Limeira (SP), se iniciaram nos anos 40. Ou, em outro exemplo, o chamado clássico "Comefogo" de Ribeirão Preto, entre Comercial F.C. e Botafogo F.C., se iniciou nos anos 20. Mesmo grandes clássicos de importantes centros de futebol do Brasil, como por exemplo Salvador (BA), começaram bem mais tarde. O embate e rivalidade entre o E.C. Vitória e o E.C. Bahia só começaram duas décadas depois, em meados dos anos 30. Mesmo na cidade de São Paulo, onde o futebol "chegou ao Brasil", os clássicos paulistanos que envolvem o São Paulo F.C. contra os grandes da capital, S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras, só se iniciaram também em meados dos anos 30.

E nesses casos estou considerando cronologicamente o início dos embates, mas a rivalidade em si pode se iniciar muitos anos depois desses primeiros jogos entre as duas equipes. Esses times se tornariam rivais tradicionais muitos anos depois de terem se enfrentado pela primeira vez. E nesse caso, que envolve o início de uma rivalidade, ou seja, ver no adversário um rival diferenciado que "deve ser derrotado a todo custo", mais uma vez o embate campineiro é um dos pioneiros. Pois podemos considerar que essa rivalidade teve início em 1914, apenas dois anos depois de realizada a primeira partida, quando em jogo "amistoso" realizado em Sousas, houve muita briga e o início de um "ódio recíproco" entre os clubes. Em 1916, em partida realizada no Hipódromo Campineiro, novamente houve confronto entre as torcidas. Essas duas partidas são consideradas marcos do início da rivalidade entre alvinegros e alviverdes.

Mas não foi somente pelo fato dessas partidas terem sido tensas e com brigas entre torcedores que podemos considerar como motivo suficiente para o início de um rivalidade como essa. Devemos considerar também o fato de que as duas equipes, já nessa época, eram os maiores times da cidade, com muitos torcedores, e disputavam a hegemonia do futebol campineiro. Seus encontros já eram os maiores eventos do futebol citadino.

Em 1914, o futebol na cidade de Campinas já estava bastante difundido, com muitos praticantes e times espalhados pela cidade. O futebol chegou a Campinas já nos últimos quatro anos do século XIX, pouco depois de chegar ao Brasil.[247] Nas duas primeiras décadas do século XX muitos times surgiram em Campinas, a maioria se extinguiu com o tempo e com a chegada do profissionalismo.

É natural que nesse período, e até cerca de duas décadas depois, nos anos 40, outros jogos envolvendo times de Campinas pudessem ser vistos como clássicos ou "dérbis". Os encontros envolvendo os times da A.A. Ponte Preta, Guarani F.C., Campinas F.C. e do S.C. Corinthians de Campinas, por exemplo, eram vistos como grandes jogos, clássicos da cidade. Mas não se firmaram como clássicos e nem sequer foram chamados de

[247] Charles Miller, em 1894, chegou ao porto de Santos com uma bola e as regras do futebol, jogo já popular na Europa. Esse ano é considerado o ano em que se inicia a história do futebol no país.

"dérbi". Somente o embate entre Ponte Preta e Guarani se transformou em clássico e passou a ser chamado de "dérbi" a partir da década de 30.

Mais tarde, entre as décadas de 30 e 50, os jogos entre A.A. Ponte Preta, Guarani F.C. e E.C. Mogiana, únicos times de Campinas que se profissionalizaram e participaram do Campeonato Paulista organizado já pela Federação Paulista de Futebol (F.P.F.)[248], eram também uma grande atração na cidade. Os embates entre as três equipes eram vistos como grandes eventos, os clássicos da cidade. Mas entre os três confrontos, o encontro entre Ponte Preta e Guarani era visto como o maior jogo da cidade há mais de duas décadas. Quando abordei pessoas que viveram ou interagiram com o futebol em Campinas nesse período, sempre me impressionou a forma carinhosa como os mais velhos se referem ao antigo Esporte Clube Mogiana ou ao antigo Estádio do Mogiana, o Estádio Antônio da Costa. Dizem que naquela época "se não era Ponte nem Guarani, era Mogiana...". O "simpático" time do E.C. Mogiana parecia ser um cordeiro em meio a dois lobos...

Mas não era bem assim, esse "cordeiro" era um time forte na época, que apesar de não levar vantagem no geral dos confrontos contra Ponte Preta e Guarani, chegou a vencê-los em importantes ocasiões, sagrando-se inclusive campeão. Como ocorreu no ano de 1948, na disputa das Taças Cidade de Campinas e A Gazeta de S. Paulo, ambos vencidos pelo E.C. Mogiana, diante de Ponte Preta e Guarani.

No primeiro semestre de 2001, em texto do jornal *A Folha de S. Paulo*, na seção de esportes do caderno de Campinas e região, publicou-se como curiosidade em nota curta que trazia como título "curiosidades sobre o dérbi", que então se aproximava, que o "primeiro dérbi" da cidade fora entre Guarani F.C. e Campinas F.C.. Um exagero jornalístico típico com o intuito de transformar aquele dado em algo que chame a atenção mais do que realmente merece. Um recurso comum utilizado pela imprensa em geral.

Esse certamente foi um dos "clássicos" do futebol campineiro, mas não foi rotulado de dérbi. E quando o Campinas F.C. possuía uma grande equipe, chamava a atenção de todo o estado de São Paulo na época. Mas essa condição pouco durou. Outros times também tiveram grandes e memoráveis esquadrões que dominaram o futebol campineiro, como o S.C. Corinthians de Campinas. Mas sempre esse domínio durou por pouco tempo, havendo, desde a década de 30, portanto, um rodízio entre Ponte Preta e Guarani pela hegemonia do futebol campineiro. Mas "dérbi", inclusive sendo assim chamado pela imprensa, é de fato o encontro entre Ponte Preta e Guarani, as únicas duas equipes que sobreviveram à profissionalização do futebol, vindo a se tornar grandes clubes no cenário esportivo nacional, e não só no futebol, como em outros esportes. Dérbi campineiro é um só.

A história do dérbi campineiro, o confronto das multidões em Campinas, envolvendo Ponte Preta e Guarani, começou em 1912, com uma partida amistosa no dia 24 de março, realizada no Campo da Vila Industrial. O resultado do jogo é desconhecido. Também existe uma grande discussão a respeito das primeiras partidas envolvendo os dois times. Segundo o autor Sérgio Rossi[249], o primeiro jogo entre os times havia ocorrido um

---

[248] Outros dois times também se profissionalizaram e participaram do Campeonato Paulista, o E.C. Gazeta e o Campinas F.C. (não o antigo Campinas F.C. dos anos 30, mas o novo fundado pelos ex-jogadores Careca e Edmar em 1998), nas décadas de 80 e 90, respectivamente.

[249] Sérgio Rossi é dentista e historiador, autor do livro *A História da Associação Atlética Ponte Preta*, publicado em sete volumes, contando os cem anos de história do clube.

ano antes, no Campo do São Vicente. E a Ponte Preta teria vencido esse jogo com um gol do jogador Lopes. Mas não existem registros ou documentos que comprovem que essa partida realmente ocorreu.

Os bugrinos através da TABA, Torcedores Amigos Bugrinos Associados, descartam a existência dessa partida. Para eles, o primeiro dérbi ocorreu de fato em 1912, e citam como exemplo a nota sobre a realização do jogo publicada no *Diário do Povo* em 17 de março de 1912:

"Em virtude do mau tempo não pode ser jogado no domingo passado o annunciado match de foot-ball entre os valorosos 1º e 2º teams de Guarany Foot-Ball Club e A.A. Ponte Preta. Hoje, caso o tempo o permita, encontrar-se-ão pela primeira vez em um importante match estes vallentes teams. (O grifo é nosso!) Leram com atençào? PRIMEIRA VEZ em 24/03/1912! Como se explica, então, que através das últimas décadas venha-se divulgando que o primeiro derby ocorreu em 1911, com vitória dos adversários por 1 a 0, gol de Lopes, arbitragem de A. Sarmento etc? ... mas, em 1911, efetivamente não tivemos derby! O resultado divulgado surgiu do nada!" [250]

A nota traz "pela primeira vez em um importante match". Pode ser que as equipes já tivessem se enfrentado em partida que não tivesse chamado tanto a atenção, não sendo portanto um "importante match". E vale lembrar também que nessa época, além da escassez de documentos, também os jornais não realizavam exatamente uma cobertura esportiva, muito menos do futebol, que apesar de já ser um esporte com muitos praticantes e relevante apelo popular na cidade, ainda era restrito a poucos e com difusão irregular. Os jornais podiam até anunciar o jogo, como é caso dessa primeira partida em março de 1912, mas não necessariamente trariam posteriormente o resultado da partida, como ocorreu nessa primeira partida de 1912, em que o placar final do jogo é desconhecido. De qualquer maneira, optei pela versão bugrina por ser ela documentada.

Em depoimento de Pompeo de Vito, um dos fundadores do Guarani, para o jornal *A Gazeta Esportiva* do dia 2 de abril de 1965, no aniversário de 54 anos do alviverde campineiro, o mesmo, ao falar do primeiro jogo contra a Ponte Preta, diz que o placar foi 1 a 1:

"Realizou-se no nosso campinho, onde hoje está a instituição de São Vicente de Paulo, o primeiro jogo com a Ponte Preta. Não havia naquele tempo a rivalidade atual. O quadro pontepretano era muito forte e logramos empatar por 1 a 1, que foi um bom resultado."

O futebol era apenas um esporte com certa relevância, mas sem muito destaque nas páginas dos jornais da época. Aliás, os esportes de maneira geral, não recebiam a atenção e espaço que hoje recebem, principalmente o futebol, que além de muitas páginas e cadernos inteiros, e de jornais especializados (*A Gazeta Esportiva* e o *Lance!*), é um dos "carros-chefes" de muitos jornais. Nesses primeiros anos da segunda década do século XX, os esportes ocupavam pouco espaço nas páginas do jornal. E outros esportes

[250] TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *A História do Guarani F.C.*. Impressão eletrônica 9.500 - Casa do Engenheiro, Campinas, 1987, "À Sombra das Palmeiras Imperiais" (1a parte), e 1989, "Os Primeiros Passos de um Campeão" (vol. 2), pp. 6-7.

apareciam com mais destaque que o futebol, como o boxe e a aviação, ainda vista como uma espécie de atividade de atletas ou "pessoas especiais", corajosas e desbravadoras dos céus.

A segunda partida aconteceu no dia 19 de maio de 1912, no antigo campo do Hipódromo Campineiro. A Ponte Preta venceu o jogo por 2 a 1. Essa partida já valia pelo Campeonato Campineiro, que foi disputado por ambas as equipes até meados de 1960. O terceiro jogo, aconteceu ainda em 1912, no Campo do London, no dia 11 de agosto. E mais uma vez não se sabe ao certo o resultado da partida, embora pareça haver um consenso de que a Ponte Preta venceu o jogo. Para Sérgio Rossi, o placar foi 2 a 1 para os alvinegros.

Esse autor ainda cita três outros dérbis ocorridos no ano de 1913[251], mas não existe nenhum registro sobre essas partidas. Assim, consideremos que a quarta partida ocorreu somente no ano de 1914, em 23 de agosto, no Campo de Souzas[252], partida já citada acima. E pela primeira vez o Guarani vencia o dérbi. Pode-se dizer, sem exageros que a rivalidade nascia para sempre já nesse quarto encontro. Pois nesse dia, o jogo aguardado com muita ansiedade pela população na época, resultou em muita violência e brigas, dentro e fora de campo.

Em 1916, aconteceu um dérbi, que foi apelidado de "dérbi relâmpago". A partida aconteceu pelo Festival Esportivo promovido no Hipódromo Campineiro. Quatro times jogaram entre si num único dia. No dérbi, o Guarani derrotou a Ponte Preta por dois escanteios ou tiros de canto a zero. Em jogos desse tipo, se contam os escanteios para poder desempatar jogos, já que os gols, com tão pouco tempo, são raros. Esse tipo de competição realizada num único dia, num único local ficaria muito comum e faria sucesso anos mais tarde, no Campeonato Paulista. Trata-se do Torneio Início. As outras duas equipes foram o White e o Black, que aliás sagrou-se campeão do festival.

Não havia o Campeonato Paulista envolvendo o estado todo, como ocorre hoje. O Campeonato Paulista era praticamente disputado na capital, apenas com os times de São Paulo. A APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos e a LAF, Liga dos Amadores de Futebol, e antes dela a LPF, Liga Paulista de Futebol, dividiram a organização do certame por alguns anos. Em 1917, a APEA recebia o reforço do interior do Estado. Os primeiros times do interior a se filiar à APEA foram a Ponte Preta e o Guarani, além do Comercial F.C. de Ribeirão Preto e o E.C. Taubaté de Taubaté.

Jogando pelo Campeonato Campineiro de 1920, o Guarani goleou a Ponte Preta por 4 a 1. Essa seria a primeira goleada num dérbi. O jogo aconteceu no Hipódromo Campineiro no dia 28 de novembro. No dérbi seguinte, o Guarani voltaria a fazer um placar com três gols de diferença, 3 a 0 no dia 12 de março de 1922, num amistoso realizado também no Hipódromo Campineiro. Em 22 de julho de 1923, aconteceu o

---

[251] Essas três partidas teriam ocorrido respectivamente nos campos do São Vicente, do Cruzeiro e do Guanabara. Em uma delas teria ocorrido um empate em 1 a 1. Nas outras duas, ou ocorreram empates ou duas vitórias da Ponte Preta. Ou ainda, um empate e uma vitória da Ponte Preta. Conversei pessoalmente com Sérgio Rossi, e ele me disse que realmente não havia como provar que essas partidas ocorreram. As informações haviam sido coletadas oralmente. E muitos bugrinos, mais velhos, negam a existência desses jogos. Mesmo assim, em estatísticas antigas, utilizadas pela imprensa, os jogos chegaram a constar.

[252] Na época escrevia-se com "z", hoje se escreve com "s", Sousas.

primeiro dérbi no Estádio do Guarani F.C.[253], em partida válida pelo Campeonato do Interior. O jogo terminou empatado em 1 a 1.

A primeira goleada ou diferença de 3 gols aplicados pela Ponte Preta ocorreu em 1925, no dia 14 de junho, quando derrotou o rival no próprio Estádio do Guarani F.C., em partida pelo Campeonato do Interior.[254]

Em 1927, os times de Campinas começaram a disputar o campeonato maior do estado. Passaram a estar entre os primeiros do interior a conseguir tal façanha. Antes dos dois apenas o Santos F.C. - que nem é considerado interior -, que já havia estreado em 1913 e o seu conterrâneo, o C. A. Santista, que estréia no certame da LAF em 1926. E o Paulista F.C. (atual Etti Jundiaí F.L.) de Jundiaí, que estreou também nesse ano de 1926, jogando o certame da LAF.

O Guarani F.C estréia disputando o certame da APEA em 1927, ao lado do Comercial F.C. de Ribeirão Preto e o Corinthians F.C. de São Bernardo do Campo, também pioneiros, participando pela primeira vez. O campeão da APEA nesse ano seria o Palestra Itália. E o Guarani, entre 14 times, terminou num excelente quarto lugar.

A estréia da Ponte Preta se daria no ano seguinte, jogando o certame da LAF, vencido pelo S.C. Internacional. Em sua estréia, a Ponte Preta também foi quarta colocada entre 12 times participantes.

Apesar de excelente para o futebol campineiro, a participação da Ponte Preta e do Guarani no principal campeonato do estado, foi ruim para o dérbi. O Guarani jogou na APEA de 1927 a 1931, e a Ponte Preta atuou na LAF em 1928 e 1929. Foram cinco anos sem dérbi, que só voltou a acontecer em 20 de novembro de 1932, pelo Campeonato do Interior. Jogando em seu estádio, o Guarani derrotou a Ponte Preta por 2 a 1.

Essa partida é particularmente interessante, pois a volta da disputa do dérbi gerou grande ansiedade na cidade e nos veículos de comunicação da época, como o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*. E foi nesse último, que no dia 12 de novembro, oito dias antes da partida portanto, o jornal já publicava notícias sobre o encontro que voltava a ocorrer na cidade, e o chamava pela primeira vez de o "dérbi" da cidade.

Com exceção dos anos de 1933 e 1934, o dérbi foi disputado todos anos até 1960, quando então se iniciou outro período sem dérbis. Nesse período de 30 anos, ocorreram muito dérbis, que mobilizaram a cidade intensamente. Alguns dérbis nesse período foram memoráveis. Como o realizado no dia 22 de novembro de 1936, no Estádio do Guarani F.C. pelo campeonato Campineiro daquele ano, quando Ponte Preta aplicou uma das maiores goleadas da história dos dérbis: 5 a 2.

Em 1939, no dia 2 de abril, em amistoso que comemorava o aniversário de 28 anos do Guarani, jogado no Estádio do Guarani F.C., o dérbi terminou empatado em 2 a 2, na primeira partida disputada em 90 minutos, dois tempos de 45 minutos. Até então os jogos tinham 80 minutos, dois tempos de 40 minutos. Também nesse ano, no dia 9 de julho, no Estádio do Guarani F.C., ocorreu o primeiro dérbi transmitido ao vivo por uma emissora

---

[253] Esse estádio, na Rua Barão Geraldo de Resende, recebeu o apelido de "Pastinho", por existirem muitos animais que pastavam nos arredores ou imediações do estádio, e se tornou muito conhecido e tradicional.

[254] Lembrando aqui que não estou considerando o suposto jogo realizado em 1912, pois não há registros que comprovem que o jogo aconteceu e no qual a Ponte Preta teria goleado o Guarani por 4 a 1 no Campo do Cruzeiro.

de rádio[255], a antiga PRC-9. O locutor dessa peleja, que terminou também empatada em 2 a 2, foi Jolumá Brito.

Além da transmissão ao vivo pelo rádio, esse foi o primeiro encontro chamado efetivamente de dérbi pelo jornal *Diário do Povo*. No dia 6 de julho, três dias antes, o *Diário do Povo* já noticiava o esperado embate, e o chamava de o "dérbi" da cidade.

O clássico já era atração desde a segunda década do século XX. E entre os certames que disputaram, o que possibilitou Ponte Preta e Guarani jogarem inúmeros jogos, e acirrarem a rivalidade, foi o Campeonato Campineiro, onde ambas equipes sempre estiveram na frente, ora uma ora outra. Deixaram de disputar o certame da cidade com suas equipes principais em 1946. Mas continuaram com seus respectivos times de aspirantes até a década de 50, quando então a competição deixou de ser importante definitivamente para Ponte Preta e Guarani, que já tinham começado a atuar como times profissionais em 1947.

O primeiro certame da cidade, em 1912, a Ponte Preta sagrou-se campeã. De 1913 a 1915, não houve disputa, o mesmo ocorrendo em 1918. Em 1916, o Guarani foi campeão, repetindo a dose em 1919 e 1920, quando o certame parou de ser realizado. De 1921 a 1934, não houve disputa. Com a criação da Liga Campineira de Futebol em 1935, voltou-se a disputar um campeonato da cidade. A partir daí, os títulos ficaram com a Ponte Preta ou com o Guarani. A Ponte Preta foi campeã em 1935, 36, 37, 40, 44, 47 e 48 (já com o time de aspirantes). Já o Guarani conquistou os certames de 1938, 39, 41, 42, 43, 45 e 46. Nesse período, o único campeonato campineiro que foi vencido por outra equipe foi o de 1917, quando então o S.C.White Team sagrou-se campeão.

Nos dias 23 de agosto de 1942 e 31 de janeiro de 1943, o antigo Estádio da Mogiana, denominado Dr. Horácio Antônio da Costa, foi palco para outras duas partidas memoráveis, ambas pelos Campeonatos Campineiros de 1942 e 1943, respectivamente. Na primeira partida, o Guarani goleou a Ponte Preta por 4 a 1. No segundo embate, os alvinegros se vingaram aplicando uma goleada com o mesmo placar. E, ainda em 1943, no dia 7 de setembro, a Ponte Preta aplicaria nova goleada: 4 a 0, no Estádio do Guarani F.C., pela Série "Confraternização Especial".

No dia 18 de outubro de 1946, foi disputado no Estádio do Guarani F.C., o último dérbi entre os times principais de Ponte Preta e Guarani pelo Campeonato Campineiro[256]. E o Guarani derrotou o rival por 3 a 0. Os jogadores da Ponte Preta, indignados com dois supostos gols irregulares, se retiraram da partida. A partir do ano seguinte, Ponte Preta e Guarani passariam a disputar o Campeonato Paulista (ingressando ambos na II Divisão ou a Divisão de Acesso), já organizado pela recém fundada Federação Paulista de Futebol, a F.P.F..

Nessa última partida realizada pelo Campeonato Campineiro, em outubro de 1946, ocorreu um dos episódios mais marcantes da história do dérbi, que ficou conhecido como o "dérbi do seqüestro do árbitro". Além dos jogadores pontepretanos terem abandonado o campo de jogo, irritados com o placar de 3 a 0 para o Guarani, alguns torcedores

---

[255] A primeira transmissão radiofônica do Brasil aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, e transmitiu-se o discurso do então presidente Epitácio Pessoa. E em Campinas, as primeiras transmissões radiofônicas, ainda em caráter experimental, ocorreram no dia 22 de junho de 1930, pela Rádio Clube de Campinas.

[256] Ambas as equipes ainda jogariam por muitos anos o Campeonato Campineiro, organizado pela Liga Campineira de Futebol, L.C.F., mas com suas agremiações de aspirantes e juvenis.

pontepretanos foram no dia seguinte à casa de Aldo Bernardi, o árbitro da partida, que morava em São Paulo. Os torcedores queriam tirar satisfações e o acusaram de ter sido subornado para beneficiar o Guarani. Como Aldo Bernardi negou a acusação, esses torcedores resolveram levá-lo até a sede do clube. Lá, chamaram um delegado para interrogar o acuado árbitro, que negou tudo novamente. Aldo Bernardi foi liberado, mas nunca mais apitou um jogo da Ponte Preta.

O Guarani jogou três anos na II Divisão, subindo para a I Divisão em 1949, disputando o certame principal no ano seguinte portanto. O Guarani foi o segundo time a conquistar o direito de disputar a I Divisão (o pioneiro foi o E.C. XV de Novembro de Piracicaba, em 1948).[257] O time bugrino nunca mais cairia para a II Divisão, até o recente ano de 2001.

E a Ponte Preta, nesses primeiros anos de Federação Paulista de Futebol, jogou quatro anos na II Divisão, de 1947 a 1950, até conseguir subir para I Divisão em 1950, ingressando na divisão principal do futebol paulista no ano seguinte portanto. Porém a Ponte Preta, ao contrário do Guarani, caiu para a II Divisão em três oportunidades. O time disputou a II Divisão nos períodos de 1961 a 1969, de 1988 a 1989 e de 1996 a 1999.

Voltando à década de 40, o Guarani devolveria a goleada[258] sofrida em 1943, cinco anos depois, num dos mais fantásticos jogos da história do dérbi. Foi em 1948, no dia 28 de abril, quando, além do dérbi em si, um jogo inesquecível, a partida trazia uma novidade. Realizada no Estádio da Mogiana, pela Taça Cidade de Campinas, foi o primeiro dérbi disputado à noite, com iluminação artificial. A Ponte Preta fez 2 a 0 no primeiro tempo, jogando diante de um frágil Guarani. Tudo indicava que a Ponte Preta voltaria para o segundo tempo e ampliaria o placar. Desenhava-se naquela noite uma goleada dos alvinegros. E a goleada de fato aconteceu, mas...

No intervalo do jogo, o então presidente do Guarani, Dr. Romeu Tortima, numa atitude paternalista e com o seu cinto em mãos, ameaçou surrar seus jogadores. Os jogadores alviverdes "entenderam" o "puxão de orelhas". O time voltou para o segundo tempo, e com muita raça e eficiência, marcou cinco gols, liquidando a Ponte Preta, numa das maiores goleadas da história dos dérbis. Ao final da partida, o então presidente da Ponte Preta, Ayrton José do Couto, indignado com a reação do maior rival, demitiu o técnico Agnelli. Percebe-se aqui que a tradição de demitir treinadores no Brasil por derrotas como essa é antiga. O futebol brasileiro era, como hoje, uma modalidade de momento, dominada por caprichos de pessoas fortes dentro dos clubes, com nuanças de amadorismo.

Também no ano de 1948 aconteceria o primeiro dérbi no Estádio Moisés Lucarelli, que havia sido inaugurado naquele mesmo ano.[259] E o Guarani, para atiçar a rivalidade,

---

[257] O E.C. XV de Novembro de Piracicaba é na realidade bicampeão da II Divisão nesse ano, pois em 1947, a equipe já havia conquistado o Campeonato Paulista da II Divisão, mas não subiu para a I Divisão, pois não havia ainda sido estabelecida a Lei do Acesso, que garantia ao campeão o direito de disputar a I Divisão.

[258] Tenho enfatizado algumas goleadas, pois são elas que alimentam, muitas vezes, uma rivalidade e a tradição de um clássico, tornando-se marcos dessa história do embate entre os clubes.

[259] Foi inaugurado em 12 de setembro de 1948 em partida pelo Campeonato Paulista da II Divisão entre os anfitriões, a Ponte Preta, e o E.C. XV de Novembro de Piracicaba, então campeão do interior de 1947 e que viria a ser o campeão da II Divisão nesse ano de 1948. O jogo estava marcado para acontecer no Estádio Dr Horácio Antônio da Costa, a Mogiana, mas como o estádio ficou pronto antes do previsto, a

venceu o rival por 1 a 0 em seu território. A partida foi pela II Divisão do Campeonato Paulista daquele ano.

Mas essa partida entre Ponte Preta e E.C. XV de Novembro de Piracicaba tem um significado especial para a rivalidade do dérbi. Guarani e Ponte Preta, além do time piracicabano estavam disputando o Campeonato Paulista da II Divisão. No final da competição, a Ponte Preta já estava desclassificada, ao contrário do Guarani, que disputava diretamente com o E.C. XV de Novembro de Piracicaba o direito de subir para a I Divisão. Mas, o Guarani dependia de uma vitória da Ponte Preta diante do time de Piracicaba, no dia 12 de setembro de 1948, na inauguração do estádio pontepretano, o Moisés Lucarelli. A Ponte Preta surpreendentemente perdeu por 3 a 0, o que eliminou o Guarani. E também, surpreendentemente, os jogadores Gaspar e Gaiola perderam dois pênaltis para a Ponte Preta, cuja torcida comemorou muito a derrota. Para o bugrinos, até hoje, já como uma lenda, os pontepretanos "entregaram" o jogo.

Em julho de 1952, aconteceu um torneio chamado de Triangular do Majestoso, apelido carinhoso dado pelos pontepretanos ao Estádio Moisés Lucarelli. Nesse torneio, a Ponte Preta sagrou-se campeã. Além de vencer o Bangu A.C. do Rio de Janeiro (RJ), um dos convidados para a competição, o time goleou por 4 a 0 o rival Guarani num dérbi que ocorreu no dia 6 de julho.

No ano seguinte, 1953, realizou-se um torneio semelhante, de novo no Moisés Lucarelli, o Quadrangular do Majestoso. Para essa competição foram convidados dois times tradicionais do Rio de Janeiro (RJ), o América F.C. e o São Cristóvão F.R., potências do futebol carioca da época. A quarta equipe era o Guarani. Além de ver o São Cristóvão F.R. ser campeão após duas vitórias, sobre América F.C. e Ponte Preta, ambas por 1 a 0, os pontepretanos ainda tiveram que engolir uma goleada do rival, 5 a 2, aplicada no dia 29 de março. E pior, dentro do seu território.

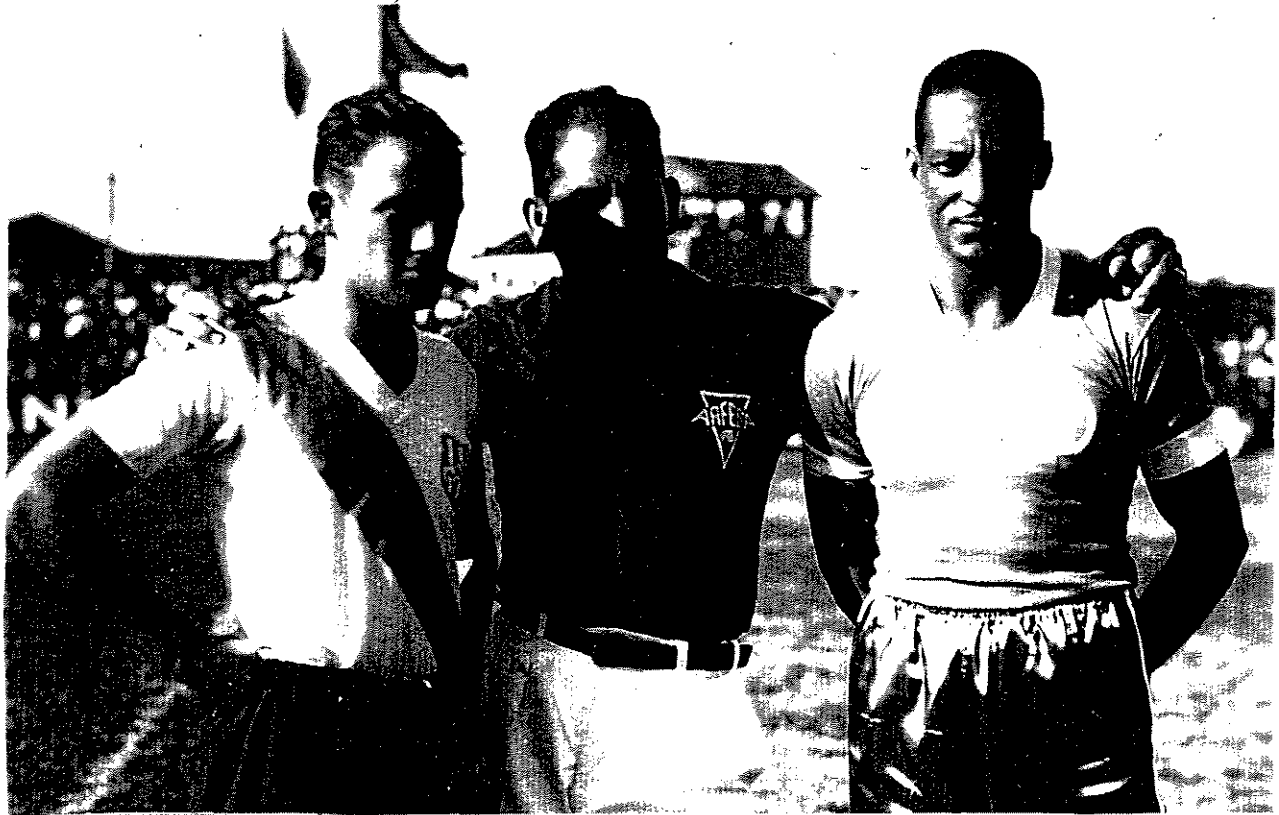
Mas a vingança viria ainda em 1953 e de forma especial. No primeiro dérbi realizado no novo estádio do Guarani, o Estádio Brinco de Ouro da Princesa, no dia 7 de junho de 1953, pela Taça Cidade de Campinas, a Ponte Preta venceu a peleja por 3 a 0. O estádio fora inaugurado naquele mesmo ano. Assim, curiosamente, para apimentar a rivalidade, no primeiro dérbi disputado em seus respectivos estádios, Ponte Preta e Guarani perderam para o maior rival em casa ou venceram o maior rival como visitante.

A Ponte Preta repetiria a dose no campo do rival, vencendo o dérbi realizado em 22 de agosto de 1954 por 4 a 0. Quase um ano depois, no dia 28 de agosto de 1955, o Guarani goleou a Ponte Preta por 5 a 1, em partida realizada no Brinco de Ouro da Princesa. Outra goleada aconteceria no dia 13 de janeiro de 1957, no Estádio Moisés Lucarelli, 4 a 1 para a Ponte Preta. Todas essas partidas foram pelo Campeonato Paulista.

Ponte Preta resolver mandar a partida em seu novo estádio. O time de Campinas perdeu o embate por 3 a 0, gols de Sato, Gatão (de pênalti) e Picolino, todos na etapa inicial de jogo. O Guarani ocupava no certame a segunda posição ao lado do E.C. Taubaté. Essa partida entrou para a história da rivalidade entre Ponte Preta e Guarani como um dos jogos mais lendários, pois até hoje os bugrinos acusam os pontepretanos de entregarem o jogo para prejudicar o Guarani. A Ponte Preta, ao longo da partida, chegou a perder dois pênaltis através de Gaspar e Gaiola. O último, antes de falecer em 1991, disse que não errou de propósito e além disso, segundo ele, ainda tinha muitas rodadas pela frente e nada estava definido. Em outras palavras, a Ponte Preta não entregou o jogo e não foi por essa vitória do alvinegro piracicabano que o Guarani perdeu a chance de conquistar o certame daquele ano e subir para a I Divisão, o que conseguiria no ano seguinte, em 1949, e a Ponte Preta em 1950.

Nesse mesmo ano, 1957, em 19 de maio, o Guarani devolveria a goleada, vencendo em seu estádio a Ponte Preta por 3 a 0, pela Taça Amizade.

(Foto de cima: Antes de um Dérbi, Bruninho da Ponte Preta e Pavimi do Guarani confraternizam com o árbitro Hummel Guimarães. Foto de baixo: Ponte Preta e Guarani posam juntos antes de um Dérbi. Acervo João Bosco Panattoni.)





Pelo Campeonato Paulista, no dia 10 de agosto de 1958, em pleno Estádio Brinco de Ouro, a Ponte Preta aplicou uma goleada no Guarani por 4 a 1. Mas num amistoso realizado em 5 de junho de 1960, o Guarani, em seu território, aplicou aquela que seria a maior goleada da história dos dérbis: 6 a 0. Nesse mesmo ano, pelo Campeonato Paulista, o Guarani obteve uma outra vitória avantajada em seu território: 3 a 0. Para piorar a fase pontepretana, a equipe seria rebaixada para a II Divisão nesse ano de 1960, onde permaneceria por quase dez anos.

Com o rebaixamento da Ponte Preta, Campinas ficaria sem dérbi por seis anos. O próximo dérbi só aconteceria no dia 24 de julho de 1966, pela Taça Amizade. A Ponte Preta, jogando em seu estádio, venceu o Guarani por 1 a 0.

Em 1969, a Ponte Preta retornou à I Divisão do Campeonato Paulista. E no ano seguinte, a cidade voltava a ter um dérbi pelo certame. O jogo aconteceu no Estádio Moisés Lucarelli no dia 15 de fevereiro. Houve um empate sem gols, placar raro ao longo da história do confronto entre as duas equipes.

Ponte Preta e Guarani viveriam o melhor momento de suas histórias na década de 70, quando conseguiram importantes conquistas e uma projeção nunca antes atingida por nenhum time do interior. A cidade de Campinas, em 1978, seria chamada de a "capital do futebol". Os dérbis passaram a ser jogos de grande interesse fora de Campinas. O dérbi campineiro era uma atração para todo o país. E houve, nesse período, muito equilíbrio nas pelejas disputadas por Ponte Preta e Guarani.

Foi nesse período que Ponte Preta e Guarani, em função de seus retrospectos nos principais certames do país, os campeonatos Paulista e Brasileiro, tornaram-se times "grandes", posicionando-se perto dos "gigantes" do nosso futebol. Apesar de alguns momentos ruins ao longo desses últimos trinta anos, Ponte Preta e Guarani sempre estiveram entre os melhores times do país, e não raras vezes, disputando títulos. Os outros times do interior não alcançaram tal façanha ou não permaneceram tanto tempo em evidência, nem mesmo os grandes de muitas capitais brasileiras, que são grandes vencedores de seus certames estaduais. Ponte Preta e Guarani posicionaram-se assim ao lado de grandes times como Sport C. Recife (PE), C. Náutico C. (PE), Santa Cruz F.C. (PE), E.C. Bahia (BA), E.C. Vitória (BA), Ceará S.C. (CE), Fortaleza E.C. (CE), América F.C. (MG), América F.C. (RJ), Bangu A.C. (RJ), Coritiba F.C. (PR), C. Atlético Paranaense (PR), etc...

O auge do prestígio do futebol campineiro ficou bastante claro em dois momentos, quando as duas equipes decidiram o II turno do Campeonato Paulista de 1978 e fizeram uma das semifinais do certame no ano seguinte. Na competição de 1978, a decisão ocorreu na noite do dia 27 de junho de 1979, no Estádio Moisés Lucarelli. Houve um empate em 1 a 1. A Ponte Preta sagrou-se campeã do II turno do Campeonato Paulista por ter realizado melhor campanha. Porém a Ponte Preta caiu no III turno, terminou em terceiro lugar em seu grupo. O Guarani, ao contrário, foi o primeiro colocado do seu grupo, classificando-se para a fase semifinal. Mas perdeu a vaga na final para o Santos F.C., que seria o campeão paulista de 1978, numa decisão diante do São Paulo F.C.. Pelo certame de 1979, em duas partidas realizadas em janeiro de 1980, dias 27 e 30, a Ponte Preta venceu o Guarani pelas semifinais respectivamente por 2 a 1, no Estádio Moisés Lucarelli, e 1 a 0, no Estádio Brinco de Ouro da Princesa. A Ponte Preta decidiu o título

com o S.C. Corinthians P. em três partidas, mas não superou a equipe da capital, que se sagrou campeã, como já ocorrera em 1977.

Em 1981, Ponte Preta e Guarani voltariam a decidir uma fase do Campeonato Paulista, o I Turno. Foram duas partidas. No primeiro embate, em 1° de agosto, no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, houve empate em 1 a 1. Quatro dias depois, no dia 5, no Estádio Moisés Lucarelli, a Ponte Preta venceu o Guarani por 3 a 2, conquistando o I Turno do Paulistão 81, o que lhe garantiu vaga na decisão do campeonato contra o campeão do II Turno, que viria a ser o São Paulo F.C.. Mais uma vez, o time de Campinas não conseguiu vencer um time da capital numa decisão do certame paulista. O segundo dérbi dessa decisão foi considerado pela imprensa escrita em geral, principalmente a campineira, o "melhor dérbi de todos os tempos".

Essa fase de sucesso do futebol campineiro rendeu aos seus dois times muitas conquistas importantes. A Ponte Preta foi vice-campeã paulista em 1970, 1977, 1979 e 1981, e terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de 1981, além do título de campeã do I Turno do Campeonato Paulista em 1978. O Guarani foi campeão brasileiro em 1978, vice-campeão brasileiro em 1986 e 1987 e vice-campeão paulista em 1988.

Em meio a esse período de glórias e dérbis equilibrados, a Ponte Preta venceu o rival num dérbi disputado no Estádio Moisés Lucarelli em 20 de julho de 1980 por 3 a 0. O jogo foi pelo Campeonato Paulista. Outra vitória pontepretana por 3 a 0 aconteceria em 9 de junho de 1985, de novo pelo Campeonato Paulista e desta vez no campo do rival.

Mas em 1987, a Ponte Preta cairia novamente para a II Divisão. Isso gerou um jejum de dérbis que durou até 1990, quando houve um empate sem gols no Estádio Brinco de Ouro em 18 de março, pelo Campeonato Paulista. Também aconteceria nesse ano de 1987, no dia 3 de maio, a última vitória da Ponte Preta num dérbi. Foi por 2 a 0 e a partida, válida pelo Campeonato Paulista, aconteceu no Estádio Brinco de Ouro. Desde então, a Ponte Preta nunca mais venceu o Guarani, num tabu que já dura 14 anos. Foram 13 jogos, com 7 empates e 6 vitórias do Guarani. Na última partida disputada pelas equipes, no dia 21 de outubro de 2001, pelo Campeonato Brasileiro, houve empate em 1 a 1, com gols de Macedo para a Ponte Preta e Sangaletti para o Guarani, todos ainda na etapa inicial da partida.[260]

No retrospecto geral do dérbi, foram disputadas 171 partidas. O Guarani tem 60 vitórias contra 54 vitórias da Ponte Preta. E ainda, 56 empates. E para incrementar a rivalidade, ainda existe uma partida, cujo resultado é desconhecido. O Guarani também é a equipe que mais gols marcou, 232 contra 218 da Ponte Preta, numa diferença de 14 gols.

A duas maiores goleadas da história do confronto também pertencem ao Guarani, 6 a 0 em 1960 e 5 a 1 em 1955. Abaixo disso, a Ponte Preta goleou o Guarani por 4 a 0 em três oportunidades, em 1943, 1952 e 1954. Placares de 5 a 2 aconteceram três vezes, em 1936, 1948 e 1953, sendo a primeira uma vitória pontepretana e as outras duas bugrinas.

---

[260] Os tabus também são marcos do universo do futebol. Muitas rivalidades surgem ou são acirradas diante dos tabus. A manutenção de tabus ou a quebra deles é considerada e encarada como momentos especiais e históricos pelos times, torcedores e principalmente pela imprensa, que vê nos tabus boas pautas para a cobertura futebolística ou esportiva. "Tabu", palavra que vem da cultura polinésia, e que significa "sagrado" ou "invulnerável", tem para o futebol o sentido de algo ou condição, como nunca perder ou nunca vencer, que se mantém por algum tempo longo.

VII - A IMPRENSA E O FUTEBOL: IMPRENSA ESCRITA E O DÉRBI

VII - 1. A imprensa no Brasil: origens

A imprensa chega ao Brasil junto com a família real em 1808[261]. Ela foi uma invenção renascentista, um instrumento que foi peça para a construção de uma noção de "mundo novo" na época[262]. Assim, para a Corte Portuguesa, no início do século XIX, não se tratava de nenhuma novidade, pois na Europa, a imprensa já era uma atividade comum.[263] Mas para a então colônia, a imprensa era uma novidade.[264] E além dela e de cerca de 15 mil portugueses "fujões"[265], a família trouxe de Portugal os costumes e o refinamento do "Velho Mundo". Afinal, a Corte não poderia se estabelecer numa simples e mal estruturada colônia. Escolas, museus e outras "novidades" também desembarcaram aqui.

O primeiro jornal trazido para o Brasil foi o português *Voador*, que aqui chegou através de marinheiros que aportaram na Guanabara em 14 de janeiro de 1808. Chegou junto com a família real portuguesa. Nesse mesmo ano, em 1808, surgem os dois primeiros jornais brasileiros. Em junho surgia o *Correio Braziliense*, o primeiro a circular no país - era produzido em Londres - e, em setembro, surgia a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro a ser impresso no Brasil. A *Gazeta do Rio de Janeiro* era um semanário de 4

---

[261] A Corte Portuguesa aqui permaneceu até 1821, quando então retornou a Portugal.

[262] Embora na Idade Média pudesse se encontrar tipos de "jornais", como os jornais murais ou os lidos pelos representantes do rei para seus súditos, o jornal ou imprensa, nos moldes do jornal de hoje, é uma criação do período moderno, ocorre como fruto da urbanização e industrialização de algumas regiões européias. E a imprensa como sinônimo de jornalismo é algo ainda mais recente, sendo a palavra "imprensa" uma referência à máquina que produzia os primeiros livros e jornais.

[263] MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita - História do livro, da imprensa e da biblioteca*, Série Temas, volume 49, Editora Ática, São Paulo, SP, 1998, pp. 287-298.

[264] O primeiro livro impresso em Portugal foi o "Livro do Caminho da Vida", de Jacob ben Ascer, em 1481. Na passagem do século XV para o século XVI, o então rei de Portugal, D. Manuel, incentivou o desenvolvimento da arte tipográfica no reino. Os tipógrafos gozaram no período de grande prestígio junto à Corte Portuguesa. Portugal levou esse ofício para suas colônias, entre as quais o Brasil. A primeira oficina tipográfica no Brasil data de meados do século XVIII, que entre outros materiais, produzia basicamente cartas da metrópole para a administração da colônia. In MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita - História do livro, da imprensa e da biblioteca*, Série Temas, volume 49, Editora Ática, São Paulo, SP, 1998, pp. 295-322.

[265] A fuga se deu devido à invasão do território português em novembro de 1807 pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Por não aderir ao bloqueio continental, e tampouco pouco cortar relações com a Inglaterra, aliada histórica de Portugal, a Corte lusitana foi ameaçada pela França de Napoleão, então inimiga dos ingleses. A Inglaterra também havia ameaçado Portugal, caso os portugueses demonstrassem simpatia pelas exigências de Napoleão Bonaparte. Ameaçavam inclusive tomar de Portugal sua maior colônia, o Brasil, além de atacar sua capital, Lisboa. A Corte Portuguesa, sem saída, fugiu às pressas de Portugal, deixando para trás uma população enfurecida e desapontada com seus governantes ante o perigo do Império Francês. Dom João, então regente do reino, já que sua mãe, a rainha Maria I, não tinha condições de governar, fugiu inclusive disfarçado de criada para não ser reconhecido. O que de fato deve não ter sido fácil, já que sua esposa, Carlota Joaquina, que se recusava a vir ao Brasil, precisou ser carregada aos berros até o navio. Aliás, quando retornou a Portugal, Carlota Joaquina limpou os pés e disse "dessa terra não quero nem o pó..." In FAUSTO, *Boris. História do Brasil*, Edusp, São Paulo, SP, 2000.

páginas, produzido por oficiais da Corte, e trazia notícias da Europa com cerca de dois meses de atraso. O Rio de Janeiro foi portanto o local de origem da nossa imprensa.

Em centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a imprensa logo se estabelece. Muitos jornais são criados. A característica fundamental desses primeiros veículos de comunicação é a crítica e atuação política. O crescimento da atividade jornalística no Brasil cresce simultaneamente com as atividades intelectuais e políticas. Afinal, agora o governo metropolitano estava no Brasil.

Mantendo-se a característica de abordagens políticas e sobre economia, muitos jornais aparecem principalmente na primeira metade do século XIX, momento que o Brasil, ainda uma monarquia, passa a ser palco de uma efervescente atividade política. Essa atividade no Império pode ser dividida basicamente em duas grandes vertentes, os favoráveis ao Império e à monarquia, e os favoráveis à República e ao fim do regime monárquico. Foi com a independência do Brasil, ainda na primeira metade do século XIX, que alguns jornais surgiram com posturas contrárias ao Império e à monarquia.

Nessa época, entre os jornais críticos ao regime, aparecem com destaque alguns veículos, como O *Revérbero Constitucional Fluminense*, *Correio do Rio de Janeiro*, O *Republicano* e *Observador Constitucional*. A partir da segunda metade do século XIX, os jornais mantêm-se com abordagens fundamentalmente políticas. Mas começa também a haver um espaço maior para outras atividades sociais e culturais da época. Por exemplo, o *Correio Mercantil* publica entre 1852 e 1853, em capítulos nas suas páginas o romance "Memórias de um Sargento de Milícias", de Manuel Antônio de Almeida. O *Diário do Rio de Janeiro* publica em 1857 a obra "O Guarani", de José de Alencar, e o mesmo acontece com outras obras, hoje clássicos da nossa literatura. Nesse momento também surgem no Brasil as primeiras revistas.

A partir de 1870, a imprensa brasileira retoma as velhas discussões da época da independência. Chega a se engajar em lutas políticas nacionais, como por exemplo pela abolição da escravidão e pela proclamação da república, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre os jornais que surgem nesse período destacam-se o *A República* e o *A Província de São Paulo*, que mais tarde passaria, em 1890, a se chamar *O Estado de S. Paulo*, hoje um dos maiores jornais do país. Em 1884 surge o Diário Popular, recentemente rebatizado como *Diário de S. Paulo*. O *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro começa a circular em 1891.

Os filhos dos grandes fazendeiros, em suas viagens e estudos, bem como os próprios fazendeiros, traziam da Europa as "novas idéias" sintonizadas com o modelo de sociedade burguesa. Colégios, como o Culto à Ciência, inaugurado em Campinas em 1874 e destinado a rapazes com ideais positivistas, desempenharam bem a função de manter o modelo.

"Mais completo ideário burguês, abolicionista e republicano, produzido especialmente para os filhos da vanguarda do país, não poderíamos encontrar em outro local, senão no prestigioso Colégio Culto à Ciência, espaço privilegiado para a formação da elite, num programa que procurava ser pragmático e eficiente, dando uma visão do mundo, treinando para o exercício do poder e o trato da economia e sociedade do país." [266]

[266] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900.* Edusp, São Paulo, SP, 1996, pp. 174 - 175.

Os vários veículos de comunicação começam a se transformar em "empresas burguesas", além de também expressarem os "novos" valores e costumes burgueses. Já na passagem do século XIX para o século XX, a propaganda ou anúncios se tornam uma das mais importantes fontes de lucro dos jornais.[267]

No século XX, com a sociedade burguesa, industrial e urbana estabelecida, a imprensa, fruto dessa cultura, também se estabelece. Muitos jornais surgem pelo país ao longo das décadas desse século. A *Gazeta Mercantil* de São Paulo surge em 1920. O *O Estado de Minas* de Belo Horizonte surge em 1928. O *Notícias Populares* de São Paulo surge em 1963, e passa a se chamar *Agora São Paulo* em 2001. O *Zero Hora* de Porto Alegre surge em 1964. O *Jornal da Tarde* de São Paulo surge em 1966. E poderia aqui citar muitos outros. Todos esses ainda circulam pelos principais centros urbanos do país. E entre esses importantes jornais também podem ser citados os campineiros *Diário do Povo* de 1912 e principalmente o *Correio Popular* de 1927, que está entre os vinte maiores jornais do Brasil, com uma tiragem de quase 40 mil exemplares diários. O jornal de maior circulação hoje é *A Folha de S. Paulo*, com cerca de 450 mil exemplares diários.[268]

Na década de 80 do século XX, com os avanços tecnológicos, cria-se a possibilidade de proliferar assessorias de imprensa e agências de notícias. A informatização possibilita também uma dinâmica maior e uma melhor qualidade gráfica. O computador substitui a máquina de escrever nas redações e as novas máquinas produzem mais jornais em menos tempo. Isso possibilita a introdução de um número grande de suplementos e de cadernos, o que divide o jornal em áreas, seções ou temas. Os esportes ganham um caderno próprio.

E nos anos 90, os jornais crescem tanto que começam a oferecer outros produtos associados aos jornais, como brindes, promoções, etc. Enciclopédias, livros, atlas, CDs, etc, são exemplos desses produtos.

Embora já existissem revistas há muitas décadas, foi a partir da década de 1950 que começam a surgir inúmeras revistas pelo país, publicadas por editoras que surgiam naquela época, como a *Bloch*, fundada por Adolpho Bloch em 1954, a *Abril*, fundada por Victor Civita em 1950. Antes desse período, destacou-se a revista semanal ilustrada *O Cruzeiro*, que nos anos 50 chegou a uma tiragem de mais de 750 mil exemplares semanais. Ela foi fundada por Assis Chateaubriand e começou a circular em 10 de novembro de 1928. A revista *O Cruzeiro* circulou até 1975, ressurgiu com outros donos em 1979, desaparecendo definitivamente em 1981.

As organizações *Globo*, em atividade desde 1925, quando compraram o jornal *O Globo*, também são exemplos das editoras que surgiram na década de 50. A *Bloch* começou a publicar em 1952 a revista *Manchete*. A *Abril* investe inicialmente em quadrinhos com a publicação de "Pato Donald" em 1950, e lança também, em 1952, a revista *Capricho*. De 1966 a 1976, a *Abril* lança a revista *Realidade*, que faria muito sucesso, e em 1968, a editora começa a publicar a revista *Veja*. Com sede em São Paulo, é

---

[267] Atualmente existem inúmeros jornais que são mantidos ou sustentados unicamente por anúncios e propagandas. São distribuídos inclusive gratuitamente. Exemplo: *Folha do Taquaral*, que se mantém com os anúncios do comércio local, e embora não atinja a cidade toda, engloba cerca de 15 bairros.

[268] *Almanaque Abril*. Editora Abril, São Paulo, SP, 2001.

lançada a revista *Senhor* em 1975. E, em 1976, é lançada a revista *Isto É*, também com sede em São Paulo, e que, de 1988 a 1992, ~~fundiu-se com~~ a revista *Senhor*, passando a se chamar nesse período de *IstoÉSenhor*. E mais recentemente, na última década do século XX, a *Globo* lançou a revista *Época*, para concorrer com a *Veja* e a *Isto É*.

VII - 2. Imprensa em Campinas: origens

Em Campinas, a imprensa aparece cinqüenta anos depois da imprensa chegar ao país. Em 1858, surge o primeiro jornal da cidade, o *Aurora Campineira*. A primeira edição do jornal saiu no dia 4 de abril. Era semanal e circulava aos domingos. Para a feitura do *Aurora Campineira*, utilizou-se a tipografia de Hércules Florence, que começou a montá-la em 1832, quando Campinas ainda era Vila de São Carlos.[269]

Para publicar o *Aurora Campineira*, ~~foi nesse mesmo ano de 1858 que~~ dois irmãos, João Teodoro de Siqueira e Silva e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, resolveram comprar a tipografia de Hércules Florence. E a partir da aquisição, passaram a publicar o *Aurora Campineira*. João Teodoro de Siqueira e Silva foi o primeiro jornalista profissional da cidade.[270] Dois anos depois, o *Aurora Campineira* é transformado em órgão oficial do então Partido ~~Conservador, passando a~~ ser então ~~chamado~~ de *O Conservador*, que dura apenas seis meses.[271] Não apenas o nome mudou, mas o jornal realmente se transformou noutro. Depois dele, Campinas ficaria sem um jornal por quase uma década.

O *Aurora Campineira*, curiosamente, nasce como um jornal bastante crítico, contribuindo muito para a formação de uma consciência crítica em relação à sociedade moderna. E embora suas críticas se voltassem para a ineficiência do próprio modelo de sociedade burguesa, o que revoltou muitos poderosos da época, o jornal não poderia jamais ser classificado como popular. Não representava um instrumento do povo, mas sim da própria burguesia, principalmente depois que se transformou no *O Conservador*.

Somente em 1869 a cidade voltaria a ter um jornal. No dia 31 de outubro foi fundada *A Gazeta de Campinas*, cuja redação se localizava na antiga Rua de Baixo, atual Rua Luzitana. Um dos mais importantes e com maior destaque na época, este jornal foi semanal, depois bissemanal e chegou a ser diário, parando de circular em 18 de setembro de 1890. A *A Gazeta de Campinas* fez a cobertura da Guerra do Paraguai e também se caracterizou por defender a república ainda no período monárquico. Mas nos últimos anos de existência, a *A Gazeta de Campinas*, comandada pelo redator-chefe Carlos Ferreira, um poeta, passou a publicar textos mais suaves e também se enveredou para o lado da literatura.

Ao contrário da *A Gazeta de Campinas*, surge em 25 de março de 1874 o *O Constitucional*, cujas palavras de ordem eram "Deus e Pátria". Esse jornal se caracterizou por ser bastante católico e defensor da monarquia. De vida muito curta, *O Constitucional* durou somente até 1876. Outro jornal que surgiu na época, porém de caráter menos

---

[269] MARIANO, Julio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972, pp. 21 - 25.

[270] MARIANO, Julio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972. pp. 22.

[271] Segundo Julio Mariano, o O Conservador dura dez meses.

partidário e mais suave, foi o *A Mocidade*, que começou a circular em 1° de maio de 1874. E em 19 de setembro de 1875, aparece outro jornal de grande destaque e projeção na época, o *Diário de Campinas*, que circularia até 1901. Em 22 de junho de 1881, começa a circular também o *O Opinião Liberal*.

O jornalista nascido em Portugal Henrique de Barcelos [272] dirigiu o *Correio de Campinas*, que começou a circular em 1° de janeiro de 1885, e fundou posteriormente, em 1° de setembro de 1900, o *Commercio de Campinas*, que foi durante as duas primeiras décadas do século XX, um dos principais jornais da cidade, circulando até o final de 1920, nove anos depois da morte de Henrique Barcelos.[273] O *Correio de Campinas* circulou até dezembro de 1919. E outro jornal, *Cidade de Campinas*, começa a circular em 27 de dezembro de 1896, e pára de circular em 31 de dezembro de 1915.

A partir de 1875, a atividade jornalística na cidade ganhou um enorme impulso. Surgiram muitos jornais. Um último exemplo de jornal nascido antes do alvorecer do século XX, foi o *Sensitiva*, que começou a circular em 1873, e que era dedicado somente à literatura.[274]

Percebe-se que nesse final de século XIX e início de século XX, como na maioria das cidades brasileiras, muitos jornais nasceram e se extinguiram. O interessante é que todos eles estavam de alguma forma relacionados. As pessoas que lideravam a fundação de um jornal, também participavam da fundação de outros. Jornalistas famosos da época migravam de um órgão de imprensa para outro.

"Interessante é constatar, na história da imprensa campineira, nesse agitado período de fim de um século e alvorecer de outro, como os nomes vão e vem, se entrecruzando, se embaralhando, na existência de quantos jornais por aqui surgiram..."[275]

A maioria desses jornais, além de abordagens políticas e econômicas, também trazia uma descrição do movimento social e cultural da cidade. Entenda-se a descrição das atividades sociais e culturais da elite campineira. Alguns jornais publicavam notícias ou notas referentes ao campineiro pobre e comum, ou a algum serviço ou atividade dessas camadas mais baixas da sociedade campineira.

Mas de maneira geral, apesar de haver publicações de naturezas diversas, os jornais publicavam notícias do dia a dia da cidade, notícias de caráter científico (médico ou agrícola), além de artes e literatura, e também publicavam notas e textos de sátira e

---

[272] Segundo Julio Mariano, "indiscutivelmente o mais completo jornalista da época". In MARIANO, Julio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972. pp. 35-36.

[273] Enquanto Henrique Barcelos esteve no comando, o Commercio de Campinas talvez tenha sido o jornal de Campinas mais atuante de sua época. Embora fosse um jornal que expressava os valores e costumes da burguesia, ele também muito se aproximou da população mais pobre da cidade. Principalmente quando iniciava em suas páginas algum debate de cunho social, questionando governos e medidas tomadas pelos poderosos.

[274] A lista é ainda muito maior, como descrito em: LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900*. Edusp, São Paulo, SP, 1996.

[275] MARIANO, Julio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972. pp. 33-34.

humor. Mas era o noticiário político que estava presente na maioria dos jornais, e também ocupava um espaço bastante significativo nos órgãos de imprensa.

Outros veículos que ficaram bastante populares na época, foram os almanaques. Eram basicamente jornais também, mas com características diferentes, mais voltados para o atual padrão de revista, embora não fossem revistas. Os almanaques eram geralmente organizados por um jornalista. Esses periódicos começaram a ser lançados em Campinas em 1871, e possuíam textos leves e informações diversas que eram úteis para muitos leitores, como notícias ou serviços de áreas como a administração pública, saúde, ensino, justiça, polícia, além de informações de autoridades e prestadores de serviços locais, como fazendeiros, profissionais liberais, comerciantes, industriais, artistas e artesãos. Curiosamente, já nessa época, alguns dos diversos periódicos traziam seções com informações místicas e religiosas, como as fases da Lua e informações sobre os santos católicos.[276]

Também nessa época, Campinas produziu uma imprensa independente e irreverente. Jornais como o *Petiz-Jornal*, que circulou de 1879 a 1881, e *O Vigilante*, que circulou em 1882, traziam "fofocas" e críticas apimentadas sobre qualquer pessoa, fosse rico ou pobre, senhor ou escravo, fazendeiro ou burguês.

Para a cultura campineira, e em geral do país, esses pioneiros veículos do jornalismo significaram o único meio de comunicação e interação entre muitos grupos da sociedade da época, como cientistas, professores, poetas, escritores, políticos e jornalistas. Transformaram-se no espaço ideal para o debate social e cultural da época, o que ajudou de forma significativa e fundamental na formação de leitores e pessoas ativas na vida pública da cidade, da província e até do Brasil. Isso fomentou a participação crítica da sociedade, o que contribuiu para a formação de uma sociedade atualizada e ativa, enriquecendo cultural e socialmente a cidade de Campinas.[277]

"Na verdade, a crônica da imprensa campineira do Segundo Reinado revela um jornalismo agitado, no qual a dimensão literária, o sectarismo político, a crítica social promovem um engajamento marcado pelos freqüentes empastelamentos, aos quais praticamente nenhum jornal escapou. De qualquer maneira, a imprensa local conseguiu reunir e abrigar uma fração das mais significativas da inteligência da cidade. Formou uma massa crítica, capaz de adestrar-se na vigilância ao poder público e ao comportamento dos cidadãos, o que potencializaria esse conjunto de intelectuais a assumir também, em não poucos casos, a militância política em dimensões municipais, provinciais e nacionais."[278]

O advento da imprensa em Campinas impulsionou as atividades culturais e intelectuais. E também ajudou na proliferação de muitas organizações. Sociedades voltadas para o ensino e para o lazer foram criadas, principalmente por comunidades de

---

[276] MARIANO, Julio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972.

[277] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900*. Edusp, São Paulo, SP, 1996. pp. 181.

[278] LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade - Os Cantos e os Antros - Campinas 1850 - 1900*. Edusp, São Paulo, SP, 1996. pp. 181.

imigrantes. Os alemães, por exemplo, criaram logo após o surgimento da imprensa em Campinas, escolas e sociedades de ensino e interação cultural.

VII - 3. A Imprensa de Campinas no início do século XX

Nas duas primeiras décadas do século passado, o jornalismo passou a ser uma atividade bastante ativa e de grande projeção. As redações de jornais e revistas se impregnaram de um "espírito modernizador". Era comum encontrar intelectuais, literatos, quase todos jornalistas, em livrarias, cafés e bares, locais que abrigaram os membros mais significativos da vida cultural campineira.

A imprensa significou um canal direto com a sociedade para que a vida literária e as idéias de muitos intelectuais pudessem ser expressas. A elite cafeeira e industrial campineira utilizou órgãos de imprensa, já naquela época, como instrumentos de manutenção e transmissão de sua ideologia. Entre esses se pode destacar principalmente o *Diário do Povo*, a *Gazeta de Campinas* e também o *Correio Popular*, que surgiu já em meados da década de vinte. Outro jornal que também transmitia a ideologia dominante era o *Mensageiro*, um jornal católico, que além de assuntos religiosos, também publicava acontecimentos artísticos, crônicas literárias e informes políticos. O *Mensageiro*, em janeiro de 1924, foi substituído pelo *A Tribuna*, órgão da Diocese de Campinas.

Na década de 20, a já significativa imprensa campineira amplia e difunde seu espaço de atuação na sociedade da cidade. Difunde-se, entre seus literatos, a idéia de um "espírito modernizador", que é transmitido e defendido principalmente pela imprensa. As redações dos jornais campineiros eram muito parecidas com as redações dos jornais de São Paulo. Os jornalistas, literatos e intelectuais, costumavam, como vimos, reunir-se em cafés e livrarias e fomentavam discussões de caráter "moderno", impulsionando a sociedade campineira.[279] Entre os pontos de encontro dos intelectuais destacavam-se a Livraria Genoud, o Café Guarani, a Charutaria do Lalá, o Éden Bar e o Bar Cristofani.[280] Os intelectuais se expressavam nesses pontos de encontro artístico e literário de Campinas e muitos deles eram jornalistas.[281]

Mas essa mesma imprensa não levou ao povo campineiro somente a ideologia da elite da época. Muitos jornais expressam a "voz" das camadas mais pobres, eram veículos que apesar de terem menor repercussão, eram igualmente relevantes para a época. Como exemplo, pode-se citar o *O Ferrão*, com grande penetração nas camadas populares, que começou a circular em 1917, e o *O Getulino*, que era um veículo que expressava a defesa dos negros e sua cultura, e que circulou até maio de 1926. Ambos, de maneira geral,

---

[279] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, nº 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP, pp. 51.

[280] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, nº 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP, pp. 54.

[281] É herança desse tempo o estereótipo de que todo jornalista tem que gostar de café ou gostar de freqüentar um bar. O chamado "intelectual" de hoje no máximo, freqüenta um Café, um local mais refinado. Já o jornalista de hoje é um assíduo freqüentador de bares. É claro que tudo isso não passa de estereótipo, mas que tem uma origem na história do início do século XX.

satirizavam os grandes acontecimentos políticos e sociais da época, sendo a elite campineira, seus costumes e atividades os maiores alvos desses jornais.

Esse período também foi marcado pelo surgimento de revistas na cidade. Entre as de maior destaque estão *A Onda*, que surgiu em 1921, e que era especializada em literatura, humor e arte. A *A Onda*, tinha em seu quadro de colaboradores letrados e escritores como Oswald de Andrade. Outras revistas eram *A Violeta*, *A Camélia*, *Campinéia*, *Os Novos*, *Ramona*, *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* e a *Revista Campineira*, que começou a circular no primeiro dia de dezembro de 1927. Essas revistas traziam, de maneira geral, matérias com acontecimentos da época, cinema, notícias das comunidades escolar e comercial, sobre religião e crítica social. Em algumas dessas revistas apareciam às vezes notas sobre esportes, e até alguns informes sobre futebol, na época iam ganhando espaço na imprensa, mas isso ocorria principalmente em jornais. Em 10 de maio de 1927, como decorrência do crescimento do número de veículos de comunicação na época, surge a Associação Campineira de Imprensa, a ACI, que em 1959 instalou o Museu da Imprensa.

Durante os primeiros anos do século XX, as grandes e principais cidades européias, como Paris na França, desfrutavam de um período de tranqüilidade social e de supremacia da burguesia na sociedade da época. Foi um momento de expansão internacional do capitalismo e de sua ideologia. Essa condição, evidentemente, não evitou o aflorar de inúmeros movimentos sociais, de manifestações da classe trabalhadora e a realização de greves. Mas de qualquer forma, a imagem difundida pela ideologia burguesa era de que a sociedade vivia um momento de prosperidade para todos.

Dessa imagem e momento projetados pela ideologia burguesa vem a expressão francesa "Belle Époque", que também se fez presente nos grandes centros urbanos do Brasil da época, como por exemplo, Campinas do início do século XX. As culturas nacional e campineira apresentavam claras influências das idéias e costumes vindos da Europa, e que expressavam principalmente as ideologias liberais, positivistas e utilitaristas. A cidade de Paris ostentava uma reputação de ser o centro universal do bem-estar, da riqueza, do conforto, do luxo. O estilo de vida parisiense tornou-se exemplo para a elite dos principais centros urbanos do Brasil. Além de mudanças no aspecto arquitetônico urbano[282] e do advento de novas tecnologias que visavam mais conforto e agilidade no cotidiano social, alguns costumes foram assimilados, como por exemplo a leitura diária de jornais, que se tornou uma obrigação, gerando na sociedade um contingente grande de letrados e intelectuais, que passaram a freqüentar bares, cafés e livrarias. Em Campinas, nos anos 20, surgiram livrarias como a Casa Genoud, a Casa Mascotti, Casa Livro Azul, Livraria de Anibal Pace, essas três contando com oficinas de impressão.[283]

---

[282] Novas construções urbanas redefiniram o visual das grandes cidades da época. Essas transformações urbanas, que expressam a opulência da burguesia, serviram de símbolo para o domínio econômico e político da classe burguesa. Algumas das principais cidades européias foram exemplos dessas transformações, que são nuanças da Belle Époque, como Viena, na Áustria. In SCHORSKE, Carl E.. *Viena Fin-de-Siècle, Política e Cultura*. Editora da Unicamp/Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

[283] RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, nº 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP, pp. 54.

Embora existisse a crítica social em textos de intelectuais da época, expressavam-se claramente e predominantemente os interesses sociais e econômicos da classe dominante. E um dos alvos para a proliferação da ideologia dominante eram os estudantes, a quem os intelectuais buscavam sensibilizar e atingir com seus textos. E conseguiram. Dessa mobilização, surgiram jornais estudantis que reproduziam a cultura e ideologia dominantes.[284]

De 1900 a 1919, Campinas possuiu cinco grandes jornais diários. São eles:[285]

* *Correio de Campinas*: circulou de 1885 até 1919;
* *Cidade de Campinas*: circulou de 1896 até 1915;
* *Diário de Campinas*: circulou de 1875 até 1901;
* *Commercio de Campinas*: circulou de 1900 a 1920;
* *Diário do Povo*: começou a circular em 1912 e está em atividade até hoje[286].

Em 1921, volta a circular a *Gazeta de Campinas*, permanecendo até 1930. Nesse período de quase dez anos, a *Gazeta de Campinas* conseguiu sucesso similar ao primeiro período em que circulou, de 1869 a 1889. Os anos 30 representaram uma transição nos veículos de imprensa campineiros. Com a industrialização e as transformações na sociedade urbana, a maioria desses jornais se extinguiu, alguns até bem antes da década de 30.

Em 1927, em 4 de setembro, começou a circular o jornal *Correio Popular*, veículo em atividade até hoje, sendo inclusive considerado um dos 20 maiores jornais do país.[287] Para esse trabalho sobre o ~~futebol em Campinas e o dérbi, os jornais *Diário do Povo* e~~ o *Correio Popular* correspondem aos principais objetos de estudo. A opção por eles se deve ao fato de serem eles, dois dos maiores jornais do país e por estarem em atividade ininterrupta desde que foram lançados até hoje. São órgãos da imprensa, portanto, que estiveram presentes basicamente em todas as transformações e principais eventos que ocorreram na cidade de Campinas no século XX, o que inclui aí todas as transformações no futebol, e em seu maior clássico, e na cobertura esportiva da cidade Campinas.

VII - 4. Imprensa em Campinas: anos 30 até hoje

Na década de 30, em 1933 surge o *Jornal de Hoje*, que duraria meros três anos, até 1936. Na década seguinte, surge um jornal chamado *A Defesa*, que durou dez anos, de 1946 a 1956. O *Jornal de Campinas* começou a circular em 1959 e parou de circular em 1965. E por fim, o *Jornal de Hoje*, que foi um dos mais recentes jornais criados na cidade, mas que durou somente três anos, circulando entre os anos de 1979 e 1981.

---

[284] NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do. Texto in *Memórias da Educação: Campinas (1850 - 1960)*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1999. pp. 34-39.

[285] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação / Diário do Povo / Correio Popular, Campinas, SP, 2000.

[286] O jornal Correio Popular começou a circular cerca de uma década depois, em 4 de setembro de 1927.

[287] *Almanaque Abril*. Editora Abril, São Paulo, SP, 1998.

Esses jornais acompanharam o período de grandes transformações urbanas pelo qual passou Campinas a partir da década 30. O planejamento e transformação do centro da cidade foram registrados por esses veículos. Eles retrataram em suas páginas, juntamente com o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, as mudanças, que transformaram Campinas de uma cidade rural e fundamentada na produção de café em uma cidade industrial.

Os principais jornais da cidade ao longo da segunda metade do século XX foram o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*. Para o estudo sobre o dérbi, além desses dois jornais, outros veículos também foram observados. São eles a *A Gazeta Esportiva*, *A Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, o *Diário Popular* e o *Lance!*, todos jornais diários de São Paulo, e todos muito "próximos" à Campinas e ao dérbi. Por estar fisicamente muito próxima a São Paulo, a cidade de Campinas sempre manteve uma grande interação com a capital, seus costumes e transformações. A vida cotidiana e a política campineira sempre foram bastante influenciadas pela vida cotidiana e política de São Paulo. Os eventos culturais e sociais paulistanos representavam uma referência ou exemplo para Campinas. Assim, para a imprensa paulistana, os eventos campineiros, como o dérbi, sempre despertaram grande interesse na capital.[288]

Segue um pequeno resumo da cobertura esportiva desses jornais e também seu alcance em relação ao dérbi campineiro. Perceberemos que além do *Diário do Povo* e do *Correio Popular*, também outros jornais, como *A Gazeta Esportiva*, o *Lance!*, e a *A Folha de S. Paulo*, realizam uma cobertura relevante do dérbi campineiro. Enquanto que outros jornais "próximos", como o *O Estado de S. Paulo* e o *Diário de S. Paulo*, não dão tanta relevância ao dérbi, embora este seja sempre uma pauta obrigatória para os cadernos de esportes desses jornais.

Os principais jornais ao longo da história de Campinas foram:

* *Aurora Campineira* (1858 - 1860)
* *O Conservador* (1860 - 1860)
* *Gazeta de Campinas* - o antigo (1869 - 1889)
* *O Constitucional* (1874 -1876)
* *A Mocidade* (1874 - 1875)
* *Atualidade* (1875 - 1875)
* *Diário de Campinas* (1875 - 1901)
* *A Opinião Liberal* (1876 - 1883)
* *Correio de Campinas* (1885 -1919)
* *Cidade de Campinas* (1896 - 1915)
* *Comércio de Campinas* (1900 - 1920)
* ***Diário do Povo (desde 1912)***
* *O Ferrão* (1917 - 1932)
* *Gazeta de Campinas* - o novo (1921 - 1930)

[288] Muitas vezes, como por exemplo no meio artístico, São Paulo representou um meio para a projeção e expressão de trabalhos campineiros. Um espaço para se projetar que o campineiro não encontra, muitas vezes, em Campinas. Sobre esse assunto, ver BARRETO, Paulo Sérgio. *O Caracol e o Caramujo: artistas e Cia da cidade*. Tese de Mestrado do IFCH, Unicamp, Campinas, SP, 1994.

* ***Correio Popular (desde 1927)***
* *Jornal de Hoje* (1933 - 1933)
* *A Defesa* (1946 - 1956)
* *Jornal de Campinas* (1959 - 1965)
* *Jornal de Hoje* (1979 - 1981)

OBS.: O *Diário do Povo* e o *Correio Popular* estão em destaque porque são os únicos jornais que sobreviveram até hoje, e também representam os principais objetos de estudo desse trabalho.

VII - 5. O *Diário do Povo* e o *Correio Popular* - Campinas

O *Diário do Povo* foi fundado por um grupo dissidente do jornal *Commercio de Campinas*, que discordou da orientação editorial e ideológica do já extinto jornal. Essa dissidência ocorreu após a morte do jornalista e fundador do jornal Henrique Barcelos em 2 de setembro de 1911. Barcelos também havia fundado o *Diário de Campinas*.

O destacado jornalista e político Álvaro Ribeiro, juntamente com Antônio Franco Cardoso, liderou o grupo que fundaria o *Diário do Povo*, que começou a circular em 20 de janeiro de 1912. Álvaro Ribeiro, um dos intelectuais mais populares da época, também criou o *Correio Popular*, que começou a circular no dia 4 de setembro de 1927, trazendo algumas inovações gráficas para a época, como a utilização de fotografias e ilustrações. Álvaro Ribeiro foi também gerente do Banco Municipal de Campinas e diretor do Colégio Cesário Motta, além de ter sido eleito vereador, cargo que ocupou por sete mandatos. Álvaro Ribeiro morreu em 13 de agosto de 1929.[289]

O *Diário do Povo* nas últimas décadas do século XX foi considerado um jornal mais popular se comparado ao *Correio Popular*, ou seja, mais voltado para as camadas menos favorecidas da sociedade campineira. No final da década de 90, o *Diário do Povo* passou por uma significativa transformação editorial e gráfica, ao ser comprado pela *Rede Anhangüera de Comunicação*, a *RAC*, que também é dona do *Correio Popular*.

Dessa maneira, se monopolizou a difusão de notícias em Campinas, pois os únicos dois grandes veículos impressos campineiros são da mesma empresa e mais, produzem e reproduzem as mesmas notícias. É um aspecto danoso para a própria imprensa da região, pois não há mais concorrência entre os jornais, que para manterem seus respectivos públicos, são veiculados com características editoriais distintas - o *Correio Popular* abrange as camadas mais favorecidas da sociedade campineira (O *Diário do Povo* é o jornal "comprado em banca" e o *Correio Popular* é o "jornal que se assina"). Mas embora sejam jornais graficamente diferentes, são idênticos em relação à ideologia que difundem, e é essa característica que é danosa para o leitor campineiro, que perde a chance de ter dois jornais debatendo opiniões diferentes, o que possibilita instigar nele, leitor, também a curiosidade e o debate, desenvolvendo seu espírito crítico.

---

[289] *Campinas Século XX: 100 anos de História*. Da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação / Diário do Povo / Correio Popular, Campinas, SP, 2000.

Em relação aos respectivos cadernos de esportes, pouco foi mudado em relação ao período em que os jornais eram concorrentes. Manteve-se a mesma abordagem que utilizavam antes, para assim não perderem seus leitores fiéis. Sobre a rivalidade entre Ponte Preta e Guarani nas páginas dos jornais - que será discutida com mais detalhes posteriormente -, tanto *Diário do Povo* quanto o *Correio Popular* procuram ser imparciais quanto ao enfoque e espaço dado a cada time. A mesma postura procuram ter os cronistas ou colunistas de ambos os jornais.

Antes dos dois jornais pertencerem à mesma empresa, cada um deles, entre torcedores fundamentalmente, era identificado como sendo mais "simpático" (entenda-se "torcedor") a um determinado time. O *Diário do Povo*, por ser mais "popular", era tido como um jornal "pontepretano". Já o *Correio Popular*, um jornal "bugrino". São estereótipos criados em meio ao folclore que envolve a cultura do futebol. Não há nada que sustente essas imagens ou que as façam ganhar algum sentido. As coberturas realizadas por ambos os jornais para ambas as equipes eram praticamente as mesmas, não havendo numa predileção por parte dos cadernos de esportes por este ou aquele time, tanto em relação ao espaço dado como em relação à linguagem e à abordagem dada aos clubes.

Hoje, como são veículos da mesma empresa, essa imagem de "jornal torcedor" se perdeu completamente e não se fala mais nisso, já que as notícias e os enfoques são os mesmos. Talvez os jornais, em função disso possam ter perdido um pouco a capacidade de incentivar a rivalidade das torcidas, considerando-se a imagem projetada dos jornais como "órgãos torcedores". Como antes, existe inclusive uma preocupação clara em dar às equipes espaços semelhantes dentro do jornal, a não ser que um time esteja disputando uma decisão e o outro esteja desclassificado. Mas, mesmo assim, os espaços podem ser iguais. O motivo é óbvio, ser lido por ambas as torcidas.[290] Os jornais necessitam dessa imparcialidade em relação à ~~preferência clubística e também~~ porque ~~seria impossível~~ à equipe do jornal, como um todo, torcer por um determinado time, a não ser o donó do jornal ou o chefe de redação, o que não ocorre.[291]

Mais adiante, tratarei da ~~divulgação de ambos os jornais em relação ao~~ dérbi ao longo das décadas. Perceberemos que é possível dividir essa divulgação (relação imprensa e dérbi/futebol) em períodos e também notar uma relação simbiótica inerente à relação imprensa e futebol.

VII - 6. A *A Folha de S. Paulo* - São Paulo

[290] Realizei algumas medições ~~desses espaços nos jornais em épocas de dérbis~~ nos ~~últimos trinta anos~~, e o que se pode perceber é que de fato existe uma grande preocupação em dar "espaços" semelhantes para ambas as equipes, a não ser que as equipes estejam vivendo momentos muito distintos.

[291] Recentemente a Rede Globo de televisão ou o narrador e jornalista Galvão Bueno, que comanda a equipe de esportes da emissora, foram classificados por torcedores como sendo "flamenguistas" ou "corinthianos". O motivo: a emissora transmitiu em canal aberto muito mais partidas dessas equipes do que de outras grandes equipes. Não se trata da "Rede Globo" ou "Galvão Bueno" serem torcedores deste ou daquele clube, mas sim de uma opção mercadológica. As duas maiores torcidas do país são as do C.R. Flamengo (RJ) e do S.C. Corinthians P. (SP). Curiosamente no certame nacional de 2001, ambas as equipes realizaram uma péssima campanha e nem sequer se classificaram para as finais. A final do Campeonato Brasileiro de 2001 foi disputada entre C. Atlético Paranaense (PR) e A.D. São Caetano (SP).

O jornal *A Folha de S. Paulo* surgiu em janeiro de 1960, sendo o resultado da fusão dos jornais *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*, todas pertencentes à empresa paulistana *Folha da Manhã S.A.*, fundada em 1921. O primeiro jornal a circular foi a *Folha da Noite*, um diário vespertino que começou a circular em 19 de fevereiro de 1921. Depois, aparece a *Folha da Manhã*, diário que começou a circular em julho de 1925. E por fim, o diário *Folha da Tarde*, um jornal vespertino que servia como primeira edição da *Folha da Noite* e que começou a circular em 1926.

A *A Folha de S. Paulo* possui uma linguagem mais informal e menos conservadora se comparada com seu principal concorrente, o *O Estado de S. Paulo*. Sua cobertura esportiva é baseada em textos curtos e diretos, mas recheados de inúmeros dados trazidos em estatísticas das mais diversas. O que dá ao caderno de esportes uma leitura rápida e dinâmica, obedecendo aos objetivos editoriais do jornal. A utilização dessas estatísticas chega, às vezes, a ser exagerada. Nos últimos trinta anos, a *A Folha de S. Paulo* sofreu grandes mudanças gráficas e em sua diagramação.

Depois que começou a circular, a partir de meados da década de 90, o caderno de Campinas e região, a "Folha Campinas", existe uma grande cobertura do dérbi no jornal, embora ainda regional, localizado, mas uma cobertura que não havia antes. Assim, o dérbi ou as notícias sobre os dois times da região passaram a ser o carro chefe da seção de esportes desse caderno, que é um dos cadernos regionalizados da *A Folha de S. Paulo*, que possui agora, além de sucursais espalhadas pelas principais cidades do país, sedes em algumas cidades estratégicas que englobam as principais regiões do estado de São Paulo. Essas sedes são Campinas, Ribeirão Preto, São José dos Campos e São José do Rio Preto. Todas elas possuem uma redação própria para produzir este caderno que visa atingir o público leitor local, do interior, rivalizando assim com os jornais locais. E desses centros, Campinas possui historicamente o pólo mais forte e destacado no que se refere ao futebol. Hoje, *Diário do Povo* e *Correio Popular* competem com a *A Folha de S. Paulo* pelos leitores campineiros.

VII - 7. O *O Estado de S. Paulo* - São Paulo

O *O Estado de S. Paulo* é o jornal mais antigo do estado em circulação. Começou a circular como *A Província de S. Paulo* em 1875. No primeiro dia do ano de 1890, o jornal passa a se chamar *O Estado de S. Paulo*, pois com a proclamação da república no final do ano anterior, as antigas províncias do Império passam a ser chamadas, na república, de estados. A direção do jornal foi exercida pela família Mesquita até 1996, quando faleceu o então diretor Júlio de Mesquita Neto, assumindo em seu lugar Oliveiros S. Ferreira, professor do Departamento de Política da FFLCH da USP e primeiro jornalista fora da família Mesquita a ocupar a direção do jornal. Oliveiros S. Ferreira ocupou temporariamente a função de editor do jornal de junho a agosto de 1996, quando foi substituído por Ruy Mesquita.

O jornal tem características bastante conservadoras, tanto graficamente como em sua linguagem. É um jornal mais elitista se comparado à *A Folha de S. Paulo*. Em seu caderno de esportes, as notícias são veiculadas com uma linguagem mais "formal" e com uma diagramação mais tradicional, sem muitas inovações, como ilustrações e cores.

Mesmo a utilização de fotos, obedece a um padrão simples, de texto complementado pela imagem, sem exageros. Sua diagramação pouco se alterou nos últimos trinta anos.

Em relação ao dérbi e a todo o futebol do interior de São Paulo, o jornal não dedica muito espaço e ênfase. Suas matérias enfocam os grandes de São Paulo e os destaques do futebol nacional, nos principais centros, como o Rio de Janeiro, por exemplo. Não há portanto nenhuma relevância na cobertura do dérbi campineiro realizado pelo *O Estado de S. Paulo*. Não é um jornal que explora a peculiar linguagem do futebol, a "linguagem do torcedor", aspecto esse mais explorado pela *A Folha de S. Paulo*, embora também seja moderado se comparado com outros jornais, especializados em esportes.

VII - 8. O *Diário Popular / Diário de S. Paulo* - São Paulo

É um dos jornais mais antigos e tradicionais do país. Começou a circular em 8 de novembro de 1884. Em 2001, o jornal é comprado pelas organizações *Globo* e passa a ser chamado de *Diário de S. Paulo*.

Curiosamente, "Diário de São Paulo" também havia sido o nome utilizado por três jornais que circularam em São Paulo em três diferentes épocas. O primeiro circulou de agosto de 1865 a 1878, sendo esse o primeiro diário ilustrado do país. O segundo começou a circular em 1883, e pertencia ao Partido Liberal, fundindo-se em 1885 com o *Diário Liberal*. E o terceiro, foi fundado em 1929 como órgão integrante da cadeia de veículos dos Diários Associados, empresa de comunicação do jornalista Assis Chateaubriand.

O antigo *Diário Popular*, nos últimos vinte anos, publicava um caderno de esportes considerado por muitos cronistas, jornalistas e torcedores, como o melhor caderno de esportes do estado. Como o público alvo era formado pelas camadas mais populares, o jornal se utilizava bastante da linguagem do torcedor de futebol. Seus textos eram simples, mas detalhistas e com cobertura minuciosa, apesar de não usar tantos recursos gráficos, como a *A Folha de S. Paulo*.

Esse caderno de esportes dedicava um espaço significativo ao futebol do interior de São Paulo, além de abordar também o futebol amador da capital paulista. O dérbi campineiro era uma pauta obrigatória, embora não se dedicasse a ele espaço maior se comparado aos outros clássicos do interior paulista.

Com a mudança em 2001, o caderno de esportes também sofreu alterações. A cobertura de esportes, especificamente do futebol, se aproximou da dos grandes jornais da cidade, o *O Estado de S. Paulo* e a *A Folha de S. Paulo*, até porque o jornal recém transformado, e portanto ainda jovem nessa fase, parece ter como objetivo competir diretamente com os outros dois, procurando assim, inclusive, atingir outro perfil de público leitor.

VII - 9. A *A Gazeta Esportiva* - São Paulo

O jornal surge a partir do jornal *A Gazeta*, que começou a circular no dia 16 de maio de 1906. O *A Gazeta*, em 1930, passou a publicar um semanário em cores, produzido a partir do processo de rotogravura, o primeiro no gênero a aparecer no Brasil.

Já a *A Gazeta Esportiva* começou a circular como periódico esportivo ilustrado e tablóide em 18 de dezembro de 1928, com o título *A Gazeta - Edição Esportiva*, inicialmente como veículo semanário. Em 1938, o jornal ganha o logotipo "A Gazeta Esportiva". De 1931 a 1940, o jornal passou a ser bissemanal, ou seja, circulando duas vezes por semana, mas em 10 de outubro de 1947, *A Gazeta Esportiva* já passa a ser diário. De 1953 a 1967, circulou a revista *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. E no ano de 1979, o *A Gazeta* vira um caderno e passa a circular encartado no *A Gazeta Esportiva*.

O momento em que o jornal passa a ser diário coincide exatamente com o momento em que a Federação Paulista de Futebol passa a organizar o Campeonato Paulista, 1947. Foi sem dúvida o maior veículo de esportes do estado. Sua cobertura era bastante abrangente e oferecia grande destaque não só para o futebol profissional e amador de São Paulo, como também ao futebol profissional e, até há cerca de uma década, ao futebol amador do interior também. Hoje, o veículo impresso está extinto.

No caso de Campinas, há uma relação especial. Pois, a cidade possuiu por muitos anos uma sucursal de *A Gazeta*. Assim, o futebol amador de Campinas e principalmente o dérbi campineiro recebiam grande destaque e enfoque nas páginas de *A Gazeta Esportiva*. E um dos jornalistas que mais atuaram nessa cobertura do futebol e dos esportes em Campinas, por muitos anos, foi Ferdinando Panattoni.

VII - 10. O *Lance!* - São Paulo (e Rio de Janeiro)

O *Lance!* começou a circular em 26 de outubro de 1998, inicialmente no Rio de Janeiro, como veículo experimental, e posteriormente, em São Paulo. Foi inovador ao investir unicamente no futebol. É um veículo destinado totalmente à cobertura do futebol, embora também realize a cobertura de outros esportes. É um sucessor do *A Gazeta Esportiva*, que atualmente não possui mais uma cobertura tão eficiente e abrangente como tivera no passado. Inovou também no formato, sendo um tipo de tablóide, e não standard[292] como os demais jornais, com seus cadernos de esportes, e inclusive a própria *A Gazeta Esportiva*, também voltada para a cobertura do futebol e de outros esportes e que circula com o formato standard.

Embora seja jovem, o *Lance!* dedica grande destaque e espaço ao futebol do interior, principalmente ao dérbi campineiro. Sua linguagem é a que mais explora a "linguagem de torcedor". O *Lance!* procura se inserir no contexto da linguagem e cultura do futebol, explorando suas peculiaridades e se aproximando do torcedor comum. É um dos jornais mais vendidos em bancas e é sem dúvida o maior e melhor jornal de esportes (futebol) do país. Recentemente chegou a ter edições específicas também em outros

[292] Os termos "tablóide" e "standard" se referem ao tamanho do jornal. Tablóide é um jornal com dimensões próximas de um quadrado, por exemplo, o Lance! tem cerca de 30 centímetros de base e cerca de 40 centímetros de altura. Não existe um tamanho fixo que defina o que é um tablóide. O caderno Mais do jornal A Folha de S. Paulo é também um tablóide e tem dimensões bem inferiores se comparado ao Lance!. Outro exemplo é o jornal Zero Hora de Porto Alegre, também um tablóide. Já o formato "standard" corresponde ao formato utilizado pelos maiores e mais tradicionais jornais do país, como por exemplo a A Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, A Gazeta Esportiva, Folha da Tarde, Agora São Paulo e Diário de S. Paulo, todos de São Paulo (SP), O Globo e o Jornal do Brasil, ambos do Rio de Janeiro (RJ), e o Correio Popular e o Diário do Povo, os dois de Campinas (SP). O tamanho do formato standard é de 30 a 32 centímetros de base e 55 a 60 centímetros de altura.

estados, como Paraná (Curitiba) e Minas Gerais (Belo Horizonte), além de São Paulo e Rio de Janeiro.

VII - 11. Imprensa e dérbi: Uma introdução

Antes de entrar especificamente na cobertura do dérbi pela imprensa, é importante discutir a importância e o papel exercido pela imprensa na sociedade. Assim, pode-se entender melhor a relação que se estabelece entre imprensa e futebol. Para se popularizar, o futebol não contou apenas com as particularidades interessantes e práticas de seu jogo: ser um esporte democrático e uma metáfora da vida, pois elas não seriam suficientes. Desde que se iniciou a Revolução Industrial e que o capitalismo pôde construir o seu "mundo", estabelecendo suas regras e costumes, uma nova classe social dominante, a burguesia, e uma classe social dominada, mas fundamental para o funcionamento do capitalismo e para a industrialização, a classe trabalhadora, passaram a constituir a sociedade que assumiu uma nova dinâmica. O dia-a-dia das pessoas na cidade se moldou de forma própria, como jamais havia acontecido antes.

Instrumentos que enriqueceram a vida social e cultural se desenvolveram nessa sociedade urbana e capitalista de ideologia e costumes burgueses. E um desses instrumentos foi sem dúvida a imprensa. Ela também é fruto das alterações ocorridas na sociedade ocidental nos últimos trezentos anos. A partir do surgimento no século XV da máquina da imprensa, a outra imprensa, o jornalismo, não demoraria a aparecer. O jornalismo começa a ser efetivamente praticado na sociedade européia já no final do século XVIII, momento em que a Revolução Industrial já havia determinado alguns rumos para a sociedade moderna e tecnológica em formação. Ao longo do século seguinte, a atividade jornalística, o periodismo, já era uma realidade e o "jornalista" uma figura importante, que ostentava certo status na sociedade de então.

O futebol moderno, que surgiria apenas cerca de um século depois como um simples jogo de bola, muito dependeu dela para se popularizar e culminar no contexto contemporâneo, como talvez, o maior espetáculo rentável da cultura humana. Eventos futebolísticos conseguem superar, muitas vezes, eventos políticos ou religiosos. Uma Copa do Mundo é mais lucrativa que uma Olimpíada. E a imprensa, desde cedo, percebeu o futebol como uma "galinha dos ovos de ouro", e contribuiu diretamente para uma maior e mais rápida expansão desse esporte pelo mundo. Ambos, futebol e imprensa, se beneficiaram dessa relação.

Em relação à atividade jornalística é importante ressaltar que ela ocorre em um contexto de trocas constantes. Há uma situação clara de simbiose, tanto entre a imprensa e a sociedade, como entre a imprensa e o futebol. Que a imprensa é formadora de opinião e trabalha direta ou indiretamente para manter uma ideologia e incentivar costumes, influenciando a sociedade e ditando, muitas vezes, regras e hábitos, é sabido. Mas também ocorre o contrário, digo, também ocorre uma influência que vem em sentido contrário. Transformações se dão na sociedade, e muitas vezes, são elas que impõe as "regras e costumes" para a imprensa, que é obrigada a se metamorfosear, o que ela faz, diga-se de passagem, rápida e extraordinariamente bem. Em outros momentos, a imprensa se apodera apenas de aspectos de eventos ou transformações sociais, dando a esses outro rumo, outra

configuração, até outra imagem e interpretação. Assimila o contexto e o transforma ou o molda a seu favor.

Nesse sentido, a imprensa trabalha como instrumento de construção de informações, de imagens, podendo determinar um caminho para a interpretação de um fato e gerando uma tendência popular em relação a um determinado tema.

Transformações na sociedade mudaram as redações de jornal. O jornalista mais velho, que não se adaptou, ficou para trás. O jornal que não acompanhou as mudanças, se extinguiu. E os que acompanharam e se transformaram junto com a sociedade, sobreviveram, e alguns se tornaram verdadeiros impérios capitalistas nos dias de hoje.

O jornalismo não pode ser visto como um trabalho ou manifestação independente da sociedade. A velha máxima de que o jornalista é imparcial e isento é completamente falsa. Se não fosse assim, os jornais sobreviveriam sempre, a despeito do que acontece na sociedade, e seriam também sempre "atuais" ou "verdadeiros". Estariam imunes ao fracasso e a extinção, à parcialidade política e ideológica. Portanto o jornalismo é sempre parcial e nunca é isento. Por ser uma atividade dependente diretamente do mercado, dele sofre pressões, o que impede o jornalista de exercer um jornalismo com o afastamento necessário e com a imparcialidade perante os fatos que noticia e comenta. Essa pressão ou submissão do jornalismo ao mercado ficam mais claras com o avanço ou evolução da lógica capitalista.

Assim, a velha máxima de que o jornalista é o "historiador de hoje" ou o "historiador contemporâneo", é errônea e ingênua. O historiador, o cientista social e o antropólogo são pesquisadores ou cientistas, que mais afastados do processo mercadológico, podem e conseguem, através desse afastamento e a distância no tempo, além da postura e cuidados científicos, exercer uma atividade que visa entender e explicar o meio e a realidade, com muito menor envolvimento e muito mais precisão. É claro que a produção científica é cultural, estando assim a ciência submetida a interesses e ideologias do momento, e muitas vezes aos ritmos impostos pelo mercado também. Natural, sendo ela, a ciência, uma criação humana, da sociedade ocidental, que a universalizou. Mas a distância e a atividade em si, quando comparamos um jornalista e um cientista social são fundamentalmente distintas e separadas.

É claro que, através de princípios éticos e lógicos que o jornalista adquire na universidade e ao longo da vida, é possível se obter um jornalismo que não arranhe muito essas condições de imparcialidade e isenção. Esse seria o jornalismo "perfeito", o máximo que um jornalista e mesmo um veículo de comunicação conseguiriam. O que não é uma decepção, como poderiam achar muitos profissionais da área. É também apenas humano.

Entre esses princípios estariam atitudes simples, e aparentemente óbvias, mas que no mecanismo de criação da notícia, não se mostram tão óbvias assim. Ouvir sempre os dois lados, se cercar de provas para qualquer afirmação, não se utilizar de adjetivos e opiniões pessoais nas matérias, são apenas alguns exemplos. De princípios também se cercam os cientistas, como o historiador ou o cientista social. Para a reconstrução de um evento ou de um período ou de relações sociais, estes também se utilizam de conhecimento e métodos de pesquisa. A "academia", em particular, tem seus procedimentos padrões para a construção do seu conhecimento. Fugir deles pode significar o não reconhecimento de sua produção como conhecimento acadêmico e científico de valor.

Também é importante colocar que o jornal não é apenas um instrumento ligado unicamente à classe e à cultura dominantes. A imprensa também é um dos instrumentos mais poderosos pelos quais a voz das camadas mais populares ou classes e grupos sociais oprimidos ou que sejam minoria, se manifestam. Assim, a imprensa é, ao longo de todo o século XX, um dos mais fortes instrumentos de crítica e contestação social. Essas características são percebidas na história da imprensa em Campinas, que gerou na virada do século XIX para o século XX, uma enorme quantidade de intelectuais, que transformaram Campinas num espaço amplo para o debate e crescimento cultural de sua população. É nessa Campinas que entra o futebol, jogo de bola que se originou no seio da cultura burguesa.

Para falarmos da relação da imprensa com o futebol (e o dérbi), precisamos voltar a Campinas do final do século XIX e início do século XX, a cidade dos "barões de café". Os jornais dessa época em Campinas traziam notícias voltadas para a maior produção econômica da região e também do país, o café. Mas, além das notícias de economia, exportação e política, também havia espaço para as atividades da sociedade da época. Atividades religiosas e cívicas ganhavam espaço considerável nas páginas dos jornais da época. Eram poucas páginas e todas repletas de textos, o que dava um certo tom "pesado". Já havia inúmeras propagandas em suas páginas, anunciando estabelecimentos da época, como por exemplo farmácias e mercearias ou pequenos mercados. As primeiras ilustrações aparecem exatamente nessas propagandas. Por muitos anos, o único espaço para ilustrações nos jornais era esse.

Outra característica comum dos jornais da época é o anúncio de produtos e seus respectivos preços em réis. Não se tratava de propaganda exatamente, como é hoje. Mas de um espaço para serviços e orientação do povo da cidade. Anunciavam-se carnes, roupas e outros produtos essenciais para a época. Atividades culturais se resumiam, basicamente, às atividades religiosas e artísticas, como apresentações teatrais e projeções de cinema. Também apareciam espaços para literatura. Não havia praticamente notícias sobre esportes. E se apareciam, vinham diluídos em textos sobre outros assuntos, e não apresentavam uma caracterização de "esporte". O esporte, no mundo todo, ainda passava por um processo de institucionalização. É claro, que em alguns países, muitas modalidades esportivas, como o próprio futebol na Inglaterra, já estavam institucionalizadas, já estavam organizadas em ligas e federações. O esporte já era encarado como uma prática saudável, necessária para uma boa saúde. Os primeiros Jogos Olímpicos modernos já haviam ocorrido em 1896, na capital grega - Atenas. O esporte, bem como um espaço para a sua cobertura e abordagem em jornais, já despontava como uma realidade.

VII - 12. Imprensa e futebol em Campinas: primeiros contatos, 1900 a 1920

"Sport - Foot Ball"
(título da nota para o primeiro dérbi no Diário do Povo, 17/03/1912)

Desde que Campinas passou a praticar o futebol e que começaram a surgir os primeiros times, deu-se a esse esporte e a essa nova atividade e suas agremiações um espaço na imprensa campineira. Um espaço mínimo. Uma nota minúscula e ocupando um

espaço numa única página para esportes pouco "nobre", ou seja, com muito pouco destaque. Como o futebol se espalhou rapidamente já na primeira década do século XX, jornais como o *Cidade de Campinas* e o *Commercio de Campinas*, que circulavam nessa época na cidade, traziam inevitavelmente notícias sobre futebol. Mas sempre tinham um caráter apenas de divulgação de eventos, encontros ou reuniões, e sempre em notas curtas, com linguagem formal. Saíam esporadicamente. Não eram raros os dias em que os jornais nada publicavam sobre futebol. Hoje, isso é impossível...

Em relação ao futebol e ao dérbi na imprensa escrita de Campinas, observei, como já foi mencionado, dois jornais, que nasceram naquela época e resistem até hoje, o *Diário do Povo*, de 1912, e o *Correio Popular*, de 1927. Foram os dois principais objetos deste estudo. Observando a cobertura desses dois veículos é possível perceber, ao longo do tempo, toda a transformação sofrida pelo futebol, pelos próprios clubes e o dérbi, pela própria imprensa escrita, principalmente a esportiva, e pela cidade de Campinas. É possível dividir essa evolução em períodos bem demarcados ao longo de um século inteiro.

Com algumas poucas exceções (de jornais que se dedicavam a temas específicos ou que representavam interesses específicos), os jornais da época mantinham um certo padrão em sua cobertura e ideologia. A maioria expressava os interesses e os costumes da cultura do café, e outros, mais avançados expressavam os interesses e os costumes da burguesia em formação em Campinas e no Brasil. Na segunda década do século XX, o futebol já era um esporte bastante conhecido no Brasil, e rapidamente vinha se popularizando. Mas apesar disso, também pode-se dizer que essa ampla expansão do futebol encontrava ainda resistência na época, como por exemplo de intelectuais ou fazendeiros que viam neste esporte uma prática violenta, rústica e sem graça, e às vezes, na então busca de uma identidade nacional, uma prática importada e que, portanto, deveria ser descartada em prol de práticas "mais nacionais".

O *Diário do Povo* saiu pela primeira vez no dia 20 de janeiro de 1912. Tinha 12 páginas[293] por onde se espalhavam textos e propagandas em várias fontes[294] diferentes. O exemplar trazia notícias sobre cultura e comércio, além de muitas propagandas. A principal notícia foi sobre o conflito armado que ocorria naquela época na Europa entre Itália e Turquia. Havia espaços para seções que seriam fixas[295], como "registros escolares", com notas sobre as atividades dos colégios da época, e um espaço, no pé da página, para contos. No caso, iniciava-se o "conto novela" "A Inveja". *O Diário do Povo* já nasceu com 2 fotos em suas páginas. Uma dessas fotos era do edifício onde funcionava a redação do jornal, na rua Dr. Quirino, 65.[296] As fotos apareciam de maneira esporádica, e geralmente ligadas à propaganda ou à divulgação de alguma atividade cultural, como aconteceu em edições posteriores com o Cassino Carlos Gomes ou as casas Aurora e

[293] Somente essa edição inaugural, pois as demais passaram a ter 6 ou 8 páginas.

[294] Fonte é o tipo de letra utilizada, bem como o tamanho dessa letra.

[295] Que na realidade já haviam sido criadas para serem fixas. Não devemos esquecer que o Diário do Povo nasce num momento em já se podia basear em muitas experiências de outros jornais que haviam surgido e se extinguido ou que ainda circulavam na época em Campinas. O Diário do Povo se baseou em "modelos" prontos de jornais da época.

[296] Os jornais eram vendidos em alguns pontos específicos da cidade, como por exemplo as ruas Barão de Jaguara, Ferreira Penteado e a própria Dr. Quirino. Também havia um ponto no Taquaral.

Maia, famosas lojas da época. Curiosamente, o jornal apresentou alguns defeitos de impressão nessa edição de estréia. Algumas propagandas saíram de cabeça para baixo.

A linguagem era uma característica marcante da época. Os textos eram produzidos com uma linguagem bastante formal, e recheada de algumas peculiaridades da sociedade da época. Os negros, por exemplo, há pouco tempo libertados, eram vistos de maneira explícita por alguns jornalistas como seres que "sujavam" o ambiente da cidade. Textos no jornal se referiam a eles como "homens de cor", forma adotada pelos próprios negros para se auto denominarem, incorporando, de certa forma, a discriminação social. Em muitas atividades exercidas pelos negros na época, os mesmos popularizaram a expressão para poderem exercer determinadas funções e criar espaços para a grande população negra na cidade, como o Colégio São Benedito e a Banda da Irmandade São Benedito[297], criadas e administradas por negros nos primeiros anos do século XX.[298] No *Diário do Povo*, por exemplo, as notícias os relacionavam geralmente com crimes, roubos ou badernas. Essa postura racista, felizmente, vai se perdendo com o tempo e com as mudanças ocorridas na mentalidade da sociedade. A luta ainda não terminou.

Como boa parte do jornal se destinava à política, enfocando os problemas políticos da nação na época, bem como os problemas dos grandes fazendeiros e da crescente burguesia, havia uma intensa discussão nas páginas dos jornais. E a linguagem se caracterizava por ser bastante pessoal, opinativa. As notícias se confundiam com o que chamamos hoje de artigos assinados.[299]

Uma seção interessante do jornal era o "Movimento Marítimo e Comercial", com dados e informações a respeito das transações comerciais da época, sobre exportação e importação e movimentação econômica. Noutra seção, havia um espaço para correios e telégrafos, chamado "Telegrammas e Phonogrammas". E numa seção chamada "Vida Religiosa", apareciam notícias e anúncios de atividades religiosas, como missas, reuniões, festas e mensagens bíblicas. Na seção "Tribuna Livre" eram publicadas notas sobre assuntos gerais, inclusive até futebol aparecia esporadicamente, como numa notinha do dia 31 de janeiro de 1912, comentando o jogo entre os times campineiros Guarani e Corinthians F.C.

A primeira notícia de esporte saiu na página 3 da edição do dia 21 de janeiro, o segundo número do jornal. Aparecia no alto uma ilustração bastante simples com um hipódromo ou pista de corrida de carros, já que aparecia também um automóvel, pessoas

---

[297] PEREIRA, José Galdino. In *Memórias da Educação - Campinas (1850 - 1960)*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, pp. 275-310.

[298] Essa expressão hoje é bastante questionada por muitos grupos negros. Tem se valorizado o termo "negro" nas últimas décadas, com o intuito de enfatizar a cultura negra, sem temer se mostrar ou escondendo-se atrás de termos supostamente atenuadores para uma sociedade branca e racista. Os atuais grupos negros que lutam por direitos e reconhecimento iguais, pelo fim da discriminação e destruição de sua cultura, se posicionam contra a utilização do termo "homem de cor", ainda, infelizmente, utilizado em muitas esferas sociais.

[299] Na notícia, o jornalista hoje se limita a transmitir o acontecimento, se utilizando do sistema americano de jornalismo, com o lead ("entrelinha" ou "conduta" ou "guia") no início, ou seja, o início da matéria já traz "o que aconteceu?", "quando aconteceu?", "onde aconteceu?", "como aconteceu?" e "por que aconteceu?". Depois disso, o jornalista pode completar a matéria com informações adicionais importantes ou curiosas, mas jamais se posiciona perante elas - embora possa fazer isso apenas escrevendo seu texto de uma forma específica, enfatizando algo ou omitindo algo. Em artigos assinados, o texto, que nem sempre é escrito por um jornalista, é pessoal, opinativo, sem a rigidez por exemplo da utilização do lead.

correndo, uma raquete de tênis e um objeto voando (avião?), e no meio da ilustração a palavra "Sport". Nesse dia anunciou-se uma partida de futebol entre Guarani F.C. e o Corinthians F.C.[300], que se realizaria no "Ground" (campo) da Vila Industrial na tarde daquele dia. Guarani era ainda com "y" no final, Vila era com dois "l", e o "F.C." era ainda "Foot-Ball Club" e não Futebol Clube. Como podemos ver no trecho da notícia a seguir[301]:

"FOOT-BALL

Realisa-se hoje ás 2 horas da tarde no <Ground>[302] da Villa Industrial um amistoso match de foot-ball entre os 1° e 2° teams do <Guarany> e <Corinthians Foot Ball Club>.

Estando ambas as equipes bem organizadas é de se esperar grande concorrencia neste encontro.

Os teams estão assim organisados:

1° TEAM GUARANY
Benetti
Bertoni Lillo
Giardini Camões Pazo
Antonio Rios Russo Gansalo Tortorelli

Romeu Octacilio Grego Marinho Adolphinho
Meirelles Moura Amendola
Irineu Moura
Deolindo

1° TEAM CORINTHIANS

2° TEAM GUARANY
Napoleão
Soares Cruz
Raul Cintra Arthur
Trani Rodrigues Italo Pezini Sebastião

Tim-Tim Reis Adalberto Vaht Correra

---

[300] Esse não é o S.C. ou E.C. Corinthians campineiro, que seria fundado em 1° de novembro de 1925, e que faria muito sucesso na cidade e no Campeonato Campineiro, consagrando-se como um dos maiores times da história do futebol campineiro. Sua inspiração foi o S.C. Corinthians Paulista da capital, fundado em 1° de setembro de 1910.

[301] Optei por manter os trechos de textos retirados das páginas dos jornais como eles foram publicados, preservando assim a forma da escrita da época. É uma maneira também de preservar o tipo de linguagem empregado pelos jornais da época, incluindo aquela usada também para a cobertura do futebol . Percebem-se evidentemente muitos "erros" gramaticais ou formas diferentes de escrever a mesma palavra. A gramática da língua portuguesa sofreria inúmeras alterações posteriormente. Essa reformulação e padronização da língua portuguesa tem início com a Convenção Ortográfica concebida por Portugal e Brasil a partir de 29 de dezembro de 1943. A partir dessa data até 1971, ainda ocorreram algumas outras poucas alterações na língua portuguesa e sua gramática. Também optei por deixar erros que são provavelmente devidos à digitação e falhas na revisão, que são sintomas da produção de um jornal na época, em que eram rústicas as máquinas que o produziam.

[302] O < ou >, ou ainda, << ou >>, eram recursos usados pelo jornal provavelmente para aspas.

Mancini 1° Alves Hugo
Wadt Mancini 2°
Valerio
2° TEAM CORINTHIANS"[303]

É importante perceber que o futebol era um esporte recém chegado, trazido da Inglaterra. Era então um esporte "jogado" e "comentado" em inglês. Eram inúmeras as palavras em inglês ou vindas do inglês no vocabulário do futebol. "Ground" (campo), "match" (jogo), "team" (time), "score" (placar ou resultado) e a própria palavra "foot-ball" (futebol), são exemplos dessa língua estrangeira num esporte praticado no Brasil.

Mas o futebol não era ainda o esporte de maior destaque nas páginas esportivas. Outros esportes tinham igual ou maior relevância e destaque. Um exemplo curioso é a aviação, tida como esporte na época. Como se tratava de uma tecnologia nova, seus "praticantes" eram verdadeiros pioneiros e "atletas" ou "heróis" para a sociedade de então, ainda curiosa com aqueles "homens voadores". Os perigos da aventura de "voar", davam à aviação a classificação de "esporte", mais, um "esporte fantástico". E na verdade, foram realizadas espécies de competições com os aviões e aviadores da época. Nesse dia 21 de janeiro, ao lado do anúncio do jogo do Guarani, havia uma notícia mais detalhada sobre aviação com o título "A Aviação no Rio". Trechos da matéria:

"Vem no Rio despertando a mais viva curiosidade, as provas de aviação levadas ali a effeito pelos aviadores Garros e Barrier.... O aviador Barrier, depois de evolu5ões sobre o ptado, quando descia, devido a um desa ranjo no motor, bateu na cerca quebrando a aza do apparelho. Após o regresso o aviador Garros disputou o premio de velocidade, contra um automóvel Knox, dirigido pelo chaufieur Fremont Rockelt, fazendo quatro voltas na pista.... O aeroplano venceu com facilidade, fazendo longas curvas para dar tempo ao automóvel de approximar-se. Foi completo o successo do aviador Garros, que fez a ida e volta de Therezopolis, numa distancia de cento e cincoenta kilometros em uma hora e vinte minutos."

À medida que a aviação foi se desenvolvendo e passando a ser um importante meio de transporte, deixando de ser "fantástica" e passando a ser uma atividade "comum", essa noção da aviação como esporte foi se perdendo, e ao longo dos anos desaparecendo das páginas dos jornais. Ao iniciar a década de trinta a aviação não aparecia mais como "esporte", embora fosse presença constante nas páginas dos jornais da época. Outros esportes também apareciam com destaque na página que não continha notícias só de esportes. Era o caso do automobilismo e do boxe, por exemplo.

---

[303] Trata-se de uma ficha técnica de futebol. E é interessante notar como o jornal colocou didaticamente as escalações dos times para o jogo. É como se estivéssemos olhando um campo com a disposição exata dos jogadores em suas respectivas posições de jogo. E mais, a disposição dos nomes parece mostrar os times, no "campo", perfilados frente a frente antes de começar a peleja, visto de cima. Por exemplo, no time principal do Guarani, Benetti é o goleiro, os dois jogadores seguintes, Bertoni-Lillo, são os zagueiros, os três seguintes, Giardini-Camões-Pazo, são os meio-campistas, e os cinco últimos da formação, Antonio-Rios-Russo-Gonsalo-Tortorelli, formam a linha de frente, ou seja, os atacantes. Em frente à linha de atacantes do Guarani aparece a linha de atacantes do Corinthians F.C., retrocedendo suas "linhas" até o goleiro Deolindo.

No dia 28 de janeiro de 1912 aparece na página 5 do *Diário do Povo* a palavra "derby", mas referindo-se a corridas de cavalos em Petrópolis. Tratava-se do "Derby Petropolitano". A palavra "derby" ficou restrita por muitos anos apenas às corridas de cavalos. Um exemplo é a notícia publicada em 3 de dezembro de 1927 no *Correio Popular* sobre corridas no Jockey Club:

"As corridas de domingo

S. Paulo, (C.P.) – Alcançol completo exito, o resultado das inscrições para a formatação do programma da grande corrida de domingo no prado da Moóca. Ficaram organizados nove esplendidos pareos. Sendo esse, incontestavelmente o melhor programma organisado pelo Jockey Club nesta temporada.

As duas provas principaes, o "grande premio São Paulo", e o "Derby Paulista", reuniram um número de inscripções sufficiente para garantir o successo da festa.

Na primeira, cuja dotação é de 40 contos, na severa distansia de 3.200 metros, medirão forças os seguintes campeões da nossa pista, Frayle Muerto, Charleston, Chypre, Despatch Rider, Legrand Condé e a Egua Brasileira.

Todos esses parelheiros foram devidamente preparados para essa prova, principalmente Frayle Muerto, e Brasileira que contam com cotejos admiráveis na distancia, devendo por isso serem os favoritos do publico.

O "Derby Paulista", prova reservada, para productos paulistas de 3 annos, com a elevada dotação de 30 contos, este anno não reuniu os melhores representantes da 1° turma. Apenas foram inscripos varios poldros que não representam absolutamente o expoente maximo da nova geração paulista. Esta circunstancia, no entanto, longe de tirar o brilho da prova, tornou-a mais interessante, pois os parelheiros inscriptos são mais ou menos da mesma força, destacando-se ligeiramente pelas "performances" produzidas que aqui quer no Rio, Gil Diaz, Siug Siug e Ultimatum.

No resto do programma não há pareos à destacar-se.

Todas as carreiras reunem elementos sufficientes, que devem garantir um retumbante successo para o "meeting" de domingo, incontesta veimente a maior festa do nosso turf, promovida pelo veterano Jockey Club."

Nada, portanto, relacionado ao futebol. Nesse mesmo dia, também saiu uma nota a respeito da prática do futebol nas ruas da cidade. É curiosa a maneira como o jornal se refere a essa prática e as ~~conseqüências dela, realizando aí uma~~ campanha ~~contra a prática~~ do futebol. A notícia saiu inclusive numa coluna fixa que nada tinha a ver com futebol, na seção "Palcos e Cinemas":

"Foot-Ball nas Ruas

Apesar das reclamações feitas pela imprensa, continua o jogo de 'foot-ball' nas ruas.

Ainda hontem, uma chusma de moleques, alguns já bem espigados, na Rua Ferreira Penteado, esquina de José Paulino, jogavam com todo o enthusiasmo o jogo bretão, ameaçando com a bola os transeuntes e as vidraças das casas.

É preciso por cobro a esses divertimento, antes que algum incidente desagradável se produsa. Rua, é preciso que os ~~moleques saibam~~ de ~~uma~~ vez ~~para~~ sempre, não é campo de "foot-ball"."[304]

(Página de Esportes do Diário do Povo de 21/01/1912.)



FOOT-BALL

Realisa-se hoje ás 2 horas da tarde no «Ground» da Villa Industrial um amistoso match de foot-ball, entre os 1º e 2º teams do «Guarany» e «Corinthians Foot Ball Club.

Estando ambas as equipes bem organisadas é de se esperar grande concorrencia neste encontro.

Os teams estão assim organisados :

1º TEAM GUARANY

Benetti
Bertoni Lillo
Giardini, Camões Pazo
Antonio Rios Russo Gonsalo Tortorelli

—

Romeu Octacilio Grego Marinho Adolphinho
Meirelles Moura Amendola
Irineu Moura
Deolindo

1º TEAM CORINTHIANS

——

2º TEAM GUARANY

Napoleão
Soares Cruz
Raul Cintra Arthur
Trani Rodrigues, Italo, Pezini Sebastião

—

Tim-Tim. Reis Adalberto Vaht Correa
Mancini 1º Alves Hugo
Wadt Mancini 2º
Valerio

2º TEAM CORINTHIANS

A AVIAÇÃO NO RIO

Vem no Rio despertando a mais viva curiosidade, as provas de aviação levadas ali a effeito pelos aviadores Garros e Barrier.

Ante-hontem, Garros, depois de fazer evoluções no Jockey-Club, partiu as 4 horas e 15 minutos da tarde para Therezopolis, apesar do tempo ameaçador.

Alli chegou e, sem aterrar, evoluiu sobre a cidade, em todas as direcções, saudando a população que o acclamou, e regressou ao Jockey-Club, onde desceu ás 5 horas e 45 minutos, no meio de uma ovação.

Assistiram ás evoluções o contra-almirante Belfort Vieira, ministro da marinha e Generaes Caetano de Faria e Pinheiro Bittencourt.

O marechal Hermes da Fonseca não compareceu.

O aviador Barrier, depois de evoluções sobre o ptado, quando descia, devido a um desa ranjo no motor, bateu na cerca quebrando a aza do apparelho.

Após o regresso o aviador Garros disputou o premio de velocidade, contra um automovel Knox, dirigido pelo chaufieur Fremont Rockelt, fazendo quatro voltas na pista.

O aeroplano venceu com facilidade, fazendo longas curvas para dar tempo ao automovel de approximar-se.

Foi completo o successo do aviador Garros, que fez a ida e volta de Therezopolis, numa distancia de cento e cincoenta kilometros em uma hora e vinte minutos.

Registrou
Manga & C
tendo o se
pleto de es
Como de
das fitas de
que impress
a avultada
ao *Radium*.

Foram ju
films O
Gaumont,
thé, etc.

A seleci
films que a
Comp. rest
ções de h
Radium no

Novidade
vista militar
film natural
vo , import
Cines; T
bellissima
fabrica amer
Maria Stuar
uma scena
cionante, p
Maria Stuar
casa Gaum
sodio com
e com uma
parte da su
tas.

Amanhã,
tante e emo
da casa Ital
dividida em

Muito
Ricardo Cor

[304] Parece que não resolveu nada, pois sessenta anos depois, eu, pessoalmente, joguei bola pelas ruas do meu bairro e vitimei algumas teimosas vidraças de vizinhos, que até hoje me lembram que fui protagonista dessas peladas de rua, que já fui um "moleque de rua", numa época que essa expressão não chocava tanto, como acontece hoje. Hoje, a cidade cresceu tanto que simplesmente as crianças não têm mais lugares para jogar. Nem mesmo no subúrbio, os antigos espaços para a prática do futebol resistiram. O chamado "futebol de várzea" praticamente não existe mais em Campinas, para não falar da violência urbana, que também propiciou o esvaziamento dos "campos de rua".

(O Diário do Povo de 17/03/1912 publica notícia sobre o dérbi do dia 24/03/1912.)

Vida religiosa

MISSAS DE HOJE

Na Cathedral:
ás 5 1/2, 7 1/2 e 9 1/2 horas.
Na Matriz de Santa Cruz:
ás 7 1/2 e 9 horas.
No Rosario:
ás 7 e 8 horas.
Na Santa Casa:
ás 7 1/2 horas.
Em S. Benedicto:
ás 8 horas.
No Oratorio São João:
ás 7 e ás 8 1/2.

PIA UNIÃO

Realisa-se hoje, na Cathedral, a communhão das Filhas de Maria, na missa das 7 e meia.

Depois da missa ha recitação em commum do acto de consagração.

PRÉGAÇÃO QUARESMAL

Ao evangelho da missa cantada, ás nove horas, fará hoje, S. Exc. Revdma. o sr. Bispo Diocesano, a sua terceira conferencia quarasmal.

CONFEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES CATHOLICAS DE CAMPINAS

A's tres horas da tarde sob a presidencia de S. Exc. Revdma. o sr. Bispo Diocesano, reunem-se hoje as Directorias das Associações religiosas das egrejas desta cidade. Poderão comparecer tambem os associados.

EXPOSIÇÃO DO SANTISSIMO

Depois da missa de oito horas, será exposto o S. S. Sacramento, na egreja de S. Benedicto. Deverão fazer a hora de guarda as terceiras franciscanas, as associadas da União Pia e os Irmãos de S. Benedicto.

REUNIÕES

A's 12 1/4, da Pia União das Filhas de Maria.

A's 3 horas da tarde, da Confederação das Associações Catholicas de Campinas.

A's 5 1/2 do dia 20, quarta-feira, das Aspirantes da Pia União das Filhas de Maria.

A's 2 1/2 da tarde da Conferencia de S. Vicente de Paulo.

PREGAÇÕES

Hoje, na matriz de Santa Cruz, na missa de 7 1/2, o Vigario explicará o Evangelho.

A's 6 1/2 da tarde, após a via sacra, pregará o revmo. Padre Raphael dos Santos Saraiva.

UNIÃO SANTO AGOSTINHO

Hoje ás 7 1/2 da noite, haverá reunião da Directoria, na respectiva séde.

S. JOSÉ

Sport

FOOT BALL

Encontram-se hoje, á 1 1/2 horas da tarde, no «ground» da Villa Industrial, em um amistoso macth de «foot ball» os valorosos 1.º e 2.º teams do Guarany Foot Ball Club, e Associação A. Ponte Preta.

Sendo este encontro de maxima importancia, pois ambos os *equipes* estão bem organisados, é de esperar-se grande concorrencia dos amantes deste bello jogo Bretão.

E' a seguinte a organisação dos teams:

1.º team Guarany
Bertoni,
Lilo, Benetti
Camões, Rios, Gonçalo,
Reis, Grego, Russo, Rossi, Romeu,

—

Dicto, Lopes, Burghi, Carlos, Moraes
Bilo, Alves, Fernandes
Rangel, Aranha
Amparense
1.º team Ponte Preta

—

2.º team Guarany
Napoleão
Totó, Cruz
Raul, Cintra, Maximiano
Trani, Rodrigues, Italo, Pezini, Lima

—

Delluno, Vieira, Jaconelli, Luca, Lima
Affonso, João, Silvano
Cardoso, Fritz, Duarte
2.º team Ponte Preta

Os cigarros **Mistura** da CHARUTARIA SANTO ONOFRE são os melhores por serem manipulados com fumo tripulitano. (mensal)

Ainda!...

Presado collega do interior, conhecedor de todas as praxes jornalisticas, (pois se publica ha 26 annos) continúa a fazer transcripções do *Diario do Povo*, persistindo em lhe não citar o nome, como o faz com outros collegas.

Ainda em edição de hontem, o vimos transcrinta no *Diario do Po*

Sobre o futebol e sua crescente popularização, aparece no jornal do dia 4 de fevereiro de 1912, uma matéria grande sobre o jogo Guarani X Corinthians F.C., com trechos que destacam o crescente interesse pelo esporte:

"... esses match, que afinal não deixa de ser importante para esta época adormecida de 'foot-ball'... Portanto, o encontro... , está despertando natural curiosidade entre os muitos amantes desses gênero de 'sport' e já deu até lugar a discussões azedas entre os mais exaltados."

No dia 5 de fevereiro, saía na página 2, seção de "Sport", uma nota com o resultado do embate vencido pelo Corinthians F.C. por 2 a 1. Acontecia de uma partida ser anunciada, mas o jornal não mais voltar a ela, não dando nada sobre o resultado do jogo. O que aliás aconteceria com o primeiro dérbi. Além de anúncios de jogos com "fichas técnicas", também se publicava ou anunciava sobre o futebol reuniões e treinos que ocorreriam. O interessante é que as notas ou notícias tinham um caráter de convocação. "O clube convoca seus membros ou atletas para uma reunião ou treino nesse dia, na hora tal...". Mesmos os jogos em si, pareciam "convocações".

Enfatizavam-se os 'jogos-treinos' entre os 1° e 2° times ou "quadros". O segundo quadro era tão somente o time reserva. Como não havia substituição na época, uma partida sempre envolvia o time principal e o time reserva. O jogo dos reservas servia de preliminar para o jogo principal. Hoje, isso não mais ocorre, pois pode-se substituir, então, além dos times titulares, a equipe leva os reservas para realizar substituições ao longo da partida. Por isso, até 1968, quando a F.I.F.A. permitiu as substituições, era comum as partidas serem disputadas pelos 1° e 2° Quadros, assim como era comum os jornais realizarem ampla cobertura dos suplentes. Com a possibilidade de substituições, até a palavra "quadro" desaparece.

Até recentemente se realizou, no Campeonato Paulista, algumas edições de um certame para reservas, chamado "Campeonato de Aspirantes". Mas não eram exatamente os reservas, mas sim um misto de juniores e jogadores que não ficariam no banco de reservas, pois não haviam sido relacionados para o jogo principal, já que se permite apenas um número limitado de atletas no banco de reservas, e eram assim dispensados do jogo principal. Nem sequer as partidas de aspirantes aconteceram nos mesmos locais do jogo principal ou o adversário era o mesmo. E além disso, antigamente disputavam-se campeonatos por pontos corridos, ou seja todos contra todos, sendo campeão o clube que somasse mais pontos no final. Isso permitia a realização de um campeonato paralelo de aspirantes, cujas partidas eram disputadas nas preliminares da partida principal. Viajava-se assim com os titulares e os reservas, dois times distintos do mesmo clube, disputando duas versões da mesma competição.

Voltando a 1912, o primeiro dérbi foi registrado pelo recém inaugurado *Diário do Povo* em março daquele ano. No dia 17 de março de 1912, um domingo, na parte destinada ao "Sport" e "Football", anunciava-se uma partida entre Ponte Preta e Guarani. A partida aconteceria no Campo da Vila Industrial e o jornal se referiu ao embate como "um amistoso match de football com os valorosos 1° e 2° teams do Guarany Foot Ball Club e Associação A. Ponte Preta". O anúncio vinha com a ficha técnica do jogo.

Essa partida não aconteceria nesse dia, devido às fortes chuvas daquela tarde de 17 de maio de 1912. Mas o jornal, não comunica nada no dia seguinte. Para quem não testemunhou aquele momento e o acompanhou pelo jornal, só ficaria sabendo que a partida fora adiada para uma semana depois, no domingo seguinte, dia 24 de março de 1912, a nova data para a disputa do jogo. Na seção "Sport" aparecia:

"Em virtude do mau tempo não poude ser jogado no domingo passado o anmunciado match de football entre os valorosos 1° e 2° teams do Guarany Foot Ball e Associação A. Ponte Preta. Hoje caso o tempo o permita, encontrar-se-ão pela primeira vez em um importante match estes vallentes teams"

O segundo encontro entre Ponte Preta e Guarani se realizou no mesmo ano, mas não era mais um amistoso. O jogo valia pelo recém criado Campeonato Campineiro. O *Diário do Povo* já deu um espaço maior ao jogo e um tratamento diferente. Era um grande jogo, mas ainda não era o dérbi. Eis a notícia publicada numa sexta-feira, dia 19 de máio de 1912, no *Diário do Povo*:

"Liga Operária de Foot-Ball

Segundo 'match' do campeonato de 1912; Guarany versus Ponte Preta.

Encontrar-se-ão hoje, ás 3 horas da tarde, pela primeira vez, no actual campeonato o 'team' do Guarany com o conjunto da A.A. Ponte Preta.

Os jogadores de hoje são por demais conhecidos nas rodas sportivas. Observando-se no modo que foram organisadas as 'equipes' e os 'praiers' que as constituem, pode-se dizer que o resultado é duvidoso. A vista disto e para maior brilhantismo do 'match' a partida será ás 12, para o hippodromo, acompanhando os 'plaiers' a Banda Italo-Brasileira. Actuará como 'referee' o Sr. Antonio Moura dos <<corinthians>>:

Os 'teams' estão assim organisados:

Guarany: Benetti, Lilo, Grego, Bertoni, Rios, Jardini, Romeo, Gonsalo, Cap. Russo, Antônio, Camões.

Ponte Preta: Moares, Lili, Burghi, Lopes, Valt, Duarte, Fernandes, Dario, Roque, Rangel, Amaprelles." [305]

Nos dias seguintes, o *Diário do Povo* nada publicou sobre o resultado do dérbi. De fato os jornais da época, como é o caso do *Diário do Povo*, ainda não viam no futebol um produto que merecesse um espaço maior, embora já fosse praticado por muitas pessoas na cidade. Privilegiavam-se outros temas. Mas já se notava nas páginas do jornal uma

[305] Percebe-se nessa notícia, como já foi mencionado anteriormente, uma forma já diferente de apresentar as escalações dos times, menos precisa que a anterior. Não se utilizava, como hoje, o "ponto e vírgula" para separar as posições dos jogadores. Por exemplo, após o goleiro, coloca-se o ponto e vírgula, após os dois zagueiros, coloca-se o ponto e vírgula, e por fim, após os três meias, coloca-se o ponto e vírgula. E sempre antes do último jogador da linha, coloca-se o "e", encerrando a linha. Assim, os setores de campo estão separados e temos noção onde jogam os jogadores. Um exemplo direto com o time apresentado nessa peleja: "Guarany: Benetti; Lilo e Grego; Bertoni, Rios e Jardini; Romeo, Gonsalo, Cap. Russo, Antônio e Camões".

crescente cobertura do futebol nos anos que se seguiram. Mais praticantes e mais adoradores do esporte apareciam. O próprio jornal percebia essa tendência e se preparava para isso. E chegava a se lamentar, mesmo após ter publicado uma matéria grande para a época, de não ter mais espaço. Na edição do dia 24 de agosto de 1914, o *Diário do Povo* saiu com a seguinte nota sobre o único dérbi realizado no Campo de Souzas, um amistoso vencido pelo Guarani por 2 a 0, e que terminou numa enorme confusão, com muita briga:

"<<Guarany >> - v. - <<Ponte Preta>>
O campeão campineiro

A absoluta necessidade que temos de economisar espaço, nos inhibe de uma longa descrição do que foi o grande <<match>> hontem havido em Arraial dos Souzas, para ficar definitivamente firmado em prova publica, a qual das aggremiações acima se deveria dar os louros de campeão campineiro."

O evento futebol, além de ser tratado com formalidade nas páginas dos jornais da época, também tratava seus agentes de maneira muito próxima, como se estivessem falando de pessoas que todos na cidade conheciam. Sobre a fundação da Liga Operária de Futebol de 1912, o *Diário do Povo* publicou em nota (nos moldes de uma ata) no 25 de abril de 1912:

"Conforme noticiamos, realizou-se dia 21 de abril, próximo passado, á uma hora da tarde, na séde do Corinthians a reunião dos seguintes senhores, representando os seguintes clubes: Angelo Beluomini, Berlindo Aranha e Conrado Blatner, pelo Internacional; José B. Pereira, Irineu Cotta e Octavio Marinho pelo Corinthians; Pompeo de Vito, Angelo Russo e Vicente Matallo, pelo Guarany; Domingos de Palma, Caetano Caruso e Celestino de Almeida, pelo London; José Jacomelli, Euclides Fernandes e José Rodrigues, pela Ponte Preta. Aberta a sessão presidiu a meza o sr. José B. Pereira, o qual convidou para secretário o sr. Cyrillo Irineu Cotta, foram discutidas e aprovadas diversas propostas e em seguida procedeu-se a eleição da directoria e conselho fiscal que ficaram assim constituidas: prezidente - Angelo Beluomini, vice-prezidente - Vicente Matallo, 1° secretário - José B. Pereira, 2° secretário - Caetano Caruso, thesoureiro - José Jacomelli, procurador - Manoel Fernandes. Conselho Fiscal: ~~Conrado Blatner,~~ ~~Angelo~~ Russo, ~~Irineu Cotta,~~ ~~Alberto~~ Delbuono, Domingos Palma e Alfredo Mendes."

No ano seguinte, em 1915, o jogo já ganhou um espaço grande no jornal, o que começava a ser comum, principalmente quando as matérias se referiam a Ponte Preta e ao Guarani. Outros clubes da cidade também passaram a ter mais espaço, mas não um espaço equivalente ao dado para Ponte Preta e Guarani, que eram presenças garantidas na seção de "Sport" e "Foot-Ball" do jornal. Só eram batidos, quando algum grande e importante evento envolvia outros times, o que era dificil, pois de certa forma, os "valorosos times" Ponte Preta e Guarani estavam envolvidos quase sempre nos principais eventos de futebol da cidade, e também fora da cidade, sendo a referência do futebol de Campinas, como por exemplo em partidas contra times de outras cidades. Sobre o dérbi de 1915, o *Diário do Povo* publicou em 24 de outubro:

"Guarany vs. Ponte Preta
O importante match de hoje

No estreito <<ground>> do <<hippodromo Campineiro >>, deve ter lugar hoje o encontro, tantas vezes evitado, do <<Sport Club Guarany>>[306] *com a <<Associação Athletica Ponte Preta>>, indiscutivelmente os dois clubs de foot-ball, que tem arrastado a Campinas, valorosos <<teams>> da capital e outros pontos do estado.*

O <<match>> de hoje reveste-se de excepcional importância, porque ambos dissertam se como campeão campineiro."

Com o tempo, as notícias sobre futebol e principalmente a cobertura do jogo tornavam-se mais minuciosas, mais cheias de detalhes. A descrição de uma partida de futebol naqueles anos poderia ser até mais detalhada que hoje. Mas isso não era regra, pois em dérbis disputados em anos posteriores, como em 1918 e 1919, por exemplo, a cobertura foi mínima, sem muito destaque. Os dérbis disputados no ano de 1916, tiveram uma cobertura grande, minuciosa e detalhada, não só do jogo, mas também dos bastidores. Num desses jogos, realizado no dia 21 de maio, houve muita briga, a exemplo do dérbi de Sousas, disputado dois anos antes. No *Diário do Povo* de 23 de maio de 1916, foi publicada a seguinte descrição desse dérbi e dos acontecimentos ocorridos naquele dia:

"Guarany versus Ponte Preta
Campeonato de 1916
Com uma assistência colossal, dia esplêndido, fulgurante de luz intensa em céu poético, teve lugar ante hontem no ground do Hippodromo Campineiro, o annunciado encontro entre os valorosos teams Guarany e Ponte Preta.
As desordens

Iniciando o match dos 1°s teams, que foram recebidos com muitas plamas, o temível Guarany desenvolve um ataque combinado e violento, que obriga a Ponte a desenvolver por sua vez uma defesa brilhante, cheia de esforços redobrados, que foram secundados pela agilidade indiscutível do formidável Amparense.

Enquanto essa lucta emocionante se realizava em campo, nas archibancadas e outras localidades ia se avolumando cada vez mais o enthusiasmo dos partidarios, os apartes vermelhos dos torcedores, o que deixou desde logo antever a possibilidade de cennas desagradaveis.

Neste intherin, Agostinho, aproveitando uma bela defesa de dario e amparado eficazmente pela alla esquerda de seu team, vaza pela primeira vez o goal da Ponte Preta, feito este que produziu nos torcedores do Guarany manifestações asthrondosas.

Momentos depois do descanço para o inicio do 2° half-time há troca de sopapos nas archibancadas entre dois rapazes o que provoca correrias e athropelos e o comparecimento de 4 guardas civicos. Acalmados e restabelecida a ordem novo rollo se

[306] O nome do Guarani está obviamente incorreto. Não havia uma precisão em dados simples como o nome do time na página do jornal. Muitos times apareciam de um dia para outro com seus nomes colocados de maneira incorreta. E, percebe-se também, não haver um padrão para a cobertura do futebol. A utilização de aspas ocorre de maneira exagerada e sem um propósito específico. Em outros textos sobre futebol, às vezes, nem apareciam aspas.

verificava nas archibancadas e novas cennas de panico se reproduzem. Afinal a presença sempre simpathica do snr. Euclydes Vieira, Presidente da Associação Campineira de Foot-Ball, consegue momentaneamente a tranquilidade geral na assistencia.

A lucta no ground no entanto vai violenta, há momentos em que a gente tem a sensação de assistir a uma esplendida tourada ou a uma lucta romana. De repente há um acidente qualquer no campo. Uma multidão corre de todos os lados, enquanto Amparense que punido pelo referee não quer aceitar a punicção. O referee mantem a punicção. Amaprense não altera sua resolução. O goal está sem defensor e a assistencia divide-se num momento em dois grandes partidos resolutos, um que grita! Schoota em goal. Uma tempestade de ameaças ampara o brilho da festa sportiva e as familias apavoradas abandonam as localidades.

O conflicto está iminente, depende da esfera e para milhares de pessoas vem-se apenas 4 praças. Alguem que antes se apresentava como autoridade acompanhado de soldados e com que o dr. Euclydes Vieira falara prometendo explicar tudo perante o inquerito, vendo o grande conflicto iniciado, fugiu ocultando-se num automovel. Nisto a bola schootada marca o 2° goal do Guarani e há uma exposição. O campo de football transformou-se numa arena de guerra e nas archibancadas também. Um grupo de rapazes amigos do snr. Octavio Mello corre em sua defesa e o rodeia.

Onde a lucta tomou mais vulto foi nas archibancadas. Aliados, torcedores, partidarios, simpaticos se esmurravam. Choviam sopapos, cacetes, foram vistos faccas e revolveres enquanto os soldados de espadachim em acção defendiam-se. Os que estavam nas archibancadas pediam auxilios aos que estavam nos baixos, que não podiam subir devido aos atropelados. As senhoras, umas gritavam outras rollavam pelas escadarias. Enquanto isso os de baixo forneciam bengalas, tijolos, etc. para os de cima.

Afinal com grandes esforços conseguiu-se ir abafando as explosões até complecta extinção das labaredas.

Uns feridos, outros assustados, alguns intimidados foi o fim do lamentavel acidente.

Sem pretendermos discutir a origem do conflicto, nem a qual grupo assiste o direito de apoio, bem como a qual delles cabe a responsabilidade dos lamentaveis successos de ante-hontem, cumprindo um dever de officio censuramos a ausencia de uma autoridade energia.

E que dirão os teams de fora e qual será o seu animo, ao terem noticias que os daqui assim se tratam ?"

Sobre esse mesmo confronto no dérbi, outro jornal, o *Commercio de Campinas*, que publicou muitas notas sobre futebol nesse período, publicou no dia 22 de maio de 1916, a seguinte descrição:

"... Nesta altura começa a degradante scena provocada por dois elementos da Ponte. Irreflectidamente, não sabemos se com autorização da directoria da Ponte, invadem o campo, impondo ao seu team a retirada do ground. Esse acto (...) mais exalta os partidários do team alvi-negro e as maiores balburdias se iniciam nas archibancadas. As familias que alli se achavam, foram tomadas de panico, procurando retirar-se apressadamente. Os amigos, torcedores e alliados se arregimentaram em defesa de seus

teams e o campo de jogo em poucos momentos se transformou em campo de batalha ao mesmo tempo que outros conflictos se davam nas archibancadas. O juiz cercado levou umas fortes doses de socos, bengaladas, bofetadas, empurrões e umas amostras de armas de fogo..."

Assim, percebe-se que nesses primeiros vinte anos do século XX, que correspondem aos primórdios do futebol em Campinas e o início da relação da imprensa local com o jogo, não havia ainda uma cobertura grande desse esporte, com exceção de alguns momentos, protagonizados pelo próprio dérbi, em que o futebol ganhou contornos de grande evento na cidade. Campinas desfrutava de um momento de grande prosperidade econômica devido à produção de café. A cidade vivenciava a primeira industrialização ocorrida na região e voltada para as atividades agrícolas. O embate entre Ponte Preta e Guarani já no final da década de 20 era visto como o principal clássico da cidade, que ainda não era chamado de "dérbi". Foi um período em que o futebol não desfrutava de muito espaço no jornal. Havia, no *Diário do Povo* por exemplo, apenas um espaço de meia página ou um terço dela destinado aos esportes, e as notícias de futebol não eram as principais noticias da página. Outras notícias sobre outros assuntos se misturavam às notícias de futebol, que na maioria das vezes vinham como notas curtas com chamadas ou convocações de clubes para eventos futebolísticos.

Não fazia muito tempo que o futebol desembarcara no Brasil com Charles Miller, e era assim ainda uma espécie de novidade para a sociedade paulista da época. Muitas pessoas, inclusive, viam o jogo como uma prática "violenta e selvagem". O jogo chegou a Campinas apenas três anos depois, em 1897. O ar de novidade do esporte não evitou que ele se difundisse muito pela cidade, o que resultou no surgimento de muitos times em Campinas nessas duas décadas. Além de Ponte Preta, em 1900, e Guarani, em 1911, surgiram também na cidade os times do London F.C., o S.C. White Team, o Campinas Black Team, o Corinthians F.C., o Gymnasio A.C., Americano F.C., Mogyana A.A., S.C. Operário, A.S. Palmeiras, Bonfim F.C., Concórdia F.C., etc. Foi um período tímido em relação à organização de certames na cidade. Em Campinas, houve uma tentativa frustrada em 1907. O primeiro campeonato da cidade aconteceu em 1912. Em São Paulo, já se organizavam certames deste 1902, através de duas ligas, a Liga Paulista de Futebol (LPF) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), certames esses embrionários para o Campeonato Paulista.

Os imigrantes tiveram grande e importante atuação e influência nesse momento para o futebol. Pois além de fundarem clubes (Ponte Preta e Guarani foram fundados por descendentes de italianos), também difundiram uma idéia positiva em relação à prática esportiva. Os alemães, por exemplo, fundaram escolas de ginástica em Campinas. O futebol era uma prática ainda bastante simples e os times mantinham uma relação muito próxima da população.

(Matéria sobre o Dérbi lamentando a falta de espaço para o "grande match", Diário do Povo de 24/08/1914.)

...ral onde foi encommendado
...ido dahi para o cemiterio do
...o.
...re o caixão mortuario foram
...iadas as seguintes corôas :—
...ades de sua filha Flora» ;
...ades de seus filhos e netos ;
...inda corôa de flores naturaes
...cida pela familia Franco ; «Sau-
...de Nun, Cecilia e Quita ;
...iades de Maria Benedicta e
...ra» ; «A nha Guilhermina sau
...de Porphirio e filhos e mui-
...outras de flores naturaes.
...ames.
...No bairro do Taquaral falleceu
...em ás 11 1/2 horas, a innocen
...zinha, directa filhinha do sr.
...nio Paoliori e de d. Joanna
...ieri Vivoli II.
...ente ha dar-se-á hoje ás 11,30
...s, sahindo o feretro de um
...o situado naquelle bairro.
...os desolados paes apresenta-
condolencias.

...estros Cinemas e Salões

CASINO CARLOS GOMES

...e, «A mulher núa», sensacional tra-
...da casa Cines, em um prologo e
...tos, sete partes ao todo, destina-
...a mais ruidoso successo.

COMPANHIA ENIREB

...no espectaculo de hontem despe-
...da platéa campineira a Companhia
...be que tão excellentes noitadas nos
...rcionou.
...no em anteriores funcções, os dis
...s artistas foram muito applaudidos
...avultada assistencia.

EXCELSIOR KINEMA

...a hoje :
...o paiz da morte», drama em 5 actos.
...kub», natural de Nordisk.
...la Patria», drama em 3 actos.
...ederico é Tjmido», comedia em 2
...de Eclipse.
...da na marinha mercante», natural de
...iosa.

AS ESCOLAS

GAMENTO DE VENCIMENTOS

...o ser pagos ao adjuncto do grupo
...lo de Campinas, annexo á Escola
...al Primaria, daquella cidade, Bene
...de Azevedo Marques, os vencimen-
...orrespondentes nos dias 1o e 2o de
...o do corrente, em que esteve em ser-
...eleitoral.

Matadouro

...ra o consumo publico foram
...em abatidos 25 bovinos, e 7
...os.

eclamos uteis

...namamos a boa attenção dos
...res do *Diario do Povo* para as
...intes publicações novas que in-
...nos nas respectivas secções :

ECONOMICOS

...em—Precisa-se.

ANNUNCIOS

...ino—Hoje, «A mulher nua», 7
...rtes.
...isior—Hoje, «No paiz da morte»
...actos.

...vidados.

A concorrencia foi numerosa.

S. LUIZ DE CAMÕES

A estimada associação recreativa Luiz de Camões, realisou hontem nos seus salões uma esplendida «soirée» dansante que se revestiu de raro brilhatismo.

A concorrencia foi bôa.

A. A. A. SALESIANOS

Realisa-se hoje, ás 19 horas, a eleição para a nova directoria da associação antigos alumnos salesianos.

Vida religiosa

MISSAS

Rezam-se hoje as seguintes:

Na Cathedral :
ás 6 1|2, 7 horas no altar mór.
ás 7 1|2 e 8 horas no altar das Dores.

Na Matriz de Santa Cruz:
ás 7 1|2 horas no altar mór.
ás 8 horas, no altar de N. Senhora dos Remedios.

No Rosario :
ás 5 1|2, 6, 6 1|2 e 7 horas.

Em S. Benedicto:
ás 6 1|4.

Lyceu de N. S. Auxiliadora:
ás 6 1|2 e 8 horas.

No Oratorio S. João:
ás 6 1|2 e 7.

Na Santa Casa:
ás 6 1|4 horas.

Seminario Menor de Santa Maria :
ás 6 1|2, 7 e 8 horas.

REUNIÃO

Reunem-se hoje ás 17 horas, os membros da Associação das Damas de Caridade.

VISITAS

Todas as tardes ás 18 horas terá lugar na Capella do SS. da Cathedral acostumada visita.

VIGARIO

Reassume hoje o cargo de vigario da parochia de Santa Cruz o revdmo Co. Octavio Chagas de Miranda.

Correspondencias

Amparo, 21

COM A MOGYANA—Entre as estações de Monte Alegre e Dr. Carlos Norberto, nas proximidades desta, os cortes da linha são tão acanhados que, domingo ultimo, viajando de Soccorro para esta, o sr. Dante Ramacciotti distrahiu-se, pondo a cabeça fóra da janella, teve a infelicidade de quebral-a em diversos lugares, pelas pedras do barranco que margeia a linha n'aquelle trecho.

JUIZ DE PAZ—Por achar-se doente e de cama o tenente Eugenio José de Oliveira, 1.o juiz de Paz desta comarca, assumiu a jurisdicção o sr. João Augusto de Souza Campos, seu substituto.

ORUPO RANGEL PESTANA A professora d. Aida Marques Vianna foi nomeada adjunta do mesmo grupo.

ANNIVERSARIOS—Fazem annos hoje: o gatante menino Dinovaldo, filho do professor Antonio Miéli ; o menino Laercio, filho do sr. José de Paiva Vidual, e o joven Fabio Xavier.

CIRCO VARIEDADES—Estréa domingo proximo a Companhia de Variedades que conta em seu elenco artistas de primeira ordem.

HOSPEDE—Esteve nesta cidade o sr. Aleyandre Krug, industrial ahi residente.

(Do correspondente).

...tes de diversas nacionalidades.

Sport

FOOT-BALL

«QUARANY» — V. — «PONTE PRETA» O CAMPEÃO CAMPINEIRO

A absoluta necessidade que temos de economisar espaço, nos inhibe de uma longa descripção do que foi o grande «match» hontem havido em Arraial dos Souzas, para ficar definitivamente firmado em prova publica, a qual das aggremiações acima se deveria dar os louros de campeão campineiro

Os antecedentes que determinaram a realisação desse encontro naquella localidade, já são muito conhecidos e porisso passámos á nossa laconica noticia.

A's 14 horas, apresentaram-se as «equipes» no «ground» do Parque Atralaiense, trajando o «Ponte Preta», calça branca e camisa listada de branco e preto ; o «Guarany», calça branca e camisa listada de verde e branco.

Momentos depois tinha inicio a esperada prova, servindo como Referee nos 2os teams o sr. Nagib José ; juizes de linha, os srs. Ernesto Vidiri, pelo «Guarany» e João Berghi pela «Ponte Preta ; e como Juizes de «goal», pelo «Guarany» o sr. Miguel Castanheira, e o sr. Evaristo Duarte pela «Ponte Preta».

O resultado foi o seguinte :

1.o «half time» :
«Guarany» — — — — — 2 «goals»
«Ponte Preta» — — — — 0 «goal»
2.o «half-time» :
«Guarany» — — — — — 1 «goal»
«Ponte Preta» — — — — 1 «goal»

Os «goals» do «Guarany» foram feitos pelos jogadores Rosa, Olympio, Saligo e o do «Ponte Preta» por Marinho.

O jogo dos 1.os «teams» foi renhidissimo e offereceu lances de verdadeira sensação, dando o seguinte resultado :

1.o «half time» :
«Guarany» — — — — — 0 «goal»
«Ponte Preta» — — — — 0 «goal»
2.o «hall time» :
«Guarany» — — — — — 2 «goals»
«Ponte Preta» — — — — 0 «goal»

Nos 1.os «teams» serviu o mesmo Juiz dos 2.os e como Juizes de linhas os srs. Luiz Affonso e Russo Sobrinho ; no Juizado do «goal» os srs. Evaristo Duarte e Ernesto Vidiri.

O resultado geral do encontro foi o seguinte :

«Guarany» — — — — — 5 goals
«Ponte Preta» — — — — 1 goal

Assim, o «Guarany Sport Club F. Ball», conquistou as 2 medalhas, uma de prata e outra de ouro, collocando-se na posição de campeão campineiro.

Durante os lances foram registrados, no 2.o «team», contra a «Ponte Preta» : 7 «corners», 1 «off side», 16 bolas em «goal», 3 «penaltys» e 1 «foul-kick».

Contra o «Guarany» : 6 «corners», 2 «off sides» e 5 bolas em «goal».

No 1.o «team», contra a «Ponte Preta» : 8 «corners» e 14 bolas em «goal», e contra o «Quarany» : 3 «corners» e 6 bolas em «goal».

A concorrencia foi avultadissima, notando-se familias de Campinas e localidades visinhas de Arraial dos Souzas.

Os trens especiaes correram apinhados, tocando durante a festa uma corporação musical.

Muitos jogadores sahiram bastante feridos, tendo havido insignificantes accidentes entre os partidarios dos dois «teams».

O policiamento foi correctamente feito e os moradores de Arraial dos Souzas trataram os seus visitantes de modo a merecerem elogios.

De regresso de Arraial o «Guarany» veiu até á nossa redacção que foi enthusiasticamente saudada por um dos socios do «Club Campeão», respondendo, em agradecimento, um dos nossos companheiros.

...-Em Leão.
...-E quem foi buscal-a a Leão
...ixo do travesseiro do advoga-

—O teu frade é algum valentão?
—Um segundo Bayard.
—E um homem que me prestou

X

Eteocle é Polynicio

VII - 13. O futebol se populariza e amplia seu espaço na imprensa: 1920 a 1930

"Guarany - Ponte Preta"
(título da primeira matéria sobre o dérbi no Correio Popular, 04/09/1927)

Os primeiros contatos entre futebol e sociedade, e futebol e imprensa, já haviam sido feitos. O futebol não era mais uma novidade. Os jornais já tinham evoluído, graficamente e mesmo em organização editorial. O dérbi já se estabelecia como um produto excepcional para a imprensa. Num dos dois dérbis de 1920, o jogo recebeu grande espaço e destaque no jornal - foram duas longas colunas na página -, no dia do jogo e depois do jogo. Saía assim no dia 13 de junho de 1920, no *Diário do Povo*:

"Foot-Ball
Campeonato municipal - match importantissimo

Numa lucta muito séria vão se empenhar hoje, no <<ground>> do Lockey Club, os valentes <<teams>> Guarany F.B.C. e A.A. Ponte Preta.

Para este <<match>> importantissimo está voltado quasi toda população, dividida em dois partidos.

Indiscutivelmente, hoje em Campinas, a prova sportiva mais importante do corrente ano, não só pelos fortes elementos de que se formam as duas <<esquadras>> foo-ballisticas, como também porque vão se defrontrar dois adversários respeitáveis e tradicionaes."[307]

Em 22 de julho de 1923, o *Diário do Povo* anuncia um dérbi já invocando o universo de rivalidade entre as equipes. Colocações como "o time perdeu só para prejudicar o outro", ou "o time entrou na competição só para enfrentar o outro", etc. Esse universo de rivalidade é explorado por torcedores, cronistas e imprensa até hoje.[308] Para esse dérbi, o *Diário do Povo* publicou a seguinte notícia:

"Em disputa ao campeonato do interior, realiza-se hoje nesta cidade um encontro sensacional e de suma importância para a vida sportiva local.

[307] Seguiram-se também as escalações dos dois times para o jogo.

[308] Um jogo histórico que ilustra essas histórias candidatas a virarem lendas e que até hoje é contado pelos torcedores de ambas as equipes, com direito a inúmeros exageros, ocorreu em 1948, na inauguração do Estádio Moisés Lucarelli. Nesse dia, a Ponte Preta enfrentou o E.C. XV de Novembro de Piracicaba e perdeu por 3 a 0. Dizem que o jogo, disputado pelo Campeonato Paulista da II Divisão daquele ano, poderia ter sido vencido pela Ponte Preta, que além de ter jogado melhor, "perdeu" de forma proposital vários gols, incluindo aí dois pênaltis. E teria sido de propósito, para prejudicar o Guarani, que disputava vaga diretamente com o time piracicabano. Com a vitória, o E.C. XV de Novembro de Piracicaba ficou perto da vaga e o Guarani ficou longe. A derrota, contam, foi muito comemorada pelos "pontepretanos"...

Adversários de velha pelejas no campo de 'foot-ball', o <<Guarany>> e o <<Ponte Preta>>, tem milhares de partidarios e centenas de <<torcedores>>[309] *vermelhos e dos mais exaltados.*

Ultimamente os pontepretanos têm procurado conseguir um encontro com o club campeão, tentativa esta sem resultado.

Pode-se mesmo affirmar que o <<Ponte Preta>> inscreveu-se no campeonato do interior, sómente para ter opportunidade de medir forças com o <<Guarany>>."

O vocabulário do futebol vai aos poucos se aportuguesando e se construindo. Hoje existe todo um vocabulário particular ao futebol. Os times começavam a ser chamados com mais freqüência pelos "apelidos" que recebiam, e que com o tempo, ou se transformaram em mascotes ou em termos comuns para se referir a um determinado time. Duas novidades, o "football" foi substituído por "futebol", e "sport" por "esporte", embora as palavras em inglês ainda aparecessem com freqüência nos anos seguintes. Vê-se o uso desses termos, por exemplo, em notícia - com cobertura minuciosa e detalhada - do *Diário do Povo* de 16 de junho de 1925, comentando um dérbi que ocorrera dois dias antes, e onde houve também mais uma briga[310]:

"Um 'turumbamba' por causa do futebol
A 'A.A. Ponte Preta' venceu o 'Guarany' por 3 a 0

...Campinas ante-hontem se movimentou em sua quasi totalidade. É que no estádio uma formidável lucta se ia trava entre os quadros da querida e prestigiosa sociedade esportiva A.A. Ponte Preta, a <<veterana>>, e não menos sympathisado e irradiante do <<bugre>>, o Guarany F.C.."

As brigas ocorridas nesse dia repercutiram tanto, que no dérbi seguinte, realizado no dia 23 de agosto de 1925, o *Diário do Povo* assim noticiou no dia do jogo:

" 'O embate'

É hoje, finalmente, que os amantes do violento esporte bretão, terão ensaio de assistir a uma lucta pebolística entre verdadeiros rivaes."

Ainda nessa partida, a matéria no jornal, com várias colunas inteiras na página só para o jogo, trouxe em seu corpo duas colunas inteiras com palpites sobre qual poderia ser o resultado da peleja. Pessoas conhecidas e de destaque na cidade na época, é que participaram dessa "coluna de palpites", hoje tão comum, e que de certa forma abriram as portas para a inserção de textos opinativos e pessoais voltados para a crônica do futebol. A crônica já era comum no jornal, mas não para o futebol, e sim para a política.

Muitas "notícias" eram enviadas ao jornal. Isso acontecia principalmente com o futebol. Não era exatamente o jornal que corria atrás das informações e notícias nos

---

[309] Aqui aparece uma das raras vezes em que o jornal se utiliza da palavra "torcedor", que estava então sendo introduzido aos poucos no vocabulário do futebol. Usava-se então com mais freqüência, "admiradores", "partidários", "entusiastas", "amantes", etc.

[310] Uma rivalidade histórica entre times de futebol ou entre famílias, etc., pode começar com uma única briga. Estamos ainda nos anos 20 e Ponte Preta e Guarani já haviam brigado algumas vezes...

clubes, embora também ocorresse dessa forma. Mas muitas vezes, eram os clubes que enviavam as notícias e o jornal as publicava. Essa característica perdurou por mais de uma década[311], como mostra essa nota publicada no *Correio Popular* em 24 de novembro de 1927:

"Aviso aos clubs sportivos

As informações que nos enviem os clubs sportivos devem ser entregues até ás 21 horas, nesta redação, para que possam ser publicadas no dia seguinte. As descrições e resultados de competições sportivas, só serão publicadas quando até o dia seguinte ao da sua realisação"

O *Diário do Povo* foi fundado meses antes da disputa do primeiro dérbi. O jornal acompanhou então toda a história do maior clássico da cidade. Também surgiu antes da disputa do primeiro Campeonato Campineiro, naquele mesmo ano, certame esse que contou com a presença de Ponte Preta e Guarani, e inclusive, com dois dérbis vencidos pela Ponte Preta.

Já o *Correio Popular*, que saiu pela primeira vez em 4 de setembro de 1927, momento em que a rivalidade já estava criada e o encontro entre Ponte Preta e Guarani mobilizava multidões. A Ponte Preta era chamada, já naquela época, de a "Veterana", por ser um dos times mais antigos da cidade e do país. E o Guarani já era chamado de "Bugre", numa clara alusão a um índio e à ópera "O Guarani", composta pelo maestro campineiro Carlos Gomes, e que inspirou o nome do clube. A redação do *Correio Popular* se localizava na Rua Conceição, 82. A primeira edição saiu com 12 páginas, e a partir do segundo número, 8 páginas.

Nessa década, de 1920 a 1930, o futebol se populariza em duas frentes, entre torcedores, momento em que já existem muitos pontepretanos e bugrinos, e também em relação à pratica efetiva do jogo em campos de várzea, já que Campinas, a exemplo de São Paulo, ainda possuía muitos espaços na cidade para a prática do futebol, e nos clubes, com o surgimento de times de clubes. Entre os times que surgiram na cidade nesse período, podemos destacar o Campinas F.C., que se tornaria uma potência em meados da década de 30, o E.C. Corinthians, que também se destacaria muito no cenário futebolístico de Campinas, o Botafogo F.C., o Guanabara F.C. e o Voluntários da Pátria F.C., hoje apenas Pátria F.C. e que ainda disputa os certames da Liga Campineira de Futebol.

Os clubes campineiros ganham projeção estadual com a participação no Campeonato do Interior e também nos certames da APEA e da Liga dos Amadores de Futebol (LAF), ambas entidades da capital. É um momento em que começa ocorrer um distanciamento entre torcedores e os ~~times, que se tornaria~~ efetivo ~~no período seguinte~~. Na imprensa, o futebol consolida seu espaço como esporte de destaque para a cobertura

[311] Ainda hoje os clubes enviam notícias ou anúncios de eventos que ocorrem em seus espaços. Mas não ocorre com clubes de grande projeção, que possuam, por exemplo, times de futebol. Ponte Preta e Guarani não enviam notícias, mas possuem até "plantonistas" ou "setoristas", que são jornalistas (ou não) que ficam exclusivamente nos clubes acompanhando o dia a dia dos times, enviando para seus respectivos veículos de comunicação as notícias que coletam. Em alguns momentos, o inverso ainda acontece. Quando Ponte Preta e Guarani querem ou precisam divulgar ou esclarecer algum acontecimento, convocam a imprensa para se pronunciar. Possuem até salas de imprensa para isso.

jornalística, passando então a ganhar proeminência em relação aos outros esportes nas páginas dos jornais.

(Notícias sobre futebol em meio a outros assuntos, como religião e "matadouro", Correio Popular, 04/09/1927.)

SPORT

PARA A PERFEIÇÃO DA RAÇA.

Acompanhando a moderna orientação da imprensa que, apezar de todos os obices, de todas as leis retrogradas e iniquas, é sempre a aluvanca poderosa, que impulsiona todas as manifestações do progresso e da actividade humana, o "Correio Popular" que hoje inicia a sua publicação nesta generosa terra, não podia deixar de ter como parte integrante de seu programma, "Uma cooperação efficaz e constante nesse magno problema, cuja solução concorrerá efficientemente para o futuro grandioso da nossa nacionalidade pratica salutar e intensiva de todos os sports, como factor principal do aperfeiçoamento physico da nossa mocidade, revigoramento de suas energias moraes e intellectuaes, e do fortalecimento de nossa raça.

A essa cruzada meritoria, obra de verdadeiro e são patriotismo, prestaremos o nosso franco e leal apoio, não regateando os nossos applausos, e a nossa sympathia, a todos os esforços, a todas as iniciativas, tendentes á consecução desse nobilissimo ideal.

UMA SAUDAÇÃO

Sejam estas linhas uma homenagem leal e sincera ás agremiações sportivas de Campinas, a esses nucleos de esforçados batalhadores, de abnegados pioneiros do sport, que têm sabido manter á custa de sacrificios ingentes, o progresso de todas as vicissitudes as tradições gloriosas da terra Campineira.

A' veterana Ponte Preta, ao glorioso Guarany, ao Club Athletico Campinas, ao nosso Club de Regatas Nogueira e a todas essas sociedades, que, modesta mas efficientemente têm trabalhado pelo sport em Campinas, o "Correio Popular" apresenta as suas saudações e os seus votos de prosperidade e de novas glorias.

YPIRANGA FOOT-BALL CLUB

No campo do "Ypiranga", realisam-se hoje ás 2 horas treino obrigatorio entre os primeiro e segundo quadros.

O "ESPORTIVO"

Recebemos o numero 21 deste acreditado semanario esportivo, que se publica nesta cidade sob a competente direcção de Erasmi Paulino.

PONTE PRETA x SÃO BENTO

Devido ao máo tempo deixou de seguir para São Bento o 2.o quadro de veteranos, ficando este jogo transferido para outra opportunidade.

Por esse motivo a preliminar do jogo de hoje no *Hyppodromo*, com o Americano F. Club, será disputada pelo mesmo.

HOMENAGEM DO FASCIO DE CAMPINAS AO TRIPULANTES DO "JAHU"

O Partido Fascista de Campinas vae uma homenagem aos tripulantes do "Jahu" acaba de offerecer uma bellissima taça denominada "TAÇA ISOTTA FRASCHINI" por

rosos treinos entre as suas turmas de Ping-Pong.

Tambem os seus quadros de Foot-Ball, tem se submettido á rigorosos treinos pra em breve entrarem em jogo amistoso as 11 A. Ex Alumnos de D. Bosco.

O "CORREIO POPULAR"

O Correio Popular encontrará uma varada e desenvolvida secção sportiva, na qual serão tratados todos os assumptos que se relacionarem com o movimento sportivo desta cidade e do resto do Estado, com a maior absoluta imparcialidade.

MATADOURO

Para o consumo da população abateram-se hontem no Matadouro Municipal: 54 rezes, 32 porcos e 11 cabellos, 6 leitões e 1 carneiro.

Culto Catholico

Catecismo

Haverá, hoje, um passeio para os meninos do catecismo, sendo os alumnos acompanhados pelas catechizadas catechistas.

Chrisma

Será novamente administrado pelo Ilmo. sr. Bispo, hoje, ás 2 horas da tarde, o sacramento do Chrisma.

Obra Pia de N. Senhor e Almas

Como de costume, ás 7 1/2 da manhã, haverá missa, pelas almas fallecidas.

Damas de Caridade

A commissão "pró-ilelitos" fez offerta de quinhentos mil reis, para a benemerita Associação das Damas de Caridade, deste Curato.

Capella do Crucifixado

Está bem adeantada a pintura da capella do Senhor Crucifixado.

O serviço que está a cargo do sr. Thomaz, do Pinacinho, tem agradado aos visitantes entendidos do assumpto.

Escoteiros catholicos

O Grupo Immaculada Conceição conta com seus escoteiros.

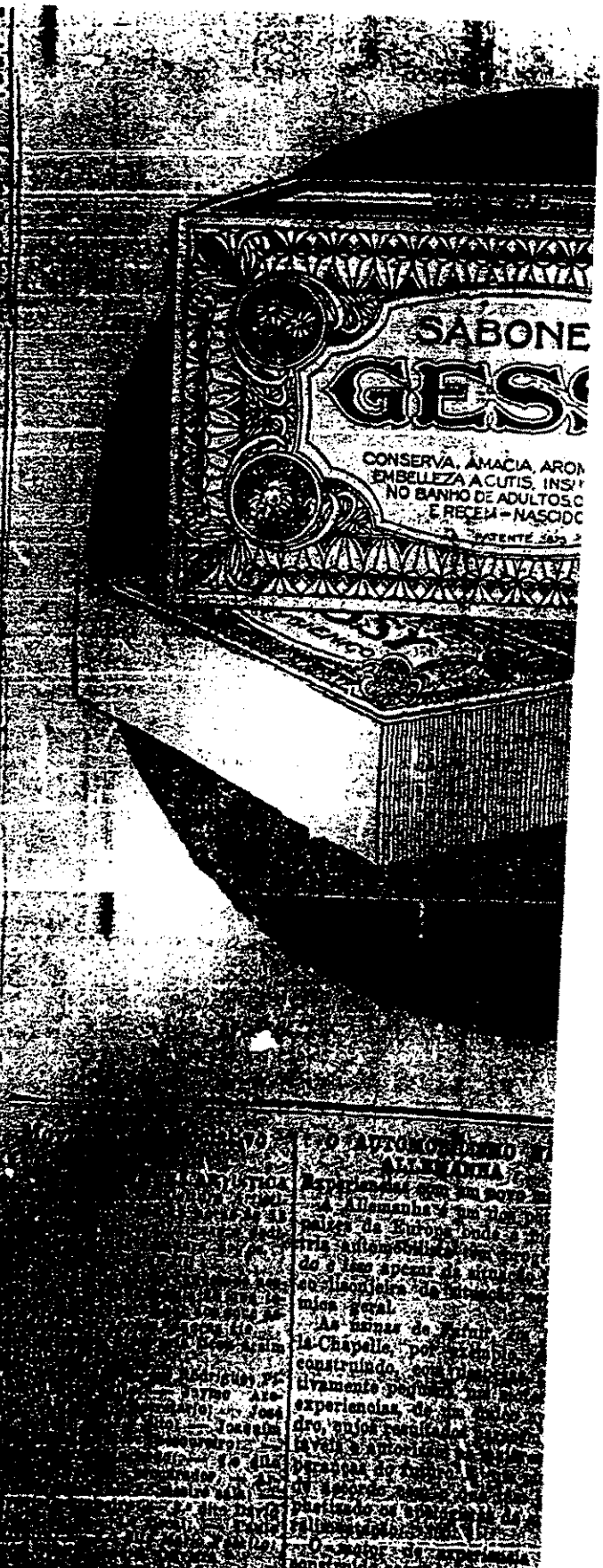
Os escoteiros catholicos devem ouvir missa todos os domingos e commungar uma vez por mez.

E' do dodico do escoteiro o respeito ás autoridades religiosas, civis e trabalharem pela Religião e pela Patria.

EVANGELHO

Luc. 17 11-19

Naquelle tempo acon... Jesus entre a Samaria ... para ir a Jerusalém; ... em uma aldeia, dez ... lhe ao encontro. ... distancia e começ... altas vozes: "Jesus ... piedade de nós". ... avistou, disse-lhes ... trar aos sacerdotes. ... ainda de caminho ... ficaram ellos. Um ... curado, voltou atraz ... Deus em altas vozes ... se aos pés de Jesus, ... do-os com o rosto em ... graças. Era um ... muito fallando, disse



(Primeira edição do Correio Popular, 04/09/1927, traz na página de esportes notícias de futebol com fotografias e um texto sobre o Dérbi, lamentando a ausência da disputa do clássico campineiro.)

SPORT

FUTEBOL

GUARANY x YPIRANGA

O encontro de hoje

Se o tempo permittir realisa-se hoje, no grammado da rua José Paulino um festival sportivo promovido pelo calente Guarany local. Constará a tarde sportiva de duas partidas amistosas de foot-ball, entre as adestradas esquadras representativas do Guarany e C. A. Ypiranga, de Jundiahy. Como partida principal, e como preliminar a esquadra secundaria do "Bugre" e a principal do Fascista A. C., local.



BARBANERA DO GUARANY

O encontro promette ser interessante, dado a pujança do gremio visitante que ha pouco ainda conseguiu sobrepujar um dos valentes conjunctos da divisão principal apeana, e por contar em seu seio um punhado de jogadores destemidos e

Recentemente reorganisado o gremio da Villa Arens, ex-Corinthians Jundiahyense, que tantos louros colheu para a visinha cidade, conta em nosso meio innumeras sympathias como quadro ordeiro e disciplinado, possuidor de um conjuncto formidavel, no qual destaca-se os elementos Gallo, Jovino, Batata, Pellegati e Pisati, todos nossos conhecidos, capaz de proporcionar aos amantes e cultivadores do bello sport bretão uma tarde sportiva que agradará por certo aos que forem assistir o embate no Estadio do Guarany.

Arbitrará a partida competente juiz da 1.ª divisão da APEA.

O Gremio visitante salvo modificações imprevistas pisará o grammado assim organisado: Gallo — José, Jovino — Marcansola, Augusto, Pretti — Alfredo, Chico, Batista, Pellegatti e Pisatti.

Do conjuncto local ao que nos consta a organisação será a mesma do ultimo encontro contra o Ypiranga Paulista.



"Referentemente aos boatos em torno do desligamento do Antarctica F. C., E. C. Syrio, Espanha F. C. e E. C. Internacional do seio da Liga dos Amadores de Foot-Ball, estamos autorizados a informar que esses grandes gremios continuarão a prestigiar a "Laf", tendo sido recusadas as propostas que lhes foram apresentadas por emissarios da Apea".

GUARANY-PONTE PRETA

A lamentavel scisão do foot-ball paulista, reflectiu-se tambem em Campinas, collocando em campos oppostos os, dois antigos e tradicionaes gremios sportivos, Guarany e Ponte Preta.

Velhos rivaes, contando ambos com uma legião enorme de fanaticos admiradores, sempre lutaram com denodo pela prosperidade do foot-ball em nossa terra.

Nem sempre navegaram em mar de rosas.

E situações bem criticas, horas bem amargas, ambos atravessaram, e a situação de relativa prosperidade que hoje desfructam, devem-na aos esforços e á tenacidade com que sempre se bateram pelos seus ideaes sportivos, em um meio, onde outras iniciativas, algumas de maior vulto têm fracassado lamentavelmente.

Os jogos Ponte-Guarany marcaram epocha nos meios sportivos do Estado e em Campinas constituiam verdadeiros acontecimentos, em que se interessava quasi toda população.

E agora com esses clubs em entidades differentes, até quando ficarão os afficionados privados desses encontros sensacionaes?

Chi lo sá!

CAMPEONATO BRASILEIRO DE FOOT-BALL

Segundo consta será iniciado no

As notícias sobre futebol aparecem já em textos maiores, não mais como simples notas, e já aparece também, na segunda metade da década, a utilização de fotos na página, agora inteira, de esportes. O *Correio Popular* começa a circular em 1927, e desde o início dedica uma página inteira para os esportes, ilustrada com fotos, onde mais se destaca o futebol. São fotos ainda posadas, de jogadores e times, devido à necessidade de um tempo longo de exposição para a feitura delas, sendo difícil e incomum fazer fotos de partidas de futebol.

Sobre o dérbi, logo na primeira edição do *Correio Popular*, este lamenta em texto grande a ausência do clássico, já que Ponte Preta e Guarani estavam em lados opostos naquele momento, cada um em cada uma das duas entidades que então organizavam o certame de São Paulo. O jornal lamenta que a população de Campinas estivesse naquele momento privada do maior embate de futebol da cidade. O futebol totalmente amador das duas primeiras décadas do século XX dá espaço a um futebol já com algumas características e indicações de um profissionalismo em formação, e que se estabeleceria efetivamente nos anos seguintes, quando a imprensa passa a tratar o futebol como um grande evento na cidade.

VII - 14. O profissionalismo: transformam-se o futebol e a imprensa: 1930 a 1947

"O "Derby" do futebol campineiro... - De amanhã a sete dias: – Guarany X Ponte" (Correio Popular, 12/11/1932)
"Campinas vae assistir hoje, a partida que é o "derby" de seu futebol - Todas as possibilidades tem esse encontro de ser optimo" (Correio Popular, 20//11/32)
"Na iminência da realização do formidável choque Ponte Preta X Guarany - O encontro que revolucionou os meios esportivos campineiros" (Correio Popular, 23/11/1935)
"O jogo mais sensacional da cidade - Ponte Preta X Guarani" (Diário do Povo, 04/07/1937)
"O Choque das potencias do futebol citadino - Ponte e Guarany disputarão amanhã, o cortejo máximo de nosso futebol" (Diário do Povo, 19/11/1938)

Chegam os anos 30. Tem início um período de grandes e significativas mudanças no futebol e na cobertura da imprensa. A cidade de Campinas iniciava nesse período a segunda fase da industrialização, com um grande crescimento da população, através da migração interna. As transformações no espaço urbano reduzem bastante os espaços que antes existiam para a prática do futebol. Mas o período sem jogos entre Ponte Preta e Guarani durou até 1932.

Em 1927, o Guarani iniciou sua participação no Campeonato Paulista da APEA, ficando até 1931. E a Ponte Preta, no ano seguinte e também em 1929, disputou o Campeonato Paulista da LAF. O último dérbi disputado havia ocorrido em 23 de janeiro daquele mesmo ano, em 1927, e o Guarani derrotou a Ponte Preta por 3 a 1, jogando em seu estádio, o "Pastinho", pelo Campeonato do Interior. Aconteceu portanto antes de começar a circular o *Correio Popular*.

Além disso, Campinas estava prestes a entrar num processo irreversível de industrialização. Os grandes fazendeiros, a classe mais poderosa de outrora, davam lugar a

uma poderosa nova elite, a burguesia industrial. A cidade estava começando a se alterar bastante. Os antigos costumes estavam sendo substituídos, ainda que lentamente, pelos novos costumes de influência burguesa. Campinas se industrializaria rapidamente a partir de meados da década de 30, a partir de então muito pouco sobraria da cultura do café e do domínio dos barões do café.

E se hoje luta-se no Brasil para termos um futebol mais organizado, mais "profissional", o profissionalismo não era exatamente o sonho dourado de muitos nessa época. Não só jogadores e dirigentes expressavam essa opinião, optando pelo futebol amador, "mais puro" e não corrompido. Também a imprensa realizava a sua campanha particular contra o profissionalismo, cuja idéia de implantação já havia se manifestado no Brasil nos anos 20, como influência das notícias sobre futebol trazidas da Europa, onde o profissionalismo se estabeleceu bem antes. Em 5 de novembro de 1927, o *Correio Popular* publicou uma notícia claramente se posicionando contra a implantação do profissionalismo do futebol no Brasil:

"O profissionalismo no foot-ball hnngaro
Foi um fracasso a tentativa para a sua implantação.

A tentativa para implantação do profissionalismo em foot-ball na Hungria puderam apenas contra - fracasso, a dar-se credito ás noticias que chegam desde paiz. O secretario da Federação de Foot-Ball, sr. Fédor aproveitando-se da terminação do primeiro campeonato para profisionaes, relaborou um trabalho estatistico bem interessante e que prova de modo claro que somente dous clubs, os mais importantes ferenevaros e Hungaria puderam apenas contrabalancear a receita com a despeza, lutando nus com grande difficuldade financeira e achando-se outros visinhos da fallencia.

Segundo os dados estatisticos do sr. Fédor a receita total dos jogos foi 1,200,00 "pengos" ou sejam 1,200:000$000 aproximadamente em moeda brasileira.

A despeza total attingia a ... ... 900:000$000 e os 300:000$000 restantes foram distribuidos proporcionalmente á renda de cada club, em número de 24.

Dos 300:000$000 couberam aos clubs ferenevaros e Hungria ... ... 150:000$000, quantia por certo inferior a por elles dispendida com os teams e os 150:000$000 restantes foi partilhada por 22 concurrentes tocando a cada um pouco mais de 7:000$000.

Como se vê o fracasso é certo e alguns dos nossos sportemens que entendem que podemos instituir campeonatos para profissionaes que mirem nesses espelho."

A defesa do amadorismo, em vista da imposição de interesses do mercado favoráveis à manutenção do profissionalismo no futebol, fez com que a imprensa, em poucos anos, mudasse sua postura, passando a cobrir o futebol profissional e usufruindo dele.

Embora o *Correio Popular* só tenha realizado a cobertura de um dérbi em novembro de 1932, o jornal surge num momento em que o futebol já está consagrado no Brasil e em Campinas como o esporte do povo, o esporte das multidões. Assim, o *Correio Popular* nasce já com uma página inteira praticamente - das 8 páginas do jornal -, toda destinada a esportes, com um título bem grande no alto da página escrito "Sports". O

interessante é que dos dois lados do título da seção ou da página aparecem dois desenhos de dois atletas. À esquerda, lado em que começamos a ler, portanto o lado com maior destaque, aparece um jogador de futebol fazendo embaixadas. E à direita, aparece um boxeador, pois o boxe era um esporte bastante popular na época.

A utilização de fotos e ilustrações já era comum, tanto que na página de esporte, a número 5, apareciam duas fotos com formas ovais, como quadros ou molduras, de dois jogadores do Guarani na época: Barbanera e Robertinho. A postura é a de uma foto do "busto", ou seja, uma foto posada da pessoa desde o abdômen até a cabeça, característica de fotos antigas. Embora não fosse algo recém criado, a fotografia, surgida no século XIX, ainda era, de certa forma, uma atividade nova, cujos recursos e possibilidades de utilização e aplicação começavam a se abrir, a aparecer, principalmente para a imprensa.

A imagem para o jornalismo é hoje algo fundamental. Quando se escreve uma matéria, inevitavelmente, o editor pede ou manda produzir fotos ou ilustrações, como desenhos e gráficos. Não existem jornais hoje que não se utilizem de fotos ou ilustrações. A imagem foi incorporada ao jornalismo. É parte fundamental da notícia, ainda mais quando o jornalismo tem um caráter mais dinâmico, de leitura rápida, adaptação ao perfil do leitor contemporâneo. A imagem acaba muitas vezes funcionando como o principal meio de transmissão da notícia, da mensagem, isso quando, ela sozinha, não é a própria notícia. E aqui talvez caiba a distinção da imagem como jornalismo e da imagem como arte, o que para muita gente pode ser a mesma coisa. Não são, pela própria função a que estão destinadas. Uma fotografia pode, evidentemente ser, tanto jornalística quanto artística, mais aí ainda depende de como ela é usada, e para qual fim. Na verdade, qualquer imagem pode ser usada para o jornalismo e dela se fazer arte também...[312]

Assim como o texto jornalístico pode ser editado e posicionado na página do jornal de maneira a passar determinada mensagem ou noção, também a fotografia ou imagem está sujeita ao mesmo processo de edição e seleção. Levando-se em consideração a nossa forma de leitura de uma página, do alto para baixo e da esquerda para direita, e a parte dessa página que mais facilmente e primeiramente nos chama a atenção, no alto e à esquerda, pode-se privilegiar determinada notícia ou imagem. Quando eles ocupam o alto da página e à esquerda, estão ocupando o espaço de maior destaque num jornal. E, ao contrário, a parte baixa e à direita, estão recebendo um menor destaque - vale tanto para uma página única ou duas páginas abertas de um jornal, quando então podemos considerar o quadro todo com as duas páginas. Também a relação de tamanho entre texto e imagem ou a relação entre imagens, são maneiras de tornar a página como um todo um instrumento único de difusão de uma determinada notícia, mensagem ou ideologia. Essa característica, aparentemente banal e simples é suficiente para o jornal, indiretamente e

[312] Essa discussão geraria páginas sobre o assunto, o que não cabe aqui. Voltaríamos a minha "ojeriza" em relação à classificação e utilização da "arte". Interessa-me somente a percepção de que a imagem vai se tornando parte fundamental do jornalismo ao longo dos anos, de maneira que, hoje não é possível pensar em jornalismo sem a utilização da imagem. O que antes era apenas um recurso para ilustrar e elucidar, hoje é parte inerente e fundamental da prática jornalística. Vende-se jornal apenas com uma imagem, seja uma foto, seja uma ilustração ou uma tira de quadrinhos, o que reflete a tendência geral da sociedade atual, que também é chamada de "sociedade da imagem". Um indivíduo na sociedade contemporânea é constantemente bombardeado por imagens produzidas a todo instante, seja em papel ou em vídeo. É uma característica de nossa cultura ocidental, industrializada, tecnológica e capitalista.

discretamente, se posicionar, exercer sua parcialidade quanto a um determinado tema, assunto ou fato.

Pode-se observar isso, por exemplo, durante uma greve. Ao noticiar a greve, alguns jornais da grande imprensa, representantes da ideologia burguesa, portanto contrários à greve, distribuem as notícias que enfocam os dois lados ou versões do evento, patrões e trabalhadores, de maneira que a população acabe indo para o lado dos patrões, considerando a greve ilegal ou abusiva. Isso é feito através da edição do texto e sua posição na página.

Outro exemplo recente se deu com a guerra no Afeganistão. Muitos veículos de imprensa, principalmente os televisivos, induziram de maneira fulminante a população a apoiar os americanos e suas incursões em solo afegão na guerra, considerando os árabes (muitas vezes generalizando-se e homogeneizando-se a denominação "árabe") os vilões da história. A queda das torres do World Trade Center centenas de vezes na televisão sensibilizou a população, de maneira geral, a favor dos Estados Unidos, não se levando em consideração a complexidade do evento, dos antecedentes históricos envolvidos.

É claro que são exemplos políticos, onde essa manipulação se faz mais presente. Mas esse tipo de edição realizado pelos meios de comunicação é comum em qualquer esfera, inclusive a esportiva. No caso do futebol, lendas, mitos, heróis e vilões são criados e perpetuados através desse expediente.

Os esportes que aparecem na cobertura esportiva do *Correio Popular* nessa época são o futebol, com mais destaque entre todos, a aviação, ainda vista como um esporte, educação física, xadrez, basquete, tênis, natação, atletismo, boliche, boxe, automobilismo, turfe, tênis de mesa (pingue-pongue, na época e hoje), motociclismo, ciclismo e até beisebol, com notícias do esporte praticado nos Estados Unidos. Curiosamente também apareciam outros "esportes" na seção de esportes, e que hoje jamais estariam nessa seção: o "escoteirismo", que se refere às atividades de grupos de escoteiros, que até inclui inúmeras atividades físicas, mas também muitas outras atividades que não são físicas, e "colombophilismo", corrida de pombos correios. Entre esses, um dos esportes de mais destaque era o boxe, como se vê nessa notícia sobre a disputa do título mundial de box no *Correio Popular* de 23 de setembro de 1927:

"O sensacional encontro de box entre Gene Tunney e Jack Dempsey

O mundo inteiro vem esperando com indisível ansiedade o resultado da formidável luta entre os dois mais valentes pugilistas... destes últimos tempos...

Não há memoria nos annaes do pugilismo ou de qualquer outra competição sportiva, de tão grande expectativa, de tão grande interesse da formidável preocupação que empolgou todos e obsedou todos os espíritos, pelo resultado dessa sensacional pugna...

...O "Correio Popular", non intuito de informar seus leitores, não poupou esforços e, assim, apresenta o desenvolvido serviço telegraphico que se segue, para satisfazer a justa curiosidade que vem despertando esse grande encontro."

Um dado interessante sobre os jornais *Diário do Povo* e *Correio Popular*, que vale a pena ser ressaltado, é a postura "regionalista" desses veículos. A cidade de Campinas, bem como suas atividades e cultura, incluindo aí evidentemente seus times de futebol,

eram sempre exaltados nas páginas dos jornais. Na verdade, isso acontecia com qualquer jornal, mesmo os jornais da capital. Mas com o tempo, essa postura regionalista manteve-se mais nos jornais das cidades do interior. Hoje, o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, deixam transparecer às vezes essa exaltação à cidade e região, mas não como antes. E os jornais da capital, como o *O Estado de S. Paulo* e a *A Folha de S. Paulo*, se tornaram mais cosmopolitas, como a própria cidade de São Paulo. Campinas é uma cidade muito grande, uma das maiores do país, mas ainda é uma cidade do interior, e nuanças dessa condição aparecem nessas particularidades, como por exemplo dos jornais campineiros.

Como fã do esporte "desde sempre", me acostumei a ouvir jogos de futebol e radiojornalismo em diversas emissoras de rádio da região e da capital. As rádios campineiras sempre foram exageradas em alguns aspectos. Bem, deve-se dizer que a transmissão de uma partida de futebol pelo rádio, devido ao próprio veículo que não traz até nós imagens do jogo, a partida, mesmo sem muita emoção na realidade, passa a ser um evento épico na voz dos seus radialistas, verdadeiros heróis eu diria. Pois a capacidade de sintetizar lances de futebol numa velocidade impressionante e adicionar ao lance um grau elevado de emoção e expectativa, que muitas vezes não existe de fato, faz do trabalho do radialista de futebol, algo maravilhosamente bonito e difícil, excitante e instigante.

O futebol campineiro ainda "produzia" nesse período muitos clubes. Por exemplo, numa época em que se falava muito no fascismo, existia também um time em Campinas com o nome A.A. Fascista. As notícias ainda vinham carregadas de palavras e expressões em inglês. Gols eram "pontos". A aviação ainda tinha grande destaque e ainda ostentava a condição de esporte, ou no mínimo, uma grande aventura para "homens especiais" - e muitas mulheres também, que venceram o preconceito.

Mas, o mais interessante e importante nessa primeira edição do *Correio Popular* é um texto na seção de esportes que é quase um manifesto, lamentando a ausência do dérbi. Parece até exigir a volta do maior clássico da cidade, o que deixa muito claro o quanto o dérbi, ainda não chamado assim, representava para a cidade na época. Já nessa época, o dérbi ultrapassa a esfera do futebol campineiro, ultrapassa os limites da cidade de Campinas, tornando-se um evento estadual. Mesmo que, depois de participarem respectivamente dos Campeonatos Paulistas da LAF e APEA, tenham voltado a disputar o futebol campineiro, jogando o Campeonato Campineiro, Ponte Preta e Guarani já não eram mais apenas conhecidos times da cidade. Eram já o que hoje são, os maiores e mais tradicionais times da cidade. Não se podia compará-los com as outras equipes do futebol campineiro. Mesmo considerando a existência de temíveis esquadrões na cidade, como o Campinas F.C. dos anos 30, que ganhou fama em toda a região de Campinas e interior de São Paulo.

E essa "volta ao futebol campineiro" foi temporária, durou meros 15 anos (1932 - 1947), pois logo ambas as equipes já estariam novamente disputando o Campeonato Paulista, inicialmente na II Divisão, e rapidamente passando para a I Divisão. Em 1947, quando começam a disputar o Campeonato Paulista, havendo disputado o Campeonato Campineiro pela última vez no ano anterior, Ponte Preta e Guarani, já times profissionais, nunca mais retornariam ao futebol campineiro, que continuou amador. O "Campeonato Campineiro" se transformou, considerando algumas interrupções, no atual "campeonato amador da cidade", onde equipes como Gazeta, Tecnol, Parque Brasília, Barão Geraldo,

etc, ganharam fama e tradição, dentro dos limites da cidade. Ponte Preta e Guarani, já nos anos trinta, não "pertenciam" mais somente à cidade de Campinas.[313]

Mas não foram só Ponte Preta e Guarani, vizinhos separados por apenas alguns quarteirões, conectados pela Avenida dos Esportes, que liga diretamente os estádios Moisés Lucarelli e Brinco de Ouro da Princesa, que conseguiram participar do Campeonato Paulista profissional. Outras três equipes também participaram, sem obter similar destaque. O primeiro desses três foi o já extinto E.C. Mogiana, que fundado em 7 de julho de 1933, participou do Campeonato Paulista da II Divisão nos anos de 1947-1950 e 1958-1959.[314] Depois, em 1986 e 1987, o E.C. Gazeta, hoje clube amador e licenciado de participar do certame estadual e que fora fundado em 10 de junho de 1950, jogou a III Divisão paulista. E por fim, nos recentes anos de 1998 e 1999, o Campinas F.C. atuou na V Divisão paulista (a série "B-2"), realizando nesses anos excelentes campanhas, quase se classificando para a IV Divisão (a série "B-1") paulista. Esse Campinas F.C. não é o antigo e tradicional time da cidade. Foi fundado em 1° de janeiro de 1998 por dois ex-jogadores do Guarani F.C. e de outras grandes equipes do futebol brasileiro e internacional, além da Seleção Brasileira, Careca e Edmar. Essas três equipes tiveram destaque nos jornais que cobriam o futebol. Mas não o mesmo destaque dado a Ponte Preta e Guarani.

Voltando à primeira edição do *Correio Popular*, em 4 de setembro de 1927, o "manifesto" deixa claro também, principalmente, a relação simbiótica entre o dérbi e a imprensa. A imprensa esportiva campineira da época "necessitava" do seu maior clássico. E o clássico também precisava da imprensa para maior projeção. Exatamente como hoje. O texto no primeiro exemplar do *Correio Popular* foi esse:

"GUARANY - PONTE PRETA

---

[313] Cabe aqui destacar que o campeonato amador de Campinas é um dos maiores de todo o país, possuindo equipes fortes e tradicionais. E muitos desses times são os mesmos que jogaram com Ponte Preta e Guarani nos anos 20, 30 e 40. Equipes, extintas ou não, como o Black Team, White Team, London, Corinthians F.C., A.A. Campineira, S.C. Corinthians, Campinas F.C., Cambuí, Guanabara, Bonfim, Botafogo F.C., etc., fizeram história e muito ajudaram a engrandecer e projetar o futebol da cidade, embora não tenham conseguido atingir a projeção e tradição dos protagonistas do dérbi campineiro. Muitos ainda funcionam como clubes, mesmo não mantendo um time de futebol, nem sequer amador. Também vale destacar que essa grande atividade do esporte em Campinas gerou mais recentemente, nos anos 80, também uma liga de futebol de salão, considerada uma das maiores e mais fortes do país.

[314] O E.C. Mogiana tornou-se um dos times mais tradicionais da cidade e curiosamente um dos mais "queridos". Os mais velhos, que se lembram do time que fez história no Campeonato Campineiro e que possuía um estádio bastante tradicional, que inclusive abrigou muitos dérbis, sempre se referem a ele e ao antigo Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa com muito carinho. O E.C. Mogiana talvez tenha sido o time mais simpático da cidade. E isso provavelmente se deu porque, além de ser um time de origem operária, era o time dos funcionários das estradas de ferro da Mogiana, ele durou pouco tempo, cerca de duas décadas, e nesse período chegou a disputar o campeonato estadual profissional, e principalmente porque nesse período de existência, o time jamais ameaçou a hegemonia de Ponte Preta e Guarani no futebol campineiro, sendo assim acolhido naturalmente por ambas as torcidas como um time "simpático" e "inofensivo". Essa constatação foi possível basicamente através de fontes orais, de idéias e imagens sobre o E.C. Mogiana que permaneceram no imaginário do torcedor de futebol campineiro.

A lamentável scisão do foot-ball paulista, reflectiu-se também em Campinas, collocando em campos opostos os dois antigos e tradicionaes gremios sportivos, Guarany e Ponte Preta.

Velhos rivaes, contanddo ambos com uma legião enorme de fanaticos admiradores, sempre lutaram com denodo pela prosperidade do foot-ball em nossa terra.

Nem sempre navegaram em mar de rosas.

E situações bem criticas, horas bem amargas, ambos atravessaram e a situaçào de relativa prosperidade de que hoje desfrutam, devem-na aos esforços e á tenacidade com que sempre se bateram pelos seus ideaes sportivos, em um meio, onde outras iniciativas, algumas de maior vulto têm fracassado lamentavelmente.

Os jogos Ponte-Guarany marcaram epocha nos meios sportivos do Estado e em Campinas constituiam verdadeiros acontecimentos, em que se interessava quasi toda população.

E agora com esses clubs em entidades differentes, até quando ficarão os afficionados privados desses encontros sensacionaes?

Chi lo sá!"

Mas no primeiro dérbi, que se deu em 20 de novembro de 1932, o *Correio Popular* começou sua cobertura sobre o esperado jogo cerca de uma semana antes do jogo acontecer. E a partir daí, o jornal começa a se referir ao jogo como o "Derby" da cidade. O *Correio Popular* é o primeiro a se referir ao clássico como sendo o "Derby". No dia 12 de novembro, na seção de esportes, uma notícia traz o seguinte título e texto:

"O "DERBY" DO FUTEBOL CAMPINEIRO...

De amanhã a sete dias: -- Guarany X Ponte

É uma partida que, pode dizer-se, é tradicional no futebol campineiro.

Quando os dois velhos ~~favoritos do nosso futebol se encontram, a gente até~~ sente saudades das partidas viu, deslumbrantemente disputadas, e das torcidas formidavelmente enthusiastas.

É o "derby" do futebol campineiro...

Dia 20, isto é: domingo que vem, Campinas irá ver em liça de campeonato, esses dois rivaes.

Já começa-se a commentar.

O primeiro parecer ahi está: é do sr. José Coelho e que sendo "Torcedor Roxo" da Veterana acha que os seus quadros devem ser assim formados.

1° QUADRO: -- Bahiano; Carneiro e Duarte; Peiró, Martellete e Neco; Sacy, Vermelho, Carlito II, Laercio e Ratto.

2° QUADRO: -- Christ; Tetelo e Pinhal; Mimica, Canellini e Tuninho; Salgado, Rubens, Alvico, Carlito I e Zico."[315]

Um dia antes da "retorno" do dérbi, em 19 de novembro de 1932, o *Correio Popular* publicou o seguinte título: *"Amanhã, emfim Guarany x Ponte"*. No dia 16, o

[315] As escalações já aparecem com os "pontos e vírgulas", separando os setores do time: defesa, meio-campo e ataque.

jornal já havia publicado outro título promovendo o jogo: *"A partida que Campinas espera ansiosamente"*.

(O Correio Popular usa pela primeira vez o termo "derby" na edição de 12/11/1932.)

...nhecer que os amantes do cestobol poderão assistir hoje.

GUARANY C. CLUBE

Chamada de jogadores e directores

Para as partidas de hoje á noite com o Alliança C. Clube da Capital e C. A. Atheneu Paulista, pede-se o pontual comparecimento na quadra social, ás 19.30 horas dos seguintes elementos:

Eleto — Jayme — Ricci — Bob — Giraldi — Rubens — Morelli — Dante — Orlando — Rey — Moacyr — Soares — Aluizio e Luiz.

Annotadores: Julio Gomide e Alvaro Perez.

Chronometristas: Guilherme Michelani e Alvaro Varanda.

A. E. A DOM BOSCO
1.a DIVISÃO

Treino

Devendo proseguir por estes dias o campeonato da cidade, em que os bombosquinos tomam parte, ficam convidados todos os elementos da 1.a divisão, a comparecerem no treino o...torio de amanhã, ás 9.30.

São chamados na seguinte ordem:

De camisa vermelha: Pankoski Ernani, Tico, Celso, Oliveirinha, Pira e Tupy.

De camisa azul: Lombello, Cardoso, Waldomiro, Elpidinho, Bueno, Paulo e Paulista.

O D. BOSCO TREINARA' HOJE

Para escalação das turmas que devem enfrentar brevemente um clube local pede-se o comparecimento impreterivelmente ás 20 horas de hoje, dos amadores abaixo:

Vivaldo — Mario — Rebolla III — Edo — Tito — Rubens — Moacyr — Nico — Eboty — Gelo — Alfredo — Nilton — Mendes — Pio e Tidão.

Esta chamada é extensiva a todos os socios que desejam praticar o esporte do "bolão"

INF. GUARDA CIVIL
x INF. BENTO QUIRINO

Realiza-se amanhã na quadra da Escola Profissional Mista Bento Quirino um jogo de cestobol entre as turmas do I. Guarda Civil, dirigido pela Guarda Civil desta cidade, e as turmas do I. Bento Quirino Cestobol Clube.

A directoria do Infantil Guarda Civil pede o comparecimento de todos os seus jogadores ás 9 horas na quadra acima.

As turmas do Infantil Guarda Civil lucham-se assim formadas:

1.a turma: Caju — Nabor — Grimar — Piolim — Nelson — Dermival.

2.a turma: Tuti — Pytatta — Pinheiro — Heitor — Joel.

Reservas: Alvinho e Moacyr.

O VOLUNTARIOS JOGARÁ COM O PAULISTA DE JUNDIAHY EM VIRTA

...peso, disco e dardo, para qualquer classe.

Os athletas de classe superior não podem competir em provas de classe inferior e os athletas que participarem em provas de uma determinada classe não podem competir em provas de outras.

VOLTA DE CAMPINAS EM REVEZAMENTO

Será realisada amanhã cedo a ultima preparatoria

Amanhã, ás 9 horas em ponto, será dada a sahida, na pista do C. C. R. N. da ultima preparatoria da "Volta de Campinas em Revezamento" na distancia de dois kilometros. Nenhum inscripto deverá faltar.

O "DERBY" DO FUTEBOL CAMPINEIRO

De amanhã a sete dias: — Guarany x Ponte

E' uma partida que, pode dizer-se, é tradicional no futebol campineiro.

Quando os dois velhos favoritos do nosso futebol se encontram, a gente até sente saudades das partidas que viu, deslumbrantemente disputadas, e das torcidas formidavelmente enthusiastas.

E' o "derby" do futebol campineiro...

Dia 20, isto é: no domingo que vem, Campinas irá ver em liça de campeonato, esses dois rivaes.

Já começa-se a commentar.

O primeiro parecer ahi está: é do sr. José Coelho e que sendo "Torcedor Roxo" da Veterana acha que os seus quadros devem ser assim formados.

1.o QUADRO: — Babiano; Carneiro e Duarte; Pelró, Martellete e Neco; Saey, Vermelho, Carlito II, Lacrcio e Ratto.

2.o QUADRO: — Christ; Totelo e Pinhal; Mimica, Canellini e Tuninho; Salgado, Rubens, Alvico, Carlito I e Zico.

A. P. E. A.

JOGOS DE AMANHA

GUARANY F. C. x AMPARO A. C.
Campo do Guarany F. C. em Campinas.
Juiz — Luiz Fructuoso.
Representante — Heitor Silva da Commissão de Justiça.

S. JOÃO F. C. x CAMPINAS F. C.
Campo do S. João F. C. em Jundiahy.
Juiz — José de Pilla.
Representante — Presidente do Paulista F. C.

VOLUNTARIOS DA PATRIA F. C. x PAULISTA F. C.
Campo do Rio Branco F. C. em

Do Fra...
Do Dav...
do aluguel.
Do Aug...
ritos: Hermini...
bilidade.
Do Aug...
Informe a Rep...
Da Soc...
litares. De acô...
De Man...
Informe a Rep...
Do G. ...
em termos.
Do J. ...
Obras.
Do Mau...
para informar.
Do Arn...
xeira, colocação...
De Herc...
emboçar telhad...
Obras, sim, em...
Oficios
Do Engo...
da estrada de ...
De Carl...
De Herc...
cargos — A' I...
De Elia...
Do Dep...
sobre chapas d...
toria de Veicul...
Da Cia...
dr. Engenheirc...
Do Com...
ço da Policia. ...
Da Dire...
auto-caminhão...
do Corpo de I...
Da Del...
A' Repartição d...
Do Pref...
Secretaria para...
Oficios ...
Ao sr. M...
Ao Cap...
A' Deleg...
saloli.
Cartas:
Foram e...
Diversos
Foram d...

(Aprova pla...

ALBERT...
pinas, decreta:
Art. 1.o...
em lotes dos te...

Campinas vae assistir hoje, a partida que é o "derby" de

TODAS AS POSSIBILIDADES TEM ESSE ENCONTRO DE SER OPTIMO

São fracos, todos os termos que se queiram empregar para dar uma idéa em lettras de fôrma, do que será o encontro de hoje a partida que todos esperam formidavel e unica.

E' por demais banal, o estar a gente a repetir aqui, quaes sejam os contendores e aonde Campinas vae assistir essa partida.

O mais simples garôto poderá dizer isso.

Porêm, de uma coisa não nos cansamos: é de dizer que esse encontro é o pivot do nosso futebol.

Desde, que ha tempos atraz as tabellas elaboradas pelos mentores da Serie Campineira foram dadas á publicidade, desde essa occasião, em que se sonhe que o grande encontro seria no dia 20 de Novembro, um fremito de anciedade envolveu Campinas esportiva.

A anciedade foi augmentando na razão directa da approximação do dia da grande jornada.

Um enthusiasmo formidavel e mal contido, a vimos então palpitar e apoderar, successões de todas as maneiras, dizendo bem de como esse frente á frente é aguardado.

O dia chegou...

A data 20 de Novembro é hoje.

Hoje, o enthusiasmo romperá os diques em acclamações estrepitosas nos que se vão encontrar na liça.

As ultimas partidas que esses dois "onze" disputaram foi entre 5 e 8 [illegible]

Em Junho de 1925 a Veterana alcançou sobre o Ypiranga duas bellas victorias

[illegible]

Juiz: Da Divisão Principal da Apea.

Representante: sr. José Thomaz Ribeiro, da Commissão Directora.

***

A preliminar entre os segundões de ambos adversarios tambem promette ser das melhores.

Juiz: José dos Santos.

***

AOS TORCEDORES

Os torcedores, devem comprehender a belleza da realização dessa partida sem ruasas, exhaltações, ou expansões de qualquer maneira, nocivas.

Esses acontecimentos só contribuirão para desluzir esse embate que, deve ser assistido por todos.

Todos devem ajudar a fazer dessa peleja, o melhor "match" do futebol campineiro.

Além disso, serão energicas as medidas do policiamento que será feito no local.

CHAMADAS DE JOGADORES

Guarany F. C.

A's 13 horas no estadio:

Luiz — Bianchini — Ahêl — Tulio — Tavares — Longhim — Nêco — Gene — Zé-Nho — Alcides — Arnaldes — Clódel — Poletti e Moiti.

A's 11 horas: — Ananias — Tulio — Alves — Raphael — Odilon — Jayme — Roberto — Nico — Cecilio — Zéca e Nato.

A. A. Ponte Preta

No campo do estadio as 13 horas: — Baldino — Cancellini — Elpidio — Alipio — Modesto — Zé-

Liga Campineira de Esportes Athleticos

REUNIÃO DA DIRECTORIA

Sob a presidencia do sr. Jarbas de Carvalho Asbahr, e com a presença dos srs. directores, teve lugar a reunião da directoria da Liga Campineira de Esportes Athleticos, a qual consta do seguinte:

— Justificar, a não realização da reunião da commissão de syndicancia, em 15 do corrente, por ser dia feriado nacional.

— Leitura da acta da commissão de esportes, sendo approvada, sem emendas ou restricções.

— Leitura da acta da directoria sendo approvada.

EXPEDIENTE

— Leitura do officio a esta directoria, enviado pela commissão de um festival planejado, sobre alvara, "obtendo este despacho: "Esta directoria, concede o prazo de 10 dias a contar da data abaixo, para que a commissão entre para os cofres sociaes com a importancia de 21$500, correspondente ao alvará pago por esta mesma Liga, para a realização, do festival.

— Tomar conhecimento do memorandum, enviado á commissão de esportes, pelo E. C. Corinthians, confirmando o despacho dessa commissão; que é o seguinte: sendo desejo desta commissão levar a termo, quanto mais breve possivel, o encerramento do presente campeonato [illegible]

Voluntarios x Amparo

O Voluntarios disputará hoje com o Amparo, no campo deste, mais uma partida da "Serie Campineira".

A escalação da embaixada do Voluntarios da Patria F. C., o que seguirá para a visinha cidade do Amparo, é a seguinte:

A's 9 horas, trem da Mogyana, seguirá o director sr. Lazaro Leite da Silva.

A's 11,30, partida da séde social, Directores srs. Ermelindo Lorenzi, Benedicto Duarte, Luiz Brunelli, e Jacyro Duarte.

Jogadores: — Giovanetto — Brasilio — Zebu' — Martins — Chicão — Ellas — Ubaldo — Moacyr — Jorge — Quiterio — Orestes — Ary — Vanto e Bizu'.

Pingue-Pongue

O ATHENEU DISPUTARÁ HOJE A PENULTIMA PARTIDA DO CAMPEONATO

Mais uma vez, teremos a opportunidade de assistir hoje, no amplo salão do Collegio Atheneu, uma disputa do pingue-pongue do campeonato citadino da 2.a divisão, e na qual figurará a turma daquelle collegio frente á do Veneno Pingue-Pongue Clube.

A trajectoria do quintetto athenueense tem sido no campeonato de que faz parte, a mais brilhante possivel.

Enfrentou já quasi todos os quintetos, que disputam esse certamen, e a todos venceu de maneiras lindas.

Hoje terá que jogar com o Veneno.

O Veneno está forte... o Atheneu como sempre, e se os collegiaes vencerem o jogo de hoje, já são vencedores, embôra venham a perder o ultimo encontro que será com o Ypiranga.

A partida será ás 8 horas.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

"TORNEIO HORA DE DUPLAS"

Como era de prever-se teve optima repercussão no meio pinguepunguistico desta cidade a ideia lançada pela Associação dos Empregados no Commercio sobre a organisação do "Torneio Hora de Duplas", no qual deverá tomar parte uma dupla composta dos melhores elementos de cada sociedade onde se pratica esta [illegible]

Sendo os jogos realisados na sede da A. Empregados no Commercio, portanto em mesa extranha, a direcção esportiva faculta meia hora de treino á cada dupla dos Clubes que já se inscreveram.

Estes poderão mandar suas adhesões por escripto, ao sr. José R. Amaral Junior na sede da A. E. do Commercio até 21 deste.

Athle

A GRANDE COMPETIÇÃO PROMOVE HOJE EM

Hoje, As nove horas em ponto, sendo o tiro de partida, da esperada prova "Volta de Campinas" em [illegible] vesamento", a qual será disputada por quatro valorosas turmas formadas por athletas do Regatas. E' desnecessario fazer commentarios sobre ca do valor das turmas, pois, e cada uma dellas figura o nome pelo menos dois campões.

Athletas ha muito affiliados de [illegible] torneios pedestres reapparecerão convenientemente treinados, pois ninguem quer comprometter sua turma.

As turmas estão assim formadas

Turma vermelha — Antonio Soares Junior, (cap.) Alvaro Flori, Manoel Henriques, Oswaldo Rodrigues Xavier Mayer e Walter Erbolato.

Turma Verde — Nestor Soares (cap.) Armando Barubbi, Antonio Camargo, Joaquim de Campos Junior Bruno, José Braga Martins, José Jorge Francisco Magalhães, Dacio Ferreira e Vicente Ignotto.

Turma Azul — Walter Massari (cap.) Amadeu Barsi, Augusto Cesar Bruno, José Braga Martins, José Oliveira Junior e Nicola Buonomo

Turma Amarella — Mucio Tolentino (cap.) Alberto Andrade Fernandes Januario Netto, Luiz Natale e Rene Queiroz.

Foram convidados os seguintes juizes:

Arbitro — Acrisio Pacheco.

Juizes de partida — Benedicto Passos.

Percurso — Ney Rodrigues.

Chegada — José Naula.

Fiscal de revezamentos — Vicente Ceroni.

Chronometristas — Aluizio Q. Teixeira, Ricardo Bianchi e Theodoro Junqueira Netto.

Annotadores — Adolpho Jahn, Raphael Bianchi e Paulo Fessel.

Annunciador — Aldo Leonardi.

O itinerario da corrida é o seguinte:

Sahida: em frente o portão do campo do Regatas, seguindo pelas ruas Coronel Quirino, Santos Dumont, Ol

(Correio Popular de 20/11/1932 traz notícia do clássico se referindo a ele como "derby" da cidade.)

O termo "Dérbi" é sinônimo de "embate", "rivalidade", "tradição", e foi "importado" da capital. Anos antes, o jornalista Thomaz Mazzoni se referiu ao clássico S.C. Corinthians P. X Palestra Itália como sendo o "dérbi paulistano", ou seja, o maior clássico de São Paulo. A "importação" do termo foi precisa, já que desde a década de 10 Ponte Preta e Guarani realizam o maior clássico da cidade. A rivalidade entre Ponte Preta e Guarani se inicia antes, inclusive. Na capital, S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras se enfrentaram pela primeira vez em 1917. A rivalidade entre Ponte Preta e Guarani tem início entre os anos de 1914 e 1916, quando até brigas de torcidas ocorreram em dois jogos realizados nesses anos.

O *Correio Popular* nessa época apresentava algumas características parecidas com o jornalismo da década anterior, do *Diário do Povo*. As notícias sobre política e economia predominavam no jornal. A linguagem, por exemplo, mantinha o tom pessoal e opinativo. Uma "formalidade" na linguagem também pode-se notar, mesmo em relação à cobertura esportiva, que nesse sentido, sofreria até os nossos dias uma transformação significativa na linguagem, muito mais que em outras áreas.

Além da seção "Sports", entre as seções presentes nas páginas do *Correio Popular* dessa época encontramos por exemplo a "Seção Agrícola", com notícias e informações sobre a produção e trabalho nas grandes fazendas da região, "Seção Commercial", com notícias, tabelas e informações sobre o comércio da cidade e região, "Seção Médica", com dicas e informações médicas, "Medicina Veterinária", com dicas e informações sobre como cuidar e tratar os rebanhos, "Cultos e Credos", similar ao "Vida Religiosa" do *Diário do Povo*, com informações sobre as atividades religiosas na cidade, "Palcos e Cinemas", com notícias das atividades artísticas e culturais da cidade, "Pequenos Anúncios", exatamente o que diz o nome da seção, "Telegrammas e Telephonemas", seção de serviços para a população, e "Indicador de Profissionais", um espaço para dicas, anúncios e informações referentes ao mercado de trabalho da época, entre outras seções. E a exemplo do *Diário do Povo*, o *Correio Popular* também começou a publicar contos ou novelas numa seção chamada "Folhetim".

Como o futebol ainda não era profissional, se misturavam a ele muitos outros esportes numa página do jornal. Era também comum se noticiar as atividades gerais do clube, desde bailes, festas até jogos de outras modalidades e das categorias de base do clube. Isso hoje não ocorre mais nas páginas dos jornais, que não mais noticiam atividades do clube, a não ser que essas atividades se exteriorizem, e também não noticiam jogos das categorias de base, a não ser que tenham, por algum motivo, uma enorme relevância. Hoje, basicamente, apenas notícias sobre a Taça São Paulo de Juniores, realizada sempre em janeiro para comemorar o aniversário da cidade de São Paulo, são publicadas. Esse torneio, de muita tradição, recebe grande cobertura nas páginas esportivas de todos os jornais de Campinas e região, São Paulo e o resto do estado, e também de muitos jornais dos principais centros ou capitais do país. Além da tradição e importância da Taça São Paulo de Juniores, que revela muitos jogadores por ser uma espécie de vitrine para os times, a extensa cobertura também se deve ao fato de que o torneio é disputado num momento em que geralmente o futebol profissional está de "férias", ou no máximo se preparando para a temporada que se inicia no final de janeiro ou começo de fevereiro.

Antes, portanto, as categorias de base recebiam mais espaço nos jornais. No *Correio Popular* de 26 de outubro de 1927, em meio a muitas notícias de futebol e outros esportes, aparece uma notícia sobre o acontecimento de um dérbi na categoria infantil:

"I.[316] *Guarany vs I. Ponte Preta*

Realizou-se domingo, às 13 horas no campo do I. Guarany, o jogo entre os clubs acima.

Depois de renhida luta conseguia sahir vencedor o I. Guarany pela contagem de 4 a 2.

O quadro vencedor esteve assim organizado.

Gym

Salvador Baptista

Thomaz Armando Alcides

Nestor Germinal Edmundo Carme Paschoal

Os pontos foram feitos por intermédio de Thomaz (2); Nestor e Germinal.

Parabéns á valente esquadra bugrina."

Com a profissionalização de muitos esportes, principalmente o futebol, na década de 30, ocorreu um processo de organização e institucionalização do esporte. Apesar de muitos clubes, cronistas e jogadores de futebol terem se posicionado contra a profissionalização do futebol, ela ocorreu. Exemplos marcantes são os do Club Athlético Paulistano de São Paulo, fundado em 29 de dezembro de 1900, e da Associação Atlética das Palmeiras de São Paulo, fundada em 9 de novembro de 1902, que com o fim da Liga dos Amadores de Futebol, a LAF, em 1929, resolveram desativar seu departamento de futebol. Diziam que o esporte havia se popularizado demais e que o "purismo" do futebol se perderia com a introdução do profissionalismo. O C.A. Paulistano fora, até aquele momento, o maior e mais tradicional time do nosso futebol. E a A.A. das Palmeiras também constituía time de grande força e tradição na época. [317]

---

[316] Infantil.

[317] O C.A. Paulistano, apelidado de "O Mais Querido", ~~era o maior time de sua época. Quando abandonou~~ o futebol, possuía 11 títulos paulistas em 28 participações - o que lhe dava a melhor média. Foi campeão em 1905, 1908, 1913, 1916, 1917, 1918, 1919, 1921, 1926, 1927 e 1929, e permanece até hoje como a única equipe a ser tetracampeã paulista. Na época, seus rivais tinham poucos títulos paulistas, eram 7 do S.C. Corinthians P. e 3 do Palestra Itália. E ainda hoje, é o quinto time com mais títulos paulistas conquistados, perdendo apenas para o S.C. Corinthians P., 24, S.E. Palmeiras, 21, São Paulo F.C., 19, e Santos F.C., 15. Arthur Friedenreich, o maior jogador do seu tempo e que jogou no tradicional time por anos, foi artilheiro do Campeonato Paulista por seis vezes, todas vestindo a camisa vermelha e branca do Club Athletico Paulistano, que também é o quarto time que mais artilheiros teve na competição paulista, 13 vezes, perdendo apenas para Santos F.C., 21, S.C. Corinthians, 20 e São Paulo F.C., 14. Hoje, o clube ainda existe, e está voltado para outras atividades. Mantém um time, mas de caráter amador. A A.A. das Palmeiras, ao contrário, está extinta. O time, alvinegro, conquistou três títulos paulistas em 21 participações, vencendo em 1909, 1910 e 1915. E em também três oportunidades, o time teve o artilheiro da competição. Em 27 de janeiro de 1930, alguns jogadores e diretores das duas equipes, inconformados com o fim dos times, resolveram fundar outro time, o São Paulo F.C. da Floresta ("Floresta" porque o seu estádio ficava na Chácara da Floresta, antiga sede da A.A. das Palmeiras). O clube faliu em 1934 e foi comprado pelo Clube de Regatas Tietê. E com o nome de C.R. Tietê, disputou uma seletiva do Campeonato Paulista em 1935, mas fracassou no intento, desistindo em seguida do futebol. Mas no

Essas mudanças no futebol também alteram a cobertura jornalística. As páginas vão se alterando para nelas abrigar notícias de um futebol agora profissional. Esportes como pingue-pongue e boliche vão sumindo da página de esportes. Os times amadores vão perdendo espaço, embora o futebol amador da cidade até hoje receba grande destaque. Mas certamente as páginas de esporte passam a ser quase totalmente voltadas para o futebol, e o espaço destinado a esse esporte é quase todo ocupado com notícias de Ponte Preta e Guarani, os únicos time profissionais da cidade que resistiram ao tempo.

Com essas mudanças, o dérbi se transforma definitivamente no grande evento da cobertura jornalística campineira. Chega-se a iniciar a cobertura do dérbi muito antes dele ocorrer, até cerca de um mês antes. E com o tempo, aparecem edições e matérias especiais para abordar o dérbi. Hoje, sempre que ocorre o dérbi, recorre-se a matérias que ilustram a história, as estatísticas, as curiosidades e principalmente a rivalidade entre os dois clubes. Assim, mantém-se o dérbi sempre vivo para a imprensa escrita. Pauta certa para o dia a dia de um jornal.

As páginas dos jornais, na década de 30, já começam a ser muito parecidas com as atuais páginas esportivas. Eram até mais ricas em dados e informações, já que com o tempo o perfil do leitor de jornais mudou consideravelmente. Hoje, o leitor é uma pessoa muito mais submetida a um ritmo alucinante no dia a dia, além de também, ser uma pessoa menos acostumada à leitura de textos longos, resultado das transformações sociais e no sistema educacional nas últimas décadas. Então os textos jornalísticos obedecem à risca a essa característica. São textos curtos e objetivos.

Essas transformações aconteceram principalmente porque o jornal impresso começou a competir com outros veículos, que não exigem o esforço e o tempo da leitura. É o caso da televisão e do rádio. São meios de comunicação por onde a notícia é transmitida da maneira mais ~~objetiva e rápida possível, não exigindo esforço algum~~ do "leitor", senão um mínimo de atenção. Por isso, a partir da década de 70, quando a televisão passa a ser concorrente, os jornais impressos passam também por mudanças com o intuito de manter seu leitor, que também assistia à televisão e já ouvia o rádio. O mesmo já havia ocorrido nas décadas de 40 e 50, quando uma cobertura esportiva mais densa deu lugar a uma cobertura mais dinâmica nas páginas dos jornais, em função da concorrência com o rádio. Esse processo de dinamização da cobertura esportiva em geral, principalmente no jornal impresso, obrigou os veículos a realizarem uma seleção dos esportes e seus aspectos "mais interessantes" (para o mercado). É o momento em que o futebol profissional passa a ser ~~o objeto de interesse da imp~~rensa em ~~geral, ficando~~ o futebol amador à margem dessas transformações.

Voltando ao período de 1930 a 1947, os jornais começam a utilizar muita imagem (fotos, ilustrações, charges, quadrinhos) e gráficos. Em 1936, por exemplo, o *Diário do*

---

mesmo ano, em 4 de junho, um grupo de torcedores inconformados, resolveu "refundar" o time, agora com sede nova e o nome Clube Atlético São Paulo com as mesmas cores do antigo São Paulo F.C. da Floresta. Em 16 de dezembro, ainda em 1935, o time muda de nome, passa a usar as mesmas cores, camisas e emblema do São Paulo F.C. da Floresta. Trata-se agora do atual e tradicional São Paulo F.C., o "tricolor do Morumbi" ou "O Mais Querido", apelido herdado do seu ancestral, o C.A. Paulistano. Para muitos, o atual São Paulo F.C. surgiu de fato em dezembro de 1935. Para outros, o São Paulo F.C. da Floresta já corresponde ao atual time. O São Paulo F.C. da Floresta chegou a ser campeão paulista em 1931, e dois anos depois, teve o artilheiro da competição, Valdemar de Brito, com 21 gols.

Povo já apresentava em suas páginas tiras de quadrinhos: "Eu sou o Sr. Kilowatt", que realizava uma propaganda instrutiva sobre a utilização e vantagens da eletricidade. Para o futebol, o *Correio Popular* utilizou tiras de quadrinhos nos anos 70, com o cartunista Márcio Uchôa, e nos anos 80, com o cartunista Haffis. Atualmente os jornais não utilizam mais tiras regulares, embora em alguns momentos, as páginas esportivas tragam ilustrações e caricaturas enfocando algum fato ou evento.

Em 1976, foram publicados três números de uma revista intitulada "Dérbi". Essa revista trazia as charges e tiras de quadrinhos de Márcio Uchôa, com a participação do jornalista Zaiman de Brito Franco, escrevendo os editoriais.

O diário *Lance!* publica diariamente uma charge na página 3. Intitulada "Humor", o espaço traz charges do cartunista Gustavo Duarte, enfocando destaques das notícias publicadas pelo jornal. As charges, caricaturas, tiras de quadrinhos e ilustrações se tornaram comuns nos espaços destinados aos esportes nos jornais.

Também em meados dos anos 30, as formas dos textos vão se alterando. Títulos longos aparecem para introduzir uma matéria. No dia 26 de abril de 1936, o *Diário do Povo* publicou o seguinte título sobre o dérbi:

"Os esquadrões representativos do Guarany e da Ponte Preta medirão forças hoje, num prélio official, no Hypodromo Campineiro - Será decidida a posse do bronze 'Collocação' - Um terno elástico ao artilheiro que marcar o primeiro tento da tarde."

Trata-se do título inteiro. Não há uma separação clara ainda entre o que seria o título de fato e uma linha fina, e mesmo um subtítulo também não era ainda comum.[318] Esses recursos só viriam de fato posteriormente, embora já se esboçassem recursos semelhantes. Já na década de 40, esses recursos ficam bem claros e padronizados nas páginas do jornal. Em edição do dia 16 de janeiro de 1940, o *Diário do Povo* publicou, embora ainda em letras grandes (fora do padrão atual portanto), o seguinte título, seguido do subtítulo:

"O Guarany não resistiu a impetuosidade da equipe pontepretana que o venceu com meritos por 2 a 1 (título) *- Faraht e Nardinho as melhores figuras do ataque vencedor. As estreias da Veterana agradaram. O juis. Outras notas da nossa reportagem.* (linha fina) "[319]

---

[318] "Linha fina" é um segundo título ~~menos destacado que costuma vir embaixo~~ do título ~~principal~~, trazendo informações adicionais ao título. A "linha fina" vem sempre num corpo menor. O "subtítulo" é usado para "quebrar" o texto, separando-o em partes, tornando o conjunto mais "limpo" visualmente. Hoje, com textos mais objetivos (menores) e "rápidos", o "subtítulo" é um recurso muito usado nos veículos de comunicação impressos, tanto em jornais, como, principalmente, em revistas, que possuem textos maiores, por serem matérias "frias", ou seja, não notícias do dia, mas sim do momento, publicáveis sem que seja num dia específico.

[319] A linha fina ainda não era exatamente um complemento do título, um adicional de informações, mas funcionava como uma "chamada" da notícia, ou seja, frases que introduzem assuntos que serão abordados no corpo da matéria. Hoje, as chamadas vêm na capa do jornal ou na capa dos cadernos específicos, e geralmente funcionam com um título e um parágrafo introdutório.

Outro exemplo, na edição de 4 de julho de 1937, sobre o dérbi desse dia na seção "O 'Diário Esportivo'", do *Diário do Povo*:

"O jogo mais sensacional da cidade (título) *- Ponte Preta X Guarany - 5 Estréas - Os quadros - Premios - Taça Sudan - Um fino corte de casemira - O Juiz - Outras notas* (linha fina)".

Em 24 de março de 1935, o *Correio Popular*, em exemplo da popularidade do dérbi, privilegia a cobertura do clássico em detrimento de uma importante partida que envolvia o poderoso Campinas F.C., campeão campineiro, ou *"campeão do 'association' da Princeza D'Oeste"*, como descreveu o jornal, com o já tradicional São Bento F.C. de Sorocaba. Sobre o dérbi, um simples amistoso vencido pelo Guarani em seu estádio por 4 a 3, o *Correio Popular* a ele assim se referiu: *"O cotejo mais vibrante do nosso "association" - Ponte Preta e Guarany voltam a se encarar hoje, num prélio que não admite prognósticos"*. Mais uma vez, um título imenso. Vale destacar que o Campinas F.C., além de ser o então campeão da cidade, também era bastante tradicional e cuja fama de time forte havia se espalhado pelo estado, como demonstra o próprio encontro com o São Bento F.C. de Sorocaba. Alguns chegaram a se referir ao encontro Guarany e Campinas F.C. como sendo o dérbi da cidade...

Ainda em 1935, em 24 de novembro, em meio a notícias principais, de primeira página, sobre os conflitos militares entre Itália e Etiópia, o *Correio Popular* publicou o seguinte título sobre o dérbi que se realizaria naquele dia: *"Na iminencia da realização do formidável choque Ponte Preta X Guarany - O Encontro que revolucionou os meios esportivos campineiros"*. Mais do que um título longo, o jornal demonstra mais uma vez uma espécie de reverência ao jogo das multidões da cidade. O jogo aconteceu no tradicional Hipódromo Campineiro e valeu pelo certame da cidade. A Ponte Preta saiu-se vitoriosa por 1 a 0.

Outro fator importante que começou a ser acrescentado já no final dos anos 30 foi a crônica esportiva. Um espaço para cronistas e articulistas escreverem sobre um ou mais temas que estejam presentes nas matérias do jornal, na pauta diária ou em pauta recente. No *Diário do Povo*, publicou-se por exemplo o "Veneno... por Venenoso & Cia.", duas colunas com notas, comentários, sátiras e críticas sobre o universo do futebol. Esses espaços se tornariam muito comuns nos anos 40.

Em junho de 1938, essas colunas "Veneno... por Venenoso & Cia." publicaram uma série de notas e críticas a respeito da participação brasileira na Copa da França. Nas semifinais desse certame, o Brasil enfrentou a Itália e perdeu por 2 a 1. Houve um pênalti que foi muito comentado na época. Os jornalistas brasileiros diziam que o pênalti tinha sido irregular e que só assim a Itália se classificou. Chegavam a conclamar o time brasileiro a não jogar mais a Copa, como nessas manchetes de junho de 1938:

"*Sem a decisão favorável da Fifa* (de anular a partida contra a Itália) *o Brasil não deve jogar!*
É este o appelo enviado aos nossos representantes na França. Um filme que não pode esclarecer a verdade quanto ao "penalty" que decidiu a pugna em favor dos italianos - rejeitada a queixa da equipe nacional."

"Nada de jogo amistoso nos campos de França..."

(Dérbi noticiado no Correio Popular de 23/11/1935.)

"CORREIO POPULAR" CAMPINAS — SABBADO, 2

inencia da realização do f
choque Ponte Preta x Guarany
O encontro que revolucionou os meios esportivos campineiros



NANE, um dos esteios do 2.o quadro da Ponte

São conhecidos os resultados dos trabalhos effectuados pelas duas directorias, para que o grande embate se colloque á altura da expectativa em que é tido.

Optimamente treinados e grandemente enthusiasmados, os jogadores das duas mais velhas aggremiações do nosso futebol, atirar-se-ão á lucta, decididos a conquistar para os referidos clubes, um triumpho que a todos é caro, e dos mais caros.

Augmentando todos os particulares que cercam o penultimo jogo do 1.o turno e que minuciosamente foram por nós esmiuçados, existem ainda os dois lindos trophéos "Bandeirantes" e "Alfaiataria São Vicente", que relembrarão ao feliz dono do clube que os vencer, uma das tardes mais grandiosas do nosso futebol.

O Hippodromo, pelo quanto se vem notando na cidade, ficará abarrotado. Receberá uma verdadeira onda humana, que testemunhará a partida gigante e que tanto se faz esperada.



O veterano JOÃO



GONÇALVES, a esperança dos bugrinos

Logo de inicio, terá o programma uma verdadeira batalha futebolistica, qual seja a dos 2.os quadros cuja collocação tanto de um como de outro poderá soffrer consequencias muito sérias, após o resultado do encontro.

E' esplendida, portanto, a tarde futebolistica de amanhã.

partida a ter lugar amanhã na cidade de

O "DIARIO ESPORTIVO"

O JOGO MAIS SENSACIONAL DA CIDADE

PONTE PRETA x GUARANY

5 Estréas — Os quadros — Premios

ça Sudan — Um fino corte de casemira — O Juiz — Outras notas

(O clássico noticiado no Diário do Povo de 04/07/1927)

partida que será effectuada
á tarde, no campo da rua Ba-
Geraldo de Rezende, em pro-
lmento ao certamen organi-
pela Liga Campineira de Fu-
vem despertando em nossos
; esportivos os mais vivos
ientarios, quer pelo facto das
neras estréas que serão apre-
das pelo quadro "periquito",
pela revalidade existente en-
mbos. Aliás, não só em Cam-
esportiva como em todas as
es circumvizinhas, quando se
na tradicional partida entre
pretanos e bugrinos, não ha
tista que fique em casa aguar
apenas o resultado da luta.

ca; Pagode, Odilon e Jabá; Juca Pato, Piolim, Dedovitz, Carlito e Buena.

O JUIZ SERA' O SR. JORGE MIGUEL, DA L.P.F.

Para dirigir esse importante encontro, os representantes dos clubes disputantes escolheram o sr. Jorge Miguel, da L.P.F., o qual, por occasião do encontro S. Paulo e Guarany, conduziu-se com geral agrado. Oxalá tenha o sr. Jorge Miguel a mesma conducta anterior e com isso contribuirá de maneira valiosa para que a pugna tenha um transcorrer sem incidentes.

PREMIOS

A fabrica de cigarros Sudan, por

Porteiro vehiculos — Francisco dos Santos.

Attenção aos jogadores — José Righetto e Antonio Peixoto Filho.

Massagista: Prof. Nestor Soares.

Chamada de jogadores — Estão chamados para comparecerem ás 13 horas em ponto em o Estadio os seguintes jogadores: — Armando — Cunha — Lucio — Joel — Miguelzinho — Jahu' — Nane — Tetello — Custodio — Aristeu — Rodrigues — Flavio — Gabriel — Peiró — Miguel — Botelho — Sebastião — J. Gosteso — Bimbo — Nico — Botteon — Bigim — Ruy — Alvico — Octavio — Vicente — Severino — Edgard — Biriguy

no Estadio do Guarany, com os valorosos quadros da A. A. Ponte Preta, em disputa do Campeonato da cidade, patrocinado pela Liga Campineira de Futebol, foram tomadas as seguintes deliberações:

Portões — Abertura ás 12 horas.

Porteiros — Amadeu Del Passo — Eugenio Franco e Angelo Belluomini.

Bilheteiros — Salvador Cardamone e Leonilio Pierri.

Guardas — Os de costume.

Direcção Geral — Dr. Vicente Torregrossa — Dr. J. Pardo Mêo e José Balbo.

Fiscalisação: Jacob Lais — José Maselli — Raphael R. Pi[illegible].

Attenção á imprensa — Leonel Ferreira Gomes.

Reservado da imprensa — Paschoal de Lucca.

Reservados do Guarany e da Liga — Os de costume.

Procurador — Luiz Violaro.

Director Technico — Arcelino Ferreira Pacheco.

Direcção esportiva — Carlo Carcani — José C. Alegretti e Odorico Gonçalves.

Amadores: — A's 12,30 horas deverão achar-se devidamente uniformisados os seguintes: Armando — Abel — Armandinho — Bilé — Tullio — Jóca — Pagode — Odilon — Juca Pato — Camisola — [illegible] — Tiiollo — Longhin

O "DIARIO ESPORTIVO"

O choque das potencias do futebol citadino

Ponte e Guarany disputarão amanhã, o cortejo maximo do nosso futebol

Depois daquella celebre partida, amanhã, as dependencias do estadio não comportem tantos adeptos que affluirão ao local. Além disso, no primeiro encontro (encontro apenas amistoso) o nosso publico não presenciou o espectaculo que esperava, e isto porque a escolha do arbitro constituiu um motivo de sobra para que o "bugre" o considerasse desacreditado para tal im. A Ponte Preta por sua vez, allegou que o seu adversario não se apresentou em campo na hora regulamentar.

O final, precisou a intervenção de terceiros para que o encontro se realizasse, embora em caracter amistoso.

Já não existe entre nós a escolha de arbitros para as partidas de campeonato estes, como é do conhecimento publico, são sorteados no proprio frammado, por conseguinte, não pode haver descontentamento deste ou daquelle clube. Assim pois, o enthusiasmo dos affeiçoados creceu de maneira surprehendente, ainda mais que os dois quadros esperam exhibir um futebol difno de nota, mesmo porque pretendem desfazer a má impressão causada por occasião do primeiro turno.

[illegible]

De um modo geral, o grandioso encontro que se realisará amanhã, está catalogado como o mais importante destes ultimos tempos, o que por si só, institue um documento bastante importante para a familia esportiva campineira.

A PONTE TERÁ NOVOS DEFENSORES?

Reconhece-se perfeitamente que a Ponte Preta ultimamente tem atravessado uma phase bastante delicada para a sua vida esportiva, isto desde que perdeu o concurso de dois optimos dos seus elementos, como sejam: Barriga e Sebastião, este ultimo actuando presentemente para o R. C. Corinthians da Capital.

A deficiencia do quadro se tem notado nestes ultimos tempos, e não obstante, ainda ha quem diga que a esquadra pontepretana precisa unicamente o concurso de um centro medio, pois centro avante, qualquer elemento do segundo quadro poderá responsabilizar-se pela posição. Não sabemos quaes foram as deliberações tomadas pela direcção esportiva da Ponte Preta, o facto porem, é que a recente viagem á Bebedouro talvez tenha sido para esse objectivo. Terá a Ponte o concurso de novos elementos? E' o que veremos amanhã por occasião da formidavel pugna.

(O clássico noticiado pelo Diário do Povo de 19/11/1938.)

(O Diário do Povo passa também a se referir ao clássico como sendo o "derby" da cidade, 06/07/1939.)

CALÇADOS CASA M
CALÇADOS PARA SENHORAS DESDE 5$
RUA 13 DE MAIO 659

O classico "Derby" do campeonato: Ponte e Guarany

O que nos disse um mentor "bugrino"

A familia esportiva campineira aguarda com vivo interesse a realização da grandiosa pugna entre os mais tradicionaes rivaes do futebol campineiro — Ponte Preta e Guarany — a realizar-se domingo proximo no campo do "bugre".

Esse encontro deverá ser prestigiado por uma numerosa assistencia, merecedora do extraordinario concelto que ambos desfrutam no seio do nosso "association" e mesmo pelo espectaculo que ambos prometem realizar.

A luta tradicional do nosso futebol sempre conseguiu agradar os nossos affeiçoados porque as esquadras, quando no campo da lucta, sempre se mostraram credoras dos mais importantes elogios, quer como potencias do nosso futebol, quer como organizações que sabem comprehender a verdadeira finalidade de uma [illegible] de scenas inqualificaveis condemnadas pelas nossas regras. O confronto que se travará no proximo domingo será por certo um espectaculo inesquecivel para os amantes do esporte bretão porque nelle intervirão dois conjunctos de excepcional grandeza, firmes na convicção de que saberão corresponder á grande expectativa que se faz em torno do grandioso acontecimento. Não sómente o publico local aguarda vivamente esse espectaculo de gala, mas tambem, todos os esportistas das cidades circumvizinhas, pois que ambos, mesmo lá fóra, possuem uma infinidade de torcedores.

Assim pois, vamos ter um acontecimento de vulto para a nossa vida esportiva, e vamos tambem presenciar uma das melhores, senão a melhor das contendas realizadas nestes ultimos tempos em nossa cidade.

Não precisamos dizer algo sobre o trabalho que as direcções esportivas dos dois clubes estão fazendo, é o bastante dizer-se que, quando se trata de um choque entre pontepretanos e bugrinos, por pessima que seja a collocação de um dos contendores, sempre existe o espirito de rivalidade e este, como é natural, faz com que o trabalho para a organização do conjuncto seja mais ampliado e de melhor efficiencia. Sabe-se, dessa forma, que tanto a Ponte como o Guarany estão vivamente empenhados na organização de um "onze" de respeito, mesmo porque ambos são os primeiros collocados na [illegible] dos os esportistas que acompanham o nosso campeonato, vamos publicar alguns topicos, porem, deixamos de publicar o seu nome unicamente em attenção a um seu pedido. Sobre a organização do conjuncto "bugrino" que pisará o gramado para enfrentar a Ponte, eis o que nos disse o mentor do quadro piriquito:

"O seu jornal ultimamente tem publicado na columna "veneno" alguns "palpites" com respeito a diversas modificações que a direcção esportiva do Guarany está tratando para a realização do encontro contra a Ponte Preta. Esse "palpites", embora traduzam a pura verdade, não deixam de causar espanto entre os adeptos "bugrinos". Primeiramente, todo mundo sabe que não vamos collocar frente a um club de respeito o nosso actual goleiro, ou seja, Pio. Esse guardião contra o Mogyana deu mostras de não estar em forma, portanto, não está apto a envergar a camiseta alvi-verde. Outro elemento que tambem não tem demonstrado grandes capacidades nestes ultimos tempos, é o centro medio Tulio. Todavia, a acção de Tulio não nos têm preoccupado muito, porem, desejamos que o "pivot" de nosso "onze" para o confronto de domingo seja bem mais importante, por isso, achamos de bom alvitre fazer a sua substituição. Dessa forma, convem que todos saibam que vamos apresentar o mesmo quadro que ultimamente tem disputado o campeonato da cidade, havendo duas unicas substituições, ou sejam, a do goleiro e do centro medio.

Vamos alinhar contra a Ponte o seguinte quadro: — Armando — Bellinho — João — Pavuna — Odilon — Garofalo (ou Silva) — Fernet — Althayde — Bibiano — Moreno e Geraldo. Na escalação está incluido o medio Garofalo que pretendemos pedir o seu acerdão, porem, si tal não acontecer, o medio então será Silva que actualmente está em forma.

Eis o que tenho a dizer, pedindo ao amigo que guarde sigilo do meu nome".

Pelas declarações do mentor "bugrino" vê-se perfeitamente que o confronto entre Ponte e Guarany marcará epocha nos annaes do futebol campineiro.

Pic-Nic da Confraternisação

Promovido por uma commissão de socios do Gremio Paulista, realiza-se no proximo domingo o pic-nic de confraternização dos Operarios da Fabrica de Chapéos Cury, Fabrica de Seda Industria Nacional, Guanabara, Gremio Paulista e os ferroviarios em geral. A's 7 horas em ponto em comboio especial a caravana campineira partirá rumo a Americana, onde no Estadio do Rio Branco F. C. terá inicio a prova desportiva, corrida da agulha, ovo na colher, estafeta, corrida no sacco, cabo de guerra, com premios a todos os vencedores.

A's 12 horas na séde da União Operaria haverá uma partida de pingue-pongue dos ferroviarios C. P. vs. União Operaria em disputa do premio Chiquinha de Mattos. A's 13,30 em campo o seleccionado B. Ferroviarios C. P. vs. o 2.º quadro do Rio Branco em disputa de um barril de chopp, offerta da Cervejaria Rio Claro. A's 15 horas, apresentará em campo o seleccionado A. Ferroviarios C. P. vs. o 1.º quadro do Rio Branco em disputa da taça "Caetano Pallace".

A's 18 horas no amplo salão da União Operaria terá inicio o vesperal dansante abrilhantado pelo jazz C. P. e Zezinho e seu cantor, havendo um concurso de tango, fox, valsa e do melhor dansarino. Durante esse vesperal serão distribuidas 2.000 cedulas para familiarizar o concurso de sympathia entre os gremistas, e as senhoras.

Noticias de Monte-Mor

Festa São Benedicto São Lazaro

Monte Mór, 4 (Do Correspondente) — Realizar-se-ão nos dias 15 e 16 grandes festas em honra aos gloriosos santos, S. Benedicto e S. Lazaro.

Sendo esta uma das melhores festividades que aqui se realizam annualmente, espera-se que a mesma seja imponente e magestosa.

O programma para a mesma já foi elaborado com grande raciocinio e capricho.

Nas barracas que funccionarão nos dias festivos, tomam parte pessoas de destaque na sociedade montemorense, tendo sido escolhidas para "Vendettes" graciosas senhorinhas da élite local, auxiliadas por outras vindas das localidades vizinhas, mas que são dedicadas conterraneas. Abrilhantará as festividades, a corporação musical Olegario Bicudo, sob a batuta do maestro Joaquim Bicudo de Almeida.

FESTA DO APOSTOLADO

Como de costume, realizou-se aqui, a tradicional festa de encerramento do mez de Junho. Numerosas creanças receberam a 1.ª Communhão juntamente com os alumnos do Grupo Escolar Cel. Domingos Ferreira Alves. Essas communhões attingiram o soberbo numero de 148. Além desse numero, o sr. vigario Padre Cyriaco effectuou cerca de 300 communhões entre creanças e adultos. E' justo destacar aqui, os nomes de D. Leopoldina Aguirre, D. Carmella de Chiara Ginefra e

FERIAS

Encontram-se nesta cidade, os estudantes Mario Ginefra, Fernando e Herculado Ginefra Filho, Elias Massud, Servulo e Helio de Castro, Alfredo, Octavio e Wilson Gomes Carneiro, que se acham em gozo de ferias.

MELHORAMENTOS NO EDIFICIO DA CADEIA PUBLICA LOCAL

O Tte. João Rodrigues Gonçalves, operoso Delegado de Policia local, que brilhantemente vem actuando na delegacia desta cidade, conseguiu introduzir naquella casa de detenção varios melhoramentos de grande vulto e imprescindivel ao bom andamento e funccionamento da mesma. S. S. conseguiu desse modo a reforma do telhado, substituindo o de telhas vã por telhas francezas, augmentou a capacidade d'agua mandando construir um reservatorio com capacidade para 2.500 litros dagua, transformou os canos conductores do precioso liquido augmentando a sua capacidade, fez a adaptação de um chuveiro, adquiriu um filtro para agua, emfim, é de grande vulto os melhoramentos que S. S. introduzm alli, sendo sua, inteiramente sua, a louvavel iniciativa, o que vem provar que o Sr. Prefeito Municipal pode contar com um companheiro de fibra na sua administração, porque esta, só trouxe paz, alegria e progresso para Monte Mór, be[illegible]

(Coluna "Veneno.." do Diário do Povo. O Dérbi também ganha espaço em crônicas. 08/07/1939.)

'Veneno...

POR VENENOSO & CIA.

PARA (graudio geral, apenas 24 horas nos distam do momento em que Guarany e Ponte entrarão para a luta, dispostos a tudo pela victoria.

Já estamos a ver o fremito de enthusiasmo o nervosismo que perpassará por toda a assistencia. Demos azas ao pensamento e imaginemos como será a tarde esportiva de amanhã; primeiramente o encontro secundario, que provavelmente decorrerá bastante attrahente. Mesmo assim, a assistencia vem com displicencia essa partida embora os dois quadros lutem com ardor.

Finalmente o jogo termina, todos se agcitam para apredar o sensacional cotejo. Nisto uma immensa salva de palmas acclama o primeiro clube a entrar para o gramado.

E' o Guarany que com o seu uniforme de gola, apresentava-se enthusiasmado e festivo. Minutos depois era a Ponte grandemente ovacionada pela sua entrada no gramado.

Após as preliminares costumeiras ouve-se o trillar do apito dando inicio á partida.

Ora é o Guarany quem o toca fortemente ora é a Ponte que o faz. Lances technicos de valor que emocionam a assistencia.

Assim, debaixo de brilhantismo que sempre caracterizou o encontro dos velhos rivaes, decorre a partida.

Terminada a luta, vêm os commentarios, todos elles elogiosos ao decorrer da luta.

Os assistentes abandonam os seus lugares satisfeitos. O correr tradicional "derby" do futebol campineiro mais uma vez não decepcionara.

Alguns um pouco tristes: o seu quadro fora vencido, outros de alegria contagiante, pois o seu clube vencera, todos ao entanto contentes, porque assistiram a uma magnifica partida.

Quanto aos que sahirão um pouco triste, só Deus sabe quaes serão...

* * *

OSWALDO PURCHIO, o popular Maranata ex-voluntario

PARA O PRELIO maximo do campeonato campineiro, salvo modificações, os "onzes" serão estes:

Guarany: 1.º — Armando; Bertinho e Joca; Silva, Odilon e Payuna; Fernet, Athayde, Bibiano, Moreno e Geraldo.

2.º — Reynaldo, Tavares e Guido; Severa, Tullio e Tisiani; Neco, Piolin, Stefano, Passarinho e Paraguayo.

Ponte Preta: 1.º — Joel; Rodrigues e Emilio; Dito, Sacy, Carneiro e Nascimento; Von Zuben, Alvico, Roviglio, Nardinho e Carlitão.

2.º: — Cunha; Jahu e Mané; Venancio, Helio e Vergnelli; Binho, Biriguy, Niquinho, Castelli e Severino.

* * *

FOMOS hontem visitados pelo sr. Orlando Mascaro, arrendatario do restaurante do Bosque, e que nos veiu trazer uma fausta noticia aos onze jogadores do quadro que vencer amanhã.

Demonstrando o seu espirito de esportista, o sr. Orlando Mascaro offerecerá um lauto jantar ao "onze" vencedor.

Hum! Agora é que o jogo será mesmo de abafa. Tambem pudera por um jantar gostoso como o do Restaurante do Bosque, quem é que não joga bem!

E ainda há uma cervejada!..

Boniiito... O grude será ás 20 horas.

* * *

O BOTAFOGO trabalha activamente para conseguir collocar em seu quadro, o centro-médio Noronha, pertencente ao Gremio, de Porto Alegre.

Noronha, entretanto, como está servindo no Exercito, na qualidade de sorteado, só poderá inscrever-se como amador.

Por seu lado, o Fluminense, segundo noticias da capital gaucha, está grandemente empenhado na acquisição de Sylvio Pirillo, tambem do Gremio, affirmando-se que já se trata dum caso... liquidado, pois Sylvio aguarda apenas ordem de embarque.

* * *

$531 a $532; escudos $853; florins 10$630 Japão 5$470; pesetas marcos compensados francos belgas 3$405 peso argentino 4$65 marcos 8$030 a 8$0 uruguayo 7$145 a 7$1 cos suissos 4$517 a 4.

O Banco do Brasil seguintes taxas para de letras de cobertu:

Libras a 90 dias a vista a 77$240; cabo dollares, a 90 dias a vista a 16$500; cabo a

Compra de Ou

Para compra de ou base de 1.000 por Banco do Brasil fixo da gramma a 23$200.

ALGODÃ

Bolsa de Mercador São Paulo

Pregão de abert

Em rama — Preço p

Contrato "A":

	Com
Julho	51$2
Agosto	51$2
Setembro	50$6
Outubro	50$4
Novembro	50$3
Dezembro	50$2
Janeiro	50$2
Fevereiro	50$3
Março	49$8

Contrato "C":



Encontros de a

BALDEAÇÃO x IT

O Baldeação C. M. verá enfrentar no pr mingo, as fortes pha Ilapura F. C.

O encontro deverá

O Guarany não resistiu a impetuosidade da equipe pontepretana que o venceu com meritos por 2 a 1

Faraht e Nardinho as melhores figuras do ataque vencedor. As estreias da Veterana agradaram. O juiz. Outras notas da nossa reportagem.

Campinas viveu domingo, momentos de grande emoção, com o transcorrer emocionante que teve a contenda entre Guarany e Ponte Preta, proverbiaes e acerrimos emulos dos nossos campos, onde tanto se elevaram, mercê de suas actuações convincentes e dos esquadrões potentes e leaes que possuem. O publico campineiro revolucionou-se sempre, num "afan" de interesse e espectativa, quando se trata do encontro dos componentes do formidavel "Derby" campineiro. O estadio fica até muitas vezes super-lotado, isto porque os esportistas sabem que vão apreciar uma verdadeira e technica partida onde os dois antagonistas se degladiam tenazmente até que o juiz trille o apito encerrando a contenda. Os jogadores transfiguram-se, e mesmo os mais fracos parecem produzir o maximo de rendimento. Ha muito tempo que Guarany, o sympathico esquadrão alvi-verde e a "Veterana" — Geraldo.

Ponte Preta: — Kong — Rodrigues — Emilio — Pagode — Eleuterio — Nascimento — Von Zubem — Alvico — Farah — Zé Maria e Nardinho.

Como juiz, tivemos o veterano Joaquim.

O INICIO DA PELEJA

A sahida, pelo nosso chronometro, deu-se precisamente ás 16,35 horas, com sahida pelos "bugrinos", que logo tentam escalar, atacando pela direita, onde Piolim perdendo para Nascimento, juntiliza. A pelota por duas vezes ou trez, vem aos pés de Farah, que apezar de mostrar segurança, perde para a defeza. Os ataques succedem-se, bem intencionados e dirigidos, ora por parte dos bugrinos ora por parte dos pontepretanos, tomando a partida um aspecto de muito brilhantismo, sem superioridade deste ou daquelle. Aos 6 minutos de jogo Farah, que é grande figura em campo, livra-se galhardamente [illegible] livrou-se espectacularmente de Joca, e deu no centro a Von Zuben que se apoderando do couro, ficou sozinho frente ao arco. Toda a assistencia contou como goal, e no entanto, Von Zuben, chutou... fora... Mais uma opportunidade identica, no primeiro tempo perdeu Von Zuben, talvez por precipitação, ou... inefficiencia. No primeiro tempo mesmo, succedeu um facto interessante: Von Zuben centrou, e Farah, quiz emmendar não acertando, cahindo sentado, com a bola entre os pés. Fizeram então uma roda em torno delle, e Farah, com uma calma admiravel, levantou-se e suspendeu o couro por cima das cabeças dos adversarios! O ataque da Ponte, está muito bom, com trances vistosas e de muito perigo. No Guarany, emquanto que a defeza se esforça o ataque não produz.

Num prelio de igualdade, o primeiro meio tempo veio a se nios se Bibiano agiu ou não intencionadamente... O facto é que Farah foi obrigado a abandonar a cancha contundido...

Pagode reclama, e pouco depois surge um incidente, entre este e Pavuna: Pagode, talvez zangado com o que acontecera a Farah, entrou de modo brusco em Pavuna que fez o mesmo. Viu-se Pagode saltar umas duas vezes, emquanto que Pavuna passava a "barca". Depois houve uma aggressão, a nosso ver começado por Pavuna, e a partida interrompe-se por algum tempo, para recomeçar depois, com a expulsão dos dois briguentos. Decahe a partida com a sahida dos trez elementos, e ve-se então um jogo algo violento de ambas as partes.

Farah volta, após os curativos necessarios, ao gramado ressentindo-se da sua contusão. O Guarany tem opportulivra-se do Joca e passa a Von Zuben que mais uma vez perde...

Quando faltavam 3 a 4 minutos, Farah, numa jogada pessadissima, recebendo passe de Von Zuben, infiltra-se, chutando no canto, vencendo Pio. A victoria agora, muito difficilmente escapa da Ponte e... não escapa mesmo, pois a Ponte venceu por 2 a 1.

A ACTUAÇÃO DOS ELEMENTOS

O quadro pontepretano cumpriu domingo uma "performance" notavel, e todo o "onze" se mostrou bastante coheso.

Kong, que foi o guarda-valas, nos primeiros 25 minutos de contenda esteve um tanto indeciso, para se firmar depois, culminando no 2.º turno, onde se firmou de modo elogiavel.

Na zaga, ambos os seus componentes estiveram á altura. Emilio muito seguro em suas intervenções, o Rodrigues mesmo assim chegou a [illegible]

Não centrou com efficiencia, enfim, estava em muito máu dia.

Zé Maria, outra estrea, convenceu plenamente e excedeu as espectativas. Foi um dos elementos que muito contribuiu para o successo do conjuncto. Farah, "abafou" a banca, foi o Deus da Ponte e o Diabo do Guarany. A chronica fala melhor o q. foi o grande Farah Alvico este tambem contou com a nossa admiração em vista do muito que produziu.

Em Nardinho, o minusculo e sensacional ponte esquerda da Ponte, residiu o ponto talvez mais alto do ataque vencedor. Sinão vejamos: emquanto Farah se desdobrava, secundava-o Nardinho, e quando Farah se contundiu Nardinho ficou sendo o melhor elemento em campo.

Foi essa, em synthese, a productividade da phalange pontepretana.

O Guarany esteve muito mau e é preferivel que não fa-

(Título imenso para uma matéria sobre o Dérbi publicada no Diário do Povo de 16/01/1940.)

Nada adiantou, o Brasil realmente disputou o terceiro lugar em 1938 e venceu o duelo contra a Suécia por 4 a 2, na cidade de Bordeaux. Para muitos jornalistas da época, o jogo Brasil e Itália nas semifinais foi uma final antecipada da Copa. E muitos deles afirmaram na época ter sido um resultado injusto para o Brasil, e que a Seleção veria estar na decisão da Copa contra a Hungria, que fora vencida pela Itália por 4 a 2, sagrando-se os italianos bicampeões mundiais. Na realidade, o Brasil perdeu principalmente porque fora inexperiente e arrogante com os italianos. [320] Mas o que realmente importa aqui é o grau de interação e participação da imprensa com relação ao futebol. Se por um lado, ocorre um distanciamento dos torcedores em relação aos seus times, ocorre também uma maior inserção e participação da imprensa em relação ao futebol. A imprensa se aproxima do futebol.

Com a grande campanha brasileira na Copa, o futebol ganhou novo impulso para a década seguinte. O último dérbi de 1938, realizado em 20 de novembro, foi assim noticiado um dia antes pelo *Diário do Povo*, em sua seção "O "Diário Esportivo"": "O choque das potências do futebol citadino - Ponte e Guarany disputarão amanhã o cotejo máximo do nosso futebol".

Ainda na década de 30, anos depois do *Correio Popular* ter chamado o encontro entre Ponte Preta e Guarani de "dérbi" - o que ocorreu no começo da década, o *Diário do Povo* passa também a se referir ao clássico da cidade dessa forma. No dia 6 de julho de 1939, em meio a notícias sobre os conflitos que se iniciavam na Europa, aparece uma notícia grande sobre o jogo que ocorreria no dia 9 de julho. O título da notícia traz a palavra "dérbi": *"O Clássico "Derby" do campeonato: Ponte e Guarany"*.

Um dérbi que recebeu muita atenção da imprensa campineira ocorreu no dia 1° de julho de 1945. As páginas dos jornais ainda traziam notícias da II Guerra Mundial, que estava terminando, e os textos muito se referiam a um momento de reconstrução da Europa e esperança de paz para um mundo que ficara mergulhado numa trágica guerra por seis anos. O *Correio Popular*, por exemplo, fez uma grande cobertura do clássico, que fora filmado pela Cruzeiro Filme. O evento filmado teve participação do jornal, o que explica a enorme atenção dada pelo *Correio Popular*. O *Diário do Povo* deu ao jogo bastante destaque, como ocorria sempre. O jogo foi pelo Campeonato Campineiro e o Guarani, jogando em seu estádio, venceu a peleja por 3 a 1.

Além de *Diário do Povo* e *Correio Popular*, outro jornal deve ser destacado como um órgão que realizou uma grande cobertura do dérbi nesse período e que estabeleceu grande interação com o clássico campineiro e o futebol de Campinas, a *A Gazeta Esportiva*. Com sede em São Paulo, a *A Gazeta Esportiva* começou a circular em 1928 como um veículo esportivo semanário. Entre os anos de 1931 e 1940, o jornal foi

[320] Foi inexperiente pelo pênalti que o zagueiro brasileiro Domingos da Guia cometeu ingenuamente, sem bola, em Silvio Piola, que Meazza bateu e decidiu o jogo em favor dos italianos - para os jornalistas brasileiros, o italiano induziu o brasileiro a cometer a infração. E arrogante pela atitude dos diretores e comissão técnica. O técnico Adhemar Pimenta retirou os dois craques do time, Tim e Leônidas, para poupá-los para o jogo final, considerando já classificada a equipe brasileira. Além disso, os brasileiros haviam reservado passagens para Paris, onde seria decidida a final da Copa, e também participaram de comemorações antecipadas, nas quais se bebeu muito... In LANCELLOTTI, Sílvio. *Espanha 82 - O Brasil e as Copas do Mundo*. Caminho Editorial Ltda/Edições Isto É, São Paulo, 1981/82.

bissemanal, voltando a ser depois um semanário, para em seguida, em 1947, ser um jornal diário.

A *A Gazeta Esportiva* passou a ser diário exatamente no momento em que o futebol paulista passou a ser organizado e administrado pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F.. Nesse ano de 1947, inclusive, além do Campeonato Paulista principal, a entidade iniciou a disputa da II Divisão do Campeonato Paulista. Portanto havia muito futebol para ser abordado pela imprensa. O interior ganhava um importante e fundamental espaço para se projetar e se promover, começando a aparecer com destaque no cenário do futebol paulista. E a *A Gazeta Esportiva* foi desde esse ano até o final da década de 80, um dos principais veículos esportivos do país, com uma cobertura ampla e minuciosa do futebol e também de outros esportes. Na década de 90, o jornal iniciou uma fase de decadência, que ainda está em curso, em função de uma grave crise financeira. Isso fez com que caísse sensivelmente a qualidade da cobertura do jornal.

Mas para o futebol de Campinas e de todo o interior, a *A Gazeta Esportiva* se tornou o principal veículo de divulgação de seus times e certames para a capital e para todo o interior - é claro que cada cidade com um time na F.P.F. possuía órgãos que realizavam igual cobertura, como é o caso do *Diário do Povo* e do *Correio Popular* em relação a Ponte Preta e Guarani em Campinas. Mas a *A Gazeta Esportiva* teve significativa importância na difusão do futebol do interior, além de levar para o interior notícias detalhadas dos grandes da capital. A imprensa, nesse sentido, teve grande influência na geração de torcedores de S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras e São Paulo F.C. pelo interior do estado[321]. E o jornal é o único que noticia ainda, às vezes com muito destaque, o futebol amador de São Paulo. E no passado, também noticiou o futebol amador de outras cidades, como Campinas.

Em Campinas, a fundação Cásper Líbero abriu uma sucursal de *A Gazeta*, que funcionou como uma redação ou central de notícias para os órgãos *A Gazeta*, *A Gazeta Esportiva* e a *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, revista que durou até meados dos anos 60 (além da *Rádio Gazeta* também). A sucursal funcionou por anos inicialmente no Edifício General Osório, no centro de Campinas, na rua General Osório, 1.118, esquina com a Rua Dr. Quirino. Posteriormente, passou a funcionar, com acomodações maiores e mais modernas, no Edifício Regina, na Praça Antônio Pompeu, no centro da cidade também. Ponte Preta e Guarani, além do futebol campineiro em geral, receberam grande atenção do jornal.

Nos anos 30, o futebol campineiro recebeu grande atenção do jornal *A Gazeta Esportiva*. Seus jogos recebiam uma cobertura bastante significativa no conjunto do jornal. Como exemplo, pode-se citar a cobertura feita pela *A Gazeta Esportiva* sobre o dérbi realizado no dia 4 de julho de 1937 pelo Campeonato Campineiro da Liga Campineira de Futebol (L.C.F.) - cujas atividades eram bastante noticiadas pelo órgão da capital. Foi uma matéria grande, cerca de um quarto da página 3, publicada no dia seguinte ao jogo. O texto detalhado e minucioso sobre a partida é característica da *A Gazeta Esportiva*, que é um jornal que manteve esse modelo de cobertura até hoje e que

[321] O Santos F.C. começou a possuir uma significativa torcida no interior depois que montou no final dos anos 50 um time que se tornaria o melhor do mundo por uma década, onde atuou Pelé. Até então, brilhava o chamado "trio de ferro" da capital: S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras (antes Palestra Itália) e São Paulo F.C..

se refere ao encontro Ponte Preta e Guarani desde aquela época como "derby", usando o "y" na palavra. O jornal ainda dedica um grande espaço ao clássico campineiro. Em 1937, o dérbi foi noticiado pela *A Gazeta Esportiva* assim:

"Sem decisão a partida classica do futebol campineiro.
Guarany e Ponte Preta empataram em 2 X 2.

Campinas, 4 (Da nossa sucursal) -- O Estadio do Guarany registrou hoje a maior assistencia dentre todas as demais verificadas no transcurso da Liga Campineira de Futebol, que o demandou afim de presenciar o cotejo maximo do futebol campineiro, ou seja o confronto Guarany X Ponte Preta, as mais velhas agremiações locaes.

Uma preliminar assaz interessante, e onde o jogo violento imperou em grande parte do seu transcorrer, precedeu a contenda principal, vencendo a Ponte Preta por 4 a 0.

Para o jogo principal os dois clubes aninharam-se assim:

Guarany: -- Armando; Bilé e Jóca; Tullio, Odilon e Pagode; Juca Pato, Piolin, Dedovitis, Carlito e Bueno.

Ponte Preta: -- Joel; Rodrigues e Tó; Botelho, Sebastião e Gustavo; Gostoso, Nico, Barriga, Alvico e Ruy.

O Sr. Jorge Miguel, da Liga Paulista, ordena o início da contenda, que se verifica ás 15,15 horas, com a sahida da linha do Guarany. Passados apenas dois minutos de jogo, Gustavo pratica escanteio e Juca Pato cobra a penalidade optimamente, dando margem a que Dedovitis assignale o 1° Ponto do Guarany.

O encontro offerece lances grandiosos, demonstrando os dois quadros optimo preparo. A linha do Guarany, embora não conte com o concurso efficiente de Carlito, actua muito bem, jogando o quadro todo com calma e precisão.

O "onze" da Veterana, no emtanto, procura organizar as primeiras investidas, esbarrando porém com calculada marcação do verde e branco. No seu primeiro avanço perigoso, Barriga encobre Joca e Armando e com a méta inteiramente livre atira, batendo a pelota na trave.

Passam os dois guardiões a praticar boas defesas e eis que se dá um novo avanço bugrino. Tó pratica uma falta em Juca Pato e este cobra-a. Fal-o optimamente, indo a pelota a Carlito, que no meio de grande confusão golpeia firma para marcar o 2° tento do Guarany, ás 15,53.

Essa desvantagem ~~não abate o moral do quadro da Ponte Preta, que mais~~ uma vez perde occasião segura, tendo Alvico arremessado fóra um passe calculado e quando estava só, frente ao guardião do Guarany. Foi um lance optimo e que Alvico não aproveitou.

A lucta attinge o seu final, com inteiro equilíbrio de forças, depois de proporcionar á numerosa assistência lances empolgantes, desenvolvidos num ambiente de inteira disciplina.

Ás 16,35 horas foi iniciado o segundo tempo, com a sahida do ataque ponte-pretano. Soffre a Veterana um violento contra-ataque bugrino que Dedovitis encerra com um perigoso golpe, indo a pelota fóra depois de haver atravessado a méta de Joel que não poude detel-a.

A linha da Ponte Preta entra resolutamente no combate e por duas vezes, Barriga e Alvico, em duas optimas occasiões, vêm suas tentativas frustadas pela sorte de Armando que salvou a queda do seu posto.

As tentativas dos ponte-pretanos são mais accentuadas e nota-se com espanto que o juiz entra a actuar malissimo, prejudicando muito o quadro do Guarany. Varias situações difficeis são creadas á boca da méta bugrina, cuja defesa se esfalfa para conter o impeto dos commandados de Barriga.

Aos poucos o jogo se equilibra, praticando os dois guardiões boas defesas.

Registra-se um perigoso avanço da Ponte Preta que a defesa do "Bugre" não poude conter Barriga, bem servido entra na área e Bilé, em último recurso faz uma falta dentro da zona fatal. O "penalty" é incontinenti punido pelo juiz e Ruy, cobrando-o, marca o 1° ponto da Ponte Preta ás 17,03.

Prosegue a lucta num tom algo exaltado por parte da torcida, que se irrita ante a actuação do juiz.

Piolin, quasi no centro do campo, faz uma falta que é cobrada muito bem por gustavo. A pelota vae a Barriga que estava desmarcado e este marca o tento do empate quando faltavam 6 minutos para o final da contenda.

Odilon paralysa o jogo neste ponto, dirigindo-se ao representante para protestar ante a actuação do juiz. No emtanto, o tento foi legitimo, mas, o centro-médio bugrino serviu-se naturalmente da occasião para lavrar o seu protesto.

Os bugrinos atiraram-se resolutamente á lucta, mas o encontro vem a findar com o empate de 2 tentos.

O Sr. Jorge Miguel, que actuou optimamente na 1° phase, desandou no período complementar, não se mostrando á altura de tão importante jogo, pois que provocou seguidos protestos com a sua ~~conducta falha.~~" [322]

Na sucursal de *A Gazeta Esportiva*, entre os anos 30 e 60, destacou-se Ferdinando Panattoni[323], jornalista que trabalhou também no *Correio Popular*. Panattoni manteve uma

---

[322] O texto grande nos oferece um exemplo de cobertura de uma partida de futebol da época, com linguagem própria de seu tempo.

[323] Ferdinando Panattoni nasceu em Jundiaí em 10 de fevereiro de 1900, e faleceu em Campinas no dia 7 de junho de 1964, aos 64 anos portanto. Foi ferroviário na Mogiana e professor de português por cerca de 24 anos no Externato São João, na Rua José Paulino, centro de Campinas, antes de exercer a atividade de jornalista. Iniciou sua carreira como jornalista no *Correio Popular* e depois foi para a *A Gazeta* na década de 30, quando teve que optar por continuar no *Correio Popular* ou ir para a *A Gazeta*. Em 1° de junho de 1936, Panattoni começou sua carreira na *A Gazeta* como cronista esportivo, recebendo 50 mil réis (passaria a Cruzeiro em 1942) por mês. Em 1948, assumiu a função de diretor da sucursal de *A Gazeta* em Campinas. Como não havia faculdade de jornalismo na época, Ferdinando Panattoni "formou" muitos jornalistas, ensinando a muitos na época. Era chamado de "professor" ou "mestre" pelo jornalista João Caetano Monteiro Filho do *Correio Popular* - jornalista que praticamente deu o nome de Brinco de Ouro da Princesa ao estádio do Guarani. Ferdinando Panattoni, que era muito amigo do pontepretano Moisés Lucarelli - dirigente e benemérito da Ponte Preta e com quem mantinha uma relação muito próxima -, era "bugrino roxo", como testemunhou seu filho João Bosco Panattoni, mas era "imparcial", segundo ele, que fez questão de enfatizar tal afirmação. Ângelo Panattoni, irmão de Ferdinando Panattoni, foi um dos membros fundadores do Guarani em 1911. O jornalista recebeu um diploma da Liga Campineira de Futebol por seus serviços e apoio ao futebol campineiro por décadas. Ferdinando Panattoni teve três filhos: João Bosco, Fernando e Elvira.

intensa e próxima relação com o esporte da cidade, principalmente o futebol. Pode-se citá-lo como exemplo do tipo de jornalismo que se praticava na época, quando o jornalista permanecia muito mais próximo ao clube, aos jogadores e aos torcedores. A própria atividade jornalística da época o obrigava a ter essa proximidade. Panattoni e os jornalistas de sua época escreviam as notícias e as enviavam de ônibus, através da viação Cometa, como nos contou seu filho, João Bosco Panattoni, dono de um grande acervo de fotos de Campinas e do futebol da região, presentes e lembranças que o pai guardara.

Ferdinando Panattoni promoveu inúmeros eventos esportivos. Ponte Preta e Guarani chegaram a disputar torneios em que estava em disputa o Troféu A Gazeta Esportiva. O jornalista esteve presente também em eventos beneficentes e comemorativos, estabelecendo uma ligação muito próxima entre os agentes diretos do futebol e outros esportes e os jornalistas. O termo "dente-de-leite", por exemplo, para se referir a uma categoria que hoje podemos chamar de infantil, já que não se usa mais esse termo, foi criado por Ferdinando Panattoni, que também lidou muito com os aspectos folclóricos e lendários do futebol, como por exemplo quando divulgou que a Ponte Preta teria caído para a II Divisão em 1960 e lá permanecido por muitos anos devido à praga rogada pela mãe do jogador Pitico, afastado do time na época pelo técnico Gentil Cardoso. O jornalismo muito se alimenta dessas particularidades do universo do futebol até hoje.

O jornalismo, que nessa época era "mais próximo" do futebol, com o passar das décadas e a introdução de tecnologias que tornaram a atividade jornalística mais dinâmica, como o fax e posteriormente o computador e a internet, passou a se "distanciar" dos agentes diretamente envolvidos com o futebol.

Esse período, de 1930 a 1947, foi um momento portanto em que o futebol campineiro se profissionalizou, ou parte dele pelo menos. Se de um lado, times como Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana, fundado no ano em que se estabeleceu o profissionalismo no futebol brasileiro (1933), eram profissionais, outras equipes, que já se extinguiram, mas que também eram potências como o E.C. Corinthians e o Campinas F.C., permaneceram amadores. Em São Paulo, a APEA, entidade de futebol amador e que defendia o amadorismo, sobrevive apenas mais seis anos, até 1936, e desaparece, o mesmo aconteceu com o então maior time de São Paulo, o C.A. Paulistano, que fechou seu departamento de futebol em 1929 por não concordar com o profissionalismo.

A então Liga Paulista de Futebol (LPF) passa a comandar o futebol paulista e se transforma em 1941 na Federação Paulista de Futebol (FPF). Em Campinas, em 1935, é criada a Liga Campineira de Futebol (LCF), que também organiza o futebol campineiro e onde os dérbis ganham grande projeção e se transformam em grandiosos eventos na cidade. Essa profissionalização efetiva atinge primeiro os times da capital, por isso Ponte Preta e Guarani ficam até 1947, num estado intermediário. Os dois times campineiros, embora participassem de certames organizados pela F.P.F., como o Campeonato do Interior, também participavam do Campeonato Campineiro da LCF, que era fundamentalmente amador.

A "profissionalização" do futebol age diretamente também na imprensa. Ela se alimenta ainda mais desse "futebol organizado" e promovido por uma entidade forte e profissional. A cobertura se torna maior e mais minuciosa. Há uma evolução na linguagem do jornalismo esportivo, aparecem com destaque crônicas, que abordam com mais profundidade aspectos do universo do futebol. As páginas dos jornais passam a promover

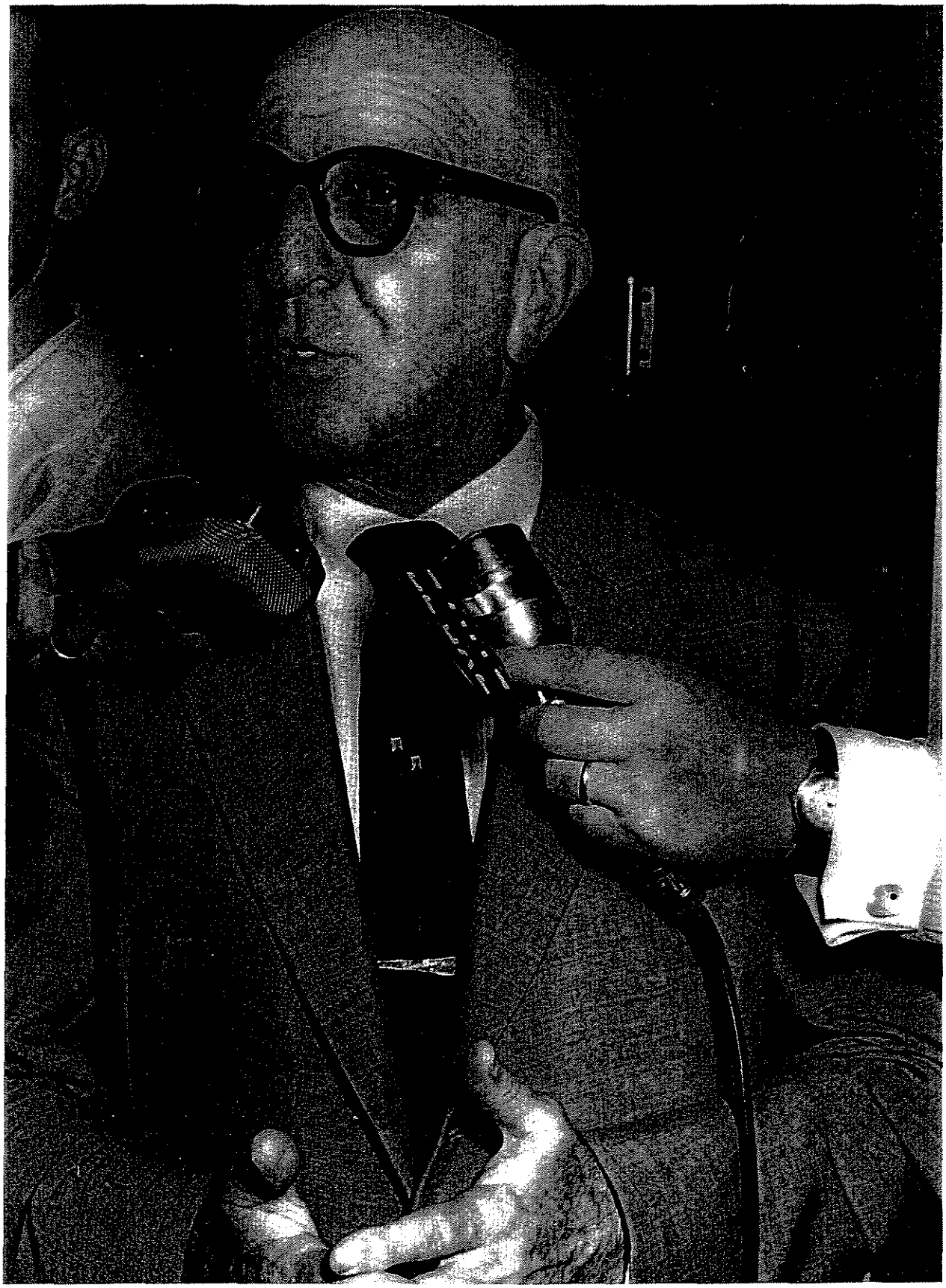
e difundir os novos certames, o que faz com que os times e os certames sejam conhecidos. O futebol se beneficia sendo fortalecido nesse processo.

A imprensa então interage diretamente com o futebol e sua organização. Os anos 30 são fundamentais para a substituição do futebol amador por um futebol profissional em São Paulo. Ele passa a ser um objeto mercadológico importante para a imprensa paulista, como por exemplo para o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, que com a volta da disputa do dérbi em 1932 e a criação de certames pela F.P.F. e L.C.F., passam a realizar uma intensa cobertura do futebol local, principalmente de Ponte Preta e Guarani, cujo embate passa a ser chamado de dérbi nesse momento.

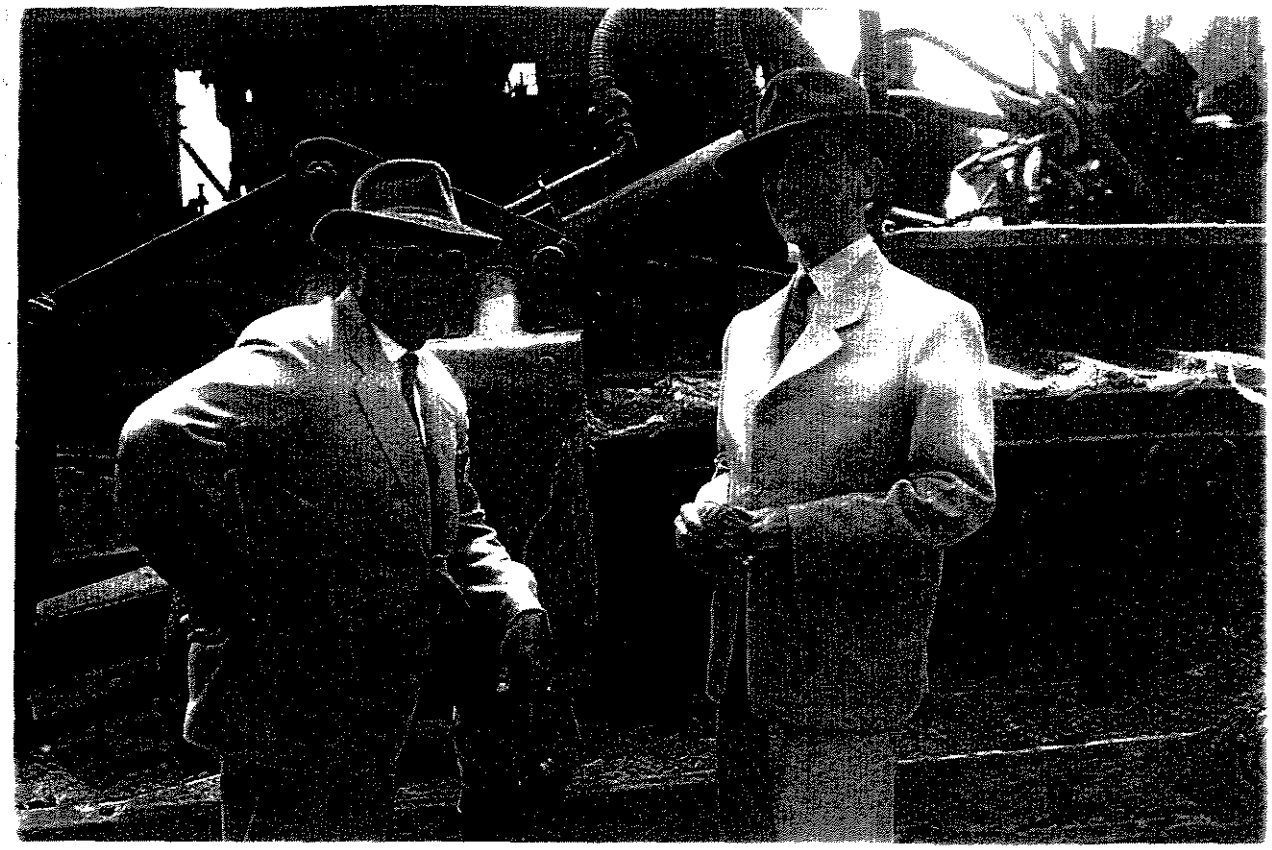
(Foto de Ferdinando Panattoni dando o ponta pé inicial de uma partida do Vila Industrial no Campo do 8º B.C., em abril de 1959. Acervo João Bosco Panattoni.)

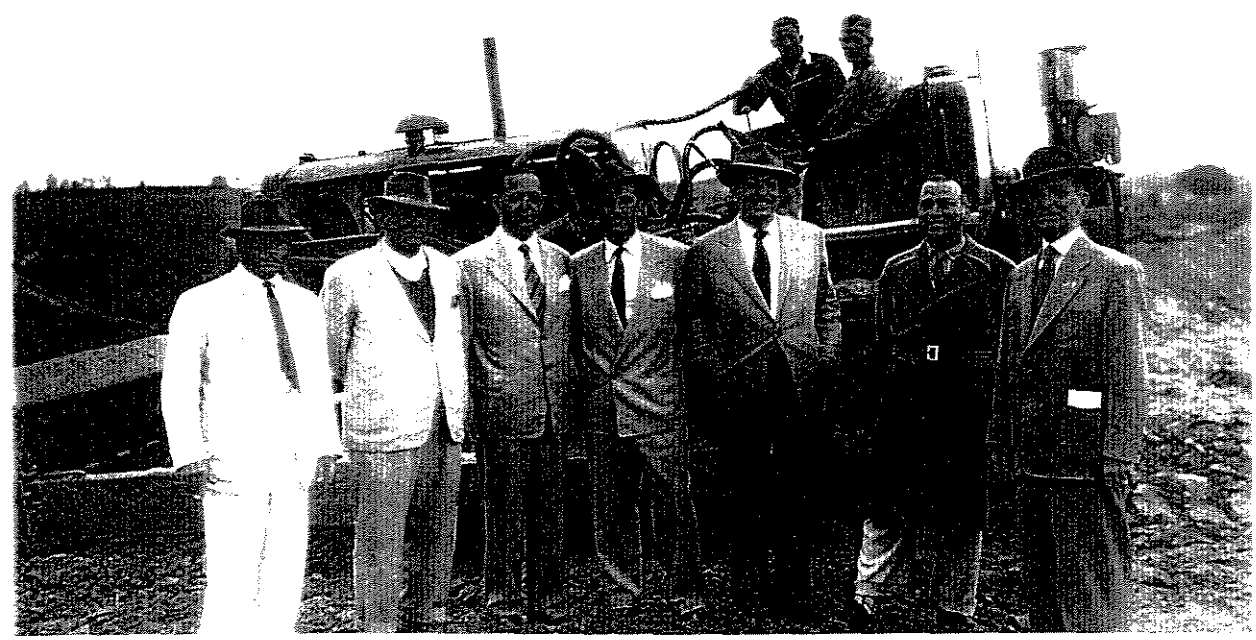


(O jornalista Ferdinando Panattoni no 8º aniversário ou Reunião dos Viajantes e Representantes Comerciais. Durante a festa, Panattoni foi entrevistado e falou em nome do jornal A Gazeta, 15/04/1961. Acervo João Bosco Panattoni.)



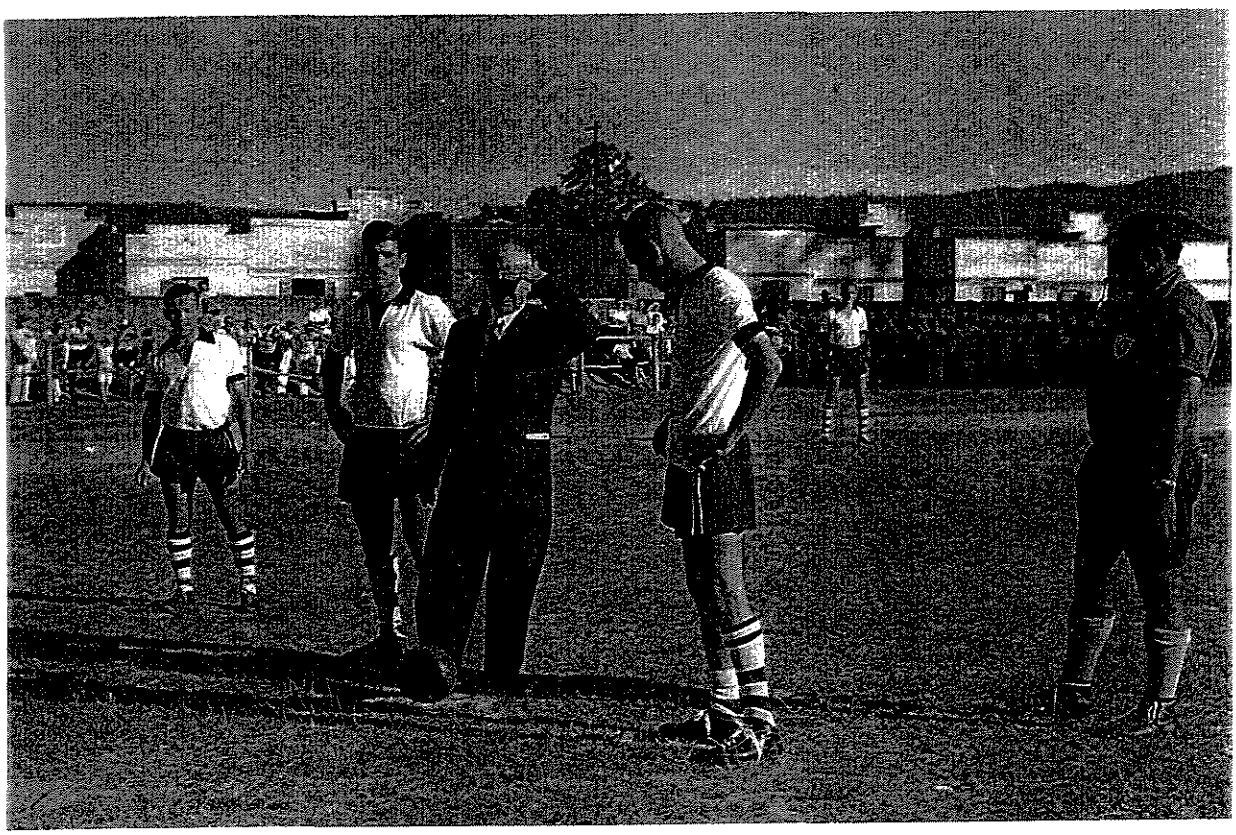
(Ambas as fotos são de 07/12/1946. Na foto de cima aparece o bugrino Ferdinando Panattoni ao lado do amigo pontepretano Moisés Lucarelli. "Eram inseparáveis", conta o filho João Bosco Panattoni. Na foto de baixo aparece Ferdinando Panattoni ao lado da comissão pró-estádio da Ponte Preta: Hermínio Cesar, Moisés Lucarelli, David Ferraz, Dr. Agton Couto, Zozimo Gadia e Armando Lucarelli. Ambas as fotos foram tiradas em frente a um trator que trabalhava na área de terraplenagem do Estádio Moisés Lucarelli, que seria inaugurado em 1948. Acervo João Bosco Panattoni.)





(Duas fotos em que aparece Ferdinando Panattoni dando o ponta pé inicial das respectivas partidas. A foto de baixo foi tirada em 24/04/1955, em Pedreira, antes de começar a partida entre o Corinthians e um combinado de "veteranos paulistas". Acervo João Bosco Panattoni.)





(Foto da página seguinte: Ferdinando Panattoni ao lado de Josi Cantusio, presidente da Ponte Preta, Ari Rodrigues, da comissão central de esportes, Alfredo Ribeiro Magnani, presidente do Guarani, João Megaliaz e Francisco Morais, fundadores da Liga Campineira de Futebol - LCF, e Leonel Ferreira, presidente da LCF. A foto foi tirada em 04/07/1945 no Estádio do Guarani F.C.. Acervo João Bosco Panattoni.)



VII - 15. O Dérbi entra definitivamente na "era profissional" e o futebol vive seu momento de romantismo: 1947 a 1969

Por que 1947? Porque é nesse ano que Ponte Preta e Guarani começam a disputar o Campeonato Paulista de futebol profissional, organizado pela profissional Federação Paulista de Futebol, F.P.F.. Ambos entram na II Divisão do certame, e para essa competição realizam nesse ano dois dérbis, ambos vencidos pela Ponte Preta, 3 a 2 e 1 a 0, respectivamente no Estádio do Guarani, o "Pastinho", e no Estádio da Mogiana. No ano anterior, Ponte Preta e Guarani haviam participado pela última vez do Campeonato Campineiro, organizado pela Liga Campineira de Futebol. A cidade de Campinas se consolidava como pólo industrial e apresentava um grande crescimento populacional.

Na década de 40, período chamado por alguns cronistas como a "Era Romântica"[324] do futebol, a cobertura nos jornais já apresentava, basicamente, todos os recursos de hoje. O modelo mudou em relação à quantidade e ao acabamento gráfico, mas o conteúdo e a forma de cobertura do futebol de hoje, já haviam se estabelecido. A década de 40 é o momento em que o futebol deixa definitivamente todo e qualquer resquício ou traço de um período amador e de um esporte praticado pelas elites e também só por brancos, embora o racismo explícito no futebol brasileiro, mesmo que de maneira sutil, tenha perdurado até os anos 50.[325] O primeiro time que contou com negros em seu elenco foi o C.R. Vasco da Gama do Rio de Janeiro. Embora, o negro já estivesse presente no futebol brasileiro antes, de maneira camuflada, dava-se um jeito de "embranquecê-lo".

É nessa década também que o *Correio Popular* passa a publicar uma coluna fixa intitulada "Respigos", que não trazia crônicas, mas sim notas curtas sobre o futebol e seus bastidores. Esse "modelo" é utilizado até hoje por todos os cadernos de esportes da imprensa nacional. Os jornais ainda traziam a primeira página como parte do jornal e não como uma "capa" com as manchetes ou chamadas, como ocorre, de maneira padrão, hoje. As primeiras páginas já traziam as notícias principais, com basicamente todas as informações, embora pudessem ser complementadas no interior do jornal.

Os jornais também precisaram se adequar aos novos tempos. Os anos 40 proporcionam ao negro uma chance de ascensão social nunca antes "permitido", não só pelo futebol, mas também pelo mercado de trabalho. Leônidas da Silva, um dos grandes destaques do futebol brasileiro nesse período era negro e conseguiu na época reconhecimento e riqueza.[326]

Em Campinas, foi nessa década de 40 que o dérbi passou a ser definitivamente o clássico dos clássicos da cidade, que certamente até hoje ainda mantém inúmeras

---

[324] Esse período entre as décadas de 40 e 50 deve ter sido assim chamado em função da enorme popularização ocorrida com o futebol em todo o país. A Seleção Brasileira, que já encantara o mundo na Copa de 1938 na França, já era reconhecida como uma potência mundial e os times brasileiros montaram grandes esquadrões. Foi um momento em que o futebol brasileiro revelou muitos jogadores e encantou o mundo. Como não havia televisão (apesar de já haver o rádio), os veículos impressos difundiram o futebol através de seus cronistas, que em suas crônicas se remetiam ao universo folclórico e lendário do futebol.

[325] Sobre o assunto, ver: FILHO, Mário. *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1947.

[326] "A Revolta do Preto" e "A Ascensão Social do Negro", in FILHO, Mário. *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1947.

rivalidades entre as equipes amadoras da cidade. Mas os "grandes" jogos do passado que envolviam outros times em confrontos com Ponte Preta e Guarani estavam ficando, cada vez mais, menos importantes e chamativos. Não representavam um grande "produto" para a imprensa escrita. Um "Guarani F.C. X Campinas F.C.", como citei acima fora um clássico no passado, um "dérbi" da cidade, embora nunca tenha sido assim chamado de fato. Já não era mais. Nem o Campinas F.C., que nos anos 30 formara um dos times mais fortes do estado, ganhando grande projeção estadual, já não era mais o mesmo.

Ponte Preta e Guarani enfrentaram as grandes equipes de Campinas basicamente até 1946, quando disputaram pela última vez o Campeonato Campineiro com seus times principais. E por pouco mais de uma década, até 1959[327], dividiram com a E.C. Mogiana, time formado inicialmente pelos trabalhadores da contadoria da Estrada de Ferro da Mogiana, a honra de representar o futebol profissional de Campinas. Depois, com o fim do E.C. Mogiana, Ponte Preta e Guarani seguiram como os únicos representantes do futebol profissional de Campinas.

Em 1942, o dérbi já ganhava uma página inteira na edição de 15 de maio do *Diário do Povo*. Um único jogo ocupava todo o espaço de uma página do jornal. O dérbi nesse dia foi vencido pela Ponte Preta por 2 a 1, e com a reforma da língua portuguesa, o "y" de "Guarany" dava lugar ao "i". Na década de 1950, o "y" do "derby" também dá lugar ao "i" nas páginas do *Diário do Povo*, o mesmo tendo acontecido com o *Correio Popular*, uma década antes. Muito embora, o "y" nessas palavras tenha sido usado por muitos anos ainda. Inclusive, até hoje, às vezes, aparece em jornais e revistas a palavra dérbi escrita com "y" no final. Um exemplo curioso é o do jornal diário *A Gazeta Esportiva* de São Paulo, que desde os anos 50 sempre dedicou grande espaço para o dérbi campineiro - por ter correspondentes de Campinas -, que muitas vezes ao longo das décadas, e ainda hoje, utiliza o "y" no final.

Em relação à chegada do profissionalismo ao futebol brasileiro, não é possível estabelecer uma data. Alguns autores citam o ano de 1933, momento em que vários jogadores brasileiros saem do Brasil para atuar na Europa. Essa primeira debandada de jogadores durou quase uma década, sendo interrompida pela II Guerra Mundial, que interrompeu os torneios de futebol no velho continente. Nesse ano também teve início a transação envolvendo jogadores de futebol de um clube para outro. Era o início, assim, da implantação do regime profissional.[328]

No caso do dérbi, os jornais *Diário do Povo* e *Correio Popular* chegaram naturalmente a uma data para o início da "Era do Profissionalismo" para o futebol campineiro: 1947, pois foi nesse ano que Ponte Preta e Guarani deixaram de participar das competições citadinas para participarem do certame estadual.

O profissionalismo foi na verdade inserido em nosso futebol num lento processo que durou cerca de três décadas. Iniciou-se na década de 20 e terminou na década de 50, logo após a realização de uma Copa do Mundo em território nacional.[329]

---

[327] O E.C. Mogiana disputou o Campeonato Paulista da II Divisão em 1947, 1948, 1949, 1950, 1958 e 1959.

[328] WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção "Para Conhecer Melhor", Editora FTD S.A., São Paulo, 1996. pp. 25.

[329] WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção "Para Conhecer Melhor", Editora FTD S.A., São Paulo, 1996. pp. 20-25.

Com o dérbi sendo uma partida "estadual" agora e não mais somente da cidade, há uma separação clara entre as duas principais equipes e a Liga Campineira de Futebol, que desde 1935 organizava os campeonatos de caráter regional,[330] embora, Ponte Preta e Guarani "aparecessem" em eventos esporádicos da Liga Campineira de Futebol até os anos 50. No *Diário do Povo* de 29 de junho de 1950, dia em que o Guarani, jogando em seu antigo estádio, o "Pastinho", venceu a Ponte Preta pela Taça Cidade de Campinas por 4 a 3, saiu uma notícia sobre o dérbi, anunciando que a bola do jogo seria rifada em benefício da Liga Campineira de Futebol. O status do dérbi já possibilitava esse tipo de evento.

O *Diário do Povo* e o *Correio Popular* deram, nesse período, grande atenção ao terceiro dérbi da "era profissional", realizado no dia 24 de abril de 1948 no Estádio da Mogiana pela Taça Cidade de Campinas. Nessa partida, além da goleada do Guarani por 5 a 2, também se registrou o primeiro dérbi disputado à noite. O antigo Estádio Antônio da Costa contou nesse dia, pela primeira vez, com iluminação artificial. O jogo, além da novidade, também foi histórico para a trajetória do dérbi, como já foi citado em capítulo anterior. Após estarem perdendo por 2 a 0 na etapa inicial, os jogadores do Guarani, após serem ameaçados pelo presidente, voltaram para a etapa final e viraram a partida para 5 a 2.

No *Correio Popular*, sobre essa partida, usou-se uma palavra que não era muito usada: "virada". E o clássico recebeu esse título do jornal: *"O Derbi Noturno"*. Outra novidade do *Correio Popular* foi o título de sua página esportiva. O "Esportes" vinha escrito bem grande e de cada lado trazia ilustrações sobre esportes.

A cobertura jornalística na década de 50 em Campinas cumpriu a função de divulgar o dérbi, a Ponte Preta e o Guarani no novo cenário do futebol, de caráter profissional e organizado, agora pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F., que surgira em 21 de abril de 1941, mas que assumiu o controle do futebol paulista realmente em 1947[331], quando organizou o Campeonato Paulista. Os demais times da cidade, assim como o certame campineiro perderam espaço para esse futebol institucionalizado com federação e tudo mais. A imprensa escolheu assim a quem privilegiar. A escolha, no sentido mercadológico, seguiu um caminho natural.[332] Por isso o futebol amador não tem

---

[330] Antes da Liga Campineira de Futebol, fundada em 1935, o "Campeonato Campineiro" fora organizado por outras ligas, desde 1912.

[331] Nesse ano em que a Federação Paulista de Futebol (F.P.F.) começou a organizar o Campeonato Paulista, ela instituiu a II Divisão. E no ano seguinte, 1948, entrou em vigor a Lei do Acesso, ou seja, o campeão da II Divisão tinha a partir de então o direito de subir e jogar a I Divisão. Ponte Preta e Guarani iniciaram sua participação no Campeonato Paulista profissional já em 1947, subindo respectivamente em 1951 e 1950. Os fundadores da F.P.F. foram 11 equipes: S.E. Palmeiras (na época, ainda Palestra Itália), S.C. Corinthians P., São Paulo F.C., Santos F.C., A. Portuguesa D., C.A. Juventus, Jabaquara A.C. (antigo Hespanha ou Espanha F.C.) de Santos, Comercial F.C de São Paulo, A.A. Portuguesa Santista, C.A. Ypiranga de São Paulo e Nacional A.C. (antigo São Paulo Railway A.C.) de São Paulo.

[332] Vale ressaltar que naquele momento, o futebol "institucionalizado", administrado pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F., não era exatamente "melhor". Mas com a organização, veio a profissionalização, e evidentemente com o investimento no futebol, os times profissionais cresceram e se tornaram naturalmente potências em relação aos times amadores. É bem verdade também que só se profissionalizaram aquelas equipes que já eram potências ou que possuíam grande tradição, patrimônio e torcida. A escolha da imprensa foi fundamentalmente mercadológica. Mas, tanto o *Diário do Povo* como o *Correio Popular*, realizam coberturas do futebol amador da cidade e da região. Até porque cobrir o futebol

projeção ou alcance além do local, enquanto o futebol profissional pode ter alcance internacional.

Essas mudanças e caracterização "final" do que viria a ser o atual futebol profissional, acarretam mudanças nos jornais. Fundamentalmente, o futebol "exige" mais espaço nas páginas dos jornais. Em meados da década de 50, esse espaço é consolidado. O *Correio Popular*, por exemplo, passa a ter praticamente duas páginas de esportes diárias. E no final dos anos 50, o *Correio Popular* passa a ter outra coluna fixa, destinada a notas curtas sobre futebol: "Tiro Certo", de Adhemar Teizen (além da antiga coluna "Respigos").

E foi numa dessas colunas que o novo estádio do Guarani foi batizado. O jornalista João Caetano Monteiro Filho, que escrevia uma coluna no *Correio Popular*, ao ver as fotos da maquete do novo estádio do Guarani em 1952, escreveu no dia seguinte que o projeto do estádio parecia um brinco. No dia seguinte escreveu em sua coluna que o Guarani estava construindo um autêntico "brinco de ouro para a princesa". "Princesa" era uma alusão ao apelido da cidade de Campinas, a "Princesa D'Oeste Paulista", referente ao áureo período cafeeiro. Torcedores e dirigentes gostaram da brincadeira do jornalista e no dia da inauguração oficial do estádio, em 31 de maio de 1953, ele foi batizado oficialmente de Estádio Brinco de Ouro da Princesa. Até a avenida que passa ao lado do estádio tem o nome de Avenida Princesa D'Oeste. Um exemplo da natural e intensa relação do futebol com a imprensa.

Na cobertura do dérbi do dia 13 de fevereiro de 1955, o jogo é noticiado pelo *Diário do Povo* em um "Suplemento Esportivo". Começava-se a separar o futebol de outras seções ou áreas do jornal. Os jornais começavam a esboçar um "caderno de esportes", que vale ressaltar, no Brasil, é praticamente um "caderno de futebol". Esse "Suplemento Esportivo" do *Diário do Povo*, por exemplo, era constituído por 4 páginas, repletas de textos longos sobre futebol e muitas fotos. A utilização de fotografias se

---

amador local é também uma estratégia mercadológica, ~~é pauta certeira~~ para os jornais da região. Assim, enquanto o futebol profissional tem uma cobertura nacional por todo veículo de comunicação do porte de um *Diário do Povo* e de um *Correio Popular* - jornais que podem ser enumerados ao lado dos maiores jornais do país - , o futebol amador tem uma cobertura regional, local apenas. Os dois jornais campineiros produzem notícias do futebol amador da cidade, mas em menor quantidade e destaque que as notícias produzidas por exemplo sobre os times profissionais da capital, como São Paulo F.C., S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras, ou mesmo sobre times profissionais do interior, como por exemplo o Botafogo F.C. de Ribeirão Preto ou o C.A. Bragantino de Bragança Paulista. O mesmo vale dizer sobre times profissionais de outros estados. De qualquer forma, as notícias sobre o futebol profissional obedecem a essa graduação de proximidade em relação à origem do veículo de comunicação. E em relação ao futebol amador, a cobertura é estritamente local. Essa relação de cobertura deixa clara a estratégia ou objetivo mercadológico da atividade de um grande jornal. Em Campinas, jornais de bairro, fazem o caminho inverso, obviamente. Não se realiza uma cobertura do futebol profissional, mas sim do futebol local, amador, porque o público alvo é local. Um exemplo desse tipo de cobertura e jornal é a *Folha do Taquaral*, com notícias do bairro Taquaral e no caso do futebol, o amador - embora, às vezes, o jornal até traga notícias também sobre Ponte Preta e Guarani. Cabe aqui também destacar que grandes jornais das capitais estaduais não realizam uma cobertura do futebol amador de forma tão significativa como realizam os grandes jornais do interior. Por exemplo, encontramos mais notícias do futebol amador de Campinas nos dois grandes jornais campineiros, do que notícias do futebol amador paulistano ou carioca em jornais como *A Folha de S. Paulo* ou *O Estado de S. Paulo*, e o *Jornal do Brasil* ou *O Globo*, respectivamente.

incorpora de maneira definitiva à cobertura do futebol, e também de qualquer outro tema, assunto ou seção.

Ainda nessa edição do *Diário do Povo* de 1955, o dérbi disputado no Estádio Moisés Lucarelli pelo Campeonato Paulista de 1954 e vencido pela Ponte Preta por 1 a 0, havia uma página inteira somente para o jogo entre as potências campineiras. E inclusive, é também nesse momento que os jornais começam a se referir ao dérbi como sendo o "dérbi campineiro". Pois já havia um "dérbi" nesse novo contexto no qual Ponte Preta e Guarani haviam se inserido, que era a disputa entre os rivais da capital S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras. Assim, o dérbi de Campinas precisava ser identificado para que não fosse confundido com o dérbi paulistano - talvez o maior e mais tradicional "dérbi".[333]

O Guarani já utilizava nessa década o tradicional uniforme com camisas e meias verdes, e calções brancos, que é usado até hoje. O antigo uniforme com camisas com listras verticais grossas verdes e brancas já havia sido aposentado. E a Ponte Preta já vestia camisas brancas com uma listra grossa transversal preta, e calções pretos e meias brancas. Este é exatamente o mesmo uniforme utilizado hoje, mas que entre os anos 60 e início dos anos 70, fora substituído por uma camisa branca com duas listras verticais finas no lado esquerdo. Foi com esse uniforme que a Ponte Preta subiu novamente para a I Divisão em 1969. Em meados da década de 70, o time alvinegro voltaria a utilizar o uniforme com a listra transversal, estando com ela até hoje. Esse uniforme foi baseado no uniforme do C.R. Vasco da Gama do Rio de Janeiro, que nos anos 40 passou a utilizar esse uniforme por influência do então poderoso time do River Plate de Buenos Aires, Argentina, cuja única diferença era a cor da listra, vermelha. Já no dérbi de 19 de janeiro de 1975, disputado no Estádio Moisés Lucarelli pelo Torneio Laudo Natel - vitória do Guarani por 2 a 0 -, a Ponte Preta já voltava a utilizar este uniforme. Com a utilização freqüente agora das fotos nas páginas dos jornais é possível acompanhar toda a evolução das camisas, em seus "designs" e modelos.

Nos anos 60 outras alterações ocorreram na cobertura do futebol feita pelos jornais campineiros. O espaço destinado aos esportes cresce ainda mais. No *Correio Popular*, já no início dos anos 60, os esportes passam a ter até quatro páginas só para esse tema. A maior parte é destinada ao futebol, e essa tendência fica mais clara ainda nessa década de 60, quando o espaço destinado aos esportes é basicamente um espaço destinado ao futebol. As colunas fixas, "Respigos" e "Tiro Certo" no *Correio Popular* continuam.

Para o dérbi disputado no dia 21 de agosto de 1960, o *Diário do Povo* traz, pela primeira vez, uma foto e uma "chamada"[334] da matéria sobre o dérbi na capa ou primeira

---

[333] Pois aqui é importante comentar que com o tempo, o jogo entre essas duas equipes da capital paulista parou - ou quase isso - de ser chamado de "dérbi". O motivo é simples, ao lado deles havia outra grande equipe, o São Paulo F.C.. Os três formaram, na década de 50 e 60, o "Trio de Ferro" do futebol paulista. Foram assim chamados por toda a imprensa da capital e também do interior. Assim, naturalmente se evitou chamar o jogo entre S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras de "dérbi". E como outros clássicos pelo interior de São Paulo - praticamente o único estado a utilizar esse termo "dérbi" - não utilizavam e pouco utilizam a palavra "dérbi", não é exagero dizer que hoje o único ou, pelo menos, o maior dérbi do país, é o dérbi campineiro. Apenas Ponte Preta X Guarani ostentam esse título de "dérbi" até hoje, ou pelo menos, é para esse confronto que melhor e mais se adequou o termo "dérbi". Assim, permito-me dizer que hoje "dérbi" é sinônimo do encontro entre os times campineiros Ponte Preta e Guarani, antes de qualquer coisa.

[334] "Chamada" é o nome que se dá a um título, que pode vir ou não - mas geralmente vem - seguido de um texto curto, com apenas uma frase (uma espécie de linha fina) ou composto por um único e pequeno

página do jornal. O mesmo ocorre com o *Correio Popular* em meados dos anos 60. A primeira página passa a ser uma espécie de "capa" do jornal. A chamada da "Seção Esportiva" do *Diário do Povo* também traz algumas curiosidades. Os termos "match", "embate", etc, dão lugar ao termo "partida", que começa a ser utilizado com mais freqüência pelos jornais no começo dos anos 60. Outra curiosidade é a utilização de fotos com a formação clássica dos times de futebol que se mantém até os dias de hoje.

Nas primeiras décadas do século XX, fotos de times de futebol apresentavam uma postura diferente. Os jogadores assumiam posições ou muito formais, ou elegantes ou "elegantemente descontraídos" (como por exemplo deitados segurando a bola, abraçados com enormes sorrisos, com um joelho ao chão e outro apoiando o tronco ou encostados em algo com uma postura imponente.). E sempre com uniformes elegantes. A Ponte Preta, por exemplo, usou nos anos 10 um uniforme com gravatas e elegantes bermudas. Outra postura clássica de um time de futebol nessas primeiras décadas era a formação em três fileiras: os sentados, os agachados (de joelhos ou com as pernas levemente dobradas) e os em pé. Às vezes, as fotos, que eram raras, eram muito bem produzidas. Não faltavam cadeiras para acomodar alguns jogadores, pano de fundo para dar um ar de "eternidade", "grandiosidade" ou "evento histórico para a exposição", e até a presença de troféus ou outros objetos, como ramos de flores, registrando um momento histórico da equipe.

Deve se ressaltar aqui que a técnica fotográfica nesse período ainda era pouco desenvolvida, o que exigia um tempo de exposição muito maior. Em alguns casos, se faziam necessários até apoios para se encostar ou algum objeto para se segurar, com a intenção de garantir o máximo de imobilidade possível dos indivíduos para a feitura das fotos. Por isso, as fotos dessas primeiras décadas eram raras e mantinham esse padrão.

Hoje as fotos são bem diferentes. A foto clássica de um time de futebol nos traz uma sensação de um "exército" em posição num "campo de batalha". Os jogadores formam duas fileiras, os em pé (goleiro, zagueiros e meias defensivos) e os agachados (meias ofensivos e atacantes). A paisagem das fotos é sempre o campo de futebol, onde se desenrolam os embates. Pois a partir da década de 60, as antigas fotos de times de futebol são substituídas por fotos mais atualizadas. Já nessa edição de 21 de agosto de 1960, o *Diário do Povo* traz em suas páginas sobre o dérbi, vencido pela Ponte Preta por 3 a 2, fotos com as respectivas equipes já com essa postura clássica que se mantém para os times de futebol.

Não só o dérbi começa a ganhar mais espaço nas primeiras páginas, com chamadas, como todo o futebol. Bastava ser um evento relevante para ganhar espaço na primeira página. É o exemplo das Copas do Mundo. Em 1966, na Copa disputada e vencida pela Inglaterra, saíram inúmeras chamadas com fotos e textos sobre os jogos finais da competição, certame esse em que o Brasil havia sido eliminado já na primeira fase, após perder suas partidas por 3 a 1 para Hungria e Portugal. O futebol, além de "caderno" próprio, também conquista a primeira página do jornal.

---

parágrafo. A "chamada" tem por objetivo apenas "chamar" a atenção do leitor para o conteúdo na edição daquele dia de um jornal. É um recurso que começou a ser utilizado no final dos anos 50 e início dos anos 60. A capa ou a "primeira página" do jornal começa a trazer cada vez menos notícias e passa a funcionar como uma "capa" de fato, ou seja, introduzindo aquela edição do jornal com os (principais) fatos ou notícias que formam o seu conteúdo.

No *Correio Popular* de 12 de julho de 1970, o dérbi ganha as primeiras páginas do jornal. Aparecem chamadas e fotos na capa do jornal sobre o dérbi, vencido naquele dia pela Ponte Preta por 1 a 0 no Moisés Lucarelli, em partida pelo Campeonato Paulista. A Ponte Preta subira há pouco tempo para a I Divisão do futebol paulista, depois de amargar dez anos na II Divisão.

Nesse período também se verificou na *A Gazeta Esportiva* grande e intensa cobertura do futebol do interior, principalmente de Campinas. A relação imprensa e futebol se torna ainda mais próxima. A imprensa chega a oferecer a Taça Gazeta de S. Paulo em alguns jogos importantes da época.

VII - 16. Futebol vira espetáculo mercadológico, o Dérbi se transforma em clássico nacional e Campinas, "capital do futebol": 1970 a 1990

"O Espetáculo de Gala do Futebol Campineiro"
(Correio Popular, 06/03/1976)

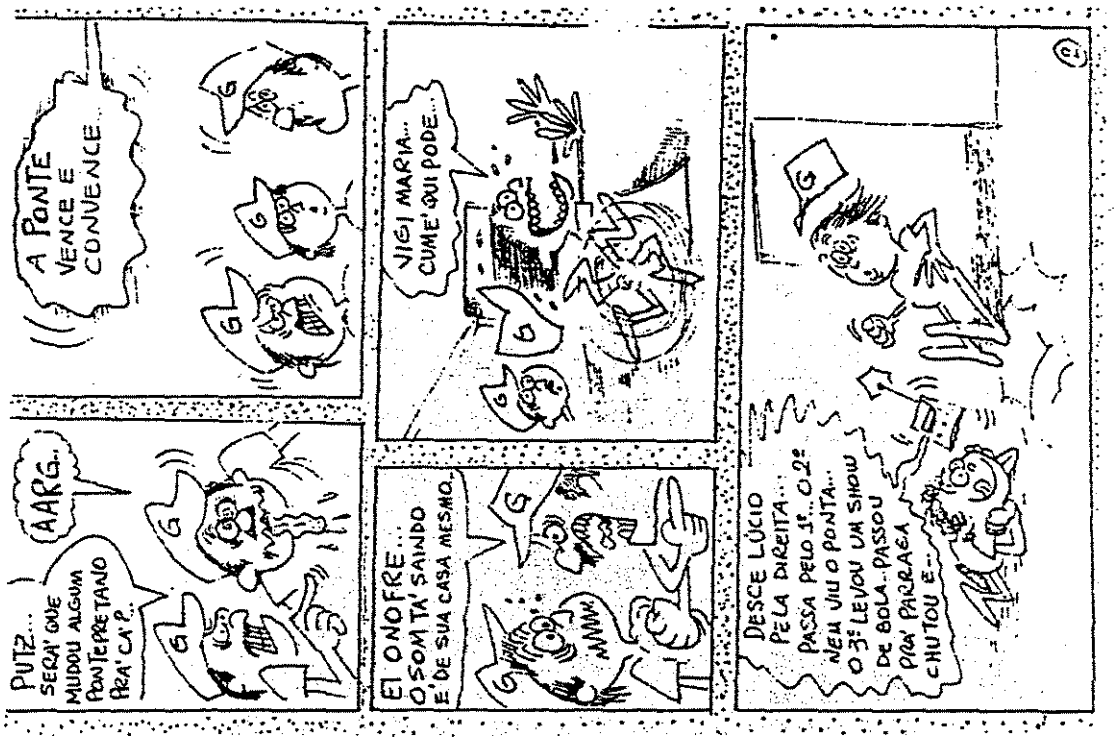
Foi nos anos 70 e 80 que o futebol campineiro atingiu o seu auge. A cidade de Campinas recebe a migração de pessoas ligadas a classes sociais mais favorecidas, principalmente com a implantação de universidades na cidade, o que gera também uma população maior de intelectuais. Tanto Ponte Preta quanto Guarani montaram nesse período os maiores esquadrões de suas respectivas histórias. Foi nesse período, que ambas equipes conquistaram seus mais importantes títulos e também apresentaram suas melhores performances nos campeonatos paulista e brasileiro, com o Guarani, inclusive, disputando a Taça Libertadores da América. Para a imprensa campineira, certamente também representou o melhor momento para cobrir o futebol das duas equipes e principalmente os dérbis, já que o clássico campineiro passou, a partir daí, a ser de interesse nacional, condição essa que ainda não perdeu até os dias de hoje, período esse em que Ponte Preta e Guarani montaram equipes fortes e disputaram fases finais de inúmeros certames.

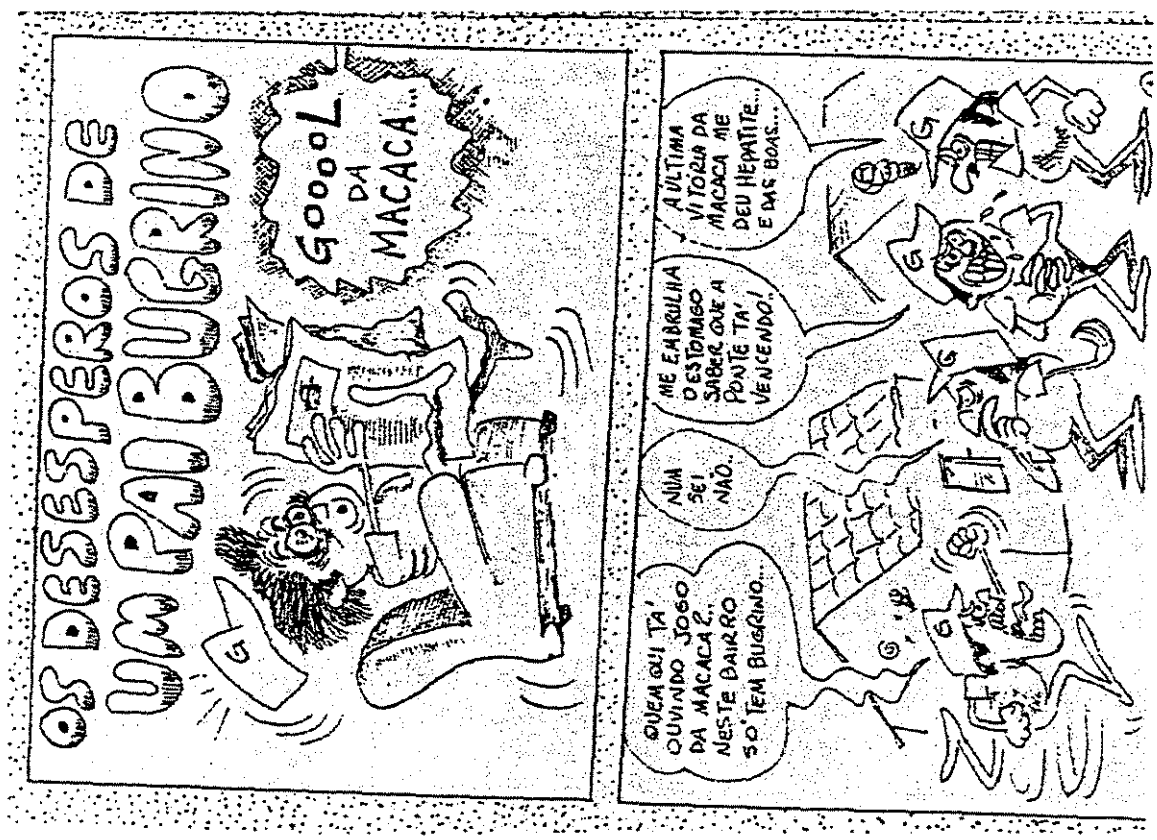
Na década de 70, se estabelece definitivamente um caderno de esportes como nós conhecemos hoje. E a partir da segunda metade dos anos 70, as páginas de esportes ganharam outro ingrediente interessante, os quadrinhos, em tiras ou charges. Destaca-se nessa época, meados da década de 70, o cartunista ou quadrinhista do *Diário do Povo* Márcio Tadeu Cordeiro Uchôa. E na década seguinte o cartunista ou quadrinhista Haffis, no *Correio Popular*, o que ocorria antes, basicamente, somente nos cadernos de cultura e lazer. Essas tiras eram sobre o futebol e inúmeras vezes sobre o dérbi especificamente. Em 1976, Márcio Uchôa (era assim que ele assinava), juntamente com o jornalista Zaiman de Brito Franco, lançaram uma revista em quadrinhos só com as tiras enfocando o dérbi e todas as nuanças da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos.[335] O *Correio Popular* passa definitivamente a ter um "caderno de esportes" com 4 ou 6 páginas.

---

[335] Além de importante para a pesquisa, também procurei muito por exemplares dessas revistas por ser leitor e colecionar de quadrinhos. O próprio Márcio Uchôa não tem nenhum exemplar. O mesmo ocorre com Zaiman de Brito Franco. Nem os clubes ou bibliotecas. Talvez apenas alguns poucos torcedores de ambas as equipes. O único exemplar que consegui foi através de um amigo pessoal, Alberto Duarte, filho do lendário técnico Zé Duarte, que dirigiu ambas equipes em seus melhores momentos, e que atualmente dirige a Seleção Brasileira feminina.

(História em Quadrinhos publicada na revista Dérbi n° 2, do cartunista Márcio Uchôa e do jornalista Zaiman de Brito Franco, de 02/03/1976, onde aparecem nuanças do universo que compreende a rivalidade entre Ponte Preta e Guarani.)






ONOFRE
SEJA CIVILIZADO HOMEM..
ME LARGA.. ME LARGA...
TOC... TOC... TOC..
CADÊ O ERRADO DO MEU NETO?
TÁ NO QUARTO.. ISSO PAPAI FALE COM AQUELE CABEÇA DURA...
PRA-ELE NÃO DESISTE.. QUE DESGOSTO.. QUE DESASTRE.. MEU NETO É MAIS TAPADO QUE MEU FILHO..
QUE VERGONHA PRA' NOSSA FAMÍLIA... NUNCA FUI TÃO HUMILHADO NESTES 205 ANOS...
AI.. AI.. ELE CONTINUA PONTEPRETANO.
4
ONOFRE
PAPAI... SOU PONTEPRETANO DESCOBRI ISTO.. LEGAL NÃO?
SANGUE DO MEU SANGUE... CARNE DA MINHA CARNE.. OOOHHH..
AAPP
PAPAI... A MACACA TÁ VENCENDO... A MINHA MACACA TÔ FELIZ.. RA..RA..RA..
AI..AI.. ACHO QUE MINHA HEPATITE TÁ VOLTANDO..
ONOFRE QUE RAIO DE EDUCAÇÃO CÊ DEU PRO GAROTO.. HÃ?
FORA DO BAIRRO..
NÃO QUEREMOS MAIS PAPO COM VOCÊS... TRAIDORES...
3


FAZER O QUÊ?!
REZEI 50 TERÇOS COM O MENINO... JOGUEI ÁGUA BENTA... NUM ADIANTOU O GAROTO TA' COM A MACACA NA ALMA... EU TENTEI... JURO... JURO..
MARIDO... SEJA FORTE... TENHA FÉ..
AI DEUS MEU ZE'CAVERNOSO... NEM VOCÊ DA' JEITO.. QUE QUI HOUVE?
FIO... É INHACA DA GROSSA... PUTZ.. E'INHACA PRA' NINGUÉM BOTA DEFEITO..
G
5

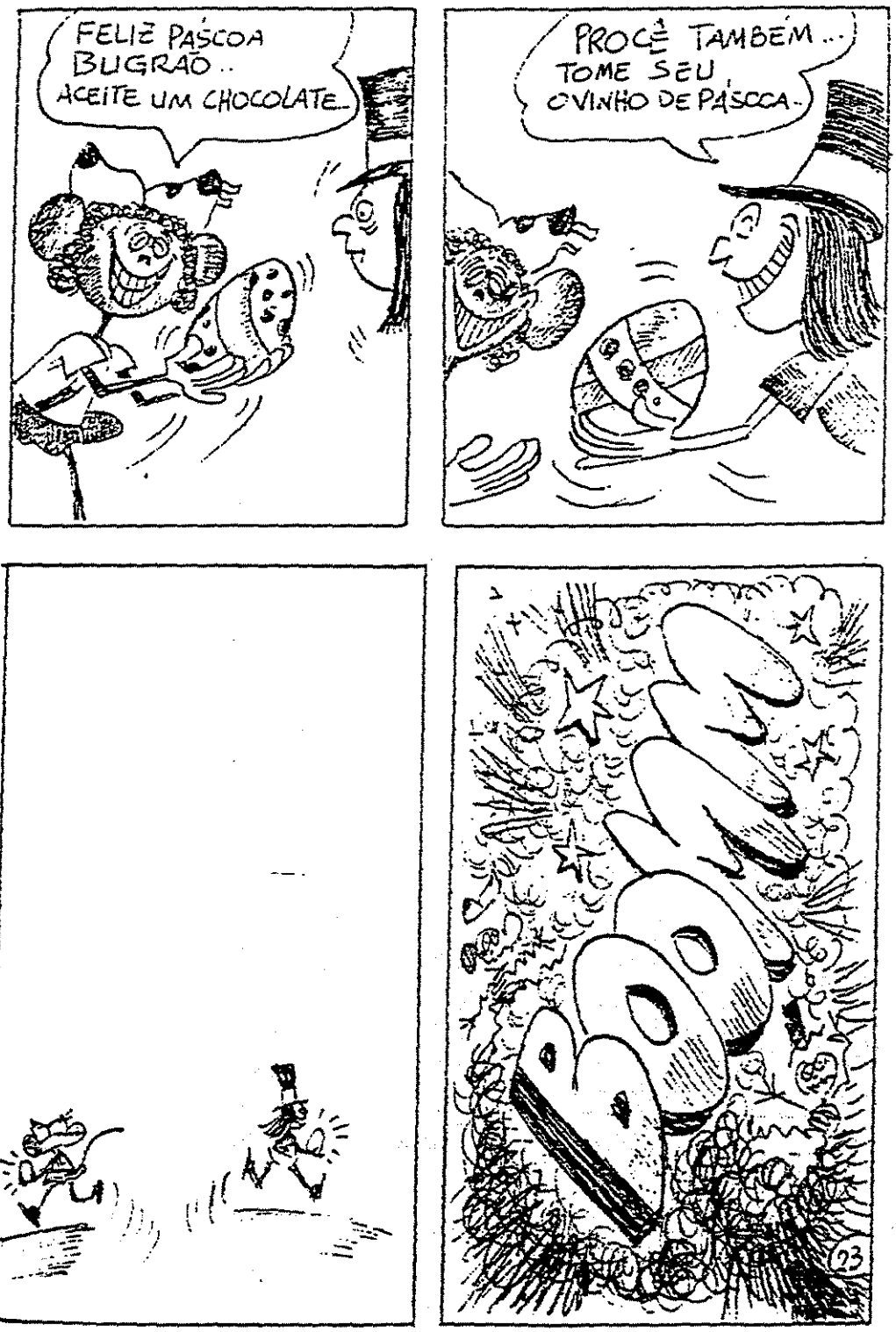

ATENÇÃO A RÁDIO BRASIL INFORMA...
TUTA NÃO VAI JOGAR... TA' COM DOR DE BARRIGA
AGORA VOU CURTIR A RÁDIO CULTURA..
AAPP
olha o JORNAL..
NOTÍCIAS DA MINHA QUERIDA PONTE PRETA...
ZUUM
NOTÍCIA DO BUGRÃO NUM INTERESSA...
DIÁRIO DO POVO
DIÁRIO BRASIL
G
6


ISSO ONOFRE... CÊ TA' CERTO... LEVE NOSSO QUERIDINHO PRO DOUTOR..
ELE TA' LELE... ENDOIDOU DE VEZ... VAI FICAR PELO MENOS UNS 50 MESES EM TRATAMENTO... MAS O BICHO VOLTA BUGRINO...
AAPP
AVANTE... MACACA AVANTE...
DOUTOR... A MACACA E' MINHA PAIXÃO... NUM VIVO MAIS SEM ELA...
NUM POSSO!..
NUM SEI..
AAPP
VIU COMO O POBRE TA DOENTE?! HÃ?
DOUTOR... OLHA SO' O BATUQUE... SENTE SO' O SOM DO POVÃO... SENSACIONAL.. NÃO?
AAPP
TUTUC... TUC... TEC... TEC..
9


AAPP
SENSACIONAL MESMO GAROTO... ME AMARRO NO SOM DO POVÃO...
TUC..TUTUC.. TEC
TUC..TUTUC.. TA'TARI.. TA'TA'..
SOU UM DESGRAÇADO... AI... AI.. AI..
8


ONDE QUI EU FALHEI? CARREGAR UM FILHO PONTEPRETANO PRO RESTO DA VIDA VAI SER FOGO...
E EU QUE ADORO TANTO O GAROTO... OOOOHHH....
QUE VEXAME... TODOS OS BUGRINOS VÃO ME AMALDIÇOAR.. TÔ PERDIDO... ACHO QUE NENHUM BUGRINO OU MESMO PONTEPRETANO CARREGA UMA CRUZ TÃO PESADA...
ONOFRE... MEU VEIHO NENHUM PONTEPRETANO E' TÃO WIIACADO COMO VOCÊ... NENHUM DELES DEVE CHORAR LÁGRIMAS AMARGAS COMO EU...
SNIF
9


OOOOH..SNIF.. SNIF.. NUM POSSO NEM OLHAR PRA' ESTE CONVITE DE CASAMENTO.. NUM POSSO FICO DOENTE... CONVITE DE CASAMENTO AMALDIÇOADO...
AAPP
!?
MEU ADORADO FILHO... NUM PODIA FAZER ISTO COM SEU VELHO PAI... IMAGINE SE CASAR COM UMA BUGRINA...
RA'... RA'... VIVA... RA' RA'... O INHACADO NUM SÓ SÓ EU.. VIVA OBRIGADO DEUS...
ZIPPP
FALSO LÍCHA
10


FELIZ PÁSCOA BUGRÃO.. ACEITE UM CHOCOLATE
PROCÊ TAMBÉM... TOME SEU OVINHO DE PÁSCOA
93

Em 1976, no dérbi disputado no dia 7 de março pelo Campeonato Paulista no Moisés Lucarelli, o *Correio Popular* trouxe um dia antes a seguinte manchete, que bem representou o momento que se iniciava para o futebol campineiro: *"O Espetáculo de Gala do Futebol Campineiro"*.

A cobertura dos jornais na década de 80 se mantém. E ocorre nos anos 80 uma curiosa "divisão da cobertura". Nas décadas anteriores, quando ocorria um dérbi, naturalmente a quantidade de textos, informações e fotos eram "divididas" igualmente entre Ponte Preta e Guarani. É claro que em algum momento uma equipe ou outra, por algum motivo circunstancial e de momento, recebia mais espaço e atenção. Mas nos anos 80, essa divisão passa a ser bastante rigorosa. É possível medir o espaço destinado a cada time, mesmo quando não há um dérbi, e constatar que rigorosamente o mesmo espaço é concedido a ambas as equipes em muitas edições do *Diário do Povo*, por exemplo.

Portanto, nesse período que se inicia na década de 70, ocorre um grande avanço tecnológico na cobertura esportiva. Os jornais passam a ficar prontos e a ser distribuídos mais rapidamente. É o momento em que o futebol se transforma num extraordinário evento de enorme potencial mercadológico. E já nos últimos anos da década de 60, o futebol já é notícia comum nas primeiras páginas do jornal, o que não ocorrera nos períodos anteriores. Hoje, um evento futebolístico é, não raras vezes, toda a primeira página de um jornal da grande imprensa.

No final da década de 70 e início da década de 80 ocorre um processo de cadernização do jornal. E dos cadernos o de mais destaque é o de esportes (ou futebol). Alguns jornais também inovaram quanto à cobertura esportiva. É o caso da *A Folha de S. Paulo*, por exemplo, que começou nos anos 80 a usar muitos quadros com estatísticas.

Também surgem as colunas sobre futebol e outros esportes nas páginas do jornal. Os colunistas correspondem aos antigos cronistas, e eles passam a utilizar uma linguagem mais direta e precisa em suas críticas e comentários, mas alguns não perdem totalmente o caráter literário que tinham as crônicas nos anos 40 e 50, principalmente quando os colunistas se remetem à cultura, ao folclore e aos mitos do futebol.

Em relação a Ponte Preta e Guarani, os anos 70, 80 e 90 correspondem a um período em que os times já figuram entre os principais e mais tradicionais clubes do Brasil, com enorme projeção estadual e nacional, disputando e conquistando títulos. O dérbi se transforma definitivamente num clássico de interesse nacional...

VII - 17. O consagrado Dérbi: anos 90 e século XXI

Nos anos 90, o *Diário do Povo* e o *Correio Popular* passam a circular às segundas-feiras também, o que para o futebol é extraordinário, já que as principais partidas, como um dérbi, ocorrem geralmente no domingo. Assim, o jornal conseguiu ser mais dinâmico e preciso em sua cobertura do futebol. Estava mais "atual" e "em cima na notícia". Pouco mudou com a aquisição do *Diário do Povo* pela *Rede Anhangüera de Comunicação*, também dona do *Correio Popular*. Em relação aos esportes, o leitor continuou fiel ao jornal que já lia antes, já que a cobertura pouca alteração sofreu. Os cadernos de esportes de ambos os jornais tinham 4, 6 ou 8 páginas de esportes, dependendo do dia e do evento que os jornais estavam cobrindo. O que mudou foram algumas características gráficas do *Correio Popular* e principalmente do *Diário do Povo*,

que ganhou uma fisionomia mais moderna, mais colorida. O papel das páginas do jornal também passou a ser de uma qualidade melhor.

Perderam-se aí os benefícios de se possuir na cidade dois jornais concorrentes, que geram debate na sociedade. Em relação ao dérbi, perdeu-se talvez a busca por enfoques diferentes referentes à cobertura do futebol. Não tem mais sentido procurar em ambos os jornais o que cada um diz sobre determinado evento do futebol. Agora, basta ler um deles...

Em dezembro de 2001, para comemorar uma década do programa esportivo "Telesporte" do canal de Campinas do *SBT*, foi lançada a *Revista Telesporte* e o site *www.telesporte.com.br*, com a cobertura do futebol de Campinas e região. O enfoque de ambos os veículos foi o Dérbi, com histórias, estatísticas e comentários de seus cronistas. É uma revista e um site que basicamente tratam de A.A. Ponte Preta e Guarani F.C..

Além desses, existem ainda dois sites de Campinas, criados recentemente, que se destacam na comunicação eletrônica (internet): *www.futebolinterior.com.br* e *www.futebolaovivo.com.br*.

(Uma das últimas matérias sobre o Dérbi, clássico nacional, no jornal diário Lance!, 26/03/2002.)



32 Futebol Paulista

LANCE! • Terça-feira, 26 de março de 2002

RIVAIS EM CRISE

O dérbi da morte

No dia seis de abril, Ponte Preta e Guarani travam um duelo à parte contra o rebaixamento no Torneio Rio-SP

Stephan Campineiro, DA SUCURSAL

A mesma Campinas que, em 1981, parou para ver seus dois times de futebol decidirem o primeiro turno do Paulistão, hoje faz as contas para se ver livre do fantasma do rebaixamento no Torneio Rio-São Paulo 2002.

Após a rodada do último final de semana, Ponte Preta e Guarani tornaram-se os dois piores clubes paulistas do torneio regional e, agora, travam um duelo particular para evitar o descenso na competição.

Faltando apenas três rodadas para o término do Rio-SP, a Ponte terá pela frente Bangu e Palmeiras (a o Guarani, Palmeiras e Botafogo. Para aumentar a disputa, na penúltima rodada, em 6 de abril, ambos se encontrarão no dérbi da cidade, no Brinco de Ouro. Clássico que poderá definir a degola entre os rivais.

– Sabemos da responsabilidade que teremos daqui para frente. Ela já é grande agora e vai ainda maior no dérbi. O clássico da cidade é a torcida exige sempre a vitória – disse o técnico da Ponte Preta, Oswaldo Alvarez, que, além do perigo de rebaixamento, no dérbi lutará contra um tabu de 15 anos sem vitórias da equipe sobre o Bugre.

– Temos que estar preocupados com o rebaixamento, sim. Não adianta dissimular essa hipótese. Infelizmente, o regulamento do campeonato é injusto e podemos cair, mesmo tendo muito mais pontos que alguns times do Rio. Agora, só nos resta buscar em vencer os próximos jogos – prega o goleiro bugrino César.

A 12 dias de sua realização, o dérbi já mexe com a pauta de Campinas. Melhor para se estivesse valendo uma vaga às semi-finais do Torneio Rio-São Paulo...

NO SPA Vadão destaca a necessidade de ênfase no trabalho psicológico para elevar o astral do grupo pontepretano para a reta final do Rio-SP

ALÍVIO Zé Mário comemora a folga de uma semana na tabela para poder voltar a treinar com o elenco. Na próxima rodada, Bugre pega o Palmeiras

Macaca vai ao divã de Vadão

Na lanterna do Rio-São Paulo, sem vencer há seis jogos, o absolutamente nada consta do jovem goleiro da Ponte Preta. Por isso, o técnico Oswaldo Alvarez acredita que o trabalho psicológico junto ao grupo será fundamental para a reta final da competição.

– O equilíbrio emocional prevalece em campo. Por isso, daremos atenção especial a esta parte na reta final – disse Vadão.

Hoje pela manhã, o treinador comeca a definir o substituto do lateral Evaldson, suspenso. O jovem Eduardo deve jogar.

VALQUEIRA
ALEX OLIVEIRA
Zagueiro da Ponte Preta

"Vamos com tudo nos últimos jogos, especialmente no dérbi contra o Guarani"

BOMBEIRA

GOLS
sofreu a defesa da Macaca nos últimos seis jogos, sendo da Ponte Preta para o 12º lugar do Rio-SP.

ESPERANÇA
CÉSAR
Goleiro do Guarani

"O Guarani pode não estar bem, mas é rico em jovens. Em dois anos, terá o time forte"

TOQUEIRA

GOLS
marcou o Bugre nos últimos cinco jogos pelo Rio-SP, índice que ajuda a explicar a queda da equipe.

SCANIA 113H 360 Granoeste
Entrada R$ 8.000,00 + parcelas sem juros
0x31 3292 8497

Uma semana providencial

Há cinco jogos sem vencer no Rio-SP, o técnico de Vadão destaca a folga de uma semana que teve para preparar o jogo para o jogo do próximo domingo, contra o Palmeiras, em São Paulo.

– Nesta semana, tivemos tempo para descansar e treinar. Nas últimas semanas, com jogos às quartas e domingos, estávamos descansando mais do que treinando – queixou-se o treinador.

Além disso, a possibilidade de contar com todos os titulares depois de muito tempo, é motivo para se comemorar no clube.

VIII - DESCRIÇÃO DO CD E DA PÁGINA NA INTERNET SOBRE O DÉRBI CAMPINEIRO

A internet é ainda um espaço novo. Alguns estudos foram realizados sobre esse meio de comunicação, principalmente no meio acadêmico. Sua linguagem ainda é um objeto recente de estudo, o que nos permite dizer que há muito ainda para se avançar no estudo da internet. No dia a dia ocorrem experiências das mais diversas com essa linguagem por todo o mundo. Mas é certo que ela representa um extraordinário espaço para divulgação, debate e propaganda. Muitos temas encontram na internet um espaço que antes não dispunham em outros meios, por motivos diversos.

Mas a característica mais importante da internet é a interatividade e a velocidade com que uma informação pode ser transmitida. Ou, em alguns casos, quando se tem apenas um computador e uma conexão com a internet, ela lhe permite manter-se em contato com o mundo. O jornalismo na internet é feito basicamente ao vivo. Quanto mais rápido se divulgar uma determinada notícia, mais credibilidade obtém o órgão. Hoje, existem muitos órgãos jornalísticos via internet, sem dizer que basicamente todos os veículos de comunicação impresso, radiofônico e televisivo possuem sua "versão" na internet. Os órgãos da grande imprensa obrigatoriamente a têm, até por questões mercadológicas.

Qualquer assunto ou tema pode assim construir ou criar um espaço para a sua difusão e manutenção na internet. Portanto, é óbvio que um dos temas que mais espaços possuem nesse meio é o futebol, por ser ele um extraordinário fenômeno cultural de massa já discutido nesse trabalho. E por serem bastante amplos, as páginas na internet podem se especializar, como por exemplo enfocar um clube, um campeonato, uma federação, uma região, etc.

Não cabe aqui uma discussão mais profunda sobre a internet, mas sim a utilização que podemos fazer dela com o tema desse trabalho. Com o tema "Dérbi Campineiro" pode-se criar um CD ou uma página ou endereço na internet, enfocando basicamente sua história, sua evolução, sua interação com o espaço em que se dá, no caso Campinas, e também a interação que teve ao longo do tempo com a imprensa, além, é claro, de divulgar os números e estatísticas desse evento futebolístico. Não existe um CD no mercado nem um site sobre o Dérbi Campineiro na rede.

Assim, produzi um protótipo do que poderia ser uma página sobre o Dérbi Campineiro na internet. Para demonstração, embora não fosse tão necessário, já que poderia apresentá-la diretamente na internet, gravei o seu conteúdo e seu processo funcional num CD. Assim, vale ressaltar aqui também, que além da página na internet, também produzi um CD sobre o tema, que pode inclusive ser comercializado.

Para montar esse protótipo, utilizei um programa chamado "Front Page 2000". Esse é apenas um entre outros programas similares, para o mesmo fim. Cada um desses programas, embora tenham recursos diferentes, são voltados para as mesmas finalidades, a construção de uma página na internet ou mesmo para a produção de um CD ROM. Embora existam programas mais apropriados e específicos para criar CDs, como por exemplo o programa "Control Win", criado pelo professor Marcelo Souza, do Instituto de Artes da Unicamp.

O "Front Page 2000" é um programa cuja finalidade é ser um editor "HTML" ("Hypertext Markup Language"). O "HTML" ou "HTM", que é o hipertexto, é o formato padrão da página para a internet. Basicamente ele cria uma outra versão de um documento, por exemplo escrito no "Word". Essa versão, que é o hipertexto, cria códigos gerais para representar os textos e imagens que formarão a página que será colocada na internet. Portanto, o "Front Page" já cria as páginas nesse formato padrão para a internet.

Vale lembrar que existem basicamente três tipos de hipertexto. Há o HTML normal, que produz uma página "estática", que não permite "ações" na página, sendo apenas um "tradutor" ou um "padronizador". É nesse tipo que o "Front Page" permite criar as páginas. Há o dHTML, que é "dinâmico" e permite "ações" na página, com funções mais complexas, como por exemplo criar-se uma lista de discussão na internet, que exige a construção de um sistema de funcionamento mais complexo, com a criação e acesso a bancos de dados. E há também o XML, que é "estendido", ou seja, que permite mais interação ainda, como por exemplo a integração com programas no computador em ambientes de rede. Cada tipo apresenta um grau de complexidade que é voltado para um determinado fim na internet.

O trabalho de criação da página, de torná-la uma página que possa ser veiculada na internet é totalmente mecânico. Trabalha-se com arquivos de texto e imagem e se monta ou edita uma página, como se faz em outros programas, como no próprio "Word" ou no "Page Maker". A única diferença, nesses casos, é que o texto ou mesmo a imagem são construídos sem serem destinados à internet, ou seja, não são feitos no formato de hipertexto. Essa é basicamente a única diferença.

O primeiro passo então foi esboçar uma página de abertura e também o conteúdo e as janelas ou links. Esse é o trabalho intelectual, de criação e elaboração, embora o próprio "Front Page 2000" nos facilite esse trabalho também, nos oferecendo modelos de páginas para diversos temas possíveis. Por possuir esse imenso conteúdo de opções, o "Front Page 2000" é um programa que ocupa muito espaço no disco rígido do computador.[336] Grava-se em arquivos separados ou próprios todo esse conteúdo que será utilizado, e a partir do programa começa-se a montar a página, numa tarefa puramente mecânica.

Monta-se a página inicial ou de apresentação, que, nesse caso, chamei de "Index.html"[337]. Essa página inicial é a página que abre quando acessamos o endereço em que ela se encontra na internet ou quando acessamos o CD. Nessa página aparece, do lado direito (pois ela foi dividida em dois "frames", ou "espaços", numa única página) uma foto de um Dérbi do final dos anos 70, com os jogadores Careca do Guarani e Toninho da Ponte Preta disputando uma bola em primeiro plano. Sobre a foto, no meio dela, aparecem as palavras "Dérbi Campineiro" e embaixo, utilizando-se de um efeito chamado "marqui", que possibilita a frase manter um movimento contínuo da direita para a esquerda, aparece

---

[336] Embora existam versões mais simples que ocupam menos espaço, como por exemplo o "Front Page Express", que inclusive é gratuito, ou seja, não se paga licença para utilizá-lo, ao contrário do "Front Page 2000".

[337] Embora haja um arquivo "autorun", ou seja, com o objetivo de rodar o CD assim que ele for inserido no drive específico, pode-se iniciá-lo, caso o "autorun" não o execute, através desse arquivo "Index.html", que está dentro da pasta "Dérbi", como descrito no próprio CD. (OBS.: O "autorun" está configurado para executar o CD no drive "D". Alguns computadores possuem o drive "E" para realizar essa leitura de CDs.)

um subtítulo: "O Maior Clássico do Interior do Brasil". Do lado esquerdo aparece o "menu", com as janelas criadas para o conteúdo da página. Cada janela traz um efeito que permite perceber quando ela foi selecionada, bastando então apenas clicar nela para entrar na página de destino. Essas janelas são:

1) **Ponte Preta**: Com a história do clube;
2) **Guarani**: Com a história do clube;
3) **Campinas**: Com a história da cidade, local onde o clássico se deu ao longo do tempo;
4) **Futebol em Campinas**: Com a história do futebol no espaço específico de Campinas ao longo dos anos;
5) **História do Dérbi**: Com toda a trajetória do clássico ao longo da história;
6) **Jogo a Jogo**: Com a relação completa de todos os dérbis que ocorreram ao longo da história;
7) **Dérbi e a Imprensa**: Com a relação e interação do clássico com a imprensa escrita, se remetendo aí ao estudo realizado na tese;
8) **Links**: com janelas ou links para as páginas da Ponte Preta, Guarani, Federação Paulista de Futebol e Liga Campineira de Futebol;
9) **Sobre essa Página**: Com uma descrição simples e direta sobre a página em si, seu objetivo e origem, além de oferecer ~~contato, via correio~~ eletrônico, ~~com o~~ autor da página ou CD.

Cada janela nos conduz para o conteúdo de um novo arquivo. O "menu", por opção minha, mantém-se sempre à esquerda, o que nos permite uma ação rápida e prática para navegar na página ou no CD. E a partir de cada página aberta pelas janelas do "menu" pode-se criar também, infinitamente, outras janelas para outras páginas (arquivos), e também relacionar palavras, frases ou quadros com outras páginas, transformando-os em janelas também.

Montado ou editado todo o trabalho, o CD está pronto. Para a página na internet, devemos ainda escolher um servidor e criar um espaço nesse servidor, como por exemplo o "Yahoo Geocities". O servidor pode oferecer opções de espaço a ser criado e utilizado. Alguns são gratuitos e outros são pagos.

O mesmo conteúdo do CD ou da página pode ser "montado" de inúmeras maneiras. Depende nesse caso da vontade e objetivo do autor, além do tempo e recursos de que ele dispõe. Assim, é possível se construir um produto, que embora possua o mesmo conteúdo, seja completamente distinto deste criado por mim, que é assim apenas uma versão, uma possibilidade.

IX - CONCLUSÕES

IX - 1. O Dérbi e a imprensa

Falar em cultura brasileira é inevitavelmente se referir ao futebol em algum momento. Pois esse extraordinário fenômeno social e cultural está enraizado em nossa cultura. Chega-se ao exagero de achar que "se é brasileiro, entende e gosta de futebol...". E no universo do futebol brasileiro (e mundial também), os chamados "clássicos" correspondem a uma das mais importantes "partes" ou eventos desse esporte. Os clássicos mobilizam a mídia e multidões. São eventos de enorme importância para o meio futebolístico, carregados de magia, mitos, história, rivalidade e tradição. Todo o torcedor, que possui um time do coração, possui também um "rival do coração"... E a participação da mídia no processo de construção desse contexto ao longo das décadas é fundamental. A grandeza desse evento aparece em inúmeros momentos e textos como esse que segue abaixo:

"O futebol é hoje um fenômeno social, que mobiliza milhões de brasileiros. De norte a sul, de leste a oeste do país, vive-se cada partida, discute-se cada vitória e cada derrota. Os brasileiros, em geral, homens e mulheres, crianças, adolescentes, idosos, participam das alegrias e das tristezas do futebol, conhecem as regras básicas, sabem discuti-las com maior ou menor desenvoltura. Sem muito esforço, uma pessoa qualquer do povo lista alguns atletas e é capaz até de apontar as suas qualidades. Somos 130 milhões de técnicos, de juízes, de jogadores de futebol.

À imprensa, o mérito de ter criado o fenômeno. Afinal, foram os cronistas de futebol que popularizaram o esporte. Contaram as suas ~~histórias~~ e ~~inventaram um vocabulário~~ próprio. Criaram os mitos do esporte, conseguindo fazer com que toda a população deste imenso país se emocione com uma partida de futebol. Foi a imprensa que consagrou o encontro de equipes, e os chamou "clássicos". "Jogos clássicos", como as partidas disputadas entre o Flamengo e o Fluminense." [338] (e entre Ponte Preta e Guarani...)

Os parágrafos acima são capazes de resumir um pouco da magia desse jogo. Mesmo quem é indiferente, quem não gosta de futebol, não consegue ficar completamente separado ou ser imune a ele. Ainda mais num país como o Brasil, que apesar de ser constituído por muitos "brasis", muitos contextos e realidades diferentes, tem no futebol um fator comum e até unificador. O futebol está disseminado em todos os cantos do Brasil, como prática esportiva e alcança através das torcidas todas as esferas da vida social do brasileiro.

Talvez, guardadas as proporções[339], a imprensa, escrita, radiofônica ou televisiva, também seja um fenômeno de similar abrangência em nossa sociedade. No caso específico

---

[338] FILHO, Mário; RODRIGUES, Nelson; organizado por FILHO, Oscar Maron e FERREIRA, Renato. *Fla-Flu... E as multidões despertaram*. Rio de Janeiro, 1985, pp. 7.

[339] Digo "guardadas as proporções", pois o número de pessoas que interagem com o futebol de alguma forma é maior se comparado ao número de leitores, ouvintes ou telespectadores que interagem com o jornalismo. Isso porque os problemas sociais, que resultam nas diferenças de classe, impedem, por uma

da televisão, ela foi inclusive instrumento para a construção de uma identidade e cultura nacionais, reflexo da imposição da ideologia da elite e dos militares brasileiros, que buscavam um país hegemônico e unificado sob seus interesses, mesmo que fosse à força.[340] Foi parte do projeto de nação engendrado pelos governos da ditadura militar a partir de meados dos anos 60, quando começa a "fase populista da televisão", de 1964 a 1975, momento em que ela é popularizada e vista como exemplo de modernidade, não mais restrito à elite brasileira, como ocorreu na sua primeira fase no Brasil, a "elitista", de 1950 a 1964.[341]

Essa imprensa, em geral, reflete e constrói aspectos de nossa cultura, entre os quais podemos incluir com destaque o futebol. E ele é parte e pauta obrigatória de qualquer veículo que tenha por objetivo realizar uma cobertura geral do meio em que está inserido. Excluem-se aí, evidentemente, veículos que se destinam a uma cobertura ou área específica.

Perceber então que existe uma relação entre imprensa e futebol é automático. Mas essa relação vai além da simples cobertura que se propõe apenas relatar fatos referentes ao futebol. Há uma relação muito mais próxima, uma interação muito mais poderosa, através da qual a imprensa parece buscar no futebol seu enorme potencial onírico, emotivo e simbólico. Ela busca e "domestica" essas características, dando a elas nomes e formas. Padroniza-as. Aparentemente se apossa do futebol, mas sem de fato consumar tal intento. Ela não poderia, por ser o futebol e seu universo um fenômeno social independente. E o futebol se beneficia, pois é difundido de maneira eficaz e a paixão por esse esporte é realimentada e direcionada novamente ao meio futebolístico pela imprensa. É um processo contínuo, de duas vias, ida e volta, com o qual ambos, imprensa e futebol, se beneficiam sempre. Com a imprensa, o universo do futebol se mescla ainda mais às entranhas de nossa cultura, passando a ser parte inerente dela. E ela se torna parte atuante do universo do futebol a partir do momento em que começa a cobri-lo. Há uma inevitável e clara relação de simbiose entre imprensa e futebol.

Essa visão não é compartilhada por alguns jornalistas, como Juca Kfouri, que também tem formação como cientista social. Para ele, futebol e mídia se relacionam, mas não trocam nada. A imprensa não constrói contextos e padrões ou influencia o futebol, pois se assim fizesse estaria errada, pois essa não é a função da imprensa. Ela deve, segundo ele, permanecer distante do futebol, noticiando-o, analisando-o e denunciando aspectos nocivos e corruptos em seu contexto, nada mais. Não cabe a ela interferir no meio futebolístico, segundo Kfouri, com quem não concordo.

Essa relação é percebida no recorte que foi aqui realizado, ao estudar o Dérbi Campineiro. É claro que boa parte da rivalidade entre Ponte Preta e Guarani nasceu dos seus confrontos desde 1912. Nasceu e cresceu a cada jogo, entre os agentes diretos do

---

série de motivos que não cabe discutir aqui, que uma significativa parte da população tenha acesso ao conhecimento e aos meios de comunicação.

[340] OLIVEIRA, Marcelo Pires de. *TV Excelsior: O Elo Perdido - A evolução do modo de produção televisivo, do período romântico para a era industrial, pela visão dos seus dirigentes.* Tese de Mestrado pelo Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP, 2002, pp. 40-42.

[341] OLIVEIRA, Marcelo Pires de. *TV Excelsior: O Elo Perdido - A evolução do modo de produção televisivo, do período romântico para a era industrial, pela visão dos seus dirigentes.* Tese de Mestrado pelo Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP, 2002, pp. 37.

clássico, como jogadores, comissão técnica, dirigentes e principalmente torcedores, no campo de jogo, na cidade. Mas além disso, também a imprensa é responsável por acirrar ainda mais um clássico e promovê-lo, ao diferenciá-lo dos demais embates ou encontros, chamando-os de clássicos e posteriormente, alguns deles, principalmente em São Paulo, de dérbis. No caso do dérbi campineiro, a rivalidade nasceu fora da imprensa, mas se tornou eterna e grandiosa nas páginas da imprensa. Isso beneficiou a ambos, imprensa e Dérbi.

Essa noção de "clássico", de jogo tradicional e histórico, jogo entre rivais, de onde vem como sinônimo o termo "dérbi", é fabricada pela imprensa. É claro que a rivalidade precisa existir, ser inerente ao embate, mas quem o promove e o transforma num clássico para multidões, é a imprensa. ~~O termo "clássico" surge na cobertura esportiva logo~~ nas primeiras décadas de futebol no Brasil, como por exemplo quando a imprensa, ao anunciar um jogo em nota simples, promete que será uma partida acirrada pois "ambas as equipes estão preparadas e motivadas para o embate". Com o tempo (em poucos anos), ela já se refere ao jogo como um "encontro de 'antigos e tradicionais' rivais"[342].

A imprensa, assim, estabelece ~~essa noção e quando~~ alguém ~~opta por um~~ time, também herda outro, como seu rival. Numa frase popular, em que se extrapola essa noção, usando um exemplo aleatório, um atleticano diz "não torço pelo C. Atlético Mineiro, mas sim contra o Cruzeiro E.C." (numa alusão ao clássico mineiro, de Belo Horizonte). E essa "máxima" vale para qualquer rivalidade. É claro que ela é uma metáfora, o atleticano torce mesmo para o seu time antes de mais ~~nada, como qualquer~~ outro torcedor, ~~mas~~ é uma metáfora bastante precisa para demonstrar o grau de rivalidade construído entre os dois times. E o mesmo vale para todos os outros grandes clássicos, como esse em Belo Horizonte, ou clássicos regionais. Com a projeção alcançada pelo dois times de Campinas nos anos 70 e 80, ele parece ser o único clássico regional que chegou a condição de clássico nacional, mantendo-se assim até hoje, o que nenhum outro clássico regional conseguiu, nem por um curto período de tempo.

Campinas é interior e não é capital do estado, mas é, em alguns aspectos, econômico e industrial, a segunda cidade mais importante do estado. Ponte Preta e Guarani não são "grandes" como os times da capital, mas logo depois desses, os times campineiros encabeçam qualquer ranking paulista.

A relação entre imprensa e futebol, através do clássico entre Ponte Preta e Guarani, pode ser dividida em fases diferentes ao longo desse quase um século de história. Cada fase representa um momento específico da cobertura do Dérbi, com características próprias inerentes ao seu tempo, contexto e espaço, onde estão implícitos momentos específicos de cada um, da imprensa (principalmente *Diário do Povo* e *Correio Popular*) e do futebol. Essas são as fases que podemos discriminar com o estudo realizado:

1) 1912 - 1920: A esse curto período, podemos acrescentar também toda a primeira década do século XX, se considerarmos os anos de relação entre imprensa e futebol que antecederam os jogos entre Ponte Preta e Guarani. Esses anos correspondem aos primórdios do futebol em Campinas. Considerei a partir de 1912 pois é esse o ano de início dos confrontos entre Ponte Preta e Guarani, embate que ainda não era chamado de

[342] Essas chamadas da imprensa em relação aos jogos de futebol aparecem com freqüência nas edições do *Diário do Povo* ao longo de toda a década de 10 e também durante a década de 20 do século XX. E o encontro entre Ponte Preta e Guarani é assim tratado já em 1914.

"dérbi". E é nesse ano também que começa a circular o *Diário do Povo*. O jornal, portanto, foi o único em Campinas que acompanhou toda a trajetória do clássico. Também é fundamental contextualizar o espaço em que se dá essa relação inicial, a Campinas do início do século XX. A cidade vive um momento de grande prosperidade econômica, impulsionada pela produção de café. Ocorre em Campinas, nesse momento, a primeira industrialização, voltada principalmente para a cultura do café, para as atividades agrícolas. Apesar de recente, o futebol, que chegara a Campinas em 1897, três anos depois de chegar a São Paulo (e a proximidade sempre garantiu grande interação entre as duas cidades), era muito disseminado pela sociedade campineira e era focalizado por ela e pela imprensa como uma "novidade", e para os olhos de uma parte da sociedade campineira até como um "estranho jogo violento e selvagem". A popularização do futebol nessa época se deu, além da difusão da prática em si, através dos imigrantes, que valorizavam muito a prática esportiva, principalmente alemães, que construíram escolas de ginástica no início do século XX, e italianos, responsáveis pela fundação de muitos times de Campinas, entre os quais Ponte Preta e Guarani, e também pela criação do primeiro campeonato da cidade em 1912. Nessas duas primeiras décadas, os jornais que circulavam em Campinas não destinavam ao futebol um espaço grande. Havia no *Diário do Povo* apenas um espaço de meia página ou um terço dela destinado aos esportes. As notícias de futebol vinham em meio a outras seções, como contos ou notícias com eventos culturais e religiosos da cidade. E o futebol não era ainda uma modalidade que encabeçava a seção e ocupava a maior parte do espaço destinado aos esportes, como ocorre hoje. Ele dividia o espaço com outras modalidades como o boxe e o ciclismo, ou a aviação, vista na época como um esporte, uma atividade para atletas, não raras vezes vistos como "heróis". As notícias de futebol vinham em notas curtas e eram basicamente chamadas ou convocações de clubes para eventos futebolísticos e clubísticos.

2) 1920 - 1930: Nessa década o futebol se firma em Campinas e ganha proeminência em relação aos outros esportes. Surgem mais times na cidade. Ponte Preta e Guarani ganham projeção estadual com a participação no Campeonato do Interior e também em certames da APEA e da LAF, entidades máximas do futebol na capital paulista. O futebol passa por uma fase de enorme popularização do jogo, basicamente em duas esferas, com o surgimento das torcidas dos principais e já famosos times da cidade, como a Ponte Preta e o Guarani, e com a prática efetiva do jogo nos muitos espaços que a cidade oferecia e nos clubes, surgindo inúmeros times de várzea e de clubes de bairros. Campinas, embora tenha crescido, manteve nesse período as mesmas características do período anterior, voltado para a cultura do café. Na imprensa, o futebol consolida seu espaço como esporte de destaque para a cobertura jornalística. Suas notícias aparecem já em textos maiores, não mais como simples notas, e já ocorre, na segunda metade da década, a utilização de fotografias na página, agora inteira, de esportes. O *Correio Popular* começa a circular em 1927, e desde o início dedica uma página inteira para os esportes, ilustrada já com fotografias, onde mais se destaca o futebol. Entre as primeiras seções dos jornais que se utilizam de fotografias, está essa página destinada aos esportes. As primeiras fotografias são utilizadas no jornal, num primeiro momento, para ilustrar a notícia e, num segundo momento, para complementá-la e enriquecê-la. A utilização de fotografias nos jornais representa um diferencial significativo nos projetos gráficos dos jornais, em seus aspecto e

estética. Para o futebol e mesmo outras seções do jornal, se utilizavam fotografias posadas, já que a produção de uma fotografia naquela época não usufruía as vantagens e facilidades de hoje. Assim, como as fotografias necessitavam de um grande tempo de exposição para serem produzidas, elas encontraram nos esportes um espaço para serem veiculadas. Eram fotos posadas de jogadores e times de futebol, raramente de jogos. Hoje, os cadernos de esportes estão repletas de fotografias que só puderam ser produzidas devido às modernas tecnologias que permitem captar uma imagem num tempo muito curto de exposição e também com pouca luz. Nessa página dedicada aos esportes, logo na primeira edição do jornal *Correio Popular*, o mesmo lamenta o fato de Ponte Preta e Guarani estarem em lados opostos naquele momento, cada um em cada uma das duas entidades que então organizavam o certame de São Paulo. O jornal lamenta que o povo campineiro estivesse naquele momento privado do seu maior clássico. O futebol totalmente amador das duas primeiras décadas do século XX dá espaço a um futebol com nuanças de profissionalismo, que se estabeleceria efetivamente na década seguinte. A imprensa passa a tratar o futebol como um grande evento na cidade. Esse período preparou e difundiu o futebol para o período posterior, em que o esporte se profissionalizaria.

3) 1930 - 1947: Nos primeiros anos da década de 30, o futebol se profissionaliza no Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, a APEA, entidade de futebol amador e que defendia o amadorismo, sobrevive apenas mais seis anos, até 1936, e desaparece, o mesmo acontecendo com o então maior time de São Paulo, o C.A. Paulistano, que fechou seu departamento de futebol em 1929 por não concordar com o profissionalismo. A então Liga Paulista de Futebol (LPF) passa a comandar o futebol paulista e se transforma em 1941 na Federação Paulista de Futebol (FPF). Esses acontecimentos representaram uma significativa transformação no universo do futebol. Em Campinas, em 1935, é criada a Liga Campineira de Futebol (LCF), que também organiza o futebol campineiro e através de onde os dérbis ganham grande projeção e se transformam em grandiosos eventos na cidade. A "profissionalização" do futebol e as transformações ocorridas em sua organização refletem de maneira significativa na imprensa, que aliás também participa dessa organização e vê nela a chance de se utilizar dessa situação, passando a realizar uma cobertura muito maior e mais minuciosa, além de se utilizar de crônicas, que abordam com mais profundidade aspectos do futebol. As páginas dos jornais passam a promover os novos certames, tornando-os conhecidos e grandes. A imprensa necessita de um futebol forte e organizado. A cidade de Campinas vive o início da fase da segunda industrialização, com um grande crescimento populacional através da migração interna, ocupando espaços que antes eram aproveitados para a prática do futebol, o que se chamou posteriormente de "futebol de várzea". O mesmo processo de perda desse espaço, antes usado para a prática do futebol, também ocorreu em São Paulo. A imprensa, nesse sentido, interage diretamente com o futebol e sua organização. Nos anos 30, ela é fundamental para, em São Paulo, substituir o futebol amador por um futebol profissional. Com a profissionalização vem a promoção do evento, engrandecendo-o, o que é fundamental para a imprensa, como material a ser explorado jornalística e mercadologicamente. No *Diário do Povo* e no *Correio Popular*, embora o futebol de Campinas tenha vivido um misto de amadorismo e profissionalismo (Ponte Preta, Guarani

e E.C. Mogiana, por exemplo, eram times profissionais, mas outras equipes da cidade eram basicamente amadoras, e todas se encontravam no certame campineiro da LCF), também houve uma espécie de campanha indireta pela organização e profissionalização do futebol. É nessa época, em 1932, com a perspectiva do retorno da disputa do embate entre Ponte Preta e Guarani na cidade, que o *Correio Popular* batiza o jogo como "dérbi". O termo é sinônimo de "embate", "rivalidade", "tradição", e foi "importado" da capital, onde, anos antes, o jornalista Thomaz Mazzoni se referiu ao clássico S.C. Corinthians P. X Palestra Itália (depois S.E. Palmeiras) como sendo o "dérbi paulistano", ou seja, o maior clássico de São Paulo, como ainda é até hoje. A comparação foi precisa, já que desde a década de 10 Ponte Preta e Guarani realizam o maior clássico da cidade![343] Os jornais passam a realizar coberturas mais intensas e o futebol assume definitivamente um lugar de grande destaque na parte destinada aos esportes. Jogos, principalmente os dérbis e os que envolviam Ponte Preta e Guarani contra outras equipes da cidade e região passam a receber grande atenção da imprensa e são promovidos. Além dos campeonatos campineiros, também são realizados torneios curtos que contribuem para desenvolver o futebol em Campinas, como por exemplo o Torneio Taça Cidade de Campinas. Os jornais campineiros também realizam grande cobertura de seus times na disputa do Campeonato do Interior, organizado pela FPF no início dos anos 40.

4) 1947 - 1969: Nesse período, Campinas se consolida como pólo industrial e ocorre um grande crescimento da cidade, e a cobertura do futebol se intensifica ainda mais. O jornalismo esportivo da imprensa escrita precisou se adaptar à existência de efetiva participação de outros veículos na cobertura dos eventos sociais e esportivos, principalmente o futebol, já que passava haver também, no início dos anos 40, a cobertura do futebol pelo rádio, inclusive com transmissão ao vivo de jogos na cidade. As páginas dos jornais se tornam mais completas e precisas em relação à cobertura do futebol. Fotografias e crônicas, onde se podia aprofundar um debate sobre futebol, interpretando e analisando o fato muito depois dele ter ocorrido, passam a fazer parte da página esportiva. As crônicas ou colunas de futebol se utilizam de uma linguagem mais literária. Em Campinas, além do *Diário do Povo* e do *Correio Popular*, também a *A Gazeta Esportiva* passa a ter uma sucursal na cidade. Assim, no jornal *A Gazeta Esportiva* também se observou grande e intensa cobertura do futebol do interior, principalmente de Campinas, através, por exemplo, do jornalista Ferdinando Panattoni, que também escreveu para o *Correio Popular*. A relação imprensa e futebol se torna ainda mais próxima, a ponto de se dar, a partir da imprensa, a criação de certames e disputas, como por exemplo a Taça Gazeta de S. Paulo, oferecida pela imprensa campineira para os times em alguns jogos importantes da época. Até o nome do tradicional estádio do Guarani, "Brinco de Ouro da

[343] Além de o clássico paulistano ser hoje raramente chamado de dérbi, a rivalidade entre S.C. Corinthians P. e Palestra Itália parece ter se firmado depois da rivalidade entre Ponte Preta e Guarani já existir. Assim, não é exagero dizer que "dérbi", de fato, é o encontro entre os rivais campineiros. Em 1916, num dos dérbis mais acirrados, pontepretanos e bugrinos já se viam como rivais. Em dérbis realizados nos anos de 1914 e 1916, Ponte Preta e Guarani já haviam protagonizado verdadeiras guerras dentro do campo, e no caso desses dérbis em especial, também fora do campo, entre torcedores. O primeiro jogo entre S.C. Corinthians P. e Palestra Itália só aconteceu em 6 de maio de 1917. Para muitos, a rivalidade já começa no primeiro embate, que é o que defende Antônio Carlos Napoleão. In NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Corinthians e Palmeiras Uma História de Rivalidade*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 2001, pp.19-20.

Princesa", foi inspirado numa comparação feita um ano antes por um jornalista do *Correio Popular*, João Caetano Monteiro Filho em sua coluna no jornal. O mesmo ocorre em relação ao desenvolvimento das categorias de base no futebol. Até então havia a manutenção de um segundo time, os aspirantes (reservas), chamado de "Segundo Quadro". Posteriormente, com significativa participação da imprensa nesse processo, começa a haver uma preocupação de organizar e manter as categorias de base e também de se realizar competições nessas categorias. Firmam-se, por exemplo, as categorias infantil e juvenil. E muitos campeonatos nessas categorias foram promovidos e receberam grande atenção da imprensa campineira e da *A Gazeta Esportiva*. Os jogos ocorriam na preliminar dos jogos principais. O termo "dente-de-leite", que foi utilizado basicamente até o final da década de 80[344], foi criado por Ferdinando Panattoni, responsável pela sucursal de *A Gazeta Esportiva* em Campinas, e que muito promoveu o futebol e outros esportes da cidade, através de eventos esportivos, comemorativos ou beneficentes, além de insuflar a rivalidade entre Ponte Preta e Guarani, se utilizando da mística do jogo e promovendo o dérbi. Se por um lado o esporte amador se beneficiou com essa aproximação da imprensa, por outro lado se estabeleceu a separação definitiva entre o futebol profissional e o futebol amador. Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana (este por poucos anos) tornaram-se os únicos times profissionais da cidade e ingressaram, em 1947, na disputa do Campeonato Paulista (II Divisão) organizado pela FPF, e por isso receberam um espaço muito maior na imprensa local. A partir desse ano, os campeonatos campineiros, de caráter amador, foram privados dos times principais de Ponte Preta e Guarani, que ainda participaram até os anos 60 de suas competições, mas enviavam os respectivos times juvenis.

5) 1970 em diante: A cidade de Campinas recebe uma grande migração de pessoas das classes média e alta, devido ao fato de ser um pólo industrial em crescimento e por também se constituir a partir desse momento numa cidade de grande estrutura educacional, com a criação de universidades. O perfil dos torcedores campineiros sofre mudanças. Ocorre um grande avanço tecnológico na cobertura esportiva. Os jornais passam a ficar prontos mais rapidamente, as rádios começam a alcançar lugares mais distantes e principalmente surge a cobertura televisiva para o futebol. A Copa de 1970 foi transmitida ao vivo. A imprensa escrita precisa mais uma vez se adequar ao momento. As crônicas ou colunas sobre futebol, por exemplo, se tornam mais objetivas e menos literárias, como eram no período anterior. Mas esse caráter literário ainda é encontrado em alguns cronistas ou colunistas nesse período. Perde-se também o contato direto e mais afetivo que os cronistas e jornalistas tinham com os clubes e com o futebol local. A objetividade e a busca da imparcialidade, somadas aos avanços tecnológicos para a difusão da notícia e a preocupação com a medição e estatísticas do jogo ou certame, afastaram o jornalista do clube, do envolvimento direto na sua vida cotidiana, no envolvimento com a torcida. Nos anos 90, por exemplo, não havia mais necessidade da presença física do jornalista nos clubes. Os próprios clubes, não todos, passaram a ter assessorias de imprensa, que nem sempre são formadas por jornalistas, e que se encarregam de enviar as

[344] Hoje as categorias de base são divididas basicamente entre "fraldinha" ou "xupetinha", infantil, juvenil e júnior. Não se usa mais "dente-de-leite", embora o termo não tenha desaparecido por completo. Muitas pessoas e jornalistas mais velhos ainda se remetem ao termo, além de algumas escolinhas de futebol usarem ainda hoje o termo em seus nomes.

notícias. Essas assessorias são raras no Brasil e mais comuns no futebol europeu. Embora não seja uma regra, pois muitos jornalistas de jornais vão ao clube ainda hoje, essa parece ser uma tendência. O jornalismo praticado pela internet é um exemplo claro dessa tendência ao distanciamento. Pude perceber isso em minha experiência como jornalista num veículo pela internet. Cobríamos clubes e jogos sem nos levantarmos de nossas cadeiras em frente a um computador e um telefone. O futebol se transforma nesse período que se inicia nos anos 70 num extraordinário evento ou espetáculo, de enorme potencial mercadológico. Nos últimos anos da década de 60, o futebol já se tornara notícia comum nas primeiras páginas do jornal, o que não acontecia antes. Hoje, um evento futebolístico pode ser a primeira página inteira de um jornal da grande imprensa. No final da década de 70 e início da década de 80 ocorre um processo de cadernização do jornal, ou seja, o processo de divisão do jornal em cadernos específicos. E um dos cadernos criados e de maior destaque é o de esportes, que em quase sua totalidade aborda o futebol. Nesses cadernos, alguns jornais começam a se utilizar de outros recursos para inovar e melhorar sua cobertura esportiva. A *A Folha de S. Paulo*, por exemplo, começa a usar muitos quadros com estatísticas. Também surgem as colunas, onde os colunistas correspondem aos antigos cronistas. Os colunistas passam a utilizar uma linguagem mais direta e precisa em suas críticas e comentários, mas não perderam totalmente o caráter literário, que tinham as crônicas nas décadas de 40 e 50, principalmente quando abordam a cultura, folclore e mitos do futebol. Nesse momento, Ponte Preta e Guarani já figuram entre os principais e mais tradicionais times do país. Ganham enorme projeção estadual e nacional a partir de meados da década de 70, disputando e conquistando títulos. O dérbi se transforma então num clássico nacional...

No final dos anos 90, ocorre a fusão dos jornais *Diário do Povo* e *Correio Popular*, passando ambos a pertencer à mesma empresa de comunicação, a *Rede Anhangüera de Comunicação, RAC*. Isso não é bom para o jornalismo em geral na cidade de Campinas, pois os dois maiores veículos, e únicos da grande imprensa, passam a representar a mesma voz ideológica e social, os mesmos interesses. No futebol, a cobertura não se altera tanto. Apenas o *Diário do Povo* passou por uma grande reforma gráfica, mas não editorial. Sua linha de abordagem e ideologia se mantiveram. O mesmo pode-se dizer do *Correio Popular*.

O que se manteve também, de certa forma, foi o perfil de seus leitores. O *Correio Popular* mais voltado para as classes mais abastadas da sociedade e para os intelectuais. Já o *Diário do Povo*, voltado para as classes menos abastadas, sendo mais "popular". Mas o que se perdeu efetivamente foi o embate de abordagens e opiniões a respeito de futebol. Perde-se o *"o que disse o Correio sobre... e o que disse o Diário sobre...?"*.

Outra característica que marcou a interação de ambos os jornais, o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, nos anos 70 e 80, classificando-os, respectivamente como "torcedor da Ponte Preta" e "torcedor do Guarani", também se perdeu completamente nessa fusão. Essa classificação dos jornais quanto a uma suposta preferência por um dos clubes parece ter se originado dos supostos perfis dos leitores de cada jornal. O *Diário do Povo*, mais popular, é "pontepretano", pois a torcida da Ponte Preta é mais popular. E o *Correio Popular* é "bugrino", pois a torcida do Guarani é mais elitista. De qualquer maneira, essa discriminação dos jornais, em relação a torcer por esse ou aquele time, sempre foi um

mito, uma lenda, que nasceu em meio ao povo, sem haver exatamente uma origem para ele. Não se pode detectar nada nas páginas dos jornais, nesse período, que confirmasse tal lenda ou sugerisse uma origem para ela. Também não se encontra um jornalista "torcedor" que por estar em determinado jornal, passou a imagem de que o mesmo "torcia" para o seu time também. A empresa não torce. Seus donos e funcionários sim. E quando o *Diário do Povo* pertenceu ao político Orestes Quércia, pontepretano, reforçou-se a lenda...

Diário do Povo e *Correio Popular* interagiram intensamente com o futebol ao longo das décadas. E o que se pode observar é que essa relação, imprensa e futebol no geral, beneficia os dois lados, ela é simbiótica. No geral, essa participação e interação da imprensa no futebol é bastante benéfica. Como exemplo, podemos citar a atuação da imprensa no recente processo de "moralização" do nosso futebol. Sem a imprensa, não teria se criado a CPI do futebol. Mas é claro que nem sempre essa relação é positiva. Pois em alguns momentos ela pode gerar uma relação de dependência econômica. Muitos times, por exemplo, sobrevivem hoje através das cotas pagas pelas emissoras de televisão pelos direitos exclusivos de transmissão e cobertura de jogos e certames. Assim, imposições mercadológicas podem obrigar o futebol a condições que nem sempre beneficiam os clubes e principalmente os torcedores. Uma das maiores discussões hoje no meio esportivo é buscar alternativas para tornar os times livres e para que possam ser administrados como empresas, o que significa também, considerando-se aí uma estratégia capitalista, trazer o torcedor de volta aos estádios.[345]

Nesse sentido, a imprensa escrita é muito mais benéfica que a imprensa televisiva, de onde geralmente partem essas imposições mercadológicas. Não raras vezes, a imprensa escrita denuncia essa "interferência" de poderosas emissoras na organização do futebol, como é o exemplo da *Rede Globo de Televisão*, que detém os direitos de transmissão das principais competições do país. E é por isso, por exemplo, que jogos importantes são jogados para depois das 21 horas em dias de semana, para que a *Globo* possa transmitir primeiro, em horário nobre, a novela, o que pode ser encarado como um desrespeito ao torcedor, geralmente trabalhador e que tende a dormir cedo.

É claro que a imprensa escrita também está agindo, de certo modo, de acordo com seus interesses. Para ela é fundamental conseguir cobrir os jogos para que saiam na edição do dia seguinte. A *A Gazeta Esportiva*, hoje extinta infelizmente, viveu uma séria crise anos antes de sua extinção, não podendo por exemplo, publicar no dia seguinte a cobertura de alguns jogos realizados à noite, o que era uma aberração, se considerarmos que ela foi um dos jornais mais tradicionais do país no campo esportivo por mais de 70 anos.

Mais recentemente, nos últimos dez anos, entrou em cena outra forma de comunicação que se destaca pelo imediatismo na difusão de notícias: a internet. Mas um meio limitado para notícias que exijam um maior aprofundamento. É um espaço que precisa ser atualizado a cada momento e o objetivo da imprensa esportiva na internet é colocar na rede o mais rápido possível as notícias apuradas (ou às vezes, nem apuradas). Muitas vezes, se perde, em função disso, a qualidade da notícia produzida. Mas ela é uma

---

[345] É claro que nesse caso, trazer o torcedor de volta aos estádios não significa que a solução seja apenas organizar o futebol nacional, o que já é uma tarefa bastante difícil. Mas também a difícil situação social da classe trabalhadora no Brasil é causa importante e fundamental desse afastamento dos torcedores dos estádios de futebol, e mesmo da prática, já que os mesmos já não têm tanto espaço e tempo para o lazer.

alternativa de grande alcance. A *A Gazeta Esportiva*, embora não exista mais como veículo impresso, e o *Lance!*, por exemplo, mantêm suas versões virtuais com coberturas simultâneas das partidas de futebol.

O papel da imprensa é fundamental para a manutenção e sobrevivência do futebol. É dela também que se criam inúmeros aspectos que constituem o universo e cultura do futebol. Mitos são criados~~. Heróis e vilões são elaborados e destruídos, e são assimilados~~ pelo público leitor, permanecendo no imaginário do universo futebolístico. Mesmo os clássicos são criados e promovidos pela imprensa. Os cronistas ou colunistas formam opiniões e contribuem para enriquecer esse universo do futebol, que extrapola totalmente a condição de um simples jogo jogado por 22 jogadores e uma bola num campo. O universo e a cultura do futebol estão entrelaçados à cultura brasileira, difundidos nos mais diferentes aspectos dela. E é bom salientar que essa simbiose entre imprensa e futebol pode ser tanto consciente como inconsciente.

Embora a televisão e o rádio representem um extraordinário espaço para o futebol, vejo na imprensa escrita, o espaço mais interessante e significativo para o futebol e o seu universo. É nessa imprensa que geralmente se iniciam as transformações no futebol ou onde ele pode ser abordado com mais profundidade~~,~~ ~~pois~~ trata-se de um veículo de comunicação com mais permanência no tempo. Perde no imediatismo da notícia, característica que é muito valorizada no meio esportivo. Nesse sentido, a televisão e o rádio, e mais recentemente a internet, são imbatíveis, mas a imprensa escrita permite releitura, comparação e comentários entre amigos e familiares.

Ao longo do estudo me ocorreu uma dúvida. Com o poder de promoção que a imprensa escrita tem em relação ao futebol, porque é que os jornais *Diário do Povo* e o *Correio Popular* não promovem ainda mais o dérbi e o futebol campineiro para a própria cidade e para os próprios jornais. O fato dos times, e por conseqüência o futebol campineiro, estarem inseridos num contexto maior, não inviabiliza a realização dessa promoção local.

Os dois jornais poderiam realizar a cobertura do futebol amador da cidade e dos certames organizados pela Liga Campineira de Futebol (LCF), dedicando a eles um espaço maior nos jornais, fortalecendo a LCF e o futebol amador campineiro. E também poderiam realizar uma campanha para reconstruir a história do futebol campineiro, dos clubes e das ligas da cidade. Nesse estudo poderia se aproveitar, por exemplo, o enorme acervo fotográfico existente sobre o futebol em Campinas e região, além de atas, coleções particulares e arquivos de jornais. Material para essa reconstrução não falta.

Porque também não promover anualmente, no início da temporada (janeiro), um quadrangular (ou triangular) que envolva sempre Ponte Preta e Guarani e mais o campeão amador de Campinas da temporada anterior e um convidado de fora da cidade (ou o Campinas F.C., fundado em 1998 pelos ex-jogadores Careca e Edmar, e que interrompeu suas atividades recentemente). Seria um torneio com apenas três rodadas, possível de ser realizado em menos de uma semana, além de poder ser realizado num único estádio ou nos dois estádios. Poderia receber o nome de "Taça Cidade de Campinas" (numa alusão ao antigo torneio) ou, "Taça Campinas" ou "Troféu Campinas" ou "Taça LCF". Com o tempo seria um torneio de grande tradição no calendário do futebol municipal, estadual e nacional, considerando-se a importância de Campinas como um dos maiores centros futebolísticos do país.

Quanto mais a imprensa promove o clássico, mais o interesse pelo dérbi aumenta e mais se vende jornal, se ouve o rádio ou se assiste à televisão. E é claro, que o contrário também se dá, completando assim a inevitável relação simbiótica, o próprio evento futebol e o dérbi impulsionam a atividade dos meios de comunicação.

IX - 2. O estudo

Em relação à metodologia usada para o tema estudado, ela se baseou na leitura de um grande acervo de obras que abordam o futebol e também a imprensa, embora poucos abordem a relação efetiva e direta entre ambos. Essa relação está diluída ou difundida por várias obras. É delas que pude construir uma noção sobre essa relação. Também obras sobre a cidade de Campinas, ~~história~~ e ~~transformação espacial~~, e, cultura e ~~sociedade~~ campineira e brasileira foram utilizadas, permitindo-me realizar as conexões necessárias ao situar e contextualizar o dérbi e a cobertura através da imprensa.

Essas leituras me permitiram percorrer com segurança os vários aspectos que permeiam o futebol e seu universo, e a imprensa e sua atuação, oferecendo um panorama dessa relação, focalizado no dérbi. O tema, evidentemente, não está esgotado. Nunca estará. Mas o estudo permitiu inserir-me nesse contexto específico que é o Dérbi Campineiro, e através dele perceber as transformações sofridas pelo futebol e pela imprensa, ou, mais precisamente, sofrida pela cobertura esportiva ao longo de quase um século.

As imagens utilizadas no trabalho têm o objetivo de complementar informações e ilustrar fatos, dados ou argumentos. Não realizei, por não ser esse o objetivo, um estudo mais profundo da utilização da imagem na cobertura do futebol. Acredito ser esse um outro tema passível de estudo e maior aprofundamento. O estudo das fotografias e imagens relacionadas com futebol em seus vários momentos, incluindo também o advento da "imagem televisiva" no processo, pode ser uma outra abordagem, um outro olhar sobre o tema futebol ou mesmo da relação futebol e mídia. A transformação da imprensa esportiva com a possibilidade de veicular imagem informatizada.[346]

No decorrer da pesquisa, senti falta ~~de uma abordagem~~ que ~~acredito que~~ poderia ter enriquecido de maneira significativa o estudo: as fontes orais. Realizei algumas entrevistas com jornalistas, personagens que vivem o dia a dia da cobertura esportiva. As informações coletadas via fonte oral foram de grande ajuda para compreender com mais detalhes e riqueza os bastidores e cultura do futebol. Mas penso que poderia ter dedicado mais tempo e espaço para os documentos via fonte oral. Com esses documentos, um aspecto interessante que poderia ser abordado com mais profundidade é o universo de paixão, a mística, que envolve o futebol e o dérbi, e nesse caso, as fontes seriam, além dos próprios jornalistas, jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores. Seria um outro olhar do

[346] Além do acervo de João Bosco Panattoni, parte dele aproveitado neste trabalho, também podemos destacar o acervo do "V8", importante e conhecido fotógrafo de Campinas, que foi adquirido no início de 2002 pelo Centro de Memória da Unicamp por R$ 42,2 mil. Aristides Pedro da Silva, o "V8" (apelido que segundo ele herdou do irmão, pois se referiam a ele como o "irmão do 'V8'"), começou a registrar jogos de futebol em 1947, com uma máquina caixão Agfa. Foi também jogador de futebol amador na cidade e técnico do Guarani, seu time de coração. Seu acervo, além de fotos feitas por ele, também é composta, principalmente, por fotos que ele colecionou ao longo dos anos.

futebol. Um olhar de quem está "dentro" e vive o dia a dia do dérbi. Seria um olhar diferente do olhar do jornalista, que procura se posicionar longe da paixão que envolve o embate e o futebol, movido por ideais e interesses diferentes daqueles primeiros, embora não seja isento da paixão pelo futebol.

São estudos que poderiam nos fornecer dois olhares diferentes do futebol. Um olhar dos profissionais, envolvidos diretamente com o futebol. E o olhar dos consumidores desse jogo e tudo que o envolve no mercado e na mídia.

Acredito que o estudo ofereça inúmeras indicações de temas que podem ser estudados, abordados com mais profundidade. Entre eles, por exemplo, o futebol campineiro, a criação das ligas e o caminho percorrido até o atual certame, esquecido basicamente pela grande imprensa, mas abordado em outros espaços, como os jornais de bairros da cidade. E dentro dessa área detectar, por exemplo, o momento exato em que ocorre a separação do futebol amador do futebol profissional, identificando seus agentes e causas específicas e gerais. E a partir dessa separação do futebol profissional do futebol amador, que permaneceu à margem do crescimento do futebol profissional como produto mercadológico, pode-se procurar entender se esse futebol amador, muitas vezes chamado de "futebol de várzea"[347], está realmente desaparecendo ou se transformando, identificando nesse processo uma resistência particular a essas mudanças, uma ou várias formas de sobreviver.

Ou ainda um estudo sobre jornalistas e cronistas que viveram e atuaram no futebol campineiro, relacionando o tipo de crônica e linguagem com o contexto cultural da cidade de Campinas. Essa abordagem poderia ser a continuação do presente estudo.

Além da construção do conhecimento sobre o tema em si, também muito me beneficiei com a aprendizagem da pesquisa. Através dela pude viver a experiência de coletar informações, filtrar, selecionar e organizá-las, de maneira a poder obter um olhar mais preciso sobre um tema que está muito presente na vida cotidiana do brasileiro em geral, e em especial na minha. O estudo me permitiu errar inúmeras vezes e através dos erros avançar em meu próprio desenvolvimento e processo como estudante e pesquisador.

[347] Embora essa designação seja antiga e não se encaixe bem no estágio de urbanização em que se encontra Campinas nos dias de hoje.

X - BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

X - 1. Bibliografia

1.1 Futebol e Esportes:

ASSAF, Roberto; e MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca: 96 anos de História 1902 - 1997*. Irradiação Cultural, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

_____ e _____. *FLA X FLU: O Jogo do Século*. Editora Letras & Expressões, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

Associação Atlética Ponte Preta. Revista comemorativa dos cem anos da Ponte Preta, impressão da Gráfica Modelo, Campinas, SP, 2000.

1000 Maiores Esportistas do Século 20. Revistas "Isto É" e "The Sunday Times". Editora Três, São Paulo, 1996.

ALFREDO, João Carlos. *Futebol Futebóleres - Uma apresentação do esporte na literatura nas décadas de 1910 e 1920*. Dissertação de Mestrado do IEL, Unicamp, Campinas, 1996.

Almanaque Abril: quem é quem na história do Brasil. Abril Multimídia, São Paulo, SP, 2000.

Almanaque Abril. Editora Abril, São Paulo, SP, edições de 1984, 1990, 1995, 1998 e 2000.

Almanaque das Copas do Mundo: 1930 - 1994. Multi Editora, São Paulo, 1994.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Anarquistas e Comunistas no Futebol de São Paulo*. In Revista Leitura 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo, 1992.

_____. *Diversão ou Trabalho ? O Futebol Dentro da Fábrica*. In Revista Leitura 12 (141) de fevereiro de 1994, São Paulo, 1994.

_____. *"Com brasileiro, não há quem possa": Crônicas de futebol e identidade nacional*. Tese de doutorado para o Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo / USP, 1999.

ARAÚJO, Flávio. *O Rádio, o Futebol e a Vida*. Editora SENAC, São Paulo, SP, 2001.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: Caso Palestra Itália*. Pesquisa de Mestrado do IFCH, Unicamp, Campinas, 1996.

_____. *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália*. Série Imigração, Editora Sumaré, São Paulo, SP, 2000.

_____. "Associações e etnia - o Palestra Itália", in *Travessia - Revista do Imigrante*, publicação do CEM, São Paulo, SP, Ano XII, n° 34, de maio-agosto de 1999, pp. 17-19.

_____, José Renato de Campos. *Associações e Etnia - O Palestra Itália*, versão ampliada das conclusões da Dissertação de Mestrado intitulada "Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália", defendida em agosto de 1996 no programa de Sociologia do IFCH, Unicamp, Campinas, SP, 1999.

ARCHETTI, Eduardo P.. *The Meaning of Sport in Anthropology: A View from Latin America*, in Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe, Número 65, dezembro de 1998.

BERTAZOLLI, José ("Zé do Pito"). *100 anos - Luta, Obstinação e Vitória... Associação Atlética Ponte Preta*. Gráfica Centro Kennedy, Campinas, SP, 1999.

BETTI, Mauro. *Violência em Campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Editora Unijuí, Ijuí, RS, 1997.

BIBAS, Solange Nunes. *As Copas que ninguém viu - Histórias e Bastidores*. Catavento, São Paulo, 1982.

BRANCO, Marcello Simão (org.). *Derby*. In "Outras Copas Outros Mundos", Editora Anos-Luz, São Caetano do Sul, SP, 1998.

Brasil de todas as Copas. Editora Três, São Paulo, 1994.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial - Memória do Futebol Brasileiro*, Ibrasa, São Paulo, SP, 1990.

_____. "Paixão e crise no futebol brasileiro", In *Resgate*, Papirus/Centro de Memória - UNICAMP, n. 1, Campinas, 1992.

CARRANO, Paulo Cesar R.. *Futebol: paixão e política*. DP&A Editora, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

CASTRO, José de Almeida. *Histórias da Bola - 135 anos da história do futebol*, Talento/Edipromo, São Paulo, SP, 1998.

CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

_____. *O Anjo Pornográfico, A vida de Nelson Rodrigues*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1992.

"Cem Anos de Futebol", In *Revista Memória*, no. 20, pp. 40-69, uma publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, São Paulo, janeiro a setembro de 1994.

CITADINI, Antonio Roque. *Neco, O Primeiro Ídolo*. Geração Editorial, São Paulo, SP, 2001.

Conhecer, Enciclopédia. Editora Abril Cultural, São Paulo, SP, 1972.

COSTA, Alexandre da. *O Tigre do Futebol: Uma viagem pelos tempos de Arthur Friedenreich*. DBA, São Paulo, 1999.

COSTA, Márcia Regina da (org.). *Futebol: espetáculo do século*. Musa Editora, São Paulo, SP, 1999.

COUTINHO, Edilberto. *Nação Rubro-Negra*. Fundação Nestlé de Cultura, São Paulo, 1990.

DIAFÉRIA, Lourenço. *Coração Corinthiano*. Fundação Nestlé de Cultura, São Paulo, 1992.

"Dossiê Futebol". In *Revista USP*, N° 22, , São Paulo, junho/julho/agosto de 1994.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos Craques: Os Grandes Jogadores do Brasil e do Mundo*. Da Placar, Abril Multimídia, São Paulo, SP, 2000.

_____. *O Guia dos Curiosos - Esportes*. Companhia Das Letras, São Paulo, 1996.

DUARTE, Orlando. *Pelé O Supercampeão*. Makron Books, São Paulo, SP, 1993.

_____. *Todas as Copas do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1994.

_____. *Todos os Esportes do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1996.

_____. *Futebol - Histórias e Regras*. Makron Books, São Paulo, SP, 1997.

_____. *Enciclopédia - Todas as Copas do Mundo*. Makron Books, São Paulo, SP, 1998.

_____. *História dos Esportes*. Makron Books, São Paulo, SP, 2000.

DUARTE, Orlando; e FILHO, Severino. Fried versus Pelé. Makron Books, São Paulo, SP, 2000.

DUNNING, E., MURPHY, P. e WILLIAMS, J.. "A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica", in *A Busca da Excitação*, Difel, Lisboa, Portugal, 1992.

Enciclopédia do Futebol Brasileiro. Volumes 1 e 2, do jornal Lance!, Areté Editorial S/A, Rio de Janeiro, RJ, e São Paulo, SP, 2001.

Estádio. In Cadernos Cidade de São Paulo, Módulo Fotografia, Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, do Instituto Cultural Itaú, São Paulo, SP, 1994.

FILHO, Mário. *Copa do Mundo, 62*. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1962.

_____; e RODRIGUES, Nelson. *FLA-FLU... e as multidões despertaram!*. Edição Europa, Rio de Janeiro, RJ, 1987.

_____. *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1947.

_____; RODRIGUES, Nelson; organizado por FILHO, Oscar Maron e FERREIRA, Renato. *Fla-Flu... E as multidões despertaram*. Rio de Janeiro, 1985.

FRYDENBERG, Julio David. *El espacio urbano y el inicio de la práctica masiva del fútbol - Buenos Aires 1900-1920*.

"Futebol 'Mestiço': História de Sucessos e Contradições", in revista *Ciência Hoje*, volume 24, nº 139, junho de 1998.

GASTALDO, Edison Luis. *A Nação e o Anúncio: A Representação do "Brasileiro" na Publicidade da Copa do Mundo*. Tese de doutorado, Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, SP, 2000.

GODOY, Lauret. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. Nova Alexandria, Unimes, São Paulo, 1996.

GOUSSINSKY, Eugênio e ASSUMPÇÃO, João Carlos. *Deuses da Bola - histórias da Seleção Brasileira de Futebol*, Dórea Books and Art (DBA), São Paulo, SP, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. EDUFF, Niterói, RJ, 1998.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: A Maestria Brasileira de um Legado Britânico*. Gryphus, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

HELAL, Ronaldo. "A lei, a ordem e o espetáculo: reflexões sobre a organização do futebol brasileiro", in *Revista de Cultura Vozes*, n.2, v. 92, de março-abril de 1998, São Paulo, SP.

_____*Passes e Impasses - Futebol e cultura de massa no Brasil*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

HERSCHMANN, Micael; e LERNER, Kátia. *Lance de Sorte: O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca*. Diadorim, Rio de Janeiro, RJ, 1993.

História do Futebol. Coleção de 6 revistas: 1 (As Origens do Planeta Bola), 2 (O Sonho Vira Realidade), 3 (A Paixão dos Brasileiros Pelo Futebol), 4 (A Era de Ouro do Futebol Brasileiro), 5 (Uma Geração de Craques Geniais) e 6 (O Futebol Conquista o Mundo). Coleção que acompanhou uma série de 6 vídeos sobre a história do futebol, Revista *Placar*, São Paulo, SP, 1998.

História Dos Dérbis, A, apostila da Panathlon Clube de Campinas (autor ou pesquisa: Celso Franco de Oliveira Filho), Campinas, SP, 1993.

Jubileu de Ouro do Guarani F.C.. Revista comemorativa pelos cinqüenta anos do Guarani F.C., Campinas, 1961.

KLEIN, Marco Aurélio. *Futebol Brasileiro: 1894 à 2001*. Editora Escala, São Paulo, SP, 2001.

_____ e AUDININO, Sérgio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro (1996/97)*. Editora Escala, São Paulo, 1996.

_____ e AUDININO, Sérgio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro (1997/98)*. Editora Escala, São Paulo, 1998.

_____ e AUDININO, Sérgio Alfredo. *O Futebol Brasileiro nas Copas Internacionais de Clubes*. Editora Escala, São Paulo, 1996.

KLEY, Ruben Reis. "E assim nasceu o futebol", in revista *Correio Filatélico*, números 171 (parte I) e 172 (parte II - conclusão), maio e julho de 1998, Rio de Janeiro, RJ.

LANCELLOTTI, Sílvio. *Espanha 82 - O Brasil e as Copas do Mundo*. Caminho Editorial Ltda/Edições Isto É, São Paulo, 1981/82.

MACK, Roberto C.V.. *Futebol Empresa*, Palestra Edições, Rio de Janeiro, RJ, 1980.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e MORGADO, Naira. "Futebol de várzea também é patrimônio", in Revista do *Patrimônio*, nº 24, "Cidadania" , 1996.

MARQUES, José Carlos. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. Educ / Fapesp, Editora Contraponto, São Paulo, SP, 2000.

MATTA, Roberto Da; NEVES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Edições Pinakotheke, Rio de Janeiro, RJ, 1982.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão - uma mitologia carioca no futebol*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

MÁXIMO, João. *João Saldanha*. Editora Relume-Dumará, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

_____. *Memórias do Futebol Brasileiro*. In Revista Estudos Avançados, USP, Dossiê Memória, Vol. 13, número 37, setembro/dezembro de 1999.

MILLS, John R.. *Charles William Miller - 1894 * 1994 - Memoriam S.P.A.C.*, Price Waterhouse, São Paulo, SP, 1994.

MORRIS, Desmond. *A Tribo do Futebol*. Publicações Europa-América, 1981.

MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol*. Editora Hedra, São Paulo, SP, 2000.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *O Brasil na taça Libertadores e no Mundial Interclubes*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

_____. *Corinthians X Palmeiras: Uma História de Rivalidade*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

NETO, José Jorge Farah, e KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista 2000*. Editora Panini Brasil Ltda, São Paulo, SP, 2000.

_____ e _____. *Almanaque do Futebol Paulista 2001*. Editora Panini Brasil Ltda, São Paulo, SP, 2001.

NETO, José Moraes dos Santos. *O Início de uma Paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Editora Komedi, Campinas, SP, 2000.

_____. *Sempre Ponte Preta - Mística, torcida e a cidade de Campinas*. Editora Komedi, Campinas, SP, 2001.

NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973.

_____. *Na Grande Área*. Edições Bloch, Rio de Janeiro, 1966.

NUNES, Renato Horta. *Do jogador Oliveira ao atleta 'Careca'*, monografia do curso de Jornalismo Esportivo do Labjor da Unicamp - Biblioteca da Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. L&PM Editores, Porto Alegre, RS, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de janeiro - 1902 - 1938*. Coleção Histórias do Brasil, Editora Nova Fronteira, Rio de janeiro, RJ, 2000.

_____. "Pelos Campos da Nação: um Goal-Keeper nos Primeiros Anos do Futebol Brasileiro", in *Estudos Históricos*, nº 19, volume 10, Indivíduo, Biografia, História, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

PINHEIRO, Domício. *Era Pelé - Documento Histórico Fotográfico*. Seqüência Editorial, São Paulo, 1984.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. Tese de doutorado da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 1998.

_____. *A Metamorfose do Futebol*. Unicamp, Campinas, SP, 2000.

PUPO, Benedito Barbosa. *Coreografia e Futebol*, in Diário do Povo de 16/10/1996, Campinas, SP.

RAMALHO, Márcio. *Futebol é bola na Rede: Diagnósticos e Soluções para a Crise do Futebol*. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, RJ, 1998.

RAMOS, Ricardo (org.). *A palavra é... Futebol*. Editora Scipione, São Paulo, SP, 1993.

REY, Luiz Roberto Saviani. *Eternos domingos sem Derby*, Editoração e Gráfica Lince, Campinas, SP, 1997.

RIGO, Luiz Carlos. *Práticas Competitivas e Profissionalismo: uma análise da Experiência do Futebol Pelotense*. Artigo de 2001, parte de sua pesquisa de doutorado.

_____. *Sobras da Copa*. Artigo de 2001, parte de sua pesquisa de doutorado.

_____. *Com o Futebol na Memória*. Artigo de 2001, parte de sua pesquisa de doutorado.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF, Volume I, 1902 - 1952, 50 anos do Paulistão*. Da Federação Paulista de Futebol (F.P.F), CNB Comunicação e Marketing, São Paulo, SP, 2000.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. Série Debates / Antropologia, Editora Perspectiva, Edusp, Editora da Unicamp, São Paulo / Campinas, SP, 1993.

ROSSATO, José Carlos. *O povo e o linguajar do futebol*, in revista Anuário do 32º Festival do Folclore de Olímpia, de 11 a 18 de agosto de 1998.

ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. "Os Primeiros 35 Anos - 1900 a 1935" (volume I), "1936 a 1955" (volume II), "1956 a 1970" (volume III), "1971 a 1977" (volume IV), "1978 a 1983" (volume V), "1984 a 1993" (volume VI) e "1994 a 2000" (volume VII). R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, SP, 1989, 1994, 1997, 1998, 1998, 1999 e 2000 respectivamente.

SALDANHA, João. *Histórias do Futebol*. Editora Revan, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

SCHIFNAGEL, Betty. *Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer*. In Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 12, São Paulo, 1979.

SOUSA, Manuel de. *História do Futebol: Origens, nomes, números e factos*. Sportpress, Portugal, 1997.

SOUZA, Marcos Alves de. *A "Nação em Chuteiras": Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro*. Série Antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

STORTI, Valmir, e FONTENELLE, André. *A História do Campeonato Paulista*. PubliFolha, São Paulo, 1997.

TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *A História do Guarani F.C.*. Impressão eletrônica 9.500 - Casa do Engenheiro, Campinas, 1987, "À Sombra das Palmeiras Imperiais" (1a parte), e 1989, "Os ~~Primeiros Passos~~ de um ~~Campeão~~" (~~vol.~~ 2).

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Série Descobrindo o Brasil, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

_____. "Por que xingam os torcedores de futebol?", in *Revista Cadernos de Campo*, nº 3, 1993.

_____, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol.* Coleção Educação Física e Esportes, ANPOCS, Editora Autores Associados, Campinas, SP, 1996.

Velho Palestra Como Fator de Integração, O, in Jornal da Unicamp de fevereiro de 1997, Campinas, SP.

WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro.* Coleção "Para Conhecer Melhor", Editora FTD S.A., São Paulo, 1996.

_____. "O futebol na era da hegemonia capitalista", in *Jornal da USP*, São Paulo, SP.

_____. *O que é Futebol.* Coleção "Primeiros Passos" (No. 237), Editora Brasiliense, São Paulo, 1990.

_____; MEIHY, José Carlos Sebe. *Futebol e Cultura.* IMESP/DAESP, São Paulo, 1982.

_____ . "O futebol e a paulicéia". In *Cadernos de História de São Paulo*, 5, USP, São Paulo, SP, setembro / novembro 1996.

YALLOP, David A.. *Como eles Roubaram o Jogo.* Editora Record, São Paulo, SP, 1998.

ZAGO, Vitorio L.O.. *Dérbi: O maior clássico do interior do Brasil comemora 85 anos de história, tradição e rivalidade.* Monografia para o Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) e FEF (Faculdade de Educação Física), Unicamp, Campinas, SP, 1997.

ZAMORA, Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha.* Galeria Gol, Livraria Editora Gol, Rio de Janeiro, 1969.

1.2 **Campinas. História e Modernidade:**

Almanaque Abril 2001. Editora Abril, São Paulo, SP, 2001.

AUGUSTI, Valquiria M.; BRAGA, Ialê Falleiros; e FÜRST, Maria Aparecida. "Campinas e Friburgo: Panorama Sócio-Cultural (1950 A 1980)", in *Família em São Paulo: Trajetórias no Pós Guerra, Relatório Final do Sub Projeto, Volume III, Família, Imigração e Cultura no Pós-Guerra - Os Alemães*, projeto coordenado por Olga R.M. von Simson, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, CERU, Universidade de São Paulo, USP, 2001.

AZEVEDO, Antonio Carlos do. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos.* Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

BADARÓ, Ricardo. *Campinas. O Despertar da Modernidade*, Coleção Campiniana, Centro de Memória da Unicamp/CMU, n. 7, Campinas, SP, 1996.

BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista*, Coleção Campiniana, n. 5, Centro de Memória da Unicamp/CMU, Campinas, SP, 1996.

BARRETO, Paulo Sérgio. *O Caracol e o Caramujo: Artistas e Cia da Cidade*. Tese de Mestrado do IFCH, Unicamp, Campinas, SP, 1994.

BASTOS, Marcus Aurélio Albino. "Presença Judaica em Campinas no século XIX (1870-1890): uma primeira abordagem", in *Boletim Centro de Memória*, Unicamp, Campinas, SP, vol. 6, número 12, jul/dez 1994, pp. 35-50.

BIONDI, Luigi. "Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo, entre o século XIX e o século XX", in *Travessia - Revista do Imigrante*, publicação do CEM, São Paulo, SP, Ano XII, n ° 34, de maio-agosto de 1999, pp. 5-12.

CAMILLO, Ema E.R.. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887)*. Mercado de Letras, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1998.

Campinas 225 anos, Caderno especial do jornal diário Correio Popular, 14 de julho de 1999.

Campinas Século XX: 100 anos de História. Da RAC, Rede Anhangüera de Comunicação / Diário do Povo / Correio Popular, Campinas, SP, 2000.

CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de Ruptura: As transformações no centro de Campinas na década dos cinqüenta*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996.

Clic na História: Fotojornalismo em Campinas, Um. Da Pontifícia Universidade Católica de Campinas / PUCC, Campinas, SP, 1991.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe. *História da Vida Privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1992.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe; LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy. *História e nova história*. Teorema, Lisboa, s/d.

ELIAS, N.. *O Processo Civilizador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, 1990.

_____ e DUNNING, E.. *A Busca da Excitação*. Difel, Lisboa, Portugal, 1992.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Do IBGE, 1957.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, Edusp, São Paulo, SP, 2000.

FILHO, Lycurgo de Castro Santos; e NOVAES, José Nogueira. *A Febre Amarela em Campinas 1889 - 1900*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ, 1992.

_____. *Sobrados e Mucambos - A Continuação de Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ, 1990.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. 24 Volumes, Editora Nova Cultural, São Paulo, SP, 1998.

HOBSBAWM, Eric J.. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

_____. *A Era dos Extremos - O breve século XX 1914-1991*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995.

KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto. *Vir, Viver e talvez Morrer em Campinas*. Coleção Campiniana, Centro de Memória da Unicamp, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1999.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade. Os Cantos e os Antros: Campinas 1850 - 1900*, Edusp, São Paulo, SP, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1990.

_____. *Memória*. In Enciclopédia Einaudi, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Porto, 1984.

_____. *Reflexões sobre a história*. Edições 70, Lisboa, s/d.

MACIEL, Cleber da Silva. *Discriminações Raciais - negros em Campinas 1888 - 1926*. Coleção Campiniana, Centro de Memória da Unicamp/CMU, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1997.

MARCONDES, Marli Aparecida. *História e Informática: O uso da hipermídia no resgate da história da "Estrada de Ferro Funilense" (1899-1924)*, Dissertação de Mestrado da Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP, 2000.

MARTINS, Valter. *Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em Campinas 1800-1850*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996.

MEDEIROS, Jotabê. "Visão panorâmica de São Paulo nos anos 20", in *Caderno 2 do jornal O Estado de S. Paulo* de 13 de agosto de 1998, São Paulo, SP.

MICELI, Paulo. *De ventríloquos a historiadores: de quem é a palavra ?* In VIDAL, Diana, O trabalho das mãos e a arte da sobrevivência, Edunicamp, Campinas, SP, 1987.

MORAES, José Geraldo V. de. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. Coleção Discutindo a História do Brasil, Atual Editora, São Paulo, SP, 1994.

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do. *Memórias da Educação: Campinas (1850 - 1960)*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1999.

Nova Enciclopédia Ilustrada Folha. 2 Volumes, Do jornal diário A Folha de S. Paulo, São Paulo, SP, 1996.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e Leituras de Almanaques no Brasil*. Coleção Histórias de Leitura, Fapesp, São Paulo, SP, 1999.

População. Região de Campinas, Sumário de Dados, n ° 1, Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Campinas, Campinas, SP, 1993.

OLIVEIRA, Marcelo Pires de. *TV Excelsior: O Elo Perdido - A evolução do modo de produção televisivo, do período romântico para a era industrial, pela visão dos seus dirigentes*. Tese de Mestrado pelo Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, SP, 2002.

PUPO, Benedito Barbosa. *À Margem da História de Campinas*, As origens da cidade e a oficialização da data de sua fundação com Parecer da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal, sobre o Projeto de Lei oficializando a data da fundação da cidade, Resumo da Marcha do Processo, 2° Edição, Campinas, SP, 1976.

_____; e GONÇALVES, Fúlvia. *Testemunhos do Passado Campineiro*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana" in *Revista Ciência e Cultura*, da SBPC, Vol. 36, número 6, junho de 1984, São Paulo, SP, pp. 893-909.

RUEDA, Eliana Cristina e SILVA, Sandra Denise da. *Campinas: panorama histórico e sócio-cultural no período 1890-1950*, in Boletim do Centro de Memória da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Volume 6, n° 11, de janeiro a junho de 1994, Campinas, SP.

SANTOS, Antonio da Costa. *Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, 1732 - 1992*. Tese de doutoramento pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 1998.

SCHORSKE, Carl E.. *Viena Fin-de-Siècle, Política e Cultura*. Editora da Unicamp/Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil 4: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. Coleção dirigida por Fernando A. Novais, Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1998.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Coleção dirigida por Fernando A. Novais, Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. "As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil: ***Kultur*** e Etnicidade", in *Travessia - Revista do Imigrante*, publicação do CEM, São Paulo, SP, Ano XII, n ° 34, de maio-agosto de 1999, pp. 24-28

SILVA, Kleber Pinto. *A cidade, uma região, o sistema de saúde: para uma história da saúde e da urbanização em Campinas - SP*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500 - 1808)*. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

XAVIER, Regina Célia Lima. *A Conquista da Liberdade: Libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Coleção Campiniana, Centro de Memória, Unicamp, Campinas, SP, 1996.

ZANINI, Maria Catarina C.. "Ítalo-brasileiros: A reivivificação da identidade étnica em Santa Maria-RS", in *Travessia - Revista do Imigrante*, publicação do CEM, São Paulo, SP, Ano XII, n ° 34, de maio-agosto de 1999, pp. 20-23.

1.3 Comunicação, Imprensa Escrita e Imagem (Fotografia):

ARBEX, José. *O poder da TV*. Coleção Ponto de Apoio, Editora Scipione, São Paulo, SP, 1995.

_____. "Prefácio", in SACCO, Joe, *Palestina - Uma Nação Ocupada*, Conrad Editora do Brasil, São Paulo, SP, 2000.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Papirus, Campinas, 1993.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica - história da imprensa brasileira*, Editora Ática, São Paulo, SP, 1990.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

BEGATTI, Sílvio Marcos; MATTOS, Raquel; e BRINCK, Elias. *Furos: A exclusividade na imprensa de Campinas*. PUCCAMP, Campinas, 1996.

CARDET, Ricardo. *Manual de Jornalismo*. Editorial Caminho, Lisboa, Portugal, 1980.

CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (org). *Folhas do tempo - Imprensa e Cotidiano em Belo Horizonte 1895 - 1926*, Editora UFMG, Belo Horizonte, MG, 1997.

CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque 1808 - 1964: A História contada por jornais e jornalistas, Volume 1*. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ, e São Paulo, SP, 2001.

_____. *O Brasil sem retoque 1808 - 1964: A História contada por jornais e jornalistas, Volume 2*. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ, e São Paulo, SP, 2001.

Clic na história - Fotojornalismo em Campinas, Um, Revista comemorativa da PUCCAMP, Campinas, SP, 1991.

COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, SP, 1973.

DIAS, José. *Futebol de Craques... e dos Cartolas: 50 anos de Jornalismo Esportivo*. Editora Mauad, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

DINES, Alberto; VOGT, Carlos; e MELO, José Marques de (orgs.). *A Imprensa em Questão*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1997.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Papirus, Campinas, 1994.

FAUSTO NETO, Antônio (org.). *O indivíduo e as mídias*. Editora Diadorim, Rio de Janeiro, 1996.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1978.

FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão*. Coleção Ponto de Apoio, Editora Scipione, São Paulo, SP, 1994.

GIANNOTTI, Vito. *O que é Jornalismo Operário*. Coleção Primeiros Passos, número 208, Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1988.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Ática, São Paulo, 1989.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1988.

MARIANO, Júlio. "História da Imprensa em Campinas", in *Monografia Histórica de Campinas*, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1952.

_____. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita - História do livro, da imprensa e da biblioteca*, Série Temas, volume 49, Editora Ática, São Paulo, SP, 1998.

Mc LUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix, São Paulo, 1969.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso - Estrutura ou Acontecimento*. Pontes Editores, Campinas, 1988.

PRADO, Flávio. *Ponto Eletrônico: Dicas para fazer telejornalismo com qualidade*. Publisher Brasil, São Paulo, SP, 1996.

RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro: A vida da Cidade Refletida nos Jornais (1850 - 1870)*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

_____. *O dia-a-dia no Rio de Janeiro, segundo os jornais (1870 -1889)*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1982.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997: História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, SP, 1998.

ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. Coleção Primeiros Passos, número 15, Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1980.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. *Além das Palavras, Além das formas - Sociedade, imprensa e técnica: a história de Belo Horizonte em páginas de jornal 1895 - 1926*, monografia de conclusão do curso de Comunicação Social da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1996.

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*. Arbor, Rio de Janeiro, 1983.

SOUZA, Jésus Barbosa de. *Meios de Comunicação de Massa: jornal, televisão, rádio.* Coleção Ponto de Apoio, Editora Scipione, São Paulo, SP, 1996.

VASQUEZ, Pedro. *A fotografia: reflexos e reflexões.* L&PM, Porto Alegre, RS, 1986.

1.4 **Metodologia e Experiências de Pesquisa:**

BASTIDE, Roger. "As contribuições culturais dos africanos na América Latina: tentativa de síntese", in *Sociologia*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 37, Editora Ática, São Paulo, SP, 1983, pp. 157-176.

CASSIANO, Célia Maria. *Folia de Reis: A transmissão da memória em grupos produtores de cultura popular e sua relação com as novas tecnologias.* Tese de mestrado do Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, SP, 1998.

CARNICEL, Amarildo. *Imagens da Vila Industrial e do Cambuí: um exercício marcado pelo filtro cultural*, texto livre.

GUTIERRE, Jézio Hernani Bonfim. *A Metodologia Científica Contemporânea e seus Vínculos com a Investigação Filosófica*, anotações e roteiro em texto livre não revisado para a disciplina de metodologia da pesquisa em Ciências Sociais aplicadas à Educação I, Unicamp, Campinas, SP, 1998.

LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de Família.* Edusp/Fapesp, São Paulo, 1993.

MACHADO, Arlindo. *Máquinas & Imaginário.* Edusp, São Paulo, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*, Cortez & Moraes Ltda, São Paulo, SP, 1979.

VIDAL, Diana. *De Heródoto ao gravador: história da história oral.* In Resgate, Papirus/Centro de Memória - UNICAMP, n. 1, Campinas, SP, 1990.

von SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Brancos e Negros no Carnaval Popular Paulistano 1914 - 1988.* Tese de dissertação de doutorado da faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 1989.

_____. *Burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915), A*, tese de dissertação de mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1984.

_____ e GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de . *Criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente, A*, trabalho apresentado no GT "Sociologia da Cultura Brasileira".

_____. "Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: reflexões de pesquisa", in *Boletim do Centro de Memória*, Unicamp, Volume 3, N° 5, jan. jun. de 1991.

_____. "Era assim a folia de Momo", in *Do Leitura/Cultura* no. 167, fevereiro de 1998.

_____. *Imagem e Memória*, do Grupo de Trabalho Uso das Imagem, Sessão: Acervos e Análises de Imagens Fixas, XIX Encontro Anual da ANPOCS - 17 a 21 de outubro de 1995 - Caxambu, MG.

_____. *Imagem e Memória, reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico-sociológica*. Texto do Centro de Memória, Unicamp, Campinas, 1997.

_____. "Negro paulistano enquanto folião carnavalesco e sua longa trajetória em busca da cidadania, O", in *Estudos Afro-Asiáticos*, no. 13, 1987.

_____. *Roteiro prático para pesquisa com método biográfico*. Centro de Memória - UNICAMP, Campinas, 1995 (mimeo).

_____. "Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais; reflexões de pesquisa". In *Anais do Seminário - pedagogia da imagem na pedagogia* - Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Educação de 28 a 30 de junho de 1995.

X - 2. Jornais, revistas e periódicos:

- ***CORREIO POPULAR***, jornal diário de Campinas.
- ***DIÁRIO DO POVO***, jornal diário de Campinas.
- ***A GAZETA ESPORTIVA***, jornal diário de São Paulo.
- ***O ESTADO DE S. PAULO***, jornal diário de São Paulo.
- ***A FOLHA DE S. PAULO***, jornal diário de São Paulo.
- ***DIÁRIO POPULAR (atual DIÁRIO DE S. PAULO)***, jornal diário de São Paulo.
- ***JORNAL DA TARDE***, jornal diário de São Paulo.
- ***LANCE!***, jornal diário de São Paulo e Rio de Janeiro.
- ***LANCE! A+***, revista semanal do jornal diário *Lance!* De São Paulo e Rio de Janeiro.
- ***PLACAR***, revista semanal (antes mensal) da Editora Abril, São Paulo, SP.
- ***REVISTA PONTE PRETA***, revista bimestral (hoje periodicidade irregular) da A.A. Ponte Preta, Campinas, SP.
- ***GUARANI REVISTA***, revista bimestral (hoje trimestral) do Guarani F.C., Campinas, SP.

- ***REVISTA TELESPORTE***, revista do programa esportivo do canal de Campinas do SBT, Campinas, SP.
- ***GUARANI FUTEBOL CLUBE - FESTEJOS INAUGURAIS DE SEU NOVO ESTÁDIO***, revista comemorativa pela inauguração do Estádio Brinco de Ouro, Campinas, SP, 1953.
- ***DERBI***, revista em quadrinhos do cartunista e quadrinhista Márcio Tadeu Cordeiro Uchôa, editado pelo jornalista Zaiman de Brito Franco, sobre o Dérbi Campineiro, Campinas, SP.
- ***FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL - 90 ANOS***, revista comemorativa pelos 90 anos do Campeonato Paulista, Federação Paulista de Futebol, F.P.F., São Paulo, SP, 1992.
- ***FUTEBOL PAULISTA - 100 ANOS***, Livro Ilustrado (álbum de figurinhas) do jornal Agora São Paulo (antigo Notícias Populares) e da Federação Paulista de Futebol (F.P.F.), edição comemorativa pelos cem anos do futebol paulista.
- ***CAMPINAS HOJE***, revista da Pró-Pesquisa sobre a população da cidade de Campinas, Campinas, SP.

X - 3. Filmografia

* *Boleiros - Era uma vez o Futebol.* Filme com sete contos sobre o futebol enfocando aspectos diversos da cultura e folclore do universo do futebol. Com Adriano Stuart, Flávio Migliaccio, Otávio Aluísio, Cássio Gabus Mendes, Rogério Cardoso, Paulo Coronato, César Negro, Aldo Bueno, João Aciabe, Oswaldo Campozana e Elias Andreatto. Com as participações especiais de Lima Duarte, Marisa Orth, Denise Fraga, André Abujamra e Antônio Grassi. Filme da SP Filmes de São Paulo, escrito e dirigido por Ugo Giorgetti, 100 minutos, São Paulo, SP, Brasil, 1999.

* *Fuga para Vitória (Escape to Victory).* Filme e ficção em que nazistas, durante a II Guerra Mundial promovem uma partida de futebol contra oficiais dos aliados, prisioneiros de guerra. Os aliados aproveitam a peleja para tentar fugir. O charme da produção está na presença de um grande elenco ao lado do "Rei do Futebol", o brasileiro Pelé, e o craque argentino Ardiles. Com Sylvester Stallone, Michael Caine, Max Von Sydow, Carole Laure, Pelé e Ardiles. Direção de John Huston. Warner Home Video. 116 minutos, Estados Unidos, 1981.

* *Garrincha, Alegria do Povo.* Documentário sobre Garrincha, folclórico jogador da história do futebol e um dos melhores da história, enfocando o mito e a vida de Garrincha. Direção de Joaquim Pedro de Andrade. Globo Vídeo. 60 minutos, Brasil, 1963.

* *História do Futebol.* Documentário produzido pela Televisão inglesa em seis capítulos de 30 minutos cada contando a história do futebol; 1 (As Origens do Planeta Bola), 2 (O Sonho Vira Realidade), 3 (A Paixão dos Brasileiros Pelo Futebol), 4 (A Era de Ouro do Futebol Brasileiro), 5 (Uma Geração de Craques Geniais) e 6 (O Futebol Conquista o Mundo). Coleção que acompanhou uma série de 6 fascículos sobre a história do futebol, Revista *Placar*, São Paulo, SP, Brasil, 1998.

* *Isto É Pelé*. Documentário sobre Pelé, o maior jogador de futebol de todos os tempos, enfocando sua vida, carreira e mito, com material de arquivo do cinejornal Canal 100 e da TV Globo. Edição de Eduardo Escorel, supervisão de Luiz Carlos Barreto e texto de Paulo Mendes Campos. Globo Vídeo. 70 minutos, Brasil, 1974.

* *Tostão, A Fera de Ouro*. Documentário sobre Tostão, um dos maiores jogadores da história do futebol, enfocando sua vida simples e sua brilhante carreira. 60 minutos, Brasil.

X - 4. Sites ou endereços na internet:

4.1 Sites com notícias em geral e cobertura específica do futebol:

- ***http://www.netgol.com.br***, que realiza cobertura geral do futebol mundial, Traffic / Bandeirantes, São Paulo, SP.
- ***http://www.futebolinterior.com.br ou http:futebolinterior.zip.net***, que realiza cobertura do futebol nacional, principalmente da região de Campinas e do interior de São Paulo. De Campinas, SP.
- ***http://www.futebolaovivo.com.br***, que realiza cobertura geral do futebol mundial, Campinas, SP.
- ***http://www.pele.net ou http;//www.pele.zip.net***, site do Pelé, com cobertura geral do futebol nacional e internacional, São Paulo, SP.

4.2 Sites oficias de clubes de futebol:

- ***http://www.guaranifc.com.br***, site oficial do Guarani F.C., Campinas, SP.
- ***http://www.aapontepreta.com.br ou http://www.pontepretaesportes.com.br***, site oficial da A.A. Ponte Preta, Campinas, SP.

4.3 Sites oficiais de federações e confederações de futebol:

- ***http://www.fpf.org.br ou http://www.futebolpaulista.com.br***, site da Federação Paulista de Futebol (F.P.F.), São Paulo, SP.
- ***http://www.ligacampineira.com.br***, da Liga Campineira de Futebol (L.C.F.), Campinas, SP.
- ***http://www.liredep.com.br/index.htm***, da Liga Regional Desportiva Paulista, (LIREDEP), Liga que cuida do futebol de Campinas e Região, Campinas, SP.
- ***http://www.fpfa.org.br***, da Federação Paulista de Futebol Amador (F.P.F.A.), São Paulo, SP.
- ***http://www.brasilfutebol.com/select_language.sps***, site da Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F.), Rio de Janeiro, RJ.

4.4 Sites de jornais e revistas:

- ***http://www.rac.com.br ou http://www.cosmo.com.br***, da *RAC, Rede Anhangüera de Comunicação*, dona dos jornais campineiros *Correio Popular* e *Diário do Povo*, Campinas, SP.
- ***http://www.dipo.com.br***, do jornal *Diário Popular* (atual *Diário de S. Paulo*, São Paulo, SP.
- ***http://www.uol.com.br/fsp***, do jornal *Folha de S. Paulo*, São Paulo, SP.
- ***http://www.estado.com.br ou http://www.estado.estadao.com.br***, do jornal *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP.
- ***http://www.lancenet.com.br ou http://www.lancenet.ig.com.br***, do jornal *Lance!*, São Paulo, SP, e Rio de Janeiro, RJ.
- ***http://www.gazetaesportiva.com.br ou http://www.gazetaesportiva.net***, do jornal *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, SP.
- ***http://www.placar.com.br ou http://www2.uol.com.br/placar/index.shtml***, da revista *Placar*, São Paulo, SP.
- ***http://www.telesporte.com.br***, da *Revista Telesporte*, ambos do programa esportivo Telesporte do canal de Campinas do SBT, Campinas, SP.

X. 5. Entidades:

- Associação Atlética Ponte Preta, Campinas, SP.
- Guarani Futebol Clube, Campinas, SP.
- Liga Campineira de Futebol, L.C.F..

X - 6. Coleções particulares:

- Centro de Memória da Unicamp (manuscritos de Jolumá Brito / acervo de fotos).
- Coleção de fotos de João Bosco Panattoni.
- Coleção de fotos do fotógrafo Aristides Pedro da Silva, o "V8", recentemente adquirida pela Unicamp (Centro de Memória).

XI - ANEXOS: OS JOGOS E OS NÚMEROS

XI - 1. Dérbis... um por um...

Quadro com todos os Dérbis Campineiros:

No.	Data	Local da Partida	Competição	Resultado
001	24/03/1912	Campo da Vila Industrial	Amistoso	???[348]
002	19/05/1912	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	PP 2 X 1[349]
003	11/08/1912	Campo do London	Campeonato Campineiro	PP ? X ?[350]
004	23/08/1914	Campo de Souzas	Amistoso	G 2 X 0[351]
005	24/10/1915	Hipódromo Campineiro	Amistoso Beneficente	G 1 X 0
006	13/02/1916	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 2 X 0
007	21/05/1916	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 2 X 0[352]
008	20/01/1918	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	1 X 1[353]

[348] O autor Sérgio Rossi considera a ocorrência de um jogo no ano de 1911, com vitória da A.A. Ponte Preta por 1 a 0, gol de Lopes, no Campo do São Vicente. Mas não há registros documentais da realização dessa partida, apenas testemunho, como relata, ou seja, são dados obtidos por história oral. Optei por considerar apenas os jogos registrados em documentos. ROSSI, Sérgio. "Os Primeiros 35 Anos - 1900 a 1935" (volume I) in *História da Associação Atlética Ponte Preta.*, R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, SP, 1989. Em depoimento dado ao jornal A Gazeta Esportiva, em 1965, Pompeo de Vito, um dos fundadores do Guarani, diz que o resultado da primeira partida em 1912 foi 1 a 1.

[349] Ainda para o autor Sérgio Rossi, em 1912 ocorreram outros dois dérbis. O primeiro no Campo do Cruzeiro, vencido pela Ponte Preta por 4 a 1, e o segundo no Campo do Guanabara, com outra vitória alvinegra por 3 a 1. Porém, não há registros ou documentos que comprovem que essas partidas ocorreram, só testemunhos. Optei por desconsiderá-los. ROSSI, Sérgio. "Os Primeiros 35 Anos - 1900 a 1935" (volume I) in *História da Associação Atlética Ponte Preta.*, R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, SP, 1989.

[350] Embora haja um consenso em relação ao vencedor da partida, que realmente ocorreu, o resultado do jogo é desconhecido. Naquela época, a cobertura do futebol tinha um caráter esporádico, ou seja, podia-se anunciar o jogo, mas não necessariamente dar o resultado depois. Hoje isso é regra básica editorial em qualquer jornal e em qualquer editoria, não só com os esportes.

[351] De novo, para Sérgio Rossi, em 1913, ocorreram três dérbis: empate em 1 a 1 no Campo do São Vicente, e outros dois jogos realizados nos campos do Cruzeiro e Guanabara, respectivamente. E o resultado dessas duas partidas foi ou dois empates ou duas vitórias da Ponte Preta ou ainda uma vitória e um empate da Ponte Preta, não necessariamente nessa ordem. Mais uma vez não há registros que comprovem que as partidas aconteceram. Optei também por desconsiderá-las.

[352] Nesse ano de 1916, aconteceu um estranho dérbi, apelidado de "dérbi relâmpago". O "jogo" aconteceu pelo Festival Esportivo promovido no Hipódromo Campineiro, que além de Ponte Preta e Guarani, também contou com a presença de outras duas equipes, o Black, que foi o campeão, e o White. O Guarani derrotou a Ponte Preta por dois escanteios ou tiros de cantos a zero. Percebe-se que o modelo de disputa "relâmpago" é o mesmo que o do Torneio Início, realizado anos depois no Campeonato Paulista. No Torneio Início, que não mais se realiza, todos os times que disputariam o certame, realizavam um festival de abertura, com jogos de apenas 15 minutos, valendo aí a contagem de escanteios para o desempate. Assim, todos podiam jogar num único dia, num único estádio. Começava e terminava no mesmo dia.

009	23/06/1918	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	PP 1 X 0
010	30/03/1919	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 1 X 0
011	29/06/1919	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 1 X 0
012	31/08/1919	Hipódromo Campineiro	Taça Chauffeurs	G 1 X 0
013	13/06/1920	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 1 X 0
014	28/11/1920	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	G 4 X 1
015	12/031922	Hipódromo Campineiro	Amistoso	G 3 X 0
016	22/07/1923	Estádio do Guarani F.C.[354]	Campeonato do Interior	1 X 1
017	15/11/1923	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	1 X 1
018	14/06/1925	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	PP 3 X 0
019	23/08/1925	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	PP 1 X 0
020	08/08/1926	Estádio do Guarani F.C.	Taça Colúmbia	G 3 X 1
021	07/09/1926	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	1 X 1
022	14/11/1926	Estádio do Guarani F.C.	Taça Circo Wheler	G 2 X 0
023	23/01/1927	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	G 3 X 1
024	20/11/1932	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato do Interior	G 2 X 1[355]
025	24/03/1935	Estádio do Guarani F.C.	Amistoso	G 4 X 3
026	14/04/1935	Hipódromo Campineiro	Taça Ítalo-Brasileira	G 4 X 3
027	24/11/1935	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	PP 1 X 0
028	16/02/1936	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	0 X 0
029	26/04/1936	Hipódromo Campineiro	Campeonato Campineiro	PP 2 X 1
030	22/11/1936	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	PP 5 X 2
031	04/07/1937	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	2 X 2
032	13/03/1938	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	1 X 1
033	19/06/1938	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	1 X 1
034	20/11/1938	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	3 X 3
035	02/04/1939	Estádio do Guarani F.C.	Amistoso	2 X 2[356]
036	09/07/1939	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	2 x 2[357]

[353] Considerando-se então os jogos "fantasmas" que eu considerei, poderíamos criar um pequeno quadro:

No.	Data	Local da Partida	Competição	Resultado do Jogo
1	??/??/1911	Campo do São Vicente	???	PP 1 X 0 (gol de Lopes)
2	??/??/1912	Campo do Cruzeiro	???	PP 4 X 1
3	??/??/1912	Campo do Guanabara	???	PP 3 X 1
4	??/??/1913	Campo do São Vicente	???	PP 2 X 1
5	??/??/1913	Campo do Cruzeiro	???	Empate ou PP ? X ?
6	??/??/1913	Campo do Guanabara	???	Empate ou PP ? X ?
7	??/??/1916	Hipódromo Campineiro	Festival Esportivo do Hip.	G 2 escanteios X 0

[354] Esse foi o primeiro dérbi realizado no Estádio do Guarani F.C., apelidado de "Pastinho", nome que se tornou tradicional ao se mencionar o antigo estádio bugrino.

[355] Como houve uma cisão no Campeonato Paulista, com a realização de dois certames, uma da APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos, e um da LAF, Liga dos Amadores de Futebol, Ponte Preta e Guarani ficaram por quase seis anos sem se enfrentarem. O Guarani passou a disputar o Campeonato Paulista da APEA de 1927 a 1931. E a Ponte Preta jogou o certame da LAF, em 1928 e 1929.

[356] Esse foi o primeiro dérbi jogado em 90 minutos, com dois tempos de 45 minutos. Antes, as partidas tinham 80 minutos, com dois tempos de 40 minutos.

037	14/01/1940	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	PP 2 X 1
038	18/08/1940	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	PP 2 X 1
039	06/06/1941	Estádio da Mogiana[358]	Campeonato Campineiro	PP 3 X 0
040	30/11/1941	Estádio da Mogiana	Campeonato Campineiro	G 2 X 1
041	15/05/1942	Estádio da Mogiana	Campeonato do Interior	PP 2 X 1
042	23/08/1942	Estádio da Mogiana	Campeonato Campineiro	G 4 X 1
043	31/01/1943	Estádio da Mogiana	Amistoso	PP 4 X 1
044	20/06/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série Confraternização Especial	1 X 1
045	04/07/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série Confraternização Especial	G 4 X 3
046	18/07/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série Confraternização Especial	PP 4 X 3
047	29/08/1943	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	2 X 2
048	07/09/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série Confraternização Especial	PP 4 X 0
049	19/12/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série Confraternização Especial	G 2 X 1
050	02/07/1944	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	PP 2 X 1
051	06/08/1944	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	1 X 1
052	01/07/1945	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	G 3 X 1
053	30/12/1945	Estádio da Mogiana	Campeonato Campineiro	G 3 X 2
054	18/08/1946	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Campineiro	G 3 X 0
055	28/06/1947	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista, II Divisão	PP 3 X 2
056	05/10/1947	Estádio da Mogiana	Campeonato Paulista, II Divisão	PP 1 X 0
057	28/04/1948	Estádio da Mogiana	Taça Cidade de Campinas	G 5 X 2[359]
058	11/07/1948	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista, II Divisão	G 4 X 3
059	26/09/1948	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista, II Divisão	G 1 X 0[360]
060	07/04/1949	Estádio da Mogiana	Taça Cidade de Campinas	PP 3 X 2
061	10/07/1949	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista, II Divisão	G 2 X 0
062	09/10/1949	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista, II Divisão	G 1 X 0
063	11/05/1950	Estádio da Mogiana	Taça Cidade de Campinas	G 2 X 0
064	08/06/1950	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cidade de Campinas	PP 1 X 0
065	29/06/1950	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cidade de Campinas	G 4 X 3
066	04/03/1951	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cidade de Campinas	PP 1 X 0
067	22/04/1951	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cidade de Campinas	PP 1 X 0
068	12/08/1951	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista	G 2 X 1

[357] Esse foi o primeiro dérbi transmitido ao vivo por uma emissora de rádio, a antiga PRC-9. O locutor do jogo foi Jolumá Brito. A primeira transmissão radiofônica aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, e foi um discurso do então presidente Epitácio Pessoa. Em Campinas, as primeiras transmissões radiofônicas aconteceram no dia 22 de junho de 1930, em caráter experimental.

[358] O Estádio da Mogiana corresponde ao Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa.

[359] Esse foi o primeiro dérbi disputado à noite. O jogo foi no antigo Estádio Antônio da Costa, o "Estádio da Mogiana". A Ponte Preta saiu na frente fazendo 2 a 0 no primeiro tempo. No intervalo da partida, o então presidente do Guarani, Dr. Romeu Tortima, ameaçou surrar seus jogadores com o seu cinto. O time alviverde voltou para o segundo tempo, e com uma atuação história, reagiu e goleou o rival, aplicando uma das maiores goleadas da história do dérbi. Após a histórica "virada", o presidente da Ponte Preta, Ayrton José do Couto, sem utilizar o seu cinto, demitiu o então técnico da Ponte Preta, Agnelli.

[360] Esse foi o primeiro dérbi realizado no novo estádio da Ponte Preta, o Moisés Lucarelli, inaugurado naquele mesmo ano numa partida contra o E.C. XV de Novembro de Piracicaba (SP).

069	02/12/1951	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	2 X 2
070	06/04/1952	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cidade de Campinas	G 2 X 1
071	18/05/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cidade de Campinas	PP 4 X 2
072	06/07/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Triangular do Majestoso	PP 4X0 [361]
073	05/10/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 4 x 3
074	25/01/1953	Estádio do Guarani F.C.	~~Campeonato~~ Paulista	2 X 2
075	29/03/1953	Estádio Moisés Lucarelli	Quadrangular do Majestoso	G 5 X 2[362]
076	07/06/1953	Estádio Brinco de Ouro	Taça Cidade de Campinas	PP 3 X 0[363]
077	21/06/1953	Estádio Brinco de Ouro	~~Taça Cidade~~ de Campinas	1 X 1
078	13/09/1953	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
079	31/01/1954	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista (de 1953)	G 1 X 0
080	22/08/1954	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 4 X 0
081	13/02/1955	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista (de 1954)	PP 1 X 0
082	28/08/1955	Estádio Brinco de Ouro	~~Campeonato Paulista~~	G 5 X 1
083	11/12/1955	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 2 X 0
084	18/03/1956	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	G 4 X 3
085	25/03/1956	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	PP 3 X 1
086	20/05/1956	Estádio Brinco de Ouro	Amistoso	0 X 0
087	12/08/1956	Estádio Moisés Lucarelli	~~Campeonato Paulista~~	G 2 X 1
088	09/12/1956	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	G 3 X 1
089	13/01/1957	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 4 X 1
090	15/05/1957	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	1 X 1
091	19/05/1957	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	G 3 X 0
092	11/08/1957	Estádio Brinco de Ouro	~~Campeonato Paulista~~	PP 2 X 1
093	08/03/1958	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	2 X 2
094	10/08/1958	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 4 X 1
095	07/12/1958	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	2 X 2
096	03/02/1959	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	G 3 X 2
097	29/03/1959	Estádio Moisés Lucarelli	~~Taça Amizade~~	~~PP~~ 2 X 1
098	31/05/1959	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
099	25/10/1959	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 2 X 1
100	05/06/1960	Estádio Brinco de Ouro	Amistoso	G 6 X 0
101	21/08/1960	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 3 X 2
102	25/09/1960	Estádio ~~Brinco de~~ Ouro	~~Campeonato Paulista~~	~~G~~ 3 X 0
103	24/07/1966	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	PP 1 X 0

[361] Além de Ponte Preta e Guarani, o triangular no estádio da Ponte Preta, chamado de o "Majestoso", também contou com a presença do Bangu A.C. do Rio de Janeiro (RJ). A Ponte Preta foi campeã do Triangular, pois a alvinegra também derrotou os cariocas por 2 a 1 no dia 29 de junho de 1952.

[362] Além de Ponte Preta e Guarani, também disputaram o Quadrangular dois times do Rio de Janeiro (RJ), América F.C. e São Cristóvão F.R.. O campeão foi o São Cristóvão F.R., que venceu o América F.C. e a Ponte Preta, ambos por 1 a 0.

[363] Esse foi o primeiro dérbi disputado no novo estádio do Guarani, o Brinco de Ouro da Princesa, que fora inaugurado naquele mesmo ano.

104	27/07/1966	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	G 2 X 1
105	30/11/1969	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade - ACEC	0 X 0
106	07/12/1969	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade - ACEC	2 X 2
107	15/02/1970	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	0 X 0
108	19/04/1970	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
109	12/07/1970	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 1 X 0
110	19/08/1970	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	2 X 2
111	28/03/1971	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 1 X 0
112	20/06/1971	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 1 X 0
113	20/02/1972	Estádio Brinco de Ouro	Torneio Laudo Natel	G 1 X 0
114	05/03/1972	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	0 X 0
115	16/07/1972	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
116	04/02/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Torneio Laudo Natel	PP 1 X 0
117	13/05/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 2 X 0
118	17/06/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cidade de São Paulo	PP 2 X 1
119	29/07/1973	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
120	18/08/1974	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
121	27/10/1974	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 1 X 0
122	19/01/1975	Estádio Moisés Lucarelli	Torneio Laudo Natel	G 2 X 0
123	23/03/1975	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 1 X 0
124	07/03/1976	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 2 X 1
125	22/08/1976	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
126	03/10/1976	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	0 X 0
127	27/02/1977	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 3 X 1
128	07/08/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
129	04/09/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 2 X 0
130	20/11/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	PP 1 X 0
131	23/04/1978	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	G 2 X 1
132	05/11/1978	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	0 X 0
133	03/12/1978	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
134	02/06/1979	Estádio do Pacaembu (SP)	Campeonato Paulista (de 1978)	G 2 X 0
135	27/06/1979	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista (de 1978)	1 X 1
136	19/08/1979	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 1 X 0
137	21/10/1979	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
138	27/01/1980	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista (de 1979)	PP 2 X 1
139	30/01/1980	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista (de 1979)	PP 1 X 0
140	20/07/1980	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 3 X 0
141	05/10/1980	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
142	05/07/1981	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	0 X 0
143	01/08/1981	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
144	05/08/1981	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 3 X 2
145	27/09/1981	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
146	12/09/1982	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
147	23/11/1982	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	0 X 0
148	10/07/1983	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	PP 1 X 0
149	23/10/1983	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 1 X 0

150	02/09/1984	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 2 X 1
151	04/11/1984	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	G 3 X 1
152	09/06/1985	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 3 X 0
153	10/07/1985	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	1 X 1
154	17/07/1985	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Brasileiro	0 X 0
155	08/09/1985	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 2 X 1
156	20/04/1986	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	1 X 1
157	20/07/1986	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	1 X 1
158	03/05/1987	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	PP 2 X 0
159	28/06/1987	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 2 X 0
160	18/03/1990	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	0 X 0
161	24/01/1993	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	G 2 X 1
162	21/03/1993	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	G 1 X 0
163	05/03/1994	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	1 X 1
164	08/05/1994	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	2 X 2
165	02/04/1995	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	2 X 2
166	07/05/1995	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	2 X 2
167	26/07/1998	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	G 2 X 0
168	18/08/1999	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Brasileiro	0 X 0
169	02/11/2000	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	G 2 X 1
170	04/02/2001	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	G 2 X 1
171	21/10/2001	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Brasileiro	1 X 1[364]

XI - 2. Dérbis: fichas técnicas.

DÉRBI "Fantasma" 1
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: pouco depois da fundação do Guarani em 2 de abril de 1911.
LOCAL: Campo do São Vicente.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: Adalberto Sarmento, do Guarani.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOL: Lopes
OBS.: Esse jogo é considerado pelo autor Sérgio Rossi.

[364] Nos jornais da época, principalmente no Correio Popular e no Diário do Povo, diários de Campinas, essa partida, último dérbi até a conclusão deste trabalho, foi considerada a de número 172. Esse número certamente leva em consideração algum dos sete jogos "fantasmas" que enumerei acima. Em relação às estatísticas, há assim uma pequena diferença. Mas não há uma relação "oficial" e "verdadeira". Há a contagem pontepretana, que certamente leva em consideração os jogos "fantasmas", por esses serem favoráveis à Ponte Preta. Já os bugrinos, os desconsideram, pelos mesmos motivos. A imprensa realizou a sua própria contagem (e não descarto a possibilidade de erro dela, pois lembro que quando eu estava pesquisando em seus arquivos, eu mesmo corrigi para eles alguns dados incorretos que ambos os jornais - que pertencem à mesma empresa, a RAC, Rede Anhangüera de Comunicação - tinham). E eu, obviamente, realizei a minha contagem dos dérbis, desconsiderando todos os "dérbis fantasmas".

DÉRBI 001
Ponte Preta ? X ? Guarani
DATA: 24/03/1912.
LOCAL: Campo da Vila Industrial.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: Amparense; Bertho Aranha e ~~Rangel~~; ~~Biló,~~ Lili e Fernandes; ~~Moraes,~~ Carlos, Lopes, Dicto Aranha e Burghi.
GUARANI: Romeu; Russo e Rossi; Gonçalo, Reis e Grego; Rios, Camões, Benetti, Lilo e Bertoni.
GOLS: ?
OBS.: /

DÉRBI "Fantasma" 2
Ponte Preta 4 X 1 Guarani
DATA: 1912 (o autor Sérgio Rossi no dá a data 24/03/1912).
LOCAL: Campo do Cruzeiro.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: Amaprense; ~~Bertho Aranha e Rangel; Biló, Lili e Fernandes; Moraes,~~ Carlos, Lopes, Dicto Aranha e Burghi.
GUARANI: Romeu; Russo e Rossi; Gonçalo, Reis e Grego; Rios, Camões, Benetti, Lilo e Bertoni.
GOLS: ?
OBS.: Esse jogo é considerado pelo autor Sérgio Rossi.

DÉRBI "Fantasma" 3
Ponte Preta 3 X 1 Guarani
DATA: 1912.
LOCAL: Campo do Guanabara F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: Esse jogo é considerado pelo autor Sérgio Rossi.

DÉRBI 002
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 19/05/1912.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Campeonato Campineiro - Liga Operária de Foot-Ball de Campinas (L.O.F.C.).
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: O certame também foi chamado de Campeonato "Taça Liga Operária de Foot-ball". A Liga Operária de Foot-Ball de Campinas foi fundada no dia 21 de abril de 1912 na sede social do Corinthians F.C., na Rua Regente Feijó. Os cinco times fundadores foram Ponte Preta, Guarani, Corinthians F.C., London F.C. e o Internacional F.C.M., e logo em seguida também aderiu,

passando a ser a liderança política da liga e dando o nome para ela, o S.C. Operário. A L.O.F.C se extinguiu no mesmo ano.

DÉRBI 003
Ponte Preta ? X ? Guarani
DATA: 11/08/1912.
LOCAL: Campo do London F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato Campineiro da Liga Operária de Foot-Ball de Campinas (L.O.F.C.).
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: Embora pareça haver um consenso de que a Ponte Preta venceu a partida, o placar é desconhecido por não existirem documentos ou registros. Para o autor Sérgio Rossi o placar foi 2 a 1 para a Ponte Preta.

DÉRBI "Fantasma" 4
Ponte Preta 1 X 1 Guarani
DATA: 1913.
LOCAL: Campo do São Vicente.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: Esse jogo é considerado pelo autor Sérgio Rossi.

DÉRBI "Fantasma" 5
Ponte Preta ? X ? Guarani
DATA: 1913.
LOCAL: Campo do Cruzeiro.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: Esse jogo, que é considerado pelo autor Sérgio Rossi, apresentou, segundo ele, ou um empate ou uma vitória da Ponte Preta.

DÉRBI "Fantasma" 6
Ponte Preta ? X ? Guarani
DATA: 1913.
LOCAL: Campo do Guanabara F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?

GOLS: ?
OBS.: Esse jogo, que é considerado pelo autor Sérgio Rossi, apresentou, segundo ele, ou um empate ou uma vitória da Ponte Preta.

DÉRBI 004
Guarani 2 X 0 Ponte Preta
DATA: 23/08/1914.
LOCAL: Campo de Souzas do Arraial F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: Sr. Nagib José, do Arraial F.C. de Souzas.
GUARANI: João; Dario e Carlos; Romeu, Juca e Grecco; Fernandez, Moura, Russo, Augusto e Luigim.
PONTE PRETA: Adolphinho; Lopes e Lili; Oliveira, Mello e Burghi; Zezinho, Fernandez, Rabesco, Wadt e Amparense.
GOLS: ?
OBS.: Na preliminar, entre os 2°s Quadros ou Teams, o Guarani venceu a Ponte Preta por 3 a 1. Rosa Olympio e Saligo marcaram para o Guarani, e Marinho marcou para a Ponte Preta. Após a partida ocorreram muitas brigas entre as torcidas, o que chocou a população da época que não estava ainda familiarizada com o futebol. Este jogo é considerado um marco na rivalidade entre pontepretanos e bugrinos.

DÉRBI 005
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 24/10/1915.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Amistoso Beneficente.
ÁRBITRO: Sr. Hudtzon, de São Paulo.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOL: Fernandez.
OBS.: Na preliminar, os segundos quadros empataram em 0 a 0. O jogo foi um amistoso beneficente para o Asylo dos Inválidos.

DÉRBI 006
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 13/02/1916.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1916 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: Sr. Octavio Mello, do S.C. White Team de Campinas.
PONTE PRETA: Amparense; Wadt e Meirelles; Lili, Tonico e Fontão; Adolpho, Adriano, Fausto, Lopes e Mello.
GUARANI: Gomes; Dario e Paulino; Romeu, Juca e Grecco; Fernandez, Egydio, Carlos, Augusto e Larama.
GOLS: ?
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 0 a 0. A Associação Campineira de Foot-Ball foi fundada em 23 de dezembro de 1915 por iniciativa do Club Italiano, que comprou para premiar o campeão da cidade no ano seguinte a Taça Club Italiano. Os cinco

clubes fundadores da A.C.F. foram a Ponte Preta, Guarani, Campinas Black Team, London F.C. e o S.C. White Team. Paralelamente também se organizou a Liga Campineira de Foot-Ball, com sede própria e independente da A.C.F.. Essa Liga Campineira de Foot-Ball, que chegou a ser fundada várias vezes por iniciativas de times como o Guarani, o Americano, S.C. Operário, Espéria, etc., congregava as equipes "pequenas" da cidade, formando assim uma espécie de II Divisão de Campinas: Concórdia F.C., Vila Industrial F.C., Independência, Paulista, Americano F.C., Espéria F.C. e S.C. Operário. E ela durou apenas um ano. Os seus times entraram então para a A.C.F. já em 1917, mesmo não havendo certame nesse ano. A Associação Campineira de Foot-Ball durou até 1920, quando se realizou seu último certame da cidade.

DÉRBI 007
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 21/05/1916
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1916 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: Sr. Octavio Mello do S.C. White Team de Campinas.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: Agostinho e ?
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, a Ponte Preta venceu o Guarani por 3 a 0, gols de Henrique, Quinze e Bueno. Houve muita briga entre torcedores durante e depois da partida, que foi interrompida devido aos incidentes no segundo tempo. Esse jogo é considerado um marco do início da rivalidade entre Ponte Preta e Guarani.

DÉRBI "Fantasma" 7
Ponte Preta 0 (escanteio) X 2 (escanteios) Guarani
DATA: 1916.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Festival Esportivo do Hipódromo Campineiro.
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: / (foram dois escanteios a zero)
OBS.: Esse dérbi, apelidado de "Dérbi Relâmpago", aconteceu pelo Festival Esportivo do Hipódromo Campineiro, realizado em um único dia com partidas curtas, que na ausência de gols, foram decididas pelo número de escanteios conquistados (como o sistema do Torneio Início do Campeonato Paulista, que se iniciou em 1919). Além de Ponte Preta e Guarani, também participaram do Festival os times do S.C. White Team e o Campinas Black Team.

DÉRBI 008
Ponte Preta 1 X 1 Guarani
DATA: 20/01/1918.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1918 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: Sr. Cyrilo Cotta do S.C. White Team.
PONTE PRETA: ?

GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: /

DÉRBI 009
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 23/06/1918.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1918 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOL: ?
OBS.: /

DÉRBI 010
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 30/03/1919.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1919 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: Manoel de Freitas Pinto.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOL: Juca.
OBS.: /

DÉRBI 011
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 29/06/1919.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1919 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: ?
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: ?
OBS.: /

DÉRBI 012
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 31/08/1919.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Disputa da Taça Chauffeurs.
ÁRBITRO: Odilon Penteado.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?

GOLS: ?
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 1 a 1 e estava em jogo a disputa da Taça Carmine Alberti.

DÉRBI 013
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 13/06/1920.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro (Campeonato Municipal) de 1920 da Associação Campineira de Foot-Ball (A.C.F.).
ÁRBITRO: Manolo.
PONTE PRETA: Alípio; Pim e Gradim; Gallo, Spessano e Nenê; Lili, Bueno, Adolphinho, Pepino e Henrique.
GUARANI: Ricardo; Romano e Pinheiro; Augusto, Miguel e Nico; Tonico, Herculano, Juca, Bugre e Jordão.
GOL: Juca aos 30 minutos do 2T.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani também venceu por 1 a 0, conquistando o Bugre a Taça Carmine Alberti.

DÉRBI 014
Ponte Preta 1 X 4 Guarani
DATA: 28/11/1920.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro (Campeonato Municipal) de 1920 da Associação Campineira de Futebol (A.C.F.).
ÁRBITRO: Sr. Odilon P. do Amaral
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: Lili (contra), Romeu (2) e Zeca para o Guarani; e Pepino para a Ponte Preta.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani derrotou a Ponte Preta por 2 a 0.

DÉRBI 015
Ponte Preta 0 X 3 Guarani
DATA: 12/03/1922.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: Agnello Bastos.
PONTE PRETA: ?
GUARANI: ?
GOLS: Miguel (2) e Gersino.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, o Guarani repetiu o placar de 3 a 0 sobre a Ponte Preta.

DÉRBI 016
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 22/07/1923.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..

COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1923 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Sr. Camilo, do Paulista F.C. de Jundiaí.
GUARANI: Hugo; Joca e Tavares; Joaquim, Eduardo e Horácio; Dicto, Miguel; Mário; Zeca e Santa Cruz.
PONTE PRETA: Florian; Ruy e Mario; Nenê, Alex e Juca; Bueno, Roberto, Armando, Zeca e Biasi.
GOLS: Zequinha para o Guarani e Fefeuia (?) para a Ponte Preta.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu a peleja por 2 a 0.

DÉRBI 017
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 15/11/1923.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1923 da Associação Atlética de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Sr. Pinto Rocha, da APEA.
GUARANI: ?
PONTE PRETA: ?
GOLS: Zeca para a Ponte Preta e Alcides para o Guarani.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, a Ponte Preta venceu por 1 a 0.

DÉRBI 018
Guarani 0 X 3 Ponte Preta
DATA: 14/06/1925.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1925 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Juvenal Ricardo Ballerini, do A.A. São Bento de São Paulo.
GUARANI: ?
PONTE PRETA: Alipio; Maneco e Carneiro; Nando, Bino e Praxedes; Bueno, Zeca, Perez, Tuia e Maquininha.
GOLS: ?
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 4 a 0.

DÉRBI 019
Guarani 0 X 1 Ponte Preta
DATA: 23/08/1925.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1925 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Antonio Camera, da A.A. das Palmeiras de São Paulo.
GUARANI: Valentim; Joca e Angelino; Joaquim, Juca e Tavares; Parras, Zequinha, Lori, Puicinelli e Hugo.
PONTE PRETA: Alipio; Maneco e Carneiro; Duarte, Bino e Gradim; Bueno, Zeca, Perez, Tuia e Henrique.
GOLS: Bueno a 1' 1T.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 1.

DÉRBI 020
Guarani 3 X 1 Ponte Preta
DATA: 08/08/1926.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Taça Colúmbia.
ÁRBITRO: Edmundo Bevilacqua.
GUARANI: Luiz; Joca e Orlando; Mario, Raphael e Joaquim; Dicto, Bagatella, Aristides, Nenê e Robertinho.
PONTE PRETA: Dica; Marneco e Carneiro; Gradim, Bino e Duarte; Perez, Armando; Tuia, Hermínio e ?.
GOLS: Nenê (2) e Robertinho para o Guarani; e Carneiro (pênalti) para a Ponte Preta.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 0.

DÉRBI 021
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 07/09/1926.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1926 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: ?
GUARANI: Luiz; Joca e Orlando; Mario, Raphael e Joaquim; Dicto, Bagatella, Aristides, Nenê e Robertinho.
PONTE PRETA: Dica; Corisco e Albertino; Carneiro, Bino e Duarte; Sanches, Zeca, Armando, Tuia e Hermínio.
GOLS: Aristides para o Guarani e Armando para a Ponte Preta, ambos no 2T.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, houve empate em 2 a 2.

DÉRBI 022
Guarani 2 X 0 Ponte Preta
DATA: 14/11/1926.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso em que estava em disputa a Taça Circo Wheler.
ÁRBITRO: João da Silva.
GUARANI: Luiz; Orlando e Tavares; Mario, Raphael e Joaquim; Dicto, Bagatella, Aristides, Nenê e Robertinho.
PONTE PRETA: Dica; Corisco e De Marco; Carneiro, Bino e Praxedes; Arena, Braghetto, Armando, Tuia e Hermínio.
GOLS: Nenê e Raphael.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 6 a 2.

DÉRBI 023
Guarani 3 X 1 Ponte Preta
DATA: 23/01/1927.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior de 1927 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Américo Bertolini da APEA.

GUARANI: Luiz; Orlando e Tavares; Mario, Raphael e Joaquim; Dicto, Caniello, Tulli, Bagatella e Robertinho.
PONTE PRETA: Mussolini; Carneiro e Corisco; Carneiro II, Duarte e Durvalino; Carioca, Zeca, Armando, Tuia e Machina.
GOLS: Raphael, Caniello e Robertinho para o Guarani; e Tuia para a Ponte Preta.
OBS.: /

DÉRBI 024
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 20/11/1932
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato do Interior Série Campineira de 1932 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).
ÁRBITRO: Sr. Victório Sylvestre.
GUARANI: Ananias; Joca e Tijollo; Raphael, Odilon e Joaquim; Roberto, Nico, Coelho, Zeca e Natto.
PONTE PRETA: Christ; Carneiro e Praxedes; Peiró, Marteletti e Nerino; Sacy, Laercio, Carlito I, Alvico e Carlito II.
GOLS: Coelho (GFC) no 1T; e Sacy (AAPP) e Roberto (GFC) no 2T.
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, houve empate em 1 a 1, gols de Vermelho (AAPP) e Bianchini (GFC - de pênalti).

DÉRBI 025
Guarani 4 X 3 Ponte Preta
DATA: 24/03/1935.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso promovido pela recém fundada Liga Campineira de Futebol (L.C.F.).
ÁRBITRO: José Folker.
GUARANI: Camisola; Joca e Tijolo; Tulio, Silva e Joaquim; Aureo, Roviglio, Nelson, Gonçalves e Nato.
PONTE PRETA: Cunha; Chocolate e Tetelo; Peiró (Domingos), Carabina e Gabriel; Salgado (Barriga), Nico, Camilo, Alvico e Carlito.
GOLS: Joca (pênalti) e Gonçalves (GFC), e Camilo (AAPP), no 1T; e, Gabriel (pênalti) e Alvico (AAPP), e Gonçalves (2 - GFC), no 2T.
OBS.: /

DÉRBI 026
Ponte Preta 3 X 4 Guarani
DATA: 14/04/1935.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: Amistoso em que estava em disputa a Taça Ítalo-Brasileira.
ÁRBITRO: Antonio Sersocimo.
PONTE PRETA: Armando; Chocolate e Tetelo; Peiró, Carabina e Gabriel; Barriga, Nico, Camilo, Alvico e Carlito.
GUARANI: Bob; Tijolo e Joca; Tulio, Silva e Joaquim; Aureo, Roviglio, Gonçalves, Nelson e Nato.
GOLS: Nico (AAPP) e Nato (GFC) no 1T; e, Camilo e Barriga (AAPP), e, Gonçalves (2) e Aureo (GFC).

OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 1 a 0.

DÉRBI 027
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 24/11/1935.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1935 da Liga Campineira de Futebol (L.C.F.) - ver OBS.
ÁRBITRO: Adão Menon.
PONTE PRETA: Picini; Rodrigues e Nani; ~~Gabriel, Carabina e Gustavo~~; Pelanca, ~~Nico~~, Barriga, Alvico e Benvindo.
GUARANI: Camisola; Emanueli e Joca; Tulio, Silva e Joaquim; Chaves, Rufino, Gonçalves, Teixeira e Borin.
GOL: Nico.
OBS.: A partir desse ano até hoje, todos os campeonatos campineiros ou campeonatos amadores da cidade foram organizados pela Liga Campineira de Futebol (L.C.F.), que foi fundada em 28 de fevereiro de 1935, e que está em atividade até hoje. Foram nove clubes fundadores da nova liga: Ponte Preta, Guarani, E.C. Mogiana, Bonfim F.C., Campinas F.C., E.C. Corinthians, Guanabara F.C., Jardim F.C. e Voluntário da Pátria F.C. (que existe até hoje, participa ainda da L.C.F. e que agora se chama Pátria F.C.). A L.C.F., fundada em 1935, nada tem a ver com a Liga Campineira de Foot-Ball que existiu em 1916, e que fora uma espécie de II Divisão do futebol de Campinas e, que se organizou e se extinguiu no mesmo ano. A L.C.F. foi a terceira entidade a organizar o campeonato da cidade, as outras duas foram: Liga Operária de Foot-Ball de Campinas (L.O.F.C.) em 1912 e a Associação Campineira de Futebol (A.C.F.) de 1916 a 1920, não havendo campeonatos campineiros nos outros anos e 1917. Ponte Preta e Guarani participaram da L.C.F até 1946, pois no ano seguinte começaram a participar do Campeonato Paulista organizado pela Federação Paulista de Futebol (F.P.F.). As equipes juvenis de Ponte Preta e Guarani ainda chegaram a participar de alguns certames da L.C.F. até a década de 60.

DÉRBI 028
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 16/02/1936
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1935.
ÁRBITRO: José Maestri de São Paulo.
GUARANI: Camisola; Joca e Tijolo; Tulio, Silva e Joaquim; Margarido, Roviglio, Juvenal, Bicudo e Borim.
PONTE PRETA: Pecini; Rodrigues e Nani; Botelho, Carabina e Gustavo; Boteon, Nico, Barriga, Alvico e Benvindo. Técnico: Nico.
GOLS: /
PÚBLICO: /
OBS.: Essa foi a última partida do certame de 1935.

DÉRBI 029
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 26/04/1936.
LOCAL: Hipódromo Campineiro.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1936.

ÁRBITRO: Heitor Marcelino Domingues.
PONTE PRETA: Joel; Rodrigues e Nani; Botelho, Gabriel e Gustavo; Barriga, Nico, Begin, Alvico e Benvindo. Técnico: Nico.
GUARANI: Camisola; Joca e Tijolo; Tulio, Silva e Joaquim; Ruy, Ary, Roviglio, Bagatela e Borim.
GOLS: Begin e Alvico (AAPP), e Ruy (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, houve empate em 0 a 0. Com essa vitória, a Ponte Preta ficou de posse do bronze "Colocação".

DÉRBI 030
Guarani 2 X 5 Ponte Preta
DATA: 22/11/1936.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1936.
ÁRBITRO: Antonio Cersósimo.
GUARANI: Camisola; Tijolo e Joca; Casteluber, Silva e Tulio; Carra, Pagode, Sebastião, Zomignani e Celestino.
PONTE PRETA: Joel; Rodrigues e Tó; Botelho, Gabriel e Gustavo; João Gostoso, Nico, Barriga, Alvico e Benvindo. Técnico: Nico.
GOLS: Alvico e Barriga (AAPP), e Margarido (GFC)[365] no 1T; e, Barriga e Benvindo (2) (AAPP), e Silva (GFC) no 2T.
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, a Ponte Preta venceu por 3 a 1.

DÉRBI 031
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 04/07/1937.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Campeonato Campineiro de 1937.
ÁRBITRO: Jorge Miguel da Liga Paulista.
GUARANI: Armando; Bilé e Joca; Tulio, Odilon e Pagode; Juca Pato, Piolim, Deodovitz, Carlito e Bueno.
PONTE PRETA: Joel; Rodrigues e Tó; Botelho, Sebastião e Gustavo; Gostoso, Nico, Barriga, Alvico e Ruy. Técnico: Nico.
GOLS: Deodovitz (2) (GFC) no 1T; e, Ruy (pênalti) e Barriga (AAPP) no 2T.
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, a Ponte Preta goleou o Guarani por 4 a 0.

DÉRBI 032
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 13/03/1938.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1937.
ÁRBITRO: Antonio Sersósimo.

[365] Apesar de não constar o nome de Margarido na escalação do Guarani, ele consta em fontes. como Sérgio Rossi em "História da Associação Atlética Ponte Preta", como o marcador de um tento bugrino.

GUARANI: Pio; Célio e Joca; Silva, Pavuna e Pagode; Geraldo, Piolim, Deodowitz, Gonçalves e Ruy.
PONTE PRETA: Guidotti; Rodrigues e Emílio; Botelho, Sebastião e Gustavo; Olavinho, Chandico, Barriga, Alvico e Ruy. Técnico: Nico.
GOLS: Deodowitz (GFC) e Ruy (pênalti) (AAPP).
PÚBLICO: 2.500 pessoas.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 1 a 1.

DÉRBI 033
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 19/06/1938.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1938.
ÁRBITRO: Hummel Guimarães.
GUARANI: Pio; Betinho e Joca; Tulio, Silva e Pavuna; Margarido, Piolim, Carlito, Geraldo e Ruy.
PONTE PRETA: Guidotti; Rodrigues e Emílio; Botelho, Gabriel e Gustavo; Belém, Waldemar, Chandico, Alvico e Nardinho. Técnico: Nico.
GOLS: Waldemar (AAPP) e Carlito (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, pelos segundos quadros, houve empate em 2 a 2.

DÉRBI 034
Guarani 3 X 3 Ponte Preta
DATA: 20/11/1938.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1938.
ÁRBITRO: Aristides Galdino Toledo (Carneiro).
GUARANI: Pio; Bertinho e Joca; Tulio, Silva e Pavuna; Raghiante, Piolim, Humberto, Moreno e Geraldo.
PONTE PRETA: Guidotti (Cunha); Rodrigues e Emílio; Botelho; Begin e Gustavo; Chandico, Waldemar, Farah, Nardinho e Carlitão. Técnico: Nico.
GOLS: Farah (2) e Carlitão (AAPP), e, Geraldo (2) e Moreno (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 1.

DÉRBI 035
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 02/04/1939.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Amistoso Comemorativo ao aniversário de 28 anos do Guarani.
ÁRBITRO: Aristides Galdino (Carneiro).
GUARANI: Pio; Joca e Betinho; Garófalo, Silva e Pavuna; Fernet, Bonelli, Bibiano, Pipi e Geraldo.
PONTE PRETA: Bertinho; Rodrigues e Emílio; Lago, Carneiro e Pagode; Von Zuben, Waldemar, Roviglio, Nardinho e Alvinho. Técnico: Nico.
GOLS: Roviglio (2) (AAPP) e Bibiano (2) (GFC).
PÚBLICO: /

OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, a Ponte Preta goleou o Guarani por 4 a 1. Esse foi o primeiro dérbi disputado em 90 minutos, ou seja, dois tempos de 45 minutos e um intervalo de 15 minutos. Antes, as partidas duravam 80 minutos, ou seja, dois tempos de 40 minutos.

DÉRBI 036
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 09/07/1939.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1939.
ÁRBITRO: Pedro Martoni.
GUARANI: Pio; Joca e Betinho; Tulio, Silva e Pavuna; Fernet, Ataíde, Bibiano, Moreno e Geraldo.
PONTE PRETA: Bertinho; Rodrigues e Emílio; Dito, Carneiro e Nascimento; Von Zuben, Waldemar, Roviglio, Alvico e Nardinho. Técnico: Nico.
GOLS: Bibiano e Moreno (GFC), e, Nardinho e Roviglio (AAPP).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 0. Esse foi o primeiro dérbi transmitido ao vivo por uma emissora de rádio, no caso, foi através da antiga PRC-9 e o locutor foi Jolumá Brito. A primeira transmissão radiofônica no Brasil havia ocorrido em 7 de setembro de 1922, e foi um discurso do então presidente da república, Epitácio Pessoa. E a primeira transmissão experimental radiofônica em Campinas aconteceu no dia 22 de junho de 1930, quase dez antes desse dérbi, e foi feita pela Rádio Clube de Campinas.

DÉRBI 037
Guarani 1 X 2 Ponte Preta
DATA: 14/01/1940.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1939.
ÁRBITRO: Joaquim Martins.
GUARANI: Pio; Betinho e Joca; Gervásio, Silva e Pavuna; Piolim, Silvio, Bibiano, Moreno e Geraldo.
PONTE PRETA: Kong Vicente; Rodrigues e Emílio; Pagode; Eleutério Pomeranzi e Nascimento; Von Zuben, Alvico, Farah, De Maria e Nardinho. Técnico: Nico.
GOLS: Farah e Nardinho (AAPP); e Bibiano (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 1 a 1.

DÉRBI 038
Guarani 1 X 2 Ponte Preta
DATA: 18/08/1940.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Turno Único do Campeonato Campineiro de 1940.
ÁRBITRO: Joaquim Martins.
GUARANI: Tito; Gino e Joca; Alegretti; Silva e Pavuna; Piolim, Ninau, Santo, Moreno e Geraldo.
PONTE PRETA: Waldir; Rodrigues e Emílio; Piúna, Carretel e Pagode; Birigui, Alvico; De Maria, Nardinho e Alvinho. Técnico: Nico.
GOLS: De Maria e Gino (contra) (AAPP), e Ninau (GFC).
PÚBLICO: /

OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 1 a 1.

DÉRBI 039
Ponte Preta 3 X 0 Guarani
DATA: 06/08/1941.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1941.
ÁRBITRO: Francisco Kohn Filho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Emílio; Pagode, Carretel e Nascimento; Birigui, Waldemar, Lima, Alvico e Nardinho.
GUARANI: Tito; Perroni e Tiziani; Alegretti, Silva e Pavuna; Piolim, Stefano, Ninau, Feitiço e Ruy.
GOLS: Lima, Birigui e Alvico.
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, a Ponte Preta venceu por 1 a 0, gol de Carpino.

DÉRBI 040
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 30/11/1941.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1941.
ÁRBITRO: Francisco Kohn Filho.
GUARANI: Tito; Nenê e Tiziani; Alegretti, Silva e Pavuna; Homero, Ló, Zuza, Bibiano e Osvaldo.
PONTE PRETA: Julinho; Rodrigues e Emílio; Pagode, Hélio e Nascimento; Waldemar, Belem, Cilas, Alvico e Nardinho.
GOLS: Homero e Zuza (GFC), e Cilas (AAPP).
PÚBLICO: 3.927 pessoas.
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 3 a 1.

DÉRBI 041
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 15/05/1942.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: Fase Eliminatória do Campeonato do Interior da Federação Paulista de Futebol (FPF) - ver OBS..
ÁRBITRO: José Clemente Duarte.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Emílio; Pintinho, Camargo e Pagode; Birigui, Belem, Cilas, Gamba e Carnaça.
GUARANI: Tito; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Pavuna; Homero, Bibiano, Ninau, Zuza e Osvaldinho.
GOLS: Belem e Cilas (AAPP) e Ninau (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre segundos quadros, houve empate em 1 a 1. Em 1933 o futebol paulista é profissionalizado em São Paulo através da APEA. Em 1934 havia duas entidades que lutavam pelo comando do futebol brasileiro, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e a FBF (Federação Brasileira de Futebol). Em São Paulo, com o apoio dos times cariocas do C.R. Vasco da Gama e do Botafogo F.R., o S.C. Corinthians P. e o Palestra Itália (que em 1942 mudaria seu

nome para S.E. Palmeiras) se aliam à CBD e fundam em 10 de dezembro de 1934 a Liga Bandeirante de Futebol (LBF). Em 11 de fevereiro de 1935, a fim de abranger mais clubes e se tornar mais "estadual", a Liga Bandeirante de Futebol (LBF) passa a se chamar Liga Paulista de Futebol (LPF). Esse nome sofre duas alterações sem que se crie uma nova entidade: em 13 de agosto de 1937 passa a ser Liga de Futebol Paulista (LFP), e logo em seguida, passa a ser Liga de Futebol do Estado de São Paulo (LFESP), incorporando muitos times do estado todo. A APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos, que vinha organizando o certame paulista desde 1913 (dividindo essa organização em alguns momentos com outras entidades) começa a enfraquecer. Nos anos de 1935 e 1936, a APEA realiza suas duas últimas competições, ao mesmo tempo em que a LPF realizava os seus dois primeiros certames. Em 1938, a APEA e a FBF se extinguem. Assim, o Campeonato Paulista foi organizado pela LPF de 1935, ano de sua fundação em São Paulo e mesmo ano de criação da Liga Campineira de Futebol - LCF, a 1940. Como a LPF era a única entidade oficial do futebol em São Paulo, ela cresceu muito e em 22 de abril de 1941 mudou seu nome, tornando-o mais "universal", para Federação Paulista de Futebol (FPF). Os fundadores da FPF foram: Palestra Itália (que no ano seguinte mudou seu nome para S.E. Palmeiras), S.C. Corinthians P., São Paulo F.C., A. Portuguesa D., C.A. Juventus, Comercial F.C., C.A. Ypiranga e São Paulo Railway A.C. (que em 1946 muda seu nome para Nacional A.C.), todos de São Paulo, além de Santos F.C., A.A. Portuguesa e Jabaquara A.C. (que até 1942 chamava-se Hespanha ou Espanha F.C.), sendo esses três últimos de Santos. A FPF promoveu inicialmente, a partir de 1942 o Campeonato do Interior para a disputa dos times do interior do estado. Em 1947 criou a II Divisão e no ano seguinte a Lei do Acesso, que dava direito ao campeão da II Divisão de subir e disputar a I Divisão do futebol paulista.

DÉRBI 042
Guarani 4 X 1 Ponte Preta
DATA: 23/08/1942.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio ~~da Costa / da Mogiana~~.
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1942.
ÁRBITRO: Otavio Ayres.
GUARANI: Tito; Nenê e Tiziani; ~~Fricote, Silva e Pavuna; Bibiano~~, Marinotti, ~~Zuza, Bicudo~~ e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Emílio; ~~Botelho~~, Camargo e Nascimento; Waldemar, Belem, Cilas, Gamba e Nardinho.
GOLS: Zuza (2), Marinotti e Machadinho (GFC); e, Gamba (AAPP).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 3 a 1.

DÉRBI 043
Ponte Preta 4 X 1 Guarani
DATA: 31/01/1943.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: Pedro Martoni.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Camargo; Belem, Tulio e Nascimento; Birigui, Waldemar, Cilas, Tatias e Nardinho
GUARANI: Tatu; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Basotini; Bibiano, Marinoti, Zuza, Carioca e Machadinho.
GOLS: Tatias (2), Birigui e Cilas (AAPP), e Zuza (GFC).

PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 1.

DÉRBI 044
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 20/06/1943.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da Série de 5 Pontos da Série Confraternização Esportiva.
ÁRBITRO: Homero Nicolini da F.P.F..
GUARANI: Claudio; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Pavuna; Siqueirinha, Bibiano, Zuza, Dequinha (Bifudo) e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues (Camargo) e Lineu; Belem, Camargo (Helio) e Nascimento (Zeca); Marinho, Waldemar, Tatias, Nardinho e Armandinho.
GOLS: Armandinho (AAPP) e Machadinho (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 4 a 3.

DÉRBI 045
Guarani 4 X Ponte Preta 3
DATA: 04/07/1943.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo da Série de 5 Pontos da Série Confraternização Esportiva.
ÁRBITRO: Dino Janeiro.
GUARANI: Claudio; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Pavuna; Siqueirinha, Bibiano, Zuza, Carioca (Dequinha) e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Ruy (Lineu) e Camargo; Belem, Tulio e Nascimento; Birigui, Waldemar, Tatias (Cilas), Nardinho e Armandinho.
GOLS: Zuza (4) (GFC), e Tatias (2) e Waldemar (AAPP).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 2 a 2.

DÉRBI 046
Guarani 3 X 4 Ponte Preta
DATA: 18/07/1943.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Terceiro Jogo da Série de 5 Pontos da Série Confraternização Esportiva.
ÁRBITRO: Silvio Stuchi.
GUARANI: Odair; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Zinho (Pavuna); Siqueirinha, Bibiano (Ninau), Zuza (Dequinha), Carioca e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Carvalhinho; Belem, Helio (Camargo) e Zeca; Birigui, Waldemar, Tatias (Cilas), Nardinho e Armandinho.
GOLS: Tatias, Belem, Nardinho e Birigui (AAPP), e, Siqueirinha (2) e Zuza (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 3 a 1.

DÉRBI 047
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 29/08/1943.

LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Último Jogo do I Turno do Campeonato Campineiro de 1943.
ÁRBITRO: Nestor Soares.
GUARANI: Tito; Nenê e Couto; Fricote, Silva e Pavuna; Siqueirinha, Bibiano, Zuza, Piolim e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Lineu; Belem, Camargo e Zeca; Birigui, Waldemar, Cilas, Tatias e Nardinho.
GOLS: Cilas e Belem (AAPP), e, Siqueirinha e Zuza (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 0 a 0.

DÉRBI 048
Guarani 0 X 4 Ponte Preta
DATA: 07/09/1943.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Quarto e Último Jogo da Série de 5 Pontos da Série Confraternização Esportiva.
ÁRBITRO: Jorge Miguel.
GUARANI: Tito; Nenê e Couto; Fricote (Zinho), Silva e Pavuna; Siqueirinha (Miguel), Bibiano, Zuza (Ninau), Piolim (Batista) e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Lineu; Belem; Sabiá e Zeca; Cilas; Waldemar; Tatias, Bruninho e Nardinho.
GOLS: Cilas (2), Nardinho e Belem.
PÚBLICO: /
OBS.: Com a vitória, a Ponte Preta sagrou-se campeã da Série Confraternização Esportiva, em comemoração à conclusão da reforma do Estádio do Guarani F.C..

DÉRBI 049
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 19/12/1943.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Partida Final do II Turno do Campeonato Campineiro de 1943.
ÁRBITRO: Silio Del Débio.
GUARANI: Pelá; Nenê e Tiziani; Trevisan, Silva e Pavuna; Bibiano, Batista, Zuza, Piolim e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Rodrigues e Camargo; Belem, Albino e Nascimento; Waldemar, Bruninho, Cilas, Citrino e Nardinho.
GOLS: Machadinho (2) (GFC), e Cilas (AAPP).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar jogaram Cortume Cantúsio 2 X 1 Vila Industrial F.C..

DÉRBI 050
Guarani 1 X 2 Ponte Preta
DATA: 02/07/1944.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1944.
ÁRBITRO: João Salim.
GUARANI: Tito; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Pavuna; Alemão, Miguelzinho, Zuza, Piolim e Machadinho.

PONTE PRETA: Serafim; Lineu e Belacosa; Belem, Albino e Geraldo; Cilas, Bruninho, Tatias, Waldemar e Nardinho.
GOLS: Cilas e Waldemar (AAPP), e Pavuna (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, houve empate em 1 a 1.

DÉRBI 051
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 06/08/1944.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: II Turno do Campeonato Campineiro de 1944.
ÁRBITRO: Nestor Soares.
GUARANI: Cesarino; Nenê e Tiziani; Fricote, Silva e Pavuna; Alemão, Beresi, Jorginho, Piolim e Machadinho.
PONTE PRETA: Serafim; Lineu e Belacosa; Belm, Albino e Geraldo; Cilas, Bruninho, Tatias, Waldemar e Nardinho.
GOLS: Nardinho (AAPP) e Machadinho (GFC).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, a Ponte Preta venceu por 1 a 0, gol de Armandinho.

DÉRBI 052
Guarani 3 X 1 Ponte Preta
DATA: 01/07/1945.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Quinto e Último Jogo do I Turno do Campeonato Campineiro de 1945.
ÁRBITRO: Atílio Grimaldi da F.P.F..
GUARANI: Cesarino; Nenê e Tiziani; Rizada, Silva e Pavuna; Alemão, André, Zuza, Piolim e Bibiano.
PONTE PRETA: Serafim; Lineu e Stalingrado; Bruninho, Falco e Nascimento; Cilas, Carlinhos, Tatias, Nardinho e Armandinho. Técnico: Osvaldo Brandão.
GOLS: Alemão, Piolim e Zuza (GFC), e Cilas (AAPP).
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os segundos quadros, o Guarani venceu por 2 a 1, gols de Paulo Maia e Pioli para o Guarani, e Ercílio para a Ponte Preta.

DÉRBI 053
Ponte Preta 2 X 3 Guarani
DATA: 30/12/1945.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: Quinto e Último Jogo do II Turno do Campeonato Campineiro de 1945.
ÁRBITRO: Agnelo Leonardi da F.P.F..
PONTE PRETA: Serafim; Lineu e Stalingrado; Geraldo, Falco e Nascimento; Cilas, Bruninho, Carlinhos, Waldemar e Armandinho. Técnico: Luiz Matoso (Feitiço).
GUARANI: Renê; Ataslio e Tiziani; Felix, Silva e Vergilio; Renatinho, Lourenço, Luiz Estevam, Edgar e Bibiano.
GOLS: Waldemar e Bruninho (pênalti) (AAPP) e ? (GFC).
PÚBLICO: /

OBS.: Na preliminar, entre os aspirantes (antigo "segundos quadros"), houve empate em 1 a 1, mas o Guarani, por ter se utilizado de jogadores que não estavam inscritos, entregou os pontos, passando o jogo a ser um amistoso.

DÉRBI 054
Guarani 3 X 0 Ponte Preta
DATA: 18/08/1946.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno do Campeonato Campineiro de 1946.
ÁRBITRO: Aldo Bernardi da F.P.F..
GUARANI: Renê; Nenê e Tiziani; Mario, Silva e Pavuna; Bibiano, Zuza, Otavio, Caio e Nardinho.
PONTE PRETA: Barômetro; Alcides e Stalingrado; Belem, Nego e Nascimento; Damião, Bruninho, Lima, Edmir e Armandinho. Técnico: José Agneli.
GOLS: Otavio (2) e Zuza.
PÚBLICO: /
OBS.: Na preliminar, entre os aspirantes, o Guarani venceu também por 3 a 0. O jogo principal não terminou, sendo interrompido aos 34 minutos do segundo tempo, quando o Guarani marcou seu terceiro gol. Os pontepretanos reclamaram muito, pois segundo eles, o segundo gol já havia sido marcado de maneira irregular, também em impedimento. O autor Sérgio Rossi afirma que o gol foi "marcado em visível impedimento, como aconteceu com o segundo gol, conforme atesta a reportagem do jornal "A Defesa" do dia 20/8/46".[366] Esse dérbi ficou conhecido como o "Dérbi do Seqüestro", pois no dia seguinte alguns torcedores da Ponte Preta, inconformados com a derrota, foram a São Paulo atrás do árbitro Aldo Bernardi para acusá-lo de ter recebido suborno do Guarani. Em São Paulo, Aldo Bernardi negou. Insatisfeitos, os torcedores levaram o árbitro para a sede do clube e chamaram um delegado. Aldo Bernardi continuou negando e foi liberado...

DÉRBI 055
Guarani 2 X 3 Ponte Preta
DATA: 28/06/1947.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do I Turno do Campeonato Paulista da II Divisão de 1947 da FPF (ver OBS.).
ÁRBITRO: Arthur Cidrin da A.A.F.E.S.P..
GUARANI: Pelá; Nenê e Adriano; Silva, Jabasinho e Pavuna; Baia, Piolim, Bambuí, Caio e Nardinho.
PONTE PRETA: Serafim; Alcides e Stalingrado; Nego, Rodrigues e Oscar; Damião, Bruninho, Cacique, Gaiola e Armandinho. Técnico: José Agnelli.
GOLS: Baia e Piolim (GFC), e, Gaiola (2) e Armandinho (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 46.508,00.
OBS.: A renda ou arrecadação de Cr$ 46.508,00, recorde em jogos de campeonato no interior, pertenceu ao Guarani por ser dele o mando do jogo. Era a primeira vez que isso acontecia no futebol campineiro. Na preliminar, em partida de amadores, o Guarani venceu o Fluminense por 3 a 1. A partir desse jogo, Ponte Preta e Guarani passaram a disputar o Campeonato Paulista

[366] ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta - Volume II - 1935 a 1955*.R. Vieira Gráfica, Campinas, SP, 1994, pp. 219.

organizado pela Federação Paulista de Futebol (F.P.F.), inicialmente na II Divisão - sendo esse ano de 1947 o primeiro ano de disputa - e posteriormente na I Divisão.

DÉRBI 056
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 05/10/1947.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo do II Turno do Campeonato Paulista da II Divisão de 1947.
ÁRBITRO: Agnelo Leonardi da F.P.F. (ver OBS.).
PONTE PRETA: Fia; Alcides e Stalingrado; Nego, Gaspar e Rodrigues; Damião, Bruninho, Gaiola, Edmir e Armandinho. Técnico: José Agnelli.
GUARANI: Sabiá; Tiziani e Adriano; Silva, Mario e Pavuna; Renatinho, Miro, Otavio, Piolim e Ernestinho.
GOL: Edmir
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 46.597,00
OBS.: A renda de Cr$ 46.597,00 foi recorde. Os árbitros que apitavam os jogos do certame estadual, organizado pela FPF, passaram a ser a partir daí enviados pela própria entidade.

DÉRBI 057
Ponte Preta 2 X 5 Guarani
DATA: 28/04/1948.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: I Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1948).
ÁRBITRO: Luiz Botini da F.P.F..
PONTE PRETA: Fia; Alcides e Stalingrado; Nego, Gaspar e Rodrigues; Damião, Bruninho, Pedrinho, Cacique e Armandinho. Técnico: Nico.
GUARANI: Bizarro; Landinho e Grita; Godê, Luiz de Almeida e Zico; Alemão, Piolim, Zuza, Xavier e Dico.
GOLS: Bruninho (2) (AAPP) no 1T; e, Zuza (2), Alemão (2) e Piolim (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 40.875,00.
OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado à noite, com iluminação artificial. O jogo também entrou para a história por ser uma das mais incríveis e folclóricas viradas. A Ponte Preta venceu o primeiro tempo por 2 a 0. Parecia que para a etapa final, o time alvinegro aumentaria o placar. No intervalo, o então presidente do Guarani, Dr. Romeu Tortima, ameaçou surrar seus jogadores com seu cinto, pois dizia que estava faltando "vergonha na cara" aos seus "comandados". O time entendeu o recado e voltou para o segundo tempo, virando o jogo e goleando o tradicional rival. A histórica goleada e virada resultou na demissão do técnico pontepretano José Agnelli, demitido pelo então envergonhado presidente da Ponte Preta, Ayrton José do Couto.

DÉRBI 058
Guarani 4 X 3 Ponte Preta
DATA: 11/07/1948.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno (Série Preta) do Campeonato Paulista da II Divisão de 1948.
ÁRBITRO: Querubim da Silva Torres.

GUARANI: Arlindo; Grita e Vadão; Godê, Luiz de Almeida e Zico; Alemão, Piolim, Zuza, Renatinho e Xavier.
PONTE PRETA: Fia; Alcides e Stalingrado; Nego, Gaspar e Rodrigues; Damião, Bruninho, Gaiola, Vicente e Oliveira. Técnico: Isaac H. Goldenberg.
GOLS: Zuza (2), Alemão e Renatinho (GFC); e, Damião, Bruninho e Vicente (AAPP).
PÚBLICO: 3.946 pessoas.
RENDA: Cr$ 61.532,00.
OBS.: /

DÉRBI 059
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 26/09/1948.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quinto Jogo do II Turno (Série Preta) do Campeonato Paulista da II Divisão de 1948.
ÁRBITRO: Pedro Anunciato Ricci (F.P.F.).
PONTE PRETA: Fia; Bruninho e Alcides; NegoII, Pitico e Rodrigues; Damião, Vicente, Cacique, Armandinho e Oliveira. Técnico: Zezé Procópio (jogador do S.E. Palmeiras).
GUARANI: Arlindo; Landinho e Grita; Godê, Luiz de Almeida e Alcides; Alemão, Piolim, Zuza, Renatinho e Xavier.
GOL: Zuza.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 84.350,00.
OBS.: A renda foi um recorde em jogos da II Divisão. Na preliminar, entre os aspirantes, a Ponte Preta goleou o Rhodia por 6 a 0. Esse foi o primeiro dérbi disputado no Estádio Moisés Lucarelli, o "Majestoso". O primeiro jogo no estádio aconteceu no dia 12 de setembro de 1948, em partida pelo Campeonato Paulista da II Divisão também. Nesse dia, a Ponte Preta perdeu por 3 a 0 para o E.C. XV de Novembro de Piracicaba. Segundo os bugrinos, que precisavam de uma vitória da Ponte Preta, pois disputavam a liderança com o time de Piracicaba, os pontepretanos entregaram o jogo, inclusive perdendo dois pênaltis, através de Gaspar e Gaiola. É um jogo lendário e considerado um marco da rivalidade entre as equipes campineiras, e que marcou também a despedida do goleiro Serafim da Ponte Preta, que atuou no time por muitos anos.

DÉRBI 060
Ponte Preta 3 X 2 Guarani
DATA: 07/04/1949.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: II Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1949).
ÁRBITRO: Vicente de Paula da F.P.F..
PONTE PRETA: Jura; Bruninho e Alcides; Nego II, Pitico e Rodrigues; Reis, Edgar, Pedrinho, Careca e Armandinho. Técnico: Zezé Procópio.
GUARANI: Arlindo; Landinho e Grita; Herbert, Luiz de Almeida e Alcides; Zuza, Bode, Dirceu, Renatinho e Vilalba.
GOLS: Careca (2) e Reis (AAPP), e Bode (2) (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 62.115,00.

OBS.: Jogo noturno. Com a vitória, a Ponte Preta sagrou-se, invicta, campeã da Taça Cidade de Campinas, disputada entre Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana. Na preliminar, entre os aspirantes, o Guarani derrotou o E.C. Mogiana por 2 a 0, na disputa da Taça Gazeta de S. Paulo.

DÉRBI 061
Guarani 2 X 0 Ponte Preta
DATA: 10/07/1949.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: I Turno (Série Vermelha) do Campeonato Paulista da II Divisão de 1949.
ÁRBITRO: Mr. Wilfred Lee.
GUARANI: Arlindo; Orestes e Grita; Godê, Luiz Almeida e Alcides; Amado, Piolim, Zico, Chiquinho e Dirceu.
PONTE PRETA: Jura; Bruninho e Alcides; Nego II, Pitico e Rodrigues; Reis, Edson, Pedrinho, Careca e Armandinho. Técnico: Zezé Procópio.
GOLS: Dirceu (2, ambos de pênalti).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 55.390,00.
OBS.: /

DÉRBI 062
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 09/10/1949.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: II Turno (Série Vermelha) do Campeonato Paulista da II Divisão de 1949.
ÁRBITRO: Mr. Sunderland.
PONTE PRETA: Fia; Bruninho e Alcides; Nego II, Gaspar e Rodrigues; Armandinho, Edgar, Servílio, Careca e Sabará. Técnico: Zezé Procópio.
GUARANI: Arlindo; Orestes e Grita; Godê, Luiz Almeida e Alcides; Amado, Piolim, China, Chiquinho e Zico.
GOL: China.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 123.630,00.
OBS.: A renda foi recorde em jogos no interior do estado.

DÉRBI 063
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 11/05/1950.
LOCAL: Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do III Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1950).
ÁRBITRO: Mario Gardelli da F.P.F..
PONTE PRETA: Ducho; Bruninho e Maioral; Nego I, Renato e Rodrigues; Dino, Lelé, Servílio, Sabará e Oliveira. Técnico: Pelegrino Beluomini.
GUARANI: Arlindo; Orestes e Nenê; Benjamin, Luiz de Almeida e Alcides; Dorival, China, Bota, Piolim e Dema.
GOLS: Bota e China.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 94.006,00.

OBS.: Jogo noturno. Na preliminar, entre os aspirantes e pela disputa da Taça Gazeta de S. Paulo, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 1, gols de Damião (2) (AAPP) e Amado (GFC).

DÉRBI 064
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 08/06/1950.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Terceiro jogo do III Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1950).
ÁRBITRO: Cirano Parreira Andrade da F.P.F..
PONTE PRETA: Fia; Pelado e Stalingrado; Bruninho, Renato e Manduco; Garrido, Lelé, Servílio, Sabará e Dorival. Técnico: Pelegrino Beluomini.
GUARANI: Arlindo; Orestes e Nenê; Godê, Luiz de Almeida e Alcides; Bota, Renato, China, Dema e Dorival.
GOL: Servílio.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 83.700,00.
OBS.: A partida marcou a estréia de Manduco. Na preliminar, entre os aspirantes, a Ponte Preta venceu o Guarani por 5 a 3, pela disputa da Taça Gazeta de S. Paulo.

DÉRBI 065
Guarani 4 X 3 Ponte Preta
DATA: 29/06/1950.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Decisão do III Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1950).
ÁRBITRO: Amaral Sobrinho.
GUARANI: Arlindo; Orestes e Grita; Benjamin, Luiz de Almeida e Alcides; Dorival, Chiquinho, China, Renato e Ismar.
PONTE PRETA: Fia; Pelado e Stalingrado; Bruninho, Renato e Manduco; Garrido, Lelé, Servílio, Sabará e Oliveira. Técnico: Pelegrino Beluomini.
GOLS: Servílio (2) e Oliveira (AAPP), e, China (2), Renato e Ismar (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 69.124,00.
OBS.: Com a vitória, o Guarani ficou de posse da Taça Cidade de Campinas. E a Ponte Preta, após vencer seus jogos contra Guarani e E.C. Mogiana entre os aspirantes, ficou de da Taça Gazeta de S. Paulo.

DÉRBI 066
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 04/03/1951.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do IV Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1951).
ÁRBITRO: Ernesto Alves Machado da F.P.F..
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Salvador; Inglês, Pitico e Rodrigues; Noronha, Lelé, Isaldo, Moacir e Oliveira. Técnico: José Agnelli.
GUARANI: Arlindo; Herbert e Edmundo; Geraldo, Santo Antonio e Aedo; Dorival, Chuna, Bota, Piolim e Perruche.
GOL: Isaldo.
PÚBLICO: /

RENDA: Cr$ 124.705,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, Ponte Preta e Guarani empataram em 1 a 1, gols de Tufi (AAPP) e Portinho (GFC), pelo segundo jogo da disputa pela Taça Gazeta Esportiva.

DÉRBI 067
Guarani 0 X 1 Ponte Preta
DATA: 22/04/1951.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Quarto e Último jogo do IV Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1951).
ÁRBITRO: Antonio Muzitano da F.P.F..
GUARANI: Dirceu; Herbert e Edmundo; Geraldo, Santo Antonio e Alcides; Dorival, Bota, China, Piolim e Ismar.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Salvador; Inglês, Pitico e Rodrigues; Isabelino, Lelé, Isaldo, Moacir e Agostinho. Técnico: José Agnelli.
GOL: Isaldo.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 106.980,00.
OBS.: Com a vitória, a Ponte Preta sagrou-se campeã do IV Torneio Taça Cidade de Campinas, obtendo 4 vitórias em 4 jogos. Na preliminar, entre os juvenis, Guarani e Ponte Preta empataram em 1 a 1.

DÉRBI 068
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 12/08/1951.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1951.
ÁRBITRO: Gunnar Bjork (sueco).
GUARANI: Dirceu; Herbert e Turcão; Alcides, Santo Antonio e Gamba; Bota, China, Romeu, Harry e Maurinho.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Salvador; Manuelito, Raul Dias e Inglês; Isabelino, Lelé, Isaldo, Moacir e Rovério. Técnico: José Agnelli.
GOLS: China e Harry (GFC), e Moacir (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 130.800,00.
OBS.: O goleiro pontepretano Ciasca sentiu-se mal após perder o equilíbrio em uma defesa, saindo de campo aos 33 minutos do 1T. Rovério foi para o gol e permaneceu até os dez primeiros minutos da etapa complementar, quando Ciasca, recuperado, voltou a campo. Na preliminar, entre os juvenis, o Guarani empatou em 3 a 3 com o Lápis Dois Martelos.

DÉRBI 069
Ponte Preta 2 X 2 Guarani
DATA: 02/12/1951.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1951.
ÁRBITRO: José de Moura Leite.
PONTE PRETA: Nenem; Bruninho e Salvador; Manuelito, Raul Dias e Inglês; Isabelino, Lelé, Isaldo, Moacir e Sabará. Técnico: Carpino.

GUARANI: Dirceu; Amaro e Edmundo; Godê, Santo Antonio e Gamba; Dido, Augusto, Romeu, Piolim e Maurinho.
GOLS: Romeu e Maurinho (GFC), e, Isaldo e Sabará (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 111.450,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, a Ponte Preta goleou o Ararense por 7 a 1, gols de Paulo (3), Marinho (2), Lambari e Neal (AAPP), e Denda (Ararense).

DÉRBI 070
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 06/04/1952.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: V Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1952).
ÁRBITRO: Mario Gardelli da F.P.F..
GUARANI: Dirceu; Nenê e Doutor; Godê, Fernando e Gamba; Dido, Augusto, Romeu, China e Helio.
PONTE PRETA: Nenem; Bruninho e Stalingrado (Salvador); Manuelito, Pitico e Inglês (Rodrigues); Isabelino, Lanzoninho, Lauro, Lelé e Sabará (Rovério). Técnico: Dél Debio.
GOLS: Romeu e Augusto (GFC), e Manuelito (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 85.750,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, Guarani e Ponte Preta empataram em 1 a 1, gols de Portinho (GFC) e Pampa (AAPP).

DÉRBI 071
Ponte Preta 4 X 2 Guarani
DATA: 18/05/1952.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: V Torneio Taça Cidade de Campinas (de 1952).
ÁRBITRO: José de Paula da F.P.F..
PONTE PRETA: Ciasca; Derem e Salvador (Stalingrado); Manuelito, Raul Dias e Rodrigues; Lanzoninho, Atis, Isaldo (Bruninho), Lauro e Sabará. Técnico: Del Débio.
GUARANI: Dirceu; Doutor e Nenê; Godê, Garro e Gamba; Dido, Augusto, China, Romeu e Helio.
GOLS: Lauro (2), Isaldo e Sabará (AAPP), e, Augusto e China (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 87.380,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, a Ponte Preta venceu o Guarani por 1 a 0, gol de Paulinho. Apesar da derrota, o Guarani sagrou-se campeão do V Torneio Taça Cidade de Campinas.

DÉRBI 072
Ponte Preta 4X 0 Guarani
DATA: 06/07/1952.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Torneio Triangular Taça Gazeta Esportiva.
ÁRBITRO: José de Moura Leite (F.P.F.).
PONTE PRETA: Ciasca; Derem e Salvador; Manuelito, Raul Dias e Rodrigues; Lanzoninho (Isabelino), Atis, Lauro, Bruninho e Sabará. Técnico: Del Débio.

GUARANI: Paulo; Saltore e Palante; Godê, Clovis e Gamba; Dido, Augusto, Romeu, Piolim e Helio (China).
GOLS: Atis (3) e Sabará.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 123.415,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, a Ponte Preta venceu o Bonfim F.C. por 2 a 0. Com a vitória, a Ponte Preta, que já vencerá o Bangu A.C. (RJ) no dia 29 de junho por 2 a 1, sagrou-se campeã do torneio. Esse dérbi decidiu a competição, já que o Guarani também derrotou o Bangu A.C. (RJ) por 3 a 1.

DÉRBI 073
Ponte Preta 3 X 4 Guarani
DATA: 05/10/1952.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Sétimo Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1952.
ÁRBITRO: Jorge Miguel.
PONTE PRETA: Ciasca; Derem e Salvador; Manuelito, Raul Dias e Rodrigues; Lanzoninho, Sabará, Isaldo, Bruninho e Rovério. Técnico: Del Débio.
GUARANI: Paulo; Nenê e Palante; Godê, Manduco e Gamba; Augusto, China, Romeu, Piolim e Dido.
GOLS: Dido (2), Piolim e China (GFC), e, Isaldo (2) e Rodrigues (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 103.245,00.
OBS.: Na preliminar, entre os amadores, a Ponte Preta venceu o E.C. Mogiana por 2 a 1.

DÉRBI 074
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 25/01/1953.
LOCAL: Estádio do Guarani F.C..
COMPETIÇÃO: 14° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1952.
ÁRBITRO: Jorge Miguel.
GUARANI: Dirceu; Herbert e Palante; Nilo, Manduco e Clovis; Nono, Dido, Romeu, Piolim e Helio.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Stalingrado; Manuelito, Pitico e Rodrigues; Lanzoninho, Lauro, Isaldo, Naninho e Jansen. Técnico: Felix Magno.
GOLS: Manduco e Nilo (pênalti) (GFC) e Lanzoninho e Isaldo (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 81.245,00.
OBS.: Na preliminar, entre os veteranos, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 0.

DÉRBI 075
Ponte Preta 2 X 5 Guarani
DATA: 29/03/1953.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Rodada Dupla do Torneio Quadrangular Campinas-Rio.
ÁRBITRO: Jorge Miguel da F.P.F..
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Stalingrado; Pitico, Lola e Rodrigues; Noca, Arlindo, Atis, Zezinho e Airton. Técnico: Felix Magno.

GUARANI: Paulo; Herbert e Palante; Manduco, Clovis e Saraiva; Dido, Nonô, Romeu, Piolim e Helio.
GOLS: Dido (2), Nonô, Romeu e Piolim (GFC), e, Lola e Zezinho (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 67.225,00.
OBS.: Na preliminar, o São Cristóvão A.C. (RJ) derrotou o América F.C. (RJ) por 2 a 1. O São Cristóvão A.C., após três jogos e três vitórias (4 a 0 no Guarani e 1 a 0 na Ponte Preta), sagrou-se campeão do Torneio Quadrangular Campinas-Rio. Nos outros jogos do certame: Ponte Preta 2 X 1 América F.C. e Guarani 2 X 0 América F.C..

DÉRBI 076
Guarani 0 X 3 Ponte Preta
DATA: 07/06/1953.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Torneio Taça Cidade de Campinas e Final dos Festejos de Inauguração do Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
ÁRBITRO: João Etzel (F.P.F.).
GUARANI: Paulo; Herbert e Palante; Waldir (Nilo), James e Saraiva; Dido, Nonô, Augusto (Romeu), Renato (Piolim) e Araraquara.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Waldir; Pitico; Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Gatão (Lauro), Nininho, Bibe (Arlindo) e Jansen (Boquita). Técnico: Felix magno.
GOLS: Nininho, Pitico (pênalti) e Noca.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 164.020,00.
OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado no Estádio Brinco de Ouro da Princesa. Com a vitória, a Ponte Preta ficou de posse da Taça Porfírio Alfaiate. Na preliminar, entre os amadores, o Guarani venceu a Seleção dos Bancários por 3 a 1.

DÉRBI 077
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 21/06/1953.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Torneio Taça Cidade de Campinas.
ÁRBITRO: Amleto Richiareli da F.P.F..
GUARANI: Dirceu; Herbert e Palante; James, Clovis e Saraiva; Dido, Nonô, Romeu Piolim e Araraquara.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Waldir; Pitico (Lola), Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Nininho, Bibe (Nobile) e Jansen. Técnico: Felix Magno.
GOLS: Dido (GFC) e Nininho (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 96.340,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 0.

DÉRBI 078
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 13/09/1953
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Décimo Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1953.

ÁRBITRO: Pedro Calil.
GUARANI: Dirceu; Waldir e Manduco; Jates, Clovis e Saraiva; Dido, Nonô, Romeu, Renato e Ismar.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Waldir; Pitico, Carlito Roberto e Lola; Friaça, Gatão, Nininho, Bibe e Jansen. Técnico: Nico.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 74.590,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, o Guarani venceu o D. Bosco por 4 a 1.

DÉRBI 079
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 31/01/1954.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1953.
ÁRBITRO: João Etzel.
PONTE PRETA: Ciasca; Bruninho e Waldir; Pitico, Carlito Roberto e Lola; Noca, Arlindo, Nininho, Bibe e Carlinhos.
GUARANI: Dirceu; Waldir e Palante; James, Clovis e Saraiva; Dido, Renato, Romeu, Piolim e Ismar.
GOL: Renato.
PÚBLICO:
RENDA: Cr$ 101.300,00.
OBS.: Na preliminar, entre os veteranos, Ponte Preta e Guarani empataram em 1 a 1.

DÉRBI 080
Guarani 0 X 4 Ponte Preta
DATA: 22/08/1954.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1954.
ÁRBITRO: Pedro Calil.
GUARANI: Paulo; Herbert e Manduco; James, Clovis e Saraiva; Dido, Renato, Augusto, Piolim e Ismar. Técnico: Conrado Ross.
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Waldir; Lola, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Baltazar, Nininho, Bibe e Jansen. Técnico: Moacyr de Moraes.
GOLS: Nininho (2), Baltazar e Noca.
EXPULSÃO: Lola (por jogo violento) aos 22'2T.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 127.480,00.
OBS.: Noca, descontente com a expulsão de Lola, em represália e com ironia, chegou a sentar na bola.

DÉRBI 081
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 13/02/1955
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 13° e Último Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1954.
ÁRBITRO: João Etzel Filho.

PONTE PRETA: Andu; Derem e Waldir; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Baltazar, Nininho, Bibe e Jansen. Técnico: Moacyr de Moraes.
GUARANI: Paulo; Dalmo e Palante; James, Clovis e Henrique; Dido, Fifi, Romeu, Piolim e Ismar. Técnico: Adi Zakia.
GOL: Bibe.
PÚBLICO: 6.989 pessoas.
RENDA: Cr$ 100.860,00.
OBS.: A Ponte Preta, que ficou com a sexta posição e sexta melhor renda do certame, também obteve o recorde de renda em Campinas, em partida contra o S.C. Corinthians P..

DÉRBI 082
Guarani 5 X 1 Ponte Preta
DATA: 28/08/1955.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1955.
ÁRBITRO: Pedro Calil.
GUARANI: Paulo; Valdir e Palante; Piolim, Dalmo e Henrique; Dido, Augusto, Cesar, Vilalobos e Velasques.
PONTE PRETA: Darci; Derem e Lindóia; Pitico, Riberto e Carlinhos; Noca, Baltazar, Nininho, Bibe e Friaça. Técnico: Moacyr de Moraes.
GOLS: Vasques (2), Augusto (2) e Cesar (GFC), e Nininho (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 94.805,00.
OBS.: /

DÉRBI 083
Ponte Preta 2 X 0 Guarani
DATA: 11/12/1955.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Nono Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1955.
ÁRBITRO: Martim di Fierro.
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Nininho, Baltazar, Bibe e Friaça. Técnico: Jim Lopes.
GUARANI: Paulo; Valdir e Palante; James, Dalmo e Henrique; Fifi, Augusto, Cesar, Vilalobos e Ismar.
GOLS: Noca e Baltazar.
EXPULSÃO: Noca (por desacatar o árbitro) no 2T.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 127.980,00.
OBS.: /

DÉRBI 084
Guarani 4 X 3 Ponte Preta
DATA: 18/03/1956.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Série Melhor de Três.
ÁRBITRO: Manoel Miró da F.P.F.

GUARANI: Nicanor; Waldir e Dalmo; James, Joe e Henrique; Portinho, Augusto, Benê (Cesar), Vilalobos e Vasques (Ismar). Técnico: Aristides Pedro da Silva (V8).
PONTE PRETA: Ciasca (Andu); Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca (Nininho), Nonô, Baltazar, Bibe e Friaça. Técnico: Nico.
GOLS: Augusto (3) e Benê (GFC), e, Nonô, Baltazar e Bibe (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 45.956,00.
OBS.: /

DÉRBI 085
Ponte Preta 3 X 1 Guarani
DATA: 25/03/1956.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Série Melhor de Três.
ÁRBITRO: Paulo Simões da F.P.F..
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Lindoia; Noca (Paulinho), Nonô, Baltazar, Bibe e Friaça. Técnico: Nico.
GUARANI: Paulo; Waldir e Dalmo; James, Joe e Henrique; Fifi, Augusto, Benê, Vilalobos e Vasques (Ismar). Treinador: Aristides Pedro da Silva (V8).
GOLS: Baltazar (2) e Noca (AAPP), e Ismar (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 56.587,50.
OBS.: /

DÉRBI 086
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 20/05/1956.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Final da Série Melhor de Três.
ÁRBITRO: Pedro Calil da F.P.F..
GUARANI: Paulo; Dalmo e Palante; Nelson Faria, James e Henrique; Fifi, Augusto, Benê, Vilalobos e Ismar. Técnico: Filpo Nunes.
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Lindoia; Noca, Nininho (Paulinho), Baltazar, Bibe e Nonô. Técnico: Gilson Silva.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 58.975,00.
OBS.: A Série Melhor de Três terminou empatada, com cada equipe vencendo uma vez, além desse empate, totalizando cada time três pontos. Na preliminar, entre os juvenis, o Guarani venceu a Ponte Preta por 2 a 1, em partida válida pela final do Torneio Início do Campeonato Campineiro da Liga Campineira de Futebol.

DÉRBI 087
Ponte Preta 1 X 2 Guarani
DATA: 12/08/1956.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Nono Jogo da Fase de Classificação do Campeonato Paulista de 1956.
ÁRBITRO: Harry Davis.

PONTE PRETA: Andu; Derem e Pirani; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Ayrton, Baltazar, Bibe e Adamastor. Técnico: Gilson Silva.
GUARANI: Paulo; Waldir I e Waldir II; James, Dalmo e Henrique; Vilalobos, Augusto, Cesar, Elson e Fifi. Técnico: Filpo Nunes.
GOLS: Vilalobos (pênalti) e Cesar (GFC), e Ayrton (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 210.518,00.
OBS.: /

DÉRBI 088
Guarani 3 X 1 Ponte Preta
DATA: 09/12/1956.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Sétimo Jogo Da Série Branca do I Turno do Campeonato Paulista de 1956.
ÁRBITRO: Mario Nogueira.
GUARANI: Ademar; Dalmo e Waldir II; Joe, Waldir L e Henrique; Vilalobos, Cesar, Nito, Edgarzinho e Vasques. Técnico: João Lima.
PONTE PRETA: Sidney; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Lindoia; Adamastor, Ayrton, Paulinho, Bibe e Baltazar. Técnico: Nico.
GOLS: Nito (2) e Vilalobos (GFC), e Ayrton (pênalti) (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 88.565,00.
OBS.: /

DÉRBI 089
Ponte Preta 4 X 1 Guarani
DATA: 13/01/1957.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Terceiro Jogo da Série Branca do II Turno do Campeonato Paulista de 1956.
ÁRBITRO: Catão Montez Júnior.
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Pirani; ~~Pitico,~~ ~~Carlito~~ Roberto e ~~Carlinhos;~~ ~~Eno,~~ Gilson, Paulinho, Bibe e Baltazar. Técnico: Nylton Cardoso.
GUARANI: Ademar; Dalmo e Waldir II; Joe, Nelson faria e Waldir I; Vilalobos, Cesar, Nito, Edgarzinho e Ferrari.
GOLS: Gilson, Paulinho, Bibe e Eno (AAPP), e Vilalobos (pênalti) (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 86.060,00.
OBS.: Nylton Cardoso era filho do técnico Gentil Cardoso, que treinaria a Ponte Preta em 1960. Nesse ano, Gentil Cardoso dispensaria o jogador Pitico. A mãe de Pitico ficou muito irritada e magoada com a atitude do técnico e, como vingança, rogou "praga" na Ponte Preta, enterrando em seu campo um sapo. Como a Ponte Preta, nesse ano caiu para a II Divisão do Campeonato Paulista e por lá ficou dez anos, a imprensa em Campinas, principalmente com Ferdinando Panattoni, que criou a lenda do "sapo", se aproveitou do ocorrido para explorar como notícia e dizer que a Ponte Preta caíra e permanecera nove anos na II Divisão devido à praga rogada pela mãe de Pitico, da família Alves.

DÉRBI 090
Ponte Preta 1 X1 Guarani

DATA: 15/05/1957.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Taça Banco Segurança.
ÁRBITRO: Norberto R. de Palma da F.P.F..
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Noca, Ayrton, Paulinho, Bibe e Adamastor. Técnico: José Agnelli.
GUARANI: Nicanor; Waldir I e Salvio; Dalmo, Joe e Bené; Friaça, Fifi, Vilalobos, Benê e Jansen.
GOLS: Bibe (AAPP) e Vilalobos (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 62.680,00.
OBS.: /

DÉRBI 091
Guarani 3 X 0 Ponte Preta
DATA: 19/05/1957.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Taça Banco Segurança.
ÁRBITRO: Mario Nogueira da F.P.F..
GUARANI: Nicanor; Waldir e Salvio; Dalmo, Joe e Bené; Friaça, Fifi, Vilalobos, Benê e Jansen.
PONTE PRETA: Andu; Bruninho e Derem; Esnel, Pitico e Carlinhos; Noca, Ayrton, Oscarlina, Bibe e Adamastor (Paulinho). Técnico: José Agnelli.
GOLS: Friaça (2) e Benê.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 61.470,00.
OBS.: /

DÉRBI 092
Guarani 1 X 2 Ponte Preta
DATA: 11/08/1957.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Décimo Jogo do Torneio de Classificação do Campeonato Paulista de 1957.
ÁRBITRO: Catão Montez Júnior.
GUARANI: Nicanor; Gonçalves e Bené; Dalmo, Joe e Bassu; Friaça, Fifi, Vilalobos, Benê e Jansen.
PONTE PRETA: Fernandes; Bruninho e Pirani; Esnel, Carlito Roberto e Vilela; Paulinho, Ayrton, Nininho, Bibe e Noca. Técnico: José Agnelli.
GOLS: Noca (gol olímpico) e Nininho (AAPP), e Jansen (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 200.910,00.
OBS.: /

DÉRBI 093
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 08/03/1958.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade - Taça Banco Segurança.
ÁRBITRO: Elias Assad Simão da F.P.F..

GUARANI: Nicanor; Waldir e Cinzeiro; Nélio, Pacheco e Bassu; Vilalobos, Fifi, Friaça, Benê e Jansen.
PONTE PRETA: Waldir; Derem e Pirani; Wilse, Pitico e Carlinhos; Nelsinho, Ayrton, Washington (Paulinho), Bibe e Colombo. Técnico: Jim Lopes.
GOLS: Cinzeiro (contra) e Paulinho (AAPP), e, Friaça e Fifi (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 129.240,00.
OBS.: A Taça Amizade, oferta do Banco Segurança ficou de posse do Guarani, depois de dois empates e uma vitória bugrina.

DÉRBI 094
Guarani 1 X 4 Ponte Preta
DATA: 10/08/1958.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 12° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1958.
ÁRBITRO: João Etzel Filho.
GUARANI: Nicanor; Waldir e Bené; Benê, Gonçalves e Bassu; Geraldo, Fifi, Friaça, Vilalobos e Boquita. Técnico: Airton Moreira.
PONTE PRETA: Nino; Bruninho e Derem; Wilse, Pitico e Vilela; Eno, Ayrton, Paulinho, Bibe e Nelsinho. Técnico: Luizinho.
GOLS: Nelsinho (2), Ayrton e Paulinho (AAPP), e Vilalobos (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 215.410,00.
OBS.: /

DÉRBI 095
Ponte Preta 2 X 2 Guarani
DATA: 07/12/1958.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 16° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1958.
ÁRBITRO: Juan Lorenzo Castaldi.
PONTE PRETA: Nino; Derem e Waldir; Wilse, Pitico e Vilela; Nelsinho, Ayrton, Paulinho, Bibe e Adamastor. Técnico: Nico.
GUARANI: Valter; Waldir e Bidon; Antonio Rosa, Gonçalves e Bené; Friaça, Fifi, Vilalobos, Benê e Boquita.
GOLS: Ayrton e Nelsinho (AAPP), e, Fifi e Friaça (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 136.300,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis, a Ponte Preta venceu o Primavera por 1 a 0.

DÉRBI 096
Guarani 3 X 2 Ponte Preta
DATA: 03/02/1959.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade.
ÁRBITRO: Abílio Ramos (F.P.F.).
GUARANI: Walter; Salvio e Bidon; Antonio Rosa, Valdir e Bené; Ferrari, Fifi, Vilalobos (Aramis), Benê e Friaça.

PONTE PRETA: Ciasca; Vani e Derem; Wilse, Pitico e Carlinhos; Eno (Nelsinho), Paulinho, Celio (Ayrton), Bibe e Adamastor. Técnico: Luizinho.
GOLS: Fifi (2) e Ferrari (GFC), e, Celio e Paulinho (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 65.600,00.
OBS.: /

DÉRBI 097
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 29/03/1959.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Taça Amizade.
ÁRBITRO: Fatore Euclides Rosa (F.P.F.).
PONTE PRETA: Nino; Vani e Derem; Wilse, Pitico e Carlinhos; Cesar, Sandoval (Antoninho), Paulinho, Bibe e Silvio. Técnico: Nico.
GUARANI: Walter; Lopes e Bidon; Beluomini, Bade e Benê; Portinho, Fifi, Paulo, Vilalobos e Goiano.
GOLS: Paulinho e Antoninho (AAPP), e Fifi (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 87.480,00.
OBS.: /

DÉRBI 098
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 31/05/1959.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1959.
ÁRBITRO: Francisco Moreno.
GUARANI: Nicanor; Beluomini e Bidon; Valdir, Eraldo e Piracicaba; Paulo Leão, Fifi, Rodrigo, Leal e Goiano; Técnico: Begliomini.
PONTE PRETA: Nino; Derem e Pirani; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Nivaldo, Paulinho, Celio, Lori e Antoninho. Técnico: Manoel Pessanha.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 231.950,00.
OBS.: /

DÉRBI 099
Ponte Preta 1 X 2 Guarani
DATA: 25/10/1959.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quinto Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1959.
ÁRBITRO: Stefan Walter Glanz.
PONTE PRETA: Nino; Bruninho e Derem; Pitico, Carlito Roberto e Carlinhos; Nivaldo, Celio, Paulinho, Atis e Gamba. Técnico: Carlito Roberto.
GUARANI: Dimas; Beluomini e Ditinho; Valter, Eraldo e Bombinha; Zinho, Fifi, Rodrigo, Benê e Dorival.
GOLS: Benê e Rodrigo (GFC), e Paulinho (AAPP).

PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 171.580,00.
OBS.: /

DÉRBI 100
Guarani 6 X 0 Ponte Preta
DATA: 05/06/1960.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Amistoso.
ÁRBITRO: Anacleto Pietrobom.
GUARANI: Dimas; Ferrari e Carlão; Valter, Eraldo e Diogo; Dorival (Dido), Marim, Cabrita (Paulo Leão), Benê e Osvaldo. Técnico: Renganeschi.
PONTE PRETA: Valter; Darci Santos e Esmeraldo; Miltinho, Pitico e Ilzo; Alcides (Nivaldo), Paulinho (Zezinho), Nilson, Silvio e Joubert. Técnico: Gentil Cardoso.
GOLS: Benê (2), Cabrita, Osvaldo (2) e Paulo Leão.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 359.325,00.
OBS.: /

DÉRBI 101
Ponte Preta 3 X 2 Guarani
DATA: 21/08/1960.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 14° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1960.
ÁRBITRO: Stefan Walter Glanz.
PONTE PRETA: Nino; Ivan e Bidon; Ascendino, Miltinho e Darci; Santos, Nivaldo, Paulinho, Paulo, Joãozinho e Romeu. Técnico: Gentil Cardoso.
GUARANI: Nicanor; Ferrari e Ditinho; Valter, Eraldo e Diogo; Dorival, Ilton, Cabrita, Benê e Osvaldo.
GOLS: Paulo (2) e Paulinho (AAPP), e, Ilton e Cabrita (GFC).
PÚBLICO: 10.753 pagantes.
RENDA: Cr$ 593.230,00.
OBS.: Estabeleceu-se nessa partida recorde de ~~renda e público~~ em dérbis.

DÉRBI 102
Guarani 3 X 0 Ponte Preta
DATA: 25/09/1960.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Terceiro Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1960.
ÁRBITRO: Olten Aires de Abreu.
GUARANI: Dimas; Ferrari e Ditinho; Valter, Eraldo e Bené; Dorival, Ilton, Cabrita, Benê e Osvaldo; Técnico: Renganeschi.
PONTE PRETA: Nino; Ivan e Tomé; Wilse, Miltinho e Ilzo; Nivaldo, Paulinho, Paulo, Alcides e Romeu. Técnico: Gentil Cardoso.
GOLS: Cabrita (2) e Osvaldo (pênalti).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 473.290,00.
OBS.: /

DÉRBI 103
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 24/07/1966.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da Taça Amizade.
ÁRBITRO: Etelvino Rodrigues.
PONTE PRETA: Piveti; Nunes, Egídio e Geraldo Spana; Celino e Beto; Walter, Capeloza, Orlando (Ademir), Joaquinzinho (Zé Francisco) e Jonas. Técnico: Sidney Cotrin.
GUARANI: Dimas; Deleu, Tarciso e Cido; Nenê e Cidinho; Joãozinho, Nelsinho, Cristóvão, Américo e Wagner (Vado). Técnico: Godê.
GOL: Capeloza.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 7.888.500,00.
OBS.: Houve uma interrupção de vários anos na disputa da Taça Amizade, que nesse ano voltou a ser disputada numa melhor de 4 pontos.

DÉRBI 104
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 27/07/ 1966.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Segundo e Último Jogo da Taça Amizade.
ÁRBITRO: Etelvino Rodrigues.
GUARANI: Dimas; Deleu, Tarciso e Cido (Diogo); Nenê e Cidinho; Joãozinho, Nelsinho, Cristóvão (Vasco), Américo e Wagner (Vado). Técnico: Godê.
PONTE PRETA: Piveti; Nunes, Egídio Geraldo Scotto; Celino e Beto; Walter, Capeloza, Orlando, Joaquinzinho (Leal) e Jonas. Rodrigues, Joaquinzinho e Jonas. Técnico: Sidney Cotrin.
GOLS: Orlando (AAPP) e, Nelsinho e Joãozinho (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 4.917.000,00.
OBS.: Essa partida aconteceu à noite. Somando as duas partidas, houve empate na Taça Amizade, uma vitória para cada time. Não houve desempate.

DÉRBI 105
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 30/11/1969.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da Taça Amizade da ACEC.
ÁRBITRO: Vilmar Serra.
GUARANI: Tobias; Marcos, Cidinho, Beto e Wilson; Helio Giroli (Capeloza) e Milton; Carlinhos, Ladeira (Vanderlei), Sérgio e Wagner.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Araújo e Luizinho; Teodoro e Roberto Pinto (Sérgio Moraes); Alan, Dicá, Djair e Adilson (Zezinho). Técnico: Zé Duarte.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: NCr$ 26.186,00.
OBS.: /

DÉRBI 106
Ponte Preta 2 X 2 Guarani
DATA: 07/12/1969.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Segundo e Último Jogo da Taça da Amizade da ACEC.
ÁRBITRO: Wilmar Serra.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Araújo e Luizinho; Teodoro e Roberto Pinto; Alan, Dicá, Djair e Adilson. Técnico: Zé Duarte.
GUARANI: Tobias; Marcos, Cidinho, Beto (Guaçu) e Wilson; Helio Giroli e Milton; Wagner, Ladeira, Sérgio (Vanderlei) e Caravetti.
GOLS: Roberto Pinto (2) (AAPP) e, Milton e Vanderlei (GFC).
PÚBLICO: /
RENDA: NCr$ 17.887,00.
OBS.: Após duas partidas e dois empates, não houve desempate da Taça da Amizade.

DÉRBI 107
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 15/02/1970.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do I Turno, Fase de Classificação, do Campeonato Paulista de 1970.
ÁRBITRO: Emídio Marques Mesquita.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Araújo e Santos; Teodoro e Roberto Pinto (Sérgio Moraes); Alan, Dicá, Manfrini e Adilson. Técnico: Zé Duarte.
GUARANI: Tobias; Wilson, Cidinho, Beto e Cido; Helio Giglioli e Milton; Sérgio, Capeloza, Wanderlei e Caravetti.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: NCr$ 42.802,00.
OBS.: /

DÉRBI 108
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 19/04/1970.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do II Turno, Fase de Classificação, do Campeonato Paulista de 1970.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderlei Boschilia.
GUARANI: Tobias; Cido, Cidinho, Beto e Ferrari; Helio e Milton; Jorge (Vagner), Sérgio (Ladeira), Wanderlei e Caravetti. Técnico: Armando Renganeschi.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Geraldo Spana e Santos; Teodoro e Roberto Pinto; Alan, Manfrini (Nelson II), Dicá e Adilson. Técnico: Cilinho.
GOLS: Milton (GFC) e Alan (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: NCr$ 27.154,00.
OBS.: /

DÉRBI 109
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 12/07/1970.

LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo da Fase Final do I Turno do Campeonato Paulista de 1970.
ÁRBITRO: Aldo Aníbal Oviedo.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Henrique e Santos; Teodoro e Roberto Pinto; Alan, Manfrini (Nelson II), Dicá e Adilson. Técnico: Cilinho.
GUARANI: Tobias; Wilson, Cidinho, Tininho e Ferrari; Helio (Dante) e Milton Santos; Wagner, Ladeira, Wanderlei (Sérgio) e Caravetti.
GOLS: Nelson.
PÚBLICO: /
RENDA: NCr$ 64.959,00.
OBS.: /

DÉRBI 110
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 19/08/1970.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo da Fase Final do II Turno do Campeonato Paulista de 1970.
ÁRBITRO: Aldo Aníbal Oviedo.
GUARANI: Tobias; Wilson, Cidinho, Tininho e Ferrari (Cido); Helio e Milton; Vagner, Ladeira, Wanderlei e Caravetti (Sérgio).
PONTE PRETA: Wilson; Nelson (Vicente), Samuel, Araújo (Nelson Oliveira) e Santos; Teodoro e Roberto Pinto; Alan, Dicá, Manfrini e Adilson. Técnico: Cilinho.
GOLS: Wanderlei (2) (GFC) e, Manfrini e Adilson (AAPP).
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 49.574,00.
OBS.: /

DÉRBI 111
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 28/03/1971.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Quinto Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1971.
ÁRBITRO: Armando Marques.
GUARANI: Tobias; Osvaldo Cunha, Tininho, Amaral e Wilson; Zé Ito e Dante; Carlinhos, Patito, Babá e Caravetti.
PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Waldir e Santos; Teodoro e Mosca; Alan, Dicá, Manfrini e Adilson.
GOL: Manfrini.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 79.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 112
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 20/06/1971.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Décimo Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1971.
ÁRBITRO: José Olímpio Clemente de Oliveira.

PONTE PRETA: Wilson; Nelson, Samuel, Waldir e Santos; Teodoro e Mosca; Alan, Dicá, Pedro Paulo (Ditinho) e Adilson (Manfrini).
GUARANI: Carlos; Wilson, Alberto, Amaral e Bezerra; Flamarion e Dante; Carlinhos, Paulo Cesar (Ladeira), Claiton e Zé Ito (Eli).
GOL: Dicá.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 25.832,00.
OBS.: /

DÉRBI 113
Guarani 1 X 0 Ponte Preta
DATA: 20/02/1972.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Torneio Laudo Natel.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
GUARANI: Tobias; Wilson, Moacir, Alberto e Bezerra; Flamarion e Alfredo; Barnabé (Carlinhos), Eli (Dante), Washington e Mingo.
PONTE PRETA: Wilson; Gali, Dagoberto, Waldir e Santos; Chicão e Serginho; Paulinho (Mosca), Ditinho, Manfrini e Tuta (Adilson). Técnico: Cilinho.
GOL: Mingo.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 93.850,00.
OBS.: /

DÉRBI 114
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 05/03/1972.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1972.
ÁRBITRO: Armando Marques.
PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali (Marinho), Dagoberto, Waldir e Santos; Chicão e Dicá; Ditinho, Manfrini, Mosca (Lelo) e Tuta. Técnico: Cilinho.
GUARANI: Tobias; Wilson, Moacir, Alberto e Bezerra; Flamarion e Alfredo; Carlinhos, Eli (Dante), Clayton e Mingo.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 71.863,00.
OBS.: /

DÉRBI 115
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 16/07/1972.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1972.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
GUARANI: Carlos; Wilson, Bô, Alberto e Bezerra; Flamarion e Dante (Alfredo); Barnabé, Clayton, Zé Ito e Mingo (Nenê).

PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali, Dagoberto, Waldir e Santos; Ferreirinha (Serginho) e Dicá; Ditinho, Waldomiro (Paulinho), Manfrini e Tuta. Técnico: Rubens Minelli.
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 63.481,00.
OBS.: /

DÉRBI 116
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 04/02/1973.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Fase Eliminatória do Torneio Laudo Natel.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali, Araújo, ~~Geraldo e Luizinho~~; Chicão e ~~Serginho~~; Ditinho, Mosca, Waldomiro (Pedro Paulo) e Tuta. Técnico: Alfredo Ramos.
GUARANI: Tobias; Wilson, Alberto, Amaral e Bezerra; Ednaldo (Joãozinho) e Alfredo; Jader, Zé Ito, Clayton e Mingo (Eli).
GOL: Mosca.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 69.919,00.
OBS.: Com a vitória, a Ponte Preta eliminou o Guarani do Torneio Laudo Natel.

DÉRBI 117
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 13/05/1973.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Décimo Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1973.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali, Araújo, ~~Geraldo~~ e ~~Walter~~; ~~Chicão~~ e Serginho ~~(Waldomiro)~~; Pedro Paulo, Tales, Adilton e Tuta (Ditinho).Técnico: Alfredo Ramos.
GUARANI: Tobias; Wilson, Amaral, Alberto e Bezerra; ~~Flamarion~~ e Alfredo; Jader, ~~Washington~~, Clayton e Mingo.
GOLS: Mingo e Alfredo.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 137.256,00.
OBS.: /

DÉRBI 118
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 17/06/1973.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quinto Jogo (Último da Série) da Série B (Interior) da Taça Cidade de São Paulo.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali, Araújo, Geraldo e Walter; Chicão e Serginho; Paulinho (Pedro Paulo), Tales, Adilton (Waldomiro) e Tuta. Técnico: Silvio Pirilo.
GUARANI: Tobias; Wilson, Amaral, Alberto e Bezerra; Alfredo e Zé Ito (Eduardo); Jader, Washington, Clayton e Darci (Barnabé).

GOLS: Adilson e Serginho (AAPP), e Bezerra (pênalti) (GFC).
PÚBLICO: 6.849 pagantes.
RENDA: Cr$ 46.528,00.
OBS.: O Guarani foi eliminado do certame.

DÉRBI 119
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 29/07/1973.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Quinto Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1973.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
GUARANI: Tobias; Wilson, Amaral, Moacir e Bezerra; Flamarion e Alfredo; Barnabé, Lola, Washington (Clayton), Jader (Zé Ito).
PONTE PRETA: Valdir Peres; Gali, Araújo, Geraldo e Walter; Chicão e Serginho; Tales, Adilton (Marquinho), Mosca e Tuta (Pedro Paulo).
GOLS: /
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 117.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 120
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 18/08/1974.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Terceiro Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1974.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
GUARANI: Tobias; Odair, Estevam, Amaral e Claudio; Flamarion e Alfredo; Hamilton Rocha, Jarbas, Washington e Mingo (Darci).
PONTE PRETA: Carlos; Marquinho (Vulca), Oscar, Zé Luiz e Walter; Serelepe e Serginho; Brinda, Valtinho, Waldomiro (Zé Roberto) e Tuta. Técnico: Ilzo Neri.
GOLS: /
PÚBLICO: 18.751 pagantes.
RENDA: Cr$ 172.687,00.
OBS.: /

DÉRBI 121
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 27/10/1974.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO:
ÁRBITRO: Armando Marques.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Zé Luiz e Walter; Serelepe e Serginho; Paulinho, Valtinho, Waldomiro (Zé Roberto) e Tuta. Técnico: Lilo.
GUARANI: Tobias; Odair (Mauro), Joãozinho, Amaral e Claudio; Flamarion e Alexandre; Afrânio, Davi, Itamar e Mingo.
GOL: Davi.
PÚBLICO: /
RENDA: Cr$ 97.326,00.

OBS.: /

DÉRBI 122
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 19/01/1975.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do Grupo III da Fase de Classificação do Torneio Laudo Natel.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Zé Luiz e Vulca; Geraldo e Valtinho; Brinda, Mosca (Zé Roberto), Waldomiro e Tuta. Técnico: Jorge Vieira.
GUARANI: Sérgio Gomes; Mauro, Joãozinho, Amaral e Claudio; Flamarion e Alexandre; Hamilton Rocha, Afrânio (Alfredo), Wolney e Davi. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: Mauro e Wolney.
PÚBLICO: 9.053 pagantes.
RENDA: Cr$ 85.273,00.
OBS.: /

DÉRBI 123
Ponte Preta 0 X 1 Guarani
DATA: 23/03/1975.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1975.
ÁRBITRO: José de Assis Aragão.
PONTE PRETA: Carlos; Jair (Vulca), Oscar, Zé Luiz e Celso; Pedro Omar e Valtinho; Vicentinho (Brinda), Barga, Rui Rei e Tuta. Técnico: Jorge Vieira.
GUARANI: Sérgio Gomes; Odair, Estevam, Amaral e Claudio; Flamarion e Alexandre; Hamilton Rocha (Gilberto), Davi (Afrânio), Sérgio Lima e Ziza. Técnico: Zé Duarte.
GOL: Davi.
PÚBLICO: 17.328 pagantes.
RENDA: Cr$ 198.658,00.
OBS.: /

DÉRBI 124
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 07/03/1976.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do Grupo C do I Turno, Fase de Classificação, do Campeonato Paulista de 1976.
ÁRBITRO: Emídio Marques Mesquita.
PONTE PRETA: Moacir; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley; Pedro Omar e Marco Aurélio; Lucio, De Rosis, Parraga e Tuta. Técnico: Zé Duarte.
GUARANI: Neneca; Odair (Mauro), Amaral, Edson e Deodoro; Flamarion (Marcos Paulo) e Zenon; Flecha, Renato, André e Davi. Técnico: Diede Lameiro.
GOLS: Parraga e Lucio (AAPP), e Zenon (pênalti) (GFC).
PÚBLICO: 21.384 pagantes e 127 menores.
RENDA: Cr$ 314.505,00.
OBS.: Renda recorde em dérbis.

DÉRBI 125
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 22/08/1976.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 11° Jogo da Fase Final do II Turno do Campeonato Paulista de 1976.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
GUARANI: Neneca; Mauro (Miranda), Amaral, Nelson e Deodoro; Flamarion e Zenon; Flecha (Manguinha), Renato, André e Ziza.
PONTE PRETA: Moacir; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley; Pedro Omar e Marco Aurélio; Lucio, Helinho, Parraga (Reinaldo) e Tuta (Genau). Técnico: Armando Renganeschi.
GOLS: /
PÚBLICO: 19.994 pagantes e 533 menores.
RENDA: Cr$ 371.665,00.
OBS.: Na preliminar, entre os aspirantes, o Guarani venceu a Ponte Preta por 1 a 0, gol de César. O árbitro da preliminar foi Max Charles Falseta. O Guarani jogou na preliminar com Roberto; Flávio, Estevam, Edson e Caica; Mavile e Romário; Claudio (Osvaldo), César, Antonio Carlos e Osnir (Careca). E a Ponte Preta atuou com Robson; Edson, Juninho, Nenê e Laudemir; João Carlos e Sérgio Tietê; Barrinha, Júnior (Dorivaldo), Nogueira e Luiz (Uberaba).

DÉRBI 126
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 03/10/1976.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Oitavo e Último Jogo do Grupo C da Fase de Classificação do Campeonato Brasileiro de 1976.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
GUARANI: Neneca; Miranda, Amaral (Nelson), Edson e Deodoro; Flamarion e Manguinha; Flecha, Zenon, Campos e Ziza. Técnico: Dorival.
PONTE PRETA: Moacir; Jair, Juninho, Polozi e Ordiley; Marco Aurélio e Dicá; Reinaldo (Wilsinho), Ticão, Tuta (Parraga) e Genau. Técnico: Armando Renganeschi.
GOLS: /
PÚBLICO: 14.285 pagantes e 523 menores.
RENDA: Cr$ 257.485,00.
OBS.: A Ponte Preta terminou em sexto lugar no Grupo C e precisou disputar a repescagem para continuar no Campeonato Brasileiro.

DÉRBI 127
Ponte Preta 3 X 1 Guarani
DATA: 27/02/1977.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Terceiro Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1977.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley; Wanderley e Marco Aurélio; Lúcio, Dicá, Rui Rei (Parraga) e Tuta (Afrânio). Técnico: Zé Duarte.
GUARANI: Neneca; Miranda (Mauro), Nelson, Edson e Cuca (Miranda); Flamarion e Zenon; Flecha, Campos, André e Romano. Técnico: Paulo Emílio.
GOLS: Zenon (pênalti) (GFC) e, Rui Rei, Marco Aurélio e Lúcio (AAPP).
EXPULSÃO: André 35'2T.

PÚBLICO: 31.116 pagantes e 854 menores.
RENDA: Cr$ 606.960,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juvenis e em partida arbitrada por Isidoro Aguiar, Ponte Preta e Guarani empataram em 0 a 0 pelo Campeonato Paulista da categoria. A Ponte Preta jogou com Robson; Edson, Carlinhos, Nenê e Toninho; Sérgio Tietê (Chiquinho) e Osvaldo; Barrinha, Júnior, Uberaba (Dorivaldo) e Jací; e técnico: Milton dos Santos. E o Guarani com Biriguí; Flávio, Edson, Pacheco e Odair; Mavile e Cesar; Florisvaldo, Careca (Batista), Marcinho e Cláudio (Vicentinho); e técnico: Adailton Ladeira.

DÉRBI 128
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 07/08/1977.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 15° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1977.
ÁRBITRO: Romualdo Arpi Filho.
GUARANI: Neneca; Mauro, Amaral (Nega), Edson e Cuca (Miranda); Manguinha e Zenon; Miranda (Dedeu), Renato, Adriano e Ziza. Técnico: Paulo Amaral.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley (Ângelo); Wanderley (Helinho) e Marco Aurélio; Lúcio, Dicá, Rui Rei e Tuta. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: /
PÚBLICO: 29.979 pagantes e 2.810 menores.
RENDA: Cr$ 597.190,00.
OBS.: Na preliminar, pelo II Turno do Campeonato Paulista Juvenil (Categoria A), o Guarani venceu a Ponte Preta por 2 a 0.

DÉRBI 129
Guarani 0 X 2 Ponte Preta
DATA: 04/09/1977.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do III Turno do Campeonato Paulista de 1977.
ÁRBITRO: Romualdo Arpi Filho.
GUARANI: João Roberto; Mauro, Amaral, Edson e Cuca; Manguinha e Zenon; Miranda, Renato, Juti e Ziza. Técnico: Paulo Amaral.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley, Wanderley e Dicá; Lúcio (Afrânio), Marco Aurélio, Rui Rei (Parraga) e Tuta. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: Rui Rei 13'1T e Parraga 28'2T.
PÚBLICO: 17.072 pagantes e 1.951 menores.
RENDA: Cr$ 484.980,00.
OBS.: /

DÉRBI 130
Guarani 0 X 1 Ponte Preta
DATA: 20/11/1977.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Nono Jogo do Grupo C da Fase de Classificação do Campeonato Brasileiro de 1977.
ÁRBITRO: Agomar Martins.

GUARANI: João Roberto; Alexandre, Amaral, Edson e Beto; Tião, Renato e Zenon; Miranda, Ziquita (Juti) e Zé Luiz (Brecha). Técnico: Milton Buzeto.
PONTE PRETA: Carlos; Jair, Oscar, Polozi e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio (Parraga), Dario e Tuta (Afrânio). Técnico: Zé Duarte.
GOL: Dicá 24'2T.
PÚBLICO: 22.309 pagantes e 2.820 menores.
RENDA: Cr$ 617.620,00.
OBS.: /

DÉRBI 131
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 23/04/1978.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Sétimo Jogo do Grupo D da Fase Preliminar do Campeonato Brasileiro de 1978.
ÁRBITRO: Hélio Cosso.
GUARANI: Neneca; Mauro (Alexandre), Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Manguinha e Zenon; Capitão, Careca e Macedo (Bozó). Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Rafael; Jair, Juninho, Nenê e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Dario (Helinho) e Tuta. Técnico: Milton dos Santos.
GOLS: Careca (2) (GFC), e Lúcio (AAPP).
PÚBLICO: 21.394 pessoas.
RENDA: Cr$ 587.060,00.
OBS.: /

DÉRBI 132
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 05/11/1978.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 19° e Último Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1978.
ÁRBITRO: João Leopoldo Ayeta.
PONTE PRETA: Carlos; Jair (Toninho), Oscar, ~~Polozi e Ordiley~~; Wanderley, ~~Dicá e Lola~~; Lúcio, Dario e Tuta (João Paulo). Técnico: Paulo Leão.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Alexandre; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca e Bozó (Osnir). Técnico: Carlos Alberto Silva.
GOLS: /
PÚBLICO: 16.520 pagantes e 2.453 menores.
RENDA: Cr$ 463.150,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato ~~Paulista Juvenil B, também~~ houve ~~empate em 0 a 0~~ entre as respectivas equipes juvenis.

DÉRBI 133
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 03/12/1978.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1978.
ÁRBITRO: Márcio Campos Sales.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Zenon (Osnir) e Gersinho (Miltão); Capitão, Careca e Bozó. Técnico: Carlos Alberto Silva.

PONTE PRETA: Carlos; Toninho, Oscar, Polozi e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Dicá; Osvaldo, Lola e Humberto (Mirandinha). Técnico: Paulo Gracindo Leão.
GOLS: Capitão (GFC) e Toninho (AAPP).
PÚBLICO: 19.830 pagantes e 2.484 menores.
RENDA: Cr$ 556.570,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista Juvenil B, Guarani e Ponte Preta empataram em 0 a 0.

DÉRBI 134
Guarani 2 X 0 Ponte Preta
DATA: 02/06/1979.
LOCAL: Estádio Paulo Machado de Carvalho / Pacaembu (São Paulo - SP).
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do III Turno do Campeonato Paulista de 1978.
ÁRBITRO: Hélio Cosso.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca e Bozó. Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Eugênio, Nenê e Toninho Costa; Wanderley, Dicá e Lola (Afrânio); Lúcio, Osvaldo e João Paulo. Técnico: Cilinho.
GOLS: Capitão e Zenon (pênalti).
EXPULSÕES: Mauro e Nenê.
PÚBLICO: 38.948 pessoas.
RENDA: Cr$ 1.335.400,00.
OBS.: Pela primeira vez, o Dérbi foi realizado fora de Campinas - desconsiderando aí a partida realizada em Sousas, distrito de Campinas.

DÉRBI 135
Ponte Preta 1 X 1 Guarani (na prorrogação: 0 X 0)
DATA: 27/06/1979.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Final ou Decisão do II Turno do Campeonato Paulista de 1978.
ÁRBITRO: Ulisses Tavares da Silva Filho.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Oscar, Nenê e Toninho Costa; Wanderley, Marco Aurélio e Humberto; Afrânio (Ordiley), Osvaldo e João Paulo (Barrinha). Técnico: Cilinho.
GUARANI: João Roberto; Mauro (Odair), Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca (Paulo Borges) e Bozó. Técnico: Carlos Alberto Silva.
GOLS: Osvaldo (AAPP) e Zenon (pênalti) (GFC).
EXPULSÕES: Toninho Oliveira e Bozó.
PÚBLICO: 12.281 pagantes e 1.471 menores.
RENDA: Cr$ 446.960,00.
OBS.: Com o empate no tempo normal e na prorrogação, a Ponte Preta, por ter realizado melhor campanha no certame, sagrou-se campeã do II Turno do Campeonato Paulista de 1978, conquistando a Taça Governador do Estado.

DÉRBI 136
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 19/08/1979.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 15° Jogo do Grupo C do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1979.

ÁRBITRO: Hélio Cosso.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Eugênio, Nenê e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Humberto; Barrinha (Edson), Osvaldo e João Paulo. Técnico: Cilinho.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos (Marinho), Renato e Zenon; Capitão, Careca e Vicente (Miltão). Técnico: Carlos Alberto Silva.
GOL: Barrinha.
EXPULSÃO: Careca 30'2T.
PÚBLICO: 19.600 pagantes e 3.447 menores.
RENDA: Cr$ 919.520,00.
OBS.: O jogo ficou paralisado por 3 minutos na ~~etapa inicial~~, porque os jogadores Ordiley e João Paulo estavam sendo atendidos pelos médicos por terem sido atingidos por um rojão atirado pela torcida pontepretana.

DÉRBI 137
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 21/10/1979.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 15° Jogo do Grupo C do II Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1979.
ÁRBITRO: José Favile Neto.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Odair; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca e Bozó. Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Carlos; Edson (Toninho Oliveira), Juninho, Nenê e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Dicá; Osvaldo (Humberto), Lola e João Paulo. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: Ordiley (AAPP) e Renato (GFC).
PÚBLICO: 23.367 pagantes e 3.153 menores.
RENDA: Cr$ 1.082.360,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista ~~Juvenil A, o Guarani~~ venceu ~~a Ponte Preta~~ por 2 a 0.

DÉRBI 138
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 27/01/1980.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da Fase Semifinal do Campeonato Paulista de 1979.
ÁRBITRO: Márcio Campos Sales.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho ~~Oliveira, Juninho, Nenê e Ordiley~~; Wanderley, ~~Marco Aurélio~~ e Dicá (Lola); Lúcio, Osvaldo e João Paulo (Humberto). Técnico; Zé Duarte.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Zenon; Capitão, Careca (Gersinho) e Bozó. Técnico: Cláudio Garcia.
GOLS: Osvaldo (2) (AAPP) e Zenon (GFC).
PÚBLICO: 27.053 pagantes e 3.121 menores.
RENDA: Cr$ 1.322.860,00.
OBS.: /

DÉRBI 139
Guarani 0 X 1 Ponte Preta
DATA: 30/01/1980.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.

COMPETIÇÃO: Segundo Jogo da Fase Semifinal do Campeonato Paulista de 1979.
ÁRBITRO: José de Assis de Aragão.
GUARANI: Neneca; Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Zenon (Marinho); Capitão, Milton (Vicente) e Bozó. Técnico: Cláudio Garcia.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Juninho, Nenê (Eugênio) e Ordiley; Wanderley, Marco Aurélio e Dicá (Humberto); Lúcio, Osvaldo e João Paulo. Técnico: Zé Duarte.
GOL: Osvaldo 26'1T.
PÚBLICO: 30.552 pagantes e 3.670 menores.
RENDA: Cr$ 1.511.250,00.
OBS.: Após duas vitórias, a Ponte Preta se classificou para a decisão do certame contra o S.C. Corinthians P..

DÉRBI 140
Ponte Preta 3 X 0 Guarani
DATA: 20/07/1980.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 18° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1980.
ÁRBITRO: Roberto Nunes Morgado.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira (Edson), Juninho, Nenê e Ordiley; Zé Mário, Osvaldo e Dicá; Luiz Sílvio (Abel), Paulinho e Serginho. Técnico: Jair Picerni.
GUARANI: Dorival; Chiquinho, Gomes, Edson e Miranda (Almeida); Edmar, Jorge Mendonça e Ângelo; Capitão (Frank), Careca e Bozó. Técnico: Carlos Castilho.
GOLS: Chiquinho (contra) 19'1T; e, Paulinho 15' e 32'2T.
PÚBLICO: 22.176 pagantes e 38 menores.
RENDA: Cr$ 1.715.980,00.
OBS.: A renda foi recorde em dérbis. Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Juniores, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 1, com dois gols de Celso para a Ponte Preta e Sereno para o Guarani. A Ponte Preta jogou com Wilson; Everaldo, Beto, Valdir e Zarur; Eduardo, Celso e Mário César (Paulo César); Roberto, Chicão (Perrela) e Mauro; e técnico: Milton dos Santos. E o Guarani jogou com Ademir; Antônio Carlos, Zé Mário, Nelson e Ariovaldo; Júlio César, Sereno e Henrique; Edmo, Marcelo e Ney.

DÉRBI 141
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 05/10/1980.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1980.
ÁRBITRO: Roberto Nunes Morgado.
GUARANI: Biriguí; Chiquinho, Edson Magalhães, Edson e Almeida; Edmar, Jorge Mendonça e Ângelo; Frank (Henrique), Careca e Miranda. Técnico: Zé Duarte.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Juninho, Nenê e Ordiley; Zé Mário, Marco Aurélio (Humberto) (Barrinha) e Dicá; Osvaldo, Paulinho e Abel. Técnico: Jair Picerni.
GOLS: /
PÚBLICO: 21.687.
RENDA: Cr$ 1.662.600,00.
OBS.: /

DÉRBI 142

Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 05/07/1981.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 19° e Último Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1981.
ÁRBITRO: José de Assis Aragão.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Juninho, Nenê e Toninho Oliveira; Humberto, Osvaldo e Marco Aurélio; Serginho, Chicão (Lola) e Abel (Ordiley). Técnico: Jair Picerni.
GUARANI: Biriguí; Mauro, Jaime, Edson e Almeida; Jorge Luiz Pereira, Jorge Mendonça e Ederson; Ernani Banana (Marcelo), Careca (Júlio César) e Ângelo. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: /
PÚBLICO: 23.124 pessoas.
RENDA: Cr$ 4.361.200,00.
OBS.: /

DÉRBI 143
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 01/08/1981.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da Final do I Turno do Campeonato Paulista de 1981.
ÁRBITRO: José de Assis Aragão.
GUARANI: Biriguí; Chiquinho, Mauro, Edson e Almeida; Júlio César (Marcelo), Jorge Mendonça e Ederson (Tadeu); Lúcio, Careca e Ângelo. Técnico: Zé Duarte.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira; Juninho; Nenê e Ordiley; Zé Mário; Humberto e Dicá; Osvaldo, Chicão (Jorge Campos) e Abel (Serginho). Técnico: Jair Picerni.
GOLS: Serginho 9' e Jorge Mendonça 36' 2T.
PÚBLICO: 22.596 pagantes e 186 menores.
RENDA: Cr$ 4.272.900,00.
OBS.: /

DÉRBI 144
Ponte Preta 3 X 2 Guarani
DATA: 05/08/1981.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Segundo e Decisivo Jogo da Final do I Turno do Campeonato Paulista de 1981.
ÁRBITRO: José de Assis Aragão.
PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Ordiley; Zé Mário, Humberto (Marco Aurélio) e Dicá; Osvaldo, Chicão (Jorge Campos) e Serginho. Técnico: Jair Picerni.
GUARANI: Biriguí; Chiquinho, Mauro, Edson e Almeida; Jorge Luiz, Ederson (Tadeu) e Jorge Mendonça; Lúcio, Careca e Ângelo. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: Osvaldo 37' e Ângelo 45' 1T; e, Serginho 3', Jorge Mendonça 9' e Ordiley 36' 2T.
PÚBLICO: 21.948 pagantes e 219 menores.
RENDA: Cr$ 4.247.100,00.
OBS.: Com a vitória, a Ponte Preta sagrou-se campeã do I Turno do Campeonato Paulista de 1981, garantindo vaga na final contra o campeão do II Turno, que viria a ser o São Paulo F.C.. Esse dérbi foi considerado pela imprensa em geral, principalmente pela imprensa campineira, o "maior dérbi de todos os tempos".

DÉRBI 145

Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 27/09/1981.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1981.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
GUARANI: Sidmar; Mauro, Jaime, Edson e Almeida; Ederson (Frank), Jorge Mendonça e Henrique (Jorge Luiz); Lúcio, Careca e Ernani Banana. Técnico: Zé Duarte.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Rudney; Nenê e Ordiley; Zé Mário, Marco Aurélio (Chicão) e Dicá (Humberto); Serginho, Osvaldo e Abel. Técnico: Jair Picerni.
GOLS: /
PÚBLICO: 17.100 pagantes e 118 menores.
RENDA: Cr$ 3.198.500,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Juniores, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 1, com gols de Celso (2) para a Ponte Preta e Juarez para o Guarani. O árbitro dessa partida preliminar foi José Renato de Oliveira Fidalgo. O Guarani jogou com Gilberto; Alex, Zé Maria, Everaldo e Mauro; Derval, Valdir Luís (Aurélio) e César; Luiz Carlos, Eloi (Sandro) e Juarez; e técnico: Cidinho. E a Ponte Preta jogou com Sérgio; Everaldo, Eraldo, Valdir e Luquinha (Carlinhos); Sílvio, Marcelo e Paulo César (Mário César); Roberto, Celso e Mauro; e técnico: Milton dos Santos.

DÉRBI 146
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 12/09/1982.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 17° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1982.
ÁRBITRO: João Leopoldo Ayeta.
GUARANI: Wendel; Odair, Darci, Gotardo e Almeida; Toninho (Delem), Ailton Lira (Marcelo) e Jorge Mendonça; Lúcio, Careca e Ernani Banana. Técnico: José Teixeira.
PONTE PRETA: Carlos; Edson (Valdir), Juninho, Nenê e Toninho Oliveira; Zé Mário, Osvaldo e Dicá; Osni, Toninho (Chicão) e Bebeto. Técnico: Dino Sani.
GOLS: Osni 5' 1T e Gotardo 36' 2T.
PÚBLICO: 14.240 pessoas.
RENDA: Cr$ 4.908.900,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Juniores, o Guarani venceu a Ponte Preta por 2 a 1, com gols de Alex e Neto para o Guarani, e Joel para a Ponte Preta. O Guarani jogou com Sérgio; Ivaldo, Alex, Eraldo e Lula; Ademir, Serginho e Neto (Dias); Marlon, Valdir e Luiz Carlos. E a Ponte Preta jogou com Sérgio; Heitor, Heraldo, Teffo e Carlinhos; Regis, Vaguinho e Perrela: Joel, Valmir e Mauro.

DÉRBI 147
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 23/11/1982.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 16° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1982.
ÁRBITRO: José Luiz Guidotti.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Juninho, Nenê e Cláudio Mineiro; Zé Mário, Osvaldo e Sílvio; Luiz Sílvio, Toninho e Ângelo (Celso) (Valdir). Técnico: Dudu.

GUARANI: Sidmar; Otávio, Odair, Gotardo e Zé Mário; Júlio César, Wilson Tadei e Delém; Lúcio (Marlon), Careca e Ernani Banana (Lira).
GOLS: /
PÚBLICO: 10.391 pessoas.
RENDA: Cr$ 4.285.800,00.
OBS.: Estava sendo oferecido por Careca e Juninho através da Rádio Educadora o Troféu Jolumá Brito, que, por sorteio, ficou com a Ponte Preta.

DÉRBI 148
Ponte Preta 1 X 0 Guarani
DATA: 10/07/1983.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 12° Jogo do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1983.
ÁRBITRO: José Leopoldo Ayeta.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Heraldo, Osmar Guarnelli e Cláudio Mineiro; Lúcio Flávio, Jorge Mendonça e Dicá; Luiz Sílvio (Vaguinho), Chicão (Valmir) e Serginho. Técnico: Cilinho.
GUARANI: Sidmar; Toninho, Júlio César, Odair e Zé Mário; Darci, Neto e Everton (João Paulo); Lúcio, Roberto (Sávio) e Ernani Banana. Técnico: Cláudio Duarte.
GOL: Dicá 35' 2T.
PÚBLICO: 9.473.
RENDA: Cr$ 4.487.100,00.
OBS.: /

DÉRBI 149
Guarani 0 X 1 Ponte Preta
DATA: 23/10/1983.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 17° Jogo do II Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1983.
ÁRBITRO: Almir Ricci Peixoto Laguna.
GUARANI: Sidmar; Edel, Júlio César, Wilson Gotardo e Zé Mário (João Paulo); Toninho, Everton e Rubens Feijão; Chiquinho Carioca, Roberto e Neto. Técnico: Ênio Andrade.
PONTE PRETA: Carlos; Edson, Osmar Guarnelli, Zarur e Cláudio Mineiro; Lúcio Flávio, Jorge Mendonça (Luiz Sílvio) e Dicá; Valmir (Everaldo), Chicão e Paulo César. Técnico: Cilinho.
GOL: Osmar Guarnelli 6' 1T.
EXPULSÃO: Edson aos 40 segundos do 1T.
PÚBLICO: 8.968 pagantes e 935 menores.
RENDA: Cr$ 6.137.800,00.
OBS.: A expulsão logo aos 40 segundos de jogo foi um recorde na história dos dérbis.

DÉRBI 150
Ponte Preta 2 X 1 Guarani
DATA: 02/09/1984.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 16° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1984.
ÁRBITRO: Almir Ricci Peixoto Laguna.
PONTE PRETA: Luiz Henrique; Alfinete, Osmar Guarnelli, Luiz Carlos e Evandro; Regis, Sílvio e Dicá (Carlos Silva); Jorge Mendonça (Toninho), Chicão e Mauro. Técnico: Carbone.

GUARANI: Sidmar; Cocada, Júlio César, Wilson Gotardo e Gilberto; Nei, Rubens Feijão e Neto (João Paulo); Chiquinho, Roberto (Gerson) e Ernani Banana. Técnico: Carlos Alberto Silva.
GOLS: Chicão 7' e Mauro 23' do 1T; e Neto 2' do 2T.
PÚBLICO: 18.050 pessoas.
RENDA: Cr$ 35.048.000,00.
OBS.: Apesar do jogo acontecer no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, o mando do jogo era da Ponte Preta. Na preliminar, entre os juniores, o Guarani venceu por 1 a 0, o gol de Alceu no 2T. A Ponte Preta, que também tinha o mando do jogo na preliminar, jogou com Brigatti; Luiz Carlos, Júnior, Tuca e Rodrigues; Rudney, Leo e Márcio Luís; Ivo (Toninho), Carlos Alberto e Sinval (Marquinhos); e técnico: Santos. E o Guarani atuou com Delemar; Baiano, Fernando, Alceu e Carlão; Cassus, Vágner (Fábio Bonfim) e Evair; Pito, Marco Aurélio e Paulo Henrique (Juquinha); e técnico: Macalé.

DÉRBI 151
Guarani 3 X 1 Ponte Preta
DATA: 04/11/1984.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1984.
ÁRBITRO: Roberto Nunes Morgado.
GUARANI: Wilson; Gilberto, Júlio César, Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Rubens Feijão e Neto (Júnior); João Paulo (Chiquinho Carioca), Gerson e Ernani Banana. Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Sérgio; Alfinete, Osmar Guarnelli, Valdir e Evandro; Regis, Sílvio (Cido) e Dicá; Jorge Mendonça, Chicão e Mauro. Técnico: Carbone.
GOLS: Neto 8' e 15', e Mauro 55' do 1T; e Chiquinho 58' do 2T.
EXPULSÕES: Osmar Guarnelli, Alfinete e Gerson.
PÚBLICO: 14.542 pagantes e 1.832 menores.
RENDA: Cr$ 42.309.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 152
Guarani 0 X 3 Ponte Preta
DATA: 09/06/1985.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Nono Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1985.
ÁRBITRO: Almir Laguna.
GUARANI: Valdir Peres; Ricardo, Júlio César, Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Rubens Feijão e Neto (Gerson Sodré); Niquinha, Edmar e João Paulo (Gerson). Técnico: Candinho.
PONTE PRETA: Sérgio; Alfinete, Osmar Guarnelli, Valdir e Toninho; Regis, Sílvio e Márcio Luís; Jorge Mendonça (Mário César), Chicão (Sinval) e Mauro. Técnico: Carbone.
GOLS: Jorge Mendonça aos 24' e Márcio Luís aos 37' do 1T; e Jorge Mendonça (pênalti) aos 16' do 2T.
PÚBLICO: 8.389 pagantes e 1.394 menores.
RENDA: Cr$ 43.210.000,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Juniores, em partida arbitrada por Carlos Scarabelli Filho, a Ponte Preta venceu o Guarani por 2 a 1, gols de Marco Aurélio para o Guarani, e, Tuta e Vágner para a Ponte Preta. O Guarani jogou com Renato; Baiano, Flávio, Cassus e Carlão; Bolinha, Mauro (Rinaldo) e Vágner; Niá (Paulo Henrique), Marco Aurélio e Gersinho; e

técnico: Pupo Gimenez. E a Ponte Preta atuou com Júnior Stant; Toninho, Júnior, Tuca e Rodrigues; Rudney, Leo e Marquinhos; Vagner, Tuta e Edemilson (Valdir); e técnico: Tuta.

DÉRBI 153
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 10/07/1985.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Terceiro e Último Jogo do Grupo 1 do I Turno da II Fase do Campeonato Brasileiro de 1985.
ÁRBITRO: José Roberto Wright.
GUARANI: Valdir Peres; Ricardo, Júlio César (Giba), Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Rubens Feijão (João Paulo) e Neto; Niquinha, Edmar e Barbieri. Técnico: Lori Sandri.
PONTE PRETA: Sérgio; Teffo, Osmar Guarnelli, Valdir e Evandro; Regis, Sílvio e Márcio Luís; Jorge Mendonça (Paulo Egídio), Chicão (Sinval) e Mauro. Técnico: Carbone.
GOLS: Regis aos 7' do 1T; e Niquinha aos 20' do 2T.
PÚBLICO: 15.505 pagantes e 2.180 menores.
RENDA: Cr$ 79.380.000,00.
OBS.: O time da Ponte Preta jogou esse dérbi de ~~luto pelo~~ falecimento do Doutor ~~Olímpio~~ Dias Porto, ex-presidente e benemérito do clube.

DÉRBI 154
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 17/07/1985.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Segundo Jogo do Grupo 1 do II Turno da II Fase do Campeonato Brasileiro de 1985.
ÁRBITRO: Nei Andrade Nunes Maia.
PONTE PRETA: Sérgio; Alfinete, Teffo, ~~Valdir e Evandro~~; Regis, ~~Sílvio e Gersinho~~, Jorge Mendonça, Vágner e Paulo Egídio (Cido). Técnico: Carbone.
GUARANI: Valdir Peres; Giba, Ricardo Rocha, Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Barbieri e Neto (João Paulo); Niquinha (Gerson), Edmar e Gerson Sodré. Técnico: Lori Sandri.
GOLS: /
PÚBLICO: 13.904 pagantes e 1.881 menores.
RENDA: Cr$ 70.185.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 155
Ponte Preta 1 X 2 Guarani
DATA: 08/09/1985.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1985.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
PONTE PRETA: Sérgio; Toninho, Júnior, Valdir e Evandro; Regis, Sílvio (Marquinhos) e Jorge Mendonça; Sinval, Chicão (Vágner) e Mauro. Técnico: Carbone.
GUARANI: Valdir Peres; Ricardo Rocha, Júlio César, Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Barbieri e Neto (Rubens Feijão); Niquinha, Edmar (Evair) e Gerson Sodré. Técnico: Lori Sandri.
GOLS: Júnior aos 10' e Niquinha aos 12' do 1T; e Neto aos 4' do 2T.
PÚBLICO: 11.136 pagantes e 1.863 menores.

RENDA: Cr$ 112.270.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 156
Ponte Preta 1 X 1 Guarani
DATA: 20/04/1986.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 14° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1986.
ÁRBITRO: Ulisses Tavares da Silva Filho.
PONTE PRETA: João Brigatti; Odair, Teffo, Valdir e Carlinhos; Sílvio, Marquinhos (Sinval) e Márcio Luís; Vágner, Chicão (Toninho) e Mauro. Técnico: Tuta.
GUARANI: Wilson; Ricardo Rocha (Odair), Fernando, Wilson Gotardo e Zé Mário; Nei, Tosin e Barbieri; Chiquinho Carioca, Evair (Vanderlei) e João Paulo. Técnico: Lori Sandri.
GOLS: Valdir (AAPP) e João Paulo (GFC).
EXPULSÕES: Márcio Luís e Wilson Gotardo.
PÚBLICO: 18.069 pessoas.
RENDA: Cz$ 365.560,00.
OBS.: A renda foi recorde. Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Juniores, Ponte Preta e Guarani empataram em 0 a 0. A Ponte Preta jogou com André Dias; Toninho, Rafael, Hélio e Paulo César; Rudney, Edmílson e Binhão (Paulinho); Wilson, Tuta e Gustavo (Valdir); e técnico: Milton dos Santos. E o Guarani atuou com Marcos; Baiano, Benê, Júnior e Bolinha (Rubinho); Moreira, Mauro Silva e Vágner; Pito, Mário e Liminha (Carlinhos); e técnico: Dimas.

DÉRBI 157
Guarani 1 X 1 Ponte Preta
DATA: 20/07/1986.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 12° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1986.
ÁRBITRO: Ílton José da Costa.
GUARANI: Sérgio; Giba, Júlio César, Wilson Gotardo e Zé Mário; Vanderlei, Barbieri e Neto (Chiquinho Carioca); Mauro Silva (Paulo Sérgio), Evair e João Paulo. Técnico: Paulo Leão.
PONTE PRETA: João Brigatti; Toninho, Júnior, Teffo e Odair; Sílvio, André Cruz e Márcio Luís (Marquinhos); Vágner, Chicão e Mauro. Técnico: Milton dos Santos.
GOLS: Wilson Gotardo aos 12' e Júlio César (contra) aos 19' do 1T.
PÚBLICO: 7.811 pagantes e 1.098 menores e 612 mulheres.
RENDA: Cz$ 161.320,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juniores, Guarani e Ponte Preta empataram em 1 a 1, gols de Alexandre para a Ponte Preta e Bolinha para o Guarani. O Guarani jogou com Toninho; Baiano, Alexandre, Benê e Júnior; China, Mário e Bolinha; Carlinhos, Vágner e Gersinho. E a Ponte Preta atuou com Alex; Toninho, Rudney, Paulo César e Zé Luiz; Edmílson, Tuta e Binhão (Paulinho); Wilson, Gustavo e Alexandre.

DÉRBI 158
Guarani 0 X 2 Ponte Preta
DATA: 03/05/1987.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1987.
ÁRBITRO: Romualdo Arpi Filho.

GUARANI: Sérgio Néri; Giba, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Marco Antonio; Tosin, Marco Antonio Boiadeiro e Henágio (Luizinho); Catatau, Nelson e João Paulo. Técnico: Carlos Gainete.
PONTE PRETA: Barbiroto; Vanderlei (Odair), Valdir, André Cruz e Ademar; Charles, Gilmar e Marquinhos; Valmir (Zé Carlos), Vágner e Carlinhos. Técnico: Cilinho.
GOLS: Valdir aos 18' e Zé Carlos aos 20' do 1T.
PÚBLICO: 6.007 pessoas.
RENDA: Cz$ 364.920,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juniores, o Guarani venceu a Ponte Preta por 2 a 1.

DÉRBI 159
Ponte Preta 0 X 2 Guarani
DATA: 28/06/1987.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Sétimo Jogo do II Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1987.
ÁRBITRO: Dulcídio Wanderley Boschilia.
PONTE PRETA: Barbiroto; Odair, Júnior, André Cruz e Ademar; Zé Mário, Regis (Marquinhos) e Gilmar; Vágner, Jefferson e Carlinhos (Hélio). Técnico: Nelsinho Batista.
GUARANI: Sérgio Néri; Giba, Gilson Jader, Nei e Zé Mário; Tosin, João Carlos Maringá (Henágio) e Marco Antonio Boiadeiro; Chiquinho Carioca (Tite), Nelson e Catatau. Técnico: Zé Duarte.
GOLS: Chiquinho Carioca aos 40 segundos e André Cruz (contra) aos 32' do 1T.
PÚBLICO: 8.117 pagantes e 1.060 menores.
RENDA: Cz$ 492.060,00.
OBS.: Na preliminar, entre os juniores, Ponte Preta e Guarani empataram em 1 a 1.

DÉRBI 160
Guarani 0 X 0 Ponte Preta
DATA: 18/03/1990.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 11° Jogo da Série B do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1990.
ÁRBITRO: Wilson Carlos dos Santos.
GUARANI: Sérgio Néri; Betão, Cassus, Pereira e Albéris; Cristóvão, Zé Carlos e Airton (Tosin); Hélcio, Vânder (Pita) e Cilinho. Técnico: Eli Carlos.
PONTE PRETA: João Brigatti; Roberto Teixeira, Júnior, Pedro Luís e Carlinhos; Sílvio, Ernani e Tuca; Nicolau (Monga), Vágner e Zé Carlos. Técnico: Nicanor de Carvalho Júnior.
GOLS: /
PÚBLICO: 15.097 pagantes e 155 menores.
RENDA: NCz$ 1.515.400,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Aspirantes, Guarani e Ponte Preta empataram em 1 a 1.

DÉRBI 161
Ponte Preta 1 X 2 Guarani
DATA: 24/01/1993.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do Grupo A do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1993.
ÁRBITRO: Dionísio Roberto Domingues.

PONTE PRETA: Ricardo Cruz; Samarone, Hélio, Nei e Branco; Serginho Carioca, Marcelo Prates, Jucemar (Marcinho) e Valdecir (Alexandre Alves); Claudinho e Nei Júnior. Técnico: Wanderley Luxemburgo.
GUARANI: Marcos Garça; Gustavo, Missinho, Nildo e Rocha; Valmir, Pael e Robert (Gilmar); Tiba, Luizão (Ricardo Eugênio) e Alex. Técnico: Flamarion.
GOLS: Pael aos 3' e Nei Júnior aos 12' do 1T; e Luizão aos 17' do 2T.
PÚBLICO: /
RENDA: /
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Aspirantes, o Guarani venceu a Ponte Preta por 4 a 1, gols de Juninho, Mauricinho (2) e Marcelo para o Guarani, e Gustavo para a Ponte Preta. A Ponte Preta jogou com Paulo; João Carlos, Ademir, Amaral e Eduardo; Ronei, Fábio e Clayton; Fábio Luciano, Gil e Gustavo; e técnico: Júlio César de Toledo Pizza. E o Guarani atuou com Carlos; Jura, Carlinhos, Marcelo e André Ceará; Da Silva, Marquinhos e Adriano Fernandes; Andrei, Mauricinho e Marcelo Mogi (Juninho); e técnico: Gomes.

DÉRBI 162
Guarani 1 X 0 Ponte Preta
DATA: 21/03/1993.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo do Grupo A do II Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1993.
ÁRBITRO: Márcio Rezende de Freitas.
GUARANI: Narciso; Gustavo, André Beraldo, Marcelo e Rocha; Valmir, Pael e Robert (Da Silva); Tiba, Luizão (Mauricinho) e Edu Lima. Técnico: Flamarion.
PONTE PRETA: Wilson Maia; Walmir, Nei, Sandro e Márcio (Hélio); Serginho Carioca, Marcelo Prates, Alberto e Jucemar; Marcinho e Claudinho (Alexandre Alves). Técnico: Pepe.
GOL: Tiba aos 18' do 2T.
PÚBLICO: 13.788 pessoas.
RENDA: Cr$ 630.665.000,00.
OBS.: Na preliminar, pelo Campeonato Paulista de Aspirantes, a Ponte Preta venceu o Guarani por 1 a 0.

DÉRBI 163
Ponte Preta 1 X 1 Guarani
DATA: 05/03/1994.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do I Turno do Campeonato Paulista de 1994.
ÁRBITRO: Cláudio Vinícius Cerdeira.
PONTE PRETA: André Dias; Flavinho, Pedro Luís, Hélio e Branco; Sídney, Dionísio (Suélio), Renato (Monga) e Esquerdinha; Mauricinho e Eliel. Técnico: Sebastião Lapola.
GUARANI: Pitarelli; Gustavo (Ronaldo), Valmir, Fernando e Robinson; Da Silva, Flávio Augusto, Djalminha e Robert (Rodnei); Tiba e Clóvis. Técnico: Candinho.
GOLS: Robert aos 9' do 1T e Suélio aos 27' do 2T.
PÚBLICO: 10.420 pessoas.
RENDA: Cr$ 29.757.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 164

Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 08/05/1994.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: 13° Jogo do II Turno do Campeonato Paulista de 1994.
ÁRBITRO: Renato Marsiglia
GUARANI: Pitarelli; Gustavo, Fernando, Ronaldo e Valmir; Adilson, Fábio Augusto, Robert (Alex) e Djalminha; Tiba (Da Silva) e Clóvis. Técnico: Levir Culpi.
PONTE PRETA: João Brigatti; Marques, Pedro ~~Luís, Edson Mariano~~ e ~~Branco, Sidney~~ (Renato), Júlio César, Guará e Esquerdinha; Mauricinho e Arnaldo (Monga). Técnico: Givanildo de Oliveira.
GOLS: Ronaldo aos 36' do 1T; e, Fernando aos 21', Pedro Luís aos 27' e Renato aos 28' do 2T.
PÚBLICO: 12.052 pessoas.
RENDA: Cr$ 66.416.000,00.
OBS.: /

DÉRBI 165
Ponte Preta 2 X 2 Guarani
DATA: 02/04/1995.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 12° Jogo do I Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1995.
ÁRBITRO: João Paulo Araújo.
PONTE PRETA: André Dias; Zelão (Carlos André), Pedro Luís, Beto Médice e Eduardo (Everaldo); Júlio César, Paulo César e Macalé ~~(Dionísio)~~; ~~Careca~~, Arnaldo ~~e Gaúcho~~. Técnico: Geninho.
GUARANI: Hiram; Marcinho, Cláudio, Valmir e Dedé; Fernando, Fábio Augusto e Valdeir; Djalminha (Ueslei), Amoroso e Luizão (Nélio). Técnico: Pepe.
GOLS: Djalminha aos 3' e Amoroso aos 18' do 1T; e, Gaúcho aos 5' e Careca aos 41' do 2T.
EXPULSÃO: Amoroso.
PÚBLICO: 13.947 pagantes.
RENDA: R$ 136.060,00.
OBS.: /

DÉRBI 166
Guarani 2 X 2 Ponte Preta
DATA: 08/05/1995.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Sexto Jogo do II Turno da I Fase do Campeonato Paulista de 1995.
ÁRBITRO: José Luis La Rosa (uruguaio).
GUARANI: Hiram; Marcinho, Cláudio, Valmir ~~e Dedé (Leto)~~; Fernando, Valdeir, Fábio Augusto e Djalminha; Luizão (Fabinho) e Nélio. Técnico: Pepe.
PONTE PRETA: João Brigatti; Zelão, Pedro Luís, ~~Hélio (Beto Médici)~~ (Macalé) ~~e Paulo~~ César; Júlio César, Douglas, Carlos André e Careca (Arnaldo); Gaúcho e João Paulo. Técnico: Geninho.
GOLS: Djalminha (pênalti) e Fernando no 1T; e, Gaúcho (pênalti) e Arnaldo no 2T.
EXPULSÃO: Pedro Luís aos 35' do 1T; e Djalminha aos 33' do 2T.
PÚBLICO: 10.614 pagantes.
RENDA: R$ 119.174,00.
OBS.: /

DÉRBI 167

Guarani 2 X 0 Ponte Preta
DATA: 26/07/1998.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Primeiro Jogo da I Fase do Campeonato Brasileiro de 1998.
ÁRBITRO: Antônio Pereira da Silva (GO).
GUARANI: Pitarelli; Marco Antonio (Everaldo), Marinho, Marcelo Souza e Rubens Cardoso; Vaguinho, Paulo Isidoro, Jean Carlo e Pichetti (Roque); Barata e Robson Ponte (Silvinho). Técnico: Osvaldo Alvarez "Vadão".
PONTE PRETA: Edinho; André Santos, Fábio Luciano, Ronaldão e André Silva; Ezequiel (Fabinho), Mineiro, Ailton e Vágner Mancini (Zinho); Régis (Vânder) e Maurílio. Técnico: Celso Teixeira.
GOLS: Barata e Paulo Isidoro no 1T.
EXPULSÃO: Maurílio.
PÚBLICO: 22.139 pessoas.
RENDA: /
OBS.: /

DÉRBI 168
Ponte Preta 0 X 0 Guarani
DATA: 18/08/1999.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: Quarto Jogo da I Fase do Campeonato Brasileiro de 1999.
ÁRBITRO: Paulo César de Oliveira.
PONTE PRETA: Alexandre; Daniel, Fábio Luciano, Ronaldão e Misso; Roberto, Mineiro, Piá e Vânder (Samuel); Narcízio e Claudinho (Régis). Técnico: Marco Aurélio.
GUARANI: Gléguer; Marinho, Marcelo Souza, Edu Dracena e Rafael; André Gomes, Valdir Souza (Silvinho), Renatinho (Everaldo) e Luiz Fernando; Rubens Cardoso e Badico (Betinho). Técnico: Carlos Alberto Silva.
GOLS: /
PÚBLICO: 23.000 pessoas.
RENDA: /
OBS.: Segundo o jornal A Folha de S. Paulo, esse dérbi bateu o recorde de faltas numa única partida: 105 faltas!

DÉRBI 169
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 02/11/2000.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Vigésima Rodada da I Fase do Campeonato Brasileiro de 2000.
ÁRBITRO: Cléber Wellington Abade.
GUARANI: Gléguer; Gilmar Lima, Marcelo Sousa, Gláuber e Márcio Rocha (Rafael); Otacílio, Martinez, Fumagalli e Renato (Mabília); Marcus Vinicius (Jaques) e Marcinho. Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Adriano; Daniel, Alex Oliveira, Ronaldão e Wagner (Clodoaldo); Fabinho, Mineiro, Marco Aurélio e Piá; Hernani (Adrianinho) e Washington. Técnico: Nelsinho Batista.
GOLS: Washington aos 11', Martinez aos 28' e Fumagalli aos 38' do 2T.
EXPULSÕES: Marcelo Sousa e Marco Aurélio aos 33' do 1T, após falta violenta cometida por Marco Aurélio em Marcelo Sousa, que não gostou e partiu para o revide.

PÚBLICO: 25.000 Pagantes.
RENDA: /
OBS.: /

DÉRBI 170
Guarani 2 X 1 Ponte Preta
DATA: 04/02/2001.
LOCAL: Estádio Brinco de Ouro da Princesa.
COMPETIÇÃO: Terceira Rodada do Turno Único da Fase de Classificação do Campeonato Paulista de 2001.
ÁRBITRO: Paulo César de Oliveira e Ancelmo Costa.
GUARANI: Edervan; Rafael (Luciano Baiano0, Ernani, Marcelo Sousa e Jorge Luís; Fausto, André Gomes, Martinez e Renato; Marcinho (Éderson) e Fumagalli (Lindomar). Técnico: Carlos Alberto Silva.
PONTE PRETA: Adriano; Dionísio, Alex Oliveira, Ronaldão e Wagner (Marco Aurélio); Fabinho, Mineiro, Piá e Elivélton (Clodoaldo); Adrianinho (Macedo) e Washington. Técnico: Nelsinho Batista.
GOLS: Marcinho aos 13' do 1T; e, Renato aos 11' e Washington aos 27' do 2T.
PÚBLICO: 19.006 pessoas.
RENDA: /
OBS.: Como experimento nesse certame paulista, os jogos foram apitados por dois árbitros, que também experimentavam utilizar um spray, cuja tinta sumia da grama após alguns minutos. O experimento com o spray agradou muito e passou a ser utilizado também no Campeonato Brasileiro no segundo semestre desse ano.

DÉRBI 171
Ponte Preta 1 X 1 Guarani
DATA: 21/10/2001.
LOCAL: Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso.
COMPETIÇÃO: 19° Rodada do Turno Único da Fase de Classificação do Campeonato Brasileiro de 2001.
ÁRBITRO: Cléber Wellington Abade (SP).
PONTE PRETA: Alexandre Negri; Carlos Alexandre (Marco Aurélio), Rodrigo, Alex Oliveira e Elivélton; Fabinho (André Santos), Mineiro, Dionísio e Piá (Marquinhos); Macedo e Washington. Técnico: Oswaldo Alvarez "Vadão".
GUARANI: Gléguer; Luciano Baiano, Lica, Sangaletti e Jadílson; Henrique, Caio, Fumagalli e Eduardo Marques (Marcinho); Léo e Sinval. Técnico: Zé Mário.
GOLS: Macedo aos 27' e Sangaletti aos 29' do 1T.
EXPULSÕES: Rodrigo e Léo aos 17' do 1T, após Léo simular um pênalti e Rodrigo partir para cima xingando, o que levou Léo a "encará-lo" também, e apesar de não haver agressão nenhuma, ambos foram expulsos.
PÚBLICO: 17.125 pagantes.
RENDA: /
OBS.: /

XI - 3. Localização das arenas do Dérbi:

1) Campo do São Vicente: (2 jogos). Na Vila Industrial, à Rua Francisco Teodoro, próximo à atual Avenida General Carneiro, num terreno municipal. Ao seu lado ficava o Asilo São Vicente de Paulo. O terreno foi cedido pelo então prefeito de Campinas, Heitor Penteado.
2) Campo da Vila Industrial: (1 jogo). Bairro da Vila Industrial.
3) Campo do Cruzeiro: (2 jogos). Localizava-se perto do atual Cemitério da Saudade e foi o primeiro campo da Ponte Preta. O Campo do Cruzeiro se localizava ao lado do antigo Cruzeiro das Missões, onde hoje está a Igreja de Santo Antônio.
4) Campo do Guanabara F.C.: (2 jogos). Na Rua José Paulino.
5) Hipódromo Campineiro: (16 jogos). Também chamado "Prado do Bonfim", localizava-se no bairro do Bonfim.
6) Campo do London F.C.: (1 jogo). Na Rua Augusto César, no bairro do Cambuí.
7) Campo de Souzas do Arraial F.C.: (1 jogo). Localizado no hoje distrito de Campinas, Sousas.
8) Estádio do Guarani F.C.: (38 jogos). Também chamado de "Pastinho", era localizado inicialmente na Rua José Paulino e posteriormente na Rua Barão Geraldo de Rezende, próximo à Rua Barão de Itapura.
9) Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa / da Mogiana: (10 jogos). O Estádio da Mogiana se localiza no bairro do Guanabara.
10) Estádio Moisés Lucarelli / Majestoso: (52 jogos). Localiza-se na praça Dom Francisco Ursaia, s/n, entre as ruas Capitão Pedro Alcântara e Cásper Líbero, ao lado da estrada de ferro da Fepasa, no bairro do Proença, próximo à divisa com o bairro da Ponte Preta, que se localiza do outro lado da estrada de ferro da Fepasa.
11) Estádio Brinco de Ouro da Princesa: (52 jogos). Localiza-se na Avenida Imperatriz Tereza Cristina, número 11, entre as avenidas Princesa D'Oeste e Guarani, no bairro do Proença, na divisa com o Jardim Guarani.
12) Estádio Paulo Machado de Carvalho / Pacaembu (São Paulo - SP): (1 jogo). Estádio administrado pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo. Localiza-se na Praça Charles Miller, sem número, em São Paulo, SP.

XI - 4. Resumo dos Dérbis: estatísticas

Dérbis disputados..... 171 jogos.[367]
Vitórias da Ponte Preta..... 54 vitórias.
Vitórias do Guarani..... 60 vitórias.
Empates..... 56 empates.
Resultado desconhecido..... 1 jogo com placar desconhecido.
Gols da Ponte Preta..... 218 gols alvinegros (saldo de -14 gols).
Gols do Guarani..... 232 gols alviverdes (saldo de +14 gols).

As maiores goleadas da história dos dérbis:

1) Guarani 6 X 0 Ponte Preta (05/06/1960) - diferença de 6 gols (6 X 0)
2) Guarani 5 X 1 Ponte Preta (28/08/1955) - diferença de 4 gols (5 X 1)
3) Ponte Preta 4 X 0 Guarani (07/09/1943) - diferença de 4 gols (4 X 0)
4) Ponte Preta 4 X 0 Guarani (06/07/1952)
5) Ponte Preta 4 X 0 Guarani (22/08/1954)

[367] Não estão relacionados aqui os sete jogos "fantasmas". Ver relação completa dos jogos e nota acima.

6) Ponte Preta 5 X 2 Guarani (22/11/1936) - diferença de 3 gols (5 X 2)
7) Guarani 5 X 2 Ponte Preta (28/04/1948)
8) Guarani 5 X 2 Ponte Preta (29/03/1953)
9) Guarani 4 X 1 Ponte Preta (28/11/1920) - diferença de 3 gols (4 X 1)
10) Guarani 4 X 1 Ponte Preta (23/08/1942)
11) Ponte Preta 4 X 1 Guarani (31/01/1943)
12) Ponte Preta 4 X 1 Guarani (13/01/1957)
13) Ponte Preta 4 X 1 Guarani (10/08/1958)
14) Guarani 3 X 0 Ponte Preta (12/03/1922) - diferença de 3 gols (3 X 0)
15) Ponte Preta 3 X 0 Guarani (14/06/1925)
16) Ponte Preta 3 X 0 Guarani (08/06/1941)
17) Guarani 3 X 0 Ponte Preta (18/08/1946)
18) Ponte Preta 3 X 0 Guarani (07/06/1953)
19) Guarani 3 X 0 Ponte Preta (19/05/1957)
20) Guarani 3 X 0 Ponte Preta (25/09/1960)
21) Ponte Preta 3 x 0 Guarani (20/07/1980)
22) Ponte Preta 3 X 0 Guarani (09/06/1985)

Os três maiores artilheiros da história dos dérbis:

1) Zuza do Guarani..... 17 gols.
2) Cilas da Ponte Preta..... 9 gols.
3) Isaldo da Ponte Preta e Augusto do Guarani..... 7 gols.

XI 5. Hinos oficiais de Ponte Preta e Guarani

Hino da A .A . Ponte Preta

(Letra e Música de Renato Silva)

"Estandarte desfraldado,
Preto e branco é sua cor,
Ponte Preta vai pro campo,
para mostrar o seu valor.

Ponte Preta inflamante,
Ponte Preta emoção,
Ponte Preta gigante,
raça de campeão.

Seu estádio é o Majestoso,
seu nome uma glória,
Ponte Preta sempre sempre,
na derrota e na vitória,
és amada Ponte Preta,
orgulho de nossa terra.

Ponte Preta de paz.
Ponte Preta de guerra.
Ponte Preta de paz.
Ponte Preta de guerra."

Hino do Guarani F.C.

(Letra e Música: Oswaldo Guilherme)

"Eu levo sempre comigo,
em todo o campo que eu for,
a bandeira do verde e branco,
símbolo do torcedor.

Brinco de Ouro, a nossa taba,
construído com devoção,
nossa família bugrina,
tem raça e tradição.

Avante, avante meu Bugre,
com fibra e destemor,
a cada nova jornada,
Guarani é mais amor.

Avante, avante meu Bugre,
que nós vibramos por ti,
na vitória ou na derrota,
hoje e sempre Guarani."

XI 6. Os presidentes de Ponte Preta e Guarani.

Ponte Preta:

1906 a 1911....Pedro Vieira da Silva (que assumiu com menos de 20 anos)
1911.....Pedro Vieira da Silva e José Rodrigues
1912.....José Rodrigues
1913.....José Rodrigues e Dante Pera
1914.....Dante Pera
1915 a 1921.....Capitão Pedro de Alcântara
1922.....Capitão Pedro de Alcântara e Carlos Pilz
1923.....Capitão Pedro de Alcântara, José Rodrigues Pinheiro e Manoel Lopes Cardoso
1924.....Alberto Pinheiro e José Teodoro Siqueira e Silva
1925.....José Teodoro Siqueira e Silva e Duílio Pompeu
1926.....Paulo de Souza Gomide e Dr. Olympio Dias Porto

1927.....Alberto Pinheiro e Dr. João Penido Burnier
1928.....Dr. Waldemar Rangel Belfort de Mattos
1929.....Sylvio de Oliveira Andrade e Dr. Edgard Ariani
1930.....Dr. Cortes de Barros
1931.....Luiz Ricardo Schreiner e Dr. Francisco Ursaia
1932 a 1935.....Dr. Francisco Ursaia
1936 a 1938.....Pedro Pinheiro
1939 a 1941.....Dr. Francisco Ursaia
1942.....Paulino Morégola e José Cantúsio
1943.....José Cantúsio
1944 a 1945.....Dr. Francisco Ursaia
1946.....Dr. José de Angelis
1947 a 1949.....Ayrton José do Couto
1950.....Marinho Ferreira Jorge e Dr. Olympio Dias Porto
1951.....Dr. Olympio Dias Porto
1952.....Arnaldo Nunes Tubino
1953.....Ralpho Fonseca Ribeiro
1954.....Ralpho Fonseca Ribeiro e Irmante Lucarelli
1955 a 1956....Irmante Lucarelli
1957.....Hamleto Di Giulio e Elysio Ferreira Linhares
1958.....Elysio Ferreira Linhares
1959.....Elysio Ferreira Linhares e Vicente Mutto
1960.....Antonio Mingoni
1961.....Antonio Mingoni e Olindo Rondino
1962.....Sandro Ferraris e Antonio Garutti
1963.....Natal Gabetta e Bernardo Kaplan
1964.....Olindo Rondino e Antonio Mingoni
1965.....Antonio Mingoni e Dr. Mathias José de Barros Ponikwar
1966 a 1968....Ralpho Fonseca Ribeiro
1969 a 1973....Dr. Sérgio José Abdalla
1974 a 1975....Coronel Rodolpho Pettená
1976.....Coronel Rodolpho Pettená e Dr. Lauro de Moraes Filho
1977 a 1978....Dr. Lauro de Moraes Filho
1979.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Edson Ággio
1980 a 1981....Edson Ággio
1982.....Dr. Lauro de Moraes Filho
1983.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Antonio Carlos Corsini
1984 a 1986....Carlos Luiz Vacchiano
1987.....Carlos Luiz Vacchiano e Marcos Garcia Costa
1988 a 1990....Dr. Lauro de Moraes Filho
1991.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Marco Antônio Abi Chedid
1992 a 1996....Marco Antônio Abi Chedid.
1996 e 1997....Nivaldo Balbo
Desde 1997.....Sérgio Carnielli

Guarani:

1911 a 1912....Vicente Matallo
1913.....Pompêo de Vito e Mário Branco de Godoy
1914.....Antonio de Souza Letro e Pompêo de Vito
1915 a 1917....Pompêo de Vito
1918.....Armando Sarnes, Pompêo de Vito e Carmine Alberti
1919.....Pompêo de Vito, Júlio dos Santos Motta, Manoel Antonio Ruas e Reinaldo Laubstein
1920.....Carmine Alberti
1921 a 1923....Antonio Albino Junior
1924.....José de Queiroz Telles
1925.....Galdino Morais Alves, José Ferreira de Godoy e Carmine Alberti
1926.....Dr. Lúcio Pereira Peixoto, Dr. Benedito da Cunha Campos
1927.....Dr. Benedito da Cunha Campos
1928.....Ítalo Franceschini
1929.....Augusto de Carvalho Asbahr
1930.....Dr. Romeu Tortima e Dr. Arnaldo de Campos
1931.....Dr. Alexandre Chiarini
1932.....Frederico Borghi
1933.....Dr. Romeu Tortima
1934.....Augusto de Carvalho Asbahr
1935 a 1936....João Mezzalira
1937.....Dr. Vicente Torregrossa
1938.....Dr. Januário Pardo Mêo
1939.....Dr. Januário Pardo Mêo e Prof. Floriano de Azevedo Marques
1940.....Prof. Floriano de Azevedo Marques
1941.....Dr. Sebastião Otranto
1942.....Jayme Serra e João Mezzalira
1943.....Dr. Alfredo Ribeiro Nogueira
1944.....César Contessotto
1945.....Guilmer Cury Zakia
1946.....Artemiro Caruso Andreoli
1947.....Dr. Sebastião Otranto e Emílio Porto
1948.....Dr. Romeu Tortima
1949.....Dr. Nilo de Rezende Rubim e César Contessotto
1950.....César Contessotto e Dr. Romeu Tortima
1951.....Isolino Ferramola
1952.....Dr. Romeu Tortima
1953.....Dr. Ruy Vicente de Mello e César Contessotto
1954.....Dolor de Oliveira Barbosa
1955.....Miguel Moreno
1956.....Esmeraldino Antunes Barreira
1957.....Emílio Porto
1958.....Jayme Silva

1959.....Mario Brocchi
1960 a 1962...Jayme Silva
1963.....Jamil Gadia
1964.....Jaime Silva
1965.....Miguel Moreno
1966.....Éder Guimarães Leme e João Motta
1967.....Jaime Silva, Manoel Marques e Eduardo José Farah
1968 e 1969....Miguel Moreno
1970 a 1977....Leonel Almeida Martins de Oliveira
1978 e 1979....Ricardo Chuffi
1980 a 1983....Antônio Tavares Júnior
1984 a 1987....Leonel Almeida Martins de Oliveira
1988 a 1999...Luís Roberto Zini
1999 a 2001...José Luiz Lourencetti.

XI 7. Campeonato Campineiro[368]

Ano	Entidade	Campeão	Vice	Observações
1907	/	/	/	Apesar de se cogitar a realização de um certame na cidade, ele não aconteceu.
1912 [369]	Liga Operária de Foot-Ball	Ponte Preta	Guarani	Participaram: Ponte Preta, Guarani, Corinthians F.C., S.C. Operário, London F.C. e Internacional F.C.M..
1916 [370]	Associação Campineira de Foot-Ball (ACF)	Guarani	Campinas Black Team	3-S.C. White Team / 4-Ponte Preta / 5-London F.C.. Pelo "2os Quadros": 1-Ponte Preta / 2-Guarani / 3-Campinas Black Team / 4-S.C. White Team / 5-London F.C..
1917	ACF	S.C. White Team	Ponte Preta	3-Guarani / 4-Vila Industrial F.C. / 5-Concórdia F.C..

[368] Estão faltando muitos dados sobre o Campeonato Campineiro ao longo dos anos, principalmente entre os anos 50, 60 e 70. A Liga Campineira de Futebol, infelizmente, não possui um arquivo e também muitas não dispõe de muitas informações sobre o seu certame no passado, realizado desde 1935. Muitas dessas informações se perderam. Talvez seja possível recompor essa história do certame campineiro através de uma pesquisa mais aprofundada na cidade, em arquivos dos jornais de Campinas e região (que de forma esporádica podem ter realizado uma cobertura da competição), jornais e entidades comunitárias de bairros, arquivos pessoais, etc.

[369] De 1908 a 1911 não foi realizado nenhum certame na cidade, e tão pouco houve alguma iniciativa. A Liga Operária de Foot-Ball foi criada e extinta no mesmo ano de 1912.

[370] A Liga Operária de Futebol organizou apenas um certame. De 1913 a 1915 não houve disputa do certame campineiro.

				Pelo "2os Quadros": 1-Concórdia F.C. / 2-Guarani / 3-Ponte Preta / 4-S.C. White Team / 5-Vila Industrial F.C..
1918	/	/	/	Não houve disputa nesse ano, pois o certame do ano anterior foi bastante tumultuado. A competição começou com 10 times e terminou com 5, além do encerramento ter acontecido no ano de 1918.
1919	ACF	Guarani	Ponte Preta	Pelo "2os Quadros": Concórdia F.C..
1920	ACF	Guarani		
1935 [371]	Liga Campineira de Futebol (LCF)	Ponte Preta		Pelo "2os Quadros": Ponte Preta.
1936	LCF	Ponte Preta	Guarani	3-Campinas F.C. / 4-E.C. Mogiana / 5-E.C. Corinthians / 6-Bonfim F.C. e Guanabara F.C. / 7-Voluntários da Pátria F.C..
1937	LCF	Ponte Preta	Campinas F.C.	3-E.C. Mogiana e Guarani / 4-E.C. Corinthians / 5-Guanabara F.C. e Bonfim F.C. / 6-Voluntários da Pátria F.C.. Pelo "2os Quadros": Ponte Preta.
1938	LCF	Guarani	E.C. Corinthians	Participaram: Ponte Preta, Guarani, E.C. Mogiana, E.C. Corinthians, Campinas F.C., Bonfim F.C. e Guanabara F.C.. Pelo "2os Quadros": 1-E.C. Mogiana / 2-Ponte Preta e Guarani.
1939	LCF	Guarani	E.C. Mogiana	3-Ponte Preta / 4-E.C. Corinthians / 5-Guanabara F.C. / 6-Campinas F.C. / 7-Bonfim F.C.. Pelo "2os Quadros": 1-Guarani / 2-Ponte Preta / 3-E.C. Mogiana.
1940	LCF	Ponte Preta	E.C.	3-Guarani / 4-E.C.

[371] Em 1920, a ACF se extinguiu. De 1921 a 1934 não houve disputa do certame campineiro.

			Mogiana	Corinthians / 5-Guanabara F.C. / 6-Campinas F.C.. Pelo "2os Quadros": 1-E.C. Mogiana / 2-Ponte Preta e Guarani / 3-Guanabara F.C. / 4-E.C. Corinthians / 5-Campinas F.C..
1941	LCF	Guarani	Guanabara F.C.	3-Ponte Preta e E.C. Mogiana / 4-Campinas F.C. / 5-E.C. Corinthians. Pelo "2os Quadros": 1-Guarani / 2-E.C. Mogiana / 3-Ponte Preta / 4-Guanabara F.C. / 5-Campinas F.C. / 6-E.C. Corinthians.
1942	LCF	Guarani		Participaram: Ponte Preta, Guarani, Campinas F.C., Guanabara F.C. e E.C. Mogiana. Pelo "2os Quadros": Guarani.
1943	LCF	Guarani	Ponte Preta	Participaram: Ponte Preta, Guarani, Campinas F.C., Guanabara F.C., E.C. Mogiana e E.C. Corinthians. Pelo "2os Quadros": Ponte Preta. O Torneio Início e o certame juvenil foram ambos vencidos pelo E.C. Corinthians. A Ponte Preta foi vice no certame juvenil.
1944	LCF	Ponte Preta	E.C. Mogiana	3-Guarani e E.C. Corinthians. Pelo "2os Quadros": 1-Ponte Preta / 2-Guanabara F.C. / 3-Guarani / 4-E.C. Mogiana. Pelo Juvenil: E.C. Corinthians.
1945	LCF	Guarani	E.C. Mogiana	3-Ponte Preta / 4-Guanabara F.C. / 5-E.C. Corinthians. Pelo "2os Quadros": E.C. Mogiana.
1946	LCF	Guarani	Ponte Preta	3-E.C. Mogiana / 4-Guanabara F.C. / 5-Campinas F.C. / 6-E.C. Corinthians.

1947 [372]	LCF	Ponte Preta	Guarani	3-E.C. Mogiana / 4-Guanabara F.C. / 5-Campinas F.C. / 6-E.C. Corinthians.
1948	LCF	Ponte Preta	E.C. Mogiana	3-Guarani
1949	LCF	C.A. Valinhense		Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana também participaram.
1950	LCF	C.A. Valinhense		
1951	LCF			
1952	LCF	Rigesa	Guarani	A Ponte Preta foi terceira colocada e o E.C. Mogiana ficou na sexta posição. Pelo "2os Quadros": 1-E.C. Mogiana / 2-Guarani e Ponte Preta.
1953	LCF	Guarani		
1954	LCF			
1955	LCF			
1956	LCF			
1957	LCF	Guarani		
1958	LCF			
1959	LCF			
1960	LCF			
1961	LCF			
1962	LCF			
1963	LCF			
1964	LCF			
1965	LCF			
1966	LCF			
1967	LCF			
1968	LCF			
1969	LCF			
1970	LCF			
1971	LCF			
1972	LCF			
1973	LCF			
1974	LCF			

[372] Como Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana (chamados na época de "The Big Three" - "Os três Grandes" - do futebol campineiro, numa alusão ao "Trio de Ferro" ou os "Três Grandes" de São Paulo: S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras e São Paulo F.C..) começaram a participar nesse ano do Campeonato Paulista profissional organizado pela Federação Paulista de Futebol (F.P.F.), iniciando na II Divisão, essas equipes passaram a atuar no Campeonato Campineiro com seus respectivos times aspirantes ou juvenis.

1975	LCF			
1976	LCF			
1977	LCF			
1978	LCF			
1979	LCF			
1980	LCF			
1981	LCF	Clube Rhodia	Nova Europa F.C.	
1982	LCF	S.E.R. Vila Marieta	~~Clube~~ Rhodia	
1983	LCF	Clube Rhodia	S.E. Canto da Vila	
1984	LCF	Botafogo F.C.	S.R.C. PQ Universidad	
1985	LCF	E.C. Gazeta[373]	Unidos F.C.	
1986	LCF	S.R.C. ~~PQ~~ Universidad	~~São~~ Cristóvão A.C.	
1987	LCF	Parque Brasília	S.R.C. PQ Universidad	
1988	LCF	Grêmio Santa Isabel	E.C. São Vicente	
1989	LCF	S.R.C. PQ Universidad	Unidos Anchieta F.C.	
1990	LCF	S.R.C. PQ Universidad	Unidos ~~Anchieta~~ F.C.	
1991	LCF	S.R.C. PQ Universidad	Parque Brasília	
1992	LCF	S.R.C. PQ Universidad	Parque Brasília	
1993	LCF	Yara Clube de Campin	G.R. Oli	
1994	LCF	Yara ~~Clube~~ de Campin	~~A.D. Guará~~	
1995	LCF	C.R. Flamengo	E.C. União	
1996	LCF	A.D. Guará	C.A. Campinense	

[373] O E.C. Gazeta, fundado em 10 de junho de 1950, chegou a se profissionalizar, jogando o Campeonato Paulista da III Divisão, organizado pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F., no anos de 1986 e 1987.

1997	LCF	A.D. Guará	D.F.S. Vila Rica	
1998	LCF	D.F.S. Vila Rica	C.R. Flamengo	
1999	LCF	D.F.S. Vila Rica	Parque Brasília	
2000	LCF	Boa Vista F.C.	E.C. Pureza	
2001	LCF	C.R. Flamengo	E.C. Juventus	

De 1912 a 1946, anos em que Ponte Preta, Guarani e E.C. Mogiana jogaram com suas equipes principais, o título campineiro sempre ficou com Ponte Preta ou Guarani, exceto uma vez:

- Os campeões dos 17 certames disputados entre 1912 e 1946:

- Guarani - 10 títulos (o time também conquistou os títulos de 1953 e 1957);
- Ponte Preta - 6 títulos (o time também conquistou os títulos de 1947 e 1948);
- S.C. White Team - 1 título.

- Os vice-campeões dos 17 certames disputados entre 1912 e 1946:

- Ponte Preta - 4 vezes;
- E.C. Mogiana - 4 vezes (o time também foi vice-campeão em 1948);
- desconhecido - 3 vezes;
- Guarani - 2 vezes (o time também ficou o vice-campeonato em 1947 e 1952);
- Campinas F.C. - 1 vez;
- E.C. Corinthians - 1 vez;
- Guanabara F.C. - 1 vez.

XI 8. Campeonato Paulista e Campeonato Brasileiro

Ponte Preta no Campeonato Paulista

ANO	COL	PAR	P.G.	JOG	VIT	EMP	DER	G.P.	G.C.	S.G.	CAMPEÃO
1928	3°	12	30	22	13	4	5	57	36	21	S.C. Internacional
1929	3°	11	24	18	11	2	5	/	/	/	C.A. Paulistano
(OBS.: De 1947 a 1950, a Ponte Preta disputou a II Divisão)											
1951	7°	15	26	28	8	10	10	52	51	1	S.C. Corinthians P.
1952	11°	16	23	30	9	5	16	54	59	-5	S.C. Corinthians P.
1953	6°	15	28	28	10	8	10	41	36	5	São Paulo F.C.
1954	6°	14	25	26	11	3	12	45	48	-3	S.C. Corinthians P.
1955	8°	14	21	26	7	7	12	44	52	-8	Santos F.C.
1956	11° no Torneio de Classificação que classificou 10 equipes de um total de 18 para										

a fase final. A Ponte Preta terminou com 15 pontos, 1 a menos que o C.A. Juventus, 10° colocado e classificado. O Santos F.C. foi bi-campeão.

1957	7°	20	13	18	6	1	11	22	42	-20	São Paulo F.C.
1958	14°	20	31	38	11	9	18	48	77	-29	Santos F.C.
1959	13°	20	31	38	12	7	19	57	86	-29	S.E. Palmeiras
1960	18°	18	17	34	4	9	21	44	81	-37	Santos F.C.

(OBS.: A Ponte Preta foi rebaixada para a II Divisão, permanecendo até 1969)

1970	2°	10	22	18	7	8	3	17	14	3	São Paulo F.C.
1971	6°	12	22	22	9	4	9	22	19	3	São Paulo F.C.
1972	7°	12	21	22	5	11	6	19	20	-1	S.E. Palmeiras
1973	6°	12	23	22	7	9	6	17	19	-2	Santos F.C. e A. Portuguesa D.
1974	8°	14	25	26	10	5	11	18	20	-2	S.E. Palmeiras
1975	9°	19	27	28	9	9	10	32	25	7	São Paulo F.C.
1976	6°	18	33	28	14	5	9	30	17	23	S.E. Palmeiras
1977	2°	19	65	43	23	14	6	64	32	32	S.C. Corinthians P.
1978	5°	20	63	47	24	15	8	66	36	30	Santos F.C.
1979	2°	20	49	47	15	19	12	41	35	6	S.C. Corinthians P.
1980	3°	20	50	38	17	16	5	57	32	15	São Paulo F.C.
1981	2°	20	66	52	22	22	8	72	42	30	São Paulo F.C.
1982	4°	20	44	38	14	16	8	44	28	16	S.C. Corinthians P.
1983	7°	20	41	44	14	13	17	47	49	-2	S.C. Corinthians P.
1984	5°	20	45	38	17	11	10	51	36	15	Santos F.C.
1985	9°	20	38	38	13	12	13	42	35	7	São Paulo F.C.
1986	13°	20	35	38	11	13	14	41	43	-2	A.A. Internacional
1987	19°	20	31	38	7	17	14	26	42	-16	São Paulo F.C.

(OBS.: A Ponte Preta disputou a II Divisão em 1988 e 1989)

1990	15°	24	33	33	11	11	11	33	34	-1	C.A. Bragantino
1991	7°	14	27	26	8	11	7	26	18	8	São Paulo F.C.

(OBS.: Nesse ano a Ponte Preta disputou o Grupo Amarelo, uma espécie de 2° Divisão, com os 10 últimos times de 1990 e 4 times da Divisão de Acesso, totalizando 28 equipes na competição - eram dois grupos com 14 times cada)

1992	4°	28	40	32	14	12	6	43	33	10	São Paulo F.C.

(OBS.: Nesse ano a Ponte Preta voltou a disputar o Grupo Amarelo, porém conseguiu se classificar para a II Fase ao contrário do ano anterior)

1993	13°	18	25	30	7	11	12	32	41	-9	S.E. Palmeiras
1994	13°	16	26	30	8	10	12	37	44	-7	S.E. Palmeiras
1995	16°	16	29	30	7	8	15	30	55	-25	S.C. Corinthians P.

(OBS.: A Ponte Preta disputou a II Divisão de 1996 a 1999)

2000	5°	17	44	26	13	5	8	43	37	6	São Paulo F.C.

(COL: colocação; PAR: participantes; P.G.: pontos ganhos; JOG: jogos; VIT: vitórias; EMP: empates; DER: derrotas; G.P.: gols pró; G.C.: gols contra; e S.G.: saldo de gols).

Ponte Preta no Campeonato Brasileiro

1971 a 1975 - A Ponte Preta não jogou o Campeonato Brasileiro.
1976 - Logo na estréia a Ponte Preta chegou até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4º lugar no Grupo Q (com 9 times).
1977 - Mais uma vez a equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4º lugar no grupo U (com 6 times).
1978 - Pela terceira vez a Ponte Preta chega até a III fase, última antes das quartas-de-finais, terminando em 3º lugar no Grupo R (com 8 times).
1979 - Não participou.
1980 - A Ponte Preta, para variar, chega mais uma vez até a III fase, uma antes das semi-finais, terminando em 4º e último lugar no grupo O.
1981 - 3º lugar.
1982 - A equipe chega até a II fase, uma fase antes das oitavas-de-final, terminando em 3º lugar no Grupo O (com 4 times).
1983 - A Ponte Preta chega até a II fase, antes de uma terceira fase, terminando em 4º e último lugar no Grupo J.
1984 - Não participou, e jogou a 2º divisão do Campeonato Brasileiro.
1985 - A equipe chegou até a II fase, uma antes das semi-finais, terminando em 3º lugar no Grupo 1 (com 4 times).
1986 - A Ponte Preta chegou até a II fase, uma antes das oitavas-de-finais, terminando em 8º lugar no Grupo E (com 9 times).
1987 a 1997 - A Ponte Preta não voltou mais a disputar o Campeonato Brasileiro da 1º Divisão.
1998 - A Ponte Preta terminou em na 17º posição entre 24 clubes que disputaram a fase de classificação.
1999 - A Ponte Preta ficou com a 7º posição num certame disputado por 22 times. O time de Campinas chegou até as quartas-de-final.
2000 - A Ponte Preta fez uma boa campanha, chegando até as oitavas de final quando então perdeu vaga na fase seguinte para o Grêmio F.P. (RS). Nesse ano disputou-se a Copa João Havelange, e a Ponte Preta disputou o módulo azul, equivalente à Série A, uma "primeira" divisão disputada por 25 times.

Guarani no Campeonato Paulista

ANO	COL	PAR	P.G.	JOG	VIT	EMP	DER	G.P.	G.C.	S.G.	CAMPEÃO
1927	4º	14	21	16	10	1	5	58	41	17	Palestra Itália
1928	4º	7	11	12	5	1	6	27	24	3	S.C. Corinthians P.
1929	5º	8	6	7	2	2	3	15	15	0	S.C. Corinthians P.
1930	6º	14	29	26	13	3	10	66	52	14	S.C. Corinthians P.
1931	7º	14	26	26	11	4	11	54	49	5	São Paulo-Floresta
(OBS.: O Guarani disputou a II Divisão de 1947 a 1949)											
1950	6º	12	23	22	9	5	8	34	41	-7	S.E. Palmeiras
1951	6º	15	32	28	13	6	9	52	54	-2	S.C. Corinthians P.
1952	9º	16	27	30	12	3	15	50	59	-9	S.C. Corinthians P.
1953	5º	15	31	28	12	7	9	39	34	5	São Paulo F.C.

1954	8º	14	24	26	10	4	12	37	44	-7	S.C. Corinthians P.
1955	6º	14	27	26	11	5	10	48	44	4	Santos F.C.
1956	O Guarani terminou em 14º com 12 pontos ganhos ao lado da A. Ferroviária E. no Torneio de Classificação que precedeu o campeonato, ficando de fora da fase final do certame, que reuniu os dez primeiros de um total de 18 clubes. O Santos F.C. foi o campeão paulista desse ano.										
1957	O Guarani terminou em 16º com 13 pontos ganhos no Torneio de Classificação que precedeu o campeonato, ficando de fora da fase final, que reuniu os dez primeiros de um total de 20 clubes. O São Paulo F.C. ficou com o título.										
1958	14º	20	31	38	12	7	19	53	94	-41	Santos F.C.
1959	13º	20	31	38	12	7	19	57	81	-24	S.E. Palmeiras
1960	7º	18	38	34	14	10	10	59	52	7	Santos F.C.
1961	7º	16	33	30	15	3	12	53	42	11	Santos F.C.
1962	8º	16	29	30	11	7	12	50	45	5	Santos F.C.
1963	6º	16	30	30	13	4	13	48	48	0	S.E. Palmeiras
1964	7º	16	31	30	14	3	13	46	44	2	Santos F.C.
1965	7º	16	30	30	13	4	13	45	47	-2	Santos F.C.
1966	13º	15	21	28	9	3	16	34	43	-9	S.E. Palmeiras
1967	8º	14	21	26	8	5	13	34	36	-2	Santos F.C.
1968	9º	14	22	26	8	6	12	28	29	-1	Santos F.C.
1969	7º	14	23	26	9	5	12	35	40	-5	Santos F.C.
1970	8º	10	14	18	4	6	8	19	26	-7	São Paulo F.C.
1971	8º	12	19	22	5	9	8	22	29	-7	São Paulo F.C.
1972	6º	12	22	22	8	6	8	16	22	-6	S.E. Palmeiras
1973	5º	12	28	22	10	8	4	24	15	9	Santos F.C. e A. Portuguesa D.
1974	6º	14	31	26	11	9	6	26	18	8	S.E. Palmeiras
1975	6º	19	35	28	12	11	5	43	26	17	São Paulo F.C.
1976	3º	18	39	28	12	14	2	38	20	18	S.E. Palmeiras
1977	6º	19	53	43	18	14	11	49	37	12	S.C. Corinthians P.
1978	3º	20	63	48	23	17	8	77	41	36	Santos F.C.
1979	4º	20	52	45	20	12	13	61	34	27	S.C. Corinthians P.
1980	7º	20	44	38	16	12	10	57	42	15	São Paulo F.C.
1981	3º	20	67	50	24	17	9	89	53	36	São Paulo F.C.
1982	8º	20	39	38	14	11	13	46	45	1	S.C. Corinthians P.
1983	16º	20	32	38	10	12	16	41	43	-2	S.C. Corinthians P.
1984	6º	20	45	38	16	13	9	51	34	17	Santos F.C.
1985	3º	20	46	40	14	18	8	39	38	1	São Paulo F.C.
1986	17º	20	34	38	10	14	14	40	47	- 7	A.A. Internacional
1987	12º	20	37	38	9	19	10	29	25	4	São Paulo F.C.
1988	2º	20	36	27	13	10	4	43	20	23	S.C. Corinthians P.
1989	7º	22	32	25	10	10	5	40	21	19	São Paulo F.C.
1990	6º	24	38	35	10	18	7	29	22	7	C.A. Bragantino
1991	6º	28	35	32	12	11	9	30	28	2	São Paulo F.C.
1992	7º	16	36	32	11	14	7	42	34	8	São Paulo F.C.

1993	5°	18	42	36	17	8	11	46	44	2	S.E. Palmeiras
1994	10°	16	27	30	8	11	11	47	46	1	S.E. Palmeiras
1995	6°	16	45	30	12	9	9	40	36	4	S.C. Corinthians P.
1996	11°	16	34	30	9	7	14	27	42	-15	S.E. Palmeiras
1997	8°	16	29	23	7	8	8	37	45	-8	S.C. Corinthians P.
1998	5°	16									São Paulo F.C.
1999	11°	16									S.C. Corinthians P.
2000											São Paulo F.C.

(COL: colocação; PAR: participantes; P.G.: pontos ganhos; JOG: jogos; VIT: vitórias; EMP: empates; DER: derrotas; G.P.: gols pró; G.C.: gols contra; S.G.: saldo de gols)

Guarani no Campeonato Brasileiro

1973 - O Guarani chega até a III fase, última antes da fase final que reuniu os quatro times finalistas, terminando em 8° lugar no Grupo B (com 10 times).
1974 - A equipe chega até a II fase, última antes da fase final que reuniu os quatro times finalistas, terminando em 4° lugar no Grupo 1 (com 6 times).
1975 - O Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 6° lugar no Grupo A (com 8 times).
1976 - A equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 5° lugar no Grupo R (com 9 times).
1977 - O Guarani chega até a II fase, antes da III fase, terminando em 4° lugar no Grupo L (com 5 times).
1978 - É campeão brasileiro, após vencer duas vezes, em Campinas e em São Paulo, o S.E. Palmeiras.
1979 - A equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 3° lugar no Grupo P (com 4 times).
1980 - Mas uma vez o Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 2° lugar no Grupo N (com 4 times).
1981 - Não participou, mas conquistou a Taça de Prata, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.
1982 - 3° lugar
1983 - O Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4° e último lugar no Grupo T.
1984 - Não participou.
1985 - A equipe chega até a II fase, última antes das semi-finais, terminando em 2° lugar no Grupo 1 (com 4 times).
1986 - Vice campeão brasileiro, ao perder a decisão em Campinas para o São Paulo F.C. da capital.
1987 - Não participou, mas foi vice campeão do Módulo Amarelo, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.
1988 - O Guarani não consegue chegar às quartas-de-final, após disputar o Grupo B (com 12 times) nas I e II fases, ficando em 4° lugar e 10° lugar, respectivamente.

1989 - A equipe termina em 9º lugar no Grupo A (com 11 times) da I fase, não conseguindo se classificar para a II fase, e pior, com essa classificação o time é rebaixado à 2º divisão do Campeonato Brasileiro.
1990 - Não participou e disputou a 2º divisão do Campeonato Brasileiro.
1991 - Não participou e disputou a 2º divisão do Campeonato Brasileiro, conseguindo classificação para disputar novamente no ano seguinte a 1º divisão.
1992 - O Guarani termina em 9º lugar no Grupo 1 (com 10 times) da I fase, não conseguindo classificação para a II fase.
1993 - A equipe chegou até a fase semi-final, última antes da decisão, terminando em 3º lugar no Grupo F (com 4 times).
1994 - 3º lugar.
1995 - O Guarani terminou na 18º posição entre 24 times.
1996 - Embora tenha terminado em 3º lugar na classificação geral entre 24 times, a equipe não conseguiu se classificar para as semi-finais, caindo na fase de quartas-de-final, após perder a classificação para o Goiás E.C. (GO) em dois jogos, uma derrota em Goiânia por 3 X 0 e um empate em 1 X 1, em Campinas.
1997 - O Guarani fez uma campanha ruim, terminando em 21º lugar em 26 times participantes, próximo a zona de rebaixamento.
1998 - Entre 24 participantes, o Guarani terminou na ruim 19º posição no certame.
1999 - O Guarani conquistou a 8º posição entre os 22 participantes na fase de classificação, disputando posteriormente as quartas de final, quando então foi eliminado.
2000 - O Guarani disputou o módulo azul ou Série A - a "primeira" divisão - da Copa João Havelange, mas não conseguiu se classificar entre os doze para a fase seguinte do certame.

XI 9. Os principais títulos da Ponte Preta e Guarani

Ponte Preta

1912 - Campeã Campineira, Liga Operária de Foot-Ball, L.O.F. (primeiro título da história pontepretana);
1923 - Campeã da Zona Paulista, Associação Paulista de Esportes Atléticos, A.P.E.A.;
1925 - Campeã da 4º Região, A.P.E.A.;
1926 - Campeã da Simpatia (eleita pelo voto popular o "Clube Mais Simpático da Cidade");
1927 - Campeã da Zona Mogiana, Liga de Amadores de Foot-Ball, L.A.F.;
1928 - Bi-Campeã Paulista dos 2ºs Quadros (2º time ou aspirantes/reservas) - Divisão Principal da L.A.F., e 3º lugar no Campeonato Paulista da Liga de Amadores de Futebol, L.A.F.;
1929 - 3º lugar no Campeonato Paulista da L.A.F.;
1930 - Campeã invicta da 4ª Região, A.P.E.A.;
1933 - Campeã invicta da Subdivisão de Campinas da ainda primitiva Federação Paulista de Futebol, F.P.F.;
1935/36/37 - Tri-campeã Campineira de 1ºs e 2ºs Quadros (ganhou nos três anos nos dois quadros, sendo que 1935 foi o primeiro Campeonato da Liga Campineira de

Futebol, L.C.F.);
1940 - Campeã Campineira invicta, L.C.F.;
1943 - Campeã do Torneio Confraternização Esportiva contra o rival Guarani F.C.;
1944 - Campeã Campineira e Bi-Campeã dos 2OS Quadros, L.C.F.;
1947 - Campeã do Torneio de Verão da F.P.F., e Campeã Campineira da 1ª Divisão de Amadores da L.C.F.;
1948 - Bi-Campeã Campineira da 1ª Divisão de Amadores da L.C.F.;
1949 - Campeã do Torneio "Taça Cidade de Campinas", disputado entre Ponte Preta, Guarani F.C. e Mogiana, e Campeã do Torneio "Taça A Gazeta" entre os aspirantes;
1950 - Bi-Campeã da "Taça A Gazeta";
1951 - Sobe para a Divisão Principal do Campeonato Paulista, Campeã da 1° Divisão de Amadores da Cidade, L.C.F., Campeã invicta de Amadores do Interior e do estado pela F.P.F.;
1952 - Campeã do Torneio Triangular, disputado entre Ponte Preta, Guarani F.C. e Bangu A.C. (RJ), e vencedora do concurso "O Clube Predileto do Interior";
1954 - Campeã do Grupo Intermediário do Campeonato Paulista da F.P.F., e Campeã profissional invicta de Campinas (4° Centenário de São Paulo);
1961 - Vice-campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso) diante da Prudentina de Presidente Prudente;
1965 - Vice-campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso) diante da A.A. Portuguesa Santista;
1969 - Campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso), voltando para a Divisão Especial (1ª Divisão);
1970 - Campeã invicta do I Turno e Vice-campeã paulista;
1977 - Campeã do Interior (3° Troféu "Folha de S. Paulo") e Vice-campeã paulista diante do S.C. Corinthians Paulista;
1978 - Campeã do II Turno do Campeonato Paulista (Troféu Governador do Estado);
1979 - Vice-campeã paulista diante do S.C. Corinthians Paulista;
1981 - Vice-campeã paulista diante do São Paulo F.C., 3°lugar no Campeonato Brasileiro, e Campeã paulista das categorias infantil, juvenil e júnior;
1981/82 - Bi-campeã da Taça São Paulo de Futebol Júnior;
1983 - Tri-campeã paulista de juniores (81/82/83);
1984 - Campeã do Interior (Troféu "Folha de São Paulo");
1989 - Vice-campeã da Divisão Intermediária (2° Divisão) e volta para a Divisão Principal do Campeonato Paulista;
1991 - Campeã da Taça São Paulo de Futebol Infantil, e Campeã do Campeonato Paulista de Aspirantes da F.P.F.;
1992 - Vice-campeã do Grupo B e acesso ao grupo de elite do Campeonato Paulista.

Guarani

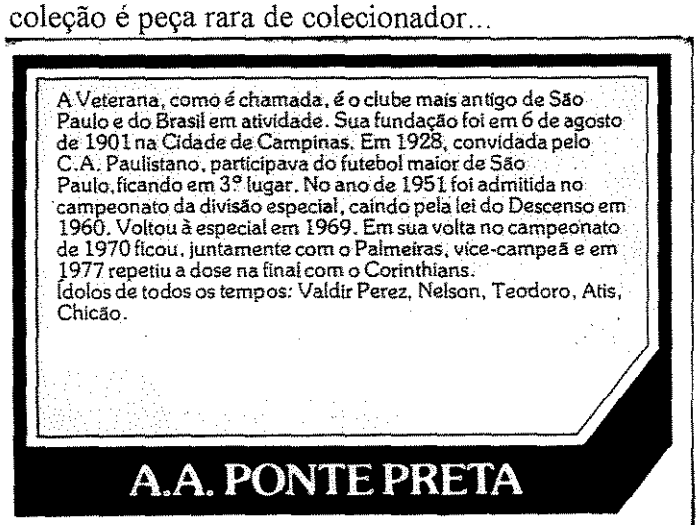
1912 - Vice-campeão Campineiro;
1916 - Campeão Campineiro;
1916 - Vice-campeão campineiro - 2° Quadro;

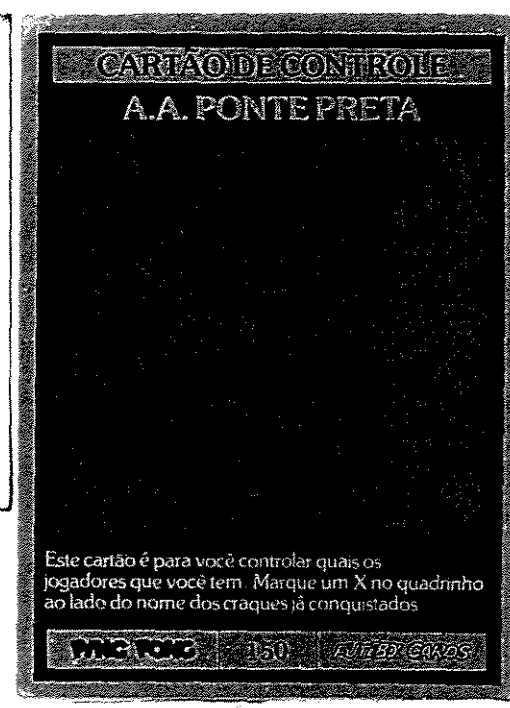
1917 - Vice-campeão campineiro - 2° Quadro;
1919/20 - Bi-campeão Campineiro;
1921 - Vice-campeão Regional, Zona Paulista pela APEA;
1926 - Campeão Regional, 2° Região, pela APEA;
1927 - Quarto lugar no Campeonato Paulista da APEA;
1928 - Quarto lugar no Campeonato Paulista da APEA;
1928 - Vice-campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista da APEA;
1929 - Quinto lugar no Campeonato Paulista da APEA;
1930 - Sexto lugar no Campeonato Paulista da APEA;
1931 - Sétimo lugar no Campeonato Paulista da APEA;
1932 - Campeão Regional, Série Campineira, pela APEA;
1936 - Vice-campeão Campineiro;
1938/39 - Bi-campeão Campineiro;
1939 - Campeão Campineiro - 2° Quadro;
1941/42 - Bi-campeão Campineiro - 2° Quadro;
1941/42/43 - Tri-campeão Campineiro;
1943 - Vice-campeão Amador do Interior pela FPF;
1944 - Campeão Amador do Interior pela FPF;
1944 - Campeão Amador do Estado pela FPF;
1945/46 - Bi-campeão Campineiro (foi o clube que mais vezes conquistou o certame);
1946 - Vice-campeão Amador do Interior pela FPF;
1947 - Vice-campeão Campineiro;
1949 - Campeão paulista da Primeira Divisão (a 2° Divisão da época), ganhando o direito de disputar a Divisão Principal a partir de 1950;
1952 - Vice-campeão Campineiro;
1952 - Vice-campeão Campineiro - 2° Quadro;
1953 - Campeão Campineiro;
1953/54 - Bi-campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista da FPF;
1956 - Campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista da FPF;
1957 - Vice-campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista da FPF;
1957 - Campeão Campineiro;
1969 - Vice-campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista da FPF;
1970 - Conquista em definitivo a Taça dos Invictos de A Gazeta Esportiva;
1970/71 - Bi-campeão do Torneio de Classificação para 1970/71, o "Paulistinha" da FPF;
1972 - Conquista a Taça dos Invictos, oferecida pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F.;
1974 - Conquistou em definitivo o II Troféu Folha de São Paulo, pelo tricampeonato do Interior em 1972/73/74;
1976 - Campeão do I Turno do Campeonato Paulista (Troféu "Almirante Heleno Nunes", o mais rico troféu colocado em disputa entre os times do país);
1978 - Campeão brasileiro;
1981 - Campeão da Taça de Prata (2° Divisão do Campeonato Brasileiro);
1982 - Vice-campeão da Taça dos Campeões;
1986 - Vice-campeão brasileiro;
1987 - Vice-campeão brasileiro (do "Módulo Amarelo", o certame da C.B.F.);

1988 - Vice-campeão paulista;
1988 - Campeão Paulista de Aspirantes da FPF;
1991 - Vice-campeão brasileiro ("Série B", a 2º Divisão da época);
1994 - Campeão amador do estado;
1996 - Campeão Paulista de Aspirantes da FPF;
1998 - Campeão Paulista de Aspirantes da FPF;

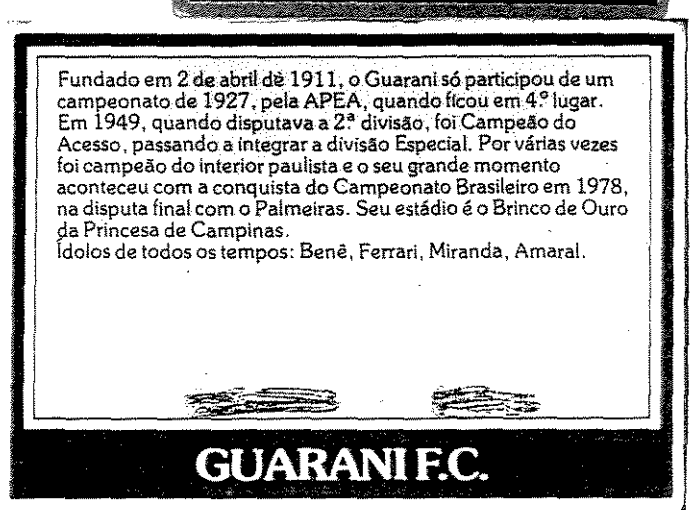
XI 10. Ponte Preta e Guarani: "figurinhas"

As coleções de figurinhas são comuns no Brasil desde a década de 50. Desde meados dos anos 70, Ponte Preta e Guarani tornaram-se presença obrigatória em álbuns de figurinhas sobre o futebol paulista e nacional. Entre 1978 e 1982, circulou uma coleção chamada "Futebol Cards". Eram cards grandes que vinham em chicletes da Ping Pong do mesmo tamanho. Essa enorme e duradoura coleção trouxe inicialmente cards com os principais e, mais fortes e tradicionais clubes do Brasil. Os times paulistas relacionados foram S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras, São Paulo F.C., Santos F.C., A. Portuguesa D., A.A. Ponte Preta, Guarani F.C. e Botafogo F.C., que só entrou por ter conquistado um dos turnos do Campeonato Paulista de 1978. E num segundo momento, a coleção trouxe cards com fichas técnicas de partidas históricas, intitulada "Grandes Jogos". Hoje, essa coleção é peça rara de colecionador...











DICÁ

A.A. PONTE PRETA

ÓSCAR SALDES BUENO FILHO

Posição: Meio-campista
Equipes que já defendeu: Santos F.C. e Portuguesa de Desportos

PING PONG FUTEBOL CARDS

ANTÔNIO DE OLIVEIRA FILHO

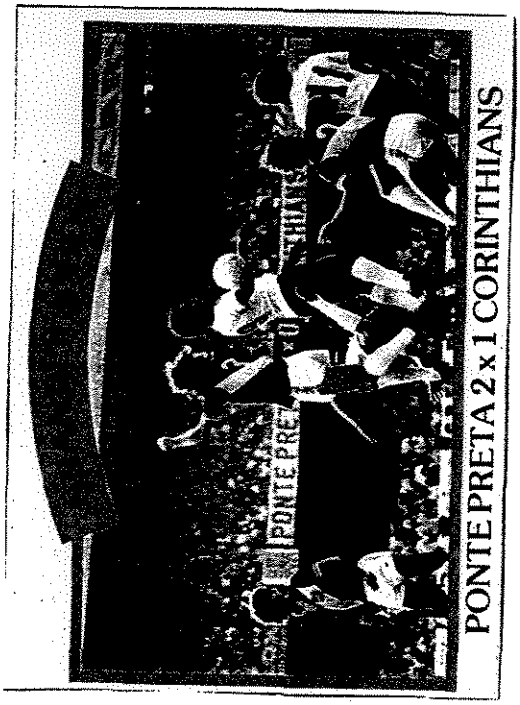
Posição: Centroavante
Equipes que já defendeu: Juvenis da Ferroviária e do Guarani
Títulos: Campeão Brasileiro 78 - Guarani

PING PONG FUTEBOL CARDS



CARECA

GUARANI F.C.



PONTE PRETA 2 x 1 CORINTHIANS

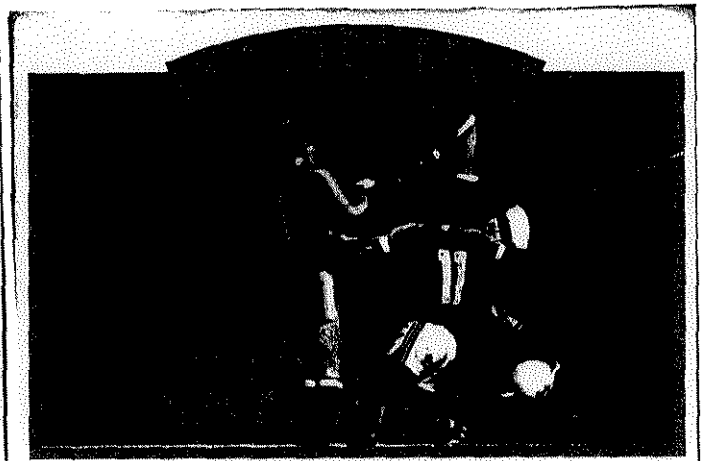
GRANDES JOGOS

PONTE PRETA 2 x 1 CORINTHIANS

PING PONG FUTEBOL CARDS



PALMEIRAS 0 x 1 GUARANI

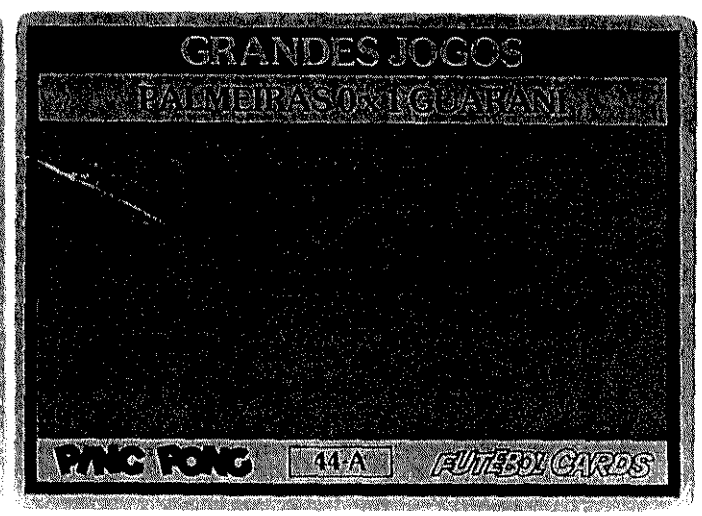


PALMEIRAS 0 x 1 GUARANI



PONTE PRETA 2 x 1 CORINTHIANS







XI 11. Os maiores esquadrões da história de Ponte Preta e Guarani

Muitos são os times inesquecíveis de Ponte Preta e Guarani ao longo da história. E entre os maiores esquadrões podemos destacar os times abaixo:

(Ponte Preta de 1977/78 - Em pé: Carlos, Oscar, Polozi, Humberto, Ordiley e Toninho Oliveira, além de Oswaldo Brandão. Agachados: Lúcio, Marco Aurélio, Dario, Dicá e Tuta. Guarani de 1978 - Em pé: Édson, Miranda, Gomes, Mauro, Neneca e Zé Carlos. Agachados: Capitão, Renato, Careca, Manguinha e Bozó.)



